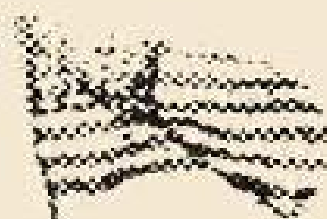


NIX

Nathan



Hill



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

“O primeiro livro em décadas que merece o título de Grande Romance Americano.”

The New York Times

“Esse livro partiu meu coração. E me fez rir na mesma medida. Nathan Hill vai ser famoso, esse é só o começo.”

National Public Radio

“Ler *Nix* é uma experiência plena de verdadeiro prazer.”

The Independent

“Um primeiro romance prodigioso, de ambição tão impressionante quanto seu fôlego.”

Le monde

“Um nocaute.”

Esquire

“Com fantasmas e política, *Nix* é um psicodrama entre mãe e filho, mas também uma tragicomédia sobre raiva e hipocrisia nos Estados Unidos. Nathan Hill alcançou a excelência de um mestre.”

John Irving

“Os retratos de uma era dominada pela compulsão por videogames e por uma educação universitária voltada para o consumidor são brilhantes.”

The Guardian

“Extremamente divertido e inteligente, o autor é incapaz de escrever uma frase banal ou fabricar uma história chata.”

The New York Times Book Review

“Estamos na presença de um novo grande romancista da comédia.”

The Washington Post

“Ambicioso e engraçado do início ao fim.”

GQ

NIX

NATHAN HILL

TRADUÇÃO DE JOSÉ FRANCISCO BOTELHO



Copyright © 2016 by Nathan Hill

Publicado mediante acordo com o autor. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

The Nix

PREPARAÇÃO

Nina Lua

REVISÃO

Rafaella Lemos

Taís Monteiro

DESIGN DE CAPA

Oliver Munday

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Túlio Cerquize

IMAGENS DE CAPA

Marcha e manifestação pela liberdade. Parque Grant, Chicago, Illinois, 27 de abril de 1968. Acervo Chicago History Museum.

© Getty Images Brazil / The Life Picture Collection - RM Editorial Images

REVISÃO DE E-BOOK

Manuela Brandão

Mariana Calil

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0311-4

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



[_intrinseca.com.br](https://www.intrinseca.com.br)

SUMÁRIO

Elogios

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Prólogo

Parte um: O Terror do Governador

1

2

3

4

5

6

7

Parte dois: Fantasmas da terra ancestral

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Parte três: Inimigo, obstáculo, quebra-cabeça, armadilha

1

- 2
- 3
- 4
- 5
- 6

Parte quatro: O espírito da casa

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8

Parte cinco: Um corpo para cada um de nós

1

Você pode conquistar essa garota!

Parte seis: Espécies invasoras

- 1
- 2
- 3
- 4

Parte sete: Circle

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8

[Parte oito: Busca e apreensão](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[Parte nove: Revolução](#)

[1](#)

[Parte 10: Desalavancagem](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)

Para Jenni

Havia um rei em Sāvatti que certa vez convocou um homem e lhe ordenou que reunisse todos os habitantes da cidade que tivessem nascido cegos. Quando o homem completou a tarefa, o rei pediu que ele mostrasse um elefante aos cegos. A algumas pessoas ele apresentou a cabeça do elefante; a outras, a orelha; a outras, a presa, a tromba, o tronco, a pata, as ancas, o rabo ou o tufo de pelos na ponta do rabo. E a cada uma das pessoas o homem disse: "Isto é um elefante."

Quando o homem informou ao rei que a tarefa estava cumprida, o rei foi até os cegos e lhes perguntou: "Digam-me, cegos, como é um elefante?"

Aqueles a quem a cabeça do elefante fora apresentada responderam: "Um elefante, majestade, é como um cântaro de água." Aqueles a quem a orelha fora apresentada responderam: "Um elefante é como uma joeira." Aqueles a quem a tromba fora apresentada responderam: "Um elefante é como a relha." Aqueles a quem o tronco fora apresentado responderam: "Um elefante é como um arado." E todos os outros, da mesma forma, descreveram o elefante de acordo com a parte que lhes fora apresentada.

Então, dizendo "Um elefante é assim, um elefante não é assim! Um elefante não se parece com isso, um elefante se parece com aquilo!", os cegos se puseram a lutar uns contra os outros, aos socos.

E o rei ficou imensamente satisfeito.

— *Ditos inspirados do Buda*

PRÓLOGO

Fim do verão, 1988

SE SOUBESSE QUE a mãe estava indo embora, talvez Samuel tivesse prestado mais atenção. Poderia tê-la escutado com mais cuidado, tê-la observado com mais zelo, ter anotado certas coisas essenciais. Talvez pudesse ter agido de um jeito diferente, ter falado de um jeito diferente, ter sido outra pessoa.

Talvez pudesse ter sido uma criança por quem valesse a pena ficar.

Mas Samuel não sabia que a mãe estava indo embora. Não sabia que, àquela altura, ela já estava indo embora havia vários meses — em segredo e em partes. Ela ia removendo itens da casa, um por um. Um único vestido do armário. Depois uma foto avulsa do álbum. Um garfo da gaveta de talheres. Uma colcha sob a cama. Toda semana, um novo objeto era levado. Um suéter. Um par de sapatos. Um enfeite de Natal. Um livro. Lentamente, sua presença na casa se tornava mais rarefeita.

Ela já estava fazendo isso havia quase um ano quando Samuel e o pai começaram a perceber algo, uma espécie de instabilidade, um sentimento de escassez enigmático, perturbador e às vezes até sinistro. Eram acometidos por ele em momentos aleatórios e repentinos. Olhavam para uma estante e pensavam: *Não tínhamos mais livros?* Passavam pela cristaleira e vinha a certeza de que algo estava faltando. Mas o quê? Não conseguiam dar um nome àquilo — àquela impressão de que as minúcias da vida estavam sendo reorganizadas. Não compreendiam que o motivo para terem deixado de comer legumes no vapor era que a panela a vapor não estava mais na casa. Se as estantes pareciam desertas, era porque ela havia minguido toda a poesia. Se a cristaleira parecia um tanto

erma, era porque dois pratos, duas tigelas e um bule tinham sido subtraídos da coleção.

Estavam sendo saqueados a um ritmo muito lento.

— Esta parede não tinha mais fotos? — perguntou o pai de Samuel, ao pé da escada, semicerrando os olhos. — Aquela foto do Grand Canyon não ficava aqui?

— Não — respondeu a mãe de Samuel. — Jogamos aquela foto fora.

— Jogamos? Não me lembro disso.

— A decisão foi *sua*.

— Foi? — questionou ele, desnorteado.

Pensou que estivesse ficando maluco.

Anos depois, em uma aula de biologia no ensino médio, Samuel ouviu uma história sobre certas tartarugas africanas que atravessam o oceano a nado para pôr seus ovos na América do Sul. Os cientistas não conseguiam encontrar uma razão para aquela viagem gigantesca. Por que as tartarugas faziam isso? De acordo com a teoria mais aceita, elas começaram essa prática milênios atrás, quando a América do Sul e a África ainda estavam grudadas. Naquela época, é possível que os dois continentes fossem separados apenas por um rio, e as tartarugas colocassem os ovos na margem oposta. Mas então os continentes começaram a se separar e o rio foi ganhando cerca de três centímetros por ano, o que seria imperceptível para as tartarugas. Portanto, elas continuavam indo para o mesmo lugar, na margem oposta do rio, cada geração nadando um pouquinho mais do que a anterior, e, depois de cem milhões de anos, o rio havia se tornado um oceano, e mesmo assim as tartarugas não notavam.

Essa, concluiu Samuel, era a forma como sua mãe tinha ido embora. Era assim que ela havia se afastado: de forma imperceptível, vagarosa, pedacinho por pedacinho. Foi reduzindo a própria vida até que a única coisa que faltava ser removida era ela mesma.

No dia em que desapareceu, ela saiu de casa carregando uma única maleta.

| PARTE UM |

O TERROR DO GOVERNADOR

Fim do verão, 2011

1

CERTA TARDE, A manchete surge de forma quase simultânea em vários sites de notícia: ATENTADO CONTRA O GOVERNADOR PACKER!

A televisão começa a divulgar a notícia instantes depois, interrompendo a programação com um Boletim Especial em que o âncora olha com severidade para a câmera e diz: “Nossos correspondentes em Chicago acabam de informar que o governador Sheldon Packer sofreu um ataque.” Por algum tempo, isto é tudo o que se sabe: que ele foi atacado. E, por uns poucos e atordoantes minutos, todos fazem as mesmas duas perguntas: ele está morto? E: há um vídeo?

Os primeiros relatos vêm de repórteres no local do acontecimento, que telefonam de seus celulares e entram no ar ao vivo. Eles explicam que Packer tinha ido ao Hilton de Chicago, onde havia sido o anfitrião de um jantar para arrecadar fundos. Em seguida, estava atravessando o parque Grant com seu séquito, apertando mãos, beijando bebês, fazendo todas as manobras típicas de uma campanha populista, quando, de repente, do meio da multidão, uma pessoa ou um grupo de pessoas começou a atacar.

— Como assim, *atacar*? — pergunta o âncora.

Ele está em um estúdio com piso preto brilhante e um sistema de iluminação em vermelho, branco e azul. Seu rosto é liso como glacê de bolo. Atrás dele, pessoas parecem trabalhar em suas mesas. Ele diz:

— Você pode descrever o ataque?

— A única informação que recebemos até o momento é que objetos foram arremessados — afirma o repórter.

— Que objetos?

— Isso ainda é incerto.

— O governador foi atingido por um desses objetos? Ele está ferido?

— Acredito que foi atingido, sim.

- Você viu os agressores? Eram muitos? Atirando objetos?
- Houve muita confusão. E gritaria.
- Os objetos que foram atirados eram grandes ou pequenos?
- Eu diria que eram pequenos o bastante para serem atirados.
- Eram maiores que bolas de beisebol, os objetos que foram atirados?
- Não, menores.
- Então eram objetos do tamanho de uma bola de golfe?
- Talvez seja isso mesmo.
- Eram pontudos? Eram pesados?
- Tudo aconteceu muito rápido.
- Foi um ataque premeditado? Uma conspiração?
- Muitas questões desse tipo estão sendo levantadas.

Um slogan é criado: *Terror em Chicago*. É sussurrado perto da orelha do âncora e começa a tremular feito uma bandeira ao vento. O programa exibe um mapa do parque Grant em uma enorme tela *touch screen*, algo que já se tornou lugar-comum dos noticiários modernos: alguém na televisão se comunica por meio de outra televisão, postando-se em frente a essa televisão e controlando a tela por meio de beliscões que aumentam e encolhem a imagem em altíssima definição. Tudo muito bacana.

Enquanto aguardam mais informações, eles debatem se o incidente vai aumentar ou diminuir as chances do governador de chegar à presidência. Vai aumentá-las, eles concluem, pois o nome do governador ainda é pouco conhecido além do seu círculo de seguidores, formado por evangélicos conservadores raivosos que adoraram o que ele fez ao longo de seu mandato em Wyoming, durante o qual banuiu completamente o aborto, ordenou que os Dez Mandamentos fossem recitados em público pelas crianças e *pelos professores* todas as manhãs antes do juramento à bandeira, tornou o inglês a língua oficial e o único idioma legal no estado e proibiu qualquer pessoa que não fosse fluente em inglês de ter propriedades. Também liberou armas de fogo em todas as reservas de vida silvestre em Wyoming. E baixou uma medida determinando que as leis estaduais se sobrepusessem às leis federais em todas as áreas, um ato que, na opinião de especialistas em direito

constitucional, equivalia a um decreto de secessão arbitrário. Ele usava botas de caubói. Dava entrevistas coletivas em seu rancho e carregava uma arma de verdade, um revólver preso em um coldre de couro que pendia de sua cintura.

Ao fim de seu único mandato como governador, anunciou que não concorreria à reeleição pois pretendia se concentrar em prioridades de escopo nacional, o que a mídia naturalmente interpretou como intenção de candidatura à presidência. Ele aperfeiçoou um *páthos* na linha pastor/caubói e um populismo antielitista que logo encontraram um público receptível, especialmente entre operários brancos e conservadores abalados pela recessão vigente. Comparava os imigrantes roubando empregos dos americanos a coiotes abatendo o gado, e ao dizer isso pronunciava as palavras com um sotaque ostensivo do Meio-Oeste. Reforçava o som do erre em alguns vocábulos, de modo que a palavra passava a ter quase um novo significado. Falava *arriado* em vez de *cansado*. Pronunciava *marelo* em vez de *amarelo* e dizia *sanga* em vez de *riacho*.

Segundo os apoiadores de Packer, era assim que se falava em Wyoming, ao menos fora da elite.

Os detratores gostavam de alardear que os tribunais haviam derrubado quase todos os seus projetos em Wyoming, então, na prática, seu histórico legislativo era nulo. Mas nada disso parecia importar para aqueles em seus eventos de captação de recursos que seguiam pagando quinhentos dólares para comer um único prato (os quais, aliás, Packer chamava de "rangos"), dez mil dólares por seus honorários como palestrante e trinta dólares por seu livro de capa dura, *O coração de um verdadeiro americano*. E, assim, iam enchendo o que os repórteres gostavam de chamar de "seu cofre de guerra" para "uma futura campanha presidencial, quem sabe".

E agora o governador foi atacado, embora ninguém saiba ao certo como o atacaram, com o que foi atacado, quem o atacou e se o ataque o deixou ferido. Na TV, âncoras especulam sobre o dano que um rolimã ou uma bolinha de gude em alta velocidade poderiam causar ao olho humano. Falam sobre isso por uns dez minutos sem parar, com gráficos demonstrando como um objeto de pouca massa deslocando-se em torno de cem quilômetros por hora pode penetrar

o humor aquoso do olho. Quando o assunto se esgota, eles chamam os comerciais. Anunciam um documentário a ser exibido em breve, sobre o décimo aniversário do 11 de Setembro: *Dia de terror, década de guerra*. E aguardam.

Então algo acontece, salvando os noticiários do estado de inércia em que acabaram mergulhando: o âncora reaparece e anuncia que uma testemunha gravou aquela cena espetacular em um vídeo e acabou de postá-lo na internet.

E eis o vídeo que será veiculado centenas de milhares de vezes na televisão durante a próxima semana, atraindo milhões de cliques e virando o terceiro mais assistido no mês, atrás apenas do novo clipe da estrela adolescente da música pop Molly Miller, "Vem com tudo", e de um vídeo caseiro em que uma criança de fraldas dá risadas até cair no chão. Ao ocorrido, então:

O vídeo é apenas vento e uma imagem branca no início, o som do vento fustigando um microfone exposto, até que uns dedos começam a tateá-lo e pressioná-lo, produzindo barulhos semelhantes ao som do mar de uma concha enquanto a câmera ajusta a abertura do obturador à clareza do dia e a brancura se dissolve num céu azul e num verdor indistinto que talvez seja grama, então surge uma voz, uma voz de homem bem alta e próxima demais ao microfone:

— Está ligado? Eu não sei se está ligado.

A imagem entra em foco no momento em que o homem aponta a câmera para os próprios pés. Ele diz em tom ofendido e exasperado:

— Esse negócio está ligado? Como você sabe se está ligado?

Então uma voz de mulher, mais calma, melodiosa e pacífica, diz:

— Olhe a parte de trás. O que diz aí?

E o seu marido ou namorado ou seja lá quem for, que não consegue deixar o enquadramento firme, diz "Será que dá pra me ajudar?" em um tom agressivo e acusatório, dando a entender que a culpa é dela por qualquer problema que ele tenha com a câmera. Durante todo esse tempo, o vídeo é apenas um close saltitante e vertiginoso dos calçados do homem. Tênis de cano alto estufado. Incrivelmente brancos e novos. Ele parece estar de pé em cima de uma mesa de piquenique.

— O que diz na parte de trás? — pergunta a mulher.

— O quê? Atrás onde?

— Na tela.

— *Isso* eu sei — fala ele. — Onde na tela?

— Lado direito, canto de baixo — diz ela com perfeita neutralidade. — O que diz aí?

— Tem um *R*.

— Quer dizer que está gravando. Está ligada.

— Que idiotice — diz ele. — Por que não fica escrito simplesmente *ligada*?

O quadro oscila entre os tênis dele e o que parece ser um bando de pessoas em plano médio.

— Lá vem ele! Olha só! É ele mesmo! Lá está ele! — grita o homem.

Ele aponta a câmera para a frente e, quando finalmente consegue controlar o tremor da imagem, eis que Sheldon Packer entra em cena, a uns trinta metros de distância, cercado por seguranças e assessores. Há uma pequena multidão. As pessoas em primeiro plano percebem de repente que algo está acontecendo, que alguém famoso está por perto. Agora, o homem com a câmera está gritando "Governador! Governador! Governador! Governador! Governador! Governador!". A imagem começa a tremer de novo, provavelmente porque o cara está acenando ou pulando, ou ambas as coisas.

— Como é que eu dou um zoom? — pergunta ele.

— Aperta em Zoom — responde a mulher.

Então a imagem começa a se aproximar, o que desencadeia novos problemas de foco e exposição. Aliás, o único motivo de essa gravação ter alguma utilidade para a TV é o fato de que o homem, após um tempo, acaba por entregar a câmera à mulher, dizendo:

— Tome, será que dá para você segurar isso?

Então ele sai correndo para apertar a mão do governador.

Mais tarde, na edição, todo esse blá-blá-blá será cortado, de modo que o vídeo repetido milhares de vezes na televisão começará no seguinte ponto: com a imagem congelada, a equipe do noticiário introduz um pequeno círculo vermelho ao redor de uma mulher sentada em um banco do parque, na parte direita da tela.

— Ao que tudo indica, essa é a perpetradora do atentado — diz o âncora.

É uma mulher de cabelos brancos, provavelmente na casa dos sessenta anos, sentada, lendo um livro — não há nada de extraordinário a seu respeito; parece a figurante de um filme, preenchendo um pedaço da tela. Está usando uma blusa azul-clara por cima de uma regata e calças pretas que parecem elásticas, do tipo que se usa para fazer ioga. Seu cabelo é curto e despenteado e cai em pequenos cachos sobre a testa. Há algo de compacto e atlético nela: é magra, mas também musculosa. Agora ela percebe o que está acontecendo ao seu redor. Vê o governador se aproximando, fecha o livro, se levanta e fica olhando para ele. Ela está na margem do enquadramento e, aparentemente, tenta decidir o que fazer. Suas mãos estão na cintura. Ela morde os lábios. Parece estar avaliando suas opções. Sua postura parece fazer a pergunta: *Será que devo?*

Então ela começa a andar rápido em direção ao governador. Largou o livro no banco e está avançando a passos largos, no ritmo dos moradores dos subúrbios americanos quando fazem caminhadas no shopping. A diferença é que seus braços estão rijos junto ao corpo, com os punhos cerrados. Aproxima-se do governador até estar à distância de um arremesso e, nesse momento, a multidão se divide por acaso, de modo que, na perspectiva da câmera, há uma clara linha de visão entre a mulher e o governador. De pé em uma trilha de cascalhos, a mulher olha para baixo, dobra os joelhos, se inclina e junta um punhado de pedras. Assim armada, ela grita (as palavras são muito claras, pois o vento arrefece nesse exato instante e a multidão faz silêncio, como se todos soubessem que um grande evento estava para acontecer e se esforçassem ao máximo para que o momento fosse capturado corretamente); ela grita:

— Seu porco!

E então atira as pedras.

No início, há apenas uma grande confusão à medida que as pessoas se viram para ver de onde vêm os gritos ou recuam e se encolhem ao serem atingidas pelas pedras. E então a mulher junta mais um punhado de pedras e atira, e junta e atira, e junta e atira,

como uma criança em uma guerrinha feroz de bolas de neve. A pequena multidão se abaixa e se esquiva, mães protegem o rosto dos filhos e o governador dobra o corpo, cobrindo o olho direito com a mão. E a mulher continua atirando pedras até que os seguranças do governador a alcançam e a contêm. Ou talvez *conter* não seja a palavra certa: é mais justo dizer que lhe dão um abraço forte e desabam no chão, como lutadores exaustos.

E é isso. O vídeo inteiro dura menos de um minuto. Logo após a transmissão, alguns fatos vêm à tona. O nome da mulher é divulgado: Faye Andresen-Anderson, o qual todos os jornalistas pronunciam erroneamente como “Anderson-Anderson”, traçando paralelos com outros personagens famigerados com nomes duplos, como Sirhan Sirhan. Descobre-se rapidamente que ela é professora assistente em uma escola municipal de ensino fundamental, o que fornece munição a certos comentadores que afirmam que isso demonstra como a esquerda radical tomou conta da educação pública. A manchete é alterada para PROFESSORA ATACA GOV. PACKER!, permanecendo assim por cerca de uma hora, até que alguém descobre uma imagem que aparentemente mostra essa mesma mulher em um protesto em 1968. Na foto, ela está sentada em um campo com milhares de manifestantes, uma massa indistinta de pessoas, muitas segurando cartazes, uma delas brandindo a bandeira americana. A mulher olha para o fotógrafo com uma expressão sonolenta por trás dos grandes óculos redondos. Está inclinada para a direita, como se apoiasse o corpo em alguém fora do enquadramento — dessa outra pessoa, a única coisa visível é o ombro. À esquerda, outra mulher, com cabelos longos e uma jaqueta do exército, olha para a câmera de um jeito ameaçador por cima das lentes prateadas de óculos de sol estilo aviador.

A manchete agora se transforma em: RADICAL DOS ANOS 60 ATACA GOV. PACKER!

E, como se a história já não fosse suficientemente deliciosa, duas coisas acontecem quase ao fim do expediente, fazendo com que o caso salte para a estratosfera como um enorme jato d’água. Primeiro, vem a notícia de que o governador Packer está passando por uma cirurgia de emergência no globo ocular. Em segundo lugar,

vem à tona uma foto de delegacia mostrando que a mulher foi presa em 1968 — embora jamais tenha sido processada ou condenada — por *prostituição*.

Isso é demais. Como poderia uma única manchete abranger tantos detalhes fascinantes? PROFESSORA PROSTITUTA HIPPIE RADICAL CEGA GOV. PACKER EM ATAQUE BRUTAL!

Os noticiários transmitem sem parar o trecho do vídeo em que o governador é atingido. Ampliam a imagem, deixando-a pixelada e granulosa na valente tentativa de mostrar a todo mundo o exato momento em que um pedaço de cascalho pontudo se choca contra a córnea direita de Packer. Comentaristas debatem o significado do ataque e se ele representa uma ameaça à democracia. Alguns chamam a mulher de terrorista, outros afirmam que o caso demonstra o nível a que chegou o nosso discurso político, outros dizem que o governador teve o que merecia por ter sido um paladino feroz do porte de armas. Comparações são feitas com os grupos Weather Underground e Panteras Negras. A Associação Nacional de Rifles declara, em uma nota, que o governador Packer jamais teria sido atacado se estivesse carregando seu revólver. Enquanto isso, as pessoas sentadas a suas mesas atrás do âncora do noticiário não parecem estar trabalhando com mais ou menos afinco do que no início do dia.

Passam-se cerca de 45 minutos até que um redator esperto bola a expressão “O Terror do Governador”, que é imediatamente adotada por todas as redes de televisão e incorporada nas logomarcas especiais que elas criam para a cobertura do caso.

Quanto à mulher, ela se encontra detida em uma cadeia no centro da cidade, aguardando ser indiciada, indisponível para entrevistas. Sem a explicação dela para o ocorrido, a narrativa do dia começa a tomar forma à medida que opiniões e suposições se combinam com um punhado de fatos, criando uma ante-história que se cristaliza na mente do público: a mulher é uma ex-hippie e atual radical de esquerda que odeia o governador com tanta intensidade que ficou de tocaia, aguardando-o de modo premeditado para atacá-lo brutalmente.

Salvo que existe uma falha lógica gritante nessa teoria, pois a pequena excursão do governador pelo parque foi uma ação improvisada e repentina, da qual nem mesmo os seguranças tinham ciência de antemão. Portanto a mulher não poderia saber que ele estava a caminho e tampouco poderia armar uma emboscada. Essa inconsistência, no entanto, acaba se perdendo entre as notícias mais sensacionalistas e jamais é investigada a fundo.

2

O PROFESSOR SAMUEL Anderson está sentado na penumbra de seu pequeno escritório na universidade, o rosto iluminado pelo clarão cinzento de uma tela de computador. As cortinas estão fechadas, cobrindo as janelas. Uma toalha bloqueia a fresta sob a porta. Ele deixou o cesto de lixo do lado de fora, no corredor, para que o zelador noturno não o interrompa. Está usando fones de ouvido, para que ninguém escute o que está fazendo.

Ele acessa o site. Chega à tela de abertura do jogo, com sua habitual imagem de orcs e elfos batalhando. Escuta o trombetear da música, triunfante, enérgica e belicosa. Digita uma senha ainda mais convoluta e intrincada que a de sua conta bancária. Então entra no *Mundo de Elfscape*, não como Samuel Anderson, professor adjunto de literatura inglesa, mas como Dodger, o Ladrão Élfico, e a sensação que experimenta é muito semelhante à de voltar para casa. Voltar para casa após um longo dia, para junto de alguém que sentiu sua falta e que se alegra ao vê-lo retornar: essa é a sensação que o faz acessar e jogar por mais de quarenta horas por semana, preparando-se para uma *raid* como esta, quando ele se junta a seus amigos virtuais anônimos para combater algo grande e mortífero.

Esta noite, é um dragão.

Eles acessam o jogo de porões, escritórios, covis mal-iluminados, cubículos e estações de trabalho, bibliotecas públicas, dormitórios, quartos de hóspede, em laptops apoiados em mesas de cozinha, em computadores que chiam e estalam e crepitam como se em algum lugar nas profundezas de suas torres de plástico um pedaço de comida estivesse fritando. Colocam seus fones de ouvido, acessam e se materializam no mundo do jogo e estão juntos novamente, do modo como têm se encontrado todas as quartas, sextas e sábados dos últimos anos. Quase todos moram em Chicago ou nas redondezas. O servidor em que estão jogando — um dos milhares que funcionam ao redor do mundo — fica em um antigo frigorífico

na zona sul de Chicago e, para evitar perdas de velocidade na conexão, *Elfscap*e sempre coloca seus jogadores no servidor mais próximo de suas respectivas localizações. Ou seja, na prática, todos eles são quase vizinhos, embora nunca tenham se encontrado na vida real.

— Ei, Dodger! — diz alguém assim que Samuel entra no jogo.

Ei, responde ele, por escrito. Nunca fala quando está jogando. Os outros acham que ele não fala porque não tem microfone. A verdade é que tem, sim, microfone, mas também tem medo de que algum colega de trabalho zanzando pelo corredor possa ouvi-lo falando sobre dragões. Então, a guilda nada sabe a seu respeito além do fato de que ele jamais perde uma *raid* e que tem uma tendência a escrever palavras inteiras em vez de usar as convencionais abreviações do mundo virtual. Ao contrário da maior parte dos usuários, ele escreve “você” em vez de “vc”, “tudo” em vez de “td”, “também” em vez de “tb”. Os outros jogadores não sabem ao certo por que ele insiste nesse anacronismo invertido. Acham que o nome “Dodger” tem algo a ver com beisebol, mas, na verdade, é uma referência a Dickens. O fato de ninguém entender essa referência faz com que Samuel se sinta inteligente e superior, sensação necessária para contrabalançar sua vergonha por gastar tanto tempo com um jogo que também é jogado por meninos de doze anos.

Samuel tenta lembrar a si mesmo de que muitas pessoas também fazem isso. Em todos os continentes. Vinte e quatro horas por dia. O número de pessoas jogando *Mundo de Elfscap*e, a qualquer hora do dia ou da noite, equivale mais ou menos à população de Paris — é o que ele pensa, às vezes, quando sente seu peito se dilacerar ao se dar conta de que sua vida acabou nisso.

Um dos motivos pelos quais ele nunca revela a pessoas no mundo real seu gosto por *Elfscap*e é que alguém poderia lhe perguntar qual é o objetivo do jogo. E o que ele poderia responder? *Matar dragões e aniquilar orcs*.

Ou você pode jogar como um orc, e nesse caso o objetivo é matar dragões e aniquilar elfos.

Mas é isso, essa é a cena, a premissa fundamental, esse yin e yang primário.

Ele começou como um elfo de nível um e foi galgando degraus até se transformar em um elfo de nível noventa, um trabalho que levou cerca de dez meses. No caminho, viveu aventuras. Atravessou continentes. Conheceu pessoas. Encontrou tesouros. Completou missões. Então, ao alcançar o nível noventa, achou uma guilda e se juntou aos novos companheiros para matar dragões e demônios e, principalmente, orcs. Já matou muitos orcs. E quando apunhala um orc em um órgão vital, no pescoço, na cabeça ou no coração, o jogo anuncia ACERTO CRÍTICO!, e então há um barulhinho, um pequeno grito de terror órfico. Com o passar do tempo, ele se afeiou a esse barulhinho. O barulhinho o deixa babando. Seu personagem é da classe dos ladrões, e isso quer dizer que suas habilidades especiais incluem bater carteiras, preparar bombas e ficar invisível; e uma de suas atividades favoritas é esgueirar-se em áreas cheias de orcs e plantar dinamite na estrada, de modo que os orcs explodam ao passar por cima. Então ele saqueia o corpo dos inimigos e recolhe suas armas, seu dinheiro e suas roupas, deixando-os para trás nus, derrotados e mortos.

Ele não sabe explicar direito por que ficou tão viciado nisso.

Hoje à noite vinte elfos com armas e armaduras vão enfrentar um único dragão, já que é uma criatura muito grande. Com dentes afiados como navalhas. Ainda por cima cospe fogo. E seu corpo é coberto por escamas grossas como chapas de metal, detalhe que os jogadores podem ver se suas placas de vídeo forem boas o bastante. O dragão parece estar dormindo. O corpo está enroscado, como um gato, no chão de sua toca cheia de magma, pois ali, claro, é a cavidade de um vulcão. O teto do covil é alto o bastante para permitir que um dragão realize um voo contínuo e prolongado, já que, na segunda fase da batalha, o dragão vai decolar e voar em círculos ao redor deles e alvejá-los com bolas de fogo explosivas. Esta será a quarta vez que tentam matar esse dragão; jamais passaram da segunda fase. Querem matá-lo porque o dragão protege, no fundo da toca, uma pilha de tesouros, armas e armaduras, cujo saque seria assaz proveitoso tendo em vista a presente guerra contra os orcs. Veios de magma vermelho e brilhante pulsam sob o chão de rochas. O magma virá à tona

durante a terceira e última fase da batalha, uma fase que eles ainda não viram, pois não conseguem descobrir o jeito certo de se esquivar das bolas de fogo.

— Vocês assistiram aos vídeos que eu mandei? — pergunta o líder da *raid*, um elfo guerreiro conhecido como Pwnage.

Os avatares de vários jogadores assentem. Ele lhes enviou por e-mail tutoriais mostrando como derrotar este dragão. Pwnage queria que eles prestassem atenção em como passar da segunda fase, cujo segredo parece ser mover-se o tempo todo, sem nunca se aglomerar.

VAMOS LÁ!!!, escreve Axman, cujo avatar parece estar encoxando uma parede de pedra. Vários elfos parecem dar passos de dança sem sair do lugar enquanto Pwnage explica, mais uma vez, a tática que devem usar.

Samuel joga *Elfescape* no computador do escritório porque a internet é mais rápida, o que em geral aumenta em até dois por cento o nível de dano que seu personagem pode causar em uma *raid* como esta, a menos que haja algum problema de congestionamento, como costuma ocorrer quando os estudantes estão se inscrevendo nas aulas. Ele leciona literatura em uma pequena universidade no noroeste de Chicago, em um subúrbio onde as grandes faixas de asfalto se dividem e terminam em gigantescas lojas de departamento, estacionamentos de prédios comerciais e estradas de três pistas entupidas de carros cujos motoristas levam os jovens filhos para estudar na universidade de Samuel.

Jovens como Laura Pottsdam, loura, levemente sardenta, sempre desalinhada em suas regatas cheias de estampas e em seu short de tecido macio com várias palavras escritas na bunda, que está cursando comunicação e marketing corporativo e que, hoje mesmo, apareceu na aula de Introdução à Literatura para entregar a Samuel um trabalho plagiado e logo em seguida pediu permissão para ir embora.

— Se vamos fazer algum teste, eu fico — disse ela. — Mas, se não tiver teste, então eu realmente preciso ir embora.

— Alguma emergência? — perguntou Samuel.

— Não. É que eu não quero perder pontos. A gente vai fazer alguma coisa valendo pontos hoje?

— Vamos debater a leitura indicada. Você provavelmente vai precisar das informações que eu vou dar hoje.

— Mas isso vai *valer pontos*?

— Não, acho que não.

— Então, tudo bem, eu tenho que ir embora mesmo.

A leitura indicada era *Hamlet*, e Samuel sabia, por experiência, que a aula seria uma luta. Os alunos ficariam exaustos e esgotados pela linguagem de Shakespeare. Ele havia mandado a turma escrever sobre as falácias lógicas no raciocínio de Hamlet, e o próprio Samuel precisava admitir que esse trabalho era uma besteira. Os alunos perguntariam por que eram obrigados a fazer isso, por que tinham que ler essa peça velha. Perguntariam: *Quando vamos precisar saber sobre isso na vida real?*

Samuel não estava nada empolgado para dar essa aula.

Nesses momentos, Samuel costuma pensar que um dia já foi um sujeito importante. Quando tinha 24 anos, uma revista publicou um de seus contos. E não era uma revista qualquer, mas *a* revista. Publicaram uma edição especial sobre jovens escritores. Chamava-se “Os cinco com menos de vinte e cinco”. “A próxima geração de grandes autores americanos.” E ele era um deles. Aquela foi a primeira coisa que ele publicou. E também a única coisa que publicou, no fim das contas. Lá estavam seu retrato, sua biografia, sua grande obra. No dia seguinte, ele recebeu cerca de cinquenta telefonemas de grandes figurões do mundo editorial. Queriam mais textos dele. Ele não tinha outros textos. Mas não se importavam. Samuel assinou um contrato e ganhou um monte de dinheiro por um livro que ainda não havia escrito. Isso aconteceu há dez anos, antes que os Estados Unidos entrassem na atual desolação econômica, antes que a crise imobiliária e bancária acabasse com a economia global. Às vezes, Samuel pondera que sua carreira seguiu mais ou menos a mesma trajetória das finanças globais: os bons tempos do verão de 2001 parecem, em retrospecto, um agradável e extravagante devaneio.

VAMOS LÁÁÁÁÁ!!!, escreve Axman outra vez. Ele parou de se esfregar na parede da caverna e agora pula sem sair do lugar. Samuel pensa: nona série, tragicamente cheio de espinhas, hiperativo; esse aí provavelmente vai parar um dia na minha aula de Introdução à Literatura.

— O que vocês acharam de *Hamlet*? — perguntou Samuel a seus alunos, após a partida de Laura.

Resmungos. Caretas. Um cara no fundo da sala fez um gesto com os enormes polegares, parecendo ganchos, voltados para baixo.

— É idiota — disse ele.

— Não faz sentido — afirmou outro.

— É muito longo — reclamou um terceiro.

— Longo *demais*.

Samuel fez perguntas aos alunos na esperança de acender algum tipo de diálogo: Vocês acham que o fantasma é real ou Hamlet estava tendo alucinações? Por que vocês acham que Gertrudes se casou de novo tão rápido? Vocês acham que Cláudio é um vilão ou Hamlet simplesmente é rancoroso? E assim por diante. Nada. Nenhuma reação. Os alunos olhavam inexpressivos para as pernas ou para os computadores. Eles estão sempre olhando fixamente para os computadores. Samuel não tem poder sobre os computadores, não pode desligá-los. Todas as salas de aula são equipadas com computadores, todas as carteiras têm um, algo que a universidade gosta de alardear nos folhetos de propaganda que envia aos pais: *Campus conectado! Preparando os alunos para o século XXI!* Mas Samuel tem a impressão de que a universidade só está preparando os alunos para permanecerem sentados em silêncio e fingirem que estão trabalhando. Simular concentração quando, na verdade, estão checando o placar de um jogo, abrindo e-mails, assistindo a vídeos ou viajando na própria cabeça. E, pensando bem, talvez esta seja a lição mais importante que a universidade pode lhes ensinar sobre a vida profissional nos Estados Unidos: como sentar-se calmamente à sua mesa, navegar na internet e não enlouquecer.

— Quantos de vocês leram a peça inteira? — perguntou Samuel.

E, das 25 pessoas na sala, apenas quatro levantaram a mão. E fizeram isso bem devagar, com timidez, envergonhadas por terem completado a tarefa. O restante da turma parecia repreendê-los — suas expressões destilavam desprezo, os ombros caídos anunciavam o gigantesco tédio. Era como se culpassem *o professor* por sua própria apatia. Se ele não tivesse passado uma tarefa tão idiota, eles não teriam sido obrigados a não cumpri-la.

— Vou atrair o bicho — diz Pwnage, que agora sai correndo em direção ao dragão, brandindo um enorme machado.

O restante do grupo disparara atrás dele, gritando loucamente, em uma imitação aproximada de vários filmes a que assistiram sobre guerras medievais.

Pwnage, vale dizer, é um gênio do *Elfscape*. Um grande sábio dos videogames. Dos vinte elfos que se encontram na *raid* desta noite, seis são controlados por ele. Pwnage conta com uma aldeia inteira de personagens, dentre os quais ele pode escolher de acordo com suas intenções, misturando-os e combinando-os conforme as necessidades da luta, uma espécie de microeconomia autossustentável; para jogar com vários de seus personagens ao mesmo tempo, o Pwnage usa uma técnica incrivelmente avançada, o “multiboxing”, que consiste em vários computadores vinculados a um cérebro central que ele controla usando manobras programadas em seu teclado e um mouse com quinze botões, especial para videogames. Pwnage sabe tudo o que há para saber sobre o jogo. Internalizou os segredos de *Elfscape* como uma árvore absorve a cerca que a envolve. Ele aniquila orcs, geralmente desferindo o golpe final junto a sua frase de efeito: *Pwned! Já era, n00b!!!*

Durante a primeira fase da luta, o que eles precisam fazer é basicamente se esquivar do rabo do dragão, que desfere chicotadas de um lado para o outro e bate com força no chão de pedra. Então todos golpeiam o dragão e se esquivam dos golpes de seu rabo durante alguns minutos, até conseguirem que a vida da fera baixe para sessenta por cento, e é nesse momento que o dragão começa a voar.

— Fase dois — diz Pwnage em voz calma e que se torna um tanto robótica por ser transmitida pela internet. — Lá vem fogo. Não

fiquem parados no alvo.

Bolas de fogo começam a fustigar o grupo e, embora muitos jogadores achem difícil fugir das labaredas ao mesmo tempo que cumprem sua parte na luta com o dragão, os seis personagens de Pwnage fazem isso sem qualquer esforço, movendo-se um pouco para a esquerda ou para a direita, de modo que as chamas passem a alguns pixels de distância, sem acertá-los.

Samuel está tentando escapar das bolas de fogo, mas seus pensamentos giram em torno do teste surpresa que ele deu na aula de hoje. Algum tempo após a saída de Laura, depois que ficou claro que a turma não fizera o dever de casa, o humor de Samuel tornou-se vingativo. Ele mandou os alunos escreverem uma explicação de 250 palavras sobre o primeiro ato de *Hamlet*. Eles resmungaram. Samuel não havia planejado esse teste surpresa, mas algo na atitude de Laura despertara seu lado passivo-agressivo. Era uma aula de Introdução à Literatura, mas ela se importava pouco com a literatura, ligava apenas para os *pontos*. O que importava para ela não era o tema do curso; o que importava era o valor de mercado. Ela o fazia pensar em certos investidores de Wall Street que, num dia, compravam contratos futuros de café e, no outro, compravam títulos lastreados em hipotecas. O que se negocia é menos importante que a forma como é avaliado. Laura pensava assim: pensava só no resultado final, em sua nota, a única coisa que importava.

Samuel tinha o costume de fazer anotações nos trabalhos dos alunos — chegava até mesmo a usar uma caneta vermelha. Tentava lhes ensinar a diferença entre “concertar” e “consertar”, entre “comprimento” e “cumprimento”; explicava a regra dos porquês e quando deveriam colocar uma vírgula antes do “que”. Aquela coisa toda. Mas um dia estava abastecendo o carro em um posto de gasolina próximo ao campus — o posto se chamava *Encha Aki Seu Karro* —, olhou para aquele letreiro e pensou: *Para quê?*

Sinceramente, com toda a franqueza, por que diabo eles precisariam conhecer *Hamlet*?

Ele deu o teste e encerrou a aula trinta minutos mais cedo. Estava cansado. De pé em frente àquele bando de gente desinteressada,

tinha começado a se sentir como Hamlet no primeiro solilóquio: insubstancial. Queria desaparecer. Queria que sua carne se dissolvesse em orvalho. Isso vinha acontecendo com frequência ultimamente: ele se sentia menor que seu próprio corpo, como se seu espírito tivesse encolhido, sempre renunciando aos braços do assento nos aviões, sempre o primeiro a sair do caminho nas calçadas.

Esse sentimento coincidia com sua mais recente busca por fotos de Bethany na internet. Bem, isso era óbvio demais para ignorar. Ele sempre acaba pensando nela quando faz algo que lhe causa culpa, o que, hoje em dia, acontece quase o tempo todo. Sua vida parece completamente recoberta por camadas e mais camadas de uma culpa impenetrável, feito moluscos no casco de um navio. Bethany — seu grande amor, sua grande burrada — continua morando em Nova York, pelo que ele sabe. Uma violinista que toca em todos os grandes teatros, grava álbuns solo, faz turnês mundiais. Procurar Bethany no Google é como destapar um enorme buraco dentro dele mesmo. Samuel não sabe por que se castiga desse jeito, uma vez a cada dois ou três meses passa a noite olhando fotos de Bethany, linda em seus vestidos de gala, segurando o violino e grandes ramalhetes de rosas, cercada por fãs extasiados em Paris, Melbourne, Moscou, Londres.

O que ela pensaria ao vê-lo desse jeito? Ficaria decepcionada, é claro. Pensaria que Samuel não amadureceu nem um pouco. Ainda é um menino jogando videogame no escuro. Um menino, como era quando se conheceram. Talvez Samuel pense em Bethany da mesma forma que outras pessoas pensam em Deus. Por exemplo: *Será que Deus está me julgando?* Samuel tem o mesmo impulso, embora tenha substituído Deus por esta outra grande ausência: Bethany. E, às vezes, quando pensa muito nisso tudo, ele acaba caindo em uma espécie de buraco e sente estar testemunhando a própria vida a alguns passos de distância, como se não a estivesse vivendo, mas avaliando e julgando uma vida que, por um acaso estranho e infeliz, é dele.

Os xingamentos de seus companheiros fazem com que ele volte ao jogo. Elfos estão morrendo velozmente. O dragão ruge lá no alto

enquanto os guerreiros descarregam seus melhores projéteis: flechas, balas de mosquete, facas de arremessar e umas coisas elétricas, parecidas com relâmpagos, que emergem das mãos dos magos.

— Fogo na sua direção, Dodger — diz Pwnage, e Samuel percebe que está prestes a ser aniquilado.

Ele salta para fora da linha de tiro. A bola de fogo acerta o chão ao seu lado. Sua barra de vida diminui, fica quase zerada.

Obrigado, escreve Samuel.

E agora há gritos de comemoração: o monstro pausa e a fase três começa. Dos vinte atacantes do início, só restaram poucos: Samuel, Axman, o curandeiro do grupo e quatro dos seis personagens de Pwnage. Eles nunca tinham chegado à fase três. Isso é o melhor que já conseguiram fazer contra o dragão.

A fase três parece a fase um, mas tem uma diferença: o dragão agora se move para todos os lados, abrindo veios de magma que correm sob o chão e tremem até derrubar enormes estalactites mortíferas do teto da caverna. A maioria das lutas com o chefe em *Elfscap*e acaba desse jeito. Elas testam não tanto as habilidades dos jogadores, mas sua capacidade de memorizar padrões e de fazer muitas coisas ao mesmo tempo: você consegue se esquivar dos jatos de lava que saem do chão e das pedras que caem do teto enquanto mantém um olho no rabo do dragão, evitando que ele o acerte, e continua seguindo o dragão para lá e para cá, em todos os cantos da toca, sem parar de atingi-lo com sua adaga, usando aquele ataque em dez movimentos, extremamente específico e complicado, que causa o máximo de dano por segundo e é necessário para baixar a vida do dragão a zero, antes que o cronômetro interno do monstro chegue a dez minutos e ele entre no estado conhecido como “fúria total”, enlouquecendo e matando todo mundo ao seu redor?

Em meio à agonia do combate, Samuel geralmente acha a experiência eletrizante. Mas assim que o jogo acaba, mesmo que tenham vencido a luta, ele sempre experimenta uma decepção esmagadora, porque todas as riquezas que eles conquistaram são falsas, apenas dados digitais, e as armas e armaduras que

saquearam vão servir apenas por um tempo, pois, quando o dragão for derrotado por outros jogadores, os criadores do jogo vão introduzir alguma criatura nova, ainda mais difícil de matar, guardiã de tesouros ainda mais valiosos. Um ciclo que se repete infinitamente. É impossível vencer de verdade. O jogo não acaba nunca. E, em algumas ocasiões, a falta de sentido parece se revelar por inteiro, de uma só vez, como neste exato instante, enquanto ele observa o curandeiro tentando manter Pwnage vivo e a barra de vida do dragão lentamente se aproximando de zero e Pwnage gritando "Ataquem ataquem ataquem ataquem!" e eles estão à beira de uma vitória épica. Mesmo agora, Samuel pensa que a única coisa acontecendo é um bando de gente solitária digitando em seus teclados, no escuro, enviando sinais a um servidor na zona metropolitana de Chicago, que então lhes devolve pequenas baforadas de informação. Todo o restante — o dragão e seu covil, os riachos de magma, os elfos, suas espadas e sua magia — não passa de uma fachada, um conjunto de adornos em uma vitrine.

Por que estou aqui?, pergunta-se ele no mesmo instante em que é esmagado pelo rabo do dragão. Axman é empalado por uma estalactite e o curandeiro é incinerado em uma fenda cheia de lava, e agora o único sobrevivente é Pwnage, e ele precisa continuar vivo para o grupo vencer. A guilda solta gritos de torcida em seus microfones enquanto a saúde do dragão vai se esvaindo para quatro por cento, três por cento, dois por cento...

Samuel pergunta-se, mesmo agora, tão perto da vitória: *Para quê?*

O que eu estou fazendo?

O que Bethany acharia disto?

3

A DANÇA QUE Pwnage faz na sala de estar parece uma combinação de vários movimentos que os jogadores de futebol americano costumam realizar após um *touchdown*. Ele gosta em especial de uma pequena coreografia em que move os punhos à sua frente em círculo. Acha que o nome desse movimento é “bater nata”.

— O Pwnage é o maior! — grita alguém.

Os elfos o aplaudiriam de pé se não estivessem todos mortos. A aclamação deles ressoa pelas caixas de som do *home theater*. Todas as seis telas de computador agora mostram diferentes ângulos de um dragão morto.

Ele bate a nata.

Faz aquele soquinho, como se estivesse dando partida no motor de um cortador de grama.

E também faz aquela dancinha obscena em que parece estar dando tapas em alguma coisa bem à sua frente, presumivelmente uma bunda.

Os fantasmas dos elfos vão retornando aos corpos e, um por um, seus amigos brotam do chão da caverna, passando por aquele tipo especial de ressurreição tão comum no mundo dos videogames, onde as pessoas morrem mas nunca *morrem* de verdade. Pwnage recolhe o espólio nos fundos da caverna e o distribui entre seus companheiros de guilda — espadas, machados, armaduras e anéis mágicos. Isso faz com que ele se sinta benevolente e magnânimo, como um homem vestido de Papai Noel no Natal.

Então os outros começam a desconectar, ele dá tchau individualmente a cada um dos companheiros de guilda e parabeniza-os pelo excelente desempenho, tentando convencê-los a ficar conectados por mais algum tempo, mas eles reclamam que já está muito tarde e que precisam trabalhar no dia seguinte, e ele enfim concorda que já está na hora de dormir. Desconecta-se, desliga todos os computadores, deita na cama e fecha os olhos, o

momento em que sua mente começa a soltar as Faíscas, aqueles lampejos alucinatórios de elfos, orcs e dragões que vertem sem parar em sua cabeça enquanto ele tenta descansar após mais uma de suas noitadas de *Elfescape*.

Ele não havia planejado jogar. Certamente não planejava jogar por tanto tempo. Tinha decidido que seria o primeiro dia de sua nova dieta. Prometera a si mesmo que começaria a comer melhor: frutas, legumes e proteínas magras, nada de gordura trans nem de comida industrializada, e sim porções moderadas e refeições cuidadosamente balanceadas com grande abundância nutritiva, tudo começando naquele dia. E ele inaugurou seu novíssimo e salutar estilo de vida naquela mesma manhã ao quebrar uma castanha-do-pará e mastigá-la para engoli-la em seguida, porque castanhas-do-pará estavam entre os “Cinco Principais Alimentos que Você Não Está Comendo o Bastante” de acordo com o livro de dieta que ele comprara durante as preparações para esse dia, junto às continuações do livro e aos respectivos cardápios e aplicativos de celular associados à dieta, todos os quais advogavam uma culinária composta principalmente de proteínas animais e oleaginosas — basicamente uma dieta do tipo caçador-coletor. E ele pensou nas gorduras boas para o coração, nos antioxidantes e nos metanutrientes contidos na castanha-do-pará deslizando para dentro de seu corpo e desempenhando funções valiosas, como liquidar os radicais livres, baixar o colesterol e, esperava ele, melhorar seus níveis de energia, porque ele tinha *tanta coisa para fazer*.

A cozinha precisava de uma reforma urgente: a fórmica dos balcões estava rachando e abaulando nas beiradas; a lava-louça tinha estragado havia alguns meses; o triturador de lixo tinha pifado fazia mais ou menos um ano; três das quatro bocas do fogão estavam inutilizáveis; e, ainda por cima, a geladeira andava completamente louca, pois a parte do refrigerador desligava sem mais nem menos, estragando as salsichas e carnes do almoço e azedando o leite, enquanto a parte do congelador às vezes ficava hiperativa, criando crostas de gelo ártico ao redor das refeições prontas que ele comia enquanto assistia televisão. Além disso, ele precisava abrir espaço nos armários da cozinha, que andavam

entulhados com várias coleções de potes de plástico amarelados pelos anos, por pacotes de frutas secas, castanhas ou batatinhas esquecidos e por uma infinidade de pequenos recipientes cilíndricos cheios de ervas e temperos sobrepostos em camadas geológicas, resultado de suas tentativas anteriores de começar novas dietas, sendo que cada tentativa exigia a aquisição de uma nova coleção de ervas e temperos, pois, no intervalo entre uma e outra, as velhas ervas e temperos se fundiam dentro de seus potes e se transformavam em nacos de matéria desidratada, maciça e imprestável.

E ele sabia que deveria abrir todos os armários, jogar tudo fora e se certificar de que não havia colônias de bactérias ou insetos vivendo nos cantos mais profundos e escuros, mas na verdade não sentia vontade alguma de abrir os armários e procurar insetos porque tinha medo do que poderia encontrar — *insetos*, para ser claro. Porque, nesse caso, ele teria que se enfiar em uma roupa de plástico, dedetizar os armários e abrir espaço em outra parte da casa para criar uma espécie de “área de carga e descarga” onde pudesse armazenar o material necessário (as novas peças de armário, as tábuas para o assoalho, os novos eletrodomésticos e uma diversidade de martelos, serras, caixas de pregos, parafusos, tubos de PVC e outras porcarias necessárias para a drástica reconstrução de uma cozinha), embora, dando uma olhada na casa, ele logo percebesse que isso seria muito difícil: a sala de estar, por exemplo, precisava ser uma zona livre de entulhos para o caso de, em alguma noite futura, ele receber uma visita inesperada (ou seja: Lisa), que decerto não acharia nada aconchegante e romântico uma pilha de ferramentas; o mesmo poderia ser dito a respeito do quarto, péssima escolha para uma área de carga e descarga exatamente pelo mesmo motivo, embora fosse verdade que Lisa não o visitava fazia um bom tempo, pois ela mesma havia insistido em dizer que eles deveriam manter uma certa “distância” durante esta nova fase de relacionamento, um decreto que não a impedia de solicitar caronas ao trabalho ou a vários shoppings para completar diversas tarefas, e não era porque Lisa havia pedido o divórcio que ele deveria deixá-la na mão, sem carteira de motorista nem carro, e,

apesar de saber que isso era exatamente o que muitos caras fariam, ele simplesmente tinha recebido uma *educação diferente*.

Então a única área viável para os detritos da cozinha seria o quarto de hóspedes, mas isso, infelizmente, também seria impossível, porque o cômodo já estava atravancado de coisas que seria impensável jogar fora — as caixas com prêmios dos tempos do ensino médio, emblemas escolares, troféus, medalhas, diplomas e, em algum lugar no meio disso tudo, aquela agenda em couro preto que continha as primeiras páginas do romance que ele prometera a si mesmo terminar de escrever em breve —, portanto ele precisava vasculhar todas as caixas e catalogar seu conteúdo antes de criar uma área de carga e descarga apropriada para a reforma da cozinha, medida indispensável caso ele desejasse começar sua mais nova dieta.

Ainda por cima havia a questão do orçamento. Isto é: como pagar por uma dieta completamente nova quando ele já estava afundado em dívidas imensas por causa de suas múltiplas contas no *Mundo de Elfscape* e de seu novo smartphone. E, sim, analisando friamente, ele admitia que gastar quatrocentos dólares em um smartphone com o respectivo plano de internet e mensagens ilimitadas talvez parecesse uma extravagância para alguém cujo trabalho não dependia do acesso à comunicação eletrônica e, sim, a maioria exorbitante das mensagens que ele tinha recebido após a compra do celular haviam sido enviadas pelo próprio fabricante do aparelho — perguntas sobre a satisfação dele com a compra, ofertas de planos de seguro e encorajamentos a experimentar os outros produtos e aplicativos da empresa —, com exceção de algumas mandadas por Lisa, dizendo que ela fora chamada de improviso à loja da Lancôme ou estava saindo mais cedo da loja da Lancôme ou ia ficar até mais tarde na loja da Lancôme ou não precisava de uma carona hoje porque “alguém do trabalho” a convidara para “sair”, mensagens que, com sua ambiguidade enlouquecedora, o faziam tremer de ciúme, se encolher no sofá e roer as unhas quebradiças enquanto pensava sobre os limites da fidelidade de Lisa. E embora obviamente não pudesse mais esperar a supremacia da monogamia matrimonial e admitisse que o divórcio havia estabelecido certa ideia de *desfecho*

em seu relacionamento, ele também sabia que Lisa não o deixara *por causa de outro homem* e que ainda era um elemento importante na vida dela, portanto uma parte da mente dele ainda acreditava que, se ele continuasse sendo suficientemente útil, prestativo e disponível, talvez ela jamais o largasse para valer, daí a necessidade do smartphone.

Além disso, os aplicativos de dieta e exercícios disponíveis no celular eram essenciais e indispensáveis para qualquer plano de reeducação alimentar, pois nesses aplicativos ele podia registrar o consumo diário de comida e bebida, recebendo em seguida uma análise de seu desempenho calórico e nutricional. Por exemplo, ele registrou tudo o que comia em um dia normal com intuito de estabelecer uma espécie de “base” de referência para avaliar a eficácia de sua futura dieta saudável e, assim, descobriu que as três xícaras de expresso (com açúcar) que tomava no café da manhã equivaliam a cem calorias, enquanto o café *latte* duplo e o brownie que comia no almoço somavam mais quatrocentas calorias, de modo que ainda faltavam mil e quinhentas calorias para chegar ao teto diário, que era de duas mil, provavelmente sobrando espaço para dois ou talvez três pacotes de *fajitas* de salmão congeladas da Ocean Bonanza no jantar, cada um contendo legumes fatiados com precisão no formato de batatas fritas e um tempero salgado e vermelho chamado “Sabor do Sul”, ao qual ele geralmente acrescentava uma ou duas colheres de sal (segundo o aplicativo do smartphone, isso equivalia a *zero caloria*, fato que ele considerava um grande triunfo em termos de sabor) para só então comer esses pratos de salmão com rapidez e intensidade, tentando ignorar que o cozimento no micro-ondas era irregular demais, a ponto de os pimentões literalmente queimarem sua língua enquanto as fatias mais grossas de salmão continuavam tão geladas por dentro que acabavam se esfarelando com textura semelhante à de uma casca de árvore molhada, todas essas coisas juntas gerando uma sensação incrivelmente desagradável na boca, e mesmo assim ele continuava enchendo o congelador com *fajitas* de salmão, não apenas porque as embalagens garantiam que elas eram *Totalmente Low-Fat!*, mas também porque havia no supermercado uma promoção contínua e

maravilhosa que vendia dez pacotes por cinco dólares (limite máximo: dez itens).

Enfim, o aplicativo do smartphone analisava os nutrientes e macronutrientes consumidos e os comparava às dosagens recomendadas pelo Controle Nacional de Alimentos e Substâncias para todas as principais vitaminas, ácidos, gorduras etc., mostrando os resultados em um gráfico que deveria ser de um verde tranquilizador caso ele estivesse fazendo tudo direito, mas que na verdade estava vermelho como um botão de emergência devido à alarmante ausência de todas as coisas necessárias à manutenção básica da saúde dos órgãos. Sim, ele precisava admitir que, nos últimos tempos, seus globos oculares e as pontas de seu cabelo tinham ganhado um desconcertante matiz amarelado, suas unhas tinham ficado mais finas e quebradiças e tendiam a rachar bem no meio de repente quando roídas, abrindo-se quase até a base, sendo que recentemente tanto as unhas quanto os cabelos haviam deixado de crescer e pareciam agora recuar em alguns pontos ou até se enrolar para trás, isso sem falar na vermelhidão mais ou menos permanente que surgiu ao redor de seu pulso, no lugar onde ele usava o relógio. Portanto, mesmo se mantendo bem abaixo do limite máximo de duas mil calorias diárias, ele compreendia que as calorias necessárias para “comer direito” eram de um tipo totalmente diferente, isto é, aquelas encontradas em alimentos orgânicos, frescos e integrais, cujo preço era excessivamente alto para ele por causa das parcelas mensais do cartão de crédito relativas à compra do smartphone e ao plano de internet com mensagens de texto ilimitadas. E, sim, ele captava o paradoxo disso, sabia que era meio que uma ironia constrangedora o fato de que pagar pelo aparelho que lhe mostrava como comer direito o impedia de juntar o dinheiro necessário para, de fato, comer direito, e, sim, ele comprava tudo isso com o cartão de crédito, cujas parcelas estavam crescendo dolorosamente enquanto sua capacidade de pagá-las ia se afastando como uma espécie de deriva continental. Idem para as parcelas de sua hipoteca, que continuavam crescendo e crescendo porque um corretor de imóveis o convencera, anos atrás, antes que a cidade (e o mercado imobiliário do país em geral) ficasse uma merda

completa, a refinar sua casa usando uma coisa chamada “amortização negativa”. Na época, o negócio parecia uma espécie de dádiva financeira, permitindo que ele comprasse uma TV de alta resolução, uma série de consoles de videogame sofisticados e um caríssimo conjunto de equipamentos de computador, mas agora havia se transformado em um dreno de dinheiro, porque as parcelas da hipoteca davam saltos cada vez mais altos e chocantes e o valor da casa, na última vez em que ele checara, tinha perdido todos os sinais vitais após despencar até um número tão inacreditavelmente baixo que era como se um laboratório clandestino de drogas tivesse explodido de forma catastrófica lá dentro.

E isso o deixava estressado junto com todos os outros problemas financeiros e orçamentários, tão estressado que seu coração andava fazendo umas coisas estranhas, um tique que parecia uma mistura de pulinho com tremelique, como se alguém estivesse apalpando mecanicamente seu tórax por dentro. E, como Lisa costumava dizer, “Você não tem nada se não tiver saúde”, justificativa que ele dava para seu investimento em coisas que ajudavam a reduzir o estresse, ou seja, equipamentos eletrônicos de última geração e videogames.

E foi para essas coisas que ele se voltou hoje. Antes de completar as tarefas exigidas por sua nova dieta, ele decidiu terminar suas *outras* tarefas, aquelas que o aguardavam em *Elfscap*e: as vinte tarefas que ele realizava todos os dias e que lhe valiam recompensas realmente bacanas (como voar em grifos amestrados e ganhar machados de proporções insólitas e roupas elegantes que deixavam seu avatar muito garboso quando o vestia com elas). Essas missões — que geralmente envolviam matar algum inimigo secundário, carregar uma mensagem através de terreno traiçoeiro ou encontrar um artefato importante — tinham que ser realizadas todos os dias sem exceção por um período de quarenta dias seguidos para destravar as recompensas *no menor tempo matematicamente possível*, algo que era em si mesmo uma espécie de recompensa, porque sempre que ele conseguia fazer isso um monte de fogos de artifício começava a estourar, trombetas ressoavam e o nome dele aparecia na lista dos Jogadores Mais Épicos de *Elfscap*e, com todos em sua lista de contatos lhe mandando elogios e mensagens de

parabéns. Era o equivalente, no mundo do jogo, a ser o noivo em uma festa de casamento. E como Pwnage não jogava com apenas um personagem, mas com tantos personagens que dava para formar um time de futebol, ele repetia as mesmas tarefas para todo o resto de seus avatares tão logo acabava as vinte missões diárias de seu personagem principal, fazendo com que o número de missões necessárias saltasse para duzentas ou mais, dependendo de quantos “secundários” ele queria passar de nível. Assim, todo esse processo de cumprir missões diárias consumia em torno de cinco horas e, embora ele soubesse que cinco horas ininterruptas de videogame representavam o limite máximo de tolerância para a maioria das pessoas, para ele eram simplesmente o pré-requisito para *realmente jogar o jogo*, uma espécie de preliminar para a verdadeira sessão, um dever que ele precisava cumprir antes de começar a verdadeira diversão.

Assim, quando ele terminou seu *grind* diário, já estava escuro lá fora e sua mente tinha ficado tão enevoada, distante e meio constipada após cinco horas de tarefas mecânicas que ele já não tinha o foco, a energia nem a disposição para compromissos importantes e difíceis, como fazer compras, cozinhar ou começar a complexa reforma da cozinha. Então ele continuou em frente ao computador e recarregou as energias com um café *latte* duplo e um burrito descongelado para seguir jogando.

Jogou por tanto tempo que, agora, enquanto tenta dormir, as Faíscas parecem particularmente amplificadas e ele claramente não vai pegar no sono tão cedo, então a única coisa a fazer é levantar da cama e ligar os computadores de novo, checar os servidores da Costa Oeste e começar outra *raid*. Em seguida, horas mais tarde, ele se conecta aos servidores da Austrália e ataca o dragão outra vez. Depois, lá pelas quatro da manhã, os fanáticos jogadores japoneses aparecem on-line, o que é sempre uma bênção, e ele se junta aos caras e mata o dragão mais umas duas vezes, até que o ato de matar o dragão já não pareça algo triunfante, mas, sim, algo rotineiro, banal e talvez um pouco tedioso. Quando aparecem os indianos, as Faíscas já se transformaram em um tipo de luminescência borrada e trêmula, por isso ele sai do jogo com a

cabeça nebulosa, como se sua testa estivesse fisicamente a um metro de distância do rosto, então decide que precisa de um período de descompressão antes de dormir e começa a assistir a um dos DVDs que já viu um milhão de vezes (a ideia aqui é deixar o filme rodando enquanto sua cabeça viaja, já que sabe o filme de cor e não precisa fazer qualquer esforço em termos cerebrais), um de seus muitos filmes de desastre apocalíptico em que a Terra é destruída de diversas maneiras — meteoros, alienígenas, irrupções de magma inesperadas e imprevistas. Pwnage começa a divagar por volta dos primeiros quinze minutos, quando o protagonista desvenda o segredo que o governo andou escondendo todo esse tempo e descobre que alguma grande merda está prestes a acontecer; divaga e reflete sobre o dia, relembra vagamente que naquela mesma tarde sentiu um desejo intenso e ávido de começar a comer direito e, talvez, sentindo-se culpado por não ter de fato encontrado o jeito certo de começar a comer direito, ele abre mais um pacote de castanhas-do-pará, ponderando que talvez seja melhor se habituar aos poucos a esse tipo de coisa e que a castanha-do-pará é uma ponte entre sua vida atual e a vida nutricionalmente correta que o aguarda no futuro; divaga e fixa na televisão o olhar vazio como o de um peixe e engole o denso bolo alimentar de castanha e assiste à destruição do planeta e meio que imagina, com uma espécie de felicidade, um asteroide do tamanho da Califórnia caindo na Terra com um daqueles clarões que derretem esqueletos e destroem todas as coisas, matando todas as pessoas, aniquilando tudo, então ele se levanta da poltrona quase já amanhecendo, fica surpreso, pergunta-se como a noite passou tão rápido, tropeça em direção ao quarto, vê seu reflexo no espelho — o cabelo louro quase branco, os olhos avermelhados de fadiga e desidratação —, se atira na cama e, em vez de simplesmente “adormecer”, despenca para dentro de uma escuridão repentina, absoluta e acachapante. E a coisa que ele tenta preservar na mente enquanto mergulha nesse estado quase comatoso é a memória de si mesmo dançando.

Quer recordar a sensação exata: um momento de júbilo transcendente. Ele tinha derrotado o dragão pela primeira vez. Todos os seus amigos de Chicago gritaram de emoção.

Mas ele já não consegue resgatar aquele estado, aquele sentimento que o fez dançar com tanta exuberância. Pwnage tenta se imaginar fazendo a dança, mas tudo parece distante — a cena tem os ares de alguma coisa que ele viu na televisão muito tempo atrás. O que ele sente agora nada tem a ver com bater a nata, dar a partida no motor, dar palmadas naquela bunda.

Amanhã, ele promete.

Amanhã vai ser o primeiro dia da nova dieta, a inauguração verdadeira, oficial. E hoje talvez tenha sido apenas o aquecimento, o voo de teste, a largada para a verdadeira estreia da nova dieta, que aconteceria muito em breve. Muito em breve num dia desses, ele haveria de acordar cedo e tomar um café da manhã saudável e começar a arrumar a cozinha e esvaziar os armários e comprar mantimentos e ficar longe do computador e, finalmente, durante um dia inteiro, tudo seria feito direito, tudo perfeitamente, exatamente certo.

Ele jura. Ele promete. Um dia desses será o dia que mudará tudo.

4

— VOCÊ ACHA QUE eu *colei* ? — diz Laura Pottsdam, estudante do segundo ano da faculdade e trapaceira contumaz. — Acha que eu plagiei esse trabalho? Eu?

Samuel assente. Finge estar chateado com a situação, como um pai que é obrigado a punir a filha. *Dói mais em mim do que em você*, é a expressão que ele tenta exhibir, embora seus sentimentos sejam bem diferentes. Pois, secretamente, ele *gosta* da oportunidade de reprovar seus alunos. É uma espécie de vingança por ter que lhes dar aulas.

— Posso dizer só uma coisa? De uma vez por todas? *Eu. Não. Plagiei. Esse. Trabalho* — diz Laura Pottsdam a respeito de um trabalho quase totalmente plagiado.

Samuel sabe disso por causa do software, um pacote de programas realmente espetacular que a universidade contratou e que analisa todos os trabalhos entregues pelos alunos e os compara com um gigantesco arquivo contendo todos os trabalhos acadêmicos já analisados em qualquer lugar do país. O cérebro central do programa é formado por milhões de palavras escritas pelos estudantes do ensino médio e superior dos Estados Unidos, e Samuel às vezes brinca com seus colegas dizendo que, se algum dia o software desenvolvesse consciência e inteligência artificial como na ficção científica, o programa passaria a frequentar todas as festas do campus.

O programa analisou o trabalho de Laura e descobriu que 99% era plágio — tudo havia sido copiado, exceto o nome “Laura Pottsdam”.

— Qual será o problema com esse programa? — indaga Laura, estudante universitária, natural de Schaumburg, Illinois, matriculada no curso de comunicação e marketing, com quase 1,60 metro, cabelos louro-escuros que se tornam amarelos como as folhas de um bloco de notas sob a penumbra esverdeada do escritório de Samuel e uma camiseta branca meio transparente com uma estampa que parece ser o anúncio de uma festa que sem dúvida aconteceu muito antes de ela nascer. — Por que ele está dando problema? Será que sempre dá defeito?

— Você está dizendo que o programa errou?

— Isso é, tipo, *muito estranho*. Eu não consigo entender. Por que ele deu esse resultado?

Laura parece ter tomado banho em um túnel de vento, um cabelo muito esfiapado e desgrenhado. É impossível ignorar que ela está usando um short de flanela minúsculo e puído, mais ou menos do tamanho de um filtro de café. Idem para o intenso bronzeado de suas pernas. Nos pés, está usando pantufas felpudas como um Muppet, amarelo-esverdeadas como um repolho, com uma camada de poeira cinza e marrom nas bordas da sola por serem usadas fora de casa com muita frequência. De repente Samuel se dá conta de que talvez ela tenha vindo ao seu escritório *literalmente de pijama*.

— O programa não está com defeito — afirma ele.

— O senhor está dizendo que ele *nunca* se enganou? Que *nunca* se enganaria? Está dizendo que o programa é infalível e perfeito?

As paredes do escritório de Samuel estão devidamente decoradas com seus inúmeros diplomas, as estantes estão preenchidas por livros com títulos longos e todo o sombrio recinto emana uma aparência professoral genérica. Há uma poltrona de couro na qual Laura se encontra sentada, balançando ligeiramente os pés empantufados. Cartuns da *New Yorker* grudados na porta. Uma pequena planta no peitoril da janela, que ele costuma regar com um borrifador de meio litro. Um furador de papel de três furos. Um calendário na mesa. Uma caneca de café com o rosto de Shakespeare. Um conjunto de canetas bacanas. O quadro completo. Um cabide com um paletó de tweed, para emergências. Ele está sentado em sua cadeira ergonômica. Por um momento, sente-se

satisfeito com o uso correto da palavra “infalível”. O ranço que paira no ar talvez seja o cheiro de Laura após dormir, talvez seja o cheiro que o próprio Samuel ainda exala após a noite jogando *Elscape*.

— De acordo com o programa, esse trabalho vem do site chamado TrabalhosParaBaixar.com — diz ele, olhando o relatório sobre o trabalho de Laura.

— Viu? Esse é o problema! Nunca ouvi falar desse site.

Samuel é um desses professores jovens que ainda se vestem de uma forma que os alunos podem considerar “estilosa”. Camisa para fora da calça, jeans, marca de tênis moderna. Para algumas pessoas, isso é uma evidência de bom gosto; para outras, um sinal de fraqueza, insegurança e desespero. Às vezes, ele também diz palavrões na aula, para não parecer velho e quadrado. O short de Laura é de flanela em xadrez vermelho, preto e azul-marinho. Sua camiseta é incrivelmente fina e desbotada, mas é difícil dizer se o desbotamento é resultado do uso ou se o tecido já veio assim da fábrica. Ela diz:

— É óbvio que eu não iria copiar da internet um trabalho idiota. Tipo, *nem pensar*.

— Então você está dizendo que é uma coincidência.

— Não sei por que o programa deu esse resultado. É tão, tipo, estranho?

Às vezes Laura coloca esse fonema ascendente ao fim das frases, de modo que até as afirmações parecem perguntas. Para Samuel, sotaques são difíceis de não serem imitados, e essa entonação também. Acha admirável a habilidade de Laura em manter contato visual e uma postura relaxada e estável durante esse jorro de mentiras. Ela não exhibe nenhum dos sinais involuntários que costumam delatar os mentirosos: respira de forma normal; sua postura é lânguida e despreocupada; os olhos estão fixos nos de Samuel, em vez de dar aquelas espiadelas para cima e para a direita que indicariam que ela está acessando as zonas criativas do cérebro; e seu rosto não parece se esforçar de maneira artificial para transmitir emoções, pois elas parecem flamar por sua face em um ritmo regular, equilibrado, mais ou menos natural e orgânico, ao contrário do que ocorre no rosto do mentiroso típico, em que os

músculos faciais se espremem para excretar mecanicamente a emoção apropriada.

— De acordo com o programa, o trabalho em questão foi apresentado há três anos na Escola Municipal de Schaumburg — diz Samuel e faz uma pausa, aguardando que essa última informação seja assimilada. — Essa não é a sua cidade? Não é de lá que você vem?

PETITIO PRINCIPII

(OU "O ARGUMENTO CIRCULAR")

— Veja bem — diz Laura enquanto se mexe cadeira, uma perna dobrando-se embaixo da outra no que talvez seja o primeiro sinal externo de aflição.

Seu short é tão curto que, sempre que ela se mexe, a parte inferior de suas nádegas guincha contra o couro do estofamento ou se desgruda dele com um barulhinho úmido de sucção.

— Eu nem ia dizer nada, mas estou me sentindo muito ofendida. Por essa coisa toda?

— Você se sente ofendida.

— Ahn, *siiiiim*? Você me perguntando se eu coleí? Isso é, tipo, muito chato?

A camiseta de Laura, que Samuel acredita ter sido desbotada artificialmente com tinturas, produtos químicos, talvez raios UV ou algum tipo de abrasivo, exhibe "Festa de Laguna Beach, Verão de 1990" em letras radiantes com ar retrô e uma vívida paisagem marinha no centro e um arco-íris.

— Você não devia chamar os outros de trapaceiros — diz ela. — Isso estigmatiza as pessoas. Tem vários estudos, sabe? Quanto mais alguém foi acusado de trapacear, mais a pessoa trapaceia.

Quanto mais alguém é acusado, Samuel gostaria que ela houvesse dito.

— E, outra coisa, você não deveria punir alguém que colou, porque aí a pessoa vai precisar colar mais. Para passar na matéria?

Isso é, tipo um círculo vicioso? — afirma Laura, e seu dedo dá uma voltinha no ar.

Laura Pottsdam sempre chega à aula três minutos mais cedo, dois minutos mais tarde ou em algum momento entre esses dois pontos. Sua carteira de costume fica no canto esquerdo da sala, nos fundos. Vários dos rapazes da aula foram mudando gradualmente a própria preferência com a intenção de ocupar mesas mais próximas à órbita dela, rastejando como um molusco ao longo do semestre, do lado direito para o esquerdo. A maioria dos rapazes senta perto dela por um período de duas ou três semanas até que dispara de repente para o lado oposto da sala. São como partículas eletricamente carregadas que colidem e ricocheteiam, algo que Samuel supõe ser uma espécie de melodrama psicosssexual extracurricular.

— Você não escreveu esse trabalho — afirma Samuel. — Você o comprou quando estava no ensino médio e o usou de novo na minha aula. Essa é a única coisa que vamos discutir hoje.

Laura encaixa ambos os pés sob o corpo. Sua perna se desgruda do couro brilhante com um estalo viscoso.

APELO À PIEDADE

— Isso é tão injusto — diz ela.

O modo fluido como moveu as pernas, aparentemente sem esforço, é um sinal de flexibilidade juvenil ou de grandes perícias em ioga. Ou ambos.

— Você pediu um trabalho sobre *Hamlet*. Foi isso que eu entreguei.

— Eu pedi que você *escrevesse* um trabalho sobre *Hamlet*.

— E como eu ia saber disso? Não é minha culpa se o senhor tem essas regras esquisitas.

— As regras não são minhas. Toda escola tem essas regras.

— Não tem, não. Eu entreguei esse trabalho no ensino médio e tirei A.

— Que pena.

— Então, eu não sabia que era proibido fazer isso. Como eu ia saber? Ninguém me ensinou que isso era errado.

— Claro que você sabia que isso é errado. Você estava mentindo agora há pouco. Se não soubesse que era errado, não teria mentido.

— Mas eu minto sobre *tudo*. É o meu jeito. Não consigo evitar.

— Você deveria tentar parar.

— Mas eu não posso ser punida duas vezes pelo mesmo trabalho. Se eu fui punida por plágio no ensino médio, não posso ser punida de novo agora. Isso não é, tipo, dupla penalização?

— Você disse que tirou A no ensino médio.

— Não disse, não.

— Tenho certeza que disse. Aliás, tenho certeza que você *acabou* de dizer isso.

— Eu estava só levantando uma hipótese.

— A frase não me pareceu hipotética.

— Quem sabe disso sou eu, né? *Dã*.

— Você está mentindo de novo? Está mentindo agora?

— Não.

Ambos se encaram por alguns instantes, como dois jogadores de pôquer blefando. Esse é o máximo de contato visual que já tiveram. Na aula, Laura quase sempre fica olhando para as próprias pernas, onde esconde o celular. Ela acha que deixar o celular no colo é uma maneira eficaz de escondê-lo. Não tem ideia de que sua manobra é totalmente óbvia e transparente. Samuel nunca pediu que ela parasse de mexer no celular durante as aulas, principalmente porque, assim, ele pode estraçalhar as notas dela no fim do semestre, quando chega a hora de distribuir os “pontos de participação”.

— De qualquer forma, a dupla penalização não funciona assim — diz ele. — O xis da questão é que, se você entrega um trabalho, existe a suposição básica de que o trabalho é seu. Realmente seu.

— Mas é realmente meu — afirma ela.

— Não, você o comprou.

— Eu sei — diz. — Sou a dona dele. É meu. É o *meu trabalho*.

De repente ele percebe que ela pode estar certa: basta considerar a coisa toda não como “plágio”, mas como um tipo de terceirização.

— Até porque tem gente que faz coisa muito pior — diz Laura. — Sabe minha melhor amiga? Ela paga o professor particular de matemática para fazer o dever de casa para ela. Quer dizer, isso é *muito* pior, não é? E ela nunca foi punida! Por que eu tenho que ser punida se ela não foi?

— Ela não é minha aluna — diz Samuel.

— Mas e o Larry?

— Quem?

— Larry Broxton? Da nossa turma? Eu sei de fonte segura que todos os trabalhos que ele entrega são escritos pelo irmão mais velho dele. E você nunca puniu ele. Isso não é justo. O que ele faz é *muito* pior.

Samuel lembra de Larry Broxton: estudante de segundo ano, curso desconhecido, cabelo cor de fubá cortado em estilo militar, geralmente vestindo calções brilhantes de basquete grandes demais para ele e uma camiseta monocromática exibindo o logotipo gigantesco de uma rede de lojas que podem ser encontradas em quase todos os shoppings dos Estados Unidos. É um dos rapazes que rastejaram em direção a Laura Pottsdam para em seguida voar para longe dela. O desgraçado do Larry Broxton, pele pálida e morbidamente esverdeada feito o miolo de uma batata velha, um esboço patético de bigode louro e uma barba que mais parece uma pitada de flocos crocantes salpicando seu rosto, um jeitão meio corcunda e um encolhimento apático que, por algum motivo, fazem Samuel pensar em uma pequena samambaia que só pode crescer nas sombras, Larry Broxton, que jamais abre a boca em sala de aula, Larry Broxton, cujos pés sobrepujam o resto do corpo, tanto em tamanho quanto em velocidade, o que resulta em um jeito bambo de andar, como se os pés dele fossem dois peixes de rio grandes e achatados, pés nos quais ele usa umas coisas corpulentas e pretas parecidas com sandálias que sem dúvida são projetadas apenas para uso em piscinas ou chuveiros públicos, o mesmo Larry Broxton que, nos intervalos de dez minutos que Samuel dá aos

alunos para “escrita livre e criação”, costuma beliscar os próprios genitais de forma preguiçosa, casual e inconsciente, esse mesmo Larry Broxton, quase todos os dias das duas semanas em que ambos haviam sentado juntos, andando em direção à porta na hora da saída, fazia Laura Pottsdam rir.

FALÁCIA DA BOLA DE NEVE

— Só estou dizendo — continua Laura. — Se você me reprovar, vai ter que reprovar todo mundo. Porque todo mundo está fazendo a mesma coisa. E aí você não vai ter mais nenhum aluno para dar aula.

— A quem dar aula — diz ele.

— O quê?

— Eu não vou ter nenhum aluno *a quem* dar aula. E não *para dar aula*.

Laura olha para ele com a expressão de alguém que acaba de ouvir uma frase em grego.

— Quem dá aula, dá aula a alguém — explica ele. — É uma questão de regência.

— Tanto faz.

Ele sabe que corrigir a fala dos outros é uma coisa deselegante e pernóstica. É como estar em uma festa e criticar alguém na frente de todo mundo por não ter lido esse ou aquele livro, o que de fato havia acontecido com Samuel em sua primeira semana no novo emprego, durante um jantar de boas-vindas oferecido por sua chefe, a reitora da faculdade, uma mulher que fizera parte do Departamento de Língua Inglesa antes de ascender à atual encarnação administrativa. Havia construído sua carreira acadêmica à maneira habitual: estudando tudo o que havia para ser estudado sobre um campo extraordinariamente pequeno (seu nicho específico era a literatura escrita durante o período da Peste ou sobre a Peste). No jantar, ela havia perguntado a opinião dele sobre certa passagem

dos *Contos da Cantuária* e, quando Samuel começou a enrolar, ela disse, um pouco alto demais:

— Você não leu Chaucer? *Minha nossa*.

NON SEQUITUR

— E sabe o que mais? Acho que foi muito injusto você ter dado aquele teste — reclamou Laura.

— Que teste?

— O teste que você deu? Ontem? Sobre *Hamlet*? Eu perguntei se ia ter algum teste e você disse que não. Mas aí foi lá e deu o teste.

— Esse é um direito meu.

— Você *mentiu* para mim — diz ela, simulando um tom magoado e ofendido que parece herança de incontáveis telenovelas.

— Eu não menti. Eu mudei de ideia.

— Você não me disse a verdade.

— Você não devia ter matado aula.

Por que será que Larry Broxton o enfurecia tanto? Por que ele sentia aquela autêntica repugnância física sempre que via os dois sentados lado a lado, rindo juntos ou caminhando para casa juntos? Em parte era porque Samuel achava o rapaz um imprestável — seu jeito de se vestir, sua ignorância despreocupada, seu maxilar protuberante, seu completo e intransponível silêncio durante os debates em sala de aula, seu jeito de ficar ali sentado, imóvel, um amontoado de matéria orgânica incapaz da menor contribuição à aula ou ao mundo. Sim, essas coisas lhe davam raiva, e essa raiva era ampliada pela certeza de que Laura deixava o garoto *fazer coisas com ela*. Não só deixava que ele a tocasse, como também se esfregava por livre e espontânea vontade na pele macilenta dele, deixava que seus lábios cascudos roçassem nos dela, deixava-se apalpar por ele, pelas mãos dele, com aquelas unhas esgarçadas de tanto serem roídas e repletas de glóbulos arroxeados e viscosos. Que ela, por livre e espontânea vontade, baixasse os calções enormes de Larry em algum alojamento estudantil repulsivo que

com certeza cheirava a suor, pizza velha, cascas de ferida e urina, que ela permitisse todas essas coisas por vontade própria e não sofresse por causa delas era algo que fazia Samuel sofrer de verdade pela garota.

POST HOC, ERGO PROPTER HOC

— Só porque eu matei a aula não quer dizer que eu deva ser reprovada. Isso é totalmente injusto — diz Laura.

— Não é por isso que você vai ser reprovada.

— Tipo, foi só uma aula? Você também não precisa ficar, tipo, todo melodramático por causa disso?

O que fazia Samuel sofrer ainda mais era a ideia de que a aproximação entre Laura e Larry havia sido motivada, muito provavelmente, por uma antipatia mútua contra ele. A ideia de que ele, Samuel, fosse uma espécie de cimento entre os dois. Que ambos o achassem chato e tedioso, e que isso fosse assunto suficiente para muitas conversas casuais, preenchendo os intervalos entre as bolinagens. De certa forma, tudo isso era culpa dele. Samuel se sentia responsável pela catástrofe sexual que estava se desenrolando em sua sala de aula, nos fundos, à esquerda.

FALSO MEIO-TERMO

— Vamos fazer assim — propõe Laura, endireitando a coluna e depois se inclinando na direção dele. — Eu admito que foi errado plagiar o trabalho se você admitir que foi errado dar o teste.

— Tudo bem.

— Então, chegamos a um meio-termo: eu reescrevo o trabalho e você faz uma segunda chamada do teste. Todo mundo fica contente.

— Ela ergue as mãos, com as palmas para cima. — *Voilà*.

— E desde quando isso é um meio-termo?

— Acho que a gente precisa superar essa história de “A Laura colou ou não?” e passar a falar sobre “Como seguir em frente”.

— Não é um meio-termo se você consegue tudo o que quer.

— Mas o senhor também consegue o que quer. Vou assumir a responsabilidade por tudo o que eu fiz.

— Como?

— Dizendo isso. Dizendo que — e nesse momento ela mexe os dedos no ar, abrindo e fechando aspas — *eu assumo a responsabilidade por tudo o que fiz.*

— Assumir a responsabilidade pelos seus atos significa aceitar as consequências deles.

— O senhor quer dizer: ser reprovada.

— Sim, é isso que eu quero dizer: ser reprovada.

— Isso não é justo! Não é justo eu ser reprovada *além de* assumir a responsabilidade pelos meus atos! Deveria ser uma coisa ou outra. É assim que as coisas funcionam. E sabe o que mais?

FALÁCIA DO TEMA IRRELEVANTE

— Eu nem *preciso* dessa matéria. Eu nem deveria estar fazendo essa matéria. Quando é que eu vou precisar disso na vida real? Quando é que alguém vai me perguntar se eu conheço *Hamlet*? Em que momento isso vai ser uma informação essencial na minha vida? Você pode me responder? Hein? Me diga, quando é que eu vou precisar saber disso?

— Isso não é relevante.

— Não, isso é muito relevante. É, tipo, a coisa *mais* relevante de todos os tempos. Porque você não tem resposta. Não sabe responder quando e como eu vou precisar desse tipo de informação. Quer saber por quê? Porque a resposta é: eu *nunca* vou precisar dessas coisas.

Samuel sabe que isso provavelmente é verdade. Pedir que os alunos analisem *Hamlet* com enfoque em falácias lógicas parece mesmo algo idiota. Acontece que, algum tempo atrás, subiu ao

poder certo reitor obcecado com a ideia de ensinar matemática e ciências exatas *em todas as aulas* (a razão é que precisamos direcionar nossos alunos a essas disciplinas para conseguirmos competir de modo efetivo com os chineses, ou algo assim), e desde então Samuel é obrigado a comprovar, nos relatórios anuais, que vem estimulando o estudo da matemática em suas aulas de literatura. Ensinar lógica é um passo nessa direção, passo que ele agora deseja que tivesse realizado com mais competência, já que, de acordo com seus cálculos internos, Laura usou mais ou menos dez falácias lógicas nessa conversa, por enquanto.

— Olha, eu não obriguei você a cursar essa disciplina — explica ele. — Ninguém a obrigou.

— Me obrigaram, sim! Todos vocês estão me obrigando a ler aquela porcaria do *Hamlet*, que eu nunca vou precisar em toda a minha vida!

— Você pode trancar a disciplina quando quiser.

— Não posso, não!

— Por que não?

ARGUMENTUM VERBOSIUM

— Eu não posso ser reprovada nessa matéria porque preciso dos créditos de humanas e da liberação desse espaço no próximo semestre para poder fazer estatística e microinformática em preparação ao estágio do outro semestre e me formar em três anos e meio porque o orçamento dos meus pais para a faculdade não vai cobrir quatro anos inteiros, pois a quantidade enorme de dinheiro que tinham um tempo atrás foi quase toda gasta pagando o advogado no processo de divórcio e eles me explicaram que “todo mundo na família vai ter que fazer sacrifícios nesta hora difícil” para me fazer pegar um empréstimo para cobrir o último semestre ou me fazer ralar de tanto estudo para terminar o curso mais cedo, e esse plano inteiro vai pelo ralo se eu tiver que repetir essa disciplina. E a minha mãe já estava meio sem grana depois do divórcio e agora

ainda por cima eles acharam, tipo, um tumor? No útero dela? E, tipo, semana que vem ela vai fazer uma cirurgia? E eu tenho que ir para casa uma vez por semana para, abre aspas, *ficar ao lado dela*, fecha aspas, embora a gente não faça nada além de ficar jogando cartas com as chatas das amigas dela. E a minha avó que ficou sozinha depois que o vovô morreu anda sempre confusa sobre a hora de tomar cada remédio e precisa que eu tome conta dela e encha a caixinha com os remédios para cada dia da semana certinho porque senão ela pode entrar em coma ou algo assim, e eu não sei quem vai cuidar da vovó durante os três dias em que eu for prestar serviço comunitário na próxima semana, o que é muito ridículo porque só eu fui presa por embriaguez em público naquela festa em que todo mundo estava tão bêbado quanto eu, e só fui saber no dia seguinte pelo policial que me prendeu que foi por eu estar no meio da rua gritando "Eu tô muito bêbada!", mas eu não me lembro de ter feito nada disso. O pior é que minha colega de quarto é uma porca relaxada que não para de roubar minha Pepsi Diet sem sequer se dignar a me pagar ou dizer um obrigada quando deixa a geladeira com uma Pepsi Diet a menos e que vive largando as coisas dela por todos os lados enquanto tenta me dar conselhos sobre alimentação saudável porque se acha uma espécie de gênio das dietas por ter pesado 160 quilos e estar com uns 115 quilos hoje e agora não para de dizer *Você alguma vez já perdeu 45 quilos?* mesmo que eu responda alguma coisa como *Eu nunca precisei perder 45 quilos*, mas ela continua falando e falando e falando e enchendo o saco sobre a incrível perda de peso dela e como ela mudou de vida desde que começou com essa jornada de emagrecimento isso e jornada de emagrecimento aquilo e o blá-blá-blá sobre um calendário gigante para controlar a perda de peso que ela pendurou na parede e que não me deixa pendurar meus pôsteres, mas também não posso reclamar porque ela acha que eu deveria ser parte do grupo de apoio dela? Aí sou obrigada a perguntar todos os dias quantas calorias ela queimou com os respectivos parabéns quando ela atinge a meta e sou proibida de comprar aquilo que ela chama de *comida destrutiva* porque ter esse tipo de comida em casa seria uma tentação, então eu baixo a cabeça e nunca compro Doritos nem

biscoitos recheados ou aqueles bolinhos de baunilha da Zebra Cakes mesmo sem saber por que tenho que pagar o pato por um problema que na verdade é só dela pois eu *amo* comer tudo isso, mas quero ser uma colega de quarto legal e a única coisa que eu me permito, aliás, o único prazer *da minha vida*, é a minha Pepsi Diet, que ela nem deveria beber, pois ela mesma disse que os refrigerantes eram uma das muletas alimentares dela antes de começar a tal jornada do emagrecimento, aí eu digo que a Pepsi Diet tem tipo duas calorias, então tudo bem. Ah, aliás, meu pai foi esfaqueado semana passada em uma daquelas festas em que a pista de dança fica cheia de espuma. Ele até está se recuperando bem, mas mesmo assim é difícil me concentrar nos estudos agora porque *meu pai foi esfaqueado* e sabe-se lá o que diabo ele estava fazendo em uma festa de espuma, e essa questão ele se recusa completamente a responder e me ignora como se eu fosse a minha mãe quando eu começo a perguntar alguma coisa sobre o assunto. E o meu namorado foi fazer faculdade em Ohio e fica o tempo todo pedindo para eu mandar fotos pelada porque ele diz que isso o ajuda a ignorar a cambada de mulheres bonitas que tem lá e isso me deixa com medo de não mandar as fotos porque ele pode acabar indo para a cama com alguma vagabunda de Ohio e a culpa vai ser minha, então eu tiro as fotos e eu sei que ele gosta de mulheres depiladas e por mim tudo bem fazer isso para ele, mas aí minha pele fica cheia de bolinhas vermelhas muito feias que coçam o tempo inteiro, e uma delas acabou virando uma infecção, e agora imagina só ter que ir à enfermaria da faculdade e explicar para uma enfermeira de noventa e tantos anos que você precisa de uma pomada porque se cortou depilando a virilha. E além de tudo isso agora o pneu da minha bicicleta estourou e uma pia na copa do nosso dormitório está entupida e o cabelo nojento da minha colega está sempre emporcalhando o boxe do chuveiro e grudando no meu sabonete de lavanda e a minha mãe teve que dar o nosso cachorrinho beagle porque ela não tem como lidar com esse nível de responsabilidade agora e a nossa geladeira está cheia de uns cubos de presunto dietético que já têm tipo umas três semanas de idade e

estão começando a feder e a minha melhor amiga fez um aborto e a minha internet está com problemas.

APELO À EMOÇÃO

Desnecessário dizer que agora Laura Pottsdam está chorando.

FALSO DILEMA

— Eu vou ter que largar a faculdade! — uiva Laura, com as palavras saindo todas juntas num gemido monocórdio. — Se a minha nota for F eu vou perder a bolsa e não vou poder pagar a mensalidade e vou ter que trancar o curso!

O problema agora é o seguinte: sempre que vê uma pessoa chorando, Samuel também precisa chorar. Isso acontece desde que ele se entende por gente. Ele é como um bebê num berçário chorando por simples companheirismo aos outros bebês. Ele considera chorar na frente dos outros algo tão vulnerável e comprometedor que acaba se sentindo envergonhado e constrangido pela pessoa que está chorando, e isso desperta seus próprios sentimentos de vergonha e constrangimento, todas as camadas sobrepostas de baixa autoestima que foram se acumulando durante sua infância de bebê chorão. Todas as sessões com os pedagogos da escola, todas as insatisfações infantis, tudo se combina e vem à tona quando Samuel vê alguém chorando. É como se o seu corpo inteiro se transformasse em uma ferida aberta tão grande que até a brisa mais suave pudesse fazer doer.

O choro de Laura é incontido. Ela não tenta resistir ao choro: pelo contrário, parece entregar-se a ele com uma espécie de devoção. É uma erupção desenfreada pelos olhos e pelo nariz acompanhada pelos típicos arquejos e soluços e fungadas e contrações faciais que distorcem bochechas e lábios numa careta grotesca. Seus olhos estão vermelhos, suas bochechas estão lustrosas e há uma pequena

massa de catarro que rastejou horrivelmente para fora da narina esquerda. Com os ombros encurvados e a cabeça baixa, ela olha para o chão. Samuel sente que, em mais ou menos dez segundos, estará fazendo a mesma coisa. Não aguenta ver uma pessoa chorando. Por isso, casamentos de colegas de trabalho ou parentes distantes são um desastre: ele costuma chorar de forma totalmente desproporcional ao grau de intimidade com os noivos. O risco é o mesmo quando ele assiste a filmes tristes no cinema, pois, mesmo que não consiga ver as pessoas chorando, pode escutar os soluços, fungadas e suspiros e, a partir disso, acessar seu vasto arquivo pessoal de episódios chorosos e inferir cada tipo específico de choro, para, em seguida “experimentar o modelo” por si mesmo, um problema ainda mais grave caso esteja em um encontro romântico, porque nesse caso ele fica hipersensível ao teor emocional da garota e angustiado ante a perspectiva de que, em breve, ela possa render-se ao conforto momentâneo das lágrimas para em seguida descobri-lo chorando dez vezes mais forte do que ela.

— E eu vou ter que devolver todo o valor da minha bolsa! — Laura solta um grito abafado. — Se eu for reprovada, vou ter que devolver todo o dinheiro e minha família vai à falência e nós vamos para o olho da rua sem ter o que comer!

Samuel acha que isso é mentira porque as bolsas não funcionam desse jeito, mas não pode abrir a boca porque está tentando sufocar as próprias lágrimas. E agora está engolindo o choro, que comprime seu pomo de adão, e todos os devastadores acessos de choradeira de sua infância começam a vir à tona: as festas de aniversário que ele arruinou, os jantares de família interrompidos pela metade, o rosto perplexo dos colegas que o fitavam enquanto ele saía correndo da sala de aula, os suspiros exasperados de professores e diretores e, principalmente, de sua mãe — ah, como sua mãe queria que ele parasse de chorar, naquelas tantas vezes em que ficou ao seu lado tentando acalmá-lo, acariciando seus ombros e dizendo “Pronto, pronto” em seu tom de voz mais delicado, sem compreender que precisamente essa atenção ao choro e esse reconhecimento do choro faziam com que ele chorasse ainda mais. E agora ele sente a coisa subindo por sua laringe e prende a respiração e repete

mentalmente “Está tudo sob controle, está tudo sob controle”, e essa estratégia é relativamente bem-sucedida, até que seus pulmões começam a arder por falta de oxigênio e é como se seus olhos fossem azeitonas espremidas, e agora as únicas opções são desatar num soluçar descontrolado aqui mesmo na frente de Laura Pottsdam — algo inconcebivelmente horrível e embaraçoso e comprometedor — ou recorrer ao truque do riso, que lhe foi ensinado por um orientador pedagógico no início do ensino médio, o qual dizia que “O oposto do choro é o riso; então, quando sentir vontade de chorar, tente rir, e as duas coisas vão se anular”, uma técnica que, na época, lhe parecera muito idiota, mas que depois se mostrou estranhamente eficaz em situações de emergência. E ele sabe que, agora, essa é a única maneira de evitar o advento de um berreiro catastrófico. Ele não faz uma pausa para pensar no que significaria uma risada neste momento, simplesmente pensa que qualquer coisa seria um milhão de vezes preferível a cair no choro, e então, quando a pobre Laura — toda encurvada e trêmula e vulnerável e devastada — balbucia, em meio a gorgolejos viscosos, “Não vou poder voltar à faculdade ano que vem e não vou ter dinheiro nem um lugar para morar e não sei o que vou fazer da vida”, a réplica de Samuel é:

— Ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-haaaaa!

AD HOMINEM

Talvez isso tenha sido um erro de cálculo.

Em um instante, ele vê o efeito de seu riso se espalhar pelo rosto de Laura, primeiro com uma reverberação de surpresa e perplexidade, mas logo endurecendo em um trejeito de raiva e talvez asco. Agora ele percebe que o jeito como riu — agressivo e insincero, como o gênio do mal em um filme de ação — foi cruel. A postura de Laura se tornou rígida, alerta, empertigada; sua expressão é fria; todos os traços do choro se apagaram. Impossível descrever a rapidez com que isso aconteceu. Samuel se lembra de

uma frase que leu em uma embalagem de legumes no supermercado: *congelamento instantâneo*.

— Por que você fez isso? — pergunta ela, e sua voz agora está anormalmente calma e equilibrada.

É uma serenidade lúgubre, parecendo esconder algo iminente e ameaçador logo abaixo da superfície, como o rosto de um capanga da máfia.

— Me desculpe. Foi sem querer.

Por um momento dolorosamente longo, ela perscruta o rosto dele. A massa de catarro em seu nariz desapareceu. A transformação é realmente extraordinária: todas as evidências físicas do choro se esvaneceram sem deixar rastro. Até suas bochechas estão secas.

— Você *riu* de mim — diz ela.

— Sim. Sim, eu ri.

— Por que você riu de mim?

— Me desculpe — diz ele. — Foi errado. Eu não deveria ter feito isso.

— Por que você me odeia tanto?

— Eu não odeio você, Laura. Não odeio mesmo.

— Por que todo mundo me odeia? O que foi que eu fiz?

— Nada. Não tem nada de errado em você. Não é sua culpa. Todo mundo gosta de você.

— Não, não gosta.

— Você é uma pessoa muito legal. Todo mundo gosta de você. Eu gosto de você.

— Você? Você gosta de mim?

— Sim. Muito. Eu gosto muito de você.

— Jura?

— Claro que juro. Sinto muito.

A boa notícia é que Samuel já não está à beira do choro. Seu corpo relaxa e ele dá um sorrisinho fraco para Laura e se sente alegre e confortável ao ver que a situação se pacificou, que agora os dois se encontram em um patamar emocionalmente neutro e sóbrio, e tem a curiosa sensação de que ambos acabam de sobreviver juntos a algo muito traiçoeiro e são como veteranos de guerra ou vizinhos de assento em um avião que acabou de passar por uma

terrível turbulência. Esse é o tipo de camaradagem que agora ele sente por Laura, então sorri para ela e inclina a cabeça e talvez pisque um olho. Sim, ele se sente tão à vontade que chega mesmo a dar uma piscadela.

— Ah — diz Laura. — Ah, entendi. — E ela cruza as pernas e se reclina na poltrona de couro. — Você é a fim de mim.

— O quê?

— Eu deveria ter notado. Claro.

— Não. Acho que você entendeu errado...

— Tudo bem. Não é a primeira vez que um professor se apaixona por mim. Eu até acho fofo.

— Não, não é isso, você entendeu errado.

— Você gosta muito de mim. É o que acabou de dizer.

— Sim, mas não gosto desse jeito. Não é o que eu quis dizer.

— Eu sei o que vai falar agora. Ou eu vou para a cama com você, ou eu vou ser reprovada. Certo?

— *Totalmente* errado — responde ele.

— Esse era o plano desde o início. Todo esse teatrinho foi só para me comer.

— Não! — diz ele, e a acusação é uma pontada em sua consciência, como naquelas situações em que, só por ser acusado de alguma coisa, você se sente um pouco culpado, ainda que seja inocente.

Ele se levanta, atravessa a sala, abre a porta e diz:

— É melhor ir embora. Nossa conversa acabou.

FALÁCIA DO ESPANTALHO

— Você sabe que não pode me reprovar — diz Laura, sem fazer a mínima menção de se levantar para sair. — Você não pode me reprovar porque isso é contra a lei.

— Esta reunião acabou.

— Você não pode me reprovar porque eu tenho uma deficiência de aprendizagem.

- Você não tem deficiência de aprendizagem.
- Tenho, sim. Tenho dificuldade em prestar atenção nas coisas, não consigo cumprir prazos, tenho problemas de leitura e, ainda por cima, não consigo fazer amigos.
- Nada disso é verdade.
- É verdade, sim. Você pode checar. Tenho provas.
- Como se chama o seu transtorno de aprendizagem?
- Ainda não deram um nome.
- Muito conveniente.
- Pela Lei dos Americanos Portadores de Deficiências, você é obrigado a dar auxílio especial a todos os alunos com deficiências de aprendizagem comprovadas.
- Você não tem problemas em fazer amigos, Laura.
- Tenho, sim. Não tenho nenhum amigo.
- Vejo você cercada de amigos o tempo todo.
- Mas eles não duram.

Samuel precisa admitir que isso é verdade. Agora ele está tentando pensar em alguma coisa pérfida para falar a ela. Algum insulto capaz de contrabalançar, em termos retóricos, a acusação de estar apaixonado por Laura. Se ele a magoar o bastante, se a insultar com a devida intensidade, será inocentado. Se disser algo realmente maldoso, ficará comprovado que não está a fim dela, essa é a lógica.

- A que tipo de auxílio você acha que tem direito? — pergunta.
- Passar na matéria.
- Você acha que a Lei dos Portadores de Deficiências foi escrita para proteger alunos desonestos?
- Me deixe reescrever o trabalho, então.
- Que tipo específico de deficiência você tem?
- Já disse, eles ainda não deram um nome.
- Quem são “eles”?
- Os cientistas.
- E os cientistas não sabem o que você tem.
- Não.
- E quais são os sintomas?
- Ah, são horríveis. Todo dia na minha vida é, tipo, um inferno?

— Especificamente, quais são os sintomas?

— Tudo bem, então, lá vai. Nas aulas, eu não consigo prestar atenção por mais do que, tipo, três minutos, e na maior parte das vezes não consigo seguir *nenhum tipo* de instrução e nunca anoto nada, esqueço o nome das pessoas e às vezes chego ao fim de uma página sem ter a menor ideia do que acabei de ler. Eu sempre me perco quando estou lendo e pulo tipo quatro linhas sem me dar conta, a maioria dos mapas e diagramas não faz o menor sentido pra mim, sou péssima em montar quebra-cabeças e às vezes eu digo exatamente o contrário daquilo que eu estava tentando dizer. Ah, e a minha caligrafia é um lixo, e até hoje não consigo escrever a palavra *alumínio*, e às vezes eu digo para a minha colega de quarto que vou arrumar o meu lado do quarto com certeza, mas na verdade não tenho a menor intenção de arrumar nada, nunca. Quando estou na rua, acho muito difícil saber a que distância as coisas estão. Nunca vou conseguir dizer para que lado fica o norte. Ouço as pessoas falando “mais vale um pássaro na mão do que dois voando” e não tenho a menor ideia do que isso quer dizer. Perdi meu celular umas oito vezes ano passado. Sofri dez acidentes de carro. E quando eu jogo vôlei a bola quase sempre bate na minha cara, mesmo eu tentando evitar.

— Laura — diz Samuel, percebendo que sua hora chegou, à medida que o insulto toma forma, borbulha e vem vindo à tona. — Você não tem nenhuma deficiência de aprendizagem.

— Tenho, sim.

— Não — retruca ele, para em seguida fazer uma pausa dramática. Quando volta a falar, pronuncia as palavras lentamente, com todo o cuidado, para que sejam perfeitamente escutadas e compreendidas: — Você só não é muito inteligente.

ARGUMENTUM AD BACULUM

(OU “APELO A AMEAÇAS”)

— Eu não acredito que você falou isso! — diz Laura, que agora está de pé, com a bolsa na mão, pronta para marchar furiosamente para fora do escritório.

— É a verdade. Você não é muito inteligente e, além disso, não é uma pessoa muito boa.

— Você não pode falar assim comigo!

— Você não tem nenhuma deficiência de aprendizagem.

— Eu posso colocar você no olho da rua!

— Você tinha que saber disso. Alguém precisava lhe dizer.

— Você é um grosso!

E agora Samuel percebe que os outros professores escutaram a gritaria. Ao longo do corredor, portas se abrem, cabeças irrompem. Há três alunos sentados em meio a mochilas no chão, que talvez estivessem fazendo algum trabalho de grupo, mas que agora olham para ele. Sua fobia a situações vergonhosas começa a disparar e a valentia que ele exibia há alguns segundos desaparece. Quando ele volta a falar, sua voz está uns trinta decibéis mais baixa e soa um tanto retraída.

— Acho que é melhor você ir embora — diz.

ARGUMENTUM AD CRUMENAM

(OU "APELO À RIQUEZA")

Laura sai pisando forte, para no corredor, dá meia-volta e grita na cara dele:

— Eu pago mensalidade aqui! Eu pago caro! Eu pago o seu salário e você não pode me tratar assim! Meu pai põe muita grana aqui dentro! Mais do que você ganha em um ano! Ele é advogado e vai processar você! Agora você levou isso para outro nível! *Eu vou acabar com a sua vida!*

E, com isso, dá outra meia-volta, sai batendo pé, dobra em uma quina do corredor e desaparece.

Samuel fecha a porta. Senta. Olha a planta no peitoril da janela — uma pequena e simpática gardênia que, no momento, parece um

pouco murcha. Pega o borrifador e esguicha alguns jatos na planta; os esguichos fazem um barulhinho parecido ao grasnar de um filhote de pato.

No que ele está pensando? Está pensando que as possibilidades de cair no choro agora são altas. E que Laura Pottsdam provavelmente vai conseguir que ele seja demitido, como prometeu. E que ainda há um cheiro pairando no escritório. E que ele desperdiçou a própria vida. E, ah, como ele odeia aquela expressão, *levar para outro nível*.

5

— ALÔ?

— Alô! Eu poderia, por favor, falar com o senhor Andresen-Anderson, por favor?

— Sou eu.

— Professor Andresen-Anderson, é um prazer falar com o senhor. Aqui é Simon Rogers...

— Na verdade, eu só uso o sobrenome Anderson.

— Perdão?

— Samuel Anderson. Só isso. Aquele hífen no meio do nome só servia para atrapalhar.

— Claro, senhor.

— Com quem eu falo?

— Como eu ia dizendo, senhor, aqui é Simon Rogers, do escritório de advocacia Rogers & Rogers. Nossa sede fica em Washington, D.C. Talvez tenha ouvido falar de nós, não? Somos especializados em crimes de grande repercussão com motivações políticas. Estou telefonando em nome de sua mãe.

— O quê?

— Crimes de grande repercussão, geralmente de natureza esquerdista e ligados a alguma causa nobre, o senhor sabe como é. Quer dizer, o senhor já ouviu falar daquele pessoal que se acorrentou a árvores em um parque? Eram nossos clientes. Ou aqueles ativistas que bloquearam navios baleeiros e apareceram na TV a cabo... isso também está em nossa zona de ação. Ou certa pessoa que se envolveu em uma rusga com certo político republicano e acabou sendo vista por milhões de pessoas na internet, se o senhor entende o que quero dizer. Defendemos ativistas políticos, desde que a cobertura da mídia seja ampla o bastante, é claro.

— Você disse alguma coisa sobre minha mãe?

— Sim, sua mãe, senhor. Estou defendendo sua mãe na ação movida pelo Estado contra ela, senhor; peguei o caso da Defensoria Pública de Chicago.

— Ação movida pelo Estado?

— Vou representá-la tanto no tribunal quanto na imprensa, pelo menos até os fundos se esgotarem, algo que talvez precisemos discutir no futuro, mas não agora, senhor, pois seria um tanto grosseiro começar nossa relação falando de dinheiro.

— Não estou entendendo. Que fundos? Por que ela está aparecendo na imprensa? Ela pediu para você me telefonar?

— Qual dessas perguntas o senhor deseja que eu responda primeiro, senhor?

— O que está acontecendo?

— Bem, senhor, como sabe, sua mãe foi acusada de agressão e lesão corporal. E pelas evidências contra ela, que, bem, sejamos francos, são esmagadoras, é provável que ela se declare culpada e tente fechar um acordo.

— Minha mãe agrediu alguém?

— Ah, bom, muito bem, vamos retroceder um pouco. Achei que o senhor já estivesse a par da situação.

— Qual situação?

— A situação de sua mãe.

— Como eu ia saber o que andou acontecendo com a minha mãe?

— Está nos noticiários.

— Não assisto aos noticiários.

— Já apareceu nos noticiários locais, na TV a cabo, nos noticiários nacionais, nos jornais impressos, nas agências de notícias e também em muitos programas de humor e de entrevistas.

— Puta que pariu.

— E isso sem mencionar a internet, senhor. O ataque foi constantemente mencionado nos sites. O senhor não acompanha nenhum desses meios de comunicação?

— Quando foi isso?

— Anteontem. Pode-se dizer que sua mãe viralizou, senhor. Virou meme.

— Quem ela atacou?

— Sheldon Packer, senhor. O governador de Wyoming, Sheldon Packer. Ela o atacou com pedras. Muitas pedras, senhor. Atirou pedras nele.

— Isso é uma piada.

— Eu provavelmente não vou usar a palavra pedra durante o processo. É mais provável que eu fale em pedrinhas, ou seixos, ou, agora que parei para pensar no assunto, *cascalho*.

— Você está mentindo. Com quem estou falando?

— Como eu disse, sou Simon Rogers, da Rogers & Rogers, senhor, e sua mãe vai a julgamento.

— Por atacar um candidato à presidência.

— Tecnicamente, ele ainda não é candidato, mas o senhor está começando a pegar o espírito da coisa. A história apareceu literalmente em todos os noticiários, em todos os canais, dia e noite, sem parar. O senhor não ouviu nada a respeito?

— Ando ocupado.

— O senhor ministra uma disciplina, Introdução à Literatura. É uma hora de aula, duas vezes por semana. Espero que não me ache intrometido ou intrusivo por ter checado essas informações, mas elas estão bem à vista no site da faculdade.

— Entendo.

— Porque, veja bem, o que estou me perguntando é o seguinte, senhor: o que esteve fazendo nas outras, digamos, aproximadamente quarenta horas desde que a notícia começou a circular?

— Eu estava no computador.

— E esse computador, eu presumo, está conectado à internet?

— Eu estava escrevendo, é isso. Sou escritor.

— É que, a esta altura, a opinião nacional sobre o assunto é mais ou menos a seguinte: “Será que podemos falar de alguma coisa *além* de Faye Andresen-Anderson, por favor?” Saturação total, é o que quero dizer; logo, acho um tanto surpreendente que o senhor não saiba absolutamente nada sobre um assunto desses, ainda mais envolvendo sua própria mãe.

— Nós não costumamos nos falar.

— A imprensa lhe deu um nome fácil de lembrar: Terror do Governador. Ela ficou bem famosa.

— Tem certeza de que é minha mãe? Isso não parece o tipo de coisa que ela faria.

— O senhor é Samuel Andresen-Anderson? Esse é seu nome completo?

— Sim.

— E sua mãe é Faye Andresen-Anderson, certo?

— Certo.

— E ela mora em Chicago, Illinois?

— Minha mãe não mora em Chicago.

— Onde ela mora?

— Não sei. Faz vinte anos que não falo com ela!

— Então o senhor não sabe seu paradeiro atual, é isso?

— É.

— Então ela poderia estar morando em Chicago, Illinois, e o senhor talvez não soubesse.

— Acho que sim.

— Então é provável que a mulher na cadeia seja mesmo sua mãe, esse é meu ponto. Independentemente do atual endereço dela.

— E ela atacou o governador...

— Nós preferimos usar um termo menos capcioso. Em vez de "atacar", digamos que ela estava exercendo seus direitos constitucionais por meio de projéteis simbólicos de cascalho. Pelas batidas no teclado que estou ouvindo, suponho que o senhor esteja verificando essas informações em algum mecanismo de busca, não é?

— Meu Deus, está por todos os lados!

— De fato, senhor.

— Tem um vídeo?

— Assistido milhões e milhões de vezes. Além disso, foi remixado, editado no Auto-Tune e transformado em uma canção de hip-hop, aliás muito engraçada.

— Não consigo acreditar.

— Mas não recomendo que o senhor ouça a música, pelo menos enquanto a ferida estiver tão recente.

- Estou lendo um editorial que compara minha mãe à Al-Qaeda.
- Sim, senhor. Tenebroso. As coisas que andam dizendo sobre ela. Nos noticiários. Um horror.
- O que mais andam dizendo?
- Talvez seja melhor o senhor ver com seus próprios olhos.
- Por que não me dá um exemplo?
- Os ânimos estão exaltados, senhor. Tensões e paixões estão à flor da pele. Porque tudo está sendo interpretado como um ato de motivação política, é claro.
- E que tipo de coisa andam dizendo?
- Que ela é uma prostituta hippie, radical e terrorista, senhor, para citar um exemplo particularmente sórdido, mas, de forma geral, bastante emblemático.
- Prostituta?
- Hippie, terrorista, radical e, sim, o senhor escutou corretamente, prostituta. Ela está sendo insultada de forma grosseira e indecente, se me permite dizer.
- Por que estão dizendo que ela é prostituta?
- Ela foi presa por prostituição, senhor. Em Chicago.
- Como é?
- Foi presa, mas nunca formalmente acusada, acho importante acrescentar.
- Em Chicago.
- Sim, senhor, em Chicago, em 1968. Alguns anos antes de o senhor nascer, tempo suficiente para que ela melhorasse seus hábitos e encontrasse Deus; é o que provavelmente vou argumentar se o caso for a julgamento. E quando falo em prostituição estou me referindo a *sexo por dinheiro*, naturalmente.
- Muito bem, aí está o problema. Isso é impossível. Ela não estava em Chicago em 1968. Estava em casa, em Iowa.
- Os registros de que dispomos indicam que ela esteve em Chicago pelo período de um mês, senhor. No fim de 1968, quando estava na faculdade.
- Minha mãe não fez faculdade.
- Sua mãe nunca *se formou* na faculdade. Mas ela se matriculou na Universidade de Illinois, Chicago, no segundo semestre de 1968.

— Não. Minha mãe cresceu em Iowa, terminou o ensino médio e continuou lá, esperando meu pai voltar do exército. Durante todo esse tempo, ela não saiu da cidade natal.

— Os registros de que dispomos dão informações diferentes.

— Ela só saiu de Iowa, tipo, nos anos 1980.

— Os registros de que dispomos, senhor, indicam que ela participou ativamente no movimento antiguerra de 1968.

— Olha, isso é realmente impossível. Minha mãe *já* iria a um protesto.

— Eu lhe garanto, senhor, que isso aconteceu. Há uma foto. Há uma evidência fotográfica.

— Pegaram a mulher errada. Houve uma confusão.

— Faye, nome de solteira Andresen, nascida em 1950, em Iowa. O senhor quer que eu leia o número da inscrição dela na Previdência Social?

— Não.

— Porque eu tenho aqui o número dela.

— Não.

— Então as chances são consideráveis, senhor. Ou seja: a menos que surjam novas evidências ou que estejamos diante de uma coincidência mirabolante, é provável que a mulher na cadeia seja sua mãe.

— Ótimo.

— É altamente provável. Noventa e nove por cento de certeza. Está além de qualquer dúvida razoável. Um fato puro e simples, por mais que o senhor não queira acreditar.

— Entendi.

— A mulher na cadeia, doravante referida como “sua mãe”. Não vamos ter essa discussão de novo, certo?

— Certo.

— Como eu ia dizendo, é improvável que sua mãe seja inocentada, pois as evidências contra ela são o que poderíamos chamar de indiscutíveis. O melhor que podemos fazer, senhor, é torcer para um acordo e uma pena leve.

— Ainda não entendi por que você precisa da minha ajuda.

— Como testemunha abonatória. O senhor vai escrever uma carta ao juiz explicando por que sua mãe não merece ir para a prisão.

— Por que o juiz me daria ouvidos?

— É provável que ele não dê, senhor. Especialmente em se tratando *desse* juiz. O juiz Charles Brown, cujo apelido é “Charlie”. Não é uma piada, senhor, esse é realmente o nome dele. O juiz Brown deveria se aposentar mês que vem, mas adiou a aposentadoria para presidir o julgamento de sua mãe. Talvez por ser um caso de grande repercussão. Uma história de impacto nacional. Além disso, o juiz tem um histórico apavorante no que diz respeito à Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos. O Meritíssimo Charlie Brown não tem lá muita paciência com divergências, eu lhe garanto.

— Bom, se ele não vai me dar ouvidos, para que mandar a tal carta? Aliás, por que você se deu ao trabalho de me ligar?

— Porque o senhor tem um título relativamente respeitável e alcançou um nível razoável de renome em sua área, e pretendo vasculhar todas as possibilidades de defesa enquanto o fundo durar. Tenho uma reputação a zelar.

— Que fundo é esse?

— Como o senhor pode imaginar, o governador Sheldon Packer é muito impopular entre certos grupos. Para algumas pessoas, sua mãe é uma espécie de heroína subversiva.

— Por ter atirado pedras.

— “Uma valente guerreira na luta contra o fascismo republicano”, é o que dizia em um dos cheques que descontei. Choveu dinheiro para a defesa da sua mãe. O bastante para cobrir meus honorários durante quatro meses.

— E depois disso?

— Tenho confiança de que chegaremos a um acordo antes que o prazo expire, senhor. Vai nos ajudar?

— Por que eu deveria ajudar? Por que eu deveria ajudar *minha mãe*? Isso é a cara dela.

— Como assim a cara dela, senhor?

— Esse mistério todo que a envolve. Ter ido para faculdade, os protestos, uma passagem pela cadeia... Eu não sabia de nada disso.

É mais um segredo que ela nunca me contou.

— Estou certo de que ela teve suas razões, senhor.

— Não quero me meter nisso.

— Devo dizer que sua mãe precisa desesperadamente de ajuda neste momento.

— Não vou escrever carta nenhuma e não me importo se ela for para a prisão.

— Mas ela é sua mãe. Ela deu à luz o senhor e, sem querer ser indiscreto, lhe deu de mamar.

— Ela me abandonou, a mim e ao meu pai. Foi embora sem dizer nada. No que me diz respeito, ela deixou de ser minha mãe naquele momento.

— Não sobrou nem um vestígio de esperança pelo reencontro? Um anseio profundo por uma figura materna em sua vida, para preencher o vazio?

— Preciso desligar.

— Ela o trouxe ao mundo. Beijou seus machucados quando o senhor era bebê. Fez sanduíches para o senhor. O senhor por acaso não quer ter alguém que sempre lembre o seu aniversário?

— Vou desligar agora. Passar bem.

6

SAMUEL ESTÁ ESCUTANDO O zum-zum das máquinas de cappuccino na cafeteria de um aeroporto quando recebe a primeira mensagem sobre Laura Pottsdam. Foi enviada pela reitora, a especialista em pestes. *Tive uma reunião com uma aluna sua , diz a mensagem. Ela fez algumas acusações estranhas. Você realmente a chamou de burra?* Samuel então dá uma olhada no resto da mensagem e sente o corpo afundar na cadeira. *Francamente, estou chocada com a indecência de sua atitude. A srta. Pottsdam não me parece nada burra. Permiti que ela reescreva o trabalho, com possibilidade de nota máxima. Precisamos discutir esse assunto imediatamente.*

Ele está em uma cafeteria no lado oposto ao portão onde, em cerca de quinze minutos, ao meio-dia, começará o embarque para um voo com destino a Los Angeles. Está aqui para um encontro com seu editor, Guy Periwinkle. Há uma televisão no alto, com o áudio desligado, sintonizada em um noticiário que mostra a mãe de Samuel jogando pedras no governador Packer.

Ele tenta ignorar as imagens. Escuta os diversos sons ao redor: garçons gritando pedidos, a voz do sistema de comunicação anunciando o nível atual de ameaça terrorista e instruindo as pessoas a não se afastarem das bagagens, crianças chorando, espuma e vapor, leite borbulhando. Ao lado da cafeteria há bancos de engraxate — duas cadeiras elevadas como tronos, ao pé das quais um sujeito lustra sapatos alheios. É um homem negro que, no momento, está lendo um livro e usa o uniforme que seu trabalho exige: suspensórios e boina estilo jornaleiro, um conjunto que lembra vagamente as primeiras décadas do século XX. Samuel está esperando Periwinkle se decidir: ele quer engraxar os sapatos, mas está hesitante.

— Eu sou um cara branco extremamente bem-vestido — diz Periwinkle, olhando para o banco do engraxate. — Ele é membro de uma minoria vestindo um figurino antiquado.

— E daí? — pergunta Samuel.

— O conjunto me desagrada. Odeio essa imagem.

Periwinkle encontra-se em Chicago esta tarde, mas já vai para Los Angeles. Seu assistente havia telefonado dizendo que ele queria marcar uma reunião, mas o único tempo que tinha disponível era no aeroporto. Assim, o assistente comprou uma passagem só de ida para Milwaukee e a enviou para Samuel, dizendo que ele podia usar o bilhete se quisesse, mas que o objetivo era apenas fazê-lo passar pela segurança do aeroporto.

Periwinkle olha para o engraxate.

— Sabe qual é o verdadeiro problema? O verdadeiro problema são as câmeras de celular.

— Eu nunca engraxei meus sapatos.

— Pare de usar tênis — diz Periwinkle, sem precisar olhar para os pés de Samuel.

Ou seja, os poucos minutos que passaram juntos no aeroporto foram o bastante para Periwinkle notar e assimilar o fato de que Samuel usa calçados baratos. Além de muitos outros fatos, provavelmente.

Samuel sempre se sente assim quando encontra seu editor: um tanto indecoroso, um tanto desleixado. Periwinkle aparenta quarenta anos, mas, na verdade, tem a mesma idade do pai de Samuel: sessenta e tantos. Ele parece enfrentar a passagem do tempo sendo ainda mais impassível que o próprio tempo. Porta-se de maneira solene, ereta, monárquica — é como se pensasse em si mesmo como um presente de aniversário caríssimo e muito bem embalado. Usa sapatos finos, formais, de estilo italiano, arrebitados na ponta. Sua cintura parece cerca de vinte centímetros mais fina que a de qualquer outro homem adulto no aeroporto. O nó da gravata é compacto e firme como uma amêndoa. O cabelo, levemente grisalho, foi raspado à perfeição, formando uma camada uniforme que parece ter um centímetro de altura. Perto dele, Samuel sempre se sente grande e destrambelhado. Roupas compradas prontas e que não vestem bem, provavelmente de um tamanho maior. O terno de Periwinkle, justo e preciso, esculpe seu corpo em ângulos nítidos

e linhas retas, enquanto a forma de Samuel parece mais com uma bolha.

Periwinkle é como um holofote iluminando todos os defeitos de quem estiver ao seu redor. Ele obriga as pessoas a pensarem conscientemente na imagem que estão passando. Por exemplo: o típico pedido de Samuel em uma cafeteria é um cappuccino. Com Periwinkle, pediu chá verde. Porque pedir um cappuccino parecia algo clichê, enquanto o chá verde talvez valesse mais pontos de aprovação na escala Periwinkle.

Periwinkle, por sua vez, pediu um cappuccino.

— Estou indo para Los Angeles — diz ele. — Vou acompanhar a gravação do novo clipe da Molly.

— Molly Miller? — pergunta Samuel. — A cantora?

— É. Ela é minha cliente. Mas enfim... Ela vai gravar um clipe novo. Está com um novo álbum. Vai fazer uma participação especial em um seriado. Também tem um reality show engatilhado. E uma biografia, razão pela qual estou indo vê-la. O título provisório é *Os erros que cometi até hoje*.

— Ela não tem, tipo, dezesseis anos?

— Oficialmente, dezessete. Mas na verdade tem 25.

— Sêrio?

— Na vida real. Não conte para ninguém.

— Sobre o que é o livro?

— É complicado. Tem que ser blasé o bastante para manter a imagem dela intacta, mas também não pode ser chato, porque ela deve parecer glamourosa. Tem que ser sofisticado o bastante para as pessoas não saírem dizendo que é um besteiro escrito para garotas de doze anos, mas não pode ser sofisticado demais, porque garotas de doze anos obviamente são o público-alvo. E, claro, toda biografia de celebridade precisa trazer uma grande confissão.

— É mesmo?

— Sim, sem dúvida. Algo que a gente possa contar aos jornais e revistas antes do lançamento para causar burburinho. Algo quente, que atraia a atenção das pessoas. É por isso que estou indo a Los Angeles. Estamos fazendo um *brainstorm*. Ela está gravando o novo

clipe. Vai ser lançado daqui a alguns dias. Uma musiquinha de merda, completamente idiota. Ouve só o refrão: “Vem com tudo!”

— É meio chiclete. Vocês já escolheram a confissão?

— Sou a favor de algum episódio lésbico, pequeno e inocente. Um período de experimentação no começo do ensino médio. Uma amiga especial, uns beijinhos. Você sabe como é. Nada muito grave, porque não queremos irritar os pais, mas ousado o bastante para render alguns troféus LGBT. Ela já faz sucesso entre as pré-adolescentes, mas imagina se ela consegue conquistar os gays também!

Neste momento, Periwinkle faz um movimento de explosão com as mãos, como se um pequeno objeto ganhasse proporções subitamente grandes.

— *Bum* — diz ele.

Foi Periwinkle quem deu a Samuel sua grande chance: tirou-o completamente do anonimato e o brindou com um exorbitante contrato editorial. Na época, Samuel ainda era universitário e Periwinkle estava visitando faculdades em todo o país em busca de autores para um novo selo voltado à publicação de jovens prodígios. Recrutou Samuel após ler apenas um conto. Em seguida conseguiu publicar aquele conto em uma revista importante. Depois ofereceu um contrato que lhe rendeu uma quantia exorbitante de dinheiro. Tudo o que Samuel precisava fazer era escrever o livro.

O que, é claro, ele nunca fez. Tudo isso foi há uma década. Esta é a primeira vez que Samuel conversa com seu editor em anos.

— Então, como anda o mercado editorial? — pergunta Samuel.

— O mercado editorial. Ah. Isso é engraçado. Na verdade, eu não estou mais no mercado de livros. Não no sentido tradicional.

Ele pega um cartão de visita de sua pasta. *Guy Periwinkle: Promotor de Interesse*, sem logotipo, sem informações para contato.

— Agora estou no setor de produção — diz Periwinkle. — Eu fabrico coisas.

— Mas não livros.

— Livros. Claro. Mas, acima de tudo, fabrico interesse. Atenção. Encantamento. Um livro é apenas um embrulho, um recipiente. É o que acabei percebendo. O erro das pessoas do mercado editorial é

achar que a função delas é criar bons recipientes. Um editor dizer que trabalha no mercado de livros é como um fabricante de vinho falar que está no mercado de garrafas. O que fabricamos mesmo é *interesse*. Um livro é simplesmente uma das formas que o interesse pode assumir quando o promovemos e potencializamos.

Na tela, o vídeo do ataque ao governador Packer continua rodando e chegou ao momento em que os seguranças correm em direção à mãe de Samuel, prestes a derrubá-la. Samuel olha para o outro lado.

— Meu negócio está mais para a sinergia multimodal multiplataforma — diz Periwinkle. — Minha empresa foi engolida anos atrás por uma editora maior, que por sua vez foi engolida por outra ainda maior, e assim por diante, tipo aqueles adesivos de para-choque em que um peixe vai devorando o outro. Agora somos propriedade de um conglomerado multinacional com participação em editoras de livros comerciais, TV a cabo, programas de rádio, gravadoras, distribuição digital, produção de filmes, consultoria política, gestão de imagem, publicidade, propaganda, revistas, gráficas e direitos autorais. E transporte de cargas, eu acho. Sim, acho que tem uma transportadora lá no meio.

— Parece complicado.

— Pense em mim como o epicentro sereno do tornado que é toda a nossa operação de mídia.

Periwinkle olha para a televisão mais acima e assiste ao vídeo do ataque a Packer, repetido pela enésima vez. Em uma pequena janela no lado esquerdo da tela, o âncora conservador do programa está dizendo alguma coisa, sabe-se lá o quê.

— Ei! — grita Periwinkle para o barista. — Pode aumentar o som?

Segundos depois, o áudio da TV é religado. O âncora está especulando se o ataque a Packer é um incidente isolado ou um sinal de eventos futuros.

— Ah, sem dúvida um sinal de eventos futuros — afirma um dos convidados. — É isso que os liberais fazem quando estão acuados. Atacam.

— É mais ou menos como, digamos, a Alemanha na década de 1930 — diz outro convidado. — Sabe como é: primeiro eles atacam

os patriotas, e quem fica quieto é cúmplice.

— Exato! — diz o âncora. — Se não falarmos abertamente, em breve não vai sobrar mais ninguém e logo virão atrás de *nós*. Temos que acabar com isso agora mesmo.

Cabeças assentem ao seu redor. Entra o comercial.

— Rapaz — diz Periwinkle, balançando a cabeça e sorrindo. — A mulher que andam chamando de O Terror do Governador. Está aí uma pessoa que eu gostaria de conhecer melhor. Essa é uma história que eu adoraria contar.

Samuel beberica o chá sem dizer nada. O saquinho ficou tempo demais dentro da água, deixando um gosto amargo.

Periwinkle checa o relógio e dá uma olhada no portão, ao redor do qual algumas pessoas começam a perambular. Ainda não estão formando a fila, mas parecem preparadas para fazê-lo assim que uma fila aparecer.

— Como vai o trabalho? — pergunta Periwinkle. — Você continua dando aula?

— Por enquanto.

— Naquele... lugar?

— Sim, na mesma faculdade.

— Quanto ganha por ano, uns trinta mil? Eu queria lhe dar um conselho. Posso?

— Claro.

— Saia do país, cara.

— Hã?

— É sério. Vá para o terceiro mundo, encontre um lugarzinho legal em algum país em desenvolvimento e ganhe rios de dinheiro.

— Tem como fazer isso?

— Claro. É o que o meu irmão fez. Agora ele dá aula de matemática e é professor de educação física em uma escola de ensino médio em Jacarta. Antes disso, estava em Hong Kong. E, antes disso, em Abu Dhabi. Escolas particulares. Quase todos os alunos são filhos de gente do governo ou de empresários ricos. Ele ganha duzentos mil por ano, mais moradia, mais um carro, mais um motorista. Por acaso lhe dão um carro e um chofer nesse lugar em que você trabalha?

— Não.

— Acredite, qualquer pessoa com uma formação mediana que fica nos Estados Unidos para trabalhar como professor só pode estar sofrendo de algum tipo de psicose. Na China, na Indonésia, nas Filipinas, no Oriente Médio, tudo o que as pessoas querem é contratar alguém como você. Basta escolher. Nos Estados Unidos, você ganha mal, trabalha demais, é insultado pelos políticos e desprezado pelos alunos. Lá, você seria um verdadeiro herói. Esse é meu conselho para você.

— Obrigado.

— E é melhor seguir meu conselho rápido. Porque tenho más notícias, companheiro.

— Más notícias...

Um longo suspiro e um franzir de sobrancelhas caricatural enquanto Periwinkle assente com a cabeça.

— Sinto muito, mas vamos ter que cancelar seu contrato. É o que vim lhe dizer. Você se comprometeu a escrever um livro.

— E estou trabalhando nele.

— Nós pagamos um adiantamento considerável, mas você não entregou o tal livro.

— Eu estou numa sinuca de bico. Um pequeno bloqueio criativo. Mas a ideia está vindo.

— Vamos evocar a cláusula do contrato sobre a não entrega do manuscrito, por meio da qual a editora pode exigir reembolso de qualquer adiantamento pago, caso o produto em questão nunca seja entregue. Em outras palavras, você vai ter que nos devolver todo o dinheiro. Achei melhor dizer isso pessoalmente.

— Pessoalmente. Em uma cafeteria. No aeroporto.

— Caso não possa nos devolver o dinheiro, vamos ter que processá-lo, é claro. Semana que vem, minha empresa vai enviar os documentos necessários à Suprema Corte do Estado de Nova York.

— Mas o livro está progredindo. Voltei a escrever.

— Que ótimo para você! Mas nós renunciamos a quaisquer direitos relacionados ao supracitado livro, de modo que pode fazer o que quiser com ele. E lhe desejamos boa sorte em sua empreitada.

— Quanto dinheiro vou ter que pagar?

— Todo o adiantamento, mais os juros, mais as despesas processuais. O lado bom é que não vamos perder dinheiro com você, algo que não podemos dizer sobre outros investimentos recentes. Então não precisa se sentir culpado. Você ainda tem o dinheiro, certo?

— Não. Claro que não. Comprei uma casa.

— E quanto você ainda deve pela casa?

— Trezentos mil.

— E quanto a casa vale agora?

— Tipo, oitenta mil?

— Ah! Isso só acontece nos Estados Unidos, não é?

— Escute. Sinto muito pela demora. Vou terminar o livro logo. Prometo.

— Como posso dizer isto de forma delicada? Na verdade, nós não queremos mais o livro. Aquele contrato foi assinado em um cenário diferente.

— Como assim, diferente?

— Em primeiro lugar, você não é mais famoso. Tínhamos que lançar o livro enquanto o assunto era notícia quente. E você, meu amigo, agora está frio como gelo. Mas o país também mudou. Aquela sua história excêntrica sobre um amor de infância era adequada ao mundo antes do 11 de Setembro, mas agora? Agora a história é meio tediosa, meio incongruente para o mundo atual. E, sem querer ofender, você não é lá uma pessoa muito interessante.

— Obrigado.

— Não me leve a mal. Apenas uma pessoa em um milhão é capaz de sustentar o tipo de interesse no qual sou especializado.

— Não tenho a menor possibilidade de devolver todo aquele dinheiro.

— É fácil resolver isso, cara. Entregue a casa, esconda todos os seus bens, decrete falência, vá embora para Jacarta.

Com um estalido, o sistema de comunicação do aeroporto anuncia: os passageiros da primeira classe com destino a Los Angeles já podem embarcar. Periwinkle alisa o terno.

— Estão me chamando. — Ele bebe o restante do café e se levanta. — Olha, eu queria que as coisas fossem diferentes. Queria

mesmo. Gostaria que não tivéssemos que fazer isso. Se ao menos você tivesse algo para oferecer, algo interessante.

Samuel sabe que ainda lhe resta uma carta na manga, algo importante. É a única coisa que pode oferecer a Periwinkle. Neste momento, é a única coisa interessante sobre si mesmo.

— E se eu lhe dissesse que tenho um novo livro? Um livro diferente — sugere Samuel.

— Aí eu responderia que temos uma segunda acusação contra você em nosso processo. Vamos alegar que, quando o contratamos para escrever um livro, você estava trabalhando secretamente em outra obra para uma editora concorrente.

— Eu ainda não comecei a trabalhar nesse livro. Não escrevi uma única palavra.

— Então como isso pode ser “um livro”?

— Ainda não é um livro. É mais uma ideia bem convincente. Quer ouvir?

— Claro. Pode falar.

— É meio que um livro de confissões de uma celebridade.

— Ok. Quem é a celebridade?

— A mulher que é chamada de O Terror do Governador.

— Ah, certo. Já mandamos alguém sondá-la. Ela não quer falar. É um beco sem saída.

— E se eu lhe dissesse que ela é minha mãe?

7

ENTÃO ESSE É o plano. Eles fecham o acordo no saguão do aeroporto. Samuel vai escrever um livro sobre sua mãe para cumprir o contrato com a editora. Uma biografia, uma denúncia, uma revelação.

— Um relato sórdido de sexo e violência escrito pelo filho que ela abandonou? — diz Periwinkle. — Isso eu com certeza consigo vender.

O livro descreverá o passado sujo de Faye Andresen entre os ativistas da década de 1960, o período que viveu como prostituta, o abandono da família e os anos que viveu escondida, ressurgindo apenas para aterrorizar o governador Packer.

— Precisamos lançar o livro antes das eleições, por questões de marketing, é claro — diz Periwinkle. — E Packer precisa ser descrito como uma espécie de herói americano. Um messias do povo. Tudo bem por você?

— Tudo ótimo.

— Na verdade, essa parte do livro já está pronta.

— Como assim, pronta? — pergunta Samuel.

— A parte sobre Packer. Foi feita por um ghost-writer. Está prontinha. Umas cem páginas.

— Como vocês conseguiram isso?

— Você sabe que muitos obituários são escritos antes que a pessoa em questão morra, certo? O princípio é o mesmo. Há algum tempo estamos trabalhando em uma biografia de Packer, esperando a hora certa. Está no forno. Em outras palavras, metade do seu livro está pronta. A outra metade é sobre sua mãe. Obviamente, ela vai ser a vilã da história. Você entendeu isso, certo?

— Entendi.

— E vai conseguir escrever? Não se importa em descrevê-la desse jeito? Nenhum problema ético ou moral?

— Vou devassar a intimidade dela, em público. Esse é o acordo. Eu entendi.

E não vai ser difícil fazer isso, imagina Samuel, contra a mulher que o abandonou sem dizer adeus, sem um único aviso, que o condenou a atravessar sozinho uma infância sem uma figura materna. É como se duas décadas de rancor e sofrimento houvessem encontrado, pela primeira vez, uma válvula de escape.

Assim, Samuel telefona para o advogado de sua mãe e diz que mudou de ideia. Diz que decidiu escrever uma carta ao juiz para ajudar a defesa e que gostaria de marcar um encontro para coletar informações cruciais. O advogado lhe informa o endereço de sua mãe em Chicago e marca uma reunião para o dia seguinte, e Samuel fica insone, nervoso e hiperativo a noite toda ante a perspectiva de rever a mãe pela primeira vez desde que ela desapareceu, tanto tempo atrás. Isto lhe parece injusto: faz vinte anos desde a última vez que a viu, e agora ele só tem um dia para se preparar.

Quantas vezes ele imaginou isso? Quantas fantasias nutriu para o grande reencontro? E em todas aquelas milhares de vezes, nas milhões de vezes, a mesma coisa acontece: Samuel mostra à mãe como é bem-sucedido e inteligente. Um cara importante, adulto e maduro. Sofisticado e feliz. Ele mostra como sua vida é extraordinária, como a ausência dela foi insignificante. Mostra como não precisa dela.

Nas fantasias de reencontro, sua mãe sempre lhe implora perdão e ele não chora. É assim que acontece, sempre.

Mas como ele faria isso ocorrer? Na vida real? Samuel não tem a menor ideia. Ele pesquisa no Google. Passa a maior parte da noite em fóruns de apoio para filhos abandonados pelos pais, sites cheios de letras maiúsculas, fontes em negrito e GIFs de rostos sorridentes, rostos tristes, ursinhos e anjos. À medida que vai lendo o conteúdo dos fóruns, o que mais o surpreende é que todas as pessoas ali têm, essencialmente, os mesmos problemas: profundos sentimentos de vergonha e constrangimento e culpa perante o abandono; um misto de adoração e raiva pelo pai ou pela mãe que as abandonou; solidão acompanhada de um desejo opressor por isolamento. E assim por diante. É como se olhar em um espelho. Todas as fraquezas secretas dele estão ali, expostas, e Samuel se sente envergonhado com isso. Ao ver outros descrevendo sensações idênticas às que ele próprio

vivencia, Samuel chega à conclusão de que é uma pessoa prosaica, comum, sem nada de extraordinário, em vez do homem impressionante que precisa ser para convencer sua mãe de que não deveria tê-lo abandonado.

São quase três da manhã quando ele percebe que está olhando para o mesmo GIF há cinco minutos, sem parar — um ursinho dando uma espécie de “abraço virtual”, os bracinhos se abrindo e se fechando repetidamente em um ciclo interminável que deveria ser interpretado como sinal de acolhimento, mas que, para Samuel, mais parece um bater de palmas sarcástico, como se o urso estivesse zombando dele.

Samuel desliga o computador e adormece por algumas horas em um sono irregular antes de acordar ao raiar do sol, então toma um banho, bebe quase um bule inteiro de café, entra no carro e parte em direção a Chicago.

Apesar da proximidade, Samuel raramente vai a Chicago hoje em dia, e agora ele lembra por quê: quanto mais chega perto da cidade, mais a estrada parece maligna e beligerante — motoristas selvagens fazendo zigue-zague, colando na traseira, buzinando, piscando faróis, com todos os seus traumas pessoais se tornando evidentes para o público. Samuel se desloca pelo aperto do tráfego, um aglomerado lento e moroso de ódio. Sente aquele tipo de ansiedade leve e constante diante do medo de não conseguir mudar de faixa para entrar no desvio lateral quando a saída que precisa pegar estiver próxima. Tem aquela coisa que acontece quando ele liga a seta e os carros ao seu lado aceleram para eliminar o espaço que ele pretendia ocupar. Não há lugar menos gregário nos Estados Unidos — menos cooperativo, menos fraterno, mais desprovido de qualquer noção de sacrifício partilhado — que uma estrada de Chicago em horário de pico. E a melhor maneira de colocar isso à prova é observando o que acontece quando uma fila de cem carros ocupa a pista da direita, o que de fato ocorre no momento em que Samuel alcança a saída. Basta observar como alguns carros furam a fila e se enfiam em qualquer fresta disponível mais à frente, ignorando os motoristas que aguardavam com paciência e que agora estão enfurecidos porque seu tempo de espera acaba de aumentar,

vivenciando também um tipo de raiva mais intensa e mais profunda porque aquele imbecil não esperou como todos os outros, porque não sofreu como eles estão sofrendo, e ainda, em um âmbito mais profundo, uma raiva terciária contra si mesmos por serem os bundões que respeitam filas.

Por isso eles berram, fazem gestos obscenos e espreitam a centímetros de distância do para-choque à frente. Não deixam nenhuma fresta aberta para furadores de fila. Não abrem espaço para ninguém. Samuel faz a mesma coisa, pois sente que, se deixar um único invasor se enfiar à sua frente, estará traindo todas as pessoas que esperam lá atrás. Então, sempre que a fila se move, ele acelera e fecha completamente o vão entre seu carro e o próximo. E assim eles se esgueiram em direção à saída, até que, lá pelas tantas, enquanto Samuel vasculha o espelho retrovisor em busca de possíveis furões de fila, um espaço repentino se abre à sua frente, e agora ele vê um BMW acelerando lá atrás e tem certeza de que esse desgraçado vai querer se enfiar ali, por isso ele pisa no acelerador com menos prudência do que deveria e dá uma leve pancadinha no carro à frente.

Um táxi. O taxista pula de dentro do carro.

— Filho da puta! Filho da puta! Filho da puta! — berra ele, apontando para Samuel como se quisesse enfatizar que é ele, e mais ninguém, o filho da puta.

— Desculpe! — diz Samuel, levantando as mãos.

Ao atravancar, a fila gera um lamento entre os carros atrás deles, uma rajada de buzinas, de gritos de angústia e indignação. Os furões aproveitam a oportunidade e dão uma guinada, lançando-se no espaço em frente ao táxi parado. O taxista vai até o carro de Samuel, quase gruda o rosto no vidro da janela fechada e diz:

— Vai para a puta que te pariu, seu puto filho de uma puta!

E então manda uma cusparada.

De verdade. Ele se inclina para trás, como que tomando impulso, e então dispara para a frente um bolo amorfo de catarro gosmento que esborracha horrivelmente contra a janela e gruda no vidro sem ao menos escorrer, apenas aterrissa e gruda como um punhado de espaguete em uma parede, um borrifo amarelado, cheio de bolhas e

salpicos de comida mastigada e pavorosos respingos de sangue, como aqueles supostos embriões que às vezes a gente encontra dentro de um ovo cru. E então, satisfeito com sua obra de arte, o taxista volta ao carro e vai embora.

Durante o resto do trajeto até a vizinhança de sua mãe no bairro de South Loop, aquele esguicho de ranho viaja com Samuel como se fosse um carona. É como se ele estivesse dirigindo ao lado de um assassino com o qual não deseja estabelecer contato visual. Enxerga-o com a visão periférica, como uma espécie de penumbra esbranquiçada e irregular, enquanto sai da estrada principal e se enfia em uma rua estreita com sarjetas pontilhadas por copos e sacolas de fast-food; enquanto passa por uma estação de ônibus e um terreno desolado, cheio de ervas daninhas, onde parece que alguém tentou construir um edifício e abandonou a obra logo após assentar os alicerces; enquanto cruza uma ponte que se alonga sobre o grande emaranhado de trilhos que antigamente atendiam a essa área de inúmeros frigoríficos, logo ao sul de Chicago, às vistas daquele que foi um dia o prédio mais alto do mundo, naquele que foi outrora o mais movimentado bairro de abatedouros no planeta; enquanto vai chegando ao endereço de sua mãe que, outrora um armazém, se ergue próximo aos trilhos, com um grande letreiro dizendo *ALUGAM-SE LOFTS*; enquanto não termina todo o trajeto, com ao menos um quarto de sua atenção concentrada na mancha de gosma na janela. Ele se flagra admirando a firmeza do cuspe, como se fosse uma espécie de epóxi para consertar plásticos quebrados. Sente-se comovido pelas proezas que o corpo humano pode realizar. Também sente medo por estar nesse bairro. Não há literalmente *ninguém* na rua.

Ele estaciona e confere de novo o endereço. No portão do prédio há um painel de interfonos. Ao lado de um botão, em uma tira de papel amarelado com letras que desbotaram até se tornarem cor-de-rosa, está escrito o nome de sua mãe: Faye Andresen.

Samuel aperta o botão, que não produz nenhum ruído aparente, fato que, somado à idade da geringonça, às manchas de ferrugem e aos fios que saltam por suas frestas, leva-o a pensar que o negócio talvez esteja quebrado. A forma como o botão resiste por um

momento antes de finalmente ceder à pressão do dedo, soltando um clique estridente, transmite a impressão de que essa campainha talvez não seja apertada há muito, muito tempo.

Percebe, com espanto, que sua mãe esteve aqui durante todos esses anos. O nome dela esteve exposto na tirinha de papel, sob sol e chuva, para quem quisesse vê-lo. Isso parece inaceitável. Para Samuel, após abandoná-lo, ela deveria ter deixado de existir.

A porta se abre com um pesado estalo magnético.

Ele entra. Para além da portaria e do hall de entrada, com suas fileiras de caixas de correio, o interior do prédio parece incompleto. O piso de ladrilhos de repente dá lugar ao contrapiso. Paredes brancas que parecem não ter acabamento. Samuel sobe os três lances de escada. Encontra a porta — madeira crua, sem tinta, sem acabamentos, como se ainda estivesse em uma loja de materiais de construção. Ele não sabe direito o que estava esperando, mas certamente não era esse vazio inexpressivo. Essa porta anônima.

Samuel bate. Escuta uma voz lá de dentro, a voz da mãe:

— Está aberta — diz.

Ele empurra a maçaneta. Do vestíbulo, percebe que o apartamento está inundado de luz do sol. Paredes brancas sem nenhuma decoração. Um cheiro familiar, que ele não consegue identificar.

Samuel hesita. Não consegue se persuadir, assim de repente, a cruzar a porta e reentrar na vida da mãe. Após um tempo, a voz dela volta a soar de algum lugar lá dentro.

— Está tudo bem — diz. — Não tenha medo.

E isso quase o destrói, o som dessas palavras. Em uma torrente de lembranças ele a vê novamente, inclinada sobre a cama no amanhecer turvo; Samuel tem onze anos e sua mãe está prestes a sair para nunca mais voltar.

Aquelas palavras o queimam e o transpassam. Ecoam através das décadas e invocam o menino acanhado que ele foi um dia. *Não tenha medo*. Foi a última coisa que ela disse antes de partir.

| PARTE DOIS |

FANTASMAS DA TERRA ANCESTRAL

Fim do verão, 1988

1

SAMUEL ESTAVA CHORANDO no quarto, bem baixinho, para que a mãe não ouvisse. Era um choro miúdo, um chorinho que flanava na ponta dos pés, roçando a fronteira do choro verdadeiro, talvez com um ou dois gemidos leves acompanhados pelos habituais soluços e espasmos faciais. Era um choro de Categoria 1: um choro pequeno, fácil de esconder, satisfatório, purificador, geralmente limitado a um lacrimejar dos olhos, mas sem as lágrimas escorrerem. O choro de Categoria 2 era mais emotivo, desencadeado por sentimentos de constrangimento, vergonha ou desilusão. Por isso, um choro de Categoria 1 podia ser elevado à Categoria 2 pela simples presença de outra pessoa: ele se sentia envergonhado por estar chorando, por ser um bebê chorão, e esse fato criava um novo tipo de choro — molhado, lamurioso, ranhento —, mas que ainda não chegava à Categoria 3, reservada a um choro a plenos pulmões, com lágrimas maiores, do tamanho de gotas de chuva, surtos catarrentos, arquejos convulsivos e uma necessidade de encontrar um esconderijo com urgência. Um choro de Categoria 4 era uma síncope de soluços e lágrimas, enquanto um de Categoria 5 era simplesmente impensável. O orientador pedagógico da escola o encorajara a pensar em seu próprio choro nesses termos, imitando as categorias de furacões.

Naquele dia, Samuel sentiu que precisava chorar. Disse à mãe que ia para o quarto ler, o que não era algo incomum. Ele passava a maior parte do tempo no quarto, lendo os livros do tipo “escolha o que acontece em seguida” que costumava pegar na biblioteca móvel da escola. Gostava da aparência deles nas estantes, juntos e homogêneos, com lombadas brancas e vermelhas e títulos como *Perdido na Amazônia*, *Jornada a Stonehenge*, *Planeta dos dragões*. Gostava dos capítulos em que a história se bifurcava e, quando se via diante de uma decisão particularmente difícil, costumava marcar a página com o dedão e ler o que vinha em seguida, para ter certeza

de que sua escolha seria aceitável. Esses livros tinham uma clareza e uma simetria que, no geral, lhe pareciam inexistentes no mundo real. Às vezes, ele gostava de imaginar que sua vida era um desses livros e que uma história feliz era apenas questão de fazer as escolhas certas. Isso parecia conferir certa consistência àquele mundo negligente e imprevisível que, na maior parte dos contextos, ele achava aterrorizante.

Então Samuel disse à mãe que ia ler um livro, mas, na verdade, ia praticar um agradável chorinho de Categoria 1. Não sabia ao certo por que estava chorando, só que estar em casa lhe dava vontade de se esconder.

Para ele, nos últimos tempos, a casa tinha ficado insuportável.

O modo como o lugar parecia reter tudo dentro de si — o calor do dia, o cheiro dos corpos. A onda de calor do fim do verão se abatera sobre eles, e tudo em Illinois estava derretendo. Tudo era consumido pelo calor. O ar era uma gosma espessa. As velas se entortavam em seus suportes. Flores não se sustentavam retas nos caules. Tudo definhava. Tudo desfalecia.

Era agosto de 1988. Nos anos seguintes, Samuel pensaria naquele período como o último mês em que tivera mãe. Até o fim de agosto, ela desapareceria. Mas ele ainda não sabia disso. Só sabia que precisava chorar por certas razões abstratas: fazia calor, ele estava preocupado, sua mãe andava esquisita.

Por isso, ele foi para o quarto. Queria chorar principalmente para tirar o assunto da cabeça.

Mas sua mãe o escutou. No silêncio absoluto, ela ouviu o filho chorando no andar de cima. Foi até lá, abriu a porta e perguntou:

— Querido, está tudo bem?

E, imediatamente, o choro ficou mais forte.

Ela sabia que, nesses momentos, não devia fazer qualquer comentário sobre a intensificação da choradeira nem esboçar qualquer reação, pois reconhecer a piora no choro só servia para atiçá-lo ainda mais, em um terrível ciclo de retroalimentação que às vezes — nas ocasiões em que ele seguia chorando e chorando até que ela não aguentava mais e deixava transparecer a irritação — culminava em uma confusão de berreiro e hiperventilação úmida em

forma de criança. Por isso, ela disse, em seu tom de voz mais reconfortante:

— Está com fome? Eu estou. Vamos dar uma volta, eu e você.

E isso pareceu acalmá-lo o bastante para que ele conseguisse mudar de roupa e caminhar até o carro, tendo que lidar apenas com alguns soluços secundários pós-choro. Isto é, até que chegaram à lanchonete e ela viu que os hambúrgueres estavam com uma promoção “Compre dois e leve três” e disse:

— Ótimo. Vou comprar um hambúrguer para você. Você quer um hambúrguer, né?

E Samuel, que durante todo o trajeto havia sonhado com nuggets de frango mergulhados em molho de mostarda, sentiu medo de decepcioná-la se não embarcasse nesse novo plano. Então fez que sim com a cabeça e ficou no carro abafado enquanto a mãe buscava os hambúrgueres e ele tentava se convencer de que queria comer hambúrguer desde o início, mas, quanto mais pensava nisso, mais a ideia de comer um hambúrguer parecia repugnante — o pão velho, os picles azedos e aquelas fatias uniformes de cebolas que pareciam pequenos vermes. Antes mesmo de ela voltar, Samuel já se sentia um pouco enjoado e com vontade de vomitar diante da simples possibilidade de ter que comer um hambúrguer. Na volta para casa, ele estava tentando controlar o choro que quase certamente o dominaria quando sua mãe notou que o nariz dele estava pingando e fungando.

— O que foi, querido? — perguntou ela.

E tudo o que ele conseguiu dizer antes de imergir em um esmagador berreiro de Categoria 3 foi:

— Eu não quero hambúrguer!

Faye não disse nada. Fez o retorno para voltar à lanchonete enquanto Samuel escondia o rosto no tecido quente do banco e continuava chorando.

De volta em casa, comeram em silêncio. Samuel estava sentado junto à mãe na cozinha quente, afundado na cadeira, mastigando os últimos pedaços de seu nugget de frango. As janelas estavam abertas na esperança de uma brisa que não veio. Ventiladores sopravam ar quente de um lado para outro. Samuel e a mãe

olhavam para uma mosca que zunia acima de suas cabeças, traçando círculos perto do teto. Era o único sinal de vida no recinto, aquele inseto. Bateu na parede, depois na tela da janela e então, de súbito, sem qualquer motivo aparente, despencou quando estava logo acima da cabeça deles. Caiu morta no meio do voo e aterrissou na mesa da cozinha, pesada como uma bola de gude.

Samuel e a mãe olharam para o pequeno cadáver preto entre eles e, em seguida, um para o outro. *Isso aconteceu mesmo?* Havia pânico no rosto de Samuel. Ele estava prestes a chorar de novo. Precisava de alguma distração. A mãe tinha que intervir.

— Vamos dar uma caminhada — disse Faye. — Encha o seu carrinho. Pegue nove dos seus brinquedos favoritos.

— O quê? — perguntou ele, com os olhos temerosos e esbugalhados já cheios d'água.

— Confie em mim. Vamos lá.

— Está bem — respondeu ele, e essa manobra diversionista mostrou-se eficaz por uns quinze minutos.

Faye tinha a impressão de que era esse seu principal dever enquanto mãe: criar diversionismos. Quando Samuel mergulhava em direção ao choro, ela conseguia detê-lo. Por que nove brinquedos? Porque Samuel era uma criança meticulosa, organizada e obsessiva que, entre outras coisas, tinha uma caixa de sapato com seus Dez Brinquedos Favoritos embaixo da cama. Em sua maior parte eram bonecos de *Star Wars* ou carrinhos Hot Wheels. Ele analisava a coleção de tempos em tempos, substituindo um item por outro. Mas a caixa sempre ficava lá. A qualquer momento do dia ou da noite, ele seria capaz de afirmar, com exatidão, quais eram seus dez brinquedos prediletos.

Faye mandou que ele escolhesse nove brinquedos porque estava levemente curiosa: qual ele deixaria para trás?

Samuel não questionou o sentido daquela ordem. Por que nove brinquedos? E por que deveriam levá-los para fora de casa? Nada disso: ele recebera uma ordem e iria cumpri-la. Não se importava em seguir regras arbitrárias.

Que ele se permitisse enganar com tanta facilidade era algo que deixava sua mãe triste.

Faye queria muito que ele fosse um pouco mais esperto. Menos fácil de ludibriar. Às vezes desejava que ele retrucasse mais. Queria que ele fosse uma criatura mais belicosa, mais vigorosa. Mas ele não era nada disso. Escutava uma ordem e simplesmente a seguia. Um robzinho burocrático. Às vezes, Faye ficava observando enquanto ele contava seus brinquedos, tentando escolher entre duas versões de um mesmo boneco — um Luke Skywalker com binóculos ou um Luke Skywalker com o sabre de luz? —, e então dizia a si mesma que deveria sentir *orgulho* dele. Orgulho por ele ser um menino tão cuidadoso, tão doce. Mas sua doçura tinha um preço: o excesso de delicadeza. Ele chorava por qualquer coisa. Era ridiculamente frágil. Como a casca de uma uva. Em uma reação instintiva, Faye às vezes era dura demais com ele. Não lhe agradava o modo como ele vivia, com medo de tudo. Não lhe agradava ver os próprios defeitos refletidos e expostos com tamanha nitidez.

— Pronto, mamãe — disse ele.

Faye contou oito brinquedos dentro do carrinho; no fim das contas, ele havia deixado *os dois* Lukes para trás. Escolhera oito brinquedos, não nove. Havia desobedecido aquela única e simples instrução. E agora Faye já não sabia o que queria dele. Sentia-se irritada quando ele a obedecia cegamente, mas agora estava irritada porque ele não a obedecera direito. Isso a atordoava.

— Vamos logo — ordenou ela.

O ar lá fora estava estranhamente parado e pegajoso. Não havia movimento algum, exceto as ondulações de calor sobre os telhados e o asfalto. Percorreram a ampla curva da rua que atravessava seu terreno e em alguns trechos se ramificava em ruazinhas sem saída. Adiante, o bairro era uma extensão de grama seca amarelada e portões de garagem, cujas casas seguiam uma planta idêntica: fachada e porta recuadas, garagem projetada à frente, como se a casa estivesse tentando se esconder lá no fundo.

Esses portões de garagem, com sua superfície lisa, bege e indistinta, pareciam capturar algo essencial sobre o lugar, sobre a solidão dos subúrbios, pensava ela. Uma entrada ampla na frente da casa abre seu caminho para o mundo, enquanto um portão de garagem o isola dele.

De todos os lugares possíveis, como ela tinha ido parar ali?

Por causa do marido, era isso. Henry decidira se mudar com a família para uma casa em Oakdale Lane, naquela pequena cidade chamada Streamwood, um dos muitos subúrbios indistintos nas redondezas de Chicago. Isso após uma série de pequenos apartamentos de dois quartos em várias áreas agroindustriais do Meio-Oeste, enquanto Henry galgava os degraus corporativos em seu campo profissional: refeições congeladas. Quando chegaram a Streamwood, Henry garantiu que essa seria a última mudança, pois tinha conseguido um cargo tão bom que não precisaria procurar outro: vice-presidente adjunto do Setor de Alimentos Congelados da R&D. No dia em que se mudaram, Faye disse:

— Bom, acho que é isso. — Então, virou-se para Samuel: — Acho que, quando crescer, você vai dizer que é de Streamwood. Vou falar uma coisa sobre os portões de garagem... — continuou ela.

Ao se virar, viu Samuel parado olhando fixo para o asfalto, totalmente concentrado em alguma coisa. Não tinha ouvido nada.

— Deixa para lá — completou.

Samuel puxou o carrinho e as rodas de plástico estalaram ao tocar o chão. Às vezes, uma pedrinha ficava presa debaixo de uma roda e o carrinho estacava, o que quase derrubava Samuel. Sempre que isso acontecia, ele sentia estar decepcionando a mãe. Por isso, prestava atenção em todos os detritos e chutava pedrinhas e torrões de terra e cascas de árvore, tomando cuidado para não chutar com muita força, pois tinha medo de prender o pé em alguma fenda na calçada e tropeçar, cair ou simplesmente sair cambaleando, coisas que ele temia que também fossem desapontar a mãe. Tentava acompanhar o passo dela — porque, se ficasse para trás, ela teria que esperá-lo, e isso talvez a decepcionasse —, mas não podia andar rápido demais, porque, nesse caso, um dos oito brinquedos poderia cair do carrinho, e isso seria o tipo de atitude desastrada que sem dúvida a desapontaria. Então ele tinha que acertar o passo para acompanhá-la, mas era obrigado a desacelerar nos trechos rachados ou irregulares e tinha que driblar ou chutar pedras e detritos sem tropeçar neles. Se conseguisse fazer todas essas coisas direito, talvez o dia melhorasse. Talvez conseguisse salvar o dia.

Talvez isso o tornasse um garoto menos decepcionante. Talvez ele pudesse apagar o que havia acontecido mais cedo, ou seja, a mais recente evidência de que ele era um bebê chorão idiota.

Ele se arrependia do que tinha feito. Poderia ter comido o hambúrguer sem problema algum, havia simplesmente surtado e sabia que, se tivesse se esforçado um pouco, o hambúrguer seria uma refeição perfeitamente aceitável. E se sentia culpado por ter feito aquela cena. A maneira como sua mãe movera o volante e voltara para pegar os nuggets de frango agora lhe parecia heroica e bondosa. Bondosa de um jeito que ele jamais conseguiria ser. Ele se sentia egoísta. Seu choro fazia com que conseguisse tudo o que queria, mesmo que não fosse sua intenção. E agora Samuel tentava imaginar um jeito de dizer à mãe que, se dependesse dele, nunca mais choraria, e ela nunca mais teria que passar horas o acalmando ou satisfazendo seus caprichos e desejos levianos.

Isso era o que ele queria dizer. Estava tentando encontrar as palavras certas. Faye, enquanto isso, olhava para as árvores. Um dos carvalhos no quintal de um vizinho. Como tudo ao redor, o carvalho estava murcho, ressecado e triste, os galhos inclinados para o chão. As folhas não eram verdes, tinham cor de âmbar queimado. Não havia som algum nas redondezas. Não havia sinos de vento, nem pássaros, nem latidos de cachorro, nem risos de crianças. A mãe continuava olhando para aquela árvore. Samuel parou e ficou olhando também.

— Está vendo? — indagou ela.

Samuel não entendeu a pergunta. O que deveria estar vendo?

— A árvore? — perguntou.

— Lá em cima, perto do galho mais alto. Está vendo? — Ela apontou. — Bem no alto. Aquela folha.

Samuel olhou para onde ela apontava e viu uma folha solitária, diferente de todas as outras. Era verde, robusta, ereta, agitando-se como um peixe na água, revolvendo-se como se soprada por um vendaval. Era a única folha que se movia na copa da árvore. As outras estavam paradas em meio ao ar morto. Nem uma brisa sequer soprava naquele quarteirão, mas, ainda assim, a folha dançava feito louca.

— Sabe o que é isso? É um fantasma.
— Um fantasma? — repetiu ele.
— Aquela folha é assombrada.
— Uma folha pode ser assombrada?
— Qualquer coisa pode ser assombrada. Um fantasma pode viver em uma folha ou em qualquer outro lugar.

Samuel observou os movimentos da folha, que rodopiava como se estivesse amarrada a uma pipa.

— Por que está se mexendo assim? — perguntou.

— É o espírito de alguém — respondeu ela. — Meu pai me contou isso. Era uma de suas velhas histórias. Uma história da Noruega, de quando ele era pequeno. Um espírito que não é bom o bastante para subir ao céu, nem tão ruim que mereça o inferno. Está preso na metade do caminho.

Samuel jamais havia considerado essa possibilidade.

— É uma alma penada — continuou ela. — Quer seguir adiante. Talvez fosse uma pessoa boa que fez algo muito ruim. Ou talvez tenha feito muitas coisas ruins, mas acabou se arrependendo. Talvez não quisesse fazer nada de ruim, mas não tenha conseguido se controlar.

Ao ouvir isso, mais uma vez Samuel começou a chorar. Sentiu o rosto se franzir. As lágrimas vieram com rapidez implacável. Porque ele sabia que já havia feito muitas coisas ruins e continuava fazendo. Faye notou o choro, fechou os olhos, massageou com força as têmporas e levou as mãos ao rosto. Então Samuel compreendeu que ela chegara ao limite da paciência, que atingira as últimas fronteiras da tolerância; compreendeu que chorar por ter feito coisas ruins também era mais uma coisa ruim.

— Querido, por que você está chorando? — perguntou ela.

Samuel queria dizer que o seu maior desejo na vida era parar de chorar. Mas não foi capaz de articular as palavras. Tudo o que conseguiu foi um balbuciar incoerente em meio às lágrimas e ao ranho.

— Eu não quero ser uma folha!

— E por que diabo você seria uma folha? — questionou ela.

Pegou-o pela mão e o puxou de volta para casa; o único som em toda a vizinhança era o arrastar das rodas de plástico do carrinho e os soluços de Samuel. Faye o levou até o quarto e mandou que guardasse os brinquedos.

— E eu mandei você levar nove brinquedos. Você levou oito. Da próxima vez, tente prestar mais atenção.

A decepção na voz dela fez com que ele chorasse ainda mais forte, tão forte que não conseguiu mais falar e, por isso, não pôde explicar que havia colocado oito brinquedos no carrinho porque o próprio carrinho era o nono brinquedo.

2

O PAI DE Samuel insistia em reservar as noites de domingo para “programas em família”, portanto eles tinham um jantar obrigatório, todos sentados ao redor da mesa enquanto Henry tentava bravamente puxar assunto. A refeição sempre consistia em um dos congelados que Henry guardava no freezer especial de seu escritório: ali ficavam as comidas experimentais que ainda estavam sendo testadas no mercado. Eram, em geral, refeições mais ousadas, mais exóticas — manga em vez de maçãs assadas, batata-doce em vez de batata comum, porco agri-doce em vez de costeletas de porco, e outras coisas que, à primeira vista, não pareciam ideais para congelamento: rolinhos de lagosta, por exemplo, queijo-quente ou sanduíches de atum.

— Vou contar uma coisa muito interessante sobre comida congelada — diz Henry. — Não era popular até Swanson inventar a expressão “comida para ver TV”. Já existia comida congelada fazia uma década quando o pessoal resolveu adotar o nome “comida para ver TV”, e aí, bum, as vendas foram às alturas.

— Que coisa — diz Faye, olhando fixamente para o frango à Cordon Bleu em seu prato.

— Parece até que as pessoas precisavam de permissão para comer na frente da TV, entendeu? É como se todo mundo *quisesse* comer na frente da TV, mas ainda faltasse uma espécie de bênção.

— Nossa, que fascinante — comenta Faye, em um tom de voz que obrigou Henry a calar a boca imediatamente.

O silêncio permanece até que Henry pergunta o que a família deseja fazer hoje, mas Faye sugere que ele vá para a sala ver TV, ao que Henry pergunta se ela quer ir com ele, mas Faye diz que não, pois ainda precisa recolher e lavar os pratos e “pode começar sem mim”, ao que Henry pergunta se ela precisa de ajuda, mas ela diz que não, ele só iria atrapalhar, ao que Henry sugere que talvez ela devesse relaxar, que ele pode lavar sozinho os pratos, mas Faye se

ergue irritada e diz “Você nem sabe onde guardar as coisas”, ao que Henry olha de forma ríspida para ela e parece prestes a falar alguma coisa, mas não fala nada.

Nesse momento, Samuel pensa que a união do pai e da mãe é uma ideia tão absurda quanto casar uma colher com um liquidificador.

— Posso ir para o quarto? — pergunta.

Henry olha para ele, magoado.

— Hoje é noite da família.

— Pode ir para o quarto — diz Faye, e Samuel sai andando rápido.

Sente o velho desejo de se esconder. Era essa a sensação que experimentava sempre que a tensão doméstica parecia se acumular dentro dele. Samuel se escondia no bosque, que não passava de uma faixa de mato à margem de um riacho tristonho atrás do loteamento. Havia umas poucas árvores brotando da lama. Um laguinho cuja água só chegava até a cintura. Um riacho que recebia o escoamento do quarteirão, assim a água ficava oleosa e colorida após a chuva. Em termos de natureza, era realmente ridículo, esse bosque. Mas havia árvores o bastante para escondê-lo. Lá, Samuel ficava invisível.

Se alguém perguntasse o que estava fazendo, ele responderia “brincando”, embora isso não fosse muito próximo da verdade. Será que isto realmente poderia ser descrito como *brincar*? O que ele fazia era ficar sentando na grama e no barro, oculto atrás das folhas, jogando sementes para cima e observando-as rodopiar de volta ao chão.

A intenção de Samuel era caminhar até o riacho e se esconder lá por algum tempo, pelo menos até a hora de dormir. E agora ele procurava um local apropriado, uma depressão no terreno que lhe proporcionasse o melhor esconderijo possível. Um lugar onde ficaria oculto caso se cobrisse com alguns galhos caídos, algumas folhas. Ele estava juntando gravetos e galhos para se cobrir, cavoucando as folhas secas e as sementes embaixo de um carvalho, quando ouviu um estalo lá em cima. Galhos se partiram, o tronco rangeu, e Samuel olhou para o alto a tempo de ver alguém pulando da copa da árvore e aterrissando com força no chão. Era um menino da

idade dele, que ficou de pé e cravou nele seus olhos ferozes, agudos, verdes, quase felinos. Não era mais forte nem mais alto que Samuel, tampouco tinha qualquer tipo de superioridade física, exceto uma espécie de aura intangível que dominava o espaço ao seu redor. Seu corpo emanava uma *presença*. O menino se aproximou de Samuel. Seu rosto era magro e angular, com manchas de sangue na testa e nas bochechas.

Samuel deixou cair os gravetos. Queria sair correndo. Ordenou que seu corpo corresse. O outro menino se aproximou e, levando a mão às costas, puxou uma faca, uma grande faca de açougueiro, prateada, do tipo que a mãe de Samuel usava quando tinha que cortar ossos.

Samuel começou a chorar.

Ficou ali, chorando, preso ao chão, sem conseguir fazer mais nada, à espera do seu destino, fosse qual fosse, sucumbindo ao fado. Pulou logo para um berreiro desamparado de Categoria 3. Sentiu o rosto se contraindo e os olhos saltando das órbitas como se a pele estivesse sendo puxada para trás. E o outro menino estava à sua frente agora, e Samuel podia ver o sangue em seu rosto bem de perto, aquele sangue ainda fresco e brilhante à luz do sol, e uma gota escorreu pela bochecha do garoto, desceu pelo queixo e serpenteou pescoço abaixo até sumir na gola da camisa, e Samuel mal chegou a se perguntar de onde vinha aquele sangue, limitando-se a berrar ante o horrendo fato de sua presença. O menino tinha cabelo curto e avermelhado, olhos que pareciam mortos e impenetráveis, sardas e uma espécie de destreza atlética em termos de autocontrole corporal, fluidez de movimentos e postura, tudo isso enquanto o garoto erguia a faca lentamente sobre a cabeça, na linguagem universal do esfaqueamento psicopata.

— Isso é o que se chama de uma emboscada de sucesso — disse o menino. — Se isso fosse uma guerra, você estaria morto.

E o grito de Samuel invocou as profundezas de sua infelicidade e canalizou-a em uma longa lamúria, um berro de socorro patético.

— Puta merda — disse o garoto. — Você fica feio quando chora. — Abaixou a faca. — Está tudo bem. Calma. É brincadeira.

Mas Samuel não conseguia parar. A histeria vertia dele, sem parar.

— Está tudo bem — disse o garoto. — Não esquenta. Você não precisa falar.

Samuel enxugou o nariz no braço, que ficou marcado por uma longa listra pegajosa.

— Vem comigo — disse o garoto. — Quero te mostrar uma coisa.

Conduziu Samuel até o riacho e, em seguida, ao longo da margem, por vários metros, até alcançarem um lugar perto do laguinho, onde uma árvore havia caído, deixando uma grande cavidade entre as raízes e a terra.

— Olha — disse o garoto.

Apontou para um canto onde havia alisado o barro até formar uma tigela improvisada. E dentro da tigela havia vários animais: alguns sapos, uma cobra, um peixe.

— Está vendo os bichos? — perguntou.

Samuel assentiu. A cobra, ele agora reparou, estava sem cabeça. Alguns sapos estavam rasgados na barriga, outros tinham sido apunhalados nas costas. Parecia haver uns oito ou nove sapos, todos mortos, exceto um, cujas pernas tremelicavam, pedalando no vazio. Os peixes tinham sido decapitados na altura das guelras. Aquele monte de bichos destrozados jazia no fundo da tigela em um lodaçal de sangue.

— Estou pensando em improvisar um maçarico para queimar tudo — disse o garoto. — Sabe como é, né? Com um spray de inseticida e um isqueiro.

Simulou o movimento: riscar o isqueiro, segurar a lata de spray.

— Senta aí — mandou ele.

Samuel obedeceu, e o menino enfiou dois dedos na poça de sangue e disse:

— Vamos ter que transformar você em um cara durão.

Untou o rosto de Samuel com sangue: duas listras embaixo dos olhos e uma na testa.

— Pronto. Agora você foi iniciado — anunciou. Cravou a faca na lama e deixou-a ali, reta. — Agora você está vivo de verdade.

3

O SOL ESTAVA se pondo, o calor do dia se dissipava e esquadrões de mosquitos avançavam zunindo para além do bosque quando os dois meninos, molhados e enlameados, surgiram por entre as árvores. Haviam caminhado por um terreno que Samuel desconhecia, saindo de seu próprio bairro e entrando em outro: a Vila Veneziana, como era chamado. O rosto dos dois estava brilhante e úmido, pois haviam usado a água do laguinho para lavar as manchas de sangue animal. Embora tivessem a mesma idade, a mesma altura e mais ou menos o mesmo porte — ou seja, tinham onze anos e eram baixos, de uma magreza espichada, como cordas esticadas até o limite da tolerância —, qualquer pessoa que os observasse saberia em um instante quem era o líder. O nome dele era Bishop Fall — o escalador de árvores, o armador de emboscadas, o assassino de animais. Estava explicando a Samuel que, um dia, seria um general de cinco estrelas no Exército americano.

— Dever, honra, patriotismo — disse. — Atacar o inimigo antes que ele nos ataque. Esse é meu lema.

— Que inimigo? — perguntou Samuel, que agora observava as mansões da Vila Veneziana, maiores do que qualquer casa que já tinha visto.

— Qualquer inimigo que a gente tiver — respondeu Bishop. — Positivo operante!

Ele entraria no Exército após estudar na escola militar, então viraria major, depois coronel e, um dia, enfim, general de cinco estrelas.

— As credenciais de segurança de um general de cinco estrelas são maiores que as do presidente — afirmou Bishop. — Vou conhecer todos os segredos.

— Vai me contar? — perguntou Samuel.

— Não. São confidenciais.

— Mas eu não vou contar para ninguém.

— Segurança nacional. Sinto muito.

— Por favor!

— Nem pensar.

Samuel assentiu.

— Você vai ser bom nesse negócio.

Conversando, descobriram que em breve seriam colegas de turma na sexta série: Bishop ia estudar no colégio de Samuel, a escola pública local, após ter sido expulso de um colégio particular, a Academia do Sagrado Coração, porque, em suas palavras, “não levava desaforo para casa”, ou seja, insistia em escutar AC/DC no Walkman, mandava as freiras “se foderem” e se metia em brigas com qualquer um que desejasse brigar, mesmo os alunos do segundo grau, mesmo os padres.

A Academia do Sagrado Coração era um colégio católico de educação primária e secundária — e, de fato, a única opção local para quem desejasse mandar os filhos, mais tarde, para uma das universidades de elite na Costa Leste. Todas as famílias da Vila Veneziana colocavam os filhos naquela escola. Samuel nunca tinha entrado na Vila Veneziana, mas, às vezes, quando seus passeios de bicicleta o levavam longe, passava em frente ao portão, que era de cobre e tinha três metros de altura. As casas eram mansões em estilo de *villa* romana, com telhados planos em ladrilhos de terracota e pistas de acesso circulares em volta de dramáticos chafarizes. Eram separadas umas das outras por terrenos no mínimo tão grandes quanto campos de futebol. Todo quintal tinha uma piscina. Na entrada, havia carros esportivos exóticos, carrinhos de golfe ou ambos. Samuel ficou imaginando quem poderia viver naquelas casas: celebridades da TV, jogadores de beisebol profissional. Mas Bishop lhe garantiu que, na maioria, os moradores eram “gente chata que trabalha em escritório”.

— Aquele cara ali — disse ele, apontando para uma *villa* — é dono de uma companhia de seguros. E aquele ali — acrescentou, apontando outra casa — é diretor de um banco ou algo assim.

A Vila Veneziana tinha dezenove residências familiares, todas seguindo o mesmo modelo, com três andares, seis quartos, quatro banheiros, três lavabos, cozinhas com bancadas de mármore,

adegas com espaço para quinhentas garrafas de vinho, elevador interno, janelas à prova de tornados, sala de ginástica, garagem para quatro carros; além disso, todas tinham cerca de quinhentos metros quadrados e exalavam um suave aroma de canela, graças a uma cola especial usada na construção. O fato de todas as residências serem idênticas era, na verdade, um atrativo para famílias que se preocupavam em não ter a casa mais bonita do quarteirão. Os corretores costumavam dizer que, na Vila Veneziana, ninguém precisava se esforçar para competir com os vizinhos mais ricos, embora todas as famílias ali instaladas fossem os vizinhos mais ricos em sua vizinhança de origem. E as marcas de hierarquia emergiam em silêncio, de outras maneiras. Nos quintais, começavam a surgir belvederes, caramanchões em estilo havaiano com dois andares e cercados por biombos ou até mesmo quadras de tênis iluminadas e com piso de saibro da Har-Tru. Todas as casas haviam sido construídas a partir do mesmo modelo, mas cada uma tinha acessórios personalizados.

Um ofurô de água salgada, por exemplo, no quintal da mansão em frente à qual Bishop parou.

— O diretor do Sagrado Coração mora aqui — disse ele. — É um gordo de merda.

Agarrou ostensivamente a genitália e ergueu o dedo médio, agitando-o na direção da casa, em seguida catou uma pedra da sarjeta.

— Olha só — falou, atirando a pedra na casa do diretor.

Tudo pareceu acontecer tão rápido que nenhum deles teve tempo de pensar no assunto. De repente, aquela pedra estava rodopiando no ar, os olhos deles fixos no projétil, e tudo pareceu desacelerar por um momento enquanto os dois garotos percebiam que a pedra ia acertar a casa com toda a certeza e não havia nada que pudessem fazer a respeito. A pedra voou em direção ao céu vermelho-alaranjado e tudo agora era uma questão de tempo e gravidade. Descendo, ela desenhava a curvatura de um arco, quase acertou o Jaguar verde-floresta estacionado em frente à casa do diretor e se chocou com o portão de alumínio da garagem, logo atrás do Jaguar, provocando um estrondo alto e reverberante. Os garotos se

entreolharam em um misto de júbilo e terror: o som da pedra no portão da garagem lhes parecia a coisa mais barulhenta do mundo.

— Puta merda! — exclamou Bishop.

E, nesse instante, como se movidos pelo instinto de animais perseguidos, os dois saíram correndo.

Dispararam pela Via Vêneto, a única avenida da vizinhança, cuja curvatura seguia, aproximadamente, a antiga trilha feita pelos cervos quando o lugar ainda era uma reserva natural, trilha essa que passava entre o pequeno açude, ao norte, e a grande vala de drenagem, ao sul, duas fontes de água que podiam sustentar uma razoável população de cervos mesmo no auge do inverno em Illinois, e a prole desse rebanho ainda perambulava pela Vila Veneziana, aterrorizando canteiros e jardins cuidadosamente cultivados. Os cervos incomodavam tanto que, de três em três meses, os moradores da Vila Veneziana chamavam um exterminador que colocava blocos de sal envenenado no alto de estacas, a uma altura adequada para que os cervos adultos pudessem alcançá-los (e, claro, alto o bastante para que nenhum dos cachorros da vizinhança, que em geral pesavam dez quilos ou menos, ingerisse o veneno por acidente). O veneno não tinha efeito imediato, mas se acumulava no organismo do animal: assim, ao sentir o instinto da morte iminente, o cervo envenenado tendia a perambular para longe do bando e acabava morrendo em algum lugar distante, o que era muito conveniente para todo mundo. Portanto, além das caixas de correio com imagens de gondoleiros e dos chafarizes que adornavam os gramados, os itens arquitetônicos típicos da Vila Veneziana também incluíam estacas com cubos de sal e cartazes dizendo PERIGO, VENENO, NÃO SE APROXIME em letras elegantes e discretas, adornadas por serifas, que também podiam ser encontradas no papel timbrado oficial da Vila Veneziana.

Aquele bairro, na verdade, não existiria se não houvesse uma brecha na legislação, espertamente utilizada por três investidores de Chicago. Antes da Vila Veneziana, havia a Reserva Natural das Asclépias, nomeada em homenagem à planta que ali crescia em abundância, atraindo enormes quantidades de borboletas-monarcas durante o verão. O município procurava uma organização privada —

de preferência sem fins lucrativos e/ou filantrópica — que se interessasse em administrar a reserva, cuidando de suas trilhas naturais, sua biodiversidade e sua saúde como um todo. Os contratos esboçados pelo município especificavam que o comprador não poderia fazer qualquer tipo de construção naquela terra, tampouco vendê-la para alguém interessado em construir ali. Mas o contrato nada estipulava caso esse comprador (isto é, o segundo) vendesse a terra a um terceiro. Então, um dos investidores comprou a área, para em seguida vendê-la a um segundo sócio, que por sua vez a revendeu ao terceiro, que imediatamente criou uma empresa Ltda. com os outros dois, e todos juntos começaram a pôr a floresta abaixo. Ergueram uma espessa cerca metálica ao redor do que outrora fora a Reserva Natural das Asclépias e começaram a anunciar o empreendimento junto a clientes endinheirados, daqueles que compram imóveis em leilões da Sotheby's, em uma campanha cujos slogans incluíam este: "O luxo encontra a natureza."

Um dos três sócios fundadores ainda morava na Vila Veneziana: um corretor de commodities com escritório na Bolsa de Chicago e em Wall Street. Seu nome era Gerald Fall. Era o pai de Bishop.

Gerald Fall, a única pessoa no quarteirão, com exceção dos dois garotos, que viu a pedra acertar a casa do diretor e, em seguida, observou Bishop e Samuel correrem pelo suave declive em direção ao final da Via Vêneto, onde ele próprio se encontrava, junto à porta de seu BMW preto, o pé direito já dentro do carro, o esquerdo ainda no calçamento em frente à garagem, que ele mandara pavimentar em um caríssimo macadame espelhado. Estava de saída quando avistou o filho jogando a pedra na casa do diretor. Os garotos só o viram quando já estavam na pista da garagem, estacando sobre a pedra polida com um rangido agudo, o tipo de som produzido por jogadores de basquete no piso de um ginásio. Bishop e seu pai se encararam por um momento, em silêncio.

— O diretor está doente — disse o pai. — Por que foi incomodá-lo?

— Sinto muito — respondeu Bishop.

— Ele está muito mal. É um homem doente.

— Eu sei.

— E se ele estivesse dormindo? Você o acordou.

— Eu prometo que vou pedir desculpas.

— É melhor pedir, mesmo.

— Aonde você vai? — perguntou Bishop.

— Ao aeroporto. Vou passar um tempo no apartamento de Nova York.

— De novo?

— Não incomode sua irmã enquanto eu estiver fora. — Olhou para os pés dos garotos, molhados e enlameados pela andança no bosque. — E não vão sujar o piso da casa.

Com isso, o pai de Bishop saltou para dentro do carro e fechou a porta com força. O motor acordou, ronronando, e o BMW fez um balão na pista, os pneus rangendo nas pedras lisas como uma criatura gritando.

Por dentro, a casa da família Fall era tão formal que Samuel ficou com medo de tocar nos objetos: piso de pedras brancas e brilhantes; lustres cheios de coisinhas de cristal penduradas; flores em vasos compridos, finos e fáceis de derrubar; obras de arte abstratas emolduradas nas paredes e iluminadas por lâmpadas embutidas; uma cristaleira de madeira espessa em cujas prateleiras havia uns vinte globos de neve; tampos de mesa tão lustrosos que brilhavam como espelhos; bancadas de cozinha feitas de mármore branco e igualmente cintilante. Todos os cômodos e corredores eram dominados por amplos arcos sustentados em colunas coríntias, tão minuciosamente detalhados que pareciam canos de mosquetes arreventados após um tiro pela culatra.

— Por aqui — indicou Bishop.

Guiou-o até uma sala que só podia ser chamada de “sala da TV”, a julgar por aquela enorme tela que fazia Samuel se sentir um anão. Era mais alta que ele e mais larga que a envergadura de seus braços esticados. Abaixo da televisão, esparramava-se uma infinidade de cabos e fios para os consoles de videogame, que estavam empilhados de qualquer jeito em um pequeno armário. Ao redor, jaziam cartuchos de jogos espalhados ao acaso, como cápsulas de munição após um tiroteio.

— Você gosta de *Metroid*, *Castlevania* ou *Super Mario*? — perguntou Bishop.

— Não sei.

— Consigo salvar a princesa no *Super Mario* sem morrer nenhuma vez. Também já zerei *Mega Man*, *Double Dragon* e *Kid Icarus*.

— A gente pode jogar qualquer coisa, tanto faz.

— É, tem razão. É tudo o mesmo jogo. A mesma premissa: seguir em frente.

Foi até o armário e pegou um Atari todo enrolado em seus próprios cabos.

— Para falar a verdade, eu prefiro os clássicos — disse ele. — Os jogos que foram feitos antes de os clichês virarem norma. *Galaga*. *Donkey Kong*. Ou *Joust*, um dos meus favoritos, apesar de ser bem esquisito.

— Nunca joguei esse.

— É bem esquisito. Avestruzes, essas coisas. Pterodátalos. Também tem o *Centipede*. E o *Pac-Man*. Você já jogou *Pac-Man*, né?

— Claro!

— Legal pra caramba, né? Este aqui é legal também. — Bishop pegou um cartucho com o nome *Missile Command* e o encaixou no Atari. — Primeiro observe como eu faço, aí você aprende a jogar.

O objetivo de *Missile Command* era proteger seis cidades assoladas por uma incessante chuva de mísseis nucleares. Quando um míssil atingia uma das cidades, havia um barulhinho oclusivo e um pequeno esguicho que provavelmente deveria representar uma nuvem de cogumelo, porém mais parecia o impacto de uma pedrinha ou de um sapo contra a superfície de um lago. A trilha sonora do jogo era, na maior parte, a conversão digital em oito bits de uma sirene de ataque aéreo. Bishop posicionou o retículo de mira contra os mísseis que se aproximavam e apertou o botão, então um pequeno rastro de luz irrompeu do solo e subiu lentamente em direção ao alvo designado, colidindo com a bomba nuclear. Até a nona fase, Bishop não perdeu nenhuma cidade. Samuel acabou perdendo a conta das fases e, quando o céu ficou cheio de rastros de mísseis caindo depressa, já não sabia quantas áreas haviam sido

conquistadas. Durante todo esse tempo, o rosto de Bishop permaneceu totalmente calmo, apático, inexpressivo como um peixe.

— Quer que eu faça de novo? — perguntou Bishop quando as palavras *GAME OVER* piscaram na tela.

— Você ganhou?

— Como assim, *ganhar*?

— Você salvou todas as cidades?

— Não dá para salvar todas as cidades.

— Então qual é o objetivo?

— A aniquilação é inevitável. O objetivo é adiar quanto der.

— Para as pessoas poderem escapar?

— Deve ser. Sei lá.

— Joga de novo.

E, lá pelas tantas, quando Bishop já estava na sexta ou sétima fase na segunda partida e o garoto observava seu rosto em vez do jogo — a impassível concentração, mesmo quando mísseis inimigos destruíam cidades suas, ou quando suas mãos balançavam o controle de um lado para outro —, Samuel escutou algo vindo de fora da sala, algo diferente, algo novo.

Era música. Límpida, clara, totalmente distinta dos ruídos digitais estridentes que a televisão continuava emitindo. Uma escala, um instrumento de cordas produzindo notas agudas e graves em uma escala musical.

— Que música é essa?

— É minha irmã — respondeu Bishop. — Bethany. Ela está praticando.

— Praticando o quê?

— Violino. Ela vai ser uma violinista famosa no mundo inteiro. É mesmo incrivelmente talentosa.

— Também acho! — exclamou Samuel sem pensar, talvez entusiasmado demais, em um tom desproporcional ao resto da conversa.

Mas Samuel queria que Bishop gostasse dele. Estava tentando ser agradável. Bishop lhe lançou um olhar rápido e intrigado para em seguida fixar-se no jogo novamente, os olhos neutros, sempre adiante até a décima ou décima primeira fase, enquanto o som lá

fora deixava de ser uma escala básica e se tornava música de verdade, um solo ascendente, intrincado e cheio de notas; Samuel não conseguia acreditar que aquilo estivesse vindo de uma pessoa e não de um rádio.

— É mesmo a sua irmã que está tocando?

— É.

— Quero ver — disse Samuel.

— Espere. Olhe só isso — falou Bishop enquanto aniquilava dois mísseis com um único tiro.

— Vou lá e já volto — respondeu Samuel.

— Mas eu ainda não perdi nenhuma cidade. Essa pode ser a maior pontuação que alguém já fez no *Missile Command*. Você vai presenciar um momento histórico.

— Volto já.

— Tudo bem — disse Bishop. — Azar o seu.

E Samuel foi em busca da origem daquela música. Seguiu os sons ao longo do abobadado corredor principal, através da cozinha cintilante, até um escritório nos fundos da casa, de cuja porta ele foi lentamente aproximando o nariz até conseguir espiar lá dentro e ver, pela primeira vez, a irmã de Bishop.

Eles eram gêmeos.

Bethany tinha traços idênticos aos de Bishop: as mesmas sobrancelhas lembrando um sinal de visto, a mesma intensidade tranquila. Parecia uma princesa élfica na capa de um daqueles livros em que era possível escolher o que acontecia em seguida: imortalmente jovem, bela e sábia. Os ângulos pontudos de seu nariz e das maçãs do rosto caíam melhor nela do que em Bishop. Enquanto o irmão parecia sempre zangado, Bethany era imponente como uma estátua. Seus cabelos eram longos, densos, castanho-avermelhados; a concentração franzia levemente suas sobrancelhas; o pescoço era comprido, os braços delicados e a postura muito ereta; sentava-se de modo cuidadoso, a saia cobrindo os joelhos, e havia nela uma espécie de compostura, uma elegância, uma maturidade feminina que acabava com Samuel. Ele se encantou pelo jeito como Bethany se movia junto com o violino, a cabeça e o pescoço e o torso deslizando como se fossem um só, acompanhando

os movimentos do arco. Era muito diferente dos jovens na orquestra da escola, que extraíam sons de seus instrumentos de forma mecânica e agressiva. Ela tocava sem fazer esforço.

Samuel ainda não sabia disso, mas aquela imagem seria seu modelo de beleza para o resto da vida. Daquele momento em diante, toda garota que encontrasse seria comparada, mentalmente, àquela menina.

Ela encerrou com uma longa nota, fazendo aquele truque fantástico em que o arco continua se mexendo para a frente e para trás, mas não há interrupção alguma, apenas um som contínuo e fluido. Ela abriu os olhos, olhou direto para ele e os dois se encararam por um momento aterrorizante, até que ela pousou o violino no colo e disse:

— Oi.

Samuel jamais sentira anseios tão desconfortáveis. Era a primeira vez que seu corpo formigava desse jeito: uma gosma de suor frio empapou suas axilas, a boca de repente pareceu pequena demais, a língua ficou enorme e árida, uma espécie de pânico dominou seus pulmões como se ele tivesse prendido a respiração por muito tempo, e todas essas coisas se aglutinaram em seu corpo gerando uma espécie de consciência hiperaguçada, uma estranha atração magnética que o empurrava para o objeto de sua fantasia, sensação bem diferente daquele impulso de se esconder ou ficar quieto que ele experimentava com a maior parte das pessoas.

A garota esperou que ele dissesse alguma coisa, as mãos no colo, sobre o violino, os tornozelos cruzados e aqueles olhos verdes penetrantes...

— Eu sou amigo do Bishop — disse Samuel, finalmente. — Vim aqui com o Bishop.

— Tudo bem.

— Bishop, o seu irmão.

Ela sorriu.

— Sim, eu sei.

— Escutei você tocando. Está ensaiando para alguma coisa?

Ela lançou um breve olhar zombeteiro.

— Estou ensaiando para dominar as notas — respondeu ela. — Vou tocar em um concerto daqui a umas semanas. O que você achou?

— Achei lindo.

Bethany assentiu e, por um instante, pareceu pensar sobre o que ele dissera.

— É muito difícil não desafinar nas cordas duplas do terceiro movimento — confessou ela.

— Hum.

— E os arpejos na terceira página são supercomplicados. E ainda por cima eu tenho que tocar em décimas, o que é bem estranho.

— Ah, sim.

— Parece que tudo vem abaixo no terceiro movimento. Como se eu estivesse tropeçando o tempo inteiro.

— Eu não tive essa impressão.

— É como se eu fosse um passarinho grampeado em uma cadeira.

— Sei — respondeu Samuel.

Não se sentia *nada* à vontade com aquele assunto.

— Eu preciso relaxar — disse ela. — Especialmente no segundo movimento. Tem umas linhas melódicas bem longas no segundo movimento, e se eu tocar com entusiasmo demais vou arruinar toda a musicalidade da composição. Preciso ficar calma e serena, mas o nosso corpo faz exatamente o contrário quando a gente toca um solo.

— Por que você não tenta, sei lá, respirar fundo?

Era isso que a mãe de Samuel lhe dizia durante seus incontroláveis choros de Categoria 4: *respire fundo*.

— Sabe o que funciona mesmo? — comentou ela. — Fazer de conta que o arco é uma faca. — Ergueu o arco e apontou-o para Samuel, simulando uma ameaça. — E então imaginar que o violino é uma barra de manteiga. E aí finjo que estou *enfiando* a faca na manteiga. A sensação tem que ser a mesma.

Samuel assentiu, em total desamparo.

— De onde você conhece o meu irmão? — perguntou ela.

— Ele pulou de uma árvore e me deu um susto.

- Ah — disse Bethany, como se a história fizesse perfeito sentido.
- Ele está jogando *Missile Command* agora, não é?
- Como você sabe?
- Ele é meu irmão. Eu *sinto*.
- É mesmo?
- Ela o encarou por um instante, depois soltou uma risadinha.
- Não. Eu estou ouvindo.
- Ouvindo o quê?
- O jogo. Preste atenção. Não consegue ouvir?
- Não estou ouvindo nada.
- Você precisa se concentrar. Preste atenção. Feche os olhos e escute.

Ele obedeceu e logo começou a ouvir os sons da casa se separando uns dos outros, o murmurante zumbido coletivo fragmentando-se em detalhes individuais: o ruído do ar-condicionado em algum lugar, o sussurro do ar nos respiradouros, o vento que roçava a casa lá fora, a geladeira e o congelador; e Samuel reconheceu todas essas coisas e as tirou do caminho, sentiu sua concentração estender-se casa adentro e serpentear de recinto em recinto até que, de repente, pululando no silêncio, surgiram as vagas e abafadas sirenes de ataque aéreo, as explosões de mísseis, o *pam-pam-pam* dos foguetes sendo disparados.

— Estou ouvindo — disse ele.

Mas, quando abriu os olhos, Bethany não estava mais olhando para ele. O rosto dela estava virado para a grande janela que dava para o quintal e a floresta atrás da casa. Samuel acompanhou o olhar dela e viu, lá fora, na penumbra do crepúsculo, junto à margem do bosque, talvez a uns quinze metros de distância, um grande cervo adulto. Castanho-claro, com pintas. Grandes olhos negros animais. Movia-se aos tropeções, cambaleava, caía no solo, voltava a se erguer e então seguia adiante, coxeando, dando coices.

— O que houve com ele? — perguntou Samuel.

— Ele comeu o sal.

As patas dianteiras do cervo cederam outra vez e ele rastejou com a barriga grudada ao chão. Então voltou a se recuperar por um

instante, mas logo seu pescoço se retorceu e se revirou, e agora ele só conseguia andar em círculos. Seus olhos estavam arregalados, em pânico. Uma espuma rosada pingava do focinho.

— Isso acontece o tempo todo — contou Bethany.

O cervo virou-se para a floresta e seguiu em direção às árvores. Os dois observaram o animal indo embora, mancando, até que já não conseguiam mais vê-lo entre as folhagens. Então tudo ficou silencioso, exceto pelos sons baixos vindos da outra ponta da casa: bombas que caíam do céu e devastavam cidades inteiras.

4

POUCO APÓS o início do ano escolar, algo inusitado passou a acontecer: Samuel estava sentado na aula, tomando notas meticulosas e fidedignas sobre qualquer tema que a srta. Bowles estivesse ensinando (história americana, multiplicação, sintaxe), pensando de fato sobre a matéria, tentando entendê-la e receando que, a qualquer momento, ela pudesse convocá-lo para um questionário sobre o conteúdo que acabara de ensinar — coisa que fazia com frequência, zombando dos meninos que errassem a resposta e insinuando, por uma hora ou mais, que talvez o lugar deles fosse na quinta série e não na sexta, por isso Samuel prestava o máximo possível de atenção e não deixava sua mente vagar e não pensava ou fazia qualquer coisa relativa a meninas, e ainda assim aquela coisa acontecia. Começava como uma espécie de quentura, um formigamento, semelhante ao que sentimos quando alguém está prestes a nos fazer cócegas, aquela terrível expectativa. Então vinha a súbita consciência de uma parte do corpo que, até então, permanecera nas sombras, obscurecida em meio a todos aqueles sentimentos que se desenrolavam sob a superfície de sua atenção: o tecido roçando seus ombros, o elástico de suas meias, qualquer coisa que estivesse encostando em seu cotovelo. Na maior parte do tempo, o corpo desvanecia. Mas nesses dias, por nenhuma razão aparente, com mais frequência do que Samuel desejaria, seu pau se tornava assertivo. Na aula, sob a carteira, o membro proclamava sua presença. Inchava dentro da calça jeans para, em seguida, pressionar a parte inferior do implacável tampo metálico da mesa escolar, produzida em tamanho único para todos os alunos. E o problema era que, embora todo esse processo de endurecimento e inchaço e compressão fosse mortificante, também havia algo que, em um sentido puramente físico, era *muito* prazeroso. Ele queria que aquilo parasse de acontecer, mas, por outro lado, queria que continuasse acontecendo.

Será que a srta. Bowles sabia? Será que ela percebia? Percebia que, todos os dias, alguns de seus alunos ficavam de olhos vidrados e saíam do ar, arrastados a lugares distantes por seu sistema nervoso? Se percebia essas coisas, não dizia nada. Nunca mandou um dos meninos que se encontravam em tal situação se levantar para responder ao questionário. E isso, em se tratando da srta. Bowles, parecia estranhamente misericordioso.

Samuel olhou para o relógio: faltavam dez minutos para o recreio. A calça o apertava. Sentia-se entalado no assento. Então, em um vislumbre involuntário, visões de meninas lampejaram em sua mente, seu repertório mental de imagens capturadas acidentalmente em diversos momentos: um decote entrevisto quando uma mulher se abaixou no shopping; pedacinhos de perna, virilha e coxa vislumbrados quando as meninas se sentavam na aula; e, agora, uma nova imagem, Bethany no quarto dela, sentada com as costas eretas, os joelhos juntos, em um vestido de algodão leve, violino encostado ao queixo, olhando para ele com aqueles olhos verdes de gato.

Quando o sinal do recreio soou, Samuel fingiu ter perdido algo muito importante em sua mesa. Depois que a sala finalmente ficou vazia, levantou-se e impôs ao próprio corpo manobras tão complicadas que, para qualquer um que observasse, pareceria que ele estava rebolando com um bambolê, só que sem bambolê algum.

Os alunos marchavam rumo ao pátio, marchavam com resolução serena e compostura, embora todos estivessem transbordando com o tipo de energia que se acumula em um corpo de onze anos que passou quatro horas sentado imóvel sob o olhar despótico da srta. Bowles. Marchavam em silêncio absoluto, em uma única fila, na lateral direita do corredor, passando pelos cartazes que a prestimosa equipe da escola havia colado às paredes brancas de concreto, alguns dos quais continham mensagens motivacionais, como **ESTUDAR É DIVERTIDO!**, enquanto a maioria se ocupava de estritas regras de **conduta**: NÃO TOQUE NEM CHUTE OS COLEGAS; FALE SEMPRE EM VOZ BAIXA; CAMINHE, NÃO CORRA; ESPERE SUA VEZ; USE LINGUAGEM EDUCADA; NÃO USE MAIS PAPEL HIGIÊNICO DO QUE O NECESSÁRIO; COMA DE BOCA FECHADA; TENHA MODOS À MESA; RESPEITE O ESPAÇO PESSOAL DOS

COLEGAS; LEVANTE A MÃO; NÃO FALE A MENOS QUE O PROFESSOR SE DIRIJA A VOCÊ; RESPEITE A FILA; PEÇA DESCULPAS SEMPRE QUE NECESSÁRIO; SIGA AS INSTRUÇÕES; USE CORRETAMENTE O SABONETE.

Para a maior parte dos alunos, a instrução que recebiam na escola era algo secundário. Para eles, o objetivo dominante da escola era aprender como se comportar na escola. Como se contorcer para se moldar às rígidas regras escolares. Por exemplo, as idas ao banheiro. Nenhum assunto era mais rigorosamente controlado do que as variadas excreções corporais dos alunos. Conseguir permissão para ir ao banheiro era um ritual complexo, durante o qual a srta. Bowles preenchia — caso o aluno fizesse o pedido com *extrema* educação e a convencesse de que a situação era, de fato, uma emergência, e não uma estratégia para escapar da aula e ir fumar cigarros ou beber ou usar drogas — uma espécie de salvo-conduto quase do tamanho da Constituição americana. Escrevia o nome do aluno e a hora da partida (incluindo minutos e segundos) e, o que era ainda mais horripilante, a natureza exata de sua visita ao banheiro (isto é, número um ou número dois), e então ela mandava o aluno ler o salvo-conduto em voz alta, declamando seus “Direitos e Deveres”, sendo que o principal deles era limitar-se a no máximo dois minutos fora da sala de aula, durante os quais o aluno deveria andar apenas no lado direito do corredor e ir direto ao banheiro mais próximo. Era proibido conversar com qualquer pessoa no caminho, correr pelos corredores, cometer qualquer tipo de perturbação e fazer qualquer coisa ilegal enquanto estivesse no banheiro. Então o aluno era obrigado a assinar o salvo-conduto e esperar enquanto a srta. Bowles explicava que ele havia acabado de assinar um contrato e que existem penalidades severas para quem quebra contratos. Na maior parte do tempo, os alunos escutavam de olhos arregalados, prestes a entrar em pânico, fazendo aquela constrangedora dança do pipi, porque o tempo já estava correndo e, quanto mais a srta. Bowles discorria sobre leis contratuais, mais ela reduzia os preciosos dois minutos disponíveis, de modo que, quando finalmente saíam ao corredor, eles tinham cerca de noventa segundos para chegar ao banheiro, fazer o que precisavam e voltar à aula, e tudo isso sem correr, o que era impossível.

Além disso, só era permitido sair para ir ao banheiro duas vezes por *semana*.

E também havia a regra para beber água: ao voltarem do recreio, os alunos só podiam usar o bebedouro durante *três segundos cada um* — é provável que o objetivo da regra fosse lhes ensinar algo sobre cooperação e altruísmo —, mas, claro, as crianças sempre estavam ofegantes e exaustas após o frenesi do recreio, durante o qual haviam extravasado sua angústia acumulada, e além disso eles estavam em meio a uma onda de calor e raramente ganhavam permissão para ir ao banheiro, de modo que a única água que esses estudantes suarentos e superaquecidos e queimados pelo sol bebiam o dia inteiro vinha daquele bebedouro, durante aqueles três segundos. Para os alunos, isso era uma perversa sinuca de bico: se gastassem suas energias no recreio, ficariam sedentos e exaustos pelo resto do dia; mas, se não descarregassem as baterias no recreio, ficariam tão hiperativos no fim da tarde que muito provavelmente acabariam recaindo em algum problema de mau comportamento. Por isso, a maior parte dos estudantes brincava quase à exaustão durante o recreio, depois engolia o máximo de água possível naquele minúsculo período de três segundos. Assim, ao fim do dia, ficavam reduzidos a massas informes, miseráveis e desidratadas, ou seja, exatamente do jeito que a srta. Bowles gostava.

Então ela ficava na fila, contando em voz alta o tempo, e cada criança dava um salto do bebedouro quando chegava no três, o queixo gotejando, sem ter chegado nem um pouco perto do que seria água suficiente para aquele dia quente e úmido e horrível no Meio-Oeste.

— Que palhaçada — disse Bishop a Samuel enquanto os dois esperavam na fila. — Saca só.

E, quando chegou a vez de Bishop, ele se curvou sobre o bebedouro, apertou o botão e começou a beber, olhando sempre nos olhos da srta. Bowles, que contou:

— Um. Dois. *Três*.

Bishop não parou de beber.

— Três — repetiu ela, dessa vez em tom mais categórico, mas, mesmo assim, Bishop não parou de beber. Então ela disse: — Seu tempo acabou. Próximo!

Ficou claro que Bishop só pararia de beber quando estivesse saciado, e a maioria das crianças na fila teve a impressão de que ele nem estava mais bebendo, mas sim deixando a água fresca correr sobre os lábios, e isso sem parar de encarar a srta. Bishop nos olhos, que finalmente percebeu que a situação não era resultado do desconhecimento das regras por parte de um novo aluno, mas um desafio direto a sua autoridade. E sua reação ao desafio foi se empertigar e enrijecer, pôr as mãos nos quadris, projetar o queixo e baixar a voz uma oitava ao dizer:

— Bishop. Você vai parar de beber. *Agora.*

Ele a encarou com uma expressão entediada e apática que pareceu simplesmente incrível e destemida, e as outras crianças já estavam de olhos arregalados e soltando risadinhas ensandecidas, pois Bishop estava a mais ou menos dois segundos de levar uma surra. Todo aluno que desrespeitava as regras de forma tão ostensiva levava uma surra de palmatória.

A palmatória era famosa.

Ficava pendurada na parede do diretor, responsável pela disciplina na escola, o qual respondia pelo nome de Laurence Large: um sujeito baixo e de formato peculiar cuja corpulência se concentrava quase toda da cintura para cima; suas pernas eram frágeis e magricelas, enquanto a parte superior do corpo era inflada como um balão. Parecia um ovo espetado por dois palitos. Era de se estranhar que seus tornozelos e suas tíbias não arrebentassem. A palmatória era feita de um único pedaço de madeira, com oito centímetros de largura, da altura de duas folhas de caderno postas lado a lado na horizontal, e além disso tinha mais ou menos uma dezena de pequenos furos. Por questões aerodinâmicas, os alunos imaginavam. Para que ele pudesse bater com mais rapidez.

As surras do diretor eram lendárias por sua força e pela perícia técnica necessária para gerar energia a ponto de, por exemplo, rachar os óculos de Brand Beaumonde, fato histórico que permanecia vivo na memória e nas conversas dos alunos da sexta

série, pois Large tinha golpeado a bunda de Beaumonde com tanta força que a onda de choque se propagou pelo corpo do pobre garoto e quebrou suas grossas lentes para miopia. A proeza foi comparada à de certos jogadores de tênis capazes de dar um saque a mais de 220 quilômetros por hora, do mesmo jeito que Large havia transferido seu peso para desfechar um golpe devastador — e atleticamente improvável. Às vezes, claro, algum pai ou mãe vinha reclamar sobre esse método retrógrado de punição, mas, tendo em vista que a surra era o último recurso no combate ao mau comportamento, sua ocorrência era, em geral, bastante rara. Em todo caso, não era algo frequente o bastante para desencadear campanhas da Associação de Pais de Alunos. A pura e simples ameaça de aniquilação da traseira era suficiente para manter até as crianças mais desordeiras em um estado quase pacato e de poucos decibéis, em uma letargia entorpecida e amedrontada, durante todo o ano escolar. (Nas reuniões, os pais às vezes resmungavam que as crianças desandavam em espasmos de hiperatividade incontrolável assim que chegavam em casa, mas os professores limitavam-se a balançar a cabeça, em silêncio, pensando: *Isso não é problema meu.*)

Cada professor tinha seu próprio limite de tolerância para a rebeldia dos alunos. No caso da srta. Bowles, o limite era alcançado após doze segundos. Por doze segundos, Bishop bebeu água. Por doze segundos, encarou a srta. Bowles enquanto ela ordenava que ele se afastasse do bebedouro, até que a professora puxou-o pela camiseta, agarrou-o pelo colarinho e, com um ruído de costura se rasgando, levantou-o do chão por um momento antes de puxá-lo em direção à aterrorizante sala do diretor Large.

Após um aluno voltar da surra — uma ausência de dez ou quinze minutos — ouvia-se uma batida à porta da sala de aula, a srta. Bowles ia abri-la e lá encontrava o diretor Large, com a enorme mão no ombro de um menino de rosto vermelho, ranhento e lastimoso. As crianças recentemente surradas tinham sempre a mesma cara: toda molhada e medonha, olhos inchados e vermelhos, nariz pingando, a imagem da derrota. Já não havia nelas nenhuma bravata, nenhum sinal de rebelião. Nesses momentos, até os

meninos mais barulhentos e histriônicos pareciam querer apenas se encolher embaixo da mesa e morrer. Então o diretor dizia algo como “Acho que este aqui está pronto para voltar à aula”, e a srta. Bowles respondia “Espero que tenha aprendido a lição”, e até mesmo estudantes de onze anos eram espertos o bastante para compreender que esse diálogo era pura encenação, que os adultos não estavam conversando entre si, mas falando para os alunos, para transmitir um subtexto facilmente captável: *Não saia da linha ou o próximo será você*. O menino surrado recebia então licença para voltar à carteira, onde começava o segundo estágio da punição, pois sua bunda inteira continuava latejando, vermelha e sensível como uma ferida aberta, de modo que sentar na dura cadeira de plástico provocava uma dor lancinante, dando a sensação — segundo testemunhos — de que o traseiro estava sendo espancado *de novo*. E então o menino ficava ali sentado, chorando, acabado, e a srta. Bowles dizia “Desculpe, não ouvi o que você disse. Tem algo a acrescentar ao debate?”, e o garoto balançava a cabeça, fazendo um *não* com um movimento patético, derrotado e miserável, e a turma toda entendia que a srta. Bowles queria chamar a atenção de todos ao choro dele para humilhá-lo ainda mais. Em público. Na frente dos amigos. Havia na srta. Bowles uma inclemência que os seus suéteres azuis e andróginos mal podiam conter.

Naquele dia, todos estavam esperando a volta de Bishop. A expectativa era grande. Estavam ansiosos por acolhê-lo após sua iniciação. Agora ele saberia o que todos haviam sofrido. E seria um deles. Então, os alunos esperaram, prontos a lhe dar as boas-vindas e perdoá-lo por chorar. Passaram-se dez minutos, quinze, e então, bem na marca dos dezoito minutos, veio a inevitável batida à porta. A srta. Bowles fez um grande espetáculo ao exclamar “Ora, quem será?” e então colocou o giz na borda do quadro-negro, caminhou até a porta e a abriu. E lá estavam eles, Bishop e o diretor, e então ela e toda a turma ficaram perplexas ao ver que Bishop não apenas estava de rosto seco, sem qualquer sinal de lágrimas, como também estava, de fato, sorrindo. Parecia *feliz*. A mão do diretor não estava sobre o ombro de Bishop. Na verdade, o diretor estava a cerca de um metro de distância de Bishop, como se o menino tivesse uma

doença contagiosa. Por um momento, a srta. Bowles olhou atônita para o diretor, que, em vez de anunciar, conforme o roteiro habitual, que o menino estava pronto para voltar à turma, limitou-se a dizer, naquele tom distante em que às vezes os soldados falam sobre a guerra:

— Aqui está. Fique com ele.

Bishop caminhou até a mesa e todos os alunos viram-no atravessar a sala e sentar, saltando na carteira, batendo a bunda com força e olhando para a frente, com ferocidade, como se desafiasse qualquer pessoa a tentar machucá-lo.

Esse momento viveria para sempre no coração de todos os alunos da sexta série que o presenciaram. Um deles tinha aguentado o que havia de pior no mundo adulto e voltara triunfante. Depois disso, ninguém nunca mais se meteu com Bishop Fall.

5

A MÃE DE Samuel lhe contou a história do Nix. Mais uma das histórias de fantasmas do pai dela. O mais assustador de todos. O Nix, disse ela, era um espírito das águas que vagava pelo litoral em busca de crianças, especialmente aquelas intrépidas que andassem sozinhas. Ao encontrar uma, o Nix se mostrava a ela na forma de um grande cavalo branco. Desencilhado, mas amigável e manso. Abaixava-se, tanto quanto possível para um cavalo, oferecendo o lombo para que a criança montasse.

No início, as crianças ficavam com medo, mas, no fim das contas, como poderiam recusar? Um cavalo só para elas! Então saltavam para cima dele e, quando o animal se erguia de novo, descobriam-se dois metros e meio acima do solo e se sentiam deleitadas — nenhuma criatura tão grande jamais lhes dera atenção. Isso as encorajava. Para irem mais rápido, as crianças então batiam os calcanhares no cavalo, que saía em um trote largo, e, quanto mais elas se alegravam, mais rápido ele corria.

Desejavam que outras pessoas as vissem.

Desejavam que os amigos olhassem com inveja para aquele cavalo novo e lindo. O cavalo *delas*.

Era sempre assim. Primeiro, as vítimas do Nix sempre tinham medo. Depois, sentiam-se sortudas. Depois, confiantes. Depois, orgulhosas. Depois, aterrorizadas. Incitavam-no a correr mais e mais rápido, até alcançar um galope total, agarrando-se ao pescoço dele. Essa era a melhor coisa que já acontecera com elas. Nunca tinham se sentido tão importantes, tão cheias de prazer. E só então — no ápice da velocidade e da alegria, quando acreditavam estar em total controle do animal, em sua total posse, quando mais desejavam ser invejadas por isso, no auge da vaidade, da arrogância e do orgulho — o cavalo se desviava da trilha que levava à aldeia e galopava em direção aos penhascos à beira-mar. Corria em velocidade máxima rumo ao grande despenhadeiro junto às águas revoltas e

turbulentas. E as crianças gritavam e puxavam as crinas dele, choravam e pediam socorro, mas era tudo inútil. O Nix saltava do abismo e despencava para o mar. As crianças continuavam agarradas ao pescoço dele enquanto caíam e, caso não morressem despedaçadas nas rochas, afogavam-se nas águas geladas.

Essa era uma das histórias que Faye escutara do pai. Todas as histórias de fantasmas que ela conhecia tinham vindo do vovô Frank, um homem alto, magro e intensamente reservado, com um sotaque estarrecedor. Para a maioria das pessoas o silêncio dele era intimidador; para Samuel, foi sempre um alívio. Nas raras vezes em que o visitavam em Iowa, no Dia de Ação de Graças ou no Natal, a família comia sem dizer uma palavra sequer ao redor da mesa. Era difícil puxar assunto com alguém que respondia apenas balançando a cabeça e grunhindo “Hmmm” de um jeito indiferente. Na maior parte das vezes, todos comiam o peru em silêncio até que o vovô Frank terminava sua refeição e ia assistir TV na sala ao lado.

Ele só se animava ao contar histórias de sua velha terra natal — velhos mitos, velhas lendas, velhos contos de fantasmas que ele escutara por crescer na região em que crescera, no extremo norte da Noruega, em uma pequena vila de pescadores na região ártica, da qual partira aos dezoito anos. Quando a história do Nix foi contada a Faye, seu pai explicou que a moral era a seguinte: *Não acredite em nada que pareça bom demais para ser verdade*. Mas depois ela cresceu e chegou a outra conclusão, que partilhou com Samuel um mês antes de abandonar a família. Contou a ele a mesma história, mas acrescentou sua própria moral:

— As coisas que você mais ama são as que mais irão machucá-lo. Samuel não entendeu.

— O Nix não aparece mais em forma de cavalo — disse Faye.

Ansiando por uma pausa na onda de calor que agora parecia interminável, eles estavam sentados na cozinha, lendo com a porta da geladeira bem aberta e um ventilador soprando o ar frio na direção deles, bebendo água com gelo em copos de vidro suados que deixavam círculos molhados na mesa.

— Antes, o Nix aparecia como um cavalo, mas isso era antigamente — explicou ela.

— Como ele aparece agora?

— É diferente para cada um. Mas, em geral, o Nix aparece como uma pessoa. Geralmente, é uma pessoa que você acredita amar.

Samuel continuava sem entender.

— As pessoas se amam por vários motivos, nem todos bons — continuou ela. — Amam porque é fácil. Ou por hábito. Ou porque desistiram. Ou porque têm medo. As pessoas podem ser o Nix umas das outras.

Ela tomou um gole da água, depois encostou o copo gelado na testa. Fechou os olhos. Era uma longa e tediosa tarde de sábado. Henry tinha ido para o escritório após mais uma briga, dessa vez por causa da louça suja. Nessa semana, o lava-louça — um resquício do final da década de 1970, cor de abacate — havia finalmente parado de funcionar, e Henry nem por um instante se ofereceu para lavar a crescente pilha de pratos e tigelas e copos e utensílios de cozinha que ia cobrindo a pia e grande parte da bancada. Samuel suspeitou que a mãe estivesse agindo de propósito ao deixar a pilha sair de controle — e talvez até contribuindo para isso mais do que o habitual, usando várias panelas quando uma seria o suficiente — como uma espécie de teste. Será que Henry perceberia? Ajudaria? O fato de Henry não fazer nem uma coisa nem outra exorbitou as interpretações de Faye.

— Parece aquelas aulas sobre como ser uma boa dona de casa — disse ela, quando a altura da louça ficou realmente intolerável.

— Do que você está falando? — perguntou Henry.

— Parece o colégio. Você vai se divertir enquanto eu cozinho e limpo a casa. Nada mudou. Depois de vinte anos, absolutamente nada mudou.

Henry lavou toda a louça, depois alegou deveres urgentes no escritório, deixando Faye e Samuel sozinhos, mais uma vez, juntos. Os dois sentaram-se na cozinha, lendo seus respectivos livros. No caso dela, poemas incompreensíveis. No caso dele, um livro em que podia escolher o que aconteceria em seguida.

— Conheci uma menina chamada Margaret no colégio — disse Faye. — Margaret era muito inteligente e engraçada. E lá no colégio ela se apaixonou por um menino chamado Jules. Um garoto muito

bonito, que parecia capaz de qualquer coisa. Todo mundo ficou com inveja dela. Mas, no fim das contas, Jules era o Nix da Margaret.

— Por quê? O que aconteceu?

Ela colocou o copo na pequena poça que ele produzira no tampo de madeira.

— Ele desapareceu — disse Faye. — Ela ficou à deriva, nunca conseguiu sair da cidade. Ouvi dizer que ela ainda está lá, trabalhando de caixa na farmácia do pai.

— Por que ele fez isso?

— É isso que um Nix faz.

— E ela não notou que ele era um Nix?

— É difícil perceber. Mas uma boa regra a se lembrar é que qualquer pessoa por quem você se apaixonar antes da idade adulta é, provavelmente, um Nix.

— Qualquer pessoa?

— Provavelmente qualquer pessoa.

— Quando você conheceu o papai?

— Na escola — respondeu ela. — Nós tínhamos dezessete anos.

O olhar de Faye se perdeu na bruma amarelada da tarde. A geladeira soltou um estampido, depois um zumbido, depois um estalo e, de repente, com um breve e derradeiro rangido elétrico, parou de funcionar. E a luz se apagou. E o rádio-relógio digital desfaleceu sobre a bancada. E Faye olhou ao redor e disse:

— A luz caiu.

E isso, claro, significava que Samuel teria que mexer no disjuntor, porque o disjuntor ficava no porão e a mãe se recusava a descer ao porão.

A lanterna pesava, dura, entre suas mãos, o punho de alumínio cheio de pequenos furos, a extremidade coberta em borracha e grande o bastante para ser usada como um porrete em caso de emergência. Faye não descia ao porão porque era lá que vivia o espírito da casa. Pelo menos era essa a história que ela contava, mais um relato do vovô Frank: os espíritos da casa habitavam os porões e assombravam certas pessoas pelo resto da vida. Faye lhe contou que, quando era criança, havia encontrado um desses

espíritos, que passara a assombrá-la. Depois disso, ela passou a evitar porões.

Mas a mãe insistia em dizer que aquele espírito doméstico só aparecia para ela, que apenas ela era assombrada e que Samuel não corria risco algum. Ele podia descer ao porão e nada de mau lhe aconteceria.

Samuel começou a chorar. Um choramingo suave e fininho, porque ou havia um fantasma cruel vivendo no porão, observando-o agora mesmo, ou sua mãe era meio louca. Arrastou os pés pelo piso de concreto e manteve a atenção concentrada no fecho de luz à sua frente. Tentou ficar cego para tudo o que não fosse aquele círculo luminoso. E, assim que avistou a caixa do disjuntor no outro lado do recinto, fechou os olhos e tentou seguir adiante em linha reta. Seguiu arrastando os pés, com a lanterna em riste, e assim foi até sentir a ponta da lanterna bater na parede. Abriu os olhos. Lá estava o disjuntor. Samuel empurrou a chave para cima e as luzes do porão voltaram à vida. Olhou para trás e não viu nada. Nada além da bagunça costumeira do porão. Ficou parado por um instante para se recompor, para parar de chorar. Sentou no chão. Estava bem mais fresco lá embaixo.

6

NAS PRIMEIRAS SEMANAS do ano escolar, Bishop e Samuel formaram uma aliança natural. Bishop fazia o que queria e Samuel ia atrás dele. Esses papéis eram simples para os dois. Jamais debateram o assunto nem falaram abertamente a respeito, mas assumiram suas posições como moedas caindo ao serem enfiadas na fenda de uma máquina de venda automática.

Encontravam-se no bosque, perto do laguinho, para brincar de guerra. Bishop sempre tinha um roteiro pronto. Lutavam contra os vietcongues no Vietnã, contra os nazistas na Segunda Guerra Mundial, contra os confederados na Guerra Civil, contra os ingleses na Revolução Americana, contra os índios na Guerra Franco-Indígena. E, a não ser por uma tentativa confusa de encenar a Guerra Anglo-Americana de 1812, as guerras sempre tinham um objetivo claro, e eles faziam o papel de mocinhos, e seus inimigos eram sempre maus, e Bishop e Samuel sempre venciam.

Quando não estavam brincando de guerra, jogavam videogame na casa de Bishop, atividade preferida por Samuel, porque talvez encontrasse Bethany, a quem amava. Embora ele provavelmente ainda não chamasse aquele sentimento de "amor". Era mais um misto de atenção e agitação intensificadas cuja manifestação física era uma diminuição da extensão vocal (ele tendia a entrar em um estado de paralisia e penitência na presença dela, embora não fosse sua intenção) e um intenso desejo de tocar as roupas dela com o polegar e o indicador, suavemente. A irmã de Bishop o deixava extasiado e aterrorizado. Mas ela geralmente ignorava os garotos. Bethany parecia não perceber a influência que exercia. Praticava as escalas musicais, ouvia música, fechava a porta. Viajava para se apresentar em vários festivais e competições musicais, nos quais tocava seus solos de violino e ganhava faixas e troféus que, no devido tempo, iam parar na parede de seu quarto, junto a vários pôsteres de musicais de Andrew Lloyd Weber e uma pequena

coleção dessas máscaras de porcelana que representam a comédia e a tragédia. Flores secas também, fruto de seus muitos recitais, depois dos quais ela recebia grandes buquês de rosas que deixava secar cuidadosamente para então afixar na parede, acima da cama, uma floração em tons pastel de verde e cor-de-rosa combinando perfeitamente com a paleta de cores da colcha, das cortinas e do papel de parede. Era um perfeito quarto de menina.

Samuel conhecia o interior do quarto porque, duas ou três vezes, o havia espiado de uma posição estratégica do lado de fora, no bosque. Costumava sair de casa logo após o pôr do sol, sob o intenso céu violeta, então caminhava até o riacho, avançava em uma trilha barrenta entre as árvores, atrás das casas da Vila Veneziana, passando pelos jardins onde rosas e violetas fechavam-se para a noite, atrás dos canis fedorentos e das estufas com forte cheiro de enxofre e fósforo, atrás da casa onde o diretor da Academia do Sagrado Coração morava, e que às vezes podia ser visto àquela hora da noite relaxando em sua jacuzzi de água salgada no jardim, feita sob medida, então Samuel avançava devagar, com cautela, tomando cuidado para não pisar em gravetos ou pilhas de folhas secas e observando de soslaio o diretor, que, àquela distância, parecia uma coisa viscosa, mole, branca e indistinta, cujas partes — barriga, queixo e axilas — só eram perceptíveis por conta das dobras pesadas. E dali Samuel contornava o quarteirão, atravessando o bosque, até o atarracado fim da rua, onde se posicionava entre as raízes das árvores atrás da casa dos Fall, a uns três metros do ponto onde o gramado encontrava a floresta, e fazia isso todo vestido de preto, deitado, com o capuz do casaco quase encostando no chão, de modo que a única parte de seu corpo exposta ao mundo eram os olhos.

E dali ele espiava.

O ardor alaranjado das luzes, sombras de pessoas movendo-se pela casa. E quando Bethany aparecia, enquadrada pela janela de seu quarto, um raio de ansiedade perfurava a barriga de Samuel. Ele pressionava ainda mais o corpo contra o solo. Bethany usava um vestido de algodão fino, era isso o que ela sempre vestia, sempre um pouco mais elegante que as outras pessoas, como se estivesse

voltando de um restaurante caro ou da igreja. O leve balançar do vestido quando ela andava, e depois o suave pousar do tecido aderindo ao seu corpo quando ela se detinha, deslizando por sua pele, era como olhar plumas rodopiando elegantemente no ar. Samuel poderia se afogar naquele tecido com alegria.

Tudo o que ele queria era vê-la. Só uma confirmação de que ela, de fato, existia. Isso era tudo de que ele precisava, e, tão logo a avistava, Samuel ia embora, muito antes que ela trocasse de roupa e que alguém pudesse acusá-lo de cometer um ato ignóbil. Apenas aquele simples ato — ver Bethany e participar daquele instante de intimidade silenciosa — tinha o poder de acalmá-lo e lhe dar forças para atravessar outra semana. O fato de ela estudar no Sagrado Coração e não na escola pública, de passar tanto tempo em seu quarto ou viajando eram coisas que, aos olhos de Samuel, pareciam injustas. As meninas que os outros garotos amavam estavam sempre presentes e à vista, nas carteiras da frente na sala de aula ou nas mesas ao lado no refeitório. Na cabeça de Samuel, a extrema inacessibilidade de Bethany justificava que ele a espiasse de vez em quando. Isso lhe era devido.

Então, certo dia, quando Samuel estava na casa dos Fall, Bethany entrou pisando forte na sala da TV, onde Bishop jogava seu Nintendo, e se lançou no mesmo pufe extragrande em que Samuel estava sentado. Quando Bethany sentou, uma pequena parte do ombro dela ficou encostada em uma pequena parte do ombro dele. E, de repente, ele sentiu que todo o sentido do mundo estava concentrado naqueles poucos centímetros quadrados.

— Estou entediada — disse ela.

Estava usando um vestido de verão amarelo. Samuel sentia o cheiro de seu xampu, recendendo a mel, limão e baunilha. Ficou imóvel, com medo de que ela fosse embora caso ele se mexesse.

— Quer jogar um pouco? — perguntou Bishop, estendendo bruscamente o controle.

— Não.

— Quer brincar de esconde-esconde?

— Não.

— Pique-bandeira? Chicotinho queimado?

— Como é que a gente vai brincar de chicotinho queimado? Não dá.

— Só estou dando ideias. Pensando alto. Tiro no escuro.

— Não quero brincar de chicotinho queimado.

— Amarelinha? Jogo da pulga?

— Agora você está falando bobagem.

Samuel sentiu a pele suar no ponto em que o ombro de Bethany encostava no dele. O corpo dele estava tão rígido que chegava a doer.

— Que tal uma daquelas brincadeiras estranhas de menina? — sugeriu Bishop. — Aquelas em que vocês dobram um pedacinho de papel para descobrir com quem vão casar ou quantos filhos vão ter.

— Eu não quero fazer isso.

— Você não quer saber quantos filhos vai ter? Onze filhos. É o meu palpite.

— Cala a boca.

— A gente pode jogar consequência.

— Eu não quero jogar consequência.

— O que é consequência? — perguntou Samuel.

— É verdade ou consequência sem a parte idiota — respondeu Bishop.

— Eu quero dar uma volta — disse Bethany. — Por nenhuma razão específica. Só quero dar uma volta para não continuar aqui.

— Um parque? — perguntou Bishop. — Uma praia? O Egito?

— Por nenhuma razão específica além de dar uma volta por nenhuma razão específica.

— Ah, você quer ir ao shopping — concluiu Bishop.

— Sim — disse ela. — O shopping. Sim, isso mesmo.

— Eu vou ao shopping! — exclamou Samuel.

— Nossos pais não deixam a gente ir ao shopping — disse Bethany. — Eles dizem que é barato e vulgar.

— *Eu prefiro levar um tiro a usar aquelas roupas* — afirmou Bishop, inflando o peito e fazendo uma imitação caprichada do pai.

— Eu vou ao shopping amanhã — disse Samuel. — Com a minha mãe. A gente precisa comprar um lava-louça novo. Vou comprar alguma coisa para você. O que você quer?

Bethany pensou por alguns instantes. Olhou para o teto, encostou o dedo na maçã do rosto e pensou bastante no assunto antes de responder:

— Me surpreenda.

E, durante toda aquela noite e parte do dia seguinte, Samuel pensou em algo para dar a Bethany. Que presente poderia apreender todas as coisas que ele precisava que ela soubesse? O presente tinha que reunir seus sentimentos por ela, transmitindo, em um único e pequeno embrulho, uma dose rápida e potente do amor, do comprometimento e da total e entregue devoção que ele sentia.

Portanto ele já sabia os parâmetros do presente, mas ainda não conseguia discernir o presente em si. Em algum lugar, entre os milhões de bilhões de prateleiras do shopping, o presente perfeito quase certamente o esperava. Mas o que seria?

No carro, Samuel estava em silêncio e sua mãe, agitada. Ela sempre ficava assim quando iam ao shopping. Odiava shoppings e suas críticas ao que ela chamava de “cultura suburbana de shopping center” tornavam-se ásperas e brutais toda vez que ela precisava ir a um deles.

Os dois navegaram para além do loteamento, desembocando na ampla avenida principal, idêntica a todas as avenidas principais em todos os subúrbios americanos: uma galeria de espelhos refletindo mil franquias. Isso é o que você ganha por viver em um subúrbio americano, disse Faye, a satisfação de pequenos desejos. Acesso a coisas que você nem sabia que queria. Um supermercado ainda maior que os outros. Uma quarta faixa de rolamento. Um estacionamento maior e melhor. Uma nova lanchonete ou videolocadora. Um McDonald’s um pouco mais próximo do que o outro McDonald’s. Um McDonald’s ao lado de um Burger King, em frente a um Hardee’s, no mesmo quarteirão de um Steak’n Shake e um Bonanza, um rodízio liberado da Ponderosa. O que você ganha, em outras palavras, é o poder de *escolha*.

Ou, melhor dizendo, a *ilusão* da escolha, disse ela, já que todos esses restaurantes oferecem basicamente o mesmo cardápio, com alguma pequena variação nas carnes e nas batatas. Acontecia o

mesmo com o supermercado, onde ela parava no corredor das massas e ficava olhando a prateleira com dezoito marcas de espaguete. Não conseguia entender.

— Por que a gente precisa de dezoito tipos de espaguete? — perguntou ela.

Samuel deu de ombros.

— Exatamente — concluiu a mãe.

Por que a gente precisa de vinte tipos diferentes de café? Por que precisa de tantos xampus? Em meio ao caos do corredor de cereais, era fácil esquecer que aquelas centenas de opções eram, na verdade, uma só.

Eles tinham ido ao shopping — aquela vasta, luminosa e tremenda catedral climatizada — para procurar um lava-louça, mas Faye se deixava distrair por vários outros utensílios domésticos: um negócio que torna mais fácil guardar as sobras das refeições; um negócio que torna mais fácil triturar as mesmas sobras; um negócio que impede que a comida grude na panela; um negócio que torna mais fácil congelar a comida; um negócio que torna mais fácil aquecer a comida de novo. Ao se deparar com um novo item, ela soltava um *Oh!* de surpresa, apanhava o objeto, inspecionava-o, virava-o, lia o rótulo e então dizia algo como:

— Eu fico imaginando quem inventa essas coisas.

Aquelas coisas a deixavam desconfiada, com a suspeita de que outra pessoa houvesse implantado uma necessidade em sua mente ou, talvez, detectado uma necessidade que ela própria não sabia ter. Na seção de jardinagem, o que chamou sua atenção foi um cortador de grama com controle remoto, cintilante, grandalhão, supermasculino, de um vermelho fantásticamente brilhante.

— Anos atrás, eu nem imaginava que um dia teria um gramado — prosseguiu ela. — E agora, de repente, eu quero muito comprar isso. Qual é o meu problema?

— Não, não, isso não é um problema — disse ela mais tarde em outra loja de equipamentos de cozinha, retomando a conversa como se não a tivesse interrompido. — Não tem nada de errado nisso. Mas, sei lá. Eu me sinto como... — Ela fez uma pausa, pegou um objeto branco de plástico e ficou olhando para ele, na palma da

mão: um tipo de aparelho que cortava legumes em palitinhos perfeitos. — Não é meio absurdo? Que eu simplesmente possa *comprar* isto?

— Não sei.

— Então é isso que eu sou? — perguntou ela, olhando o objeto no côncavo da mão. — Essa sou mesmo eu? É isso que me tornei?

— Pode me dar algum dinheiro? — pediu Samuel.

— Para quê?

Samuel deu de ombros.

— Não vá comprar alguma coisa só por comprar. Não compre só para sair comprando.

— Não vou.

— Você não *precisa* comprar nada, é o que eu quero dizer. Ninguém precisa de nenhuma dessas coisas.

Enfiou a mão na bolsa e tirou uma nota de dez dólares.

— Me encontre aqui em uma hora.

Samuel agarrou o dinheiro e mergulhou na resplandecente luz branca do shopping. O local era insondavelmente grande. Era como um imenso animal vivo. O som de uma criança ou de várias crianças gritando ou chorando em algum lugar distante se tornou parte do estrépito onidirecional: Samuel não tinha a menor ideia de onde vinha a voz, nem onde a criança estava, nem se estava feliz ou triste. Era simplesmente um fato auditivo desconexo. Era inconcebível pensar que não houvesse lojas suficientes no shopping, mas alguém decidira que deveria haver ainda mais, e isso explicava os quiosques que ocupavam o centro de todos os corredores, vendendo produtos especializados e, às vezes, espetaculosos: pequenos helicópteros de brinquedo que o vendedor fazia voar sobre as preocupadas cabeças da multidão, chaveiros com o nome do dono gravado a laser, aparelhos especiais para cachear cabelos cujo funcionamento era um mistério completo para Samuel, salames em caixas de presente, blocos de vidro que pareciam conter hologramas em 3-D, uma cinta especial que fazia as pessoas parecerem mais magras do que realmente eram, chapéus com mensagens personalizadas bordadas na hora, camisetas que podiam ser estampadas com uma foto do cliente. Com suas centenas de

lojas e estandes, o shopping parecia fazer uma simples promessa: aqui você vai encontrar tudo o que precisa. Até coisas aparentemente esotéricas podiam ser achadas lá. Branqueamento dental, por exemplo, não parece o tipo de coisa que se possa encontrar em um shopping. Ou massagem sueca. Ou um piano. E, ainda assim, havia todas essas coisas lá. A grandiosidade esmagadora do shopping tinha a função de substituir a imaginação humana. Não se preocupe em sonhar com seus desejos: o shopping já os sonhou para você.

Procurar o presente perfeito no shopping era como ler um livro em que você escolhe a trama, mas sem a lista de alternativas no fim do capítulo. Samuel precisava adivinhar para qual página devia pular. O final feliz estava em algum lugar, escondido.

Ele passou pela loja de velas e inspirou duas ou três vezes, enchendo os pulmões com perfume de canela. O salão de manicures lhe causou uma breve enxaqueca tóxica. Na loja de doces, as balas duras tentaram seduzi-lo de dentro de seus potes de plástico, mas ele resistiu à tentação. A música ambiente do shopping se misturava às músicas que vinham de cada loja e o efeito era como um carro em movimento perdendo e reencontrando o sinal de rádio. Canções esvaneciam e retornavam gradualmente. Minutos antes, estava tocando uma música alegre, tipo Motown. Agora tocava "The Twist". Chubby Checker. Uma das músicas mais detestadas por sua mãe — embora Samuel não soubesse como tinha descoberto isso. E ele pensou sobre a música e continuou escutando a música que vinha das lojas e chegou mesmo a avistar a loja de discos do outro lado da praça de alimentação antes de ter a grande ideia, e lhe pareceu inacreditável que houvesse demorado tanto para tê-la.

Música.

Bethany estudava *música*. Samuel correu em direção à loja e se sentiu envergonhado por ter passado todo aquele tempo pensando sobre o que *ele* poderia dar a *ela*, mas sem se perguntar uma única vez o que Bethany de fato *gostaria* de ganhar. E isso lhe pareceu uma coisa egoísta e vaidosa, algo que ele sem dúvida teria que resolver em termos pessoais em algum momento, quando já não precisasse encontrar um presente perfeito em, tipo, dez minutos.

Então ele entrou correndo na loja e ficou momentaneamente desanimado ao perceber que todas as fitas cassete populares custavam em torno de doze dólares e, portanto, estavam além de seu orçamento. Mas o desespero não durou muito, pois Samuel logo avistou, no fundo da loja, uma cesta com a placa “Música clássica” e, logo abaixo, “Metade do preço”, o que lhe pareceu um sinal da Providência. As fitas cassete naquela seção custavam seis dólares, e uma delas — Samuel tinha certeza disso — seria o presente perfeito.

Mas enquanto revirava a confusão ruidosa do balaio de promoções, ele se deparou com um problema fundamental: não conhecia nenhuma daquelas músicas. Não sabia o que Bethany preferia nem quais fitas ela já tinha. Não sabia nem mesmo quais daquelas fitas eram *boas*. Alguns nomes lhe soavam familiares — Beethoven, Mozart —, mas a maioria era desconhecida. Alguns nomes eram tão exóticos que pareciam impronunciáveis. E ele estava prestes a se decidir por um dos nomes dos quais já ouvira falar — Stravinsky, embora não lembrasse como o conhecia — quando percebeu que, se ele próprio já ouvira falar de Stravinsky, então Bethany devia ter quase todas as gravações do compositor e talvez já as tivesse escutado até encher o saco. Por isso resolveu encontrar algo mais moderno, mais interessante, algo novo, algo que anunciasse quão fascinante era seu gosto, algo que mostrasse como ele era diferente e independente e não um maria vai com as outras. Então Samuel escolheu as dez capas mais interessantes. Nada de retratos de compositores, pinturas antigas ou fotografias de orquestras empoladas, nada de maestros erguendo a batuta. Foi direto nas capas conceituais: cores salpicadas, formas geométricas abstratas, espirais psicodélicas. Carregou todas aquelas fitas até o balcão, empilhou-as na frente do caixa e perguntou:

— Qual dessas fitas ninguém compraria?

O caixa, um sujeito de trinta e poucos anos com ar atencioso, cara de subgerente e cabelos presos em um rabo de cavalo, pareceu não estranhar a pergunta e tratou de examinar com cuidado as fitas cassete. Então, com um ar de autoridade que inspirou confiança imediata em Samuel, escolheu uma delas, balançou-a e disse:

— Esta. Ninguém nunca compra esta.

Samuel colocou os dez dólares no balcão e o caixa enfiou a fita em uma sacolinha.

— Este negócio aqui é muito moderno — comentou o caixa. — Bem de vanguarda.

— Ótimo — disse Samuel.

— É a mesma composição gravada dez vezes. Tipo, um negócio bem esquisito mesmo. Você gosta desse tipo de coisa?

— *Gosto muito.*

— Ok — respondeu o caixa.

Deu o troco a Samuel, que ainda ficou com quatro dólares sobrando. Ele correu até a loja de doces. O presente perfeito balançava desenfreadamente junto com a sacola, batendo na parte de trás de sua perna, e ele aguava diante da expectativa da bala que ia comprar, sua cabeça se movia ao sabor da música ambiente e seus olhos palpitavam com devaneios nos quais ele sempre fazia a escolha certa e todas as suas aventuras tinham os melhores e mais felizes desfechos.

7

BISHOP FALL ERA um valentão, mas não do tipo ordinário. Ele não perseguia os mais fracos. Deixava-os em paz, os menininhos magrelos, as garotas desajeitadas. Não queria presas fáceis. Quem despertava seu interesse eram os fortes, os confiantes, os poderosos e seguros de si.

Na festa de abertura do primeiro torneio esportivo do ano escolar, as atenções de Bishop se voltaram a Andy Berg, campeão local de todas as formas de brutalidade, único aluno a exibir tufos de pelo escuro nas pernas e nas axilas já na quinta série, aterrorizador contumaz dos pequenos e dos esganiçados. Foi o professor de educação física quem começou a chamá-lo de "Iceberg". Ou, às vezes, apenas de "Berg". Por causa de seu tamanho (colossal), sua velocidade (lenta) e a forma como se movia (implacável). Berg era um típico valentão de escola: imensamente maior e mais forte que qualquer colega de turma, sempre externando de forma evidente a fúria de certos fantasmas interiores nascidos do recalque por suas habilidades mentais raquíticas, sendo essas, por sinal, as únicas coisas raquíticas em sua pessoa. O resto de seu corpo encontrava-se em uma espécie de corrida genética em direção à idade adulta. Agora, na quinta série, ele já era mais alto que as professoras. E mais pesado, também. Seu corpo não era daqueles destinados à grandeza atlética. Ele seria, simplesmente, *grandalhão*. O formato do torso parecia o de um barril de cerveja. Os braços eram como picanhas.

A festa de abertura começou como geralmente começava, com os alunos do CA à quinta série sentados nas arquibancadas do ginásio de cheiro estranho e assoalho de borracha enquanto Terry Fluster, o diretor assistente (que, a propósito, vestia seu 1,80 metro de altura com a fantasia de uma águia vermelha e branca, o mascote da escola), liderava-os em uma série de refrãos, começando, como sempre, por: *Águias! Não usem drogas!*

Então o diretor Large reimpôs o silêncio e deu início à costumeira ladainha inaugural sobre suas expectativas quanto ao comportamento e sua filosofia pedagógica de tolerância zero e punição instantânea, e durante o discurso os alunos pararam de prestar atenção e ficaram olhando para os próprios sapatos de um jeito catatônico, exceto pelos do CA, que ouviam aquilo pela primeira vez e, naturalmente, estavam apavorados.

A festa de abertura terminou com as palavras usuais do sr. Fluster: *Vamos lá, Águias! Vamos lá, Águias!*

E os alunos o acompanharam gritando e batendo palmas com um entusiasmo que não chegava nem a um quarto daquele exibido pelo diretor, mas que, ainda assim, era suficiente para mascarar o refrão individual de Andy Berg, audível apenas às pessoas que se encontravam de pé ao seu redor, entre as quais se incluíam Samuel e Bishop: *O Kim é bicha! O Kim é bicha!*

Refrão esse dirigido, é claro, a Kim Wigley, que estava dois passos à esquerda de Berg e era, de longe, o menino mais fácil de se zombar em toda a quinta série, um daqueles que padecem todos os desastres possíveis da pré-adolescência: caspas espessas como flocos de neve, aparelho dental agressivo, impetigo crônico, miopia extrema, alergia severa a castanhas e pólen, infecções de ouvido atordoantes, eczema facial, conjuntivite aguda bimensal, verrugas, asma e até um caso de piolhos na primeira série que todos faziam questão de lembrar. E pesava no máximo vinte quilos. E tinha nome de menina.

Nesses momentos, Samuel sabia que o “certo” seria defender Kim, parar o bullying e confrontar o gigante Andy Berg, porque *valentões recuam ao encontrar resistência*, segundo os folhetos que os alunos recebiam uma vez por ano nas aulas de saúde pessoal. Isso, como todos sabiam, era uma baita mentira. Porque, no ano anterior, Brand Beaumonde havia de fato confrontado Berg. Em uma reação ao constante escárnio dirigido aos seus óculos de fundo de garrafa, peitou Berg bem no meio do refeitório e disse “Cala essa droga dessa boca, seu babaca!” em um espasmo de agitação nervosa. E Berg de fato recuou e o deixou em paz pelo resto do dia na escola, e todos os alunos que testemunharam o acontecimento entraram em

um estado de júbilo, porque talvez agora estivessem salvos e talvez os folhetos estivessem certos. Uma vasta sensação de otimismo permeou a escola, e Brand desfrutou o posto de pequeno herói local, até que Berg o encurralou no caminho para casa e o espancou com tamanha selvageria que a polícia foi chamada e interrogou os amigos de Brand, os quais, a essa altura, já haviam aprendido uma lição importante: manter a porra da boca fechada. Valentões nunca recuam.

Este ano, o grande rumor sobre Berg — rumor que o próprio Berg havia propagado — era que, pelo que se sabia, ele era o primeiro aluno da quinta série a ter feito sexo. Com uma menina. Uma menina que, segundo Berg, era uma ex-babá que, abre aspas, é louca pelo meu pau. Tudo isso, claro, era inverificável. Tanto a existência daquela menina do ensino médio quanto seu interesse pela anatomia de Berg: fatos inverificáveis mas, ainda assim, inquestionados. Entre os meninos que escutaram a fanfarrice de Berg no vestiário, ninguém estava disposto a arriscar sua integridade física para declarar o óbvio: nenhuma menina do ensino médio se interessaria por um aluno da quinta série, a menos que ela fosse mentalmente perturbada, horrivelmente feia ou emocionalmente arruinada. Ou todas essas coisas ao mesmo tempo. Simplesmente impossível.

Mas ainda assim.

Algo no jeito como Berg falava de sexo deixava os meninos com uma pulga atrás da orelha. Era a especificidade dos detalhes. Os pormenores exatos e nem um pouco encantadores. Era isso que deixava os meninos na dúvida, que os mantinha acordados de noite, matutando e às vezes caindo em acessos de fúria secretos ante a ideia de que talvez ele estivesse falando a verdade, talvez estivesse mesmo comendo uma menina do ensino médio e, se isso fosse verdade, seria prova suficiente de que o mundo era injusto e Deus não existia. Ou, se Deus existia, então Ele os odiava, pois ninguém naquela escola era menos merecedor de sexo do que o desgraçado do Andy Berg. Em todas as aulas de educação física, eles aguentavam a mesma ladainha: Berg dizendo que tinha precisado fumar um dos charutos do pai para disfarçar o cheiro de buceta, que

não ia transar naquela semana porque a menina estava menstruada, que uma vez, ao gozar, tinha feito a camisinha explodir *de tanto tesão*. Essas imagens provocavam pesadelos nos meninos, as imagens e a trágica possibilidade de que Berg, o repulsivo Berg, andasse desfrutando de uma vida sexual vigorosa enquanto a maioria dos garotos havia acabado de ter “aquela conversa” com os pais e ainda sentia pavor e nojo ante a simples ideia de fazer sexo com uma menina.

A zombaria de Berg contra Kim durante a festa de abertura talvez tenha sido o gatilho que impeliu Bishop a agir. A coisa toda deve ter parecido fácil demais para ele, óbvia demais — a falta de reação de Kim, o encolhimento repentino e submisso de seu corpo, revelando sua completa aceitação das hierarquias que se manifestavam naquele instante. Como por reflexo, Kim ficou ali parado, pronto para ser humilhado. Era como chutar um cachorro morto, o que provavelmente despertou o estranho senso de justiça de Bishop, inspirando seu desejo militar de proteger os fracos e inocentes por meio da violência desproporcional.

Enquanto os alunos saíam do ginásio em fila indiana, Bishop deu um tapinha no ombro de Berg.

— Ouvi um boato sobre você — disse.

Berg olhou-o de cima para baixo, incomodado.

— Ah, é? O quê?

— Que você já fez sexo.

— É melhor você acreditar.

— É verdade, então, o boato?

— Eu trepo tanto que você nem consegue imaginar.

Samuel seguia andando atrás deles, cautelosamente. Em geral, ficava nervoso quando estava assim tão perto de Berg, mas a presença de Bishop entre eles lhe dava segurança. A personalidade de Bishop tendia a atrair todas as atenções para si. Era como se ele bloqueasse Samuel e o tornasse invisível.

— Está bem — disse Bishop. — Tenho uma coisa para você.

— O quê?

— É uma coisa para caras mais maduros. Como você.

— O que é?

— Não quero falar agora. Alguém pode ouvir. É uma coisa bem picante e totalmente ilegal.

— Que merda é essa que você está falando?

Bishop desviou o olhar e espiou ao redor, como se estivesse se assegurando de que não havia ninguém mais por perto para ouvir, então se inclinou para perto de Berg, acenando para que ele se curvasse, assim a gigantesca cabeça dele não ficaria tão distante, e por fim sussurrou:

— Pornografia.

— *Impossível!*

— Fala baixo.

— Você tem pornografia?

— Um estoque gigante.

— Sério?

— Eu estava tentando achar alguém adulto o bastante aqui para ver minha coleção.

— Massa! — disse Berg, excitado.

Porque, para os meninos da idade dele, para os meninos que estavam chegando à adolescência na década de 1980, naqueles tempos anteriores à internet, quando o mundo digital ainda não havia transformado a pornografia em algo facilmente acessível e, portanto, banal, para essa última geração de meninos para quem a pornografia ainda era acima de tudo um *objeto físico*, ter qualquer tipo de material pornográfico era como ter um superpoder. Um superpoder que tornava seu portador imediatamente legítimo e popular entre os outros garotos. Isso em geral acontecia uma vez por semestre: algum menino desconhecido achava a coleção de revistas bagaceiras do pai e experimentava uma súbita ascensão social, desfrutando essa posição até que fosse descoberto, o que poderia demorar um dia ou vários meses, dependendo do temperamento do rapaz. Os mais transparentes e desesperados por atenção, que ansiavam por conquistar a simpatia dos outros, tendiam a roubar a pilha inteira em troca de um único momento de fama, uma breve e fulgurante estrela que se consumia ao fim do dia, quando os pais notavam o desaparecimento da coleção pornográfica inteira e ligavam os pontos. Outros meninos, os que controlavam

melhor seus impulsos e tinham menos ânsia de aprovação, eram mais judiciosos em suas empreitadas pornográficas. Poderiam, por exemplo, remover apenas uma revista da pilha — digamos que a segunda ou terceira de baixo para cima, uma edição que, presumivelmente, já fora examinada, desfrutada, digerida e abandonada. Levavam essa única revista à escola e deixavam que todos a folheassem, para então devolvê-la à coleção uma ou duas semanas depois, removendo em seguida outro exemplar da base da pilha e repetindo a mesma sequência de ações. Esse tipo de menino às vezes conseguia manter um nível consistente de popularidade por vários meses, até que algum professor notava aquele grupo de rapazes amontoados no recreio e ia investigar, porque, quando os alunos do primeiro grau não corriam para todos os lados como um bando de abobalhados, era sinal de que algo estava muito errado.

Em outras palavras, era sempre temporário o acesso dos meninos à pornografia. Exatamente por isso, as palavras de Bishop fisgaram o interesse de Berg.

— Onde você guarda? — perguntou ele.

— A maioria desses meninos ia surtar — disse Bishop. — Não iam conseguir entender o que estavam vendo.

— Me deixa ver.

— Já você, por outro lado. Acho que você não ia surtar.

— De jeito nenhum.

— Ok, me encontra depois da escola. Quando todo mundo tiver ido embora. No vão da escada atrás do refeitório, perto da plataforma de descarga. Vou mostrar onde escondo.

Berg assentiu e, em seguida, saiu do ginásio, abrindo caminho com os cotovelos. Samuel deu um tapinha no ombro de Bishop.

— O que você está fazendo? — perguntou.

Bishop sorriu.

— Estou levando a guerra ao inimigo.

Mais tarde, naquele mesmo dia, após o alarme de saída, após a chegada e a partida dos ônibus escolares, quando o prédio enfim se esvaziou, Bishop e Samuel foram esperar atrás da escola, na parte que não podia ser vista da rua principal, um lugar todo feito de concreto e asfalto. Parecia um centro de distribuição de mercadorias,

uma paisagem industrial, mecânica, automatizada e apocalíptica. Havia gigantescos aparelhos de ar-condicionado, cujas ventoinhas giravam dentro de caixas de alumínio incrustadas e enegrecidas pelo escapamento fuliginoso, rugindo como um esquadrão de helicópteros militares que, embora prontos para decolar, permaneciam pousados. O vento soprava pedaços de papel e papelão nos cantos e nas fendas. Havia um compactador de lixo industrial: feito de metal maciço, grande como um caminhão basculante, pintado naquela cor verde-floresta típica de veículos usados em descarte de lixo, todo coberto por uma escória de resíduos pegajosos.

Bem ao lado da plataforma de descarga, havia uma escada que levava à porta de um porão que nunca era usada. Ninguém sequer sabia aonde aquilo ia dar. De um lado da escada, havia a parede de concreto da plataforma, e do outro, altas grades impossíveis de escalar. Também havia um portão que dava acesso ao primeiro degrau. Aquela escada era um enigma para qualquer um que pensasse um pouco sobre o assunto. As grades obviamente demonstravam a intenção de impedir a entrada de pessoas, mas, mesmo se o portão estivesse trancado, bastaria pular do alto da plataforma para chegar à escada. No entanto, a porta do porão ao fim da escada era daquelas que só se abrem por dentro e nem sequer tinha maçaneta externa. Logo, a única verdadeira função do portão era trancar pessoas lá dentro, o que parecia no mínimo arquitetonicamente esquisito e, em última instância, um perigo enorme em caso de incêndio. De qualquer maneira, a quantidade de terra, folhas mortas, sacos plásticos e guimbas de cigarro acumulados ao longo da escada indicavam que ela não era usada havia alguns anos.

E lá eles aguardaram a chegada de Berg. Samuel estava assustado e nervoso com tudo aquilo, nervoso por causa do plano de Bishop, que era trancar Andy Berg na escada e deixá-lo lá a noite inteira.

— Olha, eu acho que a gente não devia fazer isso — anunciou Samuel a Bishop, que estava no fim da escada escondendo uma

sacola de plástico preto que havia tirado da mochila, recobrando-a de folhas, terra e entulho.

— Relaxa. Vai dar tudo certo — assegurou Bishop.

— Mas e se não der? — indagou Samuel, que se encontrava no limiar de um choro de Categoria 2 só de pensar no que Andy Berg poderia fazer com eles por causa dessa tramoia, que lhe parecia um tanto idiota. — Por que a gente não vai embora agora? Antes que ele chegue. Ainda dá para voltar atrás.

— Preciso que você faça a sua parte no plano. Qual é a sua parte no plano?

Samuel franziu o cenho e tocou no metal do cadeado corpulento escondido em seu bolso.

— Quando ele chegar ao fim da escada, eu fecho o portão.

— Fecha o portão *em silêncio* — disse Bishop.

— Isso. Para ele não notar.

— Vou fazer o sinal e você fecha o portão.

— Qual é o sinal?

— Vou lhe dirigir um olhar cheio de emoção.

— O quê?

— Vou arregalar os olhos. Você vai notar quando vir.

— Ok.

— E depois que o portão estiver fechado?

— Eu tranco — disse Samuel.

— Essa é a parte crucial da missão.

— Eu sei.

— A parte mais importante de todas.

— Se eu trancar o portão, ele não vai poder sair para nos dar uma surra.

— Você tem que pensar como um soldado. Precisa se concentrar na sua parte da operação.

— Ok.

— Não ouvi o que você disse.

Samuel bateu o pé no chão.

— Eu disse *positivo e operante*.

— Assim é melhor.

O tempo estava quente e pegajosamente úmido, as sombras se alongavam e a luz tinha um forte tom alaranjado. Nuvens de tempestade se acumulavam no horizonte, aquelas grandes nuvens do Meio-Oeste que parecem avalanches flutuantes, o que significava uma noite com pancadas de chuva e relâmpagos silenciosos. Um vento soprava com aspereza por entre os galhos das árvores. Um cheiro penetrante de eletricidade e ozônio no ar. Bishop terminou de ajeitar a sacola na base da escada. Samuel treinou o movimento de fechar o portão sem deixá-lo ranger. Depois de um tempo, subiram à plataforma de descarga e aguardaram, Bishop conferindo diversas vezes o conteúdo da mochila, Samuel apalpando as arestas do enorme cadeado em seu bolso.

— Bish?

— Diga.

— O que aconteceu na sala do diretor?

— Como assim?

— Quando você foi levar a surra. O que aconteceu lá?

Por um momento, Bishop parou de remexer na mochila. Encarou Samuel, depois virou o rosto e seu olhar se perdeu ao longe. Assumiu um aspecto que Samuel começava a reconhecer: o corpo parecia contraído e retesado, os olhos se convertiam em fendas estreitas, as sobrancelhas se enrugavam em um ângulo agudo. Uma postura de desafio, uma expressão que Samuel já vira muitas vezes: quando Bishop confrontara o diretor, a srta. Bowles, o sr. Fall, e quando havia arremessado a pedra na casa do diretor. Uma ferocidade e uma dureza raramente vistas em meninos de onze anos.

Mas tudo se dissolveu assim que Andy Berg apareceu contornando o prédio, andando daquele jeito destrambelhado e idiota dele, arrastando os pés como se eles estivessem longe demais de seu cérebro minúsculo, como se seu corpo fosse grande demais para o sistema nervoso.

— Lá vem ele — disse Bishop. — Se prepara.

Berg estava usando as roupas de sempre: calça preta de moletom, tênis brancos genéricos e uma camiseta com uma estampa engraçadinha, que, nesta ocasião, era "Cadê o toucinho que estava

aqui?”. Era o único garoto da sala que não enfrentava gozações por usar tênis vagabundos imitando os de alguma marca famosa. Seu tamanho gigantesco e sua propensão à violência lhe davam um salvo-conduto em termos de moda. O único ponto em que Andy Berg condescendia aos gostos contemporâneos era o *mullet* fininho que deixava crescer na nuca, estilo de cabelo em voga entre cerca de um quarto dos meninos da quinta série. Para se cultivar esse tipo de *mullet*, devia-se cortar o cabelo curto, mas deixando um ponto bem na base da nuca onde o cabelo cresceria livremente. Por enquanto, Berg tinha conseguido cultivar uma corda preta crespa e maltratada que descia vários centímetros por suas costas. Aproximou-se da plataforma de descarga, onde os dois meninos estavam sentados de pernas cruzadas, um pouco acima dele.

— Você veio — disse Bishop.

— Deixa eu ver o negócio, sua bicha.

— Primeiro você precisa me garantir que não vai surtar.

— Cala essa boca.

— Muitos meninos surtam. Não são maduros o bastante. O negócio que eu vou mostrar é barra pesada.

— Eu aguento.

— Ah, é mesmo? — ironizou Bishop.

Seu tom era gaiato e sarcástico. O tipo de entonação que podia significar tanto uma brincadeira amigável quanto um insulto. O tipo de entonação que faz as pessoas se sentirem um ou dois passos atrás de quem está falando. A compreensão disso transpareceu no rosto de Berg — ele hesitou, inseguro. Não estava acostumado a ver outros garotos demonstrando qualquer tipo de valentia ou sagacidade.

— Está bem, digamos que você aguente — continuou Bishop. — Digamos que não tenha um chique. Não é nada que você não tenha visto, certo?

Berg assentiu.

— Porque você vê essas coisas o tempo todo, né? Tipo, a menina do segundo grau que você anda comendo.

— Que é que tem ela?

— Eu fico me perguntando por que você está tão a fim de ver pornografia se tem uma garota à sua disposição. Por que você precisa de pornografia?

— Eu não preciso.

— Ainda assim, aqui está você.

— Você nem tem pornografia nenhuma. É tudo mentira.

— Estou começando a desconfiar que tem alguma coisa que você não contou para a gente. Talvez a menina seja feia. Talvez ela nem exista.

— Vai se foder. Vai me mostrar essa porcaria ou não?

— Tudo bem, vou deixar você olhar uma foto. E, se não surtar, deixo você ver o resto.

Bishop remexeu dentro da mochila por um instante e puxou uma página de revista dobrada várias vezes, com uma extremidade rasgada na lateral em que fora arrancada. Estendeu-a cautelosa e vagarosamente a Berg, que a agarrou de supetão, irritado com o jeito de Bishop, com sua teatralidade. Berg começou a desdobrar a página e, antes mesmo que estivesse completamente aberta, os olhos dele pareceram se arregalar, seus lábios levemente abertos, e a severidade bárbara que geralmente dominava seu rosto dissolveu-se em uma espécie de vertigem.

— Uau. Hum, *que beleza* — disse ele.

Samuel não conseguia ver a imagem que tanto deleitava Berg. Só enxergava o verso da página, que parecia conter uma propaganda de algum tipo de bebida marrom.

— Que *maravilha!* — exclamou Berg.

Parecia um cachorrinho olhando a comida em cima da mesa.

— A foto é boa, mas eu não chegaria a dizer que é uma *maravilha* — falou Bishop. — Na verdade, é um prato mediano do cardápio. Eu diria até que é um tanto tola, se quer saber minha opinião.

— Onde você conseguiu isso?

— Irrelevante. Quer ver outras?

— Caralho, claro que sim.

— E não vai contar para ninguém?

— Cadê o resto?

— Precisa jurar. Que não vai contar para ninguém.

- Tudo bem, eu juro.
- Jure com mais convicção.
- Me mostra logo.

Bishop ergueu as mãos em um gesto de quem desiste, então apontou para a escada abaixo dele e disse:

— Lá embaixo. Guardo as fotos lá embaixo, escondidas no meio daquela lixarada, no fim da escada.

Berg largou a página que estivera olhando, abriu o portão da escada e correu lá para baixo. Bishop olhou para Samuel e inclinou a cabeça: *o sinal*.

Samuel saltou da plataforma para o ponto onde Berg estivera segundos antes. Andou até o portão e o fechou muito lentamente, como haviam treinado. Podia ver Berg nos últimos degraus da escada, com seu *mullet* horroroso, a vastidão de suas costas enquanto ele se agachava e escavava o monte de terra e folhas até descobrir a sacola de plástico que Bishop havia plantado ali.

- Estão aqui? Na sacola? — perguntou.
- Isso mesmo.

Ao se fechar, o portão soltou apenas um *clique*, pequeno e trivial. Samuel passou o cadeado ao redor das grades e o fechou. O estalo do mecanismo metálico no interior do cadeado pareceu concreto e satisfatório. Pareceu definitivo. Irrevogável. *Estava feito*. Não dava para voltar atrás.

A cerca de um metro, balançando ao vento, estava a página que Bishop entregara a Berg. Girava nos redemoinhos feitos pela brisa ao virar a esquina da plataforma, curvando-se nos sulcos que haviam se formado quando dobrada em oito. Samuel pegou-a. Abriu-a. E a impressão imediata que a foto lhe transmitiu, antes que todas as suas formas se harmonizassem em traços humanos reconhecíveis, a textura dominante, o fator que definia aquela imagem e que, mais tarde, seria praticamente a única coisa de que Samuel se lembraria a respeito dela, eram os *pelos*. Uma cabeleira negra e encaracolada. Ao redor da cabeça da garota, uma cascata preta como azeviche que parecia pesada e difícil de carregar, cachos densos e fechados que desciam até o chão de terra onde ela estava sentada, a polpa da bunda comprimida feito massa de pão sob o

resto do corpo, um braço para trás, apoiando-se em um cotovelo, a outra mão estendida até a virilha, abrindo-a com dois dedos em um gesto que parecia um V de vitória ao contrário, revelando um ponto vermelho, carnudo e misterioso, em meio a outra erupção de pelos pretos, pelos que subiam quase até o umbigo, escuros e anelados, mas que se tornavam finos e débeis entre as coxas espinhentas, onde eles pareciam um desses infelizes esboços de barba ou bigode na cara de adolescentes, pelos que continuavam se esparramando até lá embaixo, até o ponto em que o corpo da mulher tocava o chão, em um cenário anônimo de floresta tropical, e Samuel olhou isso tudo e tentou captar todas aquelas informações simultaneamente e decifrá-las e desfrutá-las do mesmo jeito que Andy Berg parecia ter desfrutado, mas conseguiu sentir apenas uma espécie de curiosidade abstrata, talvez combinada com uma vaga repugnância ou um toque de horror ao perceber que o mundo adulto parecia um lugar aterrorizante, pavoroso.

Ele dobrou a folha várias vezes, até formar um quadrado bem pequeno. Tentava se forçar a esquecer o que tinha acabado de ver, quando, lá do fim da escada, Berg de repente berrou:

— Que *porra* é essa?

E nesse momento um flash branco espocou. Bishop estava segurando uma câmera Polaroid, que zumbiu e estalou e ejetou um quadrado branco de película.

— Que porra é essa? — gritou Berg de novo.

Samuel subiu para a plataforma e correu até a borda, onde Bishop estava de pé, olhando para Berg, balançando a polaroide e rindo. Berg estava cercado por fotos. Aparentemente, tinha virado a sacola de cabeça para baixo e despejado todo o conteúdo. E quase todas as fotos, Samuel logo notou, eram closes de pênis grandes e eretos. Pênis adultos. Adultos e muito viris e horrivelmente estufados de sangue, arroxeados e escuros, alguns gotejantes e molhados. Pênis, alguns deles impressos em papel brilhante de revista, alguns impressos em polaroides, iluminados por luz branca, suavemente focalizados, fotografados de perto, picas anônimas e sem corpo emergindo das sombras ou de baixo das pregas de barrigas flácidas.

— Que porra é essa? — Andy Berg parecia incapaz de articular quaisquer palavras além dessas. — Que porra é essa?

— Viu? Eu sabia. Você está surtando — disse Bishop.

— Que porra é essa?

— Parece que você ainda não é maduro o bastante.

— Eu vou te matar, seu filho da puta.

— Você ainda não está desenvolvido o bastante, do ponto de vista mental.

Berg saiu correndo escada acima, dois degraus por vez. Era tão grande e avançava de maneira tão avassaladora que parecia impossível detê-lo. Como podiam ter acreditado que uma droga de cadeado iria mantê-los a salvo? Samuel imaginou o cadeado arrebatando ao meio. Imaginou Berg irrompendo de sua gaiola como um animal de circo ensandecido. Recuou um passo e ficou atrás de Bishop, com uma das mãos no ombro do amigo. Berg disparou até o alto da escada e esticou o braço para escancarar o portão. Só que o portão não se mexeu. E a força produzida pelo ímpeto monstruoso do Berg chocou-se contra a solidez do metal, e a única coisa quebrável entre o portão e o Berg — ou seja, o braço do Berg — quebrou.

O pulso vergou para trás e o ombro se retorceu com um barulho de trituração, um estalo, como uma horrenda explosão líquida. E Berg cambaleou para trás, caindo com força nos degraus e capotando escada abaixo até parar quase no fim da escada, onde ficou agarrando o braço, gemendo e chorando. O portão vibrava contra o cadeado.

— Ai, meu Deus! — gemeu Berg. — *Meu braço!*

— Vamos embora — clamou Samuel.

— Espera. Tem mais uma coisa — anunciou Bishop, e depois andou pela borda da plataforma até ficar bem acima de Berg, a cerca de dois metros dele. — Bem, o que eu vou fazer agora é dar uma mijada, e você vai ficar aí bem parado — disse Bishop, a voz erguendo-se acima dos gemidos de Berg. — E você nunca mais vai incomodar ninguém. Porque eu tenho esta foto. — Bishop balançou o instantâneo. — É uma beleza. Aqui está você, no meio de um monte de pornografia de bicha. Quer que essa foto apareça em

todos os armários da escola? Grudada embaixo de todas as carteiras? Enfiada em todas as apostilas?

Berg olhou para Bishop e, por um momento, a verdadeira mente infantil que ficava aprisionada naquele corpo adulto gigante veio à tona e ele pareceu perplexo, magoado, patético, triste. Como um animal incrédulo e estupefato logo após ter levado um chute.

— *Não* — cuspiu em meio ao choro.

— Então espero que você comece a se comportar — avisou Bishop. — É melhor parar de incomodar Kim. É melhor não incomodar mais ninguém.

Bishop desafivelou o cinto, abriu o zíper da calça, abaixou a cueca e soltou um longo e intenso jato de urina em Andy Berg, que gemeu, revirando-se para tentar se esquivar do mijo, e por fim começou a gritar. Encolheu-se enquanto Bishop mijava em suas costas, sua camisa e seu *mullet*.

Depois os dois meninos juntaram as coisas e foram embora. Não falaram uma única palavra até a hora de se separarem, no ponto em que Bishop deveria seguir pelo bosque até a Vila Veneziana, enquanto Samuel continuaria pela rua até chegar em casa. Bishop bateu forte no braço de Samuel e disse:

— Seja tudo o que puder ser, soldado.

E saiu correndo.

Naquela noite, a onda de calor enfim arrefeceu. Samuel ficou no quarto, sentado junto à janela, vendo o temporal encharcar tudo lá fora. As árvores sacudiam furiosamente no quintal e relâmpagos clareavam o céu. Ele imaginou Andy Berg ao relento debaixo da chuva, ainda preso, ensopado. Imaginou-o tremendo de frio, machucado e sozinho.

Ao amanhecer, havia no ar aquela primeira sensação de frio que precede o outono. Andy Berg não apareceu na escola. Corria o boato de que não voltara para casa na noite anterior. A polícia foi chamada. Pais e vizinhos saíram em busca do menino. Finalmente o encontraram durante a manhã, encharcado e passando mal, no vão da escada atrás do colégio. Agora estava no hospital. Ninguém mencionou as fotografias.

Samuel imaginou que o Berg tivesse pegado um resfriado, talvez uma gripe, por causa da chuva. Mas Bishop tinha uma teoria diferente.

— Ele tinha que se livrar das fotos pornô, não é? Para não ser pego com elas — sugeriu ele, no recreio.

— É. Mas como? — perguntou Samuel.

Estavam sentados nos balanços, sem se balançarem, assistindo a uma partida de pega-pega que se desenrolava no pátio, partida que incluía Kim Wigley, o que era bem raro, pois Kim tendia a evitar os recreios e, na verdade, qualquer espaço público com grande potencial de atrair as atenções sádicas do Iceberg. Agora ele brincava de um jeito despreocupado, com alegria e prazer.

— Berg está no hospital agora, provavelmente com uma intoxicação alimentar — cogitou Bishop. — É o que eu acho.

— Intoxicação? Como?

— Ele comeu tudo. As fotos. Foi assim que se livrou delas.

Samuel tentou se imaginar comendo uma polaroide. Mastigando aquele plástico duro. Engolindo aquelas pontas rígidas e cortantes.

— Ele comeu as fotos? — perguntou.

— Com certeza.

Do outro lado do pátio, Kim olhou-os rapidamente e deu um breve aceno para Bishop, que acenou de volta. Então riu, disse “Positivo e operante” e saiu correndo para se juntar ao pega-pega, atravessando o pátio em um salto, quase sem encostar os pés no chão.

8

NOS ÚLTIMOS TEMPOS, o diretor da Academia do Sagrado Coração podia ser visto dando caminhadas curtas e penosas pela solitária rua principal da Vila Veneziana, em geral ao entardecer, arrastando seu grande peso de forma cautelosa e precavida, como se suas pernas pudessem se estilhaçar a qualquer momento. A bengala que usava para caminhar era uma aquisição recente, e o diretor parecia apreciar o aspecto régio que ela lhe conferia. E era mesmo impressionante como o simples acréscimo de uma bengala melhorava a aparência de seu corpo curvado e dolorosamente claudicante. Agora, ele parecia *nobrementemente inválido*. Como um herói de guerra. O cabo da bengala era feito de carvalho e fora tingido em um tom suntuoso de ébano. Um castão de pérola fora acoplado à extremidade por um anel de peltre adornado com gravuras de flor-de-lis. Os vizinhos se sentiram aliviados com o surgimento da bengala, pois, com ela, o sofrimento do diretor se tornara um pouco menos óbvio e visível, de forma que eles não se sentiam obrigados a perguntar como ele estava e, assim, não precisavam suportar mais uma conversa sobre a Doença. Era um assunto que, francamente, já dera o que tinha que dar nos seis meses anteriores. A essa altura, o diretor já havia falado com todos os vizinhos sobre a Doença, o misterioso flagelo que nenhum médico conseguia diagnosticar e nenhum remédio podia curar. Os sintomas eram bem conhecidos em todo o quarteirão: pressão no peito; falta de fôlego; suadeira profusa; salivação incontrolável; cólicas; visão turva; fadiga; letargia; fraqueza generalizada; dor de cabeça; tontura; perda de apetite; batimento cardíaco lento e estranhos espasmos involuntários que faziam os músculos se enrugarem logo abaixo da pele, coisa horrível que o diretor fazia questão de mostrar aos vizinhos caso o fenômeno irrompesse durante uma conversa. Os ataques aconteciam no meio do dia ou no meio da noite e duravam cerca de quatro ou seis horas, até cessarem em um passe de mágica, como por iniciativa própria. O

diretor era surpreendentemente franco e confessional com relação aos detalhes de sua condição. Falava com o estilo típico de pessoas que enfrentam enfermidades catastróficas, aqueles casos em que a doença ofusca antigas noções cavalheirescas de recato e privacidade. Explicava às pessoas como era confuso estabelecer as prioridades quando precisava vomitar e defecar *ao mesmo tempo*. Os vizinhos assentiam e davam sorrisos amarelos, tentando não transparecer como era horrível escutar tudo isso, pois seus filhos — na verdade, todas as crianças da Vila Veneziana — estudavam na Academia do Sagrado Coração, e todo mundo sabia que o diretor era um homem bem relacionado e que poderia mexer muitos pauzinhos. Bastava um telefonema dele aos responsáveis pelo setor de admissão em Princeton, Yale, Harvard ou Stanford para aumentar em uns mil por cento as chances de um jovem entrar nessas universidades. Todos sabiam disso e, portanto, aguentavam as longas e vívidas descrições de procedimentos médicos e exalações físicas do diretor como se fosse uma espécie de investimento na educação e no futuro dos filhos. Então, sim, eles sabiam das múltiplas visitas do diretor a diversos especialistas caríssimos — alergistas, oncologistas, gastroenterologistas e cardiologistas —, de suas ressonâncias magnéticas, tomografias computadorizadas e biópsias desagradáveis. O diretor fazia sempre a mesma piada, dizendo que o melhor investimento de seu dinheiro até então havia sido a compra da bengala. (Em se tratando de bengalas, a dele era realmente lindíssima, com isso os vizinhos tinham que concordar.) Ele afirmava que o melhor remédio era se manter ativo e andar ao ar livre, por isso fazia caminhadas ao fim da tarde e tomava dois banhos por dia — um de manhã, um de noite — no ofurô de água salgada instalado no quintal, banhos que, segundo ele, eram uma das poucas alegrias que lhe restavam na vida.

Alguns dos vizinhos menos caridosos resmungavam, em particular, que o motivo daquelas caminhadas vespertinas não era a saúde, mas a oportunidade de ficar reclamando sem parar, porque na verdade ele era um chato carente e tirânico. Não diziam isso a quase ninguém, apenas aos seus cônjuges e *olhe lá*, pois sabiam que isso soava egoísta, insensível e cruel, afinal de contas o diretor estava

mesmo sofrendo de uma doença misteriosa que lhe causava dores e aflições mentais terríveis e, ainda assim, eram eles que se sentiam vítimas, eles que se sentiam atormentados, porque eram obrigados a escutá-lo. Às vezes, nessas ocasiões, eles sentiam que eram feitos de reféns, aturando o diretor durante sessenta minutos de tédio até conseguirem se livrar dele, para então se recolherem à sala de jogos e tentarem arrancar alguma diversão do que restava da noite. Ligavam a televisão e viam notícias sobre outra maldita crise humanitária, outra porcaria de guerra civil em algum fim de mundo, e viam imagens de pessoas feridas ou crianças morrendo de fome e sentiam uma raiva vívida e amarga *contra as crianças*, por terem invadido e arruinado seus únicos momentos de descanso e relaxamento do dia. A essa altura, os vizinhos ficavam um pouco indignados, porque afinal de contas sua vida também era difícil, mas ninguém tinha que ouvi-los reclamar. Todo mundo tem problemas — por que as pessoas não podiam lidar com isso em silêncio, discretamente? Por conta própria? Com um pouco de dignidade? Por que precisavam envolver todo mundo? Os vizinhos não podiam de fato *fazer* algo a respeito. As guerras civis não eram *culpa deles*.

Claro, eles jamais diriam isso em voz alta. E o diretor nunca suspeitou que eles pensavam essas coisas. Mas alguns de seus vizinhos mais próximos tinham começado a deixar as luzes apagadas e a ficar sentados no escuro até vê-lo passar pela rua. Outros faziam planos para jantar fora mais cedo do que de costume, justo no horário em que o diretor costumava fazer suas caminhadas. Alguns lares do quarteirão haviam aperfeiçoado métodos de evitar o diretor por completo, motivo pelo qual ele às vezes percorria o trajeto inteiro até o fim da rua, batia à porta dos Fall e perguntava se podia entrar para tomar um café, o que ocorreu na primeira vez que Samuel teve permissão para dormir na casa de Bishop.

Sua primeira noite fora de casa. O pai de Samuel levou-o de carro e ficou claramente perplexo ao parar em frente ao grande portão de cobre da Vila Veneziana.

— Seu amigo mora *aqui*? — perguntou ele.

Samuel assentiu.

O segurança no portão quis ver a carteira de motorista de Henry e pediu que ele preenchesse um formulário, assinasse um termo de consentimento e explicasse o motivo da visita.

— Não estamos indo à Casa Branca — respondeu ele ao guarda.

Não era uma piada. Havia veneno em sua voz.

— O senhor tem uma caução? — perguntou o guarda.

— O quê?

— Sua visita não foi pré-aprovada, então vou precisar de uma caução. Como garantia por danos e infrações.

— O que você acha que eu vou fazer lá dentro?

— São as regras. O senhor tem cartão de crédito?

— Eu não vou lhe dar meu cartão de crédito.

— É temporário. Como eu disse, apenas para servir de caução.

— Eu só vou deixar meu filho.

— Vai deixar seu filho? Tudo bem, isso serve.

— Como assim?

— Serve de caução.

O guarda seguiu-os em um carrinho de golfe e Henry dirigiu até a casa dos Fall e se despediu de Samuel com um rápido abraço, dizendo “Comporte-se” e “Telefone se precisar de alguma coisa”, então voltou ao carro, fulminando o segurança com um olhar de puro ódio. Samuel observou o pai e o carrinho de golfe desaparecerem na Via Vêneta. Estava segurando a mochila, onde levava algumas roupas para passar a noite e, lá no fundo, a fita cassete que havia comprado no shopping para Bethany.

Essa era a noite em que ele lhe daria o presente.

Estavam todos lá — Bishop, Bethany, os pais deles —, todos esperando na mesma sala, que Samuel nunca vira antes, todos ocupando o mesmo espaço ao mesmo tempo. E havia outra pessoa também, em frente do piano. Samuel o reconheceu: o diretor. O mesmo diretor que tinha expulsado Bishop da Academia do Sagrado Coração agora ocupava todo o espaço no banco em frente ao Bösendorfer da família Fall.

— Oi — disse Samuel, para ninguém em particular, dirigindo-se à amálgama de pessoas à sua frente.

— Então você é o amigo da escola nova? — perguntou o diretor.

Samuel assentiu.

— É bom saber que ele está se entrosando — comentou o diretor.

O comentário era sobre Bishop, mas foi dirigido ao pai dele. Bishop estava sentado em uma antiga cadeira acolchoada e parecia pequeno. Era como se a vasta presença do diretor houvesse dominado a sala. Ele era um desses homens cujo corpo condiz perfeitamente com o temperamento. Sua voz era grande. Seu corpo era grande. Até seu jeito de sentar era *grande*, as pernas separadas, o peito estufado.

Bishop encontrava-se no assento mais distante em relação ao diretor, os braços cruzados, os pés enfiados embaixo da cadeira, parecendo uma bolotinha de raiva. Suas costas estavam tão grudadas ao espaldar que era como se ele quisesse se dissolver na cadeira. Bethany estava mais perto do piano, perfeitamente ereta, como sempre se sentava, na borda da cadeira, tornozelos cruzados, mãos no colo.

— Vamos de novo! — disse o diretor. Girou no banco até ficar de frente para o piano e colocou uma das mãos no teclado. — E nada de trapacear.

Bethany virou o rosto para o lado oposto ao do piano e olhou diretamente para Samuel. O peito dele foi tomado por um curto-circuito, a voltagem no olhar dela era muito alta. Ele se controlou para não desviar os olhos.

O diretor extraiu uma única nota do piano, uma nota grave, forte, sombria, que Samuel sentiu no próprio corpo.

— É um lá — afirmou Bethany.

— Certo! — disse o diretor. — Mais uma vez.

Outra nota, agora próxima à extremidade do teclado, um delicado *plinc*.

— É um dó — disse Bethany.

Ela continuava olhando para Samuel, inexpressiva.

— Acertou de novo! — exclamou o diretor. — Vamos tentar algo mais desafiador.

Ele pressionou três teclas ao mesmo tempo, e o resultado foi um som dissonante e feio. Parecia o tipo de barulho produzido por uma criança golpeando o piano ao léu. O olhar de Bethany pareceu

desviar por um instante, como se sua consciência recuasse até regiões ocultas, os olhos vítreos e distantes. Mas então ela voltou e disse:

— Si bemol, dó, dó sustenido.

— Magnífico! — parabenizou o diretor, batendo palmas.

— Posso ir agora? — perguntou Bishop.

— Desculpe, não ouvi direito — respondeu seu pai. — Pode repetir?

— Posso ir? — disse Bishop.

— Talvez, se você aprender a pedir direito.

E, nesse momento, Bishop finalmente ergueu a cabeça para encarar o pai. Eles se encararam por constrangedores segundos.

— Podem me dar licença, por favor? — pediu Bishop.

— Sim, pode ir.

Na sala de jogos, logo ficou claro que Bishop não estava com vontade de conversar. Ele enfiou *Missile Command* no Atari. Ficou sentado em silêncio, de cara fechada, disparando foguetes. De repente, ficou nervoso e disse:

— Foda-se esse jogo, vamos ver um filme.

Então Bishop colocou um filme que eles já tinham visto muitas vezes, sobre um grupo de adolescentes que defendem sua cidade de uma invasão surpresa dos russos. Haviam assistido a uns vinte minutos do filme quando Bethany abriu a porta e se esgueirou para dentro.

— Ele foi embora — disse ela.

— Ótimo.

Samuel mal podia acreditar nos solavancos que o estômago dava sempre que ele via Bethany de perto. Mesmo nesse momento, em que ele se sentia muito desconfortável por estar ali, quando Bishop obviamente queria ficar sozinho, Samuel não sabia onde se enfiar e pensava seriamente se deveria telefonar para o pai e ir embora; e mesmo no meio disso tudo, sentiu-se extasiado assim que Bethany entrou na sala. Era como se ela apagasse todas as coisas inferiores. Samuel precisou lutar contra seu impulso de tocá-la, de bagunçar seu cabelo, de dar-lhe uma pancadinha no braço, um peteleco no lóbulo da orelha ou qualquer outra manobra imatura utilizada por

meninos para atormentar as meninas que eles amam, manobras que na verdade só tinham por objetivo criar algum tipo de contato físico, do único modo que os meninos sabiam: brutalmente, como pequenos bárbaros. Mas Samuel era esperto o bastante para saber que essa estratégia não funcionava a longo prazo, então ficou parado e quieto no pufe de sempre e torceu para que Bethany fosse se sentar ao seu lado.

— Ele é um babaca — disse Bishop. — Um babaca gordo de merda.

— Eu sei — respondeu Bethany.

— Por que deixam ele entrar na nossa casa?

— Porque ele é o diretor. E sabe o que mais? Porque ele está doente.

— Que ironia.

— Ele não ficaria andando por aí se não estivesse doente.

— Se existe uma palavra certa para essa situação, é *ironia*.

— Você não está me ouvindo — disse Bethany. — Você não o veria *se ele não estivesse doente*.

Bishop se empertigou e franziu o cenho, olhando para a irmã.

— O que você está querendo dizer?

Bethany ficou ali parada, as mãos nas costas, mordiscando o interior da boca, como sempre fazia quando estava se concentrando muito em alguma coisa. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo. Seus olhos eram impetuosamente verdes. Usava um vestido de verão amarelo que estava começando a desbotar na barra.

— Estou só constatando um fato — disse Bethany. — Se ele não estivesse doente, não daria esses passeios, e você não teria que vê-lo.

— Acho que não estou gostando desta conversa.

— Do que vocês estão falando? — perguntou Samuel.

— Nada — responderam os dois ao mesmo tempo, agindo como gêmeos.

Os três assistiram ao restante do filme em um silêncio inquieto, assistiram aos adolescentes americanos expulsando os invasores russos, e o triunfante desfecho não pareceu tão triunfante assim porque a sala estava inundada de estranhas tensões e conflitos

reprimidos, e Samuel tinha a impressão de estar em sua própria casa jantando com seus pais enquanto eles passavam por um daqueles *momentos*, e quando o filme acabou alguém veio lhes dizer que era hora de ir para a cama, então eles escovaram os dentes e botaram o pijama, e Samuel foi levado até o quarto de hóspedes. Logo antes de receberem a ordem de apagar as luzes, Bethany bateu de leve à porta do quarto dele, enfiou a cabeça pela fresta e disse:

— Boa noite.

— Boa noite — respondeu Samuel.

Ela olhou para ele e se demorou por um tempo, como se tivesse algo mais para dizer.

— O que era aquilo que você estava fazendo? — perguntou Samuel. — Na sala. Com o piano.

— Ah, aquilo. Truques para divertir visitas.

— Estava fazendo um número?

— Tipo isso. Eu ouço coisas. As pessoas acham isso incrível. E meu pais gostam de me exibir.

— Que coisas você ouve?

— Notas, tons, vibrações.

— No piano?

— Em tudo. Com o piano é mais fácil, porque todos os sons têm nomes. Mas eu ouço tudo, na verdade.

— Como assim, você ouve tudo?

— Todo som é, na verdade, muitos sons reunidos — explicou ela.

— Tríades e harmônicos. Tons e sobretons.

— Não entendi.

— Uma batida à porta. Um peteleco em uma garrafa de vidro. O canto de um passarinho. Pneus no asfalto. Um telefone tocando. O barulho do lava-louça. Há música em tudo.

— Você escuta música em tudo isso?

— Nosso telefone tem um toque meio agudo — disse ela. — É horrível quando ele toca.

Samuel deu um tapinha na parede, aguçando o ouvido.

— Só escuto um barulhinho abafado.

— É muito mais que um barulhinho. Ouça com atenção. Tente separar os sons. — Ela bateu com força no batente da porta. — Há o som feito pela madeira, mas a madeira não tem uma densidade constante, então produz tons diferentes, muito próximos uns dos outros. — Bateu de novo. — E tem também o som da cola, da parede ao redor, o zumbido do ar dentro da parede.

— Você ouviu tudo isso?

— Está tudo ali. Se você somar todas essas coisas, o resultado parece um barulhinho abafado. É um ruído muito marrom. Tipo, se você dissolvesse todas as cores em uma caixa de giz de cera, esse seria o som que sairia dali.

— Não consigo ouvir nada disso.

— É mais difícil escutar essas coisas no mundo como um todo. Um piano é temperado. Uma casa, não.

— Isso é incrível.

— Na maior parte do tempo é irritante.

— Por quê?

— Bem, os passarinhos, por exemplo. Tem um pássaro, o sanhaço, que faz um som mais ou menos assim: *tip ti-ri ti-ri ti-ri*. Certo? É um pássaro de verão.

— Certo.

— Mas na verdade eu não escuto o *ti-ri*. O que eu ouço é uma terça e uma quinta, em um lá bemol maior.

— Não sei o que isso significa.

— É um dó deslizando para um mi bemol, que é exatamente o que acontece em um solo de Schubert específico, em uma sinfonia de Berlioz e em um concerto de Mozart. Ou seja, o passarinho começa a cantar e desencadeia essas frases musicais na minha cabeça.

— Eu queria que isso acontecesse comigo.

— Não. É horrível. O barulho nunca para dentro da minha cabeça.

— Mas você tem música no seu cérebro. Na maior parte do tempo, o meu só tem preocupações.

Ela sorriu.

— Eu só queria conseguir dormir de manhã. Mas tem sempre um sanhaço em frente à minha janela. Eu queria poder desligá-lo. Ou

desligar minha cabeça. Um dos dois.

— Eu trouxe uma coisa para você — disse Samuel. — Um presente.

— Sério?

— Uma coisa que eu comprei no shopping.

— No shopping? — perguntou ela, confusa. Mas seu rosto se iluminou quando a lembrança veio à tona. — Ah! O shopping! *Claro*.

Samuel remexeu na mochila e puxou a fita cassete. Era brilhante, ainda envolta na embalagem de plástico. Foi só nesse momento que Samuel percebeu como a fita era pequena — com mais ou menos o tamanho e o peso de um baralho. Algo tão pequeno não poderia significar muita coisa, pensou ele. Sentiu uma onda de pânico se espalhar pelo corpo e estendeu a fita para Bethany depressa, em um gesto brusco, atabalhado, antes que se acovardasse.

— Toma

— O que é isso?

— É para você.

Ela pegou a fita.

— É do shopping — disse ele.

Nos devaneios que Samuel vinha tendo, esse era o momento em que Bethany abriria um sorriso radiante e o abraçaria, declarando-se incrédula e maravilhada ao ver que ele havia escolhido *exatamente o presente perfeito*, sinal de que ele a entendia em um nível profundo e sabia o que se passava na cabeça dela e tinha ele próprio uma vida interior igualmente interessante e artisticamente completa. Mas a expressão que surgiu no rosto de Bethany era outra. Os vincos ao redor de seus olhos e em sua testa; era como aqueles momentos em que uma pessoa estreita as pálpebras tentando entender um estrangeiro que fala com um sotaque muito forte e cansativo.

— Você sabe o que é isso? — perguntou ela.

— É um negócio muito moderno — respondeu ele, repetindo as palavras do caixa. — Bem de vanguarda.

— Não acredito que alguém gravou isso — disse Bethany.

— Gravaram dez vezes! — exclamou ele. — É a mesma composição gravada dez vezes.

Bethany começou a rir. E aquele riso revelou a Samuel que, por razões que estavam além de sua compreensão, ele era um idiota. Havia alguma informação essencial que ele desconhecia.

— Qual é a graça? — perguntou ele.

— Essa composição é tipo uma piada.

— Como assim?

— É só, bem, é só *silêncio* — explicou ela. — A gravação toda é só isso... silêncio.

Samuel ficou olhando para ela, sem entender direito.

— Não tem notas na partitura — continuou Bethany. — Esse recital aconteceu mesmo uma vez. O pianista sentou em frente ao piano e ficou ali sem fazer nada.

— Como ele ficou sem fazer nada?

— Ele simplesmente ficou sentado marcando o compasso. E depois, pronto. Essa era a composição. Não acredito que fizeram uma gravação.

— Dez gravações.

— Foi uma espécie de trote. Ficou muito famoso.

— Então essa fita inteira está vazia? — perguntou Samuel.

— Acho que isso é parte da piada.

— Merda.

— Não, é um ótimo presente — disse ela, apertando a fita contra o peito. — Obrigada. Mesmo. Foi muito gentil.

Muito gentil. Samuel continuou pensando na forma como Bethany disse essas palavras mesmo depois que ela foi embora, e continuou pensando enquanto apagava as luzes, cobria o corpo e a cabeça com os cobertores, encolhia-se na cama e começava a chorar levemente. A velocidade com que seus devaneios tinham dado lugar a essa realidade impiedosa. Pensou amargamente em suas expectativas para aquela noite e em como tudo dera errado. Bishop não queria a companhia dele. Bethany agira de um jeito indiferente. O presente fora um fracasso. Esse era o preço da esperança, ele compreendeu, essa frustração devastadora.

Deve ter adormecido nesse momento, pois acordou horas depois debaixo dos cobertores, encolhido, quente e suado, em meio à escuridão, enquanto Bishop o sacudia e dizia:

— Acorda. Vamos lá.

Samuel o seguiu, cambaleante. Bishop mandou-o colocar os calçados, depois sair pela janela da sala da TV, no primeiro andar. Samuel fez tudo isso em um estado de estupor sonolento.

— Vem comigo — ordenou Bishop quando saíram à rua e os dois subiram o suave declive da Via Vêneto em silêncio na escuridão total da noite.

Deviam ser duas da manhã. Talvez três. Samuel não sabia ao certo. Uma estranha calma dominava o mundo àquela hora — nenhum som, nenhum vento, parecia nem mesmo haver *clima*. Os únicos barulhos eram os eventuais cliques de um irrigador automático girando no meio de um jardim e o ronco grave do ofurô do diretor. Ruídos automáticos, mecânicos. Bishop caminhava com determinação, talvez até com arrogância. Quando brincavam de guerra no bosque, Bishop andava de um jeito diferente, escondia-se atrás das árvores, agachava-se entre os arbustos. Agora ele caminhava a céu aberto, bem no meio da rua.

— Você vai precisar disso — disse Bishop, entregando a Samuel um par de luvas azuis de borracha, do tipo usado em jardinagem.

Ficaram grandes; com certeza pertenciam à mãe de Bishop. As luvas chegavam aos cotovelos de Samuel e, na ponta de cada dedo, havia uns três ou quatro centímetros de folga.

— Por aqui — falou Bishop, guiando Samuel a um lugar perto da casa do diretor, onde o gramado viçoso e abundante encontrava a mata selvagem.

Havia ali uma estaca de ferro, quase da altura dos garotos, no topo da qual se encontrava um bloco de sal com superfície lisa, pontilhado de pintas marrons. Em cima do bloco de sal havia um disco de cobre. Bishop esticou a mão e começou a puxar o disco, tentando desatarraxá-lo.

— Me ajuda aqui — disse, e em seguida os dois forçaram o tampão até conseguir movê-lo.

Assim de perto, respirando forte, Samuel sentia o cheiro animalesco que saía do estranho aparato, mas também algo mais, algo parecido com enxofre, um odor de ovo podre, vindo do próprio

sal. Dessa distância, ele conseguia ler a placa fixada acima da estaca: PERIGO. VENENO. NÃO SE APROXIME.

— É isso que mata os cervos, não é? — perguntou Samuel.

— Segura de um lado e eu seguro do outro.

Retiraram o bloco da estaca. Era surpreendentemente pesado e sólido. Carregaram-no até a casa do diretor.

— Acho que não quero fazer isso — confessou Samuel.

— Estamos quase lá.

Carregando o bloco cinza, os dois contornaram lentamente a piscina do diretor e subiram os dois degraus que levavam ao ofurô, cuja água fumegante circulava suavemente, com uma pequena luz azul cintilando no fundo.

— Aí dentro — disse Bishop, apontando o ofurô com o queixo.

— Acho que não quero.

— Vou contar até três — prosseguiu Bishop.

E então os dois alçaram o bloco para a frente, depois para trás, uma, duas, três vezes, e então o largaram. Atiraram-no no ofurô, e houve um espirro de água e depois um som abafado: o bloco pousando no fundo.

— Muito bem — disse Bishop. Olharam o bloco lá embaixo, a imagem distorcida pelo tremeluzir da água. — Vai se dissolver antes que amanheça. Ninguém vai descobrir.

— Quero ir para casa — pediu Samuel.

— Vamos — respondeu Bishop, puxando-o pelo braço.

Os dois seguiram rua abaixo. Ao chegarem à mansão dos Fall, Bishop abriu a janela da sala da TV e se deteve de repente.

— Quer saber o que aconteceu na sala do diretor Large? — perguntou. — Como eu escapei da surra?

Samuel estava contendo as lágrimas, enxugando o nariz catarrento com a manga do pijama.

— Na verdade, foi bem fácil — prosseguiu Bishop. — O que você precisa entender é que todo mundo tem medo de alguma coisa. No momento em que descobre qual é o medo de uma pessoa, você pode obrigá-la a fazer tudo o que quiser.

— O que você fez?

— Ele estava com a palmatória na mão, certo? E mandou eu me inclinar sobre a mesa, certo? Então eu abaixei a calça.

— Você fez o quê?

— Abri o cinto e baixei a calça, a cueca, tudo. Fiquei pelado da cintura para baixo. Então eu disse: “Aqui está minha bunda. É isso que você quer?”

Samuel o encarou.

— Por que diabo você fez isso?

— Perguntei se ele gostava da minha bunda e se queria tocar nela.

— Não consigo entender por que você faria isso.

— Aí ele ficou bem esquisito.

— Sei.

— Ficou olhando para mim por um tempão e aí mandou eu colocar a roupa de volta. Depois, me levou de volta à sala de aula. Foi isso. Fácil!

— De onde você tirou a ideia de fazer isso?

— Não importa — respondeu Bishop. — Obrigado pela ajuda hoje.

Ele escalou a janela e entrou. Samuel fez o mesmo, então andou silenciosamente pela casa escura, voltou ao quarto de hóspedes, deitou na cama, depois saiu do quarto outra vez, foi até o banheiro e lavou as mãos três, quatro, cinco vezes. Não sabia se a queimação em seus dedos era ação do veneno ou de sua própria mente.

9

O CONVITE APARECEU na caixa de correio, em um envelope quadrado feito com um papel pesado cor de creme. O nome de Samuel estava escrito na frente, em caligrafia meticulosa de menina.

— O que é isso? Um convite de aniversário? — perguntou Faye.

Ele olhou para o envelope e depois para a mãe.

— Uma festinha adolescente? — indagou ela. — No ringue de patinação?

— Para com isso.

— Quem mandou?

— Não sei.

— Talvez você devesse abrir.

Dentro, havia um convite impresso em um elegante papel cartonado. Brilhava, como se partículas de prata tivessem sido adicionadas à polpa do papel. As letras pareciam prensadas em folha de ouro, em esvoaçante estilo cursivo, e diziam:

É uma honra convidá-lo a nos encontrar na Catedral da Academia do Sagrado Coração para assistir ao recital de Bethany Fall, que interpretará o Concerto para Violino nº 1 de Bruch

Samuel nunca tinha sido convidado desta maneira para um evento: com tanta ostentação. Na escola, os convites para aniversários eram coisas genéricas e desleixadas, cartões baratos e molengas com desenhos de animais ou balões. Esse convite parecia, de fato, fisicamente *pesado*. Estendeu-o à mãe.

— Podemos ir? — perguntou.

Ela observou o convite e franziu o cenho.

— Quem é essa Bethany?

— Uma amiga.

- Da escola?
- Tipo isso.
- E vocês são amigos o bastante para ela convidar você para isso?
- Podemos ir? Por favor?
- E você por acaso gosta de música clássica?
- Gosto.
- Desde quando?
- Desde não sei quando.
- Isso não é resposta.
- Mãe...
- Concerto para Violino de Bruch? Você por acaso sabe o que é isso?
- Mãe.
- Só estou fazendo uma pergunta. Tem certeza de que você vai gostar disso?
- É uma composição muito difícil e ela passou meses ensaiando.
- E como você sabe?

Samuel soltou um ruído raivoso e abstrato, cuja função era traduzir sua frustração e sua má vontade em continuar falando sobre aquele assunto e cuja sonoridade era mais ou menos assim: *Gaaaargh!*

— Tudo bem — concordou ela, com um pequeno sorriso de satisfação. — Nós vamos.

Na noite do concerto, Faye mandou ele se vestir bem.

— Faz de conta que é Natal — disse ela.

Então ele vestiu as peças mais caras de seu guarda-roupa: uma camisa branca e engomada que lhe dava coceira, uma gravata preta com nó apertado, uma calça preta que pipocava com eletricidade estática sempre que ele se mexia e um par de sapatos sociais brilhantes para os quais ele precisou de uma calçadeira e cuja dureza pétrea chegou a esfolar seus calcanhares. Samuel se perguntou por que os adultos se sentiam na obrigação de sofrer o desconforto mais extremo nos eventos mais importantes.

A Catedral da Academia do Sagrado Coração já estava bem movimentada quando eles chegaram, com pessoas vestidas com

ternos ou vestidos floridos adentrando pelo arco da porta, e o som dos músicos afinando os instrumentos era audível até no estacionamento. A catedral fora projetada para imitar as grandes igrejas da Europa, mas com um terço do tamanho.

Lá dentro, o corredor no centro era flanqueado por bancos de madeira maciça, pesada, polida e lustrosa, com entalhes elaborados. Para além dos bancos havia colunas de pedra com tochas encaixadas cerca de quatro metros acima da plateia, todas acesas com chamas reluzentes. Pais e mães conversavam com outros pais e outras mães, os homens dando suaves beijos platônicos na bochecha das mulheres. Samuel as observou, aquelas bicadinhas, e notou que os homens, na verdade, não estavam beijando as mulheres, mas sim simulando a ação, beijando no espaço vizinho ao pescoço delas. Ele se perguntou se as mulheres ficavam decepcionadas com isso, pois esperavam um beijo, mas tudo o que ganhavam era um estalo no ar.

Faye e Samuel se sentaram e examinaram a programação. Bethany só subiria ao palco na segunda metade do espetáculo. A primeira parte seria composta por apresentações menores — música de câmara e solos breves. Era evidente que a grande atração da noite era Bethany. O *gran finale*. Os pés de Samuel balançavam nervosamente no chão acarpetado e macio.

As luzes esmoreceram e os músicos encerraram seu caótico aquecimento e todo mundo foi para seus lugares. Uma longa pausa, e eis que soa uma nota robusta dos instrumentos de sopro, então os outros instrumentos vieram no encalço dela, harmonizando-se àquela nota, ancorando-se naquele ponto, e algo pareceu causar um nó na garganta de sua mãe. Ela inspirou com força, depois colocou a mão no peito.

— Eu costumava fazer isso — disse ela.

— Fazer o quê?

— A nota inicial. Eu tocava o oboé. Era eu quem fazia isso.

— Você tocou em uma orquestra? Quando?

— *Shhh*.

E ali estava mais um segredo que sua mãe tinha guardado. Para Samuel, a vida dela era um nevoeiro; tudo o que acontecera antes

do nascimento dele era um mistério, trancafiado atrás de gestos ambíguos, respostas incompletas, abstrações vagas e aforismos. “Você é jovem demais”, ela dizia. Ou: “Você não ia entender.” Ou aquela frase particularmente exasperante: “Vou contar um dia, quando você for mais velho.” Mas, de vez em quando, algum segredo vazava. Então sua mãe tocava um instrumento. Samuel acrescentou esta anotação a seu inventário mental: *Coisas que minha mãe é*. Ela é uma instrumentista. O que mais? Que outras coisas ele desconhecia sobre ela? Faye guardava um mar de segredos, isso era óbvio. Samuel sempre tinha a impressão de que havia algo que ela deixava de dizer, algo escondido atrás da atenção insípida e parcial que ela lhe dedicava. Com frequência, havia em Faye um traço dissociado e fugidio, como se ela concentrasse apenas um terço de si mesma em seu interlocutor, devotando o resto ao que quer que mantivesse trancafiado na mente.

O maior segredo havia transparecido anos antes, quando Samuel estava na idade de fazer perguntas ridículas aos pais. (Você já esteve em um vulcão? Você já viu um anjo?). Ou de fazer perguntas por ainda ser ingênuo o bastante para acreditar em coisas estupendas. (Você consegue respirar debaixo d’água? Será que *todas* as renas voam?). Ou de fazer perguntas porque queria chamar atenção ou atrair elogios. (Você me ama muito? Eu sou o melhor filho do mundo?). Ou de fazer perguntas porque queria confirmar seu lugar no mundo. (Você vai ser minha mãe para sempre? Você já teve outro marido além do papai?). Acontece que, ao ouvir essa última pergunta, Faye se empertigou e olhou para ele, subitamente alta, solene e séria, e disse:

— Para falar a verdade...

Não completou a frase. Samuel esperou, mas ela ficou em silêncio e pareceu pensar a respeito do assunto, e aquela expressão soturna e distante voltou ao seu rosto.

— Para falar a verdade *o quê?* — perguntou ele.

— Nada — respondeu ela. — Deixa para lá.

— Você teve outro marido?

— Não.

— Então o que você ia dizer?

— Nada.

Assim, Samuel foi perguntar ao pai:

— A mamãe já foi casada com outro homem?

— O quê?

— Acho que ela teve outro marido.

— Não, não teve. *Meu Deus*. Do que diabo você está falando?

Algo tinha acontecido com Faye, disse Samuel tinha certeza. Alguma coisa profunda que mesmo naquele momento, anos depois, continuava a ocupar sua atenção. E essa coisa às vezes tombava sobre ela e a envolvia como uma onda, e Faye se desconectava do mundo.

Enquanto isso, um concerto estava acontecendo. Meninos e meninas do ensino médio interpretavam récitas mais ou menos avançadas, composições de cinco a dez minutos que ocupavam a exata área de alcance de cada aluno em termos de habilidade musical. Uma efusão de aplausos após cada apresentação. Música tonal, agradável, simples, quase sempre Mozart.

Então veio o intervalo. Parte do público se levantou e saiu um pouco: foram fumar lá fora ou se encaminharam para o bufê, para pegar queijo.

— Por quanto tempo você tocou? — perguntou Samuel.

Faye fitou a programação. Agiu como se não tivesse escutado.

— Essa menina, a sua amiga, quantos anos ela tem?

— Minha idade — respondeu ele. — Está na mesma série que eu.

— E ela está tocando com os alunos do segundo grau?

Ele assentiu.

— Ela é muito boa — disse.

E nesse exato momento ele sentiu uma irrupção de orgulho, como se estar apaixonado por Bethany tivesse um significado importante a respeito *dele*. Como se ele fosse recompensado pelas proezas dela. Samuel jamais seria um gênio musical, mas poderia ser a pessoa amada por um gênio musical. Esses eram os espólios do amor, ele compreendeu: que o sucesso dela também fosse, por algum estranho reflexo, dele.

— O papai também é muito bom — acrescentou.

Faye olhou para ele, confusa.

— Do que você está falando?

— Nada. Só estou dizendo, você sabe, que ele é muito bom. No trabalho dele.

— Essa é uma coisa estranha de se dizer.

— Mas é verdade. Ele é *muito* bom.

Faye olhou para ele, intrigada. Voltando o olhar à programação, perguntou:

— Você sabia que o autor desta composição nunca ganhou nenhum dinheiro com ela?

— Qual composição?

— A que a sua amiga vai tocar. O cara que a escreveu, Max Bruch, nunca ganhou um tostão.

— Por que não?

— Ele foi trapaceado. Foi na época da Primeira Guerra Mundial, e ele estava falido, então entregou a composição a dois americanos que ficaram de lhe mandar o dinheiro, mas nunca mandaram. A partitura ficou desaparecida por muito tempo, até reaparecer na caixa-forte de J. P. Morgan.

— Quem é esse?

— Um banqueiro. Um industrial. Um financista.

— Um cara rico para caramba.

— Sim. Faz muito tempo que ele morreu.

— Ele gostava de música?

— Ele gostava de *coisas* — respondeu Faye. — É o enredo clássico. O barão desonesto fica com ainda mais coisas e o artista morre sem nada.

— Ele não morreu sem nada — retorquiu Samuel.

— Ele estava falido. Não tinha nem mesmo a partitura.

— Mas tinha a lembrança da partitura.

— A lembrança?

— É. Ele ainda podia se lembrar dela. Já é alguma coisa.

— Eu preferiria o dinheiro.

— Por quê?

— Porque quando você tem apenas a lembrança de uma coisa, tudo em que consegue pensar é que não a possui mais.

— Acho que isso não é verdade.

— Você é muito jovem.

As luzes diminuíram de novo, as pessoas voltaram a seus lugares, o zumbido de conversas morreu, tudo ficou escuro e silencioso e a catedral inteira pareceu se condensar em um pequeno círculo de luz em frente ao altar — um refletor iluminando um pequeno pedaço de chão.

— Vai começar — sussurrou Faye.

Todos aguardaram. Era um suplício. Cinco segundos, dez segundos. Estava demorando muito! Samuel chegou a suspeitar de que alguém houvesse esquecido de avisar Bethany que era a vez dela. Ou talvez ela tivesse esquecido o violino em casa. Mas então ele escutou o estalo de uma porta lá na frente. Depois o som de sapatos macios contra o assoalho duro. E, finalmente, lá estava ela, Bethany, deslizando em direção à luz.

Usava um vestido tubinho verde, estava com um penteado especial e, pela primeira vez, parecia minúscula. Ao vê-la sozinha lá na frente, em meio àquela multidão de adultos e alunos do ensino médio, Samuel sentiu um desordenamento geral em seu senso de proporções. Bethany agora parecia uma criança. E se preocupou com ela. Estavam exigindo muito dela, aquilo tudo era demais.

O público aplaudiu educadamente. Então Bethany encaixou o violino sob o queixo. Esticou o pescoço e os ombros. E, sem uma única palavra, a orquestra começou a tocar.

Houve primeiro um som baixo e monocórdio, como um trovão muito distante, um vago rufar vindo das sombras. Samuel sentia a vibração no corpo e nas pontas dos dedos. Estava suando. Bethany não tinha sequer uma partitura! Iria tocar de cor? E se esquecesse? E se lhe desse um branco? Agora ele compreendia como a música era aterrorizante, como era inevitável — os tambores continuariam rufando mesmo que Bethany tivesse esquecido sua parte. E então, suavemente, os instrumentos de sopro fizeram sua entrada — nada dramático, apenas três notas simples, cada uma mais grave que a anterior, repetidas. Não era uma melodia; parecia mais uma *preparação*. Como se estivessem arrumando um santuário para o som. Como se essas notas realizassem o ritual necessário para o

advento da música. Não era a música ainda, e sim sua linha de frente.

Então Bethany ajustou sua postura, posicionou o arco no ângulo correto e ficou evidente que algo estava prestes a acontecer. Ela estava pronta, a plateia estava pronta. Os instrumentos de sopro sustentavam uma única nota, que pairou suspensa no ar por um tempo e então foi desaparecendo, como uma bala puxa-puxa esticada até a aniquilação. E tão logo a nota desapareceu, tão logo foi engolida pela escuridão, uma nova nota saltou do violino de Bethany. Foi ficando mais forte e mais alta, até se tornar o único som no imenso recinto.

Não havia nada mais solitário que aquele som.

Como se alguém tivesse concentrado e destilado toda a mágoa de sua longa vida. Começou baixo e gemeu mais alto, devagar, subindo alguns degraus para em seguida descê-los, e assim por diante, como um dançarino, rodopiando até o topo da escala, agora mais rápido, anunciando, lá no cume, uma espécie de desamparo, uma espécie de desolação. O modo como Bethany contorceu a última nota ao chegar ao cume soou como um pranto, como alguém chorando. Era um som familiar, e Samuel sentiu-se despencar naquela nota, recobrando-se dela gradualmente. E no momento em que achou que ela chegara ao ápice, outra nota irrompeu, ainda mais aguda, um fio de música, a margem mais exposta do arco tocando a mais fina das cordas para extrair o mais fino dos sons: límpido, nobre, suave, um leve estremecer nos dedos lépidos de Bethany, como se a própria nota estivesse viva, pulsando. Viva, porém morrendo, pois agora a nota diminuía e decaía. E não parecia que Bethany estivesse tocando com menos intensidade: na verdade, era como se ela estivesse se afastando depressa de todos. Como se estivesse sendo raptada. E aonde quer que fosse, eles não poderiam segui-la. Ela era um fantasma viajando para outro reino.

Então a orquestra respondeu, um som pleno, profundo e retumbante, como se os músicos tivessem que reunir todas as suas tropas para conseguir enfrentar aquela garotinha de vestido verde.

Depois disso, o concerto passou como uma espécie de borrão. De vez em quando, Samuel voltava a se maravilhar com alguma

manobra de Bethany: a forma como ela era capaz de tocar duas cordas ao mesmo tempo e extrair de ambas um som límpido; como ela conseguia tocar centenas e centenas de notas só de memória; a rapidez com que seus dedos se moviam. Era sobre-humano o que ela conseguia fazer. Lá pela metade do segundo movimento, Samuel chegara à conclusão de que era absolutamente impossível que ele a merecesse.

A plateia enlouqueceu. Todos se levantaram e aclamaram e presentearam Bethany com buquês de rosas tão grandes que chegavam a desequilibrá-la. Ela segurou os buquês com os dois braços e ficou quase invisível atrás das flores, acenando e fazendo reverências.

— Todo mundo adora um prodígio — disse Faye, ela própria aplaudindo, em pé. — Os prodígios tiram nossa culpa por vivermos vidas medíocres. Podemos nos convencer de que não somos nada de especial porque nascemos sem o talento necessário, o que é uma ótima desculpa.

— Ela passou meses ensaiando sem parar.

— Meu pai sempre me disse que eu não era nada de especial — continuou ela. — Acho que acabei provando que ele tinha razão.

Samuel parou de aplaudir e olhou para a mãe.

Ela revirou os olhos e lhe afagou a cabeça.

— Deixa para lá. Esquece o que eu disse. Quer dar oi à sua amiga?

— Não.

— Por que não?

— Ela está ocupada.

E ela estava mesmo: ao seu redor havia uma multidão de admiradores, amigos, parentes, além de seus pais e de vários músicos, todos a cumprimentando.

— Você deveria pelo menos ir dar os parabéns. Agradecer pelo convite. Seria educado — incentivou Faye.

— Tem um monte de gente dando parabéns a ela. Podemos ir embora?

Faye deu de ombros.

— Tudo bem. Se é isso que você quer.

E os dois andaram em direção à porta e estavam avançando devagar na maré de pessoas que também se retiravam, Samuel roçando em quadris e blazers, quando escutou seu nome lá atrás. Bethany o estava chamando. Ele se virou e viu-a abrindo caminho na multidão, tentando alcançá-lo, e quando finalmente chegou até Samuel, Bethany se encostou nele. Seus rostos ficaram grudados e ele achou que talvez devesse lhe dar uma daquelas simulações de beijo que vira entre os adultos, mas então ela levou os lábios a seu ouvido e sussurrou:

— Venha à minha casa hoje de noite. Escondido.

— Está bem — concordou ele.

Aquele calor em seu rosto. Teria concordado com qualquer coisa que ela pedisse.

— Tem uma coisa que preciso mostrar para você.

— O que é?

— Sabe a fita que você me deu? Não é só silêncio. *Tem algo mais.*

Ela deu um passo para trás. Já não parecia pequena como no palco. Recobrou suas proporções normais e suas características próprias: elegante, sofisticada, feminina. Encarou-o e sorriu.

— Você precisa ouvir — completou, e depois disparou de volta aos pais e à turba de admiradores deslumbrados.

Faye olhou-o desconfiada, mas Samuel a ignorou. Ultrapassou-a e saiu andando da igreja, rumo à noite, mancando levemente em seus sapatos duros como pedra.

Naquela noite, ficou acordado na cama, esperando que os sons da casa se esvanecessem: a mãe mexendo nas coisas na cozinha, o pai assistindo televisão na sala e, finalmente, o ranger de uma porta que se abria, sinal de que a mãe estava indo para a cama. E então veio o estalo elétrico da televisão sendo desligada. O som da água correndo, uma descarga no banheiro. Depois, nada. Samuel esperou mais uns vinte minutos para ter certeza e enfim abriu a porta, girando a maçaneta bem devagar, apertando-a com força para evitar estalidos metálicos indesejados, depois girando-a de volta à posição original. Caminhou cautelosamente pelo corredor, pisando fora das partes mais rangentes do assoalho, das quais ele conseguia esquivar-se mesmo na escuridão total, depois desceu as escadas

com os pés bem próximos à parede, onde havia menos potencial de ruído, e então demorou dez minutos só para abrir a porta da frente — uma puxadinha leve, um pequeno *tic*, depois o silêncio, depois outro *tic* —, a brecha da porta dilatando-se milímetro por milímetro, até o espaço ser grande o bastante para ele atravessar.

E, finalmente, ao ver-se livre, ele correu. No ar puro, correndo quarteirão abaixo, rumo ao riacho, para dentro do bosque que separava a Vila Veneziana de todo o resto. Suas passadas e sua respiração eram os únicos sons em todo o vasto mundo, e, quando sentia medo — de ser pego, de ser atacado por perigosos animais selvagens, ou por assassinos loucos brandindo machados, ou sequestradores, ou trolls, ou fantasmas —, ele se fortalecia na lembrança da respiração quente e úmida de Bethany em sua orelha.

O quarto de Bethany estava escuro quando Samuel chegou, e a janela, fechada. Ele ficou sentado do lado de fora por vários minutos, ofegando, suando e em estado de alerta, certificando-se de que todos os adultos da área estivessem dormindo e de que ninguém o veria esgueirando-se pelo quintal. Quando ele finalmente fez isso, atravessou depressa o espaço que faltava, correndo nas pontas dos pés para evitar ruídos no pátio, depois se agachou sob a janela de Bethany e bateu de leve no vidro com a ponta do indicador até que ela emergiu da escuridão.

Com a iluminação noturna, ele só conseguia enxergar alguns pedaços dela: o perfil do nariz, um relancear dos cabelos, a clavícula, a órbita do olho. Ela era uma compilação de fragmentos flutuando em tinta preta. Bethany abriu a janela e Samuel a escalou, rolando por cima do caixilho e retraindo-se ao sentir a estrutura de metal lhe espetar o peito.

— *Não faz barulho* — disse alguém que não era Bethany e que se encontrava em algum lugar na escuridão.

Era Bishop, Samuel se deu conta após um momento de desequilíbrio. Bishop estava ali, no quarto, e isso produziu em Samuel um misto de desalento e gratidão. Porque ele não sabia o que fazer se ficasse sozinho com Bethany, mas ao mesmo tempo sabia que desejava fazê-lo, fosse o que fosse. Ficar sozinho com ela — isso ele queria, desesperadamente.

— Oi, Bish — saudou Samuel.

— Estamos jogando — disse Bishop. — Um jogo chamado “Escute o Silêncio Até Enlouquecer de Tédio”.

— Cala a boca — disse Bethany.

— Também conhecido como “Adormeça Ouvindo a Estática da Fita Cassete”.

— Não é estática.

— É tudo estática.

— Não é *só* estática. Tem algo mais— corrigiu.

— Isso é o que você diz.

Samuel não conseguia enxergá-los — a escuridão era total. Os gêmeos pareciam impressões no espaço, formas menos escuras contra o breu. Samuel tentou se situar na geografia do quarto de Bethany, usando a memória para construir um mapa: a cama, a penteadeira, as flores na parede. Percebeu, de repente, pela primeira vez, que havia estrelas fosforescentes grudadas no teto. E também havia os sons de tecidos e passos e um breve guincho da cama, provável sinal de que Bethany tinha se sentado nela, perto do lugar onde Bishop parecia estar, junto ao toca-fitas que Bethany costumava ouvir à noite, sozinha, escutando uma música e depois rebobinando a fita para ouvi-la de novo, repetindo os mesmos trechos de alguma sinfonia, e Samuel sabia disso tudo porque havia espionado.

— Vem aqui — disse Bethany. — Você precisa estar bem perto.

Então ele subiu na cama e foi vagarosamente na direção deles, Tateando sem jeito até sentir algo frio e gelado que era, sem dúvida, a perna de um dos gêmeos, embora ele não soubesse qual.

— Escute. Com muita atenção — ordenou.

Um clique do toca-fitas, depois o som de Bethany inclinando-se para trás, o tecido envolvendo-a, então o som de estática quando o breve intervalo no início da fita acabara e a gravação propriamente dita havia começado.

— Viu? Nada — reclamou Bishop.

— Espere um pouco.

O som era distante e abafado, como uma torneira aberta em algum lugar da casa, com aquele rumor de água correndo em

encanamentos distantes e ocultos.

— Aí está — disse Bethany. — Ouviram?

Samuel balançou a cabeça, então se deu conta de que ela não podia ver o gesto.

— Não — respondeu.

— Está aí. Escute. Está *debaixo* do som. Você precisa escutar por baixo — explicou ela.

— Isso não faz o menor sentido — disse Bishop.

— Ignorem o que vocês ouvem e escutem o resto.

— Escutar o quê?

— *Eles* — respondeu Bethany. — As pessoas, a plateia, o salão. Dá para escutar tudo isso.

Samuel aguçou o ouvido. Inclinou a cabeça na direção do toca-fitas e semicerrou os olhos, como se isso fosse ajudar, tentando detectar algum tipo de som articulado em meio à estática: conversas, tossidas, respiração.

— Não estou ouvindo nada — disse Bishop.

— Você não está focado.

— Ah, claro. Esse é o problema.

— Precisa se concentrar.

— Muito bem. Vou tentar me concentrar agora.

Os três ficaram escutando o silvo que vinha das caixas de som, Samuel sentindo-se decepcionado consigo mesmo por ainda não ter ouvido coisa alguma.

— Aqui estou eu, totalmente concentrado — disse Bishop.

— Dá para calar a boca?

— Nunca estive tão concentrado como estou neste momento.

— Por. Favor. Cala. A. Boca.

— Concentrar-se, você precisa. Sentir a força, você precisa — ironizou ele.

— Você pode ir embora, sabe. Tipo, dá licença?

— Com grande satisfação — retrucou Bishop, arrastando-se pelo colchão e pulando da cama. — Até mais, e divirtam-se com o nada.

A porta do quarto se abriu e se fechou e eles ficaram a sós, Samuel e Bethany, a sós e juntos, finalmente, terrivelmente. Ele ficou sentado, rígido como uma pedra.

— Agora, escute — disse ela.

— Está bem.

Ele virou o rosto na direção do ruído e se inclinou. A estática não era um som agudo e penetrante, mas algo mais profundo. Era como se um microfone estivesse suspenso acima de um estádio vazio — havia uma espécie de corpulência no silêncio, uma completude. Era uma quietude substancial. Não era simplesmente o som de um recinto vazio; era como se alguém tivesse se empenhado para manufaturar o nada. Havia uma qualidade de coisa criada naquilo. Parecia algo *produzido*.

— Aí estão — sussurrou Bethany. — Escute.

— As pessoas?

— São como fantasmas em um cemitério — disse ela. — Não dá para escutá-los do jeito normal.

— Descreva o que está ouvindo.

— Eles parecem preocupados. E confusos. Acham que estão sendo enganados.

— Você consegue ouvir tudo isso?

— Claro. É a rigidez do som. É como aquelas cordas muito curtas e tensas na extremidade do piano. Aquelas que não vibram. Os sons brancos. Essas pessoas soam assim. São como gelo.

Samuel tentou captar um som desse tipo, algum zumbido agudo dentro da estática sussurrante e persistente.

— Mas depois as coisas mudam — comentou ela. — Preste atenção e você vai ouvir a mudança.

Ele continuou atento, mas tudo o que escutava era um som puro e simples, como qualquer outro: ar escapando de um pneu de bicicleta, o sussurro de um pequeno ventilador, água correndo atrás de uma porta fechada. Não ouvia nada de original. Apenas o ricochetear de sua biblioteca mental.

— Agora. O som fica mais quente. Está ouvindo? Mais quente e mais encorpado. O som cresce e desabrocha. Eles estão começando a entender.

— Entender o quê?

— Que talvez não estejam sendo enganados. Talvez não estejam sendo o alvo de uma piada. Talvez não estejam por fora. Estão

começando a entender. Que talvez façam parte de alguma coisa. Estão começando a se dar conta de que não foram até lá para escutar música. Estão começando a compreender que *eles são a música*. O que foram até lá para encontrar são eles mesmos. Essa ideia os deixa animados. Está ouvindo?

— Sim — mentiu Samuel. — Eles estão felizes.

— Estão felizes *mesmo*.

E Samuel começou a acreditar que estava de fato escutando isso. O mesmo tipo de alucinação voluntária que experimentava certas noites, na cama, ao convencer a si próprio de que havia invasores na casa, ou fantasmas, e todos os sons da casa confirmavam essa ilusão. Ou aquelas vezes em que ele sentia que não tinha condições de ir à escola e dizia a si mesmo que estava passando mal, até que realmente começava a passar mal, sentindo-se enjoado e perguntando-se como a náusea podia ser real se ele a inventara. Era mais ou menos assim o que estava escutando agora. Quanto mais ele pensava no assunto, mais a estática se tornava realmente calorosa; de fato, ela se transformara em uma estática feliz. O som parecia dilatar-se em sua mente, abrir-se, arder.

Ele se perguntou se seria esse o segredo de Bethany. Será que ela simplesmente *queria* escutar o que ninguém mais conseguia?

— Estou ouvindo agora — afirmou ele. — A gente só tem que procurar direito.

— Isso. É exatamente isso.

Samuel sentiu a mão de Bethany segurar seu ombro e apertá-lo, depois percebeu que ela se aproximava, captou a vibração e as ondulações do colchão, os suaves rangidos do estrado enquanto ela se movia em direção a ele. Estava muito próxima. Samuel podia ouvir a respiração dela, sentir seu hálito de pasta de dente. Mas, acima de tudo, ele *sentia* a proximidade dela, a forma como ela parecia deslocar o ar, uma espécie de eletricidade a envolvê-la, aquela sensação de estar perto de outro corpo, um tipo de magnetismo, o coração dela batendo rápido, e tudo isso chegando até ele como uma impressão no espaço, um mapa que sua mente desenhava, uma intuição, e, por fim, matéria sólida, a pele do rosto dela agora próxima o bastante para ser compreendida.

Ele se deu conta de que estavam prestes a se beijar.

Ou melhor, ela estava prestes a beijá-lo. *Isso ia acontecer mesmo.* Tudo o que ele precisava fazer era não estragar tudo. Mas nesse momento, nesses poucos segundos entre a compreensão de que Bethany o beijaria e o beijo propriamente dito, parecia haver infinitas maneiras de estragar tudo. Ele sentiu uma vontade urgente e inesperada de pigarrear. E de coçar a nuca, naquele ponto em que o pescoço se junta ao ombro, área que sempre comichava quando ele ficava nervoso. E ele não queria avançar em direção ao beijo, porque estava escuro e ele talvez batesse seus dentes nos de Bethany por acidente. Mas então, no afã de não bater dentes, ele sentiu que talvez estivesse recuando o corpo, em uma precaução exagerada, e temeu que Bethany interpretasse o recuo como um sinal de que ele *não* queria beijá-la e, por isso, parasse. Outra questão importante era a respiração. Especificando: ele devia respirar? Seu primeiro impulso era prender a respiração, mas então percebeu que, se ela se aproximasse muito devagar ou se eles se beijassem por muito tempo, ele acabaria ficando sem ar e seria obrigado a encher os pulmões no meio do beijo e depois esvaziá-los de repente em um único sopro, fazendo *pfffff* bem na cara ou na boca de Bethany. Com todos esses pensamentos pipocando meio ao mesmo tempo naquele breve momento antes do beijo, as ações mais rudimentares de Samuel, as funções mais automáticas de seu corpo — sentar reto, ficar parado, respirar — tornaram-se *absurdamente difíceis* ante a perspectiva do beijo, razão pela qual, no instante em que o beijo de fato começou, de forma bem-sucedida e sem nenhum desastre, Samuel sentiu que um milagre ocorrera.

A principal sensação dele durante o beijo foi de alívio pelo beijo estar acontecendo. E também que os lábios de Bethany estavam secos e rachados. Esse detalhe estranho. Bethany tinha lábios rachados. Na imaginação de Samuel, ela parecia pairar muito acima das preocupações terrenas idiotas. Não parecia o tipo de menina cujos lábios racham.

A caminho de casa, naquela noite, ele se surpreendeu ao notar que tudo parecia igual a antes, sem qualquer sinal de que o mundo

tinha mudado fundamental e radicalmente.

10

O PRIMEIRO LIVRO que Samuel escreveu foi um do tipo “decida o que acontece a seguir” chamado *O castelo sem retorno*. Tinha doze páginas. Ele mesmo fez as ilustrações. A premissa: você é um valente cavaleiro desbravando um castelo assombrado para salvar uma linda princesa. Uma historinha padrão, ele sabia disso. Tinha certeza de que havia lido algo semelhante em um dos muitos livros desse tipo que preenchiam as estantes de seu quarto. Ele se esforçou para inventar uma história melhor, mais original. Ficou um tempo sentado no chão de pernas cruzadas olhando para os livros e, depois de muito pensar, acabou decidindo que eles representavam a gama completa das possibilidades humanas, a totalidade do espectro narrativo. Não havia outras histórias a serem contadas. Todas as ideias que lhe ocorriam eram ou imitações, ou idiotices. E o livro dele *não podia ser idiota*. Havia muita coisa em jogo. Todos os alunos estavam escrevendo um livro em uma competição envolvendo toda a turma, cujo vencedor teria a obra lida em voz alta pela professora.

Pois bem, *O castelo sem retorno* não era original. Não importava. Samuel esperava que seus colegas ainda não estivessem cansados dos velhos padrões narrativos. Esperava que se sentissem reconfortados pela familiaridade do conto assim como eram reconfortados pelos velhos brinquedos e cobertores que às vezes escondiam na mochila.

O problema seguinte era o enredo. Ele sabia que as histórias do tipo de livro que estava escrevendo se bifurcavam uma, duas, três vezes ou mais, e que cada narrativa paralela precisava formar, no final, uma totalidade narrativa unificada — várias histórias em uma. Mas o primeiro esboço de *O castelo sem retorno* parecia mais uma linha reta com seis pequenos becos sem saída, com escolhas que causariam pouca dúvida ou consternação: você quer ir para a esquerda ou para a direita? (Se for para a esquerda, *você morre!*)

Samuel esperava que os colegas perdoassem esses defeitos — o cenário plagiado, a falta de múltiplos enredos coesos — se ele conseguisse inventar jeitos realmente interessantes e criativos de morrer. E ele inventou. No fim das contas, Samuel acabou revelando um grande talento para matar personagens de forma interessante. Em um dos possíveis finais, envolvendo um alçapão e um poço sem fundo, ele escreveu: “Você começa a cair e continua caindo para sempre. E mesmo depois que fechar este livro, jantar e for para a cama hoje à noite, ao acordar amanhã ainda vai continuar caindo” — o que lhe pareceu um toque de mestre. E ele usou as histórias de fantasmas que sua mãe lhe contava, todas aquelas velhas lendas norueguesas que o aterrorizavam. Escreveu sobre um cavalo branco que aparecia de repente, oferecendo uma carona, e, se o leitor decidisse montar o cavalo, logo encontraria uma morte terrível. Em outra versão, o leitor se transformava em um fantasma preso dentro de uma folha, mau demais para ir ao céu, bom demais para descer ao inferno.

Datilografou as páginas na velha máquina de escrever da mãe, deixando espaço para as ilustrações, que fez usando giz de cera e caneta. Encadernou o livro em cartolina e tecido azul e, usando uma régua para traçar linhas perfeitamente retas, escreveu *O castelo sem retorno* na capa.

Talvez tenham sido as ilustrações. Talvez tenha sido a excelente encadernação azul. Ou talvez — ele guardou um espaço em sua mente para esta possibilidade — tenha sido a escrita em si, as mortes criativas, a unidade na concepção da obra, o fato de haver substituído a palavra “Prólogo” por “Prolegômenos”, que Samuel encontrara em um dicionário de sinônimos e achara incrível. Enfim, ele não saberia dizer ao certo o que conquistou a srta. Bowles, mas ela foi conquistada. Samuel venceu. *O castelo sem retorno* foi lido em voz alta diante da turma, enquanto ele, sentado em sua carteira, tentava não explodir.

Era a melhor coisa que ele já tinha feito na vida.

Por isso, certa manhã, quando a mãe entrou em seu quarto, o acordou e lhe perguntou, em um estranho tom de voz: “O que você

quer ser quando crescer?”, Samuel, ainda extasiado com sua vitória literária, respondeu com segurança absoluta: “Romancista.”

A luz lá fora parecia debilmente azul. Os olhos de Samuel ainda estavam nebulosos e pesados.

— Romancista? — disse ela, sorrindo.

Ele assentiu. Isso mesmo, romancista. Havia decidido algo durante a noite, enquanto revivia seu grande triunfo. Os urros de prazer que seus colegas haviam soltado quando a princesa fora salva. A gratidão, o amor deles. Observando-os navegar em sua história — surpresos nos momentos em que Samuel planejara surpreendê-los, ludibriados nos momentos em que planejara ludibriá-los —, ele se sentiu como um deus que conhecia as respostas para todas as grandes perguntas, contemplando lá de cima os mortais que nada sabiam. Era uma sensação capaz de alimentá-lo, de preenchê-lo. Tornar-se um romancista, decidiu ele, faria com que as pessoas gostassem dele.

— Bem — respondeu a mãe —, então você deveria ser um romancista.

— Está bem — disse ele, sonolento.

Ainda não tinha percebido direito o grau de estranheza da situação: sua mãe totalmente vestida, carregando uma mala, indo falar com ele no alvorecer, perguntando-lhe sobre seus planos, seus planos para o futuro, coisa que nunca tinha perguntado antes. Mas Samuel aceitou isso e se deixou levar, da mesma forma que aceitamos a premissa de um sonho esquisito cuja estranheza só se revela depois que acordamos.

— Escreva seus livros — disse ela. — Eu vou lê-los.

— Está bem.

Ele queria lhe mostrar *O castelo sem retorno*. Mostraria o desenho do cavalo branco. Mostraria aquela parte sobre o poço sem fundo.

— Quero contar uma coisa a você — disse Faye. Falou isso em um tom curiosamente formal, como se tivesse ensaiado aquelas palavras muitas vezes. — Vou ficar longe por um tempo. E quero que você se comporte bem enquanto eu estiver fora.

— Aonde você vai?

— Preciso encontrar uma pessoa — respondeu ela. — Alguém que conheci muito tempo atrás.

— Um amigo?

— Acho que sim. — Faye encostou a palma fria da mão na bochecha de Samuel. — Mas você não precisa se preocupar com isso. Não precisa se preocupar com nada. Não precisa mais sentir tanto medo. Era isso que eu queria dizer a você. Não tenha medo. Será que consegue fazer isso por mim?

— O seu amigo desapareceu?

— Na verdade, não. A gente só passou muito tempo sem se ver.

— Por quê?

— Às vezes... — começou ela, e então se calou e desviou o olhar, e seu rosto se enrugou.

— Mãe? — chamou Samuel.

— Às vezes, a gente perde o rumo — continuou Faye. — Às vezes, a gente se perde.

Samuel começou a chorar. Não sabia por que estava chorando. Tentou parar.

Ela o envolveu nos braços.

— Você é tão sensível — disse a mãe, acalentando-o e apertando-o contra sua pele macia até que ele parou de soluçar e enxugou o nariz.

— Por que você tem que ir *agora*? — perguntou Samuel.

— Porque está na hora, querido.

— Mas por quê?

— Não sei como explicar. — Ela olhou para o teto com uma expressão de desespero, então pareceu se recompor. — Já falei com você sobre o fantasma que parece uma pedra?

— Não.

— Meu pai me contou sobre essa pedra. Disse que às vezes as pessoas a encontram nas praias, lá na nossa terra. Parece uma pedra normal, pequena, coberta de musgo verde.

— E como as pessoas sabem que é um fantasma?

— Elas não sabem. Só ficam sabendo se a levarem para o mar. Se alguém a carregar até o oceano, a pedra vai ficando mais pesada à medida que se afasta da costa. E se a pessoa se afasta demais, o

fantasma fica tão pesado que acaba afundando o navio. Lá, ela é conhecida como *pedra dos afogados*.

— Por que ela faz isso?

— Não sei. Talvez esteja brava. Talvez algo ruim tenha acontecido com ela. Mas a questão principal é esta: ela fica grande demais para a pessoa continuar carregando. E quanto mais a pessoa tenta carregá-la, maior e mais pesada ela fica. Às vezes, ela entra em você e cresce lá dentro, aumentando e aumentando até ficar insuportável. A pessoa não consegue mais lutar. Simplesmente... afunda. — Faye se levantou. — Você entende?

— Acho que sim — respondeu ele, assentindo.

— Vai entender, um dia — disse ela. — Tenho certeza de que vai. E lembre-se do que eu pedi.

— Para eu não ter mais medo.

— Isso mesmo. — Faye se inclinou, beijou-o na testa, apertou-o nos braços e pareceu querer respirá-lo inteiro. — Agora, volte a dormir. Vai ficar tudo bem. E lembre-se: não tenha medo.

Samuel ouviu os passos dela desaparecerem no corredor. Ouviu-a arrastando a mala pela escada. Ouviu a ignição do carro, o portão da garagem se abrindo e se fechando. O barulho do carro se afastando.

E tentou obedecer à mãe. Tentou voltar a dormir, não sentir medo. Mas um pânico intolerável começou a tomar conta de seu peito, então ele pulou da cama, correu até o quarto dos pais e encontrou Henry ainda dormindo, encolhido em seu lado da cama.

— Pai — chamou Samuel, sacudindo-o. — Acorde.

Henry entreabriu as pálpebras e olhou para o filho.

— O que você quer? — perguntou, em um sussurro sonolento. — Que horas são?

— A mamãe foi embora — disse Samuel.

Henry levantou a cabeça pesadamente.

— Hein?

— A mamãe foi embora.

Seu pai olhou para o lado vazio da cama.

— Foi para onde?

— Não sei. Pegou o carro e foi.

— Pegou *o carro*?

Samuel assentiu.

— Certo — respondeu Henry, esfregando os olhos. — Vá lá para baixo. Vou descer em um minuto.

— Ela foi embora — repetiu Samuel.

— Já entendi. Vá lá para baixo, por favor.

Então Samuel ficou esperando na cozinha até ouvir um estrondo no quarto dos pais. Subiu correndo as escadas, abriu a porta e viu o pai parado, de pé, rijo e empertigado, com o rosto mais vermelho que ele já vira. O armário de Faye estava aberto, algumas de suas roupas jogadas no chão.

Mas o que ficou gravado mais fundo na memória de Samuel não foram as roupas, nem o estrondo, nem os cacos do pequeno vaso que fora lançado contra a parede, aparentemente com muita força. O que ele lembraria com clareza, mesmo décadas depois, era a cor do rosto do pai: um carmesim intenso, não apenas nas bochechas, mas em todas as áreas — no pescoço, na testa e até no peito. Uma cor de aparência perigosa.

— Ela foi embora — disse o pai. — E as coisas dela, tudo sumiu. Onde foram parar as coisas dela?

— Vi que ela saiu com a mala — respondeu Samuel.

— Vá para a escola — ordenou Henry, sem olhar para ele.

— Mas...

— Não discuta.

— Mas...

— *Vá logo!*

Samuel não entendia o que isso significava, que sua mãe tinha ido “embora”.

Ido embora para onde? Ido embora para quão longe? Quando ela voltaria?

Durante o trajeto à escola, Samuel se sentiu distante das coisas ao seu redor, como se estivesse olhando o mundo através de binóculos invertidos — de pé no ponto de ônibus, subindo no ônibus, sentando-se e olhando pela janela sem ouvir as crianças ao redor, a atenção fixa em uma gota d’água no vidro da janela enquanto a paisagem lá fora parecia um borrão indistinto que passava voando.

Samuel sentia uma crescente sensação de pavor, e limitar sua atenção a algo muito pequeno, como uma gota d'água, parecia manter o pavor distante, ao menos por enquanto. Só precisava chegar à escola. Só precisava falar com Bishop, contar a ele o que tinha acontecido. Samuel chegara à conclusão de que Bishop o manteria a salvo. Ele saberia o que fazer.

Só que Bishop não estava na escola. Não estava no corredor, junto a seu armário. Não estava em sua carteira na sala de aula.

Tinha sumido. *Ido embora.*

Bishop tinha ido embora.

Aquelas palavras de novo: o que queriam dizer? Ir embora? Todo mundo estava desaparecendo. Samuel ficou sentado em sua carteira examinando a madeira da mesa e nem sequer notou quando a srta. Bowles chamou seu nome, nem quando ela o chamou de novo, nem quando o chamou pela terceira vez, tampouco notou a turma rindo nervosamente dele, nem a srta. Bowles avançando em sua direção, não percebeu nem mesmo quando ela parou bem na frente dele e ficou ali esperando, enquanto os outros alunos cochichavam às suas costas. Só quando ela o tocou, quando a mão dela de fato entrou em contato com seu ombro, Samuel se sobressaltou, interrompendo o que se tornara um exercício que concentrava toda a sua atenção, que consistia em inspecionar fibras de madeira com o olhar. E ele nem mesmo se sentiu humilhado quando a srta. Bowles disse, em seu tom mais sarcástico, "Muito obrigada por voltar à nossa companhia", incitando uma gargalhada entre os alunos. Samuel não chegou sequer a se sentir constrangido. Era como se sua infelicidade suplantasse todo o resto, como se todas as suas preocupações rotineiras tivessem sido enterradas. Ido embora.

Por exemplo: na hora do recreio, ele foi embora. Apenas saiu andando. Caminhou até os balanços mais distantes e depois seguiu caminhando. Simplesmente não parou. Jamais lhe ocorrera que podia continuar andando, sem parar. Todos paravam. Mas, perante o ir-embora de sua mãe, todas as regras-padrão do mundo caíram por terra. Se ela podia ir embora, por que ele não poderia? Então ele foi. Saiu andando e se surpreendeu ao notar como era fácil. Caminhou pela calçada e não precisou nem tentar correr ou se esconder.

Caminhou a céu aberto e ninguém o deteve. Ninguém disse uma única palavra. Samuel sentiu-se à deriva. Era uma realidade completamente nova. Talvez, pensou ele, sua mãe também tivesse achado aquilo fácil. Ir embora. O que mantinha as pessoas em seus lugares, em suas órbitas? Nada, percebeu ele, pela primeira vez. Nada impedia que qualquer pessoa, em um dia qualquer, desaparecesse.

Continuou andando. Andou durante horas, olhando para baixo, para a calçada, repetindo mentalmente o bordão de um jogo infantil, *Pise na parte rachada e sua mãe nunca será achada*, até alcançar os portões de cobre da Vila Veneziana. Então se esgueirou entre as grades e nem sequer olhou para a janela do segurança, apenas deslizou pelo portão e seguiu em frente. Se o guarda o viu, não disse nada, e Samuel se perguntou por um instante se, no meio de tudo aquilo, ele mesmo tinha se tornado invisível, tão estranha era aquela total falta de reação por parte do mundo: ele estava quebrando todas as regras e o mundo simplesmente não notava. Samuel pensava nisso e caminhava pelo asfalto liso da Via Vêneto, alcançando o cume da suave colina que adornava o bairro, quando, ao olhar para o fim da rua, em frente à casa de Bishop, avistou duas viaturas de polícia.

Samuel estacou. Seu receio imediato era que a polícia estivesse atrás *dele*. E, de certa forma, isso foi um alívio. E um consolo. Pois significava que alguém se importava com seu desaparecimento. Imaginou o desenrolar da cena: um funcionário da escola telefona para seu pai, Henry fica louco de nervosismo, chama a polícia, um policial pergunta onde Samuel poderia estar e Henry grita *Na casa de Bishop!*, porque seu pai sabia que ele era amigo de Bishop, deixara Samuel na casa dele diversas vezes, e sem dúvida se lembraria disso tudo, porque era um pai preocupado e amoroso que não acordaria um dia e simplesmente iria embora.

Essa ideia deixou Samuel arrasado. Por que tinha feito aquilo com o pai? Quanto sofrimento devia ter causado. Imaginou Henry em casa, esperando, agora totalmente sozinho, pois a esposa e o filho tinham desaparecido *no mesmo dia*. E andou rumo à casa de Bishop, andou rápido: iria se entregar, seria levado para casa e

reencontraria seu pai, que àquela altura devia estar louco de preocupação. Ele sabia que essa era a coisa certa a fazer.

Continuou avançando até a altura da casa do diretor antes de notar outra coisa que o fez parar de novo. O poste que antes sustentava o bloco de sal envenenado agora estava cercado por uma fita amarela, fina e brilhante, sustentada por quatro pequenas estacas cravadas no solo, formando um quadrado ao redor do poste vazio. Havia palavras na fita, e, embora ela estivesse retorcida, de modo que algumas palavras haviam ficado de ponta cabeça ou de trás para a frente, a mensagem era fácil de entender: CORDÃO DE ISOLAMENTO NÃO ULTRAPASSAR.

Samuel avistou o ofurô do diretor e viu outra fita amarela lá também, envolvendo todo o deque e a área da piscina. E a cena que se desenrolava em sua cabeça mudou: a polícia estava atrás dele, mas não porque havia fugido da escola.

Então ele correu. Para dentro da floresta. Até o riacho. Pisando na água nas margens e inspirando o cheiro das folhas putrefatas. Correu na areia úmida, a água borbulhando e esguichando nos pontos em que seus pés afundavam. Acima dele, os galhos das árvores bloqueavam o sol, e o bosque assumia aquela cor azulada e nebulosa das sombras ao meio-dia. E Samuel viu Bishop exatamente onde esperava que estivesse: no grande carvalho à beira do lago, sentado no galho mais baixo, escondido, quase totalmente coberto pelas sombras a não ser por seus pés, que Samuel só conseguiu encontrar porque estava procurando por eles. Assim que Samuel apareceu, Bishop pulou da árvore, aterrissando no solo com um esvoaçar de folhas.

— Oi, Bish — disse Samuel.

— Oi.

Os dois se olharam por um instante, sem saber o que dizer.

— Você não deveria estar na escola? — perguntou Bishop.

— Fui embora.

Bishop assentiu.

— Acabei de vir da sua casa — contou Samuel. — A polícia estava lá.

— Eu sei.

- O que eles querem?
- Não faço ideia.
- É por causa do diretor?
- Talvez.
- O ofurô?
- Pode ser.
- O que vai acontecer com a gente?

Bishop sorriu.

- Muitas perguntas. Vamos nadar — respondeu Bishop.

Tirou os tênis com um puxão, sem desamarrá-los, arrancou as meias e jogou-as no solo, viradas do avesso. Soltou o cinto, fazendo a fivela retinir, depois tirou a calça jeans, a camisa, e saiu correndo na direção da água, tentando ao máximo evitar rochas pontudas e gravetos; uma agitação de pernas e braços magricelas, com sua cueca verde-acinzentada de estampa de camuflagem, cerca de dois tamanhos maiores que o seu. Chegando à margem, saltou de um toco de árvore, rompendo a superfície da água como uma bomba e um sonoro *Uooooou*, depois voltou à tona e disse:

- Avante, soldado!

Samuel o seguiu, mas com cautela: desamarrou os tênis e colocou-os em um lugar onde não ficariam molhados. Tirou as meias e as enfiou nos calçados, despiu e dobrou a calça, a camisa, e colocou-as com cuidado em cima dos tênis. Fez tudo isso de forma meticulosa. Como sempre. Em vez de pular no lago, foi entrando devagar, recuando ao sentir a fisgada gelada nos tornozelos, depois nos joelhos, e então na cintura, até que a água invadiu sua cueca e a friagem se espalhou.

- É mais fácil se você pular de uma vez — aconselhou Bishop.

- Eu sei — respondeu Samuel —, mas não consigo.

Quando a água finalmente chegou ao seu pescoço e a dor arrefeceu, Bishop disse:

- Certo. Muito bem. Eis a situação.

E traçou a premissa da brincadeira. O ano seria 1836. O cenário seria a fronteira com o México. A época seria a da Revolução do Texas. Eles seriam batedores no exército de Davy Crockett, enviados para espionar as forças inimigas em território mexicano. Tinham

informações importantes sobre o tamanho do exército do general Santa Anna e precisavam levá-las a Crockett. A sorte do Álamo estava em jogo.

— Mas há inimigos por todos os lados — disse Bishop —, e os mantimentos estão acabando.

Seu conhecimento das guerras americanas era profundo, impressionante e assustador. Quando brincava de guerra, ficava totalmente imerso. Quantas vezes os dois já haviam se matado ao redor daquele lago? Centenas de mortes, milhares de balas, balas misturadas aos perdigotos brancos que saíam de suas bocas ao imitar o som dos disparos, o *ratatata* das metralhadoras. Abaixavam-se atrás de arbustos, gritando: “Eu te dou cobertura!” O lago se tornara um lugar sagrado para eles: o solo era sacrossanto; a água, abençoada. Sentiam uma espécie de solenidade ali, como a sensação de quem entra em um cemitério, o local de suas inúmeras mortes imaginárias.

— Está vindo alguém — disse Bishop, apontando para as árvores. — Soldados mexicanos. Se nos pegarem, vão nos torturar para arrancar informações.

— Mas não vamos contar nada.

— Não, não vamos.

— Porque fomos treinados.

— Isso mesmo.

Bishop sempre dizia que os militares americanos passavam por treinamentos avançados e misteriosos que lhes permitiam resistir, entre outras coisas, à dor, ao medo, a minas terrestres e afogamentos. Samuel perguntara como alguém podia ser treinado para não se afogar. Bishop respondera que isso era confidencial.

— Esconda-se — ordenou Bishop, mergulhando.

Samuel olhou riacho acima, na direção que o amigo havia apontado, mas não viu coisa alguma. Tentou imaginar os soldados inimigos avançando na direção deles, tentou invocar o medo que costumava sentir durante essas brincadeiras de guerra, tentou enxergar os vilões, o que até esse dia fora muito fácil. Para vê-los, fossem quem fossem os vilões que estivessem enfrentando naquele momento — espiões soviéticos, vietcongues, os casacas vermelhas,

os *Stosstrupen* alemães —, tudo o que precisavam fazer era nomeá-los, e eles apareciam bem ali, na frente deles. Sua imaginação se fundia ao mundo real. Tudo isso costumava ser tão simples que Samuel nunca havia pensado a esse respeito, não até esse momento, quando a coisa parou de funcionar. Agora ele não via nada, não sentia nada.

Bishop emergiu da água e viu que Samuel estava olhando fixamente para as árvores.

— Alô? Soldado? — chamou. — Vamos ser pegos?

— Não está mais funcionando — disse Samuel.

— O que não está funcionando?

— Meu cérebro.

— O que houve? — perguntou Bishop.

Sua mente parecia esgotada. Tudo o que conseguia ver era a mãe, ou a ausência dela. Faye era como uma neblina que obscurecia todo o resto. Ele não conseguia nem mesmo fingir.

— Minha mãe foi embora — disse, e mal havia acabado a frase quando sentiu o choro, aquela conhecida compressão na garganta, o queixo tenso e enrugado como uma maçã podre.

Às vezes, ele odiava tanto a si mesmo.

— Como assim, foi embora? — indagou Bishop.

— Não sei.

— Ela saiu de casa?

Samuel assentiu.

— Ela vai voltar?

Samuel deu de ombros. Não queria falar. Mais uma palavra e começaria a chorar.

— Então é possível que ela *não* volte? — perguntou Bishop.

Samuel assentiu de novo.

— Sabe de uma coisa? — falou Bishop. — Você é *sortudo*. Sério. Eu queria que os *meus* pais fossem embora de casa. Talvez você não entenda isso agora, mas a sua mãe fez um favor para você.

Samuel o encarou, perdido.

— Como assim?

Sua garganta parecia uma mangueira com um nó bem no meio, impedindo a saída da água.

— Porque agora você pode virar homem — respondeu Bishop. — Você está livre.

Samuel não respondeu. Apenas abaixou a cabeça. Depois enterrou os pés descalços na lama e tirou-os de novo. Isso parecia ajudar.

— Você não precisa dos seus pais — disse Bishop. — Talvez não entenda isso agora, mas você não precisa de ninguém. Isto é uma oportunidade. É sua chance de se tornar uma pessoa diferente, uma pessoa nova e melhor.

Samuel encontrou uma pedra pequena e lisa no fundo do lago. Apanhou-a com os dedos dos pés, depois deixou-a escapular.

— É como se estivesse passando por um treinamento — continuou Bishop. — Um treinamento difícil que acabará deixando você mais forte.

— Eu não sou um soldado — rebateu Samuel. — E isto não é um jogo.

— Claro que é. Tudo é um jogo. E você precisa decidir se vai ganhar ou perder.

— Isso é tolice.

Samuel saiu do lago e foi em direção à árvore embaixo da qual havia organizado suas roupas. Sentou na terra e abraçou as pernas, com os joelhos junto ao queixo, e começou a se balançar para a frente e para trás. Em algum momento, o choro havia começado. O nariz estava escorrendo, as lágrimas esguichavam, espasmos dominavam seus pulmões.

Bishop seguiu-o para fora d'água.

— Agora, por exemplo, eu diria que você está perdendo.

— Cale a boca.

— Neste momento, a derrota parece uma parte inerente da sua natureza.

Bishop colocou-se de pé bem na frente de Samuel, a cueca gotejante pendendo ridiculamente entre as pernas. Puxou-a para cima.

— Sabe o que você precisa fazer? — indagou Bishop. — Precisa substituí-la.

— Isso é impossível.

— Não estou falando em substituí-la por outra mãe, e sim por outra *mulher*.

— Tanto faz.

— Você precisa achar uma mulher.

— Para quê?

— Para quê! — Bishop riu. — Para você se aproveitar dela, sabe? Uma mulher com quem você possa tomar certas liberdades.

— Não quero fazer isso.

— Muitas mulheres deixariam você fazer isso com elas.

— Isso não vai me ajudar em nada — rebateu Samuel.

— Claro que vai.

Bishop deu um passo à frente, inclinou-se e tocou a bochecha de Samuel. Sua mão estava fria e molhada, mas também era suave e macia.

— Você nunca ficou com uma menina, não é? — questionou.

Samuel ergueu o rosto e olhou para o amigo, ainda abraçando os joelhos. Estava começando a tremer.

— Você já ficou? — perguntou.

Bishop riu.

— Já fiz todo tipo de coisa.

— Tipo o quê?

Bishop ficou em silêncio por um instante, depois afastou a mão. Aproximou-se mais do tronco da árvore, encostou-se nele e ajeitou a cueca ensopada.

— Tem muitas meninas na escola. Você devia convidar uma delas para sair.

— Não vai adiantar.

— Com certeza você se interessa por alguém. Por quem está apaixonado?

— Ninguém.

— Mentira. Me conte a verdade. Tem alguém, sim. Já sei quem é.

— Não sabe, não.

— Sei, sim. Por que não admite de uma vez?

Bishop andou alguns passos em direção a Samuel e então colocou as mãos na cintura, uma perna à frente, a pose triunfante de um conquistador.

— É a Bethany, não é? Está apaixonado pela minha irmã —
prosseguiu ele.

— Não estou, não! — disse Samuel.

No entanto, mesmo enquanto falava isso, sabia que suas palavras não soavam convincentes. Soltou-as com demasiada urgência, alto demais, com muita indignação. Não era um bom mentiroso.

— Está apaixonado por ela — repetiu Bishop. — Você quer comer ela. Eu percebo essas coisas.

— Você está errado.

— Está tudo bem. Olha só. Eu dou minha permissão.

Samuel se levantou.

— É melhor eu ir para casa — falou.

— É sério, convide-a para sair.

— Meu pai deve estar me procurando.

— Não vá embora — pediu Bishop. Agarrou os ombros de Samuel para detê-lo. — Por favor, fique.

— Por quê?

— Você precisa ver uma coisa.

— É melhor eu ir.

— Só vai levar um segundo.

— O que é?

— Feche os olhos.

— Como pode me mostrar uma coisa se vou estar de olhos fechados?

— Confie em mim.

Samuel deixou o ar escapar dos pulmões com força, sinalizando sua impaciência com toda a situação. Fechou os olhos. Sentiu Bishop largar seus ombros. Ouviu os ruídos do amigo se mexendo à sua frente, o som de um passo, depois outro, e algo molhado batendo no chão.

— Quando abrir os olhos — disse Bishop —, abra só um pouquinho. Como se estivesse piscando.

— Tudo bem.

— Só uma espiadela. Certo? Vamos lá.

Samuel abriu os olhos, apenas uma fração. No início, não havia nada além de formas luminosas indistintas, a claridade abstrata do

dia. Bishop era um borrão, uma borbulha rosada. Samuel abriu os olhos um pouco mais. Lá estava Bishop, a alguns passos de distância. E agora Samuel conseguia perceber que ele estava nu. A cueca aos pés dele, encharcada. E então o olhar de Samuel subiu até a genitália do amigo. Foi um movimento involuntário. Isso acontecia o tempo todo, nos vestiários, nos mictórios — qualquer oportunidade em que pudesse comparar seu corpo ao de outros meninos: quem era maior? Quem era menor? Essas questões pareciam imensamente importantes. Então ele olhou. Mas no lugar onde deveria estar o pau de Bishop, Samuel não viu *nada*. Bishop estava inclinado para a frente, curvado. Suas pernas estavam levemente dobradas na altura dos joelhos, como se estivesse fazendo algum tipo de medida ou reverência. Bishop havia escondido o pau, Samuel se deu conta. Tinha enfiado o pau entre as pernas, para trás, de modo que Samuel só conseguia ver um espaço vazio e liso.

— O corpo dela é assim — disse Bishop. — O corpo da minha irmã.

— O que você está fazendo?

— Nós somos gêmeos. O corpo dela é assim.

Samuel olhou para o corpo de Bishop: seu tronco era muito magro, com as costelas se destacando sob a pele, mas também era rígido, tenso e firme. Samuel olhou para aquele triângulo de pele entre as pernas dele.

— Você pode fazer de conta que eu sou ela — disse Bishop. Andou até Samuel, encostou sua bochecha na dele e disse junto ao seu ouvido: — Só faz de conta.

Samuel sentiu as mãos de Bishop em sua cintura, depois percebeu que ele estava baixando sua cueca lentamente, sentiu o tecido molhado bater em seus pés, um minúsculo tremor em seu próprio pau, murcho por conta do frio.

— Faz de conta que eu sou a Bethany — pediu Bishop.

Então virou-se e tudo o que Samuel conseguia ver agora era a curva esguia e pálida de seus ombros e suas costas. Bishop segurou as mãos de Samuel e guiou-as até seus quadris. Inclinou o tronco para a frente e se esfregou em Samuel, que, nesse momento, estava

experimentando aquela sensação outra vez, um deslocamento, um afastamento, como havia sentido no ponto de ônibus naquela manhã, como se estivesse vendo tudo de longe. Parecia absurdo. Não tinha nada a ver com ele, pensou, o que estava acontecendo lá embaixo. Era apenas uma estranha combinação de partes que nunca haviam sido postas em contato.

— Está fazendo de conta? — perguntou Bishop. — Está funcionando?

Samuel não respondeu. Estava longe dali. Bishop se esfregou nele com mais força, depois se afastou, depois se esfregou de novo, em um ritmo lento e constante. Samuel se sentia como uma estátua, incapaz de fazer qualquer coisa além de ficar ali, imóvel.

— Faz de conta que eu sou ela — pediu Bishop. — Faça tudo acontecer. Na sua cabeça.

Bishop se esfregou nele e Samuel sentiu aquele ímpeto que tantas vezes o acometera durante a aula, quando estava sentado em sua carteira, aquele turbilhão de tensão, aquela quentura explosiva, nervosa e espasmódica, então olhou para baixo e viu que estava ficando duro. Sabia que não deveria estar ficando duro, mas continuou endurecendo, incontrolavelmente, e isso pareceu esclarecer algumas coisas, responder alguma questão importante — sobre ele, sobre o que tinha acontecido com ele durante o dia —, e de repente teve certeza absoluta de que todo mundo sabia o que ele estava fazendo nesse momento. A mãe, o pai, os professores, Bethany, a polícia. Samuel tinha certeza de que todos sabiam, e isso o acompanharia ao longo dos anos, a partida de sua mãe ficaria trancafiada em sua mente junto com esse momento no bosque, com Bishop, eles dois grudados, pulsando um contra o outro, Samuel não exatamente gostando daquilo mas longe de detestar, pensando o tempo inteiro que sua mãe sabia exatamente o que ele estava fazendo e desaprovava.

Era por isso, Samuel concluiu, que sua mãe havia ido embora.

| PARTE TRÊS |

INIMIGO, OBSTÁCULO, QUEBRA-CABEÇA,
ARMADILHA

Fim do verão, 2011

1

SAMUEL ESTAVA PARADO na entrada do apartamento da mãe, a mão na porta levemente entreaberta, preparando-se para terminar de abri-la, mas ainda se sentindo incapaz de fazer isso. “Não tenha medo”, sua mãe dissera. Fazia mais de vinte anos que ela proferira essas palavras a ele pela última vez, e desde aquela manhã ele sentira que Faye o perseguia como uma assombração: sempre imaginava que ela estava por perto, espionando-o a distância. Às vezes, em momentos aleatórios, ele olhava pela janela ou vasculhava multidões buscando o rosto dela. Passara a vida imaginando que aspecto ele teria para quem o olhasse, pois sua mãe poderia estar observando-o.

Mas ela nunca estava observando. E levou muito tempo até que Samuel conseguisse removê-la de seus pensamentos.

Até então, ela permanecera como uma lembrança adormecida, e Samuel tentava se acalmar e se concentrar repetindo de cabeça alguns dos conselhos que encontrara na noite anterior, ao navegar por aqueles sites: comece do zero; não insultem um ao outro; mantenha certos limites; vá devagar; tenha uma rede de apoio. E o conselho principal, o grande mandamento essencial: prepare-se para a possibilidade de que seu pai ou sua mãe esteja radicalmente diferente da pessoa de quem você se lembra.

E era verdade. Ela *estava* diferente. Samuel enfim entrou no apartamento e encontrou-a sentada a uma grande mesa de madeira perto da cozinha, aguardando-o como uma recepcionista. Havia três copos de água na mesa. E uma pasta. Havia três cadeiras. Ela ficou sentada, olhando para ele — sem sorrir, sem esboçar qualquer reação à sua presença, limitando-se a esperar, as mãos no colo. Sua longa juba castanha fora substituída por um cabelo cortado bem curto, de severidade militar, tão prateado que parecia uma touca de natação. Sua pele estava enrugada daquele jeito característico de pessoas que perderam peso: debaixo dos braços, ao redor da boca, perto dos olhos. Samuel não esperava essas rugas e se deu conta de

que, em sua imaginação, não visualizara sua mãe envelhecida. Precisou lembrar a si mesmo que, agora, ela tinha 61 anos. Faye estava usando uma simples regata preta que deixava à mostra a saliência ossuda de seus ombros e a parte superior de seus braços magros. Samuel sentiu uma preocupação repentina de que ela não estivesse se alimentando direito e, em seguida, ficou surpreso por se sentir assim, preocupado.

— Entre — disse ela.

Não havia nenhum outro som. O apartamento de sua mãe tinha um silêncio penetrante, raramente encontrado na cidade. Ela o encarou. Ele a encarou de volta. Não se sentou. Havia algo de insuportável em estar tão perto dela. Faye abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas não falou nada. A mente de Samuel se esvaziou por completo.

Nesse exato instante, veio um barulho de outro recinto: uma descarga, uma torneira sendo aberta e fechada. Então a porta do banheiro se abriu e de lá saiu um homem de camisa social branca e com gravata e calça marrons, sendo que as duas tonalidades de marrom não eram exatamente a mesma. Ao ver Samuel, ele disse:

— Professor Anderson, senhor! — E estendeu a mão úmida. — Sou Simon Rogers. Da Rogers e Rogers? O advogado da sua mãe? Falamos ao telefone.

Samuel ficou olhando para ele por um instante, confuso. O advogado abriu um sorriso simpático. Era um homem magro e baixo, com ombros surpreendentemente largos. Seu cabelo castanho era curto, penteado naquele inevitável e desajeitado formato de M típico dos primeiros estágios da calvície masculina.

— Precisamos de um advogado para isto? — perguntou Samuel.

— Admito que isso foi ideia minha — respondeu o advogado. — Insisto em acompanhar minha cliente sempre que ela estiver depondo. É parte do meu trabalho.

— Isto não é um depoimento — disse Samuel.

— Não do *seu* ponto de vista. Mas, claro, não é o senhor quem está depondo.

O advogado bateu as palmas ao juntá-las e caminhou com leveza até a mesa. Destravou a pasta e tirou dali um pequeno microfone,

que colocou no centro da mesa. O fato de a camisa dele ficar justa nos ombros mas pender frouxa no resto do tronco, Samuel percebeu, fazia com que ele parecesse um menino usando as roupas do pai.

— Minha função aqui é proteger os interesses de minha cliente, do ponto de vista legal, fiduciário e emocional — continuou o advogado.

— Foi você quem me pediu para vir — retrucou Samuel.

— Isso mesmo, senhor! E é importante lembrar que estamos no mesmo time. O senhor concordou em escrever uma carta ao juiz explicando por que sua mãe merece ser perdoada. Meu trabalho aqui é ajudá-lo com a referida carta e me certificar de que o senhor não veio motivado por, digamos, segundas intenções.

— Inacreditável — reclamou Samuel.

Porém, não sabia ao certo o que era mais inacreditável: que o advogado suspeitasse de algum arдил ou que o advogado estivesse certo. Porque Samuel não tinha a intenção de escrever carta nenhuma para juiz nenhum. Estava ali para honrar seu contrato com Periwinkle, para coletar informações sórdidas sobre sua mãe de modo que pudesse, em breve, difamá-la por dinheiro.

— O propósito do inquérito de hoje é, em primeiro lugar, justificar as ações de sua mãe no que diz respeito ao corajoso protesto dela contra o ex-governador de Wyoming — explicou o advogado. — E, em segundo lugar, explicitar os motivos pelos quais ela é uma ótima pessoa. Todo o resto, senhor, está fora de nosso estrito âmbito de interesse. Gostaria de um copo d'água? Suco?

Faye continuava sentada em silêncio, sem participar da conversa, mas ainda ocupando todo o espaço na mente de Samuel. Tinha uma consciência aguda da presença da mãe, como se ela fosse uma mina terrestre enterrada cuja localização não era exatamente, mas apenas parcialmente, conhecida.

— Que tal sentarmos? — sugeriu o advogado, e os dois se uniram a Faye ao redor da mesa, que era retangular e feita de tábuas envelhecidas que provavelmente tinham sido parte de uma cerca ou de um celeiro em uma vida passada.

Três copos d'água suavam em porta-copos de cortiça. O advogado sentou-se na cadeira e ajustou a gravata, cujo marrom puxava para

o mogno, enquanto o tom da calça estava mais para o achocolatado. Colocou as mãos em cima da pasta e sorriu. Faye continuava olhando com seu jeito neutro, distante, indiferente. Parecia tão austera, descomplicada e árida quanto o próprio apartamento — um único e longo ambiente com uma fileira de janelas com vista para os arranha-céus do centro de Chicago. As paredes eram brancas e nuas. Não havia televisão. Não havia computador. A mobília era simples e sóbria. Samuel percebeu a completa ausência de coisas que precisassem ser ligadas na tomada. Era como se ela tivesse ejetado de sua vida todas as coisas desnecessárias.

Samuel se sentou em frente a ela e cumprimentou-a como teria cumprimentado um desconhecido na rua: uma leve inclinação do queixo para baixo.

— Obrigada por ter vindo — disse Faye.

Outro aceno de cabeça.

— Como tem passado? — perguntou ela.

Samuel não respondeu de imediato. Em vez disso, fulminou-a com um olhar no qual esperava transmitir resolução e frieza.

— Bem — respondeu ele, finalmente. — Tenho passado bem.

— Que bom. E o seu pai? — continuou ela.

— Ele está ótimo.

— Muito bem, então! Agora que tiramos esse assunto do caminho, por que não aproveitamos para começar logo? — sugeriu o advogado, com uma risadinha nervosa.

Pequenas gotas de suor agora se manifestavam em sua testa. Dava beliscões involuntários na camisa, que não era exatamente branca, e sim acinzentada, daquela tonalidade característica de peças que foram lavadas muitas vezes, com marcas amareladas bem distintas nas axilas.

— Agora, sr. professor Anderson, este seria o momento ideal para fazer sua pergunta em relação ao nosso principal objetivo de hoje.

O advogado estendeu a mão e apertou um botão no microfone, que estava posicionado entre Samuel e Faye. Uma luzinha azul brilhou no aparelho.

— E que pergunta seria essa? — indagou Samuel.

— Sobre o heroico protesto de sua mãe contra a tirania, senhor.

— Claro.

Samuel olhou para a mãe. Assim, de perto, era difícil conciliar essa nova pessoa com a mulher que ele um dia conhecera. Faye parecia ter perdido toda a maciez de seu antigo ser — o longo cabelo macio, os braços macios, a pele macia. Um novo corpo, mais duro, havia substituído tudo isso. Samuel podia divisar o contorno de seus músculos faciais logo abaixo da pele do maxilar. A ondulação que a clavícula desenhava no peito. A saliência dos bíceps. Os braços dela eram como as cordas usadas para ancorar navios.

— Tudo bem. Certo — disse Samuel. — Por que você fez aquilo? Por que atirou pedras no governador Packer?

Faye olhou para o advogado, que destravou a pasta e içou lá de dentro uma única folha de papel coberta de texto em uma das faces. Então estendeu-a para ela, que começou a lê-la em voz alta, palavra por palavra.

— No que diz respeito a minhas ações referentes ao candidato republicano à presidência e ex-governador de Wyoming Sheldon Parker, doravante referido simplesmente como “o governador” — disse ela, e pigarreou —, venho por meio desta atestar, sustentar, jurar, certificar e solenemente afirmar que meu arremesso de pedras na direção do governador não deve, de forma alguma, ser interpretado como uma tentativa de ferir, agredir, lesionar, espancar, desfigurar, incapacitar, deformar, mutilar ou, de qualquer maneira, criar conclusões de iminente contato danoso e afrontoso com o governador, tampouco com quaisquer pessoas que tenham sido inadvertidamente expostas, de forma física, ao cascalho, tampouco foi minha intenção provocar aflição emocional, dor, sofrimento, infelicidade, angústia ou trauma a quaisquer pessoas que tenham testemunhado ou sido afetadas de alguma forma por minhas ações puramente políticas e simbólicas. Minhas ações foram uma reação necessária, essencial e automática às políticas fascistas do governador e, portanto, não dispondo de outra alternativa no que diz respeito ao momento, ao local e ao formato de minha reação, aliás involuntária, contra a retórica do governador, retórica essa de extrema direita, pró-armas, pró-guerra, pró-violência, expôs-me a um grau tão raro e substancial de constrangimento que chegou a

constituir, de minha parte, uma crença razoável em algum dano corporal à minha pessoa. Também cheguei à conclusão de que a postura pró-violência do governador, com sua obsessão implacável e fetichista por lei e ordem, *implicava consentimento* em comportamentos tumultuosos e agressivos, da mesma forma que pessoas envolvidas em sadomasoquismo por gratificação sexual consentem em ser golpeadas, sem responsabilização civil ou criminal. Escolhi cascalhos como veículo de meu protesto simbólico porque, desprovida de um histórico atlético ou criminal e não tendo qualquer treinamento em esportes que envolvam arremesso de bolas, o perigo representado por meu lançamento de pequenas pedras equivalia a um grau mínimo de dano e, portanto, o cascalho não era, definitivamente, uma arma perigosa, mortal ou severa, e de forma alguma usei-o para, propositalmente, conscientemente, negligentemente, ameaçadoramente, irresponsavelmente ou com indiferença em relação ao valor da vida humana, causar ferimentos corporais. Minha verdadeira intenção era apenas, inteiramente, completamente e em todos os sentidos possíveis, política, qual seja, a de comunicar um ato de expressão política que não era uma incitação, nem uma provocação, nem um delito, tampouco apresentava perigo real, um ato simbólico de expressão semelhante ao de manifestantes que exercem legalmente seus direitos à livre expressão queimando bandeiras ou danificando cartões de recrutamento militar, et cetera.

Faye apoiou o papel na mesa de forma cuidadosa e deliberada, como se fosse algo frágil.

— Excelente! — exclamou o advogado.

Seu rosto tinha ficado vermelho, uma mudança sutil mas perceptível em relação ao tom pálido anterior, que Samuel teria descrito como um amarelo-bebê cremoso e plastificado. Bolhas de suor grudavam-se em sua testa, como aquelas borbulhas de tinta que aparecem em paredes externas em dias de muito calor.

— Agora que esclarecemos esse ponto, podemos fazer um pequeno intervalo. — O advogado desligou o microfone. — Com licença — disse, dirigindo-se ao banheiro.

— Ele faz isso o tempo todo — comentou Faye, observando-o ir. — Pelo jeito, precisa usar o banheiro a cada cinco ou dez minutos. É uma mania dele.

— O que diabo foi isso que acabou de acontecer? — perguntou Samuel.

— Imagino que ele vá ao banheiro para secar o suor. É um homem muito molhado. Mas também faz alguma coisa envolvendo bastante papel higiênico, não sei exatamente o quê.

— É sério — disse Samuel, pegando a folha de papel e examinando-a. — Eu não tenho a menor ideia do que isso quer dizer.

— Ele também tem uns pezinhos minúsculos. Você notou?

— Faye, *escute* — disse Samuel, e ambos se retraíram perante o uso do nome dela. Era a primeira vez na vida que ele fazia isso. — O que está acontecendo?

— Muito bem. Certo. Eu entendi o seguinte. Meu caso é muito sério e complicado. Muitas acusações de tentativa de agressão e várias outras de lesão corporal. De natureza grave. Com arma. Acho que assustei uma porção de gente no parque (essas são as tentativas de agressão), mas as pedras só acertaram algumas pessoas (essas são as lesões corporais). Além disso, há acusações de, vamos ver... — Ela contou-as, uma a uma, nas pontas dos dedos. — Perturbação da paz, atentado ao pudor, conduta desordeira, resistência à prisão. O promotor está sendo mais agressivo do que de costume, e achamos que está sendo pressionado pelo juiz.

— O Juiz Charles Brown.

— Esse mesmo! Aliás, a sentença para lesão corporal grave pode variar entre trezentas horas de serviço comunitário e 25 anos de prisão.

— Tem uma boa distância entre as duas coisas.

— O juiz tem bastante liberdade para decidir a sentença. Então, sabe aquela carta que você está escrevendo para ele?

— Sei.

— É melhor que fique muito boa.

Houve um barulho de água descendo pelo cano, a porta do banheiro se abriu e o advogado voltou, sorrindo, enxugando as mãos na calça. Faye estava certa: o sujeito tinha os menores pés que Samuel já vira em um homem adulto.

— Fantástico! — exclamou o advogado. — Isto está indo muito bem.

Como ele conseguia se equilibrar com aqueles ombros tão largos e aqueles pés minúsculos? Era como uma pirâmide invertida.

O advogado se sentou e tamborilou os dedos na pasta.

— Vamos para a segunda parte! — disse, e voltou a ligar o microfone. — Nosso próximo tópico, senhor, são as razões que fazem de sua mãe um excelente ser humano, não merecendo, portanto, ir para a prisão por mais de vinte anos.

— Essa não é uma possibilidade real, é?

— Creio que não, senhor, mas quero não dar chance ao azar, obviamente. Agora, o senhor gostaria de saber como sua mãe tem ajudado instituições de caridade?

— Acho que estou mais interessado em saber o que ela andou fazendo nos últimos vinte anos.

— Escolas públicas, senhor. Ela tem feito um excelente trabalho em escolas públicas. Além disso, poesia! Uma verdadeira defensora das artes, eu lhe garanto.

— Essa parte vai ser meio complicada para mim — declarou Samuel. — Essa coisa de ela ser um “excelente ser humano”, não me leve a mal.

— E por que diz isso, senhor?

— Bem, o que eu vou falar para o juiz? Que ela é uma ótima pessoa? Uma mãe maravilhosa?

O advogado sorriu.

— Isso mesmo. Exatamente isso.

— Não acho que eu poderia dizer isso honestamente.

— E por que não?

O olhar de Samuel passou do advogado à mãe e depois voltou.

— Está falando sério?

O advogado assentiu, ainda sorrindo.

— Minha mãe me abandonou quando eu tinha onze anos!

— Sim, senhor, e, como pode imaginar, quanto menos o público souber sobre essa parte da vida dela, melhor.

— Ela me abandonou sem nenhum aviso.

— Talvez, senhor, tendo em vista os nossos objetivos, senhor, fosse melhor que não pensasse nesse episódio como um *abandono*. Em vez disso, pense que talvez sua mãe tenha lhe colocado para adoção um pouco mais tarde que o habitual. — Ele abriu a pasta e puxou de lá um folheto. — Na realidade, sua mãe teve uma trabalhadora muito maior que a maioria das mães biológicas no processo de buscar possíveis famílias adotivas e garantir que o filho dela fosse acolhido em um ambiente positivo, essas coisas. De certo ponto de vista, eu diria que a diligência dela nessa questão pode ser considerada extraordinária.

Ele entregou o folheto a Samuel. A capa era de um cor-de-rosa vivo, com imagens de sorridentes famílias multiculturais e a frase *Então você é adotado!* bem no alto, em letras faceiras.

— Eu não sou adotado — disse Samuel.

— Não *literalmente*, senhor.

O advogado estava suando de novo, e uma película brilhante cobria sua pele, como aquela camada de orvalho que às vezes aparece no chão ao amanhecer. Uma mancha líquida também havia surgido embaixo da axila e ao longo da manga. Parecia que sua camisa estava sendo lentamente tragada por uma água-viva.

Samuel olhou para a mãe, que respondeu erguendo os ombros como quem diz *Fazer o quê?*. Atrás dela, para além da fileira de janelas, estava a grande face cinzenta da Sears Tower, embaçada na distância nebulosa. Já tinha sido o edifício mais alto do mundo; não era mais. Não estava nem entre os cinco mais altos. Para falar a verdade, nem se chamava mais Sears Tower.

— É bem tranquilo aqui — comentou Samuel.

Sua mãe franziu o cenho.

— O quê?

— Não tem barulho de trânsito, de gente. É bem isolado.

— Ah. Estavam reformando o edifício quando o mercado imobiliário entrou em crise — explicou ela. — Tinham terminado só uns dois apartamentos e então abandonaram o projeto, inacabado.

— Então você é a única moradora do prédio?

— Tem um casal dois andares acima. Do tipo artista boêmio. Na maior parte do tempo, ignoramos uns aos outros.

— Parece solitário.

Ela estudou o rosto dele por um momento.

— Combina comigo.

— Sabe, minha tarefa de esquecer você tinha sido muito bem-sucedida — disse Samuel. — Até esses últimos acontecimentos.

— É mesmo?

— É. Eu diria que você estava perfeitamente esquecida até esta semana.

Ela sorriu e olhou para o tampo da mesa à sua frente, um tipo de sorriso internalizado que sugeria que algum pensamento particular tinha surgido nesse momento. Varreu a mesa com as palmas das mãos, como se a estivesse limpando.

— O que chamamos de *esquecimento* não é esquecimento de verdade — disse Faye. — Não no sentido estrito. Nunca *esquecemos* as coisas de fato. Apenas perdemos o caminho de volta até elas.

— Do que você está falando?

— Li um artigo há pouco tempo — continuou ela. — Fizeram uma pesquisa sobre como a memória funciona. Era uma equipe de fisiologistas, biólogos moleculares e neurologistas que estava tentando entender onde guardamos nossas lembranças. Acho que saiu na *Nature*. Ou na *Newton*. Ou na *JAMA*.

— Um pouco de leitura leve?

— Eu tenho muitos interesses. Enfim, o que descobriram é que nossas lembranças são coisas físicas, tangíveis. Quer dizer, é possível *ver* a célula em que cada lembrança está armazenada. Funciona mais ou menos assim: primeiro você tem uma célula imaculada, intocada. Então ela é bombardeada e fica toda mutilada e disforme. E essa mutilação é, em si mesma, a lembrança. Nunca se apaga, na verdade.

— Fascinante — disse Samuel.

— Tenho quase certeza de que li isso na *Nature*, agora que parei para pensar.

— Está falando sério? — indagou Samuel. — Eu estou abrindo meu coração e você fica falando de uma pesquisa que leu?

— Eu gostei da metáfora — disse Faye. — E, além do mais, você não está abrindo seu coração. Não chegou nem perto disso por enquanto.

O advogado pigarreou.

— Talvez devêssemos retornar ao nosso tópico? Sr. professor Anderson? O senhor gostaria de começar seu interrogatório direto?

Samuel se levantou. Andou para um lado, depois para o outro. Havia uma única e pequena estante de livros junto à parede, e foi para lá que se dirigiu. Sentia os olhos da mãe perfurando suas costas enquanto examinava as prateleiras: era quase tudo poesia, uma grande coleção de Allen Ginsberg. Samuel percebeu que, na verdade, estava procurando um exemplar da revista famosa na qual seu conto fora publicado. Percebeu isso ao se sentir decepcionado por não encontrá-la.

Deu meia-volta.

— Vou dizer o que eu quero saber.

— Senhor? — disse o advogado. — Está fora do alcance do microfone.

— Quero saber o que você andou fazendo nesses vinte anos. E para onde foi quando nos deixou.

— Isso, senhor, provavelmente está além do escopo de nossos objetivos hoje.

— E toda essa história sobre você nos anos 1960. Essa história de que você foi presa. E tudo o que andam dizendo sobre você na televisão...

— Você quer saber se é tudo verdade — disse Faye.

— Sim.

— Se eu era uma radical? Se participei do movimento antiguerra?

— Sim.

— Se fui presa por prostituição?

— Sim. Tem um mês inteiro em 1968 que está em branco. Sempre achei que você estivesse em Iowa, na casa do vovô Frank, esperando que o papai voltasse do exército. Mas você não estava lá.

— Não.

— Estava em Chicago.

— Por bem pouco tempo. Depois fui embora.

— Eu quero saber o que aconteceu.

— Hu-hum! — soltou o advogado, batucando na pasta. — Acho que saímos um pouco do roteiro, não é? Que tal voltarmos ao nosso assunto?

— Mas você tem outras perguntas, não tem? — indagou Faye. — Questões ainda maiores?

— Podemos chegar lá. No devido tempo — respondeu Samuel.

— Por que esperar? Vamos botar tudo para fora agora mesmo. Vá em frente, pergunte. Na verdade, só tem uma pergunta.

— Podemos começar com a foto. Aquela foto sua no protesto em 1968.

— Mas não é por isso que você está aqui. Faça sua verdadeira pergunta. Aquilo que você veio aqui para descobrir.

— Eu vim aqui escrever uma carta para o juiz.

— Não veio, não. Vá em frente. Pergunte.

— Não é relevante.

— Só pergunte. Vamos lá.

— Não tem importância. Não é nada...

— Com isso eu concordo! — interrompeu o advogado. — Sem importância.

— Cale a boca, Simon — interpôs Faye, depois ergueu os olhos para Samuel. — Essa pergunta é tudo. É o motivo pelo qual você está aqui. Agora, que tal parar de mentir e perguntar de uma vez?

— Certo. Tudo bem. Eu quero saber: por que você me abandonou?

E Samuel sentiu a iminência do choro quase no mesmo instante em que disse: *Por que você me abandonou?* A pergunta que tinha atormentado sua adolescência. Ele costumava dizer às pessoas que ela estava morta. Quando perguntavam sobre a mãe dele, era mais fácil falar que ela tinha morrido. Porque, quando ele dizia a verdade, perguntavam por que ela tinha ido embora e para onde tinha ido e ele não sabia responder. E então as pessoas o olhavam de um jeito esquisito, como se fosse culpa dele. Por que ela o abandonara? Era a pergunta que o mantivera acordado noite após noite até ele

aprender a engoli-la e negá-la. Mas pronunciar aquelas palavras fez com que tudo voltasse em um jorro — a vergonha, a solidão e a pena de si mesmo encharcaram a pergunta feito uma onda, e Samuel mal conseguiu articular a última palavra antes de sentir o nó na garganta e chegar à beira do choro.

Os dois se encararam por um momento, Samuel e a mãe, até que o advogado se inclinou por cima da mesa e sussurrou alguma coisa no ouvido dela. Então a expressão de desafio no rosto de Faye murchou. Ela olhou para o próprio colo.

— Talvez devêssemos voltar ao nosso assunto? — sugeriu o advogado.

— Acho que mereço algumas respostas — disse Samuel.

— Que tal voltarmos ao assunto da sua carta, senhor?

— Não espero que sejamos melhores amigos. Mas responder algumas perguntas? Isso é pedir demais? — inquiriu Samuel.

Faye cruzou os braços e pareceu se encurvar. O advogado continuava no aguardo, olhando para Samuel. As gotas de suor em sua testa tinham ficado volumosas e inchadas. A qualquer momento, podiam cair como chuva em seus olhos.

— Sabe aquele artigo na *Nature*? — prosseguiu Faye. — O artigo sobre a memória? O que realmente me impressionou é que nossas lembranças estão no cérebro em si, costuradas na carne. Tudo o que sabemos sobre o nosso passado está literalmente *marcado em nós*.

— Tudo bem. E daí? — disse Samuel.

Faye fechou os olhos e esfregou as têmporas, um gesto de irritação e impaciência que Samuel reconhecia de sua infância.

— Não é óbvio? Toda lembrança é na verdade uma cicatriz — explicou ela.

O advogado deu tapa na pasta e disse:

— Ok! Acho que encerramos por aqui!

— Você não respondeu nenhuma das minhas perguntas — reclamou Samuel. — Por que me abandonou? O que aconteceu com você em Chicago? Por que manteve isso em segredo? O que andou fazendo todos esses anos?

Então Faye olhou para ele e toda a dureza no corpo dela se dissolveu. Ela lhe lançou o mesmo olhar da manhã em que

desaparecera, com o rosto cheio de pesar. Então disse:

— Sinto muito. Não posso.

— Eu preciso saber. Você não tem noção de quanto. Eu *preciso* saber.

— Eu lhe dei tudo o que podia dar.

— Mas você não me explicou *nada*. Por favor, por que você foi embora?

— Não posso. É assunto pessoal — justificou ela.

— Assunto pessoal? Sério?

Faye assentiu e olhou para o tampo da mesa.

— É assunto pessoal — repetiu.

Samuel cruzou os braços.

— Você me provoca até eu fazer essa pergunta e agora me diz que é pessoal? Vá se foder.

Agora o advogado estava juntando suas coisas, desligando o microfone, o suor pingando na gola da camisa.

— Muitíssimo obrigado, professor Anderson, por todo o seu empenho.

— Não achei que você pudesse ser ainda mais baixa, Faye, mas *parabéns* — disse Samuel, levantando-se. — Sério, você é tipo um gênio. A maestrina da baixeza.

— Entraremos em contato! — disse o advogado. Conduziu Samuel até a porta, empurrando-o com uma mão quente e úmida. — Vamos entrar em contato para falar do andamento das coisas e ver como podemos prosseguir.

Abriu a porta e fez Samuel sair. Balas líquidas de chumbinho brotavam da pele de sua testa. A região debaixo das axilas era um lamaçal empapado, como se ele tivesse derramado ali um copão de bebida dos que se vendem na bomboniere do cinema.

— Estamos ansiosos para ler sua carta ao juiz Brown — disse o advogado. — E tenha um bom dia!

Então fechou a porta atrás de Samuel e a trancou.

Durante todo o caminho para fora do prédio e ao longo do trajeto de volta a Chicago e rumo aos subúrbios, Samuel sentiu que estava prestes a se desintegrar. Lembrou os conselhos daqueles sites: *Tenha uma rede de apoio*. Precisava conversar com alguém. Mas

quem? Não podia ser seu pai, isso era óbvio. Nem um colega de trabalho. As únicas pessoas com quem se comunicava regularmente eram os companheiros de *Elfescape*. Então, mais uma vez, fez o login. Foi saudado pela costureira saraivada de *Alô, Dodger!* e *Bom te ver!* Fez uma pergunta no bate-papo da guilda: *Algum dos caras de Chicago quer me encontrar hoje à noite? Estou a fim de sair.*

Palavras que foram recebidas com um silêncio constrangido. Samuel compreendeu que tinha ultrapassado um limite. Perguntara se alguém queria encontrá-lo na *vida real*, convite que só era feito por esquisitões e tarados. Estava prestes a se desculpar e pedir que esquecessem o assunto quando Pwnage, o brilhante líder do grupo, o grande sábio de *Elfescape*, enfim respondeu misericordiosamente.

Claro. Conheço um lugar legal.

2

LAURA POTTS DAM ESTAVA sentada no amedrontador escritório da reitora da universidade, explicando exatamente o que havia acontecido entre ela e Samuel.

— Ele me disse que eu não tinha problemas de aprendizagem — contou Laura. — Disse que eu só era meio burra.

— Ah, meu Deus — respondeu a reitora, parecendo horrorizada.

As estantes de seu escritório eram repletas de livros sobre a Peste Negra e as paredes eram cobertas por ilustrações de aparência antiga, mostrando pessoas acometidas por lesões e furúnculos, outras empilhadas em carros de mão, mortas. Antes, Laura achava que nenhuma decoração de parede poderia ser mais insuportável que o gigantesco calendário de dieta de sua colega de quarto, mas o aparente interesse da reitora na história das feridas mostrou que ela estava totalmente enganada.

— Samuel realmente disse, em voz alta, que você era meio burra?

— Foi um golpe bem forte na minha autoestima.

— Sim, imagino.

— Eu sou uma das melhores alunas, e com um histórico perfeito. Ele não pode me chamar de burra.

— Eu acho você *muito* inteligente, Laura.

— Obrigada.

— E, acredite, eu levo este assunto muito a sério.

— Eu também deveria mencionar que o professor Anderson às vezes diz palavrões em sala de aula. Isso faz os alunos perderem a concentração, além de ser muito ofensivo.

— Ok, vamos tentar o seguinte — disse a reitora. — Por que você não reescreve o trabalho sobre *Hamlet* com direito a uma nova nota? Enquanto isso, vou resolvendo as coisas com o professor Anderson. Parece uma boa ideia?

— Sim, parece uma ótima ideia.

— E se houver qualquer outra coisa que eu deva saber, pode telefonar direto para mim.

— Certo.

Laura saiu do prédio administrativo sentindo aquele calor fulgente e animado que acompanha a vitória. Essa sensação durou muito pouco, esgotando-se assim que ela abriu o livro de Shakespeare, sentou-se no chão do quarto, olhou desconsoladamente para todas aquelas palavras e percebeu que tinha voltado ao ponto de partida: tentava completar mais uma tarefa inútil para mais uma matéria inútil, Introdução à Literatura, uma das cinco disciplinas em que estava matriculada no semestre, e todas elas, em sua opinião, eram uma grande bobagem. Uma perda de tempo ridícula que não tinha nada a ver com a vida real, era isso que ela pensava sobre as aulas na faculdade, até esse momento. E por “vida real” ela se referia às tarefas que teria que realizar após se formar em administração, tarefas sobre as quais ainda não sabia nada, pois não cursara nenhuma matéria de comunicação avançada ou marketing, e também não fizera nenhum estágio nem tivera um “trabalho de verdade”, a menos que se levasse em conta aquele bico de meio período na lanchonete de um cinema barato durante o ensino médio. Lá, ela tinha aprendido muitas lições importantes sobre etiqueta profissional com um gerente de 32 anos que gostava de ficar por lá algumas horas depois do fim do turno para fumar maconha e jogar strip pôquer com as adolescentes bonitas que ele sempre contratava, o que exigia cuidadosas manobras sociais por parte de Laura para continuar tendo acesso à maconha sem fazer algo tão comprometedor que a impedisse de dar as caras no trabalho no dia seguinte. Mas, mesmo que essa fosse sua única “experiência profissional”, Laura continuava convencida de que o inevitável sucesso em marketing e comunicação não dependeria das inutilidades que ela estava aprendendo na faculdade.

Tipo *Hamlet*. Ela estava tentando ler *Hamlet*, tentando estabelecer um raciocínio para o ensaio que precisava reescrever. Mas o mais interessante para ela nesse momento era um punhado de cliques de papel que atirava calmamente para cima e depois observava cair e quicar no assoalho de linóleo de seu quarto no alojamento

estudantil. Isso era mais divertido que ler *Hamlet*. Porque, embora todos os cliques tivessem exatamente o mesmo formato, quicavam de forma caótica, aleatória, irrepetível. Por que todos não quicavam exatamente do mesmo jeito? Por que não caíam no mesmo lugar? Além disso, havia aquele delicioso sonzinho quando eles batiam no chão e escorregavam. Ela já tinha jogado os cliques para cima umas quinze ou vinte vezes em poucos minutos — uma tática bastante evidente para procrastinar a leitura de *Hamlet*, ela precisava admitir — quando seu celular apitou. Uma nova mensagem!

Ooooooi amor

Era Jason. E Laura percebeu, pelas várias repetições da letra *o*, que ele estava sentindo aquela urgência especial essa noite. Os garotos às vezes eram tão transparentes.

Oi! :-D

O que tornava a faculdade tão estúpida era a obrigação de aprender coisas de que ela nunca, jamais, precisaria na vida. Como informações sobre estátuas gregas, por exemplo, que ela estava memorizando para a aula de Introdução às Humanidades, que todos os alunos eram obrigados a cursar e que era oferecida on-line pela universidade. Isso era uma perda de tempo ridícula, pois Laura tinha certeza de que, quando se candidatasse a seu primeiro emprego de verdade, o entrevistador não lhe mostraria cartões com imagens de estátuas e perguntaria “Que mito esta aqui representa?”, mas era exatamente esse tipo de pergunta que ela tinha que responder nos testes semanais com duração de dois minutos exigidos pela disciplina, que eram uma palhaçada tão patética que...

O celular soou outra vez. Era uma atualização do iFeel, o ótimo e novíssimo aplicativo do momento no círculo universitário. Todos os amigos de Laura estavam nessa rede e a usavam de forma obsessiva, e iam debandar assim que o aplicativo fosse descoberto pelos novatos, o que queria dizer: pessoas velhas.

Laura olhou para o celular. *EU ME SINTO: feliz esta noite!!!*, uma de suas amigas havia postado. Era Brittany, que, até então, tinha sobrevivido aos vários expurgos realizados por Laura em sua Lista de Alertas.

O celular perguntou: *Você quer Ignorar, Reagir ou Responder Automaticamente?*

Ela selecionou *Responder Automaticamente*. Colocou o celular de volta no chão, entre os cliques de papel.

No que estava pensando mesmo? Ah, claro, os testes de arte, que eram uma piada, porque tudo o que ela tinha que fazer era ir descendo a barra de rolagem tirando prints da tela e depois desconectar o modem, fato que era interpretado pelo teste como uma “queda” ou “falha no sistema” (ou seja, a culpa não era dela), o que permitia, portanto, que ela fizesse o teste de novo. Então Laura procurava todas as respostas na internet, reconectava o modem, gabaritava o teste e não precisava pensar em estatuária grega até a semana seguinte.

E havia também a aula de biologia, que fazia Laura sentir ânsia de vômito só de pensar. Porque ela tinha certeza de que, na primeira semana do maravilhoso emprego em marketing e comunicação que sem dúvida conseguiria um dia, ninguém iria exigir que identificasse a reação química que convertia um fóton de luz em açúcar fotossintetizado, coisas que ela estava decorando para Introdução à Biologia, matéria que era obrigada a cursar por algum motivo estúpido, para satisfazer um tal requerimento científico *mesmo que, alôôô, ela não fosse se tornar uma cientista*. Ainda por cima, o professor era tão sem graça e chato, e as aulas tão insuportáveis...

O celular tocou outra vez. Uma mensagem de Brittany: *Obrigada amiga!!* Uma resposta à mensagem automática enviada pelo iFeel, obviamente. E, como estava no meio dos estudos e tentando ler *Hamlet* com muito esforço, Laura resolveu não dar papo e enviou o emoticon universal para assinalar o fim de uma conversa:

:)

Enfim, as aulas de biologia eram tão insuportáveis que ela começou a pagar vinte dólares por semana à colega de quarto para que gravasse a si mesma lendo em voz alta as partes importantes da apostila, de modo que Laura pudesse escutar a gravação durante os testes bissemanais sobre cada capítulo do livro, ocasiões em que se sentava discretamente junto à parede mais ou menos na metade do auditório, que comportava umas trezentas pessoas, enfiava furtivamente um minúsculo fone no ouvido que estivesse virado para a parede, apoiava-se nessa mesma parede, escutava a voz da colega de quarto lendo o capítulo e vasculhava a prova em busca de palavras-chave, vagamente impressionada com sua própria capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo e sua destreza em passar nos testes sem nunca ter estudado.

— Você não está usando isso para colar, né? — perguntou a colega de quarto algumas semanas após o início do esquema.

— Não. É para eu poder estudar. Na academia — respondeu Laura.

— Porque colar é errado.

— Eu sei.

— E eu nunca vi você na academia.

— Mas eu vou, sim.

— Eu passo o tempo todo na academia e nunca vi você lá.

— Bom, então vai ver se eu estou na Cochinchina! — irritou-se Laura, repetindo a frase que sua mãe sempre falava no lugar de um palavrão.

Outra coisa que sua mãe sempre dizia era: *NUNCA deixe ninguém intimidá-la e fazer com que você se sintam mal consigo mesma*. E, naquele momento, sua colega de quarto estava fazendo com que ela se sentisse realmente muito mal, motivo pelo qual, em vez de se desculpar, Laura disse:

— Olha aqui, tapadinha, se você não me viu na academia é porque algumas pessoas não precisam passar tanto tempo lá quanto você.

Porque, vamos encarar os fatos, a garota era objetiva e morbidamente (quase de um modo fascinante) obesa. As pernas dela pareciam sacos de batata. Sério.

Laura tinha pensado na palavra “tapadinha” no calor do momento e se sentia muito orgulhosa disso, orgulhosa mesmo, porque é incrível como às vezes um apelido capta tão bem a essência de uma pessoa.

O celular apitou.

O q vc vai fazer hj?

Era Jason de novo, sondando. Ele nunca conseguia disfarçar direito quando estava a fim de sexo virtual.

Dever de casa :(

Entre as aulas que Laura estava fazendo, apenas uma se relacionava de alguma forma com seu futuro, a de macroeconomia, a única disciplina de administração nesse semestre. Mas essa matéria era muito abstrata e matemática, e não tinha praticamente nada a ver com o “aspecto humano” do mundo dos negócios, que era o verdadeiro motivo pelo qual Laura queria seguir carreira nessa área, porque gostava de pessoas, sabia lidar com elas e mantinha um enorme exército de contatos virtuais que lhe mandavam mensagens várias vezes por dia nas diferentes redes sociais em que marcava presença, o que fazia com que seu celular apitasse toda hora, repetidamente, emitindo aquele sonzinho parecido ao de uma colher batendo de leve em um cálice de cristal, essas notas musicais puras e agudas que a faziam sentir intensas descargas de felicidade pavloviana.

E era por isso que Laura estava cursando administração.

Mas macroeconomia era uma coisa tão ridícula, chata e desnecessária à sua futura carreira que ela não se sentia nem um pouco culpada por sua parceria com um menino do grupo de orientação, um estudante de design gráfico e artista de Photoshop que conseguia realizar proezas como, por exemplo, escanear o rótulo de um chá verde da Lipton, apagar a lista de ingredientes (um negócio longo e cheio de nomes científicos, o que era no mínimo surpreendente em um produto que dizia ser “chá”) e substituí-la por

colas para as provas — todas as fórmulas e conceitos que os alunos deveriam ter memorizado —, reproduzindo perfeitamente as cores, o tamanho e o estilo dos caracteres da Lipton, de modo que não tinha como o professor descobrir que Laura estava com as respostas da prova a menos que lesse a lista de ingredientes de seu chá verde. Em outras palavras, sem chance de isso acontecer. O tal menino era quase recompensado com abraços talvez um pouco apertados demais, assim como visitas de Laura ao quarto dele, que ficava no andar abaixo do dela no alojamento, duas vezes por semestre, nas ocasiões em que ela “esquecia” a chave de seu próprio quarto ao ir tomar banho, de forma que não lhe restava outra opção além de aparecer à porta dele apenas com sua toalha favorita, que, aliás, era minúscula.

Se Laura sentia culpa por todas essas trapagens? Não, não sentia. O fato de a universidade deixar tantas brechas significava, aos olhos dela, uma aprovação tácita e, além disso, a culpa por ela estar trapaceando era na verdade da própria universidade, que a) lhe dava tantas oportunidades de colar e b) a obrigava a cursar tantas disciplinas idiotas.

Por exemplo: *Hamlet*. Tentar ler a porcaria do *Hamlet* de novo...

O celular soou. Outra atualização do iFeel. Era Vanessa: *EU ME SINTO: assustada com todas essas notícias horríveis sobre a economia!!!* Exatamente o tipo de atualização chata que resultava em expulsão da Lista de Alertas. Laura selecionou Ignorar. Um ponto a menos para Vanessa.

Enfim, tentar ler *Hamlet* e identificar “falácias lógicas” nas ações do personagem, o que era uma *idiotice completa*, porque ela tinha certeza de que, quando fosse entrevistada para vice-presidente executiva do departamento de comunicação e marketing de alguma grande empresa, ninguém lhe faria perguntas sobre *Hamlet*. Não lhe perguntariam sobre falácias lógicas. E ela já tinha tentado ler *Hamlet*, mas as palavras sempre começavam a se embolar em sua cabeça:

Quão aborrecidos, gastos, enfadonhos e intoleráveis

*Parecem-me todos os hábitos deste mundo!
Para longe de mim tudo isso! Para longe!*

Que merda é essa?

Quem fala desse jeito? E quem disse que isso é uma obra-prima da literatura? Porque, pelo que ela podia notar nas poucas partes em que Shakespeare de fato escrevia em inglês, Hamlet era só um idiota deprimido, e o que Laura pensava nessas horas era que, se você é triste, deprimido e revoltado, a culpa provavelmente é toda sua, seu burro, e por que ela tinha que ficar sentada escutando o sujeito chafurdar na própria depressão? E ainda por cima havia a questão do celular, que soava, grassava e badalava umas dez vezes por solilóquio e a fazia se sentir mentalmente sobrecarregada por tentar ler a porcaria do *Hamlet* sabendo que tinha uma atualização esperando ali ao lado. Cada mensagem de texto era um badalar de sininhos e cada atualização de status de um de seus 75 amigos mais próximos era como o piado de um passarinho: era assim que ela tinha configurado o celular. No início, Laura havia configurado o aplicativo para avisá-la toda vez que um de seus amigos no iFeel postasse alguma coisa, mas logo percebeu que isso era inviável, tendo em vista sua lista com mais de mil amigos, o que fazia seu celular piscar como o painel de cotações da bolsa de valores e pipilar como uma reserva natural cheia de aves selvagens. Então ela foi filtrando a Lista de Alertas até chegar ao relativamente manejável número de 75 pessoas, embora essa lista fosse fluida e estivesse em constante mudança, pois Laura passava pelo menos duas horas por semana reavaliando-a, excluindo algumas pessoas e tirando outras da zona de rebaixamento por meio de uma espécie de regressão estatística intuitiva baseada em diversos parâmetros, incluindo os níveis de interesse e frequência dos posts mais recentes de cada amigo, o número de fotos engraçadas postadas recentemente e em que ela tinha sido marcada, a presença de qualquer coisa mais ou menos política nas sucessivas atualizações de status (opiniões políticas em geral causavam briguinhas, e quem cometesse esse delito de forma crônica era ejetado da lista dos 75) e, finalmente, a

capacidade de encontrar e compartilhar vídeos legais, pois, na opinião de Laura, a habilidade de encontrar bons vídeos na internet de forma mais ou menos regular era como garimpar ouro, então era importante manter na lista algumas pessoas capazes de pinçar vídeos e memes legais antes que viralizassem, o que permitia que ela se sentisse bem no que dizia respeito à sua posição na cultura contemporânea, já que conseguia ver essas coisas um dia ou uma semana antes de todo mundo. Fazia com que ela se sentisse na vanguarda de seu tempo. Era mais ou menos a mesma sensação que experimentava quando, andando pelo shopping, percebia que todas as lojas de roupas refletiam exatamente o que ela desejava, como um espelho. As fotografias, em forma de pôster, em tamanho real ou ainda maiores, mostravam garotas jovens e atraentes, como ela, em grupos de amigas bonitas e meio que racialmente diversificadas que se pareciam muito com suas próprias amigas, divertindo-se em cenários ao ar livre que ela e suas amigas com certeza frequentariam se houvesse lugares desse tipo nas redondezas. E, ao ver essas imagens, Laura tinha a sensação de que era *desejada*. Todo mundo queria sua aprovação. Todo mundo queria lhe dar exatamente o que ela desejava. Nunca se sentira tão segura quanto em provadores de roupa, rejeitando peças que não eram boas o bastante para ela, inspirando profundamente aquele cheiro grudento que dominava o shopping.

O celular tocou. Jason de novo.

Tá em casa?

Aham tô sozinha a tapada tá na academia :-)

O problema era que agora tinha essa porcaria de professor de inglês que parecia decidido a não dar o que ela queria. Que, aliás, parecia decidido a reprová-la na matéria. Para horror de Laura, ele não fora persuadido nem mesmo ao ouvir sobre o transtorno de aprendizagem. Os documentos sobre o transtorno estavam no arquivo do Departamento de Serviços de Adaptação. Esse transtorno de aprendizagem estava registrado graças a um plano

particularmente genial que ela tinha bolado no início do ano, quando sua nova e rechonchuda colega de quarto, que tomava vários remédios para seu gravíssimo TDAH, deixou escapar a quantidade de auxílios legais obrigatórios a que tinha direito, incluindo uma pessoa para tomar notas para ela durante as aulas, tempo extra para fazer testes e provas, prazos mais longos, faltas abonadas e assim por diante. Em outras palavras, a garota era totalmente livre do escrutínio dos professores, que — melhor ainda! — eram *obrigados por lei* a deixá-la em paz, de acordo com o Ato dos Americanos Portadores de Deficiências. Tudo o que Laura precisava fazer era responder a um questionário do jeito certo para desencadear determinado diagnóstico. Simples. Então ela foi ao Departamento de Serviços de Adaptação. O questionário consistia em 25 afirmações com as quais ela tinha que concordar ou discordar. Laura pensou que seria bem fácil adivinhar em quais pontos precisaria mentir, mas, assim que começou o questionário, ficou perturbada ao notar quão verdadeiras algumas afirmações soavam, como esta: *Tenho dificuldade de lembrar coisas que acabo de ler*. Sim, ela tinha! Isso acontecia quase sempre que era obrigada a ler um livro de verdade. Ou esta: *Eu me flagro devaneando quando deveria estar prestando atenção*. Coisa que lhe acontecia literalmente dezenas de vezes por aula. Começou a se sentir desconfortável diante da possibilidade de haver mesmo algo errado com ela, mas a sensação se amenizou nas partes mais à frente no questionário:

A ideia de fazer um dever de casa me causa pânico e estresse.

Tenho dificuldade em fazer amigos.

O estresse causado pelos estudos às vezes me dá dores de cabeça e/ou indigestões insuportáveis.

Nenhuma dessas coisas era cem por cento verdade, e isso fez com que se sentisse mais ou menos normal outra vez, tanto que, ao ser

diagnosticada com transtorno de aprendizagem grave, Laura ficou muito orgulhosa de si mesma, como ficara ao ser imediatamente contratada após a entrevista para aquele emprego na lanchonete do cinema, a mesma sensação de triunfo. Não se sentia culpada por alegar transtorno de aprendizagem, já que tinha respondido com honestidade a várias partes do questionário, o que lhe dava uns dez por cento de transtorno, e além disso as aulas eram tão chatas e idiotas que era impossível prestar atenção nelas, de forma que ela acrescentou mais uns 45 por cento ao total, a título de bloqueio de aprendizagem causado pelo ambiente, o que lhe dava um diagnóstico de 55 por cento de transtorno, que ela então arredondou para cima.

Laura atirou um punhado de cliques a aproximadamente um metro e meio de altura e observou-os descrever espirais no ar enquanto voavam para longe uns dos outros. Pensou que, com a devida prática, poderia alcançar uma perfeita simetria em lançamento de cliques. Conseguiria atirá-los para cima de tal forma que subiriam e desceriam em um único aglomerado.

Os cliques se espalharam pelo chão. Hamlet disse:

*Oh, que esta carne tão, tão sólida se desfaça
E se derreta e se transforme em orvalho!*

Que perda de tempo.

Ela ainda tinha uma carta na manga, uma bala no revólver. Digitou o número da reitora.

— O professor Anderson não está criando condições adequadas à minha educação — queixou-se, assim que a mulher atendeu o telefone. — Não sinto que as aulas dele sejam um bom espaço para a aprendizagem.

— Entendo — disse a reitora. — Entendo. Pode me explicar por quê?

— Não me sinto à vontade para expressar meu ponto de vista pessoal.

— E por que se sente assim, especificamente?

— Tenho a sensação de que o professor Anderson não valoriza minha perspectiva particular.

— Bem, então talvez nós devêssemos marcar uma reunião com ele.

— Não é um espaço seguro.

— Desculpe, o que disse? — balbuciou a reitora.

Laura quase podia ouvir a mulher se empertigando na cadeira.

Espaço seguro. Era o novo jargão que circulava pelo campus. Laura nem mesmo tinha certeza do que isso significava, mas sabia que a expressão costumava ter o efeito de um puxão de orelha nos responsáveis pela administração da universidade.

— Não me sinto segura na aula dele — continuou Laura. — Não é um espaço seguro.

— Ah, meu Deus.

— O ambiente me parece abusivo, na verdade.

— *Ah, meu Deus.*

— Não estou dizendo que ele é abusivo ou que, entre aspas, *abusou de mim* — afirmou Laura. — Só estou falando que minha impressão é que na aula dele eu tenho medo de me deparar com algum tipo de abuso.

— Entendo. Entendo.

— Do ponto de vista emocional, não vou conseguir lidar com essa tarefa de escrever meu ensaio sobre *Hamlet*, e a razão é que o professor não criou um espaço seguro onde eu me sinta à vontade para mostrar a minha verdadeira personalidade.

— Ah, claro.

— Escrever um ensaio para o professor Anderson desencadeia sentimentos negativos de estresse e vulnerabilidade. Eu me sinto oprimida. Se eu escrever um trabalho usando minhas próprias palavras, ele vai me dar uma nota baixa e isso vai fazer eu me sentir mal em relação a mim mesma. A senhora acha que eu deveria me sentir mal em relação a mim mesma para conseguir um diploma?

— Não, não necessariamente — respondeu a reitora.

— Eu também não. Eu odiaria ter que revelar esta situação ao jornal estudantil — ameaçou Laura. — Ou fazer um post sobre isso

no meu blog. Ou para meus mil amigos no iFeel.

Foi como um xeque-mate no diálogo. A reitora falou que estudaria o caso e, nesse meio-tempo, que tal Laura esquecer o ensaio e manter tudo em segredo até todos chegarem a uma solução favorável?

Vitória. Outra tarefa completa. Laura fechou *Hamlet* e atirou o livro em um canto. Fechou o laptop. O celular tocou. Jason de novo, finalmente pedindo o que queria esse tempo todo:

Me manda uma foto tô com saudade!!!

Sensual ou comportada? ;-)

Sensual!!!

kkkkk }:-)

Laura tirou a roupa e, segurando a câmera com o braço estendido, ensaiou várias das inúmeras poses provocantes que havia aprendido ao longo de duas décadas observando a *Cosmopolitan*, catálogos da Victoria's Secret e pornografia na internet. Tirou uma dezena de fotos em ângulos ligeiramente diferentes e fazendo biquinhos levemente distintos: sensual-provocante, sensual-divertida, sensual-irônica, sensual-sorridente e assim por diante.

No fim das contas, não conseguiu decidir qual delas mandar para Jason, porque todas tinham ficado ótimas.

3

PWNAGE SUGERIU QUE se encontrassem em um bar chamado Jezebels.

Samuel escreveu:

Parece nome de boate de strip-tease.

Parece mesmo haha

E é?

Não... mais ou menos

Ficava em uma periferia de Chicago, um espaço que havia inchado na metade dos anos 1960 como área residencial, durante o primeiro grande processo de migração para fora da cidade. Agora estava morrendo aos poucos. Todas as pessoas que tinham se mudado para lá uma geração antes estavam voltando para os arranha-céus do centro de Chicago, recentemente gentrificado. O êxodo dos brancos dera lugar ao refluxo dos brancos, e aqueles subúrbios outrora povoados pelos pioneiros — com suas casas modestas e lojas antiquadas — pareciam simplesmente *velhos*. Moradores estavam indo embora e, à medida que saíam, o valor das casas caía, impelindo ainda mais pessoas a partir, num incontrolável efeito dominó. Escolas fechadas. Lojas com grades baixadas. Postes com lâmpadas quebradas. Buracos cada vez maiores deixados sem reparo nas ruas. As cascas gigantes de lojas de departamentos jaziam desertas e anônimas, exceto por velhos logotipos ainda legíveis, delineados em poeira.

O Jezebels ficava em um centro comercial a céu aberto, entre uma loja de bebidas e um estabelecimento de compra e aluguel de pneus. As grandes janelas da fachada estavam cobertas com películas de plástico preto, onduladas nos pontos em que bolhas de ar haviam ficado presas sem jamais serem alisadas. Por dentro, o

lugar tinha todo o jeito de boate de striptease: um palco elevado, uma barra vertical, luz negra. Mas não havia dançarinas. A única coisa para ver eram as televisões, cerca de vinte delas, posicionadas de forma que, onde quer que sentasse, a pessoa tivesse pelo menos quatro telas em seu campo de visão. Os aparelhos estavam sintonizados em diversos canais a cabo especializados em esportes, videoclipes, programas de auditório ou culinária. A televisão maior, que pairava acima do palco e parecia aparafusada diretamente na barra vertical, mostrava um filme da década de 1990 sobre dançarinas de striptease.

O lugar estava quase vazio. Um punhado de caras estava junto ao balcão do bar, olhando os celulares. Um grupo maior lá nos fundos, seis pessoas em volta de uma mesa, agora em silêncio. Samuel não enxergou ninguém que combinasse com a descrição de Pwnage (*procure um louro de camisa preta*, era como havia descrito a si mesmo), então sentou a uma das mesas e esperou. Uma televisão acima do balcão estava sintonizada em um canal de música em que agora passava uma entrevista com Molly Miller. Era a estreia do seu novo videoclipe: “A música fala sobre ser você mesmo, sabe?”, dizia Molly. “É tipo isso que a música diz: ‘Vem com tudo.’ Seja aquilo que você é. Tipo, não mude.”

— E aí, Dodger! — chamou um homem junto à porta.

Estava vestindo mesmo uma camisa preta, mas seu cabelo não era exatamente louro — puxava mais para o branco, com algum tipo de icterícia que amarelava as pontas. Seu rosto era pálido, com buracos de acne, deixando uma impressão ambígua: ou tinha cinquenta anos ou era um homem de trinta que tivera uma vida difícil. Usava uma calça jeans alguns centímetros mais curta do que deveria e uma camisa de manga comprida alguns números menor que o ideal. Roupas compradas para uma versão mais jovem e menos volumosa do sujeito.

Apertaram as mãos.

— Pwnage — disse ele. — Esse é o meu nome.

— Eu me chamo Samuel.

— Não se chama, não. Você é o Dodger. — Deu um tapinha nas costas de Samuel. — Eu me sinto como se já *conhecesse* você, cara.

Somos companheiros de guerra.

Ele parecia carregar uma bola de boliche por baixo da camisa, logo acima do cinto. Um cara magrinho com a barriga de um homem gordo. Seus olhos eram protuberantes e vermelhos. Sua pele tinha a textura de cera fria.

Uma garçõete se aproximou, e Pwnage pediu uma cerveja e alguma coisa chamada "Nachos Duplo-D extra super-recheados".

— Lugar interessante — comentou Samuel depois que a garçõete se afastou.

— É o único lugar aonde posso ir caminhando da minha casa — disse Pwnage. — Gosto de caminhar. Pelo exercício. Vou começar uma dieta nova logo, logo. Dieta Pleistocênica. Já ouviu falar?

— Não.

— É uma dieta em que a gente come do jeito que se comia no Pleistoceno. Mais especificamente, no Pleistoceno tardio, durante a era do gelo.

— E como a gente sabe o que se comia no Pleistoceno?

— Por causa da ciência. É só comer como um homem das cavernas, exceto pelos mastodontes. Para completar, é sem glúten. O negócio é fazer o corpo acreditar que você voltou no tempo, antes da invenção da agricultura.

— Não entendo por que alguém iria querer fazer isso.

— Existe uma sensação de que a civilização foi um erro, é por isso. De que a gente escolheu as coisas no caminho, dobrou na rua errada. E agora, por isso, estamos gordos.

O corpo dele se inclinava perceptivelmente para um dos lados, o lado direito. A mão que segurava o mouse parecia dominar o resto. Seu braço esquerdo parecia atrasado alguns segundos em relação ao resto do corpo, como se estivesse permanentemente adormecido.

— Tenho a impressão de que nachos não faziam parte do cardápio no Pleistoceno — disse Samuel.

— É que, assim, o importante para mim neste exato momento é ser frugal. Estou economizando. Tem ideia de como é cara toda essa comida saudável? Um sanduíche custa 79 centavos no posto de gasolina, mas tipo *dez dólares* na feira orgânica. E tem ideia de como os nachos são baratos se a gente calcular o custo em relação

às calorias? Isso sem falar nos minitacos, nos espetinhos de salsicha empanada e outras comidas sem equivalente orgânico que eu consigo de graça na loja do posto de gasolina na minha rua.

— Como você consegue de graça?

— Bom, descobri que essas comidas só podem ficar na estufa por, no máximo, doze horas antes de serem jogadas fora, por causa dos regulamentos da agência de vigilância sanitária, e se você chegar no posto de gasolina alguns minutos antes da hora marcada para a rotação de produtos pode levar uma sacola com uns dez tacos, ou mais, além de espetinhos de salsicha e coisas mais convencionais, como salsichões, cachorros-quentes, burritos de feijão, essas coisas.

— Uau. Você tem um sistema bem organizado.

— Claro, comer esses produtos não é o que eu chamaria de *agradável*, porque eles ficam duros, chamuscados e secos depois de um dia assando no calor da estufa. Às vezes, enfiar os dentes na cápsula grossa de tortilla que envolve um burrito é como morder um calo no meu próprio pé.

— Essa imagem vai ficar na minha cabeça por um bom tempo.

— Mas é barato, entende? Você tem que pensar só no meu nível de renda atual, que, sinceramente, está lá embaixo desde que perdi o emprego. Junte a isso o fato de que o dinheiro do seguro-desemprego deve acabar em mais ou menos três meses, bem na época em que eu vou começar a ver resultados reais da nova dieta, em termos de circunferência da cintura. Pois bem. Se, a essa altura, eu tiver que voltar a comer comida ruim e barata porque o dinheiro acabou, isso vai ser um golpe de morte na minha força de vontade, tenho certeza absoluta. Então preciso tornar a dieta economicamente viável e sustentável no longo prazo, por isso é importante não comer comida saudável agora, porque assim eu posso economizar dinheiro para o momento em que estiver comendo comida saudável. Entendeu?

— Acho que sim.

— Cada semana em que eu como essas porcarias baratas, tipo nachos, é uma economia de mais ou menos setenta dólares que eu posso depositar no outro lado da minha caixa-registradora mental,

como uma espécie de “poupança” para a minha nova vida. Por enquanto o plano está indo muito bem.

Parecia haver algo errado com Pwnage, uma espécie de distúrbio ou doença rara. Suas feições eram estranhas de um jeito que Samuel não conseguiu definir de imediato, como se o sujeito sofresse de alguma doença já erradicada — escorbuto, talvez.

As bebidas chegaram.

— Saúde, e bem-vindo ao Jezebels — brindou Pwnage.

— Este lugar... parece ter uma história.

— Antigamente era uma boate de striptease. Aí as dançarinas pararam de vir porque o prefeito proibiu bebidas alcoólicas em boates de striptease, depois proibiu a *lap dance* em boates de striptease, depois baniu boates de striptease.

— Então agora é tipo um bar temático sobre striptease?

— Isso mesmo. Era um fanático por ordem, aquele prefeito. Eleito num surto derradeiro de raiva e desespero quando a cidade começou a ir ladeira abaixo.

— Faz tempo que você vem aqui?

— Eu não vinha quando era uma boate de striptease — disse Pwnage, erguendo a mão para mostrar a aliança de casamento. — Ela não é uma apoiadora desse tipo de estabelecimento, a minha esposa. Por causa do patriarcado e essas coisas.

— Isso é bastante sensato.

— Porque boates de striptease são degradantes para as feministas, essa coisa toda. Ah, escuta só, eu adoro essa música.

Ele estava falando do novo sucesso de Molly Miller, cujo videoclipe começava a passar em cerca de um terço dos televisores no bar: Molly cantava em um cinema drive-in abandonado onde uma multidão de jovens atraentes havia estacionado seus carros, o tipo de *muscle car* dos anos 1960 ou início da década de 1970 — Camaros, Mustangs, Challengers —, o que exemplificava a estranha aura de deslocamento e ambiguidade que Samuel percebia ao assistir esse vídeo, tentando processar mentalmente seus muitos objetos cênicos. O estado de abandono do cinema sugeria um cenário atual, enquanto os automóveis tinham uns quarenta anos e o microfone em que Molly cantava era uma daquelas coisas

grandalhonas que os locutores de rádio usavam da década de 1930. Por outro lado, seu figurino parecia um aceno irônico e contemporâneo à moda dos anos 1980, de forma especialmente óbvia nos óculos escuros de plástico e na calça jeans justíssima. Era um grande e camaleônico ensopado referencial de símbolos anacrônicos sem nenhuma conexão lógica, exceto pela dose alta de fashionismo em todos eles.

— Então, por que você queria marcar um encontro? — perguntou Pwnage, voltando à sua posição com os pés para baixo da cadeira.

— Por nada. Eu só queria socializar um pouco — respondeu Samuel.

— A gente podia ter feito isso no *Elfescape*.

— É, acho que sim.

— Aliás, para dizer a verdade, faz muito tempo que não socializo *fora do Elfescape*.

— Pois é — concordou Samuel e, após uma breve reflexão, sentiu-se um pouco perturbado ao notar que a afirmação de Pwnage também se aplicava a ele. — Será que a gente anda jogando *Elfescape* demais?

— Não. Mas talvez sim.

— Quer dizer, pensa só em todas as horas que a gente passa jogando, em todas as horas *acumuladas*. E não só as horas jogando, mas também as horas lendo sobre o jogo, vendo vídeos de outras pessoas jogando, conversando e bolando estratégias e entrando em fóruns de discussão e essa coisa toda. É tanto *tempo*. Se não fosse o *Elfescape*, a gente poderia, sei lá, estar levando uma vida com algum sentido. Lá fora, no mundo real.

Os nachos chegaram em algo parecido com uma caçarola de lasanha. Uma pilha de tortilhas de milho cobertas por carne moída, bacon, salsicha, bife, cebolas, pimentas e provavelmente um litro de queijo cremoso, um queijo brilhante, alaranjado, grosso, lustroso, parecendo plástico.

Pwnage mergulhou no prato e depois disse, entre mordidas, com fragmentos de nacho pendendo dos lábios:

— Para mim, o *Elfescape* faz mais sentido que o mundo real.

— É sério?

— Com certeza. Porque, veja só, o que eu faço no *Elfscapes* tem importância. Tipo, as coisas que eu faço afetam todo o resto do sistema. Mudam o mundo. A gente não pode fazer isso na vida real.

— Às vezes a gente pode.

— Raramente. Na maior parte do tempo, não. Na maior parte do tempo nada do que você faça pode mudar o mundo. Por exemplo, vamos ver, quase todos os meus amigos do *Elfscapes* trabalham no varejo, na vida real. Vendem TVs ou calças. Trabalham em shopping. Meu último emprego foi numa loja de impressão. Me explique como isso pode mudar alguma coisa no resto do universo.

— Acho que não consigo aceitar a ideia de que um videogame faça mais sentido que o mundo real.

— Quando fui demitido, me disseram que era por causa da recessão. Que não podiam pagar tantos funcionários. Ainda que, naquele mesmo ano, o presidente da empresa tenha recebido um salário literalmente oitocentas vezes maior que o meu. Diante de uma coisa dessas, eu diria que me afundar no *Elfscapes* foi uma reação bastante saudável. Estamos satisfazendo uma necessidade psicológica básica do ser humano, a necessidade de se sentir relevante e com um propósito.

Ao serem erguidos à boca de Pwnage, os nachos continuavam ligados ao prato por cordões de gosma alaranjada. Ele escavava e içava o máximo de queijo e carne que cada salgadinho podia carregar. Nem sequer terminava de mastigar o último pedaço antes de apanhar o próximo. Era como se houvesse um sistema de esteiras transportadoras dentro dele.

— Quem dera o mundo real funcionasse como o *Elfscapes* — lamentou Pwnage, mastigando. — Quem dera os casamentos funcionassem desse jeito. Aí, sempre que fizesse alguma coisa certa, eu ganharia pontos de marido, até me tornar um marido grão-mestre de nível cem. Ou então, quando eu fosse babaca com a Lisa, eu perderia pontos e, quanto mais perto chegasse de zero, mais perto estaria do divórcio. Também seria útil se esses eventos fossem acompanhados por efeitos sonoros. Tipo aquele barulhinho quando o Pac-Man se enrugam e morre. Ou quando um competidor dá uma resposta errada em um programa de auditório. O coro do fracasso.

— Lisa é a sua esposa?

— Hum, não. Estamos separados. Mas, na verdade, para ser mais preciso, estamos divorciados. Por enquanto.

Pwnage olhou para a aliança, depois ergueu os olhos para o videoclipe, com seu redemoinho de imagens desconexas: Molly em uma sala de aula; Molly na torcida em uma partida de futebol americano escolar; Molly em um boliche; Molly em um baile de escola; Molly em um campo verdejante fazendo piquenique com um garoto bonitinho. Os produtores do vídeo queriam obviamente atingir a população adolescente e pré-adolescente e estavam chafurdando como pinto no lixo na linguagem dessa faixa etária.

— Quando Lisa e eu estávamos casados, eu achava que tudo estava ótimo. Aí, um dia, ela me disse que não estava mais satisfeita com nosso relacionamento e, bum, papéis de divórcio. Simplesmente foi embora, um belo dia, sem avisar — explicou Pwnage, depois coçou o braço em um ponto já tão assiduamente coçado que o tecido da camisa estava gasto nessa área. — Isso nunca aconteceria em um videogame. Ser pego de surpresa desse jeito. Em um jogo, existe feedback imediato. Em um jogo, haveria um efeito sonoro e um gráfico mostrando a diminuição dos meus pontos de marido sempre que eu fizesse uma coisa que a deixasse com vontade de pedir o divórcio. Aí eu poderia me desculpar na hora e nunca mais fazer aquilo.

Atrás dele, Molly Miller cantava para uma multidão dançante e animada. Não havia uma banda com ela no palco, nem mesmo caixas de som, e ela parecia estar cantando à capela. Mas seus fãs dançavam e pulavam de um jeito totalmente desproporcional a uma música cantada *a cappella*, sugerindo que a verdadeira música vinha de algum lugar fora do enquadramento, à maneira inverossímil que havia se tornado *de rigueur* em vídeos de música pop. O negócio era entrar no clima.

— Um videogame sempre vai dizer como ganhar. A vida real não faz isso. Eu tenho a impressão de que perdi na vida e não sei por quê — disse Pwnage.

— Pois é.

— Quer dizer, eu estraguei tudo com a única garota que já amei.

— Eu também — disse Samuel. — O nome dela era Bethany.
— Pois é. E eu nem tenho uma carreira de verdade.
— Nem eu. Aliás, eu acho que uma aluna quer cavar minha demissão.
— E eu estou todo endividado com a hipoteca.
— Eu também.
— E eu passo a maior parte do tempo jogando videogame.
— Eu também.
— Cara — disse o Pwnage, fitando Samuel com olhos intumescidos e sanguíneos. — Você e eu? A gente é, tipo, gêmeos.
Assistiram ao vídeo de Molly Miller em silêncio por um tempo, Pwnage ainda comendo, ambos ouvindo a música, que retomava o refrão pela quarta vez, mais ou menos, e, portanto, devia estar próxima do fim. A letra aludia a algo que roçava o limiar do inteligível, algo só um pouco além da fronteira da compreensão, o que se devia especialmente à ambiguidade:

*Tem que ter jeito. Tem que mandar bem.
Tem que botar para fora, tem que cair dentro.
Vem você também.
Vai, joga para cima. Vou meter a cara.
Dá só uma olhada, veja bem.*

Então, após cada verso, Molly e a multidão inteira gritavam o verso que os levava ao refrão (“Vem com tudo!”), sacudindo os punhos erguidos como se estivessem protestando contra alguma coisa, sabe-se lá o quê.

— Minha mãe me abandonou quando eu era menino. Fez comigo o que Lisa fez com você. Um belo dia, foi embora.

— Entendo — assentiu Pwnage.

— Agora preciso que ela me dê uma coisa e não sei como conseguir.

— Do que você precisa?

— Da história dela. Estou escrevendo um livro sobre minha mãe, mas ela não quer me contar nada. Tudo o que eu tenho é uma foto e umas anotações sem importância. Não sei nada sobre ela.

Samuel estava com a foto no bolso, impressa em papel e dobrada. Abriu-a para mostrá-la a Pwnage.

— Hum — grunhiu Pwnage. — Você é escritor?

— Sou. A editora vai me processar se eu não terminar esse livro.

— Você tem uma editora? Mesmo? Eu também sou escritor.

— Não brinca.

— É, tenho uma ideia para um romance. Comecei na escola. Um detetive de polícia com habilidades mediúnicas procurando um serial killer.

— Parece ótimo.

— Já tenho tudo esquematizado na minha cabeça. No final (cuidado, spoilers!), tem um duelo épico quando as pistas finalmente levam o detetive ao namorado da filha da sua ex-mulher. Vou escrever assim que tiver tempo.

A pele das cutículas de Pwnage e a pele ao redor de seus olhos e a pele ao redor de seus lábios e, na verdade, a pele em todas as intersecções de seu corpo tinha uma vermelhidão profunda e dolorosa. Uma dor escarlate em todos os lugares em que uma coisa se transformava em outra. Samuel imaginou que ele devia sentir dor ao caminhar, piscar, respirar. Borrões rosados em seu couro cabeludo marcando o ponto de onde tufo de cabelo branco haviam caído. Um olho parecia se abrir mais do que o outro.

— Minha mãe é O Terror do Governador — disse Samuel.

— O terror de quem?

— A mulher que atirou cascalho naquele político.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando.

— Pois é, no início eu também não estava sabendo. Acho que o incidente aconteceu no mesmo dia do nosso ataque. O ataque ao dragão.

— Aquela foi uma vitória épica.

— Foi mesmo.

— Na verdade, *Elfscape* pode nos ensinar muita coisa sobre a vida — afirmou Pwnage. — Esse problema com a sua mãe, por exemplo?

Fácil. Você só tem que se perguntar que tipo de desafio ela é.

— Como assim?

— Em *Elfscape*, como em todos os videogames, existem quatro tipos de desafio. Todo desafio é alguma variação desses quatro. É a minha filosofia.

A mão de Pwnage pairou sobre os entulhos de nachos, procurando alguma tortilha que ainda mantivesse a integridade estrutural, sendo que muitos deles já haviam ficado flácidos no pântano de queijo e gordura que se acumulava no fundo do recipiente.

— Sua filosofia vem de um videogame? — perguntou Samuel.

— Acho que isso também se aplica à vida em geral. Qualquer problema que você enfrente, em um videogame ou na vida, é uma destas quatro coisas: inimigo, obstáculo, quebra-cabeça ou armadilha. É isso. Toda pessoa que você encontra na vida é uma dessas quatro coisas.

— Certo.

— Então, tudo o que você precisa fazer é descobrir com que tipo de desafio está lidando.

— E como se faz isso?

— Aí depende. Digamos que você tenha encontrado um inimigo. O único jeito de derrotar um inimigo é matando ele. Se você matasse sua mãe, isso resolveria o problema?

— Não, de jeito nenhum.

— Então ela não é um inimigo. Isso é bom! Talvez seja um obstáculo? Obstáculos são coisas que você precisa achar um jeito de ultrapassar. Se você evitasse sua mãe, isso resolveria o problema?

— Não. Ela tem algo de que eu preciso.

— E isso seria...?

— A história da vida dela. Preciso saber o que aconteceu com ela, no passado.

— Certo. E não tem nenhum outro jeito de conseguir isso?

— Acho que não.

— Não tem registros históricos? — perguntou Pwnage. — Você não tem família? Não pode fazer uma entrevista? Escritores não fazem pesquisa?

- Bom, tem meu avô por parte de mãe. Ele ainda está vivo.
- Pois então.
- Faz anos que não falo com ele. Está num asilo. Em Iowa.
- Hum, sei.

Pwnage estava usando uma colher para sorver o que sobrara do lodaçal de nachos.

— Eu deveria falar com meu avô, esse é o seu conselho — confirmou Samuel. — Devo ir a Iowa e fazer perguntas sobre minha mãe.

— Isso. Descubra a história dela. Junte as peças. É o único jeito de resolver o seu problema, caso seja mesmo um obstáculo, e não um quebra-cabeça ou uma armadilha.

— E como eu vou saber a diferença?

— No início, não tem como saber.

Deixou a colher de lado. Os nachos, em sua maior parte, estavam consumidos. Pwnage passou o dedo em uma poça de queijo, depois o lambeu e explicou:

— Você precisa ter cuidado para não confundir pessoas que são quebra-cabeças com pessoas que são armadilhas. Um quebra-cabeça pode ser resolvido, mas uma armadilha, não. Em geral, o que acontece é o seguinte: você pensa que alguém é um quebra-cabeça até perceber que é uma armadilha. Mas aí é tarde demais. É essa a armadilha.

4

EIS UMA LEMBRANÇA: Samuel sentado no banco de trás do carro em uma viagem de verão à cidade natal dos pais, em Iowa. Mamãe e papai estão nos bancos da frente e Samuel está evitando o lado onde bate o sol enquanto o correr da paisagem pela janela, o aterrorizante trânsito de Chicago e o cinturão urbano de tijolo e aço pouco a pouco vão dando lugar ao fluxo oposto das pradarias, mais previsível. O DeKalb Oasis é o último tentáculo da civilização antes que as fazendas dominem todo o cenário ao redor. A imensidão do céu aberto é ainda mais imensa porque não há nada para interrompê-la: nem montanhas, nem colinas, nenhum tipo de topografia, apenas o infinito verde e plano.

Então, a travessia do rio Mississippi e Samuel tentando prender a respiração durante todo o trajeto em cima daquela grande ponte de concreto, olhando lá para baixo e vendo as barcaças que iam para o sul, os rebocadores, os pontões e as lanchas puxando boias onde as pessoas — pontinhos rosados, vistas lá de cima — balançavam. O carro sai da rodovia interestadual, dobra para o norte e segue o curso do rio até chegar em casa, a cidade de onde seus pais vieram, onde cresceram e se apaixonaram durante o ensino médio, essa é a história que lhe contaram. Eles sobem a Rodovia 67, com o rio à direita; passam o posto de gasolina onde se vendem iscas vivas; em seguida por bandeiras americanas drapejando no prédio dos Veteranos de Guerras Estrangeiras e em parques, por campos de golfe, igrejas e barcos, por algum eventual trator da John Deere avistado por cima do ombro; passam por alguns eventuais motoqueiros em Harley-Davidsons que esticam a mão esquerda para saudar outros motoqueiros indo na direção oposta; passam perto da pedreira, onde os pneus do carro chutam cascalhos alaranjados; passam por placas de fiscalização de velocidade, e por outras placas também, algumas deformadas por tiros de espingarda — CERVOS NOS PRÓXIMOS QUILOMETROS, CUIDADO ENTRADA DE USINA, ESTA RODOVIA FOI ADOTADA PELO CLUBE

KIWANIS. Então as chaminés vermelhas e brancas da usina de nitrogênio começam a despontar, seguidas pelos tanques brancos gigantescos da Fábrica de Propano do Leste de Iowa, a monstruosa instalação da ChemStar que faz a cidade inteira cheirar a sucrilhos queimados, o elevador de grãos, e então as lojinhas da cidade: Leon's Produtos de Beleza, Barbearia e Concerto de Armas Bruce's, Antiquário e Raridades Sneaky Pete, Farmácia Schwingle. Galpões feitos de alumínio no quintal das casas. Garagens anexas cujas paredes sem pintura são todas recobertas por manta de lã de poliéster. Casas onde há três, quatro ou até cinco automóveis prontos para uso, às vezes meticulosamente limpos e aparatados. Adolescentes em *scooters*, bandeirinhas cor de laranja tremulando acima deles. Crianças cruzando descampados, pilotando motocicletas e quadriciclos. Caminhonetes rebocando barcos. Todos usando faróis intermitentes.

O que fazia a lembrança parecer tão específica era que pouca coisa havia mudado. Ao percorrer aquele trajeto novamente para entrevistar o avô que não via fazia décadas, Samuel percebeu que tudo continuava mais ou menos igual. O vale do rio Mississippi permanecia verde e viçoso, embora fosse um dos lugares mais poluídos por substâncias químicas nos Estados Unidos. Bandeiras ainda tremulavam em quase todas as cidades ao longo do rio. O rito patriótico não fora refreado, mesmo após duas décadas cruéis de terceirização e encolhimento industrial. Sim, o centro gravitacional da cidade havia se deslocado do antigo e pitoresco centro da cidade para o novo e gigantesco Walmart, mas ninguém parecia se importar com isso. O estacionamento do Walmart estava cheio e movimentado.

Samuel viu todas essas coisas enquanto dirigia pela cidade. Estava fazendo sua pesquisa, como Pwnage havia sugerido. Estava tentando absorver a cidade, respirá-la, tentando imaginar como seria crescer ali. Sua mãe jamais tocara nesse assunto, e eles raramente visitavam o lugar. Uma vez a cada verão, em geral, quando ele era menino.

Mas Samuel continuara a receber alguns respingos de informação sobre a velha cidade da família e sabia que o avô ainda estava ali,

deixando-se consumir lentamente pela demência e pelo mal de Parkinson em um asilo chamado Vale dos Salgueiros, onde Samuel havia marcado uma visita para mais tarde. Até a hora marcada, pretendia explorar, observar, pesquisar.

Primeiro, encontrou a casa onde seu pai tinha passado a infância, perto da margem do Mississippi. Também encontrou a casa da mãe, um pequeno e pitoresco bangalô com uma janela panorâmica em um dos cômodos do segundo andar. Visitou a escola onde Faye estudara, que se parecia com qualquer escola genérica de ensino médio do país. Tirou algumas fotos. Visitou o parquinho perto da casa da mãe — o habitual conjunto de balanços, escorregador e trepa-trepa. Tirou algumas fotos. Visitou até mesmo a instalação da ChemStar onde seu avô havia trabalhado por tantos anos, uma fábrica tão grande que era impossível enxergá-la inteira de uma vez. Construída junto ao rio, cercada por trilhos de trem e redes de transmissão de eletricidade, parecia um porta-aviões tombado, com um dos lados para fora d'água. Uma confusão de metais e tubulações que se estendia por quilômetros, fornalhas e chaminés, prédios de concreto que pareciam bunkers, tanques de metal para rejeitos, tonéis redondos, chaminés industriais, canos que pareciam conduzir a um enorme domo de cobre no extremo norte da fábrica, o qual, nos momentos em que a luz incidia no ângulo certo, parecia um segundo sol, em miniatura, nascendo do solo. A atmosfera ao redor da fábrica era infernal e superaquecida, um cheiro de escapamento e de queimado, uma atmosfera rala e difícil de respirar, como se não houvesse ar o bastante. Samuel fotografou tudo isso. Os tanques de rejeitos e os canos contorcidos, as longas chaminés de tijolo exalando cúmulos de vapor branco que se dissipavam no céu. Era impossível encaixar a fábrica inteira em um único enquadramento, por isso ele caminhou ao longo dela, fotografando em panorâmica. Esperava que as imagens desenovelassem algo importante, esperava encontrar alguma conexão entre a brutalidade da usina e a família de Faye, que tivera por tanto tempo uma ligação visceral com aquele lugar. Tirou dezenas de fotos e depois foi para o asilo.

Estava no carro quando Periwinkle telefonou.

— E aí, rapaz? — disse o editor, a voz cheia de ecos. — Liguei para ver como estão as coisas.

— Sua voz parece distante. Onde você está?

— Em Nova York, no meu escritório. Você está no viva-voz. Tem um protesto em frente ao meu prédio agora. Estão berrando alguma coisa. Está ouvindo?

— Não — falou Samuel.

— Eu estou. Estão vinte andares abaixo de mim, mas estou escutando tudo.

— O que estão gritando?

— Na verdade, não consigo escutar o que eles estão *dizendo*. Os discursos ou sei lá o quê. O que estou ouvindo mesmo é a percussão. Parece uma ópera rock, ou várias. Ficam em círculo batendo tambores. Bem alto, todos os dias. Motivos desconhecidos.

— Isso deve ser estranho para você, ser alvo de um protesto.

— Não estão protestando exatamente contra *mim*. Não contra minha empresa, especificamente. É mais um protesto contra o mundo que permitiu a existência desta empresa. Multinacional. Globalização. Capitalismo. Acho que o slogan deles tem algo a ver com os 99 por cento.

— Occupy Wall Street.

— Isso mesmo. Um nome um tanto pretensioso, se quer saber minha opinião. Eles não estão de fato ocupando Wall Street, e sim um pequeno retângulo de concreto a uns trezentos metros de lá.

— Acho que o nome é simbólico.

— É uma revolta contra coisas que eles não entendem. Consegue imaginar nossos ancestrais hominídeos fazendo um protesto contra a seca? É a mesma coisa.

— Esse protesto é uma dança da chuva, é o que está dizendo.

— É uma reação primitiva e tribal a poderes divinos, sim.

— Quantas pessoas?

— Chegam mais todo dia. Começou com umas dez. Agora, várias dezenas. Tentam puxar assunto conosco quando estamos vindo para o trabalho.

— Você deveria tentar conversar com eles.

— Eu tentei uma vez. Um menino, talvez de 25 anos. Estava perto do círculo de tambores, fazendo malabarismo. Era um branco com dreads. Começava todas as frases dizendo “Bem”. Era um cacoete dele. Mas ele pronunciava *beeeiiim*. Eu literalmente não consegui ouvir mais nada que ele dizia.

— Não foi um diálogo de verdade, então.

— Você já esteve em algum protesto?

— Uma vez.

— Como foi?

— Infrutífero.

— Um círculo de tambores. Malabaristas. São uma espécie de *non sequitur* de carne e osso, vivendo e respirando no meio do distrito financeiro. O que eles não entendem é que não há nada que o capitalismo ame mais do que um *non sequitur*. É isso que eles precisam aprender. O capitalismo devora *non sequiturs* com alegria.

— E o que você quer dizer com *non sequitur* é...

— Você sabe, tudo o que é estiloso. O que é tendência. Toda tendência começa sua vida como uma falácia.

— Talvez isso explique o novo vídeo da Molly Miller.

— Você viu?

— Gruda no ouvido — disse Samuel. — “Vem com tudo”. O que diabo isso significa?

— Sabe, antes havia uma diferença entre música autêntica e música para fazer dinheiro. Estou falando de quando eu era jovem, nos anos 1960. Naquela época, a gente sabia que a música caça-níqueis não tinha alma e queríamos ficar do lado dos artistas. Mas agora? A coisa realmente autêntica é ser um caça-níqueis. Quando Molly Miller fala “só estou sendo verdadeira”, o que ela quer dizer é que todo mundo quer dinheiro e fama, e qualquer artista que negue isso está mentindo. A única verdade fundamental é a ganância, e a única questão importante é saber quem assume isso com mais franqueza. Essa é a *nova autenticidade*. Ninguém pode acusar Molly Miller de se vender para o sistema, porque se vender foi a intenção dela o tempo todo.

— O sentido daquela música, pelo que entendi, é *seja rico, se divirta*.

— Molly está apelando para a ganância latente do público dela, dizendo que não há problema em ser ganancioso. Janis Joplin tentou nos inspirar a sermos pessoas melhores. Molly Miller diz que é ok ser a pessoa horrível que você já é. Não estou fazendo um juízo de valor sobre a coisa toda. Mas meu trabalho é saber disso.

— E o malabarista? O cara no círculo de tambores? Ele não quer se vender — indagou Samuel.

— Ele está fazendo uma imitação de um protesto que viu na TV um dia, muitos anos atrás. Ele se vendeu, sim, mas para um conjunto diferente de símbolos.

— Mas não se vendeu para a ganância, é isso que estou dizendo.

— Você tem idade para se lembrar do Norman Schwarzkopf, da Tempestade no Deserto? E os mísseis Scud? Fitas amarelas, uma linha na areia e Arsenio Hall fazendo *au-au* para os soldados?

— Sim.

— Não há nada que o capitalismo não possa devorar. O *non sequitur* é a língua materna do capitalismo. Você me ligou ou eu liguei para você?

— Você ligou.

— Certo. Lembrei agora. Ouvi dizer que você se encontrou com sua mãe.

— Eu a encontrei, sim. Fui ao apartamento dela.

— Vocês estiveram juntos na mesma sala. O que ela disse?

— Pouca coisa.

— Vocês estiveram juntos na mesma sala, você superou heroicamente anos de ressentimento, e ela se abriu com você de um jeito que nunca tinha se aberto antes, desabafando sobre uma história de vida dramática que dá a conclusão ideal a 250 páginas de leitura fácil, mais ou menos.

— Não exatamente.

— Sei que estou pedindo para você assimilar seus sentimentos em alta velocidade, mas temos um prazo a cumprir.

— Acho que ela não estava disposta a falar. Mas estou trabalhando nisso. Estou fazendo uma pesquisa. Talvez leve um tempo.

— Um tempo. Certo. Lembra aquele vazamento de óleo gigantesco no golfo ano passado?

— Lembro.

— As pessoas deram bola para aquele assunto por, em média, 36 dias. Há pesquisas sobre isso.

— O que você quer dizer com “deram bola”?

— Por um mês, as pessoas em geral expressaram indignação e fúria atrasada. Umas cinco semanas depois, a reação média era: “Ah, claro, eu tinha me *esquecido* disso.”

— Você está sugerindo, então, que temos uma janela de tempo.

— Uma janela bem pequena, que está encolhendo. Aquele foi o pior desastre ambiental na história dos Estados Unidos. Comparado com isso, quem se importa com uma senhora que atirou umas pedras em um cara que a maior parte das pessoas considera um babaca?

— Mas o que eu faço, então? Qual é minha alternativa?

— Falência. Jacarta. Já expliquei.

— Vou trabalhar rápido. Na verdade, estou em Iowa agora mesmo, coletando informações.

— Iowa. Não tenho a menor ideia da aparência desse lugar.

— Pense em fábricas abandonadas. Fazendas para leilão. Milharais com plaquinhas da Monsanto. Estou passando por um deles agora mesmo.

— Encantador.

— Barcaças no rio. Chiqueiros. Lojas de departamento gigantescas.

— Eu meio que não estou mais ouvindo o que você está dizendo.

— Vou entrevistar meu avô hoje. Talvez ele possa me contar o que aconteceu com minha mãe.

— Como dizer isso de forma delicada? Não temos nenhum interesse no que “realmente aconteceu” com sua mãe. Estamos mais interessados em pegar todas aquelas pessoas que enlouquecem temporariamente antes das eleições presidenciais e fazê-las abrir a carteira.

— Estou chegando ao asilo. Tenho que desligar.

O lugar era uma construção de aparência anônima que, pelo lado de fora, parecia um prédio residencial — cobertura de plástico, cortinas tapando as janelas, aquele nome ambíguo: Vale dos Salgueiros. Samuel cruzou a porta principal e sentiu o cheiro agressivo e claustrofóbico da medicina institucionalizada: alvejante, sabão, desinfetante no carpete; por baixo de tudo isso, o adocicado e onipresente miasma de urina. Na recepção, havia um formulário que todos os visitantes precisavam assinar, explicando o motivo da visita. Junto ao seu nome, Samuel escreveu “Pesquisa”. Seu plano era conversar com o avô até conseguir algumas respostas. Se tivesse sorte, o avô iria, de fato, falar. Frank Andresen sempre fora um homem muito quieto. Tinha um jeito introvertido e desinteressado, falava com um sotaque estarrecedor, frequentemente cheirava a gasolina e parecia um tanto fora de alcance. Todos sabiam que ele havia emigrado da Noruega, mas ele nunca disse o porquê. “Procurar uma vida melhor”, era o máximo que revelava. De fato, a única coisa específica que chegou a dizer sobre sua vida na Noruega era que a fazenda da família era uma visão magnífica: uma grande casa salmão com vista para o mar, lá na mais setentrional de todas as cidades do mundo. Essas eram as únicas vezes em que parecia feliz: falando sobre aquela casa.

Uma enfermeira levou Samuel até uma mesa no refeitório deserto. Alertou-o de que, nas ocasiões em que falava, as coisas que Frank dizia não faziam muito sentido.

— O remédio que ele toma para o mal de Parkinson o deixa meio confuso — disse ela. — E antidepressivos causam sonolência, letargia. Somando tudo isso à demência, acho que você não vai conseguir muita coisa.

— Ele tem depressão? — perguntou Samuel.

A enfermeira franziu o cenho e ergueu as mãos.

— Olhe ao seu redor.

Samuel sentou, pegou o celular para gravar a conversa e viu que tinha vários e-mails novos — da reitora, da diretora de Assuntos Estudantis, da diretora de Relações Públicas e também dos departamentos de Serviços Adaptativos, de Inclusão, de Saúde Estudantil, de Aconselhamento Acadêmico, de Serviços Psicológicos

Estudantis, além do diretor-geral e do ombudsman, todos com o mesmo assunto: *Questão Urgente sobre Aluna*.

Samuel afundou na cadeira. Passou o dedo rápido pela tela do celular para fazer as mensagens desaparecerem.

Quando a enfermeira empurrou a cadeira de rodas com o avô até a mesa, a primeira impressão de Samuel foi que Frank era muito pequeno. Muito menor do que em suas lembranças. Estava com a barba por fazer, o rosto salpicado por tufo irregulares de pelo branco, preto e ruivo, a boca aberta, gotas de saliva branca nos lábios. Era magro. Usava um roupão de banho verde como pudim de pistache. O cabelo grisalho estava emaranhado pela pressão do travesseiro, eriçado feito grama. Frank fitou Samuel, esperando.

— É bom ver o senhor de novo — saudou Samuel. — O senhor sabe quem eu sou?

5

AS LEMBRANÇAS MAIS antigas de Frank eram também as mais nítidas. Lembrava-se com clareza do barco, principalmente. De quando pescava naquele mesmo barco, nos meses em que o clima ártico permitia. Essa lembrança ainda era clara e vívida: os homens na cabine aquecida, comendo e bebendo, porque o trabalho estava feito, as redes já haviam sido puxadas e era meia-noite em pleno verão, quando o sol não se punha de verdade, mas se movia horizontalmente pelo céu.

Um crepúsculo vermelho-alaranjado que durava um mês inteiro.

Tudo era mais dramático sob aquela luz — a água, as ondas, os distantes rochedos do litoral.

Naquela época, ele era Fridtjof, não Frank.

Ainda um adolescente.

Como ele amava tudo aquilo, a Noruega, o ártico, a água tão gelada que podia fazer o coração parar.

Pescava ao fim do dia por prazer, não por dinheiro. O que ele amava era o esforço. Porque, quando se pega aqueles férvidos cardumes nas grandes redes de pesca, a sensação da luta não é igual àquela de quando você e o peixe estão conectados apenas por uma fina linha branca.

A vida era descomplicada.

Eis o que ele amava: a sensação de puxar o anzol com um movimento brusco do pulso; a sensação do peixe tentando fugir para o fundo, todo músculos, poder e mistério; o momento em que apoiava a vara no quadril, puxando com tanta força que deixava um hematoma; o fato de não poder enxergar o peixe até que ele tremeluzisse logo abaixo da superfície; e o momento em que o animal enfim emergia.

O mundo agora tinha essa característica.

A vida dele era assim.

Como um peixe arrancado da água escura como vinho.

Rostos pareciam surgir do nada. Ele abria os olhos e deparava com um desconhecido. Nesse momento, um rapaz com um sorrisinho falso de merda, certo medo pairando nos olhos. Um rosto que queria ser reconhecido.

Frank nem sempre reconhecia os rostos, mas reconhecia o que eles *queriam*.

O rapaz estava falando, fazendo perguntas. Como faziam os médicos. Sempre havia gente nova entrando e saindo. Novos médicos, novas enfermeiras.

Os mesmos fluxogramas.

Um fluxograma para cada hematoma. Um fluxograma para cada xixi na cama. Se ele se sentia confuso, havia um fluxograma. Testes cognitivos, resolução de problemas, prevenção de riscos. Avaliavam a mobilidade corporal, o equilíbrio, o limiar da dor, a integridade epidérmica, a compreensão de palavras simples, frases, ordens. Classificavam tudo isso em escalas de um a cinco. Pediam que ele rolasse na cama, sentasse, deitasse de costas, fosse ao banheiro.

Verificavam o banheiro para ver se ele tinha usado o vaso direito.

Avaliavam sua deglutição. Havia um fluxograma inteiro só para a deglutição. Em uma escala de um a cinco, avaliavam sua mastigação, a forma como a comida se mexia em sua boca, a forma como o reflexo de deglutição era desencadeado, se ele babava, se deixava a comida cair. Faziam-lhe perguntas para ver se conseguia falar enquanto comia. Inspecionavam sua boca para ver se não havia comida presa nas bochechas.

Enfiavam os dedos lá dentro e inspecionavam.

Faziam-no sentir-se preso ao anzol. Ele era o peixe agora. Era ele quem estava mergulhado na escuridão.

— É bom ver o senhor de novo — disse o tal rapaz à sua frente. — O senhor sabe quem eu sou?

O rosto do rapaz lembrava Frank de algo importante.

Tinha uma expressão distorcida, como a de um rosto contaminado por um segredo venenoso, uma dor que habita logo abaixo da superfície da pele e a contorce.

Frank estava ficando pior na maior parte das coisas, mas melhor em algumas. E sem dúvida estava melhor nisto: decifrar as pessoas.

Jamais conseguira fazer isso antes. Durante toda a vida, as pessoas tinham sido um grande mistério. A esposa, a família. Até Faye, sua própria filha. Mas e agora? Era como se algo dentro dele houvesse tomado uma nova forma, como os olhos da rena, que mudam de cor: azuis no inverno, dourados no verão.

Era assim que Frank se sentia.

Como se agora pudesse enxergar um espectro diferente.

O que via nesse rapaz? A mesma expressão que vira no rosto de Clyde Thompson no início de 1965.

Frank trabalhava com Clyde na fábrica da ChemStar. A filha de Clyde tinha cabelos louros abundantes. Deixara-os crescer quase até a cintura, em mechas longas e retas, como era o costume naquela época. A menina reclamava que o cabelo era muito pesado, mas Clyde não permitia que ela o cortasse porque adorava o cabelo da filha.

Então, em um dia de 1965, o cabelo da garota ficou preso em uma serra de fita na escola e ela morreu. O couro cabeludo foi arrancado todo de uma vez.

Clyde pediu licença do trabalho por uns dois dias e então voltou como se nada tivesse acontecido.

Apenas continuou trabalhando.

Frank se lembrava disso muito bem.

As pessoas elogiaram sua valentia. Todos concordavam nisso. Como se, quanto mais Clyde se esquivasse da dor, mais heroico se tornasse.

Essa era a fórmula para se ter uma vida cheia de segredos.

Frank sabia disso agora. As pessoas sempre escondiam coisas. Era uma doença, talvez pior que o mal de Parkinson.

Frank tinha muitos segredos, tantas coisas que nunca contara a ninguém.

A expressão no rosto de Clyde e a no rosto do rapaz à sua frente eram a mesma. Como se estivessem cravadas na pele.

A mesma coisa com Johnny Carlton, cujo filho caiu do trator e morreu esmagado pelo pneu. E o filho de Denny Wisor foi morto no Vietnã. E a filha e a neta de Elmer Mason morreram ao mesmo tempo durante o parto. E o filho de Pete Olsen morreu após capotar

a moto em uma estrada de cascalho, porque a moto caiu em suas costas, quebrou uma costela e perfurou o pulmão, que se encheu de sangue e o fez se afogar ali mesmo na estrada, junto a um riacho sussurrante, no meio do verão.

Nenhum deles falou sobre o assunto, jamais.

Devem ter morrido murchos e desolados.

— Gostaria de falar com o senhor sobre minha mãe — disse o rapaz. — Sua filha.

E agora Frank é novamente Fridtjof e está de volta à fazenda em Hammerfest, uma casa salmão com vista para o mar, um grande abeto vermelho no gramado, uma pastagem, ovelhas, um cavalo, uma lareira que ardia durante toda a longa e congelante noite de inverno: ele está de volta ao lar.

É 1940 e ele tem dezoito anos. Está seis metros acima da água. É o gajeiro. Tem os olhos mais aguçados da tripulação. Está em cima do mastro mais alto, procurando peixes e gritando aos homens nos botes para levarem as redes para cá, para lá.

Cardumes inteiros se agitam na baía e ele os intercepta.

Mas esta não é a lembrança em que ele está procurando peixes. Esta é a lembrança em que ele olha para casa. Aquela casa salmão, com a pastagem, o jardim, uma estradinha levando à doca.

É a última vez que ele a verá.

Seus olhos ardem por causa do vento enquanto ele olha para longe, do cesto da gávea, e o barco se afasta de Hammerfest e a casa salmão fica menor e menor até ser apenas um ponto colorido na costa, e então a costa é apenas um ponto na vastidão da água e depois não é mais nada — nada além da solitária e fria presença do oceano azul-escuro que os envolve por todos os lados para sempre, e a casa salmão se transforma em um ponto na mente dele, um ponto que vai ficando maior e mais terrível à medida que ele se afasta.

— Preciso descobrir o que aconteceu com Faye — diz o rapaz à sua frente, que parece ter emergido das trevas. — Quando ela foi para a universidade. Em Chicago, não é?

Encarava Frank com aquela expressão que se desenhava no rosto das pessoas quando não compreendiam o que ele estava dizendo.

Aquela expressão que pensavam que parecia paciente, mas que na verdade passava a impressão de que estavam silenciosamente cagando abacaxis.

Ou seja, Frank com certeza tinha dito alguma coisa.

Falar, hoje em dia, era como falar em um sonho. Às vezes, sua língua parecia grande demais para as palavras. Ou parecia que ele esquecera a língua inglesa e as palavras saíam em uma confusão de sons noruegueses desconexos. Outras vezes, frases inteiras jorravam de forma incontrolável. Às vezes, ele tinha uma conversa inteira sem perceber.

Era provável que isso tivesse algo a ver com os remédios.

Um cara no asilo havia parado de tomar os remédios. Simplesmente parou de engoli-los. Passou a recusá-los. Um suicídio bem lento, aquele. Tentaram amarrá-lo e forçá-lo a engolir os comprimidos, mas ele resistiu.

Frank admirava sua determinação.

Ao contrário das enfermeiras.

As enfermeiras no Vale dos Salgueiros não tentavam impedir a morte. Mas tentavam direcionar as pessoas a *morrer do jeito certo*. Porque, se alguém morresse pelos motivos errados, as famílias começavam a desconfiar.

As enfermeiras eram gentis. Tinham boas intenções. Ao menos no início, quando eram novatas. O problema era a instituição. Todas aquelas regras. As enfermeiras eram humanas, mas as regras não.

Segundo aqueles documentários sobre natureza que passavam na sala comunitária, toda vida almejava a reprodução.

No Vale dos Salgueiros, toda vida almejava evitar litígios.

Tudo era controlado. Se uma enfermeira lhe desse o jantar, mas se esquecesse de registrar na tabela, então, no tribunal, tecnicamente era como se não tivesse dado o jantar.

Por isso elas entravam carregando pilhas de papel. Passavam mais tempo olhando os documentos do que as pessoas.

Um dia, ele bateu o rosto na cabeceira da cama e ficou com o olho roxo. A enfermeira entrou com as tabelas e perguntou a Frank:

— Qual olho está machucado?

Tudo o que a enfermeira precisava fazer era olhar uma única vez para Frank para descobrir a resposta. Mas o nariz dela estava enfiado nas tabelas. Preocupava-se mais com o registro do ferimento do que com o próprio ferimento.

Tudo era registrado. Os médicos faziam relatórios. Os nutricionistas faziam relatórios. Tabelas de perda de peso eram preenchidas. As enfermeiras faziam resumos mensais. Diários de refeições. Planilhas de alimentação por sonda. Históricos de medicação.

Fotografias.

Faziam-no ficar de pé, nu e trêmulo, e tiravam fotos. Isso acontecia cerca de uma vez por semana.

Buscavam indícios de quedas. Ou escaras. Hematomas de qualquer tipo. Indícios de maus-tratos, infecções, desidratação, desnutrição.

Informações para o tribunal, se precisassem, para a defesa.

— Quer que eu peça para pararem de tirar fotos? — perguntou o rapaz.

Sobre o que eles estavam falando? Frank perdera o fio da meada de novo. Olhou ao redor: estava no refeitório. O lugar estava deserto. O rapaz exibiu aquele sorriso constrangido. Sorriu como aqueles estudantes do ensino médio que iam ao asilo uma ou duas vezes por ano.

Certa vez apareceu uma menina, Frank não lembrava o nome. Taylor, talvez? Ou Tyler? Ele lhe perguntou:

— Por que os alunos do segundo grau vêm aqui?

E ela respondeu:

— As faculdades gostam de alunos que já fizeram algum trabalho de caridade.

Os estudantes apareciam duas ou três vezes, e então sumiam.

Frank perguntou à tal Taylor ou Tyler por que os alunos só apareciam duas vezes e nunca mais voltavam, e ela respondeu:

— Se a gente faz duas visitas, já é o bastante para colocar no formulário de candidatura para a faculdade.

Disse isso sem vergonha alguma. Como se fosse uma ótima menina por estar fazendo o mínimo do mínimo para conseguir o que

desejava.

Ela perguntou sobre a vida de Frank. Ele respondeu que não tinha muita coisa para contar. Ela perguntou: no que o senhor trabalhava? Ele disse que trabalhava na fábrica da ChemStar. Ela perguntou: o que a fábrica fabricava? Ele respondeu que fabricava um composto químico que, quando condensado e exposto ao fogo, literalmente derretia a pele de centenas de milhares de homens, mulheres e crianças no Vietnã. E então ela percebeu que fora um grande erro ir até ali e perguntar aquilo.

— Eu estava pensando em Faye — comentou o rapaz. — Sua filha, Faye. O senhor se lembra dela?

Faye era muito mais esforçada do que aquelas merdinhas do segundo grau algum dia seriam. Faye dava duro porque era *determinada*. Havia algo dentro dela que a impelia. Algo grande, mortífero e sério.

— Faye nunca me disse que tinha ido para Chicago. Por que ela foi para Chicago?

E agora é 1968 e ele está na cozinha com Faye sob a luz pálida, e ele a está expulsando de casa.

Está furioso com ela.

Havia tentado, com tanto esforço, passar despercebido naquela cidade. E ela tornara isso impossível.

Vá embora e nunca mais volte, ele está gritando.

— O que ela fez?

Ela engravidou. Na escola. Deixou aquele tal de Henry engravidá-la. Nem eram casados ainda. E todo mundo ficou sabendo.

E isso era o que mais o enfurecia, o fato de todos terem ficado sabendo. Todos ao mesmo tempo. Como se ela tivesse posto um anúncio no jornal local. Frank nunca descobriu como isso havia acontecido. Mas estava mais furioso por todos saberem do que pela gravidez.

Isso foi antes de ele ficar demente e parar de se preocupar com esse tipo de coisa.

Depois disso, ela teve que ir para a universidade. Virou pária. Foi embora, para Chicago.

— Mas não ficou muito tempo lá, certo? Em Chicago.

Voltou um mês depois. Alguma coisa aconteceu com ela em Chicago, mas ela nunca falou sobre isso. Frank não sabia o quê. Faye dizia que a universidade era difícil demais. Mas o pai sabia que ela estava mentindo.

Faye voltou e se casou com Henry. Mudaram-se. Saíram da cidade.

Ela nunca gostou dele de verdade, do Henry. Coitado. Não sabia onde estava se metendo. Havia uma palavra em norueguês para isso: *gift*, que queria dizer tanto “casamento” quanto “veneno”, e isso provavelmente se aplicava a Henry.

Depois que Faye partiu, Frank reagiu como Clyde Thompson após a morte da filha: manteve o rosto sério em público e ninguém nunca mais lhe perguntou sobre Faye. Depois de um tempo, foi como se ela nunca tivesse existido.

Nenhum vestígio ficou para trás, exceto as caixas no porão.

Deveres de casa. Diários. Cartas. Aqueles relatórios do orientador pedagógico. Sobre os *problemas* de Faye. Seus ataques de pânico. Crises nervosas. O hábito de inventar histórias para chamar a atenção. Tudo estava documentado. Estava tudo ali, no Vale dos Salgueiros. No depósito. No porão. Material de vários anos. Frank guardava tudo.

Fazia muito tempo que ele não via a filha. Ela tinha sumido, e era isso que ele merecia, claro.

Frank esperava que, muito em breve, já não se lembrasse dela.

Os pedaços de sua mente estavam ruindo.

Em breve, ele seria outra vez Fridtjof, apenas e venturosamente Fridtjof. Só se lembraria da Noruega. Lembraria apenas de sua vasta juventude na cidade mais setentrional do mundo. As fogueiras que eles mantinham acesas durante todo o inverno. O céu cinzento da meia-noite no verão. Os redemoinhos verdes da aurora boreal. Os cardumes rompendo a água, que ele conseguia avistar a um quilômetro de distância. E, talvez, se ele tivesse sorte, as paredes de sua memória encerrariam apenas este único momento: ele pescando na parte de trás do barco, puxando algo grandioso das profundezas.

Se ele tivesse sorte.

Senão, ficaria preso na outra lembrança. A lembrança terrível. Observaria a si mesmo olhando a casa salmão. Vendo-a encolher à distância. Sentindo-se cada vez mais velho à medida que ela se esvanecia. Viveria aquele momento de novo, de novo, de novo, seu erro, sua desgraça. Essa seria sua punição, este pesadelo acordado: navegando para longe de casa, para as sombras crescentes da noite, para o julgamento.

6

SAMUEL NUNCA VIRA vovô Frank falar tanto. Foi um monólogo constante e desorientador, com eventuais momentos de clareza em que Samuel conseguira captar alguns detalhes cruciais: que sua mãe havia engravidado, caíra em desgraça e partira para Chicago, e que todos os registros sobre a infância de Faye estavam guardados ali, em caixas, no Vale dos Salgueiros.

Sobre as caixas, Samuel perguntou a uma enfermeira, que o conduziu ao porão, um longo túnel de concreto com jaulas de arame. Um zoológico de coisas esquecidas. Samuel encontrou o legado de sua família sob uma película de poeira: velhas mesas e cadeiras, baús de porcelanas, velhos relógios que não funcionavam mais, pilhas de caixas parecendo pirâmides arruinadas, poças escuras no chão sujo e sem carpete, sob a luz fluorescente que formava uma neblina verde e embaçada, o cheiro azedo de mofo e papelão úmido. Em meio a tudo isso, ele encontrou várias caixas marcadas com o nome "Faye", todas elas pesadas e cheias de papéis: projetos de escola, anotações dos professores, registros médicos, diários, fotos antigas, cartas de amor mandadas por Henry. Enquanto Samuel folheava os papéis, uma nova versão de sua mãe foi tomando forma — não a mulher distante que ele recordava, mas uma menina tímida e esperançosa. A pessoa real, que ele sempre desejara tanto conhecer.

Arrastou as caixas até o carro e ligou para o pai.

— Hoje é um ótimo dia para comer comida congelada — disse o pai. — Aqui fala Henry Anderson. Como posso ajudá-lo?

— Sou eu — respondeu Samuel. — A gente precisa conversar.

— Bem, eu adoraria interagir com você face a face — disse Henry naquela cadência polida, artificial e estridente que sempre usava quando estava no trabalho. — Adoraria discutir esse assunto na primeira ocasião oportuna.

— Pare de falar assim.

— Posso lhe falar sobre o nosso próximo seminário on-line? Talvez seja do seu interesse.

— Seu chefe está, tipo, parado atrás de você neste exato momento?

— Afirmativo.

— Tudo bem, então só escute. Quero que você saiba que descobri umas coisas sobre a mamãe.

— Creio que isso está além da minha área de especialização, mas ficaria feliz em mandar alguém para ajudá-lo.

— Por favor, pare de falar assim.

— Sim, entendo. *Muito* obrigado por apontar essa questão.

— Eu sei que a mamãe foi para Chicago. E sei por quê.

— Acho que devíamos nos encontrar para falar sobre isso. Posso marcar uma hora?

— Ela foi embora de Iowa porque você a engravidou. E o pai dela a expulsou de casa. Teve que sair da cidade. Sei disso agora.

Houve uma pausa no outro lado da linha. Samuel esperou.

— Pai?

— Isso não é verdade — rebateu Henry, muito mais baixo e em seu tom de voz natural.

— É verdade, sim. Falei com o vovô Frank. Ele me contou tudo.

— *Ele* contou?

— Sim.

— Onde você está?

— Em Iowa.

— Esse homem não me dirigiu nem dez palavras desde que a sua mãe foi embora.

— Agora ele está doente. Está tomando remédios muito fortes. Um dos efeitos colaterais é a perda de inibição. Acho que ele não percebe o que está falando.

— Meu Deus.

— Você precisa me contar a verdade. Pode começar agora.

— Em primeiro lugar, Frank está errado. Foi tudo um mal-entendido idiota. Sua mãe não ficou grávida. Não antes de você.

— Mas Frank disse...

— Eu sei por que ele pensa isso. E ele acha que é verdade. Mas eu estou dizendo para você que não foi isso que aconteceu.

— O que aconteceu, então?

— Tem certeza de que quer saber?

— Eu preciso saber.

— Tem coisas que talvez você não queira saber. Os filhos não precisam saber *tudo* sobre os pais.

— Isso é importante.

— Por favor, venha para casa.

— Você vai me contar?

— Sim.

— Chega de mentiras? A história toda?

— Tudo bem.

— Não importa quão constrangedor possa ser para você?

— Sim. Só venha para casa.

Enquanto dirigia de volta, Samuel imaginou a si mesmo no lugar de sua mãe, fazendo aquela primeira viagem para Chicago, indo para a faculdade, seu futuro ainda precário e misterioso. Para ele, era como se os dois estivessem passando por essa experiência ao mesmo tempo. Um novo mundo estava prestes a se abrir. Tudo estava prestes a mudar. Quase sentiu que ela estava ali, com ele.

Era estranho, mas ele nunca se sentira tão próximo dela quanto naquele momento.

| PARTE QUATRO |

O ESPÍRITO DA CASA

Primavera de 1968

1

FAYE ESCUTA O estrépito do metal e sabe que há gente trabalhando. Peças de metal são carregadas e largadas, marteladas e dobradas; metal tilintando contra metal. Faye não consegue enxergar a fábrica da ChemStar, mas avista seu tremeluzir, o brilho acobreado além dos carvalhos no quintal. Às vezes, faz de conta que não há uma fábrica lá atrás, mas um exército. Um exército antigo — a luz de tochas, o estrondo de armas brutais na fornalha. É isso que o barulho lhe parece: o som da guerra.

Faye achava que, nesta noite — por causa do que havia acontecido, o que estava aparecendo na televisão neste momento —, o trabalho na fábrica fosse silenciar. Mas não: a ChemStar, mesmo hoje, continuava rugindo. Faye se senta no quintal e fica escutando. Olha fixamente para a penumbra densa. Seu pai está lá, agora mesmo, trabalhando no turno da noite. Ela espera que ele não esteja vendo as notícias, que esteja trabalhando com foco e concentração. Porque a fábrica da ChemStar é um lugar mortífero. Ela visitou o lugar uma vez e ficou horrorizada com as máscaras, as luvas e a demonstração detalhada dos procedimentos de segurança, a fonte de emergência para lavar os olhos, a sensação de falta de ar, a coceira em seu couro cabeludo. Ouviu histórias de homens que passaram meses no hospital por terem cometido um erro bobo na ChemStar. Sempre que passa pela fábrica, ela vê aquele logotipo com o C e o S entrelaçados e a placa: CHEMSTAR – TRANSFORMANDO NOSSOS SONHOS EM REALIDADE. Nem mesmo os tios de Faye querem trabalhar lá. Preferem a usina siderúrgica, a usina de nitrogênio, a fábrica de fertilizantes, a fábrica de cereais, ou então cruzam o rio até Illinois e vão trabalhar em meio expediente fazendo fita adesiva. Não a fita em si, mas a cola que a torna aderente. Em grandes tonéis de espuma leitosa, que é remexida e depois transportada em tambores industriais. Como a cola vai parar nas fitas, não mais em estado líquido, mas em forma perfeitamente aderente, é um mistério. E

como isso tudo vai parar nas prateleiras, em lindas embalagens que são enviadas a todos os supermercados nos Estados Unidos? É um outro trabalho, uma outra fábrica, um outro conjunto de homens brutos e itinerantes. Não é de estranhar que os tios dela jamais falem sobre o que *fazem*. Assim são as coisas na indústria. Assim são as coisas nesta estranha cidade à beira do rio. Há sempre algo que lhe escapa. Faye consegue ver as peças, mas não o todo.

É abril, quatro meses antes de iniciar suas aulas na faculdade, e ela está sentada no quintal, com a televisão dentro de casa uivando as notícias. Martin Luther King foi assassinado em Memphis. Chicago está em ebulição hoje à noite, com baderna nas ruas, saques e incêndios. Pittsburgh também. E Detroit, Newark. Caos em São Francisco. Fogo a três quarteirões da Casa Branca.

Faye assistiu às notícias até não conseguir mais aguentá-las, então foi para o quintal, onde adentrou a vasta noite aberta e o ribombar da fábrica em algum lugar alto e distante, os apitos, guindastes e eixos de manivela, a cascata de metais quando algum trem dá uma guinada abrupta, a indústria que segue zumbindo mesmo hoje à noite. Todos esses homens que não sabem nada sobre os protestos, ela se pergunta por que eles seguem trabalhando. Quem precisa de tanta substância química? Uma fábrica é uma coisa aterrorizante e implacável.

Faye ouve a porta da varanda se abrindo e alguns passos — é a mãe dela, com novas informações.

— É anarquia — diz ela, exasperada, após passar a noite grudada no programa de Conkrite. — Eles estão destruindo *o próprio bairro*.

Ao que parece, a polícia de Chicago fechou todos os acessos do gueto. Coquetéis molotov lançados em lojas de bebida. Franco-atiradores no alto dos prédios. Carros esfaqueados nas ruas. Semáforos arrancados e retorcidos como galhos de árvores. Tijolos arremessados contra janelas.

— De que adianta isso? Toda essa destruição? — questiona a mãe. — E todo mundo assistindo na TV? Esses vândalos acham, por acaso, que isso vai atrair simpatia à causa deles?

Martin Luther King levou um tiro no pescoço quando estava de pé na sacada do hotel. Todos os repórteres e âncoras na TV descrevem

a cena exatamente da mesma forma, usando as mesmas palavras. Palavras sobre as quais ninguém parava para pensar agora saltam da linguagem comum e se transformam em sortilégios. *Motel Lorraine. Rifle Remington. Mulberry Street.* (E como o tiro pode ter sido disparado em um lugar com nome tão bonito como Mulberry Street?) A polícia está investigando. Enorme perseguição ao suspeito. Trinta e poucos anos, compleição magra. Homem, branco. O homem no quarto cinco.

— Provavelmente é só uma desculpa para essa gente fazer o que bem entender — especula a mãe de Faye. — Correndo sem camisa pelas ruas e saqueando lojas. Devem estar pensando: olha só, vamos conseguir um rádio novo sem ter que pagar.

Faye sabe que o interesse de sua mãe nos revoltosos é apenas circunstancial. O real motivo para ela ter ido ao quintal era tentar convencê-la a não partir para a faculdade em Chicago. O quebra-quebra simplesmente lhe forneceu uma nova e deliciosa perspectiva. Ela quer que Faye fique em casa e frequente o respeitável curso de dois anos na cidade vizinha, e aproveita todas as oportunidades para repetir isso, um ataque de alfinetadas mais ou menos constante que começou assim que Faye foi aceita, alguns meses atrás, no Chicago Circle.

— Veja bem — prossegue a mãe. — Eu sou totalmente a favor dos direitos civis, mas as pessoas não podem se comportar como animais, destruindo a propriedade particular de gente inocente.

Chicago Circle é a atraente alcunha da nova universidade no centro de Chicago: a Universidade de Illinois no Chicago Circle. Junto à carta de aceitação enviada a Faye, vieram panfletos descrevendo o Circle como a *UCLA do Meio-Oeste*. Era o primeiro campus *completamente moderno* no mundo, diziam, todo construído em anos recentes, conceitualmente revolucionário, um campus sem igual: concebido como um sistema amplo e singular, segundo os mais arrojados princípios do design social e da engenharia; prédios construídos com os materiais mais resistentes; uma passarela elevada, à altura do segundo andar, permitindo que você desfrute uma vista aérea enquanto caminha de um prédio a outro, uma espécie de *via expressa para pedestres no céu*; arquitetura

inovadora incorporando a teoria dos campos conceituais, o que, até onde Faye conseguia compreender, envolvia a ação de empilhar quadrados uns em cima dos outros e depois girar levemente cada quadrado até se obter um desenho multifacetado, com múltiplos ângulos, que, visto de cima, parecia um favo de mel. O folheto garantia que esse era um avanço tão importante quanto o arcobotante ou a cúpula geodésica, para dizer o mínimo, e isso era parte da missão principal da universidade: construir o *Campus do Futuro*.

Faye se candidatou a uma vaga, em segredo.

— Se essa gente não fosse tão destrutiva e furiosa, acho que as pessoas comuns teriam mais motivos para apoiá-las — comenta a mãe. — Por que não fazem uma campanha para angariar votos? Propor alguma solução em vez de sair quebrando tudo?

Faye olha através do quintal para o distante tremeluzir da ChemStar. Seu pai decerto estava trabalhando agora, provavelmente ignorando as notícias sobre o resto do mundo. A única vez que ele falou sobre a questão da universidade foi quando Faye lhe mostrou a carta de aceitação e os panfletos. Foi a primeira pessoa a quem Faye contou. Após uma breve celebração secreta no quarto, ela foi procurá-lo na sala de estar, onde Frank estava lendo o jornal na poltrona. Faye lhe estendeu os documentos. Frank olhou para ela, depois para os papéis. Leu-os em silêncio, assimilando lentamente essa nova informação. Faye estava prestes a explodir. Esperou que ele elogiasse a proeza extraordinária que ela havia realizado. Mas, ao acabar de ler, Frank apenas lhe devolveu os documentos e disse: “Não seja ridícula, Faye.” Então abriu de novo o jornal e o esticou de supetão para alisar os vincos, arrematando com um conselho: “E não conte isso a ninguém. Vão achar que está se exibindo.”

— As ruas estão um caos! — exclama a mãe de Faye.

Está ficando realmente perturbada agora. Nos últimos tempos, ela às vezes parece um pião capaz de rodopiar a si mesmo.

— Nem sei pelo que estão lutando! Essa gente. O que eles querem?

— Provavelmente, para começar, menos assassinatos. Apenas um palpite — ironizou Faye.

Sua mãe lhe lançou um olhar longo, estudado.

— Quando John Kennedy foi assassinado, *nós* não fizemos quebra-quebra.

Faye dá uma risada.

— Sim, claro, porque as duas coisas são totalmente equivalentes.

— O que *deu* em você hoje?

— Nada, mãe. Desculpa.

— Estou preocupada com você.

— Não precisa se preocupar.

— Estou preocupada com essa história de você ir pra Chicago — diz ela, chegando finalmente ao ponto que queria. — É que... é tão longe daqui. E tão grande. E tão cheia de, você sabe, esse *elemento urbano*.

Negros, era isso que ela queria dizer.

— Não quero deixar você assustada, mas pense um pouco — continua a mãe. — Uma bela noite você está voltando para casa depois da aula e eles pegam você e arrastam para um beco escuro e estupram e enfiam um revólver na boca com tanta força que você nem consegue rezar.

— Ok, chega! — reclama Faye e se levanta. — Muito obrigada, mãe. Foi ótimo falar com você.

— Além disso, e se você tiver uma crise enquanto estiver longe? O que vai fazer se eu não estiver por perto?

— Estou saindo.

— Aonde você vai?

— Sair.

— Faye.

— A lugar nenhum, mãe. Só preciso dar uma volta. Espairar.

Isso é mentira. Ela vai encontrar Henry, claro. O querido e bondoso Henry. Vai encontrá-lo hoje à noite, antes que sua mãe consiga assustá-la ainda mais com histórias de violência e estupro. Ao volante do carro, Faye sai do pequeno bairro onde vive, um lote de pequenos bangalôs chamado Colina Panorâmica (mas se trata de Iowa, e o nome do bairro sempre a confundiu: a placa mostra uma vasta paisagem no alto de montanhas, coisa que não existe em nenhuma parte do estado). Depois alcança a avenida principal,

passando pelos Dairy-Sweet Good-Food, pela loja Dollar General, pela farmácia Schwingle. Passa pelo mercado da Quik Mart, que fica em frente ao lava-jato Spotless Touchless, passa pelo castelo d'água cinza que os mais velhos ainda chamam de *castelo verde*, porque a construção era realmente verde muitos anos atrás, antes de o sol a desbotar, e Faye se pergunta se deveria sentir pena das pessoas que vivem assim tão estreitamente encerradas nas próprias memórias. Então passa pela sede dos Voluntários de Guerras Estrangeiras e por um restaurante chamado Restaurante com aquela placa que jamais muda: RODÍZIO LIVRE DE PESCADO. QUARTA, SEXTA E SÁBADO.

Faye dobra na rodovia e divisa, a distância, através de uma clareira no bosque, a estrutura que ela apelidou de *o farol*: na verdade, é uma torre na usina de nitrogênio por onde o gás é descarregado e queimado, de modo que, à noite, dá para ver uma chama azul no topo. Logo, parece mesmo um farol, mas o apelido também é uma piada geográfica: Iowa, afinal de contas, é cercada de terra por todos os lados. Esse é o trajeto para a casa de Henry. Faye dirige pelas ruas desertas, e a noite é igual a todas as noites, exceto pelo que passa na TV. Graças à catástrofe na televisão, ninguém vai notá-la. Ninguém vai estar no alpendre ou nos gramados, ninguém vai dizer: *Lá vai Faye. Pra onde será que ela vai?* Faye sabe como todos prestam atenção nela, percebe a curiosidade dos vizinhos, o olhar insaciável e abstrato que a cidade lhe dirige, a mudança completa que ocorreu após o vazamento da notícia sobre Chicago Circle. Certas pessoas na igreja, que jamais haviam externado qualquer opinião sobre Faye, subitamente começaram a dizer coisas que soavam hostis e passivo-agressivas: “Garanto que você vai esquecer de nós quando estiver na cidade grande”, ou “Imagino que nunca mais vai querer voltar para a nossa cidadezinha chata”, ou “Quando você for uma figurona, não vai mais ter tempo para um zé-ninguém como eu”, e assim por diante. Coisas que pareciam esconder uma rispidez afiada e desagradável, como se todos quisessem dizer: *Você se acha melhor do que nós?*

E a resposta, de fato, era: *Sim*.

Em cima da mesa, em sua casa, está a carta do Circle — com o logotipo e o papel grosso que lhe davam aquela aparência tão oficial

— informando-a de que ganhou uma bolsa de estudos. A primeira menina em sua escola a ganhar uma bolsa. A primeira menina *na história da escola*. Como ela poderia não se considerar melhor que os outros? Ser melhor que os outros era *o objetivo!*

Faye sabe que é errado pensar desse jeito, pois esses pensamentos não são humildes; são arrogantes, vaidosos e abarrotados de orgulho, o mais obscuro dos pecados. *Toda pessoa com orgulho na alma é uma abominação*, disse o pastor certo domingo, e Faye quase começou a chorar em seu lugar no banco, pois sabia o que fazer para ser uma boa pessoa. Parecia tão difícil ser uma boa pessoa, e ainda assim eram vastos os castigos. “Se você é um pecador”, disse o pastor, “não apenas você será punido, como seus filhos serão punidos, e os filhos de seus filhos serão punidos, até a terceira e a quarta gerações.”

Faye espera que o pastor não descubra que ela visitou Henry sem pedir permissão.

Ou que ela agiu de forma tão sorrateira. Que dirigiu com os faróis apagados ao se aproximar da fazenda dos Anderson. Que estacionou o carro a certa distância e andou pelo resto do caminho. Que se agachou nos cascalhos da estrada, à espera de que os olhos se ajustassem à escuridão, tentou enxergar os cachorros, espiou a casa. Que recorreu a uma ardilosa manobra para chamar a atenção de Henry sem que os pais dele percebessem: atirando pedrinhas em sua janela. Adolescentes sempre dão um jeito.

A cidade sabe que eles estão namorando, é claro. A cidade sabe de *tudo*. E a cidade aprova. As pessoas dão uma piscadela para Faye e fazem perguntas sobre o noivado. “Não vai demorar muito”, dizem. Preferem que ela se case em vez de ir para a faculdade — isso parece óbvio.

Henry é gentil, tranquilo, bem-educado. A fazenda de sua família é grande, bem cuidada, respeitável. É um bom luterano, um trabalhador esforçado, tem o corpo forte como cimento. Faye sente que os músculos dele se enrijecem quando ela o toca: aquela voltagem nervosa comum nos garotos, que se acumula no corpo dele e o domina. Ela não o ama, talvez não *saiba* se o ama, ou talvez o ame mas não esteja *apaixonada* por ele. Ela odeia essas

distinções, essas questões de vocabulário que, embora minúsculas, têm tanta importância.

— Vamos dar uma caminhada — diz Henry.

De um lado, a fazenda faz fronteira com a usina de nitrogênio; do outro, com o rio Mississippi. Caminham naquela direção, rumo à margem do rio. Henry não parece surpreso ao vê-la. Pega na mão dela.

— Viu as notícias? — pergunta ele.

— Vi.

A mão dele é áspera e calejada, especialmente na palma, logo abaixo da articulação dos dedos, onde o corpo de Henry se conecta aos vários implementos importantes para o trabalho na fazenda: pá, escavadeira, enxada, vassoura, a longa alavanca de marcha do trator John Deere, cheia de frescuras. Até um taco de beisebol podia deixar esse tipo de marcas, caso fosse usado como Henry usa: para matar os abundantes pardais que fazem ninho dentro dos silos. O espaço é muito apertado para se usar uma espingarda, ele certa vez explicara a Faye. A bala pode ricochetear. Pode acertar um olho. Então você tem que entrar com um taco e acertar os pardais enquanto voam. Faye pediu que ele nunca mais lhe contasse essa história de novo.

— Você ainda quer ir pra Chicago? — pergunta ele.

— Não sei.

À medida que se aproximam do rio, o solo vai ficando mais esponjoso. Ela já consegue escutar o *chuá* de cada pequena ondulação. Atrás deles, o farol brilha num vívido azul-índigo, como se um estilhaço de dia estivesse encravado aqui, no meio da noite.

— Não quero que você vá — diz Henry.

— Não quero falar sobre isso.

Quando estão de mãos dadas, ele costuma esfregar os dedos na pele macia dela, entre o polegar e o indicador, ou na pele ainda mais macia do pulso. Faye fica imaginando se ele faz isso para conseguir sentir alguma coisa. Seus dedos devem ter ficado um tanto insensíveis, com todas aquelas camadas de pele espessa e morta. A fricção é o que lhe garante que eles estão onde pensa que estão, e Faye se preocupa ao imaginar que em breve as mãos de Henry vão

buscar outras coisas, coisas novas. Ela está esperando por isso — é inescapável —, esperando que ele tente tocá-la por baixo das roupas. Será que vão machucá-la, aquelas mãos duras, blindadas?

— Se você for para Chicago, eu não sei o que vou fazer.

— Você vai ficar bem — consolou Faye.

— Não vou.

Ele diz e aperta forte a mão dela, para de andar e se vira para Faye, de forma teatral, um jeito grave e profundo, como se precisasse dizer algo de grande importância. Henry sempre teve uma queda pelo melodrama. Meninos adolescentes são assim às vezes: suas emoções ficam tremendamente fora de proporção.

— Faye, tomei uma decisão — anunciou ele.

— Ok.

— Eu decidi — e aqui ele faz uma pausa, se certifica de que ela está ouvindo com a devida atenção, sente-se encorajado e então continua: — se você for para Chicago, eu vou me alistar no exército.

E agora ela ri, uma risadinha aguda e súbita que tenta segurar, mas sem sucesso.

— Estou falando sério! — exclama ele.

— Henry, por favor.

— Eu decidi.

— Não seja ridículo.

— É uma honra servir o exército. Isto é uma coisa *honrosa*.

— Mas por que diabo você faria isso?

— Se não fizer, vou ficar solitário. É o único jeito de esquecer você.

— Me esquecer? Henry, é só uma faculdade. Não vou morrer. Vou voltar pra casa.

— Você vai ficar muito longe.

— Você pode me visitar.

— Você vai conhecer outros rapazes.

— Outros rapazes. Então é esse o problema?

— Se você for pra Chicago, vou me alistar no exército.

— Mas eu não *quero* que você se aliste.

— E eu não quero que você vá para Chicago. — Ele cruza os braços. — Estou decidido.

- Podem mandar você pro Vietnã.
- É.
- Henry, você pode morrer.
- Se eu morrer, acho que a culpa é sua.
- Isso não é justo.
- Fique aqui, fique comigo — pede ele.
- Isso *não* é justo.
- Fique aqui, aqui é seguro.

Faye sente a injustiça da situação, o que a deixa irada, mas, estranhamente, também sente uma espécie de alívio. O quebra-quebra, os saques, as coisas horríveis que apareceram na televisão hoje, e a mãe dela, e a cidade: se ela ficar aqui com Henry, não precisam mais aterrorizá-la. As coisas seriam tão mais fáceis se ela ficasse, tão mais puras.

Por que ela foi até ali? Agora, se arrepende. Arrepende-se de ter invocado Henry sob a pálida chama azul do farol. Faye não contou a ele, mas ela tem outro motivo para chamar aquela coisa de farol. É porque faróis têm duas faces, e é assim que ela se sente sempre que o visita. Um farol é tanto um convite quanto um alerta. Um farol diz: *Bem-vindo ao lar*. Mas depois, logo em seguida, também diz: *Perigo*.

2

É UMA NOITE de sábado no fim de abril de 1968 — a noite do baile do segundo grau na escola de Faye. Henry vem buscá-la às seis, na mão uma rosa e um broche de flor. Atrapalha-se ao prender o broche no vestido dela. Remexe no tecido próximo ao peito de Faye, como se estivesse simulando, bem ali, em frente aos pais dela, os gestos destrambelhados da bolinação adolescente. Ainda assim, a mãe de Faye tira fotos e diz: *Sorria*. Faye acha que esse tipo de broche deve ter sido inventado por pais preocupados — pais extremamente protetores, que desejavam se certificar que os pretendentes das filhas não estivessem familiarizados com as roupas e os seios das mulheres. Nesse caso, o melhor mesmo é ser desajeitado — isso indica pouco risco de filhos bastardos. E Henry é um homem desajeitado com flores e broches. Não consegue prender direito o adorno. O alfinete encosta na pele de Faye e deixa uma pequena linha vermelha em seu esterno. Isso a faz pensar no traço horizontal da letra A.

— É a minha letra escarlate! — diz ela, rindo.

— O quê? — pergunta Henry.

— Meu travessão escarlate, na verdade.

Tudo é mais fácil quando eles dançam. Faye vai para a pista e dança o Twist. Dança o Madison. Dança o Mashed Potato, o Jerk e o Watusi. A adolescência de Faye foi constantemente encorajada por danças da moda que pipocavam a cada quatro semanas nas paradas de sucesso. O Monkey. O Dog. O Locomotion. As músicas e a dança formam um círculo perfeito — a música diz tudo o que você precisa saber sobre a dança e a dança justifica a música. Quando Marvin Gaye cantava “Hitch Hike”, ela sabia exatamente o que fazer. Quando Jackie Lee cantava “The Duck”, Faye já sabia os passos antes mesmo de vê-los na TV.

Então, aqui está ela, olhando para o chão, dançando o Duck em um vestido de cetim azul — levante a perna esquerda, depois a

direita, então balance os braços e repita. Isso é o que se chama de “dança” hoje em dia. É assim em todo baile de segundo grau, de boas-vindas ou no Dia dos Namorados: o DJ coloca músicas que dizem exatamente o que você deve fazer. A grande novidade este ano é Archie Bell & The Drells cantando “Tighten Up” — arraste os pés para a esquerda, arraste os pés para a direita. “Aperte um pouco agora e tudo vai sumir.” Em algum lugar ali perto, Henry também está dançando, mas Faye não o nota. São danças para se dançar sem par. Ao dançar o Freddie, o Chicken ou o Twist, você é sua melhor companhia, ainda que esteja em uma pista cheia de gente. Os adolescentes não têm permissão para tocar uns nos outros e, por isso, dançam sozinhos. Fazem coreografias que se encaixam perfeitamente às determinações dos adultos que os acompanham. Eles nos mandam dançar e nós dançamos como burocratas obedientes, é isso que Faye pensa enquanto observa todos os colegas. Estão felizes e satisfeitos, em breve vão se formar, são pró-autoritários, seus pais apoiam a guerra, todos têm televisão em cores. Quando Chubby Checker diz: “Pegue minha mãozinha e faça assim”, ele está dizendo à geração de Faye como reagir às coisas que acontecem ao seu redor — a guerra, o recrutamento, a repressão sexual; está dizendo para obedecerem.

Mas então, ao fim da noite, o DJ anuncia que há tempo para mais uma música.

— Esta aqui é muito especial — diz ele.

E assim Faye, Henry e os outros alunos voltam lentamente à pista, os pés cansados de tanto arrastar e girar, o DJ coloca outro disco e Faye escuta o estalo da agulha, o chiado que faz antes de entrar na ranhura, a estática, e então vem *aquela música*.

No início, nem parece uma música; é mais um grito primevo e tosco, o denso ruído de cordas dissonantes misturadas — um violino, talvez, e uma guitarra esquisita tocando repetidamente o mesmo acorde; a batida lenta e monótona do bumbo, uma distorção insistente, e o vocalista que, em vez de cantar, salmodia. Faye não consegue discernir as palavras, não consegue identificar o refrão, não encontra um ritmo para dançar. Um terrível gemido sexual, é isso que a música parece. Uma frase se destaca: “Whiplash girl-child

in the dark”, menina-chicotada no escuro. O que diabo isso quer dizer? Ao redor de Faye, os estudantes começam a se mover naquele ritmo, morosa e languidamente, como a própria música: cambaleiam em direção aos outros, tocam uns nos outros, agarram-se pela cintura e dançam juntos. Faye olha para Henry, que está ali de pé, aflito e desamparado enquanto, ao seu redor, jovens serpenteiam como minhocas gigantes. Como sabem o que fazer? A música não lhes dá nenhuma instrução. Faye está achando ótimo. Agarra Henry pela nuca e o puxa. Os corpos se chocam e se unem. Ele fica ali, desnordeado, enquanto Faye levanta os braços acima da cabeça e fecha os olhos, ergue o rosto para o teto e começa a se mexer.

Enquanto isso, os acompanhantes adultos estão ficando nervosos. Não sabem o que está acontecendo, mas sabem que é *errado*. Obrigam o DJ a interromper a música e os jovens soltam um grunhido. Caminham de volta às mesas.

— O que você estava fazendo lá na pista? — pergunta Henry.

— Dançando — responde Faye.

— Que dança é aquela? Qual o nome?

— Não tem nome. Não tem nome nenhum. Simplesmente *dançar*, só isso.

Mais tarde, Henry a leva ao parque próximo à casa dela, um parque tranquilo, reservado, sem luz elétrica, um dos poucos lugares onde era possível ficar a sós na cidadezinha. Ela estava esperando por isso. Henry é o tipo de garoto que acredita em gestos românticos. Paga jantares à luz de velas e compra caixas de bombons em formato de coração. Aparece na casa dela com aquele sorriso enorme, feito uma abóbora no Dia das Bruxas, trazendo gordos ramalhetes de lírios e íris. Deixa rosas no carro dela. (As rosas murcham e morrem no calor, mas isso ela jamais lhe conta.) Henry não conhece o significado das flores, as diferenças entre rosas brancas e vermelhas, entre lírios e íris. Essa é uma língua que ele não domina. Não sabe como amar Faye de forma criativa e, por isso, faz o que todos os outros alunos do segundo grau fazem: velas, bombons e flores. Trata o amor como se fosse um balão, como se tudo fosse uma questão acumulativa, como se bastasse ir

acrescentando mais e mais ar. E, assim, continuava com as flores. E com os jantares. E com os poemas de amor, datilografados e sem assinatura, que apareciam no armário de Faye na escola de tempos em tempos:

*Eu te amo mais que a minha vida,
minha adorada, querida.*

— Viu meu poema? — pergunta ele.

E ela responde:

— Sim, obrigada.

Então sorri e olha para o chão, cruza os pés e torce para que ele não pergunte se ela gostou. Porque ela nunca gosta. Como poderia gostar se, em seu tempo livre, lê Walt Whitman, Robert Frost e Allen Ginsberg? E Henry é tão feio, se comparado a Allen Ginsberg! Tão simplório e estúpido, antiquado e provinciano. Faye sabe que Henry quer impressioná-la e cortejá-la, mas quanto mais lê aqueles poemas, mais se sente dopada, como se sua mente estivesse afundando pouco a pouco na areia.

*Quando está longe de mim
o meu dia todo é ruim
porque não posso te abraçar
e não paro de chorar.*

Faye nunca consegue criticar os versos. Apenas assente e diz:

— Achei o poema. Obrigado.

Henry faz aquela cara (aquela cara de autossatisfação, aquela cara triunfante, aquela cara de bobo alegre) que sempre deixa Faye tão irritada que ela sente vontade de lhe dizer coisas cruéis:

Que o poema seria melhor se ele compusesse com métrica.

Ou se comprasse um dicionário.

Ou se conhecesse palavras com mais de três sílabas.

(E que pessoa horrível ela era simplesmente por *pensar* isso!)

Não, ele é um bom menino, um menino legal. Tem um coração enorme, coração de ouro. É educado. Gentil. Todo mundo diz que ela deveria se casar com ele.

— Faye — diz ele, quando os dois estão sentados no carrossel —, a gente avançou bastante, você sabe, na nossa relação.

E ela assente, mas não sabe exatamente o que ele quer dizer. Henry com certeza lhe deu muitas flores, poemas, jantares e bombons, mas nunca lhe contou um segredo. Ela tem a impressão de que não sabe nada sobre ele, nada além do que todo mundo sabe: a família dele é dona da fazenda vizinha à usina de nitrogênio, ele quer ser veterinário, é um jogador ofensivo medíocre no time de futebol americano do colégio, é um dos últimos reservas nos times de beisebol e de basquete, pesca no Mississippi aos domingos, brinca com seus cachorros, quase nunca conversa na sala de aula e precisa que ela lhe dê aulas particulares de álgebra. Faye conhece o currículo dele, mas nenhum segredo. Henry jamais lhe conta nada importante. Por exemplo: jamais lhe explicou por que nunca age como um menino deveria agir quando estão se beijando, por que nunca tenta fazer as coisas que todos os meninos supostamente querem fazer. Faye ouviu histórias — famosas no colégio — sobre meninos que fazem *tudo* se as meninas deixarem. Meninos que vão *até o fim* se puderem. Em qualquer lugar! No banco traseiro dos carros ou no campo de beisebol à noite, no chão de terra, na grama, na lama ou em qualquer lugar barato e auspicioso onde achem uma menina que não saiba dizer *não*. E as meninas que dizem sim, as meninas que aceitam, as meninas que não resistem, todas têm a reputação massacrada por aquelas duas sílabas, sempre repetidas aos sussurros: *puta*. A palavra mais veloz da língua. Espalha-se pelo colégio como uma praga. É preciso ter muito cuidado.

Portanto Faye aguarda a tentativa de Henry — que apalpe o cinto dela, que enfie a mão em algum lugar proibido — para que ela possa repeli-lo e defender sua castidade, para que ele possa tentar outra vez, tentar melhor e com mais empenho, e Faye vai repeli-lo de novo, até que, finalmente, após tê-lo repellido o bastante, após ter dito *não* vezes o bastante, terá comprovado que é virtuosa, casta

e boa, não uma qualquer, não uma puta. E então, finalmente, poderá dizer *sim*. Faye espera que isso aconteça, espera que o ritual comece, mas, em vez disso, Henry apenas a beija, aperta o rosto contra o dela e para. É sempre assim. Ficam sentados, à noite, na margem do rio ou no parque e escutam o som das motocicletas na rodovia, os rangidos dos balanços, e Faye arranca pedacinhos de ferrugem do carrossel e espera. E nada nunca aconteceu, não até esta noite, a noite após o baile, a noite em que Henry parece tão cheio de cerimônia, como se tivesse decorado as falas.

— Faye, acho que a gente avançou muito. E você é muito importante, muito especial para mim. E eu ficaria muito honrado, feliz e muito, muito fe-feliz... — gagueja ele.

Então Henry se cala, está nervoso, e ela balança a cabeça e toca suavemente no braço dele com a ponta dos dedos.

— Eu quero dizer — continua ele — que eu me sentiria muito honrado, feliz e muito *sortudo* se você, de agora em diante, na escola — então ele faz uma pausa, para ganhar coragem —, se você, por favor, usasse minha jaqueta. E o meu anel.

Ele solta o ar, exausto pelo esforço, aliviado. Não consegue sequer olhar para ela. Olha fixamente para os próprios pés e retorce os cadarços ao redor dos dedos.

Nesse momento, Faye o acha adorável, cheio de constrangimento e medo, e é ótimo sentir o poder que tem sobre ele. Então ela diz *sim*. Claro que diz *sim*. E ao se levantarem para ir embora, eles se beijam. E o beijo parece diferente desta vez, parece algo maior e mais poderoso, parece ter um *significado*. Decerto, ambos sentem que cruzaram uma fronteira: o anel de namoro é uma espécie de arauto, todos sabem disso. Um anel de noivado quase sempre vem em seguida, e esses símbolos tornam sua união oficial, sancionada, certificada e virtuosa. Uma garota pode fazer o que quiser no banco traseiro de um carro se estiver usando a condecoração do namorado. Essas coisas a afastam do mundo. Protegem-na. A garota se torna imune aos insultos. Uma garota não é uma puta se estiver usando um anel.

E Henry deve ter compreendido isso também, deve ter sentido que eles agora têm permissão para fazer o que quiserem, pois puxa

o corpo de Faye, beija-a com mais força, abraça-a bem apertado. Então ela sente alguma coisa, algo duro e rombudo pressionando sua barriga. É ele, claro, é Henry. Está aumentando, lá embaixo, sob a calça larga e cinza. Está se movendo um pouco, enquanto a beija, e está duro como pedra. Isso a deixa surpresa: quão sólido o corpo de um menino pode ficar. Como um cabo de vassoura! É tudo em que ela consegue pensar. Percebe que ainda o está beijando, mas faz isso de forma automática — toda sua atenção está concentrada naqueles centímetros quadrados, naquela pressão obscena. Faye acha que consegue até mesmo sentir *o sangue* de Henry pulsando lá embaixo e começa a suar, apertando-o com mais força, para demonstrar que ele pode seguir em frente. Henry desliza a mão pelas costas dela e solta uns guinchos baixinhos: está nervoso, sobressaltado; está esperando por ela. É a vez de Faye fazer alguma coisa. Henry foi o responsável pela jogada inicial, apertando seu corpo contra o dela, de um jeito muito óbvio. É uma negociação. Agora é a vez de Faye.

Ela decide ser ousada e fazer o que havia insinuado naquela dança final, no baile da escola. Com uma mão, puxa a cintura da calça dele, com força, abrindo uma fresta onde a outra mão possa entrar. Então Henry se contrai, seu corpo fica tenso, e tudo nele fica imóvel por uma fração de segundo. Depois, tudo acontece muito rápido. Faye enfia a mão na calça e Henry dá um pulo para trás. Os dedos dela começam a envolvê-lo — ela o sente por um brevíssimo instante e descobre que ele é quente e duro, mas também suave e delicadamente carnudo, e ela havia acabado de compreender tudo isso quando ele saltou para trás e desviou o corpo, gritando:

- O que você está *fazendo*?
- Eu estou, sei lá...
- Você *não pode* fazer isso!
- Me desculpe, Henry, eu só...
- *Meu Deus*, Faye!

Ele lhe dá as costas e ajeita as calças, enfia as mãos nos bolsos e sai andando. Começa a dar voltas em frente aos balanços. Faye o observa. É difícil acreditar que o rosto dele ficou tão frio, tão rápido.

— Henry? — Ela quer que Henry olhe para ela, mas ele não olha.
— Henry, me desculpe.

— Esquece — responde ele.

Então enfia o pé na areia, mexe o sapato até enterrá-lo, depois faz tudo de novo, sujando seus belos sapatos sociais.

Faye volta a se sentar no carrossel.

— Venha aqui — pede ela.

— Não quero falar sobre isso, Faye.

Ele é um rapaz calmo, cordato, modesto; deve ter se assustado com sua própria reação. E agora está tentando se acalmar, apagar o que aconteceu. Sentada no carrossel, Faye diz:

— Tudo bem, Henry.

— Não, não está tudo bem — responde ele, de costas para ela, as mãos nos bolsos, os ombros curvados. Ele é como um punho contraído, todo tenso e fechado. — É que... você *não pode* fazer isso.

— Tudo bem.

— Não é certo — afirma ele.

Faye pensa a respeito. Arranca lascas de ferrugem e escuta os pés de Henry esmagando a areia, então olha para as costas dele e finalmente diz:

— Por quê?

— Você não deveria querer isso. Não é o tipo de coisa que uma garota como você deveria querer.

— Uma garota como eu?

— Deixa pra lá.

— O que isso quer dizer?

— Nada.

— Me diz.

— Esquece.

E então Henry se afasta. Senta-se no carrossel e se fecha completamente, transforma-se em algo silencioso e frio. Cruza os braços e fica olhando para a noite. Ele a está punindo. E isso a deixa furiosa, faz com que comece a tremer. Sente o despontar da náusea em sua barriga, uma agitação no peito — o coração batendo, o pelo em seu pescoço se eriçando. Sente que algo se aproxima, uma onda

familiar de suor e tontura. De repente, está zozona, e sente uma queimadura e um formigamento, tem a impressão de estar fora de si mesma, como se pairasse no ar, acima do carrossel, olhando para baixo, observando a confusão do próprio corpo. Será que Henry consegue notar isso? A avalanche está vindo — o choro e a falta de ar, a tremedeira. Isso já aconteceu antes.

— Me leve para casa — sussurra ela, com a boca semicerrada.

Sabe-se lá se Henry entende o que está acontecendo, mas o fato é que ele olha para Faye com uma expressão mais suave.

— Ouça, Faye...

— Me leve para casa agora.

— Desculpe, Faye, eu não deveria ter...

— *Agora*, Henry.

Henry a leva para casa e, ao longo do excruciante caminho, nenhum deles fala. Faye aperta o assento de couro e tenta afugentar a sensação de que está morrendo. Quando o carro estaciona em frente à casa, ela se sente como um fantasma, voando para longe dele sem fazer um único som.

A mãe de Faye entende na hora.

— Você está tendo um ataque — afirma ela.

Faye balança a cabeça de olhos arregalados, em pânico. A mãe a leva para o quarto e tira sua roupa, lhe dá algo para beber, passa um pano molhado em sua testa e diz:

— Está tudo bem, está tudo bem. — Sua voz é baixa, gentil, sussurrante, maternal.

Faye puxa os joelhos com força para perto do peito, soluça e arfa enquanto a mãe passa os dedos pelos seus cabelos e sussurra:

— Você não está morrendo, você não está morrendo, você não está morrendo.

Foi o que ela fez durante toda a infância de Faye. E ficam assim até que o surto passe. E Faye se acalma. Começa a respirar de novo.

— Não conte ao papai — pede ela.

A mãe assente.

— E se isso acontecer em Chicago, Faye? O que você vai fazer?

A mãe aperta sua mão com força e sai para buscar um pano. Então Faye pensa em Henry. Pensa quase com alegria: *Agora nós*

temos um segredo.

3

FAYE NEM SEMPRE sofrera assim. Em outros tempos, fora uma criança capaz de socializar e agir normalmente. Então um dia aconteceu uma coisa que mudou tudo.

Foi o dia em que descobriu a existência do espírito da casa.

Foi no verão de 1958, num churrasco, com a luz arroxeadada declinando a oeste, mosquitos e insetos zanzando nas lâmpadas, crianças brincando de pega-pega ou vendo o eletroculador de insetos cumprir sua assustadora função, homens e mulheres no quintal, fumando e bebendo, recostados nos mourões das cercas ou uns nos outros, e o pai de Faye fazendo churrasco para vizinhos e colegas de trabalho.

Isso tudo era ideia de sua esposa.

Porque Frank Andresen tinha fama de esquisitão: era um tanto intimidador, um tanto reservado. Isso se explicava, em parte, por seu sotaque, pelo fato de ser estrangeiro. Mas a principal questão era sua personalidade — melancólica, estoica, introvertida. Às vezes os vizinhos avistavam Frank no quintal cuidando das plantas e perguntavam como estava, e ele apenas acenava com a mão, sem dizer uma única palavra, com aquela expressão estranha no rosto, como alguém que suporta, em silêncio, a dor de uma costela quebrada. Depois de um tempo, pararam de cumprimentá-lo.

Sua esposa insistiu: vamos convidar algumas pessoas, elas vão conhecê-lo melhor, você vai se divertir.

Então ali estavam eles, aquele monte de vizinhos no quintal de Frank falando de um time sobre o qual ele não sabia nada. O melhor que podia fazer era escutar, permanecendo à margem da conversa, porque mesmo depois de dezoito anos nos Estados Unidos ainda havia algumas palavras que lhe escapavam, muitas delas relacionadas a esportes. Então Frank escutava e tentava ter as reações certas nos momentos adequados e, distraído pelo esforço, acabou queimando as salsichas na churrasqueira.

Frank acenou para Faye, que estava brincando de pega-pega com dois meninos da vizinhança, e quando ela se aproximou ele disse:

— Vá lá dentro e me traga mais salsichas. — Então ele se inclinou e cochichou no seu ouvido: — Do porão.

E com isso ele queria dizer o abrigo antibombas.

O abrigo imaculadamente limpo, brilhantemente iluminado, totalmente abastecido de suprimentos, que ele havia construído ao longo dos três últimos verões. Dedicava-se ao abrigo à noite, apenas à noite, para que os vizinhos não vissem. Saía de casa e voltava com a caminhonete cheia de materiais. Certa noite, foram dois mil pregos. Em outra, onze sacos de concreto. Ele tinha um manual explicando o que devia fazer. Derramava concreto em moldes de plástico e Faye adorava tocá-los, porque o concreto continuava quente enquanto endurecia. Apenas uma única vez a mãe de Faye o questionou sobre o assunto, bem no início; perguntou-lhe por que diabo ele estava construindo um abrigo antibombas no porão. Frank a encarou com um horrível olhar encovado e fez uma cara que parecia dizer: *Não me obrigue a falar em voz alta*. Então voltou à caminhonete.

Faye respondeu que sim, que ia buscar as salsichas, e quando seu pai lhe deu as costas ela correu de volta para os garotos, porque tinha oito anos e queria desesperadamente que eles gostassem dela. Então disse:

— Querem ver uma coisa legal?

A resposta, claro, foi *sim*. Faye entrou em casa acompanhada pelos dois garotos e os levou até o porão. Frank havia escavado o solo de forma que o abrigo parecia um submarino emergindo do chão. Era uma caixa retangular de concreto com paredes reforçadas com aço, feita para resistir até mesmo se a casa inteira desabasse em cima. Havia uma pequena porta com um cadeado, cuja combinação era a data de nascimento de Faye; após abri-la, ela desceu os quatro degraus que conduziam ao interior da estrutura e acendeu as luzes. Foi como se uma sessão do supermercado tivesse sido magicamente transportada ao porão: as lâmpadas fluorescentes brancas e brilhantes, as latas de comida organizadas nas paredes. Os garotos ficaram de boca aberta.

— O que é isso? — perguntou um deles.

— Nosso abrigo antibombas.

— Uau.

Prateleiras cheias de caixas de papelão, engradados de madeira, potes de vidro e latas, todas com os rótulos arrancados: tomates, feijões, leite em pó. Engradados de galões de água, dezenas deles, empilhados numa pirâmide ao lado da porta. Rádios, beliches, tanques de oxigênio, pilhas, caixas de cereais, tudo armazenado nos cantos, uma televisão cujo fio desaparecia no interior da parede. Uma manivela na parede, sinalizada como ENTRADA DE AR. Os garotos olharam ao redor, atônitos. Apontaram para um armário de madeira trancado, com porta de vidro jateado, e perguntaram o que havia ali dentro.

— Armas — contou Faye.

— Você tem a chave?

— Não.

— Que pena.

Os garotos saíram e voltaram para o nível da casa delirando de entusiasmo. Não conseguiam controlar a euforia.

— Papai! — chamaram, correndo muito agitados até o quintal. — Papai! Você sabe o que eles têm no porão? Um abrigo antibombas!

Frank dirigiu a Faye um olhar tão duro que ela não conseguiu encará-lo.

— Um abrigo antibombas? — indagou um dos pais. — É sério?

— Não exatamente — disse Frank. — É apenas um depósito de suprimentos. Como uma adega.

— Não mesmo! — rebateu um dos garotos. — É enorme! E é feito de concreto e está cheio de comida e armas.

— É mesmo?

— A gente pode construir um igual? — perguntou o outro garoto.

— Você comprou um daqueles kits? — indagou o pai. — Ou construiu tudo sozinho?

Frank pareceu considerar se queria mesmo responder àquela pergunta, então suas feições suavizaram um pouco e ele encarou o chão.

— Comprei um manual — respondeu —, depois construí sozinho.

— E qual é o tamanho?

— Nove por seis.

— Cabem quantas pessoas, então?

— Umas seis.

— Ótimo! Se os russos jogarem a bomba, já sabemos para onde ir.

— Muito engraçado — disse Frank.

Agora ele estava de costas. Colocou as novas salsichas na grelha, movendo-as com longos pegadores de metal.

— Eu trago a cerveja — disse o vizinho. — Ouviram isso, meninos? Estamos salvos.

— Sinto muito — disse Frank. — Mas não.

— Vamos dormir em beliches por umas semanas. Como nos velhos tempos no Exército.

— Não tem como.

— Ah, para. O que vai fazer, nos mandar embora?

— Não tem mais lugar.

— Cabem seis. Você mesmo disse. E vocês são apenas três.

— Não tem como saber quanto tempo a gente vai ficar lá embaixo.

— Está falando sério?

— Estou.

— Você está zombando da minha cara. Deixaria a gente entrar, não é? Quer dizer, se tivesse mesmo um bombardeio. Você deixaria a gente entrar.

— Escute aqui — disse Frank, largando os pegadores e virando-se, com as mãos na cintura. — Se alguém chegar perto daquela porta, eu dou um tiro. Entendeu? Dou um tiro na cabeça.

Todos ficaram em silêncio. Faye não escutava nada além do chiado da carne na grelha.

— Nossa! Está bem — disse o vizinho. — Era brincadeira, Frank. Calma.

Então pegou sua cerveja e entrou na casa. Faye e todos os outros o seguiram, deixando Frank lá fora, sozinho. Ela ficou observando o pai de uma janela no segundo andar, enquanto a noite avançava e

Frank continuava ali parado na frente da grelha, em silêncio, deixando a carne ficar preta e queimar de novo.

Essa seria uma memória duradoura sobre seu pai, uma imagem que capturava algo importante sobre aquele homem: sozinho, zangado e curvado, com os braços apoiados na mesa, como se estivesse rezando.

Ficou lá até o fim da noite. Faye foi colocada na cama. Sua mãe lhe deu um banho, a cobriu com os lençóis e encheu seu copo com água. Aquele copo sempre ficava ali, para o caso de ela sentir sede à noite. Um copo curto, mas largo, tamanho adulto, com base ampla. Faye gostava de segurá-lo em noites quentes de verão, envolvê-lo com os dedos, sentir seu peso e sua solidez. Gostava de pressioná-lo em sua bochecha e sentir sua frieza cristalina e lisa. E era isso que ela estava fazendo, apertando o copo contra o rosto, quando, após uma batida breve e suave, seu pai entrou no quarto.

— Quero mostrar uma coisa para você — disse ele.

Enfiou a mão no bolso e tirou uma pequena estatueta de vidro: um velho de barba branca, sentado com uma tigela de mingau entre as pernas, colher de madeira na mão, rosto enrugado e cheio de satisfação.

— É muito antigo — afirmou ele.

Faye pegou a estátua e examinou-a, passando os dedos por ela. Era oca, fina e quebradiça, as cores amareladas, mais ou menos do tamanho de uma xícara de chá. Parecia uma versão menor e mais magra do Papai Noel, mas com uma atitude muito diferente: enquanto Papai Noel parecia sempre vivaz e agradável, havia algo de perverso naquela criatura. Talvez fosse aquele sorriso feio e afetado ou o jeito avarento de segurar a tigela, como um cachorro vigiando sua comida.

— O que é isso? — perguntou Faye.

E seu pai respondeu que era um espírito da casa, um fantasma que geralmente se escondia nos porões, lá na velha Noruega, em uma época que, aos olhos de Faye, parecia mais mágica que a atual, uma época em que todas as coisas do mundo devem ter sido paranormais: espíritos do ar, do mar, das colinas, dos campos, das casas. Naquela época, era preciso tomar cuidado, porque havia

fantasmas por todos os lados. Qualquer coisa no mundo podia ser, em segredo, outra coisa. Uma folha, um cavalo, uma pedra. Não se devia interpretar as coisas do mundo literalmente. Sempre era preciso encontrar a verdade real, escondida atrás da verdade aparente.

— Você tinha um desses no porão? — perguntou Faye. — Na fazenda?

Frank se animou ao pensar naquilo. Sempre se animava ao pensar na velha casa. Era um homem sério, que só parecia se alegrar ao descrever aquele lugar: uma grande casa salmão, de três andares, na periferia da cidade, vista do mar aos fundos, um longo quebra-mar onde ele pescava em tardes tranquilas, um prado na parte da frente, cercado por abetos, um aprisco para as poucas cabras e ovelhas da família, e um cavalo. Uma casa no topo do mundo, disse ele, em Hammerfest, Noruega. Sempre que falava sobre aquele assunto, parecia revigorado.

— Sim — disse ele. — Até aquela casa era assombrada.

— Você ainda queria viver lá?

— Sim, às vezes — respondeu ele. — Era assombrada, mas não no mau sentido.

Explicou que os espíritos da casa não eram malignos. Às vezes, eram até mesmo gentis, cuidando da fazenda, ajudando na colheita, escovando as crinas dos cavalos. Eram reservados e discretos, e ficavam bravos se não lhes trouxessem mingau nas noites de quinta-feira. Com muita manteiga. Não eram fantasmas amigáveis, mas tampouco eram cruéis. Faziam o que queriam. Eram fantasmas egoístas.

— E se parecem com isto? — perguntou Faye, girando a estatueta na palma da mão.

— Na maior parte do tempo, são invisíveis — respondeu Frank. — A gente só consegue enxergá-los quando querem ser enxergados. Por isso, não os vemos com frequência.

— Como se chamam? — perguntou ela.

— *Nisse* — afirmou ele, e Faye assentiu.

Adorava os nomes esquisitos que seu pai dava aos seus fantasmas: *nisse*, *nix*, *gangferd*, *draug*. Faye sabia que essas

palavras eram antigas, palavras europeias. O pai às vezes usava essas palavras, às vezes por acidente, quando estava agitado ou bravo. Certa vez, mostrou um livro cheio delas, incompreensível. Era uma Bíblia, contou ele, e na primeira página havia uma árvore genealógica. Ali estava o nome dela, Frank apontou: *Faye*. E os nomes dos pais dela, e outros nomes mais acima, nomes que ela nunca escutara antes, nomes estranhos com acentos estranhos. O papel era fino, frágil, amarelo; a tinta negra tinha desbotado em lavanda e azul. Todas aquelas pessoas, Faye foi informada, foram deixadas para trás quando Fridtjof Andresen mudou seu nome para Frank e veio corajosamente para os Estados Unidos.

— Acha que existe um *nisse* aqui em casa? — perguntou Faye.

— Nunca se sabe — disse Frank. — Às vezes, eles nos seguem a vida toda.

— Eles são bonzinhos?

— De vez em quando. São temperamentais. Você *já* deve insultá-los.

— Eu não faria isso — disse ela.

— Poderia fazer por acidente.

— Como?

— Quando toma banho, você molha o chão do banheiro?

Ela pensou por um instante e admitiu que sim, molhava o chão.

— Se você deixa cair água no chão, mesmo que seja só um pouco, precisa enxugá-la muito rápido. Para que a água não infiltre no porão e não respingue no seu *nisse*. Isso seria um grande insulto.

— O que aconteceria?

— Ele ficaria bravo.

— E o que aconteceria, então?

— Vou lhe contar uma história — falou.

E esta é a história que contou:

Em uma fazenda perto de Hammerfest, muitos anos atrás, havia uma linda menina chamada Freya (e Faye sorriu ao ouvir isso, por conta da semelhança entre o nome da linda menina e o seu). Certa noite de quinta-feira, o pai de Freya mandou que ela levasse o mingau ao *nisse*. E a menina planejava obedecer ao pai, mas, no caminho do porão, ficou com muita fome. Sua mãe havia feito uma

panelada especial de mingau naquela noite, com açúcar mascavo, canela, passas e até fatias de carneiro em cima. Freya achou que fosse um desperdício dar toda aquela comida gostosa para um fantasma. Então, assim que chegou ao porão, sem que ninguém a visse, comeu tudo sozinha. Lambeu o fundo da tigela e sugou a gordura da carne. E mal acabara de enxugar o queixo quando o *nisse* veio correndo, a agarrou e começou a dançar. Freya tentou se libertar, mas o aperto do *nisse* era muito forte. Apertou-a junto ao peito e cantou: “Do *nisse* ousou roubar! Então dance até cambalear!”, e ela gritou e gritou, mas o *nisse* pressionou o rosto dela contra sua barba eriçada para que ninguém a ouvisse. Girou-a e galopou com ela de uma ponta do porão à outra. Era rápido demais. Ela não conseguia acompanhar. Tropeçava e caía, mas o *nisse* a içava e sacudia seus braços, rasgava suas roupas, e continuou fazendo isso até que ela caiu de vez no chão, em farrapos ensanguentados, arfando, quase sem ar. Na manhã seguinte, encontraram-na pálida, nauseada e quase morta. Ficou de cama por meses — e mesmo após ter se recuperado o bastante para andar, seu pai nunca mais lhe pediu que levasse comida para o *nisse*.

— Me desculpe por ter levado os meninos até o porão — disse Faye, após o fim da história.

— Agora durma — ordenou Frank.

— Um dia, eu quero ver sua casa — confessou Faye. — A fazenda em Hammerfest, com a casa salmão. Um dia vou visitá-la.

— Não — respondeu ele.

Ao olhar para Faye, parecia cansado, talvez triste, como quando estava de pé lá fora, junto às brasas que se extinguíam, sozinho.

— Você nunca vai ver aquela casa — afirmou ele.

Naquela noite, ela não conseguiu dormir. Prestava atenção em cada ruído — cada estalo, cada farfalhar do vento, e pensava que havia um invasor na casa ou uma aparição. As luzes da rua cintilavam através da agitação das folhas e criavam uma fantasmagoria de formas hediondas na parede: ladrões, lobos, o diabo. Ela se sentia quente e febril, e tentou refrescar a pele com o copo d’água ao lado da cama, encostando-o na testa e no peito. Bebericou a água e pensou na história que seu pai contara, no

espírito da casa: “Às vezes, eles nos seguem a vida toda.” Era um pensamento apavorante, aquela criatura no andar de baixo, observando-os, falando algaravias.

Faye olhou para o assoalho como se pudesse ver através dele, como se pudesse enxergar o porão onde o fantasma espreitava e aguardava, vorazmente. Então resvalou no copo e a água se espalhou no chão. Sentiu um acesso de pânico ao ver o que havia feito, ao ver a poça d’água, a mancha marrom-escura no carpete marrom-claro. Imaginou a água infiltrando no assoalho, escorrendo por rachaduras na madeira, por ripas de metal, pregos e cola, abrindo caminho furtivamente embaixo dela, absorvendo poeira e terra para desaguar no porão e gotejar friamente em qualquer criatura zangada que andasse lá embaixo, de tocaia, na escuridão.

Em algum momento da noite — esta é a verdade — os pais de Faye a encontraram no porão.

Em alguma hora da madrugada, ouviram-na gritar. Encontraram Faye no andar de baixo. Debatia-se e tremia, a cabeça batendo no chão de concreto. Seus pais não sabiam como ela tinha ido parar ali. Não conseguia falar, não enxergava nada, os olhos giravam, cegamente, nas órbitas. No hospital, acabou se acalmando e os médicos disseram que ela estava com febre nervosa, uma disposição nervosa, um caso de histeria, o que significava que não tinham diagnóstico algum. Fique de repouso, disseram. Beba leite. Não fique agitada.

Faye não se lembrava de coisa alguma, mas sabia o que havia acontecido. Sabia com certeza absoluta. Havia insultado o fantasma, e o fantasma viera atrás dela. O fantasma tinha seguido Frank desde a Noruega e agora estava assombrando Faye. Esse foi o momento que dividiria para sempre sua infância, colocando-a no caminho que fez todas as situações subsequentes — as convulsões, o desastre em Chicago, seu fracasso no casamento e na maternidade — parecerem inevitáveis.

Toda vida tem um momento assim, um trauma que nos dilacera em novos pedacinhos. Esse foi o dela.

4

A SALA MAIS rosa na escola de Faye. A mais cheia de frufus e babados. A mais limpa, a mais brilhante. A mais elaborada, com fornos e máquinas de costura, geladeiras, coleções de panelas e frigideiras. Sem dúvida, a sala mais aromática, com aquele perfume cálido e achocolatado que transbordava para o corredor durante as duas semanas do curso de preparação de bolos. Era a sala especial para a aula de economia doméstica — elétrica, cheia de luz, produtos de limpeza brilhantes e químicos, facas afiadas, latas de sopa, caçarolas branco-prateadas cintilantes feitas de alumínio, utensílios modernos da idade atômica. Faye jamais viu meninos ali, nem uma única vez, nem mesmo enfiando a cabeça pela porta para espiar *waffles* e *cupcakes*. Os meninos ficam longe desta sala, alegando razões cruéis. “Nem *morto* eu ia comer alguma coisa feita por *você!*”, eles dizem às meninas, fazendo sons de sufocamento e agarrando a garganta e resfolegando e morrendo em meio a gargalhadas. Mas, na verdade, o que deixa os meninos nervosos são os pôsteres.

Sim, eles já ouviram falar dos pôsteres.

Grudados com tachas nas paredes cor-de-rosa, lá estão os pôsteres com mulheres de aparência solitária e envergonhada, anunciando produtos cuja existência os meninos negam — duchas íntimas, absorventes, talcos, sprays de ácido carbólico. Faye está sentada na cadeira acolchoada, braços cruzados, ombros curvos, lendo os pôsteres com asco silencioso.

Infelizmente, o mais traiçoeiro problema de uma menina, em termos de odores, não está debaixo de seus lindos bracinhos, diz um dos pôsteres, anunciando uma lata de alguma coisa chamada Pristeen. O problema de odor que os meninos não têm, diz um anúncio dos Lenços Úmidos Bidette. Uma mulher está sentada sozinha em seu quarto, com um cabeçalho em negrito no topo: Há algo que todo marido espera de sua esposa. Em outro, uma mãe fala com sua filha: Agora que você está casada, posso lhe contar. Há

um delito feminino mais grave que o mau hálito e as axilas malcheirosas, e a filha — linda, jovem, com rosto interessado e feliz, como se estivessem falando de filmes ou lembranças e não de antissépticos germicidas — diz: Estou tão feliz que tenha me explicado isso, Mamãe!

Que coisa terrível, esse mundo das mulheres casadas. Faye imaginou aquele cheiro de água velha na pia da cozinha ou o cheiro parecido com o de gasolina que os panos de prato soltam quando estão embolados e molhados. A amarga e secreta vida de casada — uma vida nua, úmida, sem perfume — escondendo os fedores corporais. Mulheres desesperadas vendo o marido fugir loucamente porta afora. *Por que ela sempre passa as noites sozinha? Ela mantém a casa brilhando de limpa e está sempre bem-arrumada, mas esquece um detalhe essencial... a higiene pessoal feminina.* É o anúncio de um desinfetante da marca Lysol, e a mãe de Faye jamais mencionou *nenhuma* dessas coisas. Faye tem medo de remexer no banheiro de sua mãe, medo do que possa achar lá. As caixas e garrafinhas brancas e cor-de-rosa, com aqueles nomes horrorosos, parecendo aquelas coisas que os meninos estudam na aula de química: Zonite, Koromex, Sterizol, Kotex. Palavras que soam vagamente científicas, inteligentes e modernas, mas que na verdade não existem. Faye sabe disso. Ela procurou-as no dicionário. Não há nenhum verbete para Koromex, tampouco para os outros nomes. Palavras como balões vazios, com todos aqueles Ks e Xs e Zs inúteis.

Um pôster da consultora de beleza Kinney, sobre controle de transpiração. Um pôster da Cover Girl sobre a arte de esconder imperfeições na pele. Outro mostrando cintas e sutiãs acolchoados. Não é de estranhar que os meninos sintam medo. As meninas sentem medo. *Elimina completamente os odores e transforma você na mulher que seu marido deseja.* A professora de economia doméstica lançou uma cruzada para erradicar toda espécie de bactéria e impureza, transformando as meninas em seres impecáveis, de suor adocicado, impedindo-as de virar, em suas próprias palavras, “pessoas sujas e vulgares”. Ela não chama a disciplina de “economia doméstica”, mas de “cotillion”.

A professora, a sra. Olga Schwingle, tenta instilar boas maneiras e etiqueta nessas meninas interioranas. Ensina-as a serem damas distintas, a praticar os hábitos necessários para serem aceitas no longínquo mundo da sofisticação. Ensina-as a passar cem vezes a escova nos cabelos todas as noites. A escovar os dentes com cinquenta movimentos para cima e para baixo. A mastigar cada porção de comida pelo menos 34 vezes. Fiquem eretas, não se curvem, não se inclinem, façam contato visual, sorriam quando alguém falar com vocês. Quando a professora diz “*cotillion*”, ela pronuncia à moda francesa: *co-ti-IÔ*.

— Temos que tirar a fazenda de vocês! — diz a sra. Schwingle, embora nem todas as alunas vivam em fazendas. — O que precisamos é de um pouco de elegância. — Então ela coloca um disco na vitrola (uma música de câmara ou uma valsa) e diz: — Meninas, vocês são muito sortudas por terem uma professora como eu.

Ela lhes ensina coisas a respeito das quais suas mães não sabem nada. Em que tipo de taças servir vinho, em que tipos de copo servir uísque. A diferença entre um garfo de jantar e um garfo de salada. A forma correta de dispor todas essas coisas em cima da mesa. A que direção a lâmina da faca deve estar virada. Como sentar sem encostar os cotovelos na mesa. Como caminhar até a mesa, como se afastar dela. Como aceitar graciosamente um elogio. Como sentar quando um homem empurra a cadeira atrás de você. Como preparar uma boa xícara de café. Como servi-la de maneira correta. Como arrumar cubos de açúcar em adoráveis piramidezinhas, em porcelanas pintadas, de aparência frágil, de um tipo que Faye jamais viu em casa.

A sra. Schwingle as ensina a receber convidados para o jantar, a fazer a comida para a ceia, a estabelecer conversas agradáveis com os convivas, a criar os pratos sofisticados que — ela garante — estão na moda entre as donas de casa da Costa Leste, a maioria envolvendo algum tipo de gelatina, algum tipo de alface picada, alguma extravagante arquitetura de comidas dentro de comidas. Salada de camarão em moldura de abacate. Abacaxi em gelatina de limão servida com queijo cremoso. Repolho suspenso em um

bouillon espesso. Pêssegos cortados ao meio e preenchidos com mirtilos. Fatias de pera em calda cobertas com fiapos de queijo amarelo. Barcos de abacaxi preenchidos com molho *rosé*. Mousse de azeitona com pimentão. Salada de frango em forma de ogivas brancas. Quadrados de atum. Torres de salmão com limão. Bolas de melão enroladas em presunto.

Esses são os novos e fabulosos pratos que as damas da sociedade andam servindo. Os Estados Unidos estão apaixonados por esse tipo de comida: moderna, exótica, artificial.

A sra. Schwingle esteve em Nova York. Esteve na Costa Dourada de Chicago. Viaja até Dubuque para ir ao cabeleireiro e, quando não compra roupas dos catálogos de varejistas da Costa Leste, compra em butikues como Des Moines ou Joliet ou Peoria. Quando o clima está agradável, ela anuncia “Que dia maravilhoso!” e escancara as janelas de forma tão dramática que Faye espera encontrar alegres passarinhos de desenho animado voando lá fora. A professora ordena que desfrutem a brisa e o perfume de lilases. “Estão florindo, como todos sabem.” Saem para colher flores e as arrumam em vasos na sala de aula. “A casa de uma dama sempre tem esses toques de bom gosto.”

Hoje ela começa a aula com sua habitual exortação sobre o casamento.

— Quando eu estava na faculdade, estudando para me tornar uma secretária profissional qualificada, resolvi fazer aulas de biologia e química — diz, poderosamente aprumada, as mãos entrelaçadas à frente do corpo. — Todos os meus professores perguntavam por que eu decidi fazer isso. Para que me dar esse trabalho? Por que não fazer mais um curso de datilografia? — Ela dá uma risada e meneia a cabeça, como alguém pacientemente tolerando um tolo, então prossegue: — Eu tinha um plano. Desde menina, sabia que queria me casar com *alguém da área médica*. Sabia que era preciso expandir minha mente para atrair alguém da área médica. Se eu só soubesse falar de datilografia e arquivamento, quem da área médica se interessaria em mim? — A sra. Schwingle olha para as meninas de forma profunda e solene como se estivesse transmitindo uma verdade terrível sobre o mundo adulto, e revela: — Ninguém. Essa é

a resposta. *Ninguém*. E quando conheci Harold, logo soube que minhas cadeiras eletivas de ciências haviam valido a pena — completa, e faz uma pausa para alisar o vestido. — O que estou tentando dizer é isto: estabeleçam objetivos ambiciosos. Vocês não precisam se conformar em casar com um fazendeiro ou um encanador. Talvez não consigam casar com alguém da área médica, como eu, mas alguém da área contábil não está fora de questão para nenhuma de vocês, jovens damas. Ou talvez um empresário, um banqueiro, um financista. Descubram com que tipo de homem querem se casar e organizem a vida de modo a conseguir isso.

Ela pede às meninas que pensem no tipo de homem que desejam como marido. Eu quero um homem que me leve para passar as férias em Acapulco, elas dizem. Eu quero um homem que me compre um conversível. Quero casar com o chefe da empresa, para não me preocupar em agradar o chefe quando ele vier fazer uma visita, porque, afinal, o chefe será o meu marido! A sra. Schwingle as ensina a sonhar nestes termos. “Vocês podem ter uma vida que inclui cruzeiros no Mediterrâneo,” diz ela, “ou uma vida de pescarias no Mississippi.”

— A escolha é sua, meninas. Mas, se querem uma vida melhor, precisam se esforçar. Acham que seus maridos vão querer conversar sobre estenografia?

As meninas fazem “não” com a cabeça, muito sérias.

— Faye, isto é especialmente importante para você — diz ela. — Chicago é uma cidade cheia de homens sofisticados.

Faye sente o olhar coletivo da turma convergindo sobre ela e afunda na cadeira.

Agora elas passam à principal lição do dia: vasos sanitários. Ponto principal: onde estão os germes? (Por todos os lados.) E como limpar? (De ponta a ponta, com alvejante e amônia, ajoelhadas no chão.) Em grupos de cinco, as meninas praticam esfregação de vaso sanitário. Faye espera sua vez com as outras meninas, todas sentadas junto às janelas da sala, olhando para os meninos, que neste momento estão na aula de educação física.

Hoje é dia de beisebol, e os meninos estão praticando arremessos — a batida regular dos tacos, a bola raspando na terra, os meninos

avançando para apanhar a bola e depois lançando-a à primeira base com aquele estalo gratificante. É agradável de assistir. Os meninos — que, na vida real, se comportam de forma tão indiferente e despreocupada, e que nas aulas tentam sempre parecer descolados, sentando-se de qualquer jeito nas cadeiras, com ar de desafio — agora estão empertigados e atentos como cachorrinhos no campo de beisebol, seus movimentos exagerados e ansiosos: correr, parar, pegar, girar, lançar.

Henry está lá com eles. Não é rápido o bastante para ser considerado um bom jogador, mas faz o melhor que pode. Soca a luva com o punho fechado, grita palavras encorajadoras. Os meninos sabem que as meninas os observam durante o treinamento. Sabem e gostam.

Faye está sentada em um banco, junto a um dos fogões embutidos, os cotovelos apoiados na chapa de metal marrom-escuro. Embaixo dela, há uma geração inteira de desastres culinários — manchas de molho de tomate queimado, massas de panquecas tostadas, ovos assados e pudins, tudo convertido em fósil nas bocas do fogão, tudo preto e carbonizado. Uma velha corrosão que nem as poções mais penetrantes de sua professora seriam capazes de remediar. Faye desliza a mão sobre o chamuscado, sentido a aspereza na ponta dos dedos. Observa os meninos. Observa as meninas que observam os meninos. Observa, por exemplo, Margaret Schwingle — a filha da professora, com seu rosto claro, levemente roliço, suéter de lã caro, meias de náilon, sapatos pretos brilhantes, cabelo louro em cachos extravagantes — e a congregação ao redor de Margaret, suas discípulas, todas usando anéis prateados, distintivos da panelinha, meninas que ajudam Margaret a pentear o cabelo de manhã, que lhe servem doces e Coca-Cola na lanchonete e espalham rumores detestáveis sobre suas inimigas. Faye e Margaret não se falam desde o ginásio. Não são rivais; Faye apenas desapareceu da vista de Margaret. Faye sempre se sentiu intimidada por Margaret e evita fazer contato visual. Sabe que os Schwingles são ricos, que seu casarão fica no alto de uma escarpa à beira do rio. Margaret usa um anel de namoro pendurado numa corrente no pescoço e outro em um dedo da mão direita. Na mão esquerda, um

anel de compromisso dourado. (Isso tudo em uma menina que boceja durante as discussões sobre *simbolismo* nas aulas de literatura.) O quase-noivo de Margaret — seu namorado desde o início do segundo grau — era um desses garotos impossíveis e intoleráveis que conseguem ser estrelas em tudo o que fazem: beisebol, futebol americano, atletismo. Ele prende as medalhas na jaqueta, depois dá a jaqueta para Margaret, que anda pela escola retinindo como um sino de vento. O nome dele é Jules, e Margaret despojou-o de todas as insígnias. Ela tem muito orgulho do namorado. Aliás, está olhando para Jules agora, enquanto ele espera sua vez no campo de beisebol. No intervalo, ela zomba dos outros meninos, os desajeitados, os meninos que não são Jules.

— Ooops! — exclama ela sempre que a bola escapa sob uma luva e rola pelo campo. — Essa você deixou passar! — As poucas amigas ao seu redor riem. — Está atrás de você, companheiro!

Fala alto o bastante para que o resto da turma a escute, mas não tão alto que se sintam parte da conversa. Essa é uma atitude típica de Margaret: extrovertida e, ainda assim, inacessível.

— Mais rápido da próxima vez, garotão! — diz ela quando o pobre John Novotny (acima do peso, tornozelos grossos, um cambaleante hipopótamo entre os meninos mais rápidos) não consegue apanhar a bola, que passa rolando à sua direita. — Fala sério. Por que diabo ele está no time?

E quando é a vez de Pauly Mellick (o miúdo Pauly Mellick, que tem pouco mais de 1,5 metro e pesa uns 45 quilos), ela ataca os braços finos dele, gritando:

— Espaguete! Vai, Espaguete!

Ela é uma predadora de gordinhos, magrelas e baixotes. É uma predadora de fracos. É uma carnívora, Faye pensa. *Uma filhote de lobo com presas pontudas.*

E agora é a vez de Henry. Todas as meninas estão olhando, aguardando, *Margaret* está olhando, todas o veem: Henry soca a luva com o punho e se agacha, mais ou menos na postura de um defensor interno. De repente, Faye sente vontade de protegê-lo. Percebe que a turma deseja mais entretenimento, deseja que Margaret libere mais doses de crueldade inebriante, como se todas

estivessem *torcendo* para Henry falhar. Faye não pode fazer coisa alguma além de olhar e rezar. E, quando olha para Margaret, descobre que Margaret *está olhando diretamente para ela*, e o estômago de Faye se contrai, seu rosto fica vermelho, seus olhos se arregalam e de alguma forma ela sente que já foi derrotada, seja qual for a natureza deste embate, pois o gélido escrutínio de Margaret deixa a hierarquia bem clara: Margaret pode dizer o que bem entender agora, e não há nada que Faye possa fazer para detê-la.

Então todas observam Henry enquanto o treinador acerta a bola com o taco. A bola vai saltitando pelo campo, Henry dá um pulo para apanhá-la à esquerda e Faye se sente irritada. Não está irritada com Margaret, mas com *Henry*. Irritada pelo seu iminente fracasso público, por tê-la colocado nesta posição, nesta rivalidade idiota com *Margaret Schwingle*. Irritada porque se sente responsável por Henry e por suas fraquezas, como se fossem dela. Henry bamboleia como uma criança de três anos e, neste momento, Faye o *odeia*. Já foi bastante a casamentos para saber de cor aquele trecho da liturgia: *E os dois se tornarão uma só carne*. Todo mundo parece pensar que essa é uma ideia romântica, mas Faye sempre a achou apavorante. E o motivo dessa sensação fica claro agora, neste momento. É como se toda a falibilidade de uma pessoa fosse reunida e depois duplicada.

Mas este é o momento de Henry. Ele está correndo para apanhar a bola.

E, quem diria, ele faz tudo impecavelmente. Captura a bola, planta os pés no chão e a arremessa numa linha reta, com precisão e velocidade, à primeira base. Perfeito. Um modelo da técnica a ser seguida. O treinador bate palmas, os meninos batem palmas e Margaret não diz absolutamente nada.

Pouco depois, chega sua vez de limpar os vasos, e Faye senta no assoalho sentindo-se péssima. Embora o momento tenha passado sem nenhum incidente, estava *pronta* para um duelo com Margaret, e a tensão não se dissipou de seu corpo. Agora ela é um enorme nervo exposto, e suas vísceras continuam uivando. Estava tão pronta a entrar na briga que a sensação é de ter *realmente* brigado. Para

piorar as coisas, Margaret está bem ao seu lado, no banheiro, limpando a latrina adjacente. Faye sente a presença dela quase como a quentura de um forno.

O vaso à sua frente está imaculado, branco, brilhoso, cheirando a alvejante — obra de outras alunas de economia doméstica, que estiveram aqui momentos antes. A professora caminha em círculos atrás das alunas, explicando os perigos de um vaso sujo: sarna, salmonela, gonorreia, vários microrganismos residentes.

— Um vaso excessivamente limpo é coisa que não existe — afirma ela.

Entrega-lhes novos escovões. As meninas se agacham no piso (algumas se sentam) e lavam o vaso, espalhando água, fazendo espuma. Esfregam, desinfetam e enxáguam.

— Não esqueçam a alavanca da descarga. A alavanca pode ser o lugar mais sujo de todos — avisa a sra. Schwingle.

A professora lhes mostra quanto alvejante usar, como contorcer os braços para limpar com o máximo de eficácia as reentrâncias na borda do vaso. Explica às meninas como manter a saúde de sua inevitável prole, como deter a disseminação de gripes a partir da limpeza do banheiro, como impedir que os germes do vaso infectem o resto da casa.

— Germes podem ser projetados pelo ar quando se puxa a descarga — explica a professora. — Portanto, antes de dar a descarga, fechem a tampa do vaso e deem um passo atrás.

Enquanto esfrega o vaso, Faye escuta a voz de Margaret vinda do boxe vizinho:

— Ele estava muito bonitinho hoje.

Faye não sabe com quem Margaret está falando e acha improvável que esteja falando com ela, então continua esfregando.

— Alô? — diz Margaret, e dá uma batidinha na parede. — Tem alguém em casa?

— O quê? Pois não? — diz Faye.

— Alô?

— Está falando comigo?

— Hum, sim?

Então o rosto de Margaret aparece por baixo da divisória: está completamente inclinada, quase de cabeça para baixo, os enormes cachos louros pendendo comicamente do topo de sua cabeça.

— Eu estava dizendo que ele estava bonitinho hoje — continua ela.

— Quem?

— Henry. *Dã*.

— Ah, claro, desculpe.

— Vi que você estava olhando pra ele. Deve ter achado ele bem bonitinho hoje.

— Claro — concorda Faye. — Sim. Era isso que eu estava pensando.

Margaret olha para o colar de Faye, onde está pendurado o anel de Henry. O grande anel de namoro, adornado com uma opala. Ela diz:

— Vai colocar um anel na mão esquerda?

— Não sei.

— Se o namoro de vocês fosse sério, você ia usar o anel na mão esquerda. Ou ele pode lhe dar outro anel. E aí você teria um para usar no pescoço e outro para usar na mão. Foi o que Jules fez.

— Sim, claro.

— O nosso namoro é *muito* sério.

Faye assente.

— Vamos nos casar em breve. Ele tem boas perspectivas.

Faye continua assentindo.

— Ótimas perspectivas.

A professora nota os sussurros e se aproxima, mãos na cintura, dizendo:

— Margaret, por que você não está limpando?

Então, Margaret olha para Faye com uma expressão muito específica (um olhar conspiratório, como se estivesse dizendo *estamos nesta juntas*) e desaparece atrás da divisória.

— Estou limpando mentalmente, mamãe — diz Margaret. — Estou visualizando o vaso. Assim, posso gravá-lo na memória.

— Se você se concentrasse tanto quanto Faye, talvez fosse para a cidade grande, como ela.

— Desculpe, mamãe.

A sra. Schwingle se volta para a turma e diz em um tom de voz mais alto agora:

— O marido de vocês vai esperar certo nível de higiene doméstica.

Faye lembra dos pôsteres na sala de aula, maridos cheios de exigências, maridos usando chapéu e sobretudo, correndo porta afora sempre que as mulheres falham em preencher os requisitos femininos mais básicos, maridos em anúncios na televisão ou em revistas: anúncios de café, porque o marido exigirá que você prepare uma excelente xícara para o chefe; ou anúncios de cigarros, porque o marido vai querer que você seja moderna e sofisticada; ou anúncios dos sutiãs Maidenform, porque o marido espera que você seja curvilínea. Faye tem a impressão de que essa criatura chamada *marido* é a espécie mais detalhista e exigente na história humana. De onde vêm os maridos? Como é que esses meninos no campo de beisebol — bobalhões, palhaços, desajeitados como frangos, inseguros, idiotas no amor — podem se transformar *nisso*?

As meninas são liberadas. Voltam à sala de aula para convocar a próxima leva. Sentam atrás das carteiras e olham para fora, entediadas. Os meninos ainda estão treinando — alguns estão mais sujos; por algum motivo, andaram se atirando e rolando no chão. E Jules está de pé, aquele jovem gladiador com cara de biscoito.

— Vai lá, querido! Vai lá, lindo! — exclama Margaret, embora ele não possa ouvi-la.

A exaltação de Margaret é dirigida às meninas da turma, para que elas olhem. E a bola vem na direção de Jules e ele corre para ela, um correr fácil e fluido, seus pés velozes e firmes, sem escorregar na terra como os outros meninos, como se estivesse se movendo sobre outro tipo de solo, com mais atrito. E ele se posiciona diante da bola, chegando ao ponto certo com grande antecedência, sem esforço, despreocupado. A bola quica em direção à luva e então — talvez por acertar um pedregulho ou um seixo, talvez por aterrissar em uma falha inesperada no solo, sabe-se lá — de repente salta para cima, de forma inesperada e louca, sai voando muito rápido e acerta Jules bem no pescoço.

Ele cai no chão, se contorcendo.

E as meninas na aula de economia doméstica acham isso hilário. Soltam risadinhas e gargalhadas, e Margaret se vira para elas e grita:

— Calem a boca!

Neste momento, ela parece tão magoada. Tão envergonhada. Parece as mulheres nos pôsteres, abandonadas pelo marido: assustadas, feridas, rejeitadas. Aquela sensação de ter sido julgada cruel e injustamente. Essa é a expressão de Margaret, e Faye gostaria de pegar a vulnerabilidade e o embaraço de Margaret e colocá-los em garrafinhas, como desodorantes. Ou como latas de spray germicida. Ela as distribuiria às donas de casa do país inteiro. Iria a casamentos apenas para borrifar os noivos com aquela substância. Jogaria bombas, como napalm, jogaria do alto do telhado, no meio do campo de beisebol.

E assim os garotos saberiam como as meninas se sentem.

5

APÓS A AULA, Faye está sentada sozinha no lado de fora da escola, com um livro no colo, encostada à parede quente e áspera, escutando um grupo de músicos tocar ao léu: um trompete sobe uma escala até a nota mais aguda; um xilofone é tamborilado nas barras menores; um trombone produz aquele som de esguicho flatulento que apenas os trombones sabem fazer. Os alunos da orquestra escolar parecem estar fazendo um intervalo, brincando um pouco entre as apresentações; então Faye espera e lê um livro. É uma coletânea de poemas de Allen Ginsberg, e ela está relendo o poema dos girassóis, talvez pela centésima vez, mais e mais convencida de que os versos falam sobre ela. Bem, não *literalmente*. Sabe que os versos na verdade falam sobre Allen Ginsberg sentado nas colinas de Berkeley, olhando para a água, deprimido. Mas, quanto mais lê o poema, mais se reconhece nele. Quando Ginsberg escreve sobre as “nodosas raízes metálicas das árvores do maquinário”, poderia muito bem estar descrevendo a usina da ChemStar. A “água oleosa no rio” podia muito bem ser o Mississippi. E a plantação de girassóis descrita poderia muito bem ser este milharal de Iowa diante de Faye, separado da escola por uma raquítica cerca de arame farpado, o campo recentemente arado e semeado, um manto ondulado de terra preta, úmida e escorregadia. Quando as aulas recomeçarem, após as férias de outono, o campo estará cheio de espigas espadaúdas, empertigadas, em suas armaduras de grão amarelo, prontas para serem cortadas, prontas para tombar, abatidas após serem golpeadas no joelho. Faye continua sentada, esperando que a orquestra comece a tocar, e pensa sobre a colheita; pensa em como as colheitas sempre a deixam triste, como os milharais em novembro parecem campos de batalha, as pálidas espigas cortadas parecendo ossos, talos de milho meio enterrados no solo, as pontas parecendo fêmures pontudos. Depois disso, a gélida aproximação de mais um inverno em Iowa: a neve fina encerrando o outono, a primeira geada

de novembro, a transformação da paisagem em uma tundra desolada em janeiro. Faye tenta imaginar como será o inverno em Chicago, e imagina que seja melhor, menos frio, aquecido pelo trânsito, o movimento, o concreto e a eletricidade, por todos aqueles cálidos corpos humanos.

Através da parede, ela escuta o esganiçar de uma flauta, o som lhe traz lembranças e ela sorri. Faye tinha sido musicista um dia — tocava um instrumento de sopro, tocava sua própria flauta. Foi uma das coisas que ela abandonou após os ataques de pânico começarem.

Era assim que os médicos chamavam: *ataques de pânico* — termo que, aos ouvidos de Faye, não era nada preciso. Não se sentia entrando em pânico: seria mais preciso dizer que alguém estava desativando, metódica e forçosamente, todo o seu corpo. Como uma fileira de televisões sendo desligadas uma por uma — as imagens se encolhendo até virarem pontinhos em cada tela antes de desaparecerem por completo. Era assim que se sentia no início do ataque, quando a visão se estreitava e ela só conseguia enxergar e focalizar um único e pequeno objeto, um ponto na vastidão do campo, em geral seus sapatos.

No início, ao que parece, os ataques só aconteciam quando ela desagradava seu pai, quando fazia algo que o irritava — como no dia em que levou os meninos ao abrigo antibombas. Mais tarde, contudo, os ataques passaram a ocorrer em momentos em que ela *poderia* desagradá-lo, quando havia uma *oportunidade* de falhar na frente dele, mesmo que não houvesse falhado ainda.

Por exemplo: o concerto.

Faye havia entrado na orquestra da escola após escutar uma envolvente gravação de *Pedro e o lobo*. Queria tocar violino, talvez violoncelo, mas só havia vagas para instrumentos de sopro. Deram-lhe um oboé, escuro e opaco, a tinta gasta em alguns pontos, com chaves que haviam sido prateadas, mas agora tinham uma cor marrom-clara, e com um longo e fundo arranhão percorrendo todo o corpo do instrumento. Aprender a tocar oboé foi uma calamidade de grasnidos e uivos, notas erradas, seus dedinhos rosados escorregando nas chaves porque ainda não se moviam

independentemente do restante das mãos. Mesmo assim, ela gostou. Era o oboé que dava a nota de afinação, no início do ensaio, e ela gostava disso. Gostava daquela sensação de constância, do forte e firme lá produzido por seu oboé, ancorando o restante da orquestra. Gostava da postura austera em que tinha de tocá-lo, sentada com as costas eretas, segurando o instrumento à sua frente, os cotovelos em ângulos retos. Gostava até mesmo dos ensaios. Da camaradagem. Todos trabalhando por um objetivo comum. O sentimento geral de grande realização artística. O magnífico som que conseguiam produzir juntos.

Em seu primeiro concerto, cada músico teria uma pequena apresentação solo. Faye ensaiou seu número durante meses, até internalizar as notas, até conseguir tocar perfeitamente, sem olhar a partitura. Na noite da apresentação, usava uma roupa bonita, olhou em direção à plateia e viu sua mãe, que acenou, e seu pai, que estava lendo a programação. Havia algo na concentração dele, algo na sisez com que examinava o folheto, na forma como o inspecionava, que aterrorizou Faye.

Um pensamento surgiu em sua cabeça: *E se eu estragar tudo?*

Era uma possibilidade que Faye jamais havia considerado. E, de repente, já não podia invocar aquele mesmo poder mágico que invocara nos ensaios. Não conseguia tranquilizar a mente, não conseguia relaxar como nos ensaios. Suas mãos ficaram frias e os dedos, úmidos. Quando chegou o intervalo, estava com dor de cabeça, dor no estômago, e havia manchas de suor nas axilas. Sentiu uma urgência de fazer xixi, mas, chegando ao banheiro, descobriu que não conseguia. Então, na segunda metade do concerto, começou a sentir uma tontura e um aperto no peito. Quando o regente apontou a batuta, dando a deixa para o solo de Faye, ela não conseguiu tocar. O ar estava preso em sua garganta. Tudo o que conseguiu foi soltar um gritinho agudo, um chiado breve e desamparado. Agora todos os rostos se viraram em sua direção. Todos estavam olhando. Faye escutou música vindo de algum lugar, mas parecia vir de muito longe, como se estivesse debaixo d'água. A luz no auditório pareceu diminuir. Ela olhou fixamente para os sapatos. Caiu da cadeira. Apagou.

Os médicos disseram que não havia nada de errado com ela.

— Nada do ponto de vista médico — acrescentaram rapidamente.

Fizeram-na respirar em um saco de papel e diagnosticaram uma “condição nervosa crônica”. Seu pai olhou para ela, mortificado e aflito.

— Por que você fez isso? — questionou ele. — Com toda a cidade olhando!

E isso incendiou sua mente e a deixou nervosa outra vez: a frustração de Frank, causada pelo ataque de pânico, combinou-se com o medo que ela sentia de ter outro ataque, na frente dele.

Então Faye começou a ter ataques de pânico em situações que nada tinham a ver com seu pai, em momentos que pareciam inocentes, estáveis e calmos. Às vezes, no meio de uma conversa normal, aquele pensamento tóxico aparecia de repente, sem motivo algum: *E se eu estragar tudo?*

E as coisas alegres que Faye estava dizendo um segundo antes do ataque eram subitamente elevadas a proporções catastróficas: estaria sendo estúpida, insensível, imbecil, chata? Toda conversa se transformava em um terrível teste, no qual ela poderia facilmente fracassar. Era inundada por um sentimento de fatalidade, combinado com aqueles mecanismos biológicos que instruíam seu corpo de que não havia saída, era hora de lutar ou de fugir — dores de cabeça, arrepios, rubores, suores, hiperventilação, cabelos eriçados —, o que tornava tudo ainda mais doloroso, porque a única coisa pior do que ter um ataque de pânico era saber que alguém estava vendo.

Ocasões em que falhava na frente dos outros, ou situações em que sentia a *chance* de falhar na frente dos outros — tudo podia desencadear um ataque. Isso não acontecia *sempre*, mas acontecia às vezes. Era frequente o bastante para que ela adotasse certo mecanismo de defesa: tornou-se uma pessoa que nunca estragava nada.

Uma pessoa que *nunca falhava em coisa alguma*.

Era fácil: quanto mais medo Faye sentia internamente, mais perfeita era por fora. Para neutralizar qualquer crítica possível, fazia tudo de forma irretocável. Atraía a simpatia das pessoas, sendo exatamente o que elas desejavam que fosse. Tirava a nota máxima

em todas as provas. Ganhava todos os prêmios acadêmicos oferecidos pela escola. Quando a professora mandava a turma ler o capítulo de um livro, Faye se adiantava e lia o livro inteiro. Depois lia todos os livros daquele autor que estivessem disponíveis na biblioteca municipal. Destacava-se em todos os assuntos. Era uma aluna-modelo, uma cidadã exemplar, frequentava a igreja, fazia trabalho voluntário. Todos diziam que tinha uma cabeça muito boa. Era fácil gostar dela: escutava com atenção, sem fazer exigências nem críticas. Estava sempre sorrindo, sempre assentindo, era sempre agradável. Era difícil não gostar dela, porque não havia nada para se desgostar — era afável, dócil, muito discreta, reservada, complacente, cordial. Ao que parecia, sua personalidade não tinha arestas pontudas. Todos concordavam que Faye era *muito legal, muito mesmo*. Para os professores, era a imagem da aluna aplicada, o gênio silencioso no fundo da sala. Faziam-lhe elogios em profusão durante as reuniões, mencionando especialmente sua disciplina e sua motivação.

Tudo isso, Faye sabia, era um elaborado jogo mental. Sabia que, lá no fundo, era uma farsa, nada além de uma garota comum e medíocre. Se parecia que tinha habilidades únicas, era só porque se esforçava mais que os outros, pensava ela, e o necessário para que o restante do mundo visse a verdadeira Faye, a Faye real, era *um* único fracasso. Por isso, ela jamais falhava. E, em sua mente, a distância entre a *Faye real* e a *Faye falsa* continuava aumentando, como um navio que se afasta do estaleiro e vai perdendo de vista a terra natal, pouco a pouco.

Isso tudo tinha um custo.

O lado ruim de ser uma pessoa que nunca falha é que você acaba não fazendo coisa alguma em que possa falhar. Jamais faz nada arriscado. Há certa *falta de coragem* em pessoas que parecem boas em tudo o que fazem. Faye, por exemplo, abandonou o oboé. Desnecessário dizer que jamais praticou nenhum esporte. Teatro também estava fora de cogitação, obviamente. Recusava quase todos os convites para festas, encontros, tardes à beira do rio, noites regadas a álcool em torno da fogueira, no quintal de algum

conhecido. Faye tinha de admitir que, àquela altura, como resultado, ela não tinha absolutamente nenhum amigo íntimo.

Em sua memória, candidatar-se ao Chicago Circle foi a primeira coisa arriscada que fez. E, em segundo lugar, dançar daquele jeito no baile da escola. Agarrar Henry do jeito que agarrou no parquinho. Arriscado. E agora sentia-se punida por isso. A cidade se ressentia dela e Henry a humilhara — esse era o preço por ter se afirmado.

O que havia mudado? O que lhe inspirara essa nova audácia? Na verdade, fora um verso deste poema, o poema de Ginsberg sobre os girassóis, um verso que parecia escrito exatamente para ela, um súbito golpe que a arrancou da letargia. Resumia a forma como se sentia sobre a vida, antes que ela própria percebesse esse sentimento:

Pobre flor morta? quando esqueceste que eras uma flor?

Quando ela esqueceu que era capaz de fazer coisas audaciosas? Quando esqueceu que coisas audaciosas estavam sempre em efervescência dentro dela? Faye folheia o livro até a última página e observa novamente a foto do autor. Lá está ele, vistoso e esbelto, rosto jovem, cabelo curto levemente desgrenhado, rosto bem barbeado, usando uma camisa branca folgada enfiada na cintura da calça, óculos redondos com armação de tartaruga, parecidos com os de Faye. Ginsberg está de pé no alto de um telhado em algum lugar em Nova York — atrás dele, as antenas da cidade, e atrás das antenas, as formas nebulosas dos arranha-céus.

Ao descobrir que Ginsberg lecionaria como professor convidado no Circle no ano letivo seguinte, Faye se candidatou imediatamente a uma vaga na faculdade.

Faye se inclina na direção da parede de tijolos. Como seria estar na presença dele, deste homem tão vasto e profuso? Ela fica nervosa imaginando o que faria durante as aulas dele; teria um surto, provavelmente. Um ataque de pânico bem no meio da aula.

Seria então como o desolado narrador do poema dos girassóis:
Velha coisa maltratada e profana.

Mas agora a orquestra está voltando.

Os músicos estão se reunindo, se aquecendo, e Faye escuta os preparativos. Ouve a cacofonia. Sente-a percorrer sua coluna, encostada na parede. E, ao virar o rosto para aproximá-lo dos tijolos mornos, avista um movimento lá na ponta do prédio: *Alguém acaba de dobrar a esquina.* Uma garota. Pulôver leve de algodão azul, cabelos louros num penteado elaborado. Faye logo percebe que é Margaret Schwingle. Está mexendo na bolsa, pegando um cigarro, acende-o, solta a primeira tragada com um delicado *fuuu*. Ainda não a viu, mas logo vai ver, e Faye não quer ser flagrada fazendo o que está fazendo. Devagar, para não agitar os arbustos ao seu redor, Faye põe a mão na mochila e troca a coletânea de Ginsberg pelo primeiro livro que encontra: *A ascensão da nação americana*, o livro de história usado na escola. Na capa, há uma estátua de Thomas Jefferson cercada por uma brilhante moldura monocromática verde-azulada. Faye pega o livro pois sabe que, quando Margaret a alcançar — coisa que acontece rapidamente —, vai perguntar:

— O que você está fazendo?

E então Faye pode responder:

— Dever de casa.

— Ah — dirá Margaret.

A informação lhe parece autêntica, pois todo mundo sabe que Faye é uma menina estudiosa, esforçada, inteligente, do tipo que ganha bolsas. Assim, Faye não precisa explicar seus reais motivos e não precisa dizer que estava ali lendo poesia subversiva e fingindo ser oboísta.

— Dever de quê? — pergunta Margaret.

— História.

— Meu Deus, Faye. Isso é *tão chato*.

— É, é chato mesmo — responde Faye, embora não ache história nem um pouco chata.

— É tudo tão chato — reclama Margaret. — Tudo na escola é chato.

— É horrível — diz Faye, mas receia soar falsa.

Porque, claro, ela adora a escola. Ou, para ser exato, ela adora o fato de ser boa na escola.

— Estou louca para terminar o segundo grau de uma vez — afirma Margaret. — Quero acabar logo com tudo isso.

— É — diz Faye. — Não vai demorar muito.

E esse fato, a iminência do fim do semestre, vem deixando Faye apreensiva. Porque ela ama a clareza que a escola traz à sua vida: o propósito específico, as expectativas óbvias, o fato de que todos a consideram uma boa pessoa porque estuda bastante e tira notas altas. O resto da sua vida, contudo, não será avaliado dessa maneira.

— Você vem sempre aqui para estudar? — pergunta Margaret. — Atrás da escola?

— Às vezes.

O olhar de Margaret se perde no campo negro à sua frente e ela parece pensar sobre aquela informação. Solta suaves espirais de fumaça. Faye a imita, olhando fixamente para a frente e tentando parecer distraída e distante.

— Sabe, eu sempre soube que sou uma pessoa especial. Sempre soube que tenho certos talentos. Que todo mundo gosta de mim — diz Margaret.

Faye assente, talvez para concordar, talvez para mostrar que está interessada e escutando.

— E que eu me tornaria uma mulher especial. Sempre soube disso.

— U-hum.

— Eu era uma criança especial e seria uma pessoa especial quando crescesse.

— Você é especial — diz Faye.

— Obrigada. Eu achava que seria uma mulher especial, que casaria com um homem especial e teria filhos maravilhosos. Sabe? Sempre achei que isso aconteceria. Que esse era o meu destino. Que minha vida seria fácil. Que seria ótima.

— Vai ser ótima — diz Faye. — Todas essas coisas vão acontecer.

— Sim, acho que sim — responde Margaret. Depois, amassa o cigarro no chão. — Mas eu não sei o que quero fazer. Com a minha

vida.

— Nem eu — afirma Faye.

— É mesmo? *Você* não sabe?

— É. Nem tenho ideia.

— Achei que você fosse para a faculdade.

— Talvez. Provavelmente não. Minha mãe não quer que eu vá.

Nem Henry.

— Ah — diz Margaret. — Entendi.

— Talvez eu adie por um ano ou dois. Para as coisas se acalmarem um pouco.

— Isso parece sensato.

— Talvez eu fique aqui mais um pouco.

— Não sei o que eu quero — repete Margaret. — Jules, talvez?

— Claro.

— Jules é maravilhoso. Eu acho. Quer dizer, ele é maravilhoso, maravilhoso mesmo.

— Ele é *tão* perfeito.

— É mesmo, não é?

— Sim!

— Ok — diz ela. — Ok, obrigada!

Então, Margaret se levanta, sacode a roupa para tirar a poeira e se vira para Faye.

— Olha, desculpa por falar essas coisas esquisitas.

— Tudo bem — responde Faye.

— Por favor, não conte para ninguém.

— Não vou contar.

— Acho que os outros não iam entender.

— Não vou contar para ninguém.

Margaret assente e começa a se afastar, mas se detém de repente e se vira de novo para Faye.

— Quer me visitar no fim de semana?

— Visitar? Onde?

— Na minha casa, sua boba. Venha jantar conosco.

— Na sua casa?

— Sábado à noite. É aniversário do meu pai. Vamos fazer uma festa surpresa. Quero que você vá!

— Eu?

— É. Se vai ficar na cidade depois da formatura, não acha que devíamos ser amigas?

— Ah, sim, claro — diz Faye. — Claro. Isso seria superlegal.

— Que bom! — comemora Margaret. — Não conte para ninguém. É uma surpresa.

Ela sorri, então sai andando, dobra a esquina e desaparece.

Faye se encosta na parede novamente e percebe que a orquestra está tocando a todo o vapor. Ela não havia notado. Um som sólido, um poderoso *crescendo*. Está extasiada com o convite de Margaret. Que vitória. Que *choque*. Faye ouve a orquestra e se sente imensa. Abafada pela parede, a música se transforma em uma sensação mais física, tátil: quando não consegue escutar exatamente a melodia, Faye pode senti-la nas vibrações, como ondas. Um rumor. A parede, contra a qual pressiona o rosto, transforma a música em uma experiência diferente. Não é apenas som, mas uma mistura de vários sentidos. Faye percebe a fricção necessária para produzir a música, a batida e o afago nas cordas, na madeira, no couro. Especialmente quando a composição está perto do fim. No ápice, ela consegue *sentir* as notas mais fortes. Não um sentimento abstrato, mas um tremor, como um toque. E agora a sensação lhe desce pela garganta, uma grande pulsação sonora, um estrondo interno. O próprio corpo sussurra.

Acima de tudo, é isto que ela ama: que as coisas a golpeiem de forma muito rápida — a música, as pessoas, a vida —, que a surpreendam de forma muito veloz e repentina, como um soco.

6

ÀS VEZES, A primavera parece despontar por inteiro em um único instante. Árvores florescem, os primeiros brotos verdes se desenrolam nas plantações enlameadas pela chuva, as coisas se renovam, nascem; e, para alguns estudantes do segundo grau, esta é uma época de esperança e otimismo: a colação de grau se aproxima, e as meninas — as que têm namorado fixo, as que devaneiam sobre festas de casamento, jardins e criancinhas — começam a falar sobre almas gêmeas, sobre a sensação que experimentam, sua sina, a inelutável mão do destino, elas sabem, elas têm *certeza*. Olhos suaves e cheios de adoração, uma vibração em seu pulso — Faye sente pena delas e, às vezes, de si mesma. Parece que falta em sua vida uma sensação essencial de *romance*. Para Faye, o amor parece algo arbitrário. Circunstancial. Tanto vale uma coisa como outra, tanto vale um homem como outro.

Henry, por exemplo.

Por que Henry, dentre todos os homens?

Os dois estão sentados na beira do rio, certa noite, jogando pedras na água, mexendo na areia, tentando nervosamente conversar e dizer gracinhas, e o que ela realmente está pensando é: Por que estou aqui, *com ele*?

Simples. Porque Peggy Watson lançou um boato idiota no outono passado.

Após a aula de economia doméstica, Peggy veio correndo falar com Faye, toda segredos e melodrama.

— Descobri um segredo — disse ela, e passou o resto do dia instigando Faye.

Na aula de trigonometria, passou-lhe um bilhete: *Sei de uma coisa que você não sabe*.

— E é coisa boa — disse ela no almoço. — Notícia de primeira. Coisa pra anunciar aos pais.

— Me conta.

— É melhor esperar. Até a aula acabar. É melhor você ouvir sentada.

Peggy Watson, colega desde a segunda série, que morava na mesma rua, pegava o mesmo ônibus para a escola e era a coisa mais próxima de uma “melhor amiga” na vida de Faye. Quando eram crianças, tinham uma brincadeira em que usavam todos os gizes do estojo e blocos inteiros de papel escrevendo “Eu te amo” em diferentes cores, letras e formas. Era ideia de Peggy. Não conseguia parar. Nunca se cansava daquilo. A criação favorita de Peggy era um coração envolvido por um círculo, formado pelas palavras *Eu te amo*.

— Um círculo, sem início nem fim. Entendeu? Não termina nunca. Continua para sempre! — explicou a amiga.

Naquele dia, após a aula, Peggy estava em êxtase, eufórica com os rumores surpreendentes e as notícias alarmantes.

— Tem um menino que gosta de você!

— Não tem, não — disse Faye.

— Tem, sim. Certeza absoluta. Sei de fonte segura.

— Quem te contou?

— Não posso dizer. Jurei guardar segredo.

— Quem é o menino?

— É um menino da nossa turma.

— Qual deles?

— Adivinhe!

— Não consigo adivinhar.

— Consegue, sim! Adivinhe!

— Me conta.

Mas, na verdade, Faye não queria saber. Não queria confusão. Era solteira, andava sempre sozinha e estava perfeitamente satisfeita com isso. Por que as pessoas não a deixavam em paz?

— Tudo bem — concordou Peggy. — Certo. Sem enigmas. Sem joguinhos. Vou contar tudo. Espero que esteja pronta.

Faye confirmou e ficou em silêncio. Peggy também ficou em silêncio, saboreando o momento, olhando fixamente para Faye, cheia de malícia, e Faye padeceu a longa pausa teatral até não aguentar mais:

— Que droga, Peggy!

— Tudo bem, tudo bem. É Henry! Henry Anderson! Ele gosta de você.

Henry. Faye não sabia o que estava esperando, mas certamente não esperava por isso. Henry? Jamais lhe passara pela cabeça ter algo com ele. Na verdade, quase nunca havia pensado sobre Henry.

— Henry — repetiu Faye.

— Sim. Henry. É o destino. O *destino* escolheu vocês. Você nem teria que mudar o sobrenome!

— Teria, sim! Andresen, Anderson, são diferentes.

— Mesmo assim. Ele é uma gracinha.

Faye voltou para casa e se trancou no quarto. Considerou seriamente, pela primeira vez, ter um namorado. Sentou na cama. Não dormiu muito bem. Chorou um pouco. Na manhã seguinte, decidiu que, estranhamente, também gostava muito de Henry. Convenceu a si mesma de que sempre o achara bonito. O físico robusto de *linebacker*. O jeitão tranquilo. Quem sabe ela sempre tenha gostado dele. Na escola, ela o achou diferente — mais rosado, vívido, vistoso. O que ela não imaginava é que Peggy fizera a mesma coisa com Henry. Atormentara-o o dia inteiro, insinuando que certa garota gostava dele. Mais tarde, revelou que era Faye. Chegando à escola, Henry olhou para Faye e a achou linda e perguntou a si mesmo: como é que eu nunca notei antes? Tão elegante e modesta. Como eram ardentes aqueles olhos, atrás dos grandes óculos redondos.

Começaram a namorar pouco tempo depois.

O amor é assim, Faye conclui agora. Amamos as pessoas porque elas nos amam. É uma coisa narcisista. O melhor é tratar esse assunto com pragmatismo, em vez de se embaralhar em abstrações como *destino*. Peggy, afinal de contas, podia ter escolhido qualquer outro menino na escola.

Isso é o que passa por sua cabeça na beira do rio, onde Henry a trouxe esta noite para, acredita ela, pedir desculpas. Ele vinha agindo com timidez desde aquela noite no parquinho. Desde o incidente após o baile. Eles falam no assunto, mas de forma tortuosa. Não dizem nada específico. “Me desculpe por... você sabe”, diz ele, e Faye sente pena, vendo o jeito como ele se curva e se

encolhe sempre que toca no assunto. Nos últimos dias, Henry a irritara com seu jeito arrependido, penitente. Levou sua mochila no caminho para casa, andou sempre um passo atrás dela, cabisbaixo, comprou ainda mais flores e bombons. Às vezes, em surtos de autopiedade, ele dizia coisas como “Deus do Céu, como eu sou idiota!”. Ou então ele a convidava para ir ao cinema e, antes que Faye pudesse responder, dizia algo como “Quer dizer, se você ainda quiser ser minha namorada”.

É tudo arbitrário. Caso Faye estudasse em outra escola. Caso os pais dela tivessem se mudado de cidade. Caso Peggy tivesse ficado doente naquele dia. Caso tivesse escolhido outro rapaz. E assim por diante. Em mil permutações, em um milhão de possibilidades, Faye não estaria ali sentada na areia com Henry.

Hoje ele parece estar com os nervos à flor da pele, cerrando e abrindo os punhos, agarrando areia, atirando pedras na água. Ela dá um gole na garrafa de Coca-Cola e fica em silêncio. Henry planejou as coisas até este ponto: levar Faye até ali, à beira do rio. Agora não sabe mais o que fazer. Anda pra lá e pra cá, meio cambaleante, espanta um inseto em frente ao rosto, então se senta, rijo e tenso como um cavalo nervoso. Isso a irrita, esse tormento. Ela bebe a Coca-Cola.

O rio cheira a peixe esta noite — um cheiro rançoso e acre como leite estragado e amônia —, e Faye pensa naquela vez em que andou de barco com seu pai. Frank a estava ensinando a pescar. Era importante para ele. Sabia pescar desde pequeno. Esse era seu trabalho quando era menino. Mas ela não gostava de pescar. Não conseguia sequer colocar a minhoca no anzol sem chorar — o jeito como a minhoca se enrolava em seu dedo e a gosma marrom que jorrava ao ser perfurada.

Henry a faz pensar naquela minhoca, agora: pronto a rebentar.

Olham para o rio, para a chama azul na usina de nitrogênio, para a lua, a luz que incide na água e se fragmenta. Uma garrafa emerge e afunda de novo, a uns dez metros de distância. Um inseto voa zunindo próximo a seu rosto. Ondas batem na margem num ritmo constante e, quanto mais tempo passa, mais Faye se convence de que o rio parece *respirar* — contraindo-se, expandindo-se,

investindo, recuando; e a água parece afagar as rochas ao retroceder.

Finalmente, Henry se vira para ela e fala.

— Olha, escuta, eu queria pedir uma coisa a você.

— Claro.

— Mas... não sei se posso. Não sei se posso pedir isso.

— Por que não? — pergunta ela.

Então, vira-se para ele, olha-o com atenção e percebe que há muito tempo não faz isso, há muito tempo não olha *de verdade* para ele. Quanto tempo? Desde o início da noite, talvez? Durante todo esse tempo, ela evitou encará-lo, constrangida pelo nervosismo de Henry, odiando-o um pouco, e agora, quando finalmente o olha, Faye o acha carrancudo e assustador.

— Eu queria... — começa ele, mas para.

Não termina a frase. Em vez disso, se inclina para Faye e a beija.

Beija *com intensidade*.

Beija-a como a havia beijado aquela noite, no parquinho, e isso a surpreende — o súbito gosto dele, o calor de seu corpo pressionando o dela, o cheiro oleoso de suas mãos agarrando o rosto de Faye. É chocante, essa agressividade, o jeito como a boca dele invade a dela, a língua se enfiando entre os lábios. Ele a beija como se fosse um *combate*. Faye cai de costas na areia e Henry se aperta contra ela, em cima dela, ainda segurando-lhe o rosto, beijando-a com ímpeto. Não está sendo rude, não exatamente. Está sendo dominador. O primeiro impulso de Faye é se encolher de medo. Ele a aperta, esmaga seu corpo contra o dela. Seus dentes se entrechocam, mas ele não para. Henry nunca lhe pareceu tão poderosa e selvagememente *masculino* como agora. Faye não consegue se mexer sob o peso dele, e agora sente outra exigência de seu corpo — sua pele está fria, a barriga cheia de refrigerante, ela precisa arrotar. Precisa se desvencilhar e sair correndo.

E, bem nesse momento, ele para, recua alguns centímetros e olha para ela. Henry, ela agora percebe, está sofrendo. Sua expressão está contraída, cheia de vincos. Ele a encara com olhos enormes, desesperados, suplicantes. Está esperando que ela proteste. Esperando que ela diga *não*. E ela está prestes a dizer *não*, mas se

contém. E este é o momento que ficará em sua cabeça, mais tarde, depois que tudo estiver acabado, depois que Henry a levar para casa, durante a longa noite que passará acordada, pensando sobre o que aconteceu até o raiar do dia, este é o momento que a deixará mais confusa: que ela teve a chance de escapar, mas não escapou.

Ela não diz *não*. Fica em silêncio. Simplesmente olha nos olhos de Henry. Talvez, embora não tenha certeza disso, talvez ela tenha até feito com a cabeça: *Sim*.

Então Henry recomeça, com vigor redobrado. Beija-a, lambe sua orelha, morde seu pescoço. Põe a mão lá embaixo, e Faye escuta o desfazer de vários mecanismos: cinto, fivela, zíper.

— Feche os olhos — pede ele.

— Henry.

— Por favor. Feche os olhos. Finja que está dormindo.

Faye olha para ele de novo; o rosto de Henry está a alguns centímetros de distância, os olhos fechados. Alguma coisa o consome, alguma necessidade impronunciável.

— Por favor — diz ele, para então pegar a mão dela e guiá-la até lá embaixo.

Faye endurece o braço, tentando fracamente resistir, até que ele repete:

— Por favor.

Henry puxa com mais força, e ela amolece a mão e deixa que ele faça o que quiser. Ele puxa uma coisa de dentro das calças e guia a mão de Faye pelo resto do caminho, entre as dobras de tecido, sob a cueca. Ao tocá-lo, se contrai.

— Não abra os olhos — diz ele.

E ela não os abre. Sente Henry se movendo, aquela parte do seu corpo deslizando entre os dedos dela. É uma sensação abstrata, distante do mundo real. Henry aperta o rosto contra o pescoço dela e mexe os quadris para a frente e para trás, e agora Faye percebe que ele está chorando, em soluços suaves e curtos, lágrimas mornas formando uma poça no pescoço dela.

— Me desculpa — diz ele.

E Faye acha que talvez devesse se sentir humilhada, mas o que realmente sente é pena. Sente pena de Henry, de seu desespero e

sua culpa, destroçado por desejos elementares, sente pena dele por ter agido de forma tão desastrada e incompetente. Então ela se abraça nele e aperta a mão com mais força e, de repente, com um grande estremecimento e um jorro morno, tudo está terminado.

Henry desaba, geme, deita no ombro de Faye e chora.

— Me desculpa — continua dizendo.

O corpo de Henry se aninha contra ela e, enquanto isso, entre os dedos de Faye, o volume rapidamente encolhe.

— Me desculpa, me desculpa mesmo — volta a dizer.

Faye diz que está tudo bem. Afaga seu cabelo e o abraça, enquanto os soluços balançam todo o corpo dele.

Não pode ser a isso que as pessoas se referem quando falam em *amor, romance e destino*. Não, todas essas coisas são ornamentos, Faye conclui, decorações escondendo este fato solitário e soturno: a força que comandava Henry esta noite não era o amor, mas a catarse, a velha e simples busca por um alívio bestial.

Henry soluça contra o peito de Faye. A mão dela está fria e pegajosa. *Amor verdadeiro*, pensa ela. E quase ri.

7

HÁ DUAS CONDIÇÕES para que Faye vá jantar com os Schwingle, diz Margaret. A primeira delas é buscar um embrulho na farmácia. A segunda é não contar nada a ninguém.

— O que tem no embrulho? — pergunta Faye.

— Ah, nada importante. E alguns doces — diz Margaret. — Chocolate, esse tipo de coisa. Bombons. Meu pai não quer que eu coma esse tipo de coisa. Diz que eu preciso cuidar do peso.

— Você não precisa cuidar do peso.

— Foi o que eu disse! Muito injusto, não acha?

— *Muito* injusto.

— Obrigado — diz ela, e depois alisa a saia, um gesto que parece ter herdado da mãe. — Então, quando for pegar o embrulho, pode fazer de conta que é pra você?

— Claro. Sem problema.

— Obrigado. Já paguei pelos doces. Coloquei o pedido no seu nome, pra não ter que ouvir sermão.

— Entendo.

— O jantar vai ser uma surpresa para o meu pai. Então, quando falar com ele, diga que tem um encontro hoje. Com Henry. Daí meu pai não vai desconfiar de nada.

— Tudo bem.

— Melhor ainda, diga *a todo mundo* que tem um encontro hoje.

— Todo mundo?

— É. Não conte a ninguém que vai jantar conosco.

— Tá bom.

— Se as pessoas souberem que você vai à nossa casa, meu pai poderia descobrir e ficaria desconfiado. E você não ia querer estragar a surpresa, certo?

— Claro que não.

— Se contar a alguém, o meu pai certamente vai ficar sabendo. Ele conhece *todo mundo*. Não contou a ninguém ainda, certo?

— Não.

— Ok, ótimo. Então, não esqueça. Pegue o embrulho na farmácia. E diga que tem um encontro com Henry.

A festa seria inesquecível. Margaret prometeu que haveria balões, serpentinas, a famosa musse de salmão preparada por sua mãe, um bolo com três camadas diferentes, sorvete de baunilha caseiro, talvez até pegassem o conversível no fim da noite e saíssem sem ninguém notar para um passeio às margens do rio. Faye está se sentindo uma pessoa especial por ter sido escolhida para o evento.

— Obrigado por me convidar — diz Faye

Margaret responde tocando suavemente em seu ombro:

— Eu não convidaria mais ninguém.

Ao entardecer, no dia da festa, Faye está em seu quarto tentando escolher entre duas versões do mesmo modelo, dois vistosos vestidos de verão — um verde, outro amarelo. Ambos foram comprados para ocasiões especiais que Faye já não recorda. Provavelmente alguma coisa relacionada à igreja. Faye olha para o espelho e segura um vestido em frente ao corpo, depois outro.

Em cima da cama, espalhados sobre os lençóis e travesseiros, há vários papéis do Chicago Circle. Documentos e formulários que, uma vez preenchidos, vão lhe garantir um lugar, oficialmente, na turma de calouros de 1968. Precisa remetê-los pelo correio em uma semana para respeitar o prazo. Já preencheu a papelada, a caneta, em sua caligrafia mais caprichada. Todas as noites, ela espalha os papéis sobre a cama, os livrinhos e os panfletos, esperando que lhe digam alguma coisa, esperando ver algo que a convença, finalmente, a ir ou ficar.

Sempre que está quase chegando a uma decisão, novas preocupações a empurram na direção contrária. Então ela lê outro poema de Ginsberg e pensa: *Eu vou para Chicago*. Olha os livrinhos, lê sobre o campus futurista e se imagina em um lugar cheio de estudantes homogeneamente sérios e inteligentes, que não vão olhá-la de jeito esquisito só porque tirou dez em uma prova de álgebra, e então ela pensa: *Definitivamente, eu vou para Chicago*. Mas em seguida imagina a reação das pessoas da cidade caso ela vá, ou, pior ainda, caso ela precise voltar, e isso seria a coisa mais

humilhante do mundo, se ela não desse certo em Chicago e tivesse que voltar para casa, porque aí a cidade inteira ficaria fofocando e lançando olhares coletivos de desprezo. Ela imagina tudo isso e pensa: *Vou ficar em Iowa.*

E assim a coisa se prolonga, nesse pêndulo terrível.

Mas agora ela pode tomar pelo menos uma decisão: o vestido amarelo. Amarelo parece a cor mais festiva, ela pensa, a mais apropriada a um aniversário.

No andar de baixo, encontra a mãe assistindo ao noticiário. Notícias sobre os protestos estudantis, de novo. Mais uma noite, mais uma universidade ocupada. Os alunos lotam os saguões e se recusam a sair. Invadem os gabinetes do reitor e do diretor. Dormem lá, no mesmo lugar em que os funcionários trabalham.

Assiste a tudo isso na televisão, a mãe de Faye, boquiaberta perante os estranhos acontecimentos do mundo. Com o olhar fixo em Walter Cronkite, todas as noites, sentada na poltrona. Os últimos eventos parecem coisa de outro mundo: ocupações, badernas, assassinatos.

“A vasta maioria dos estudantes universitários não é militante”, explica o repórter, que está entrevistando uma menina com penteado bonito e suéter leve de lã, e ela explica que os outros universitários discordam dos extremistas. “Só queremos ir à aula, tirar boas notas e apoiar nossos soldados lá fora”, diz ela, sorrindo.

Corta para um enquadramento em grande angular, mostrando um saguão cheio de estudantes: barbudos, de cabelos compridos, desgrenhados, gritando palavras de ordem, tocando música.

— Meu Deus. Olhe pra eles. Parecem vagabundos — aponta a mãe.

— Vou dar uma saída — avisa Faye.

— Provavelmente eram meninos bons, no início. Provavelmente se meteram com as companhias erradas.

— Tenho uma festa hoje.

Sua mãe finalmente olha para ela.

— Bem. Você está muito bonita.

— Vou voltar às dez.

Faye passa pela cozinha, onde seu pai está atarraxando a tampa da cafeteira. Ele está passando um café e preparando um sanduíche antes de partir para o turno noturno na ChemStar.

— Tchau, pai — diz ela, e acena rapidamente.

Ele está de uniforme, um macacão cinza com o logotipo da ChemStar: um C e um S entrelaçados no peito. Faye costumava fazer piada, dizendo que bastava tirar o C para seu pai parecer o Super-Homem. Mas há muito tempo não fazem esse tipo de brincadeira.

Está abrindo a porta da rua quando o pai a interrompe:

— Faye.

— Sim?

— Os caras na fábrica estão fazendo perguntas sobre você.

Faye para na soleira, um pé dentro de casa, outro na rua. Olha para trás e encara o pai.

— Fazendo perguntas? Por quê?

— Querem saber da bolsa que você ganhou — explica ele, enquanto a cafeteira começa a estremecer. — Estão querendo saber quando você parte para a faculdade.

— Ah.

— Tínhamos combinado que você não ia contar a ninguém.

Ficam em silêncio por um momento, Frank escavando a crosta de café com uma colher, Faye com a mão na maçaneta.

— Não é uma coisa de que precise se envergonhar — diz ela. — O fato de eu ter ganhado uma bolsa, de ir estudar fora. Isso não é... ser exibido. Foi isso que você tinha dito?

Então Frank para de mexer na cafeteira, olha para ela e sorri aquele seu sorriso tenso.

— Faye — diz ele.

— Ganhar uma bolsa é... sei lá. *Fazer um bom trabalho*, talvez? Não é ser exibido.

— Fazer um bom trabalho, muito bem. Por acaso todo mundo ganha essa bolsa?

— Não, claro que não.

— Então você é uma pessoa especial. É diferente dos outros.

— Tive que me esforçar, tirar notas boas.

— Teve que ser melhor que todos os outros.

— Sim, tive.

— Isso é orgulho, Faye. Ninguém é melhor que ninguém. Ninguém é especial.

— Não é orgulho. É... a verdade. Eu *tirei* as melhores notas, eu *tive* a melhor avaliação. Eu. É um fato objetivo.

— Lembra a história que eu contei? Sobre o espírito da casa? O *nisse*?

— Sim.

— E a menininha que comeu a refeição do *nisse*?

— Eu lembro.

— Ela não foi castigada porque roubou a comida do *nisse*, Faye. Foi castigada porque achou que merecia comer.

— Você não acha que eu mereço ir para a universidade?

Frank solta uma risadinha, olha para o teto e balança a cabeça.

— Sabe, a maioria dos pais não tem que passar por isso. Ensinam as filhas a valorizar o trabalho duro e o dinheiro suado. Espantam os meninos mal-intencionados e compram uma enciclopédia. Mas você? Você reclama se o livro é *mal traduzido*.

— O que quer dizer com isso?

— Todo mundo já acha você importante. Não precisa provar isso indo para Chicago.

— Não é *por isso* que eu quero ir.

— acredite em mim, Faye. É uma ideia ruim, isso de sair de casa. Você devia ficar no lugar em que nasceu.

— Você não ficou. Você saiu da Noruega e veio para cá.

— Então eu sei do que estou falando.

— Você acha que foi um erro? Preferia ter ficado lá?

— Você não entende nada.

— Eu *mereço* isso.

— O que você acha que vai acontecer, Faye? Acha mesmo que o mundo vai tratar você bem só porque se esforçou? Acha que o mundo lhe deve alguma coisa? Acontece que o mundo não vai lhe dar absolutamente nada. — Frank se vira para cuidar do café. — Não importa se seu boletim está cheio de notas máximas, não importa em qual faculdade você estuda. O mundo é cruel.

Enquanto dirige em direção à farmácia, Faye ainda está furiosa. Furiosa com o cinismo do pai. Furiosa porque aquilo que sempre lhe rendeu mais elogios — ser uma boa aluna — agora atrai hostilidade. Sente-se traída, ludibriada por alguma promessa implícita feita muito tempo atrás.

E pensa que o iminente encontro com a sra. Schwingle talvez seja providencial. Pois, se há alguém nesta cidade que não acusaria Faye de ser pretensiosa, é a sra. Schwingle, que está sempre se gabando de suas viagens ao exterior e venera qualquer modismo seguido pelas elegantes damas da Costa Leste. Entre todas as pessoas, a sra. Schwingle certamente seria solidária com ela.

Faye chega à farmácia e caminha até o balcão, onde encontra Harold Schwingle com uma prancheta na mão, contando potes de aspirina.

— Oi, dr. Schwingle — cumprimenta ela.

O farmacêutico a observa com ar severo e frio por um tempo que parece estranhamente longo. É alto e robusto, o cabelo cortado em impecável estilo militar.

— Vim aqui buscar meu pedido — diz Faye.

— Sim, creio que sim.

Ele caminha até algum lugar no fundo da sala e fica lá por um tempo que parece demasiado longo. Das minúsculas caixas acústicas, uma banda sinfônica toca valsa. O aromatizador automático de ar emite um *tssss* e, poucos segundos depois, um perfume enjoativo e sintético de lilases se espalha pelo ar. Não há mais ninguém na farmácia. As luzes no teto piscam e zunem. No balcão, broches da campanha presidencial de Richard Nixon a encaram, sisudos.

Ao voltar, o sr. Schwingle está trazendo uma sacola de papel escuro fechada com grampeador. Solta-a de forma não exatamente gentil, no lado de dentro do balcão, de modo que, para o apanhar, Faye precisa se esticar.

— É para você? — pergunta o farmacêutico.

— Sim, senhor.

— É mesmo? Você jura, Faye? Não está comprando para alguma outra pessoa, está?

— Ah, não, senhor, é para mim mesma.

— Se for para outra pessoa, pode me contar. Seja honesta.

— Juro por Deus, dr. Schwingle. É para mim.

Então ele inspira de um jeito dramático, que pode ser interpretado como irritação ou decepção.

— Você é uma boa menina, Faye. O que aconteceu?

— Como assim?

— Faye, eu sei o que tem neste embrulho. E acho que você deve pensar melhor.

— Pensar melhor?

— Sim. Vou lhe vender isso porque é minha obrigação. Mas também tenho a obrigação, a obrigação moral, de lhe dizer que isso é um erro.

— O senhor é muito gentil, mas...

— Um *grande* erro.

Faye não estava preparada para a intensidade desse diálogo.

— Me desculpe — diz ela, sem saber pelo que está se desculpando.

— Sempre achei que você fosse uma menina responsável. Henry já sabe?

— Claro. Tenho um encontro com ele hoje à noite.

— Tem, é?

— Sim. Vamos sair — explica ela, conforme foi instruída.

— Ele a pediu em casamento?

— O quê?

— Se ele fosse um cavalheiro, já a teria pedido em casamento a esta altura.

Essa crítica faz com que Faye entre na defensiva. Sua próxima resposta soa dissimulada:

— Tudo tem sua hora certa.

— É melhor pensar no que está fazendo, Faye.

— Tudo bem. Muito obrigado. Até mais.

Ela se inclina sobre o balcão, fechando os dedos ao redor do embrulho de papel escuro com um ruído alto e desagradável. Não sabe o que está acontecendo ali, mas quer que acabe logo.

Dirige velozmente à residência dos Schwingle, uma construção grandiosa no alto de um penhasco à beira do rio Mississippi, rara elevação em meio às suaves ondulações da planície. O carro segue por uma trilha entre as árvores em direção à casa que, inesperadamente, parece escura. As luzes estão apagadas e tudo está em silêncio. Faye entra em pânico. Será que se enganou com a data? Ou deviam se encontrar em outro lugar antes? Está considerando a hipótese de voltar para casa e telefonar para Margaret quando a porta da frente se abre e lá vem ela, Margaret Schwingle, em uma calça de moletom e uma camisa larga, com os cabelos de um jeito que Faye nunca vira antes: totalmente rebeldes, amontoados em um lado da cabeça, como ela tivesse dormido em cima deles.

— Trouxe o pacote? — pergunta ela.

— Sim.

Faye lhe entrega a sacola de papel farfalhante.

— Obrigada.

— Margaret, está tudo bem?

— Sinto muito. Não podemos jantar hoje — diz ela.

— Tudo bem.

— Você tem que ir pra casa agora.

— Você está bem mesmo? Tem certeza?

Margaret agora está olhando fixamente para os próprios pés. Não encara Faye.

— Eu sinto muito. Por tudo.

— Não estou entendendo.

— Escute — interpõe Margaret, e agora encara Faye pela primeira vez. Empertiga-se e levanta o queixo, tentando parecer durona. — Ninguém viu você vir aqui hoje.

— Eu sei.

— Lembre disso. Não pode provar que esteve aqui.

Então Margaret se despede com um aceno de cabeça, dá meia-volta e se afasta, trancando a porta atrás de si.

8

EM 1968, NA pequena cidade ribeirinha onde Faye morava, em Iowa, as garotas cursando o último ano do segundo grau conheciam — embora jamais falassem a respeito — vários métodos para se livrar de bebês indesejados e não planejados. Alguns desses métodos em geral eram malsucedidos; outros não passavam de superstições; alguns requeriam treinamento médico avançado; outros eram horríveis demais para serem considerados.

Os mais atrativos, claro, eram aqueles que podiam ser feitos sem culpa, sem nenhum aparato ou substância química. Pedalar por longas distâncias. Pular de uma grande altura. Alternar banhos quentes e banhos frios. Colocar uma vela na barriga e deixar que queimasse até o fim. Ficar de ponta cabeça. Cair nas escadas. Socar a própria barriga repetidas vezes.

Quando esses recursos falhavam — o que quase sempre acontecia —, as garotas passavam para novas técnicas, remédios que não chamariam muita atenção. Coisas simples, sem prescrição médica. Ducha vaginal com Coca-Cola, por exemplo. Ou com desinfetante. Ou com iodeto. Ingerir quantidades insanas de vitamina C. Ou de ferro. Encher o útero com soro fisiológico, ou com uma mistura de água e sabão de bórax. Beber estimulantes uterinos. Ou óleo de cróton. Calomelano. Extrato de sene. Ruibarbo. Sulfato de magnésio. Ervas que desencadeiam ou intensificam o fluxo menstrual, como salsinha. Ou camomila. Gengibre.

A quinina também era eficaz, de acordo com muitas avós.

Levedura de cerveja. Artemísia. Óleo de rícino. Lixívia.

Então havia aqueles outros métodos, coisas que só as mais desesperadas considerariam usar. Bomba de ar para bicicletas. Aspirador de pó. Agulha de tricô. Cabo de guarda-chuva. Pena de ganso. Cateter. Terebintina. Querosene. Alvejante.

Somente as mais desesperadas usavam essas coisas, as mais solitárias e isoladas, aquelas que não tinham amigas que conheciam

médicos para arranjar itens de farmácia. Methergin. Estrogênio sintético. Extrato de pituitária. Preparo abortivo de ergotina. Estricnina. Supositórios. Glicerina aplicada via cateter. Ergometrina, que deixa o útero rijo e contraído. Certos remédios usados por criadores de gado para regular o cio dos animais — coisas difíceis de comprar, polissilábicas: dinoprostona, misoprostol, gemeprost, metotrexato.

O que havia naquela sacola de papel? Era muito improvável que fossem pequenos confeitos de chocolate, conclui Faye enquanto dirige para casa, ao dobrar a esquina e entrar em Vista Hills; agora ela se arrepende de não ter aberto o embrulho. Por que não o abriu?

Porque estava *grampeado*, pensa ela.

Porque você é uma *covarde*, retruca outra parte de sua mente.

Neste momento, Faye experimenta uma sensação abstrata de pânico e aflição. Margaret agiu de um jeito muito estranho. O dr. Schwingle também. Faye sente que há uma peça faltando, um fato essencial cuja revelação ela teme. A noite está enevoadada, com um chuvisco muito leve e uma umidade difusa, semelhante ao vapor que enche a sala quando as garotas fervem ingredientes na aula de economia doméstica. Certa vez, uma aluna esqueceu a panela no fogão e deixou-a fervendo o dia inteiro, a água evaporou e a panela ficou chamuscada, depois vermelha como brasa, o cabo plástico derreteu, depois tudo queimou completamente. Então os alarmes dispararam.

Há algo semelhante na atmosfera desta noite. Como se houvesse algo muito próximo, perigoso e alarmante, algo que Faye ainda não notou.

Ao chegar em casa, ela se convence de que aquela impressão é acertada. Só há uma luz acesa, a da cozinha. Há algo errado com aquela luz solitária. De fora, parece quase verde, como o miolo de um repolho cortado ao meio.

Os pais de Faye estão lá, na cozinha, esperando por ela. Sua mãe não consegue encará-la. Seu pai diz:

— O que foi que você *fez*?

— Como assim?

Frank diz que Harold Schwingle telefonou contando que Faye tinha estado na farmácia hoje à noite para pegar uma encomenda. Que tipo de encomenda? “Bem, vou falar a verdade”, disse o dr. Schwingle, “tenho experiência o bastante e posso lhe garantir: quando uma menina compra as coisas que Faye comprou, só existe uma explicação.”

— O quê? — diz Faye.

— Por que não nos contou? — pergunta sua mãe.

— Contar *o quê?*

— Que você está grávida — responde seu pai.

— O quê?

— Não acredito que deixou um filho de fazendeiro envergonhar você desse jeito — repreende ele. — E *nos* envergonhar também, Faye.

— Mas ele não me engravidou! Isso é um mal-entendido.

O telefone tocou a noite inteira. Os Peterson ligaram. E os Watson. E os Carlston. E os Wisor. E os Kroll. Todos dizendo a mesma coisa. *Frank, é melhor você saber o que eu ouvi sobre a sua filha.*

Como diabo todo mundo tinha ficado sabendo disso? Como era possível que a cidade inteira soubesse?

— Mas *não é verdade* — insiste Faye.

Ela quer lhes contar tudo sobre a festa de aniversário que não aconteceu e o estranho comportamento de Margaret naquela noite. Quer lhes contar a verdade que acaba de compreender: Margaret está grávida e precisa tomar remédios sem que seu pai descubra, então usou Faye para conseguir o que queria. Faye quer explicar tudo isso, mas não pode. Em primeiro lugar, porque seu pai está imerso em um acesso de raiva, gritando que ela *arruinou sua reputação* e que *nunca mais vai poder sair na rua* e que *Deus vai puni-la pelo que ela planeja fazer com seu próprio filho* (berrando mais palavras agora do que havia lhe dirigido em um ano); e também porque ela sente a iminência do ataque de pânico. Aproximando-se com força, pois ela está com falta de ar, o corpo coberto de suor e o campo de visão começa a diminuir. Em breve, vai ser como se espiasse o mundo por um buraco de alfinete. Faye

tenta afugentar a sensação de que se trata do Grande Ataque, o maior de todos os surtos, aquele que vai matá-la; tenta afugentar a sensação de que nunca mais vai respirar de novo.

— Me ajude — tenta dizer.

Mas a voz sai num sussurro, inaudível ante os gritos do pai dizendo que trabalhou tantos anos para ganhar uma boa reputação na cidade e agora, em uma única noite, Faye arruinou tudo, e ele jamais vai perdoá-la pelo que fez.

Jamais vai perdoá-la por tê-lo magoado.

Então ela pensa: Espera aí um pouquinho.

Pensa: é *e/le* quem está magoado?

Ela não estava grávida, mas vamos supor que estivesse. Nesse caso, não seria *e/la* quem precisaria ser consolada? Não é *dela* que os vizinhos estão falando? Por que seu pai se comporta como se a vítima fosse *e/le*? E, de repente, ela se sente desafiadora e já não vê necessidade de se defender. E quando seu pai chega ao final do sermão e diz: “O que tem a dizer em sua defesa?”, Faye se empertiga com o máximo de nobreza possível e responde:

— Eu vou embora.

Sua mãe a olha pela primeira vez.

— Eu vou para Chicago — afirma Faye.

Por um momento, seu pai a encara com um olhar duro. Parece uma versão distorcida de si mesmo, expressão semelhante à que surgia em seu rosto quando estava construindo o abrigo antibombas — a mesma determinação, o mesmo temor.

Faye se lembra de certa vez que ele havia acabado de subir do porão, suas roupas cinza, cobertas de poeira, por conta do que quer que fosse que ele estivesse construindo lá embaixo, e ela tinha acabado de tomar banho, e ficou tão feliz ao vê-lo que se desvencilhou do amontoado de toalhas que sua mãe usava para secá-la e disparou pela porta do banheiro, alegre, animada, quicando feito uma bola de borracha. Era magrinha, enérgica, havia acabado de tomar banho, estava pelada, tinha oito anos. Seu pai estava ali, naquela mesma cozinha, e ela se sentia tão feliz que entrou na cozinha e plantou uma bananeira. Plantou uma *bananeira*, meu Deus, imagine isso agora, no meio da cozinha, aberta como

uma planta tropical gigante. Mas que coisa para seu pai ver. Ele franziu o cenho e disse:

— Acho que isso é impróprio. Por que não vai colocar uma roupa?

E ela correu para o quarto, sem saber o que fizera de errado. Impróprio *para quem*, ela se perguntou, ainda nua, observando a vizinhança através da janela panorâmica no andar de cima. Não sabia por que seu pai a mandara até ali, por que ela era imprópria, e enquanto olhava pela janela talvez tenha pensado em seu corpo pela primeira vez. Ou talvez tenha pensado pela primeira vez em seu corpo como algo *separado de si mesma*. E quem se importa se ela imaginou um menino lá fora tentando espia-la? Quem se importa se essa imagem continuaria a interessá-la, por razões que nunca se tornaram claras para ela? Daquele momento em diante, o único propósito da grande janela panorâmica foi permitir que Faye imaginasse seu corpo visto da rua.

Isso aconteceu muitos anos atrás. Faye e seu pai jamais conversaram sobre isso. O tempo cura muitas coisas porque nos coloca em trajetórias que fazem o passado parecer impossível.

E agora Faye está de volta à cozinha, esperando que seu pai diga alguma coisa, e é como se a distância que se estabeleceu entre eles naquele dia tenha chegado ao apogeu. São dois corpos em órbita, conectados pela mais tênue das amarras. Nesse momento, há duas opções: ou vão se reaproximar, indo na direção um do outro, ou vão se afastar, para sempre.

— Ouviu o que eu disse? — pergunta Faye. — Eu disse que vou embora para Chicago.

Então Frank Andresen finalmente volta a falar, e não há nada em sua voz, nenhuma emoção, nenhum sentimento. Desconectou-se do presente.

— Vai mesmo — disse ele e deu as costas à filha. — Vá embora e não volte nunca mais.

| PARTE CINCO |

UM CORPO PARA CADA UM DE NÓS

Verão de 2011

1

— ALÔ? ALÔ?

— Oi? Alô?

— Alô? Samuel? Está me ouvindo?

— Muito mal. Onde você está?

— Sou eu, Periwinkle! Está me ouvindo?

— Que barulho é esse?

— Estou em um desfile!

— Por que está me ligando no meio de um desfile?

— Não estou exatamente no meio do desfile! Na verdade, estou andando atrás dele! Estou ligando por causa do seu e-mail! Eu li o seu e-mail!

— Tem uma tuba bem ao seu lado?

— O quê?

— Esse barulho!

— Então eu resolvi ligar e dizer que li o...

De repente, há silêncio na ligação, uma abafada e indistinta algaravia digital, o sinal indo e vindo, um gorgolejo robótico, o som todo comprimido e dopplerizado. E então:

— ... é o que a gente esperava, mais ou menos. Pode fazer isso para mim?

— Eu literalmente perdi tudo o que você disse.

— O quê?

— A ligação está cortada! Não consigo ouvir você!

— Aqui é o Periwinkle, droga!

— Disso eu já sei. Onde você está?

— Na Disney!

— Parece que você está no meio do desfile de uma banda.

— Espere aí!

Um sussurrar semelhante ao som de uma concha, ruídos de fricção produzidos por um polegar ou uma lufada de vento no microfone, uma abstrata gritaria musical, então um declínio, como

se alguém tivesse prendido Periwinkle em uma espessa caixa de chumbo.

— E agora? Dá para me ouvir?

— Sim, obrigado.

— Tem algum problema no sinal, pelo visto. Algo a ver com a largura de banda, eu acho.

— Por que você está na Disney?

— Por causa da Molly Miller. Estamos promovendo o novo videoclipe dela. Marketing cruzado, aproveitando o relançamento de uma animação clássica da Disney, agora remasterizada e em 3-D. *Bambi*, talvez? Tem uma multidão de pais filmando o desfile com o celular e mandando mensagens para os amigos. Acho que isso está criando um congestionamento nas torres de celular. Já estive na Disney?

— Não.

— Nunca vi um lugar tão dedicado a tecnologias mortas. Bonecos animatrônicos por *todos os lados*. Autômatos com peças de madeira que estalam quando se mexem. É pitoresco, eu acho.

— O desfile acabou?

— Não, eu me enfiei numa loja. *Ye Olde Soda Shoppe*, diz a placa. Estou no fac-símile de uma avenida americana à moda antiga. Uma dessas ruazinhas antiquadas e charmosas que multinacionais como a Disney ajudaram a aniquilar no mundo real. Mas ninguém aqui parece notar a ironia.

— Acho difícil imaginar você se divertindo em uma montanha-russa. Ou com crianças.

— Em todos os brinquedos é o mesmo conceito: uma viagem de barco agonizantemente lenta por uma terra encantada povoada por robôs. Como aquela atração chamada *It's a Small World* que, por sinal, é uma abominação cheia de fantoches dopados repetindo as mesmas tarefas, algo que a Disney, tenho certeza, não pretendia que fosse interpretado como uma visão precisa e presciente da mão de obra terceiro-mundista.

— Pelo que sei, esse brinquedo era para ser uma referência à cooperação entre as nações e a paz global.

— U-hum. Entrar no brinquedo da Noruega, no Epcot Center, é como flutuar em um folheto gigante da indústria de petróleo e gás natural. E tem um outro brinquedo chamado Carrossel do Progresso. Já ouviu falar?

— Não.

— Foi construído para a Feira Mundial de 1964. Teatro animatrônico. Um cara e sua família. No primeiro ato, que se passa em 1904, o cara está todo maravilhado com as invenções recentes: lâmpada a gás, ferro de passar roupa, lavadoras mecânicas. O espantoso estetoscópio. O inacreditável gramofone. Pegou o espírito da coisa? A esposa diz que agora só leva cinco horas para lavar as roupas e nós damos uma gargalhada.

— Eles acham que levam uma vida boa, mas nós sabemos que estão errados.

— Isso. No entreato, eles cantam uma música horrível que gruda na cabeça daquele jeito que só a Disney sabe fazer.

— Cante, então.

— Não. Mas o refrão é mais ou menos assim: “É um imenso e lindo amanhããããã.”

— Ok, não precisa cantar.

— Uma canção sobre a infinitude do progresso. Fica tocando na minha cabeça sem parar, e a essa altura acho que eu aceitaria fazer uma lobotomia só para esquecer-la. Bem, enfim, eles passam para a década de 1920 no segundo ato. A era da eletricidade. Máquinas de costura. Torradeiras. Refrigeradores. Ventiladores. Rádio. O terceiro ato é nos anos 1940. Tem uma máquina de lavar pratos agora. E uma geladeira grande. Já deu para captar a mensagem.

— Graças à tecnologia, a vida das pessoas está sempre melhorando e ficando mais fácil. Um implacável movimento rumo ao futuro.

— É. Que adorável essa ideia, tão típica dos anos 1960, não acha? *Tudo vai melhorar.* Rá-rá. Juro por Deus, eu na Disney sou como Darwin nas ilhas Galápagos. E, a propósito, os funcionários da loja de refrigerante estão sorrindo para mim como maníacos desde que entrei. Deve ter alguma regra que os obriga a sorrir para os clientes.

Até mesmo quando estou no telefone e — agora ele grita —
OBVIAMENTE SEM NENHUM INTERESSE EM BEBER REFRIGERANTE.

— Você disse que leu meu e-mail, certo? Depois disso, não entendi mais nada.

— Estão sorrindo como crianças bêbadas. Como gnomos chapados de Ecstasy. Deve ser preciso muita força de vontade para fazer isso todo dia. E, sim, eu li mesmo o seu e-mail, aquela história sobre sua mãe no segundo grau. Li no avião.

— E aí?

— Impossível não notar que há pouquíssimas informações sobre atirar a porra da pedra na porra do governador Packer.

— Vou chegar lá.

— Nenhuma informação, na verdade. Absolutamente zero, essa é minha estimativa aproximada.

— Isso vem depois. Preciso preparar o terreno.

— Preparar o terreno. Quantas centenas de páginas isso vai levar, exatamente?

— Estou seguindo a história.

— Você concordou em escrever um livro contando a história de sua mãe e acabando com ela ao mesmo tempo, retoricamente.

— Sim, eu sei.

— Neste momento, estou preocupado com a parte de “acabar com ela”. Porque *Filho do Terror do Governador vem em sua defesa* talvez seja uma manchete atraente para certo tipo de pessoa, mas *O Terror do Governador é eviscerado por seu próprio rebento* soa bem mais sedutor.

— Estou tentando contar a verdade.

— Além do mais, a história é meio que um rito de passagem.

— Você não gostou muito, não é?

— Só estou dizendo que caiu em certos clichês sobre ritos de passagem. Além disso, qual é a grande mensagem? Qual é a lição de vida?

— Como assim?

— Não é segredo que a maior parte dos livros de memórias é na verdade autoajuda disfarçada. Então, de que forma o seu livro vai ajudar a vida das pessoas? Vai lhes ensinar o quê?

— Não pensei sobre essas coisas em nenhum momento.

— Que tal a seguinte lição de vida: *Vote nos republicanos*.

— Não. Não é sobre isso que eu estou escrevendo. De jeito nenhum.

— Olhe só, de repente o sr. Gênio Artístico resolve aparecer. Preste atenção. No mercado atual, a maior parte dos leitores quer livros com narrativas lineares e acessíveis, baseadas em grandes ideais e lições de vida fáceis de entender. As lições de vida na história da sua mãe são, digamos assim, um tanto *difusas*.

— Qual é a grande lição de vida no livro de Molly Miller?

— Simples: *A vida é ótima!*

— Bem, é fácil para ela dizer isso. Nasceu rica. Escolas chiques no Upper East Side. Bilionária aos 22 anos.

— Você ficaria surpreso com a quantidade de fatos que as pessoas estão dispostas a ignorar para acreditarem que a vida é, de fato, ótima.

— A vida não é nem um pouco ótima.

— E é por isso que precisamos de Molly Miller. O país está ruindo ao nosso redor. Isso está claro até mesmo para a multidão distraída, até mesmo para os eleitores desinformados e indecisos. Está ruindo na nossa frente. As pessoas estão perdendo emprego, as aposentadorias desaparecem da noite para o dia, elas recebem extratos mostrando uma defasagem de dez por cento pelo sexto trimestre consecutivo, suas casas valem a metade do que pagaram por elas, seus chefes não conseguem um empréstimo para fechar a folha de pagamento, Washington é um circo, mas suas casas estão cheias de itens tecnológicos interessantes e elas olham a tela do celular e dizem: “Como é possível que um mundo capaz de produzir coisas tão legais seja uma merda tão grande?” É nisso que pensam. Tem pesquisas comprovando. Do que eu estava falando mesmo?

— Sobre Molly Miller e sobre a vida ser ótima.

— Vou dar um exemplo de como as pessoas estão desesperadas por boas notícias. A *Rolling Stone* queria fazer uma entrevista com a Molly. Mas, como iam escrever sobre seu livro, e não sobre sua música, disseram que queriam algo mais “real”. Uma entrevista mais real, para refletir a realidade de suas memórias, talvez? Deixando de

lado, por um momento, o fato de que o conteúdo do livro foi submetido a um grupo focal e que tudo foi escrito por um ghost-writer. E que a entrevista “mais real” seria encenada do início ao fim. O que eles queriam não era a realidade em si, mas uma simulação que parecesse mais verossímil que suas simulações habituais. Mas enfim. A gente fez um brainstorm e lançou diversas ideias até que um dos nossos publicitários juniores (um graduado de Yale com um futuro bem promissor, preciso dizer) se saiu com uma ideia estarrecedora. Ele disse: vamos mostrar a Molly fazendo macarrão em casa. Brilhante, não acha?

— Suponho que haja um motivo especial para terem escolhido macarrão.

— Os grupos focais reagem melhor a macarrão que a carne vermelha. Bife e frango levantam muitas questões hoje em dia. Os animais foram criados ao ar livre? Sem antibióticos? Sem maus-tratos? É orgânico? É kosher? O fazendeiro usou luvas de seda para acariciar os bichinhos até dormirem, todas as noites, entoando canções de ninar? Hoje em dia você não pode nem pedir um hambúrguer sem adotar algum tipo de postura política. Macarrão ainda é uma comida neutra, que não desperta objeções. E, claro, jamais mostraríamos a ninguém o que a Molly realmente come.

— Por quê? O que ela come?

— Ensopado de repolho e cogumelos, basicamente. Se um repórter vir isso, a história mudará totalmente de figura. Vão dizer que a pobre estrela adolescente está definhando. E aí seremos levados à discussão da imagem corporal, o que é péssimo, porque ninguém jamais ganhou pontos de popularidade massiva em nenhum dos lados desse assunto.

— Acho que não tenho a menor vontade de ler uma matéria sobre Molly Miller fazendo macarrão.

— Em tempos de calamidade nacional, perante a aniquilação completa de suas perspectivas individuais, as pessoas geralmente escolhem entre dois caminhos específicos. Temos pilhas e pilhas de pesquisas mostrando isso. Ou mergulham numa indignação moralista e hipersensível, e nesse caso começam a postar textos libertários no iFeel ou algo do gênero, ou então afundam em uma

ignorância mais ou menos confortável, e nesse caso a imagem de Molly Miller preparando molho marinara *em um jarro* é estranhamente agradável e recreativa.

— Do jeito que você fala, até parece um serviço de utilidade pública.

— Não existe criatura mais arrogante que um libertário de internet cheio de superioridade moral, não acha? Esse pessoal é simplesmente *insuportável*. E, sim, *é* um serviço de utilidade pública. Quer saber qual é minha esperança para o seu livro?

— Claro.

— Que ele substitua o de Molly Miller na lista de mais vendidos. Sabe por quê?

— Acho isso bem improvável.

— Porque há pouquíssimos produtos que apelam para esses dois grupos de pessoas: os furiosos e os ignorantes. Pouquíssimos produtos conseguem dar esse salto.

— Mas a história da minha mãe...

— Já fizemos pesquisas. Sua mãe tem uma *enorme* chance de ser algo de nicho que se torna extremamente popular. Isso é algo raro e, em geral, imprevisível, o tipo de coisa que brota das profundezas de uma cultura e se torna universal. Cada um vê o que deseja ver na sua mãe, cada um se ofende à sua própria maneira. A história da sua mãe permite que pessoas de todas as esferas políticas digam “Que vergonha”, e isso é algo delicioso em tempos como o nosso. Não é segredo para ninguém que o grande passatempo americano não é mais o beisebol. Agora é a santimônia.

— Prometo usar isso no meu livro.

— Lembre-se: menos empatia, mais carnificina. É um conselho meu para você. Ah, e a propósito: sabe os ghost-writers que usamos para o livro de Molly? Estão disponíveis. Receberam adiantado. Se quiser, posso pedir para ajudarem com o seu livro.

— Não, obrigado.

— São muito sérios, profissionais e discretos.

— Eu consigo escrever o livro sozinho.

— Tenho certeza de que você *gostaria* de escrever o livro sozinho, mas, no que diz respeito a finalizar livros, seu histórico não é o que

eu chamaria de promissor.

— Dessa vez é diferente.

— Não estou julgando você, apenas apontando alguns fatos. Ah, e por falar nisso, em todos esses anos eu nunca perguntei: por que não conseguiu terminar o primeiro livro?

— Eu não diria que *não consegui*...

— Estou curioso. O que aconteceu? Não lhe mandei cartas de encorajamento e elogio suficientes? Perdeu a inspiração? Sua ambição foi esmagada pelo peso da expectativa? Você teve... como é que chamam mesmo... um *bloqueio*?

— Nenhuma dessas coisas, na verdade. Eu apenas tomei decisões erradas.

— Algumas decisões erradas. Parece que você está explicando uma ressaca.

— Houve certas decisões imprudentes de minha parte.

— Eis um jeito bastante displicente de explicar seu absoluto fracasso em se tornar um escritor famoso.

— Sabe, eu sempre quis ser um escritor famoso. Achava que ser um escritor famoso me ajudaria a resolver certos problemas. E, de repente, eu era um escritor famoso, mas os problemas não se resolveram. Nem um pouco.

— Certos problemas?

— Digamos apenas que há uma garota envolvida.

— Ah, meu Deus, já me arrependi de ter perguntado.

— Uma garota a quem eu queria muito impressionar.

— Deixe-me adivinhar. Você virou escritor para impressionar a garota. Mas, no fim das contas, não ficou com ela.

— É.

— Isso acontece o tempo inteiro e não é nada surpreendente.

— Até hoje fico pensando que eu poderia ter feito as coisas do jeito certo. Que poderia ter ficado com a garota. Eu só precisava ter feito as coisas de um jeito um pouco diferente. Só precisava ter feito algumas escolhas melhores.

VOCÊ PODE CONQUISTAR ESSA GAROTA!

Uma aventura de múltipla escolha

Esta história não é como as outras. Nela, o resultado depende das decisões que você tomar. Pense cuidadosamente em suas escolhas, pois elas vão afetar a forma como a história acaba.

Você é um jovem tímido, introspectivo e desesperado que, por alguma razão, quer ser romancista.

Um romancista importante. Tipo um escritor de verdade. Do tipo que ganha prêmios. Você acha que a melhor maneira de resolver o problema da sua vida é se tornar um autor famoso. Mas como?

No fim das contas, é fácil. Você não sabe, mas já tem todas as qualidades de que vai precisar. Está no caminho certo.

Em primeiro lugar, algo essencial: *you se sente mal-amado, de forma desesperada e irredimível.*

Você se sente abandonado e menosprezado pelas pessoas que fazem parte de sua vida.

Especialmente as mulheres.

Especialmente sua mãe.

Sua mãe e certa garota pela qual você desenvolve uma obsessão durante a infância, uma garota que faz você se sentir entorpecido, maníaco, atordoado e melancólico. O nome dela é Bethany, e o efeito que exerce sobre você é como o do fogo na lenha.

A família dela se muda para a Costa Leste pouco depois de sua mãe abandoná-lo. Não há relação entre esses acontecimentos, mas em sua cabeça eles parecem conectados, o eixo de rotação da sua vida, aquele mês no início do outono quando sua infância se partiu em dois pedaços. Ao ir embora, Bethany promete que vai escrever e, de fato, escreve: uma vez por ano, todos os anos, em seu aniversário, você recebe uma carta de Bethany. E você a lê e de imediato escreve uma resposta, escreve feito um louco até as três da manhã, rascunho atrás de rascunho, frustrado, tentando criar com exatidão a carta perfeita para responder a Bethany. Depois disso, durante um mês, verifica a caixa de correio de forma obsessivo-compulsiva. Mas a correspondência que você deseja não chega e só vai aparecer dali a um ano, em seu aniversário, quando chega uma nova carta de Bethany cheia de novidades. Agora ela mora em Washington. Continua tocando violino. Está estudando com os melhores professores. Dizem que ela é muito promissora. Seu irmão vai estudar em um internato militar. Está entusiasmado. O pai deles agora passa a maior parte do tempo no apartamento de Manhattan. As árvores estão florescendo. Bishop manda um abraço. A escola é legal.

E você se sente desamparado pelo tom neutro e frio da carta, até que chega ao final, onde ela assinou:

Amo você,

Bethany

Ela não escreve "Com amor", "Com todo o meu amor" nem alguma dessas coisas que as pessoas escrevem só por escrever. Bethany escreve "Amo você", e essas palavras lhe dão força por um ano inteiro. Afinal de contas, por que ela escreveria "Amo você" se realmente não o amasse? Por que ela não usa uma daquelas despedidas que todo mundo usa? *Com afeto. Fique bem. Até breve.*

Não, o que ela diz é "Amo você".

Por outro lado, o conteúdo da carta ainda é um problema: impessoal, seguro, inofensivo, desprovido de amor ou romance. Como explicar a dissonância?

Você conclui que os pais de Bethany estão lendo as cartas.

Estão monitorando a comunicação entre vocês. Porque, embora jamais tenha sido formalmente envolvido no caso, você era o melhor amigo do irmão de Bethany em uma época em que ele, Bishop, andava fazendo coisas realmente bizarras contra o diretor da escola. Por isso, é possível que os pais de Bethany não aprovem que ela continue sendo sua amiga, muito menos que ela o ame. Assim, a única forma de driblar seus censores é inserir uma mensagem na despedida, de modo que ela escreve, de forma decisiva: "Amo você."

Ao escrever sua resposta, você parte do princípio de que a carta será inspecionada. Por isso, informa Bethany sobre os detalhes desinteressantes de sua vida, ao mesmo tempo que faz alusões codificadas ao gigantesco amor que sente por ela. Imagina que ela poderá sentir seu amor nas margens da carta, pairando como um fantasma sobre as palavras, escapando por muito pouco à compreensão de seus pais. E, claro, ao fim da carta você escreve: "Amo você também" — só para certifi-cá-la de que captou a mensagem (a verdadeira mensagem) da carta. E é assim que vocês dois se comunicam, como espiões em tempos de guerra, camuflando um único fato importante em uma nuvem de banalidade.

Então você espera um ano pela próxima carta.

Nesse meio-tempo, conta os dias que faltam para que ambos completem o segundo grau e entrem na faculdade, quando, livre do escrutínio paterno, ela poderá finalmente expressar seus verdadeiros e profundos sentimentos. E, durante esse tempo, você se imagina frequentando a mesma universidade de Bethany, imagina que está namorando Bethany no campus e como seria incrível ir às festas de braço dado com ela, pensa na credibilidade instantânea que ganharia por estar namorando a violinista genial, a linda e genial violinista (na verdade, ela é mais que linda, é *deslumbrante*, e você sabe disso porque às vezes Bethany lhe envia uma nova foto ao lado do irmão na carta anual, em cujo verso ela escreve: "Estamos com saudade! B&B." Você coloca a foto em sua mesa de cabeceira e ao longo da semana seguinte mal consegue dormir porque de hora em hora é despertado por estranhos pesadelos em que a foto está sendo levada pelo vento, está se desintegrando ou alguém acaba de se esgueirar para dentro do quarto para roubá-la ou algo assim). E você realmente acredita que vai estudar na mesma faculdade que ela, até o dia em que Bethany entra na Juilliard, e você diz ao seu pai que quer estudar na Juilliard, e seu pai franze a testa e diz: "Até parece", em um tom de rejeição que você só entende alguns dias depois, ao encontrar um folheto sobre a Juilliard no departamento de orientação da escola e descobrir que a Juilliard é basicamente uma faculdade para quem estuda teatro, dança e música. Além disso, o valor da mensalidade é tipo dez vezes o orçamento de seu pai.

Então, que merda.

Você altera o plano e diz ao seu pai que, em vez da Juilliard, quer estudar em algum lugar em Nova York.

— Talvez em Columbia — diz, pois andou consultando um mapa de Nova York na biblioteca da escola e parece que esse campus fica perto da Juilliard. — Ou talvez a Universidade de Nova York?

Henry, que neste momento está avaliando a consistência de um novo tipo de quiche congelado — e para isso bochecha a massa líquida semelhante a ovo, enquanto faz anotações em um fluxograma em cinco partes —, detém-se por um momento, engole, olha para você e diz:

— Muito perigoso.

— Ah, para.

— Nova York é a capital mundial dos assassinatos. Nem pensar.

— A cidade não é perigosa. E, se for, ao menos o campus não é perigoso. Vou ficar no campus.

— Olhe. Como posso dizer isso? Você mora na alameda Oakdale, em um subúrbio residencial. Não tem nada parecido com a alameda Oakdale em Nova York. As coisas lá são totalmente diferentes. Você vai ser comido vivo.

— Tem alamedas em Nova York — responde você. — Vou ficar bem.

— Não está compreendendo o simbolismo da coisa. Viu? Este é o meu ponto. Algumas pessoas vivem em *ruas*. E sabe o que existe na outra ponta do espectro? Pessoas como nós, que vivem em *alamedas*.

— Para com isso, pai.

— Além do mais — continua ele, voltando ao quiche —, é muito caro. O que se encaixa em nosso orçamento é uma universidade pública, em nosso estado. E é isso.

E é num desses lugares que você vai parar, e lá descobre uma coisa chamada *e-mail*, que todos os estudantes estão usando, e na carta seguinte Bethany lhe dá seu endereço de e-mail e você lhe manda uma mensagem e, a partir de então, as cartas em papel cessam para sempre. O lado bom é que, agora, você e Bethany podem se corresponder com uma frequência muito maior, quase uma vez por semana. E-mails são tão rápidos. Isso parece ótimo durante cerca de um mês, até você notar o lado ruim: a ausência de qualquer objeto físico, de uma coisa em que Bethany de fato tenha tocado; era isso que costumava acalmá-lo ao longo da adolescência, segurar o espesso papel em que ela escrevera, coberto com sua cuidadosa caligrafia — Bethany estava a mais de mil quilômetros de distância, mas aquele objeto preenchia o vazio. Às vezes você fechava os olhos e apalpava a carta, então quase podia sentir o toque de Bethany no papel, os dedos dela percorrendo cada folha, a língua lambendo o envelope. Era um ato de fé e imaginação, uma transubstanciação religiosa: em sua mente, aquele objeto se tornava um corpo. O corpo dela. E é por isso que, com o início dos e-mails, mesmo trocando mensagens com ela o tempo todo, você se sente mais solitário que nunca. A personificação de Bethany desapareceu.

Assim como o “Amo você”.

Na faculdade, na Juilliard, o “Amo você” ao fim das mensagens rapidamente se transforma em “Adoro vc”, e isso dói. “Adoro vc”: então é isso que acontece com o amor quando sua formalidade e sua dignidade são

amputadas.

Outro problema é que, embora Bethany já não esteja sob o controle direto dos pais, tampouco ocorre uma mudança substancial em suas mensagens. *Informativo* é a palavra que melhor descreve seu teor. Como um guia turístico fazendo um tour pelo campus. Ignorando a oportunidade de finalmente expressar seus verdadeiros sentimentos, Bethany recai no padrão habitual, transmitindo notícias, reportando fatos. É como se, após escrever desse jeito por nove anos, ela tenha ficado presa em uma escrita automática. Está tão habituada a esse tipo de comunicação que não consegue conversar de outra maneira. E não importa quantas coisas ela lhe diga — que algumas aulas são fáceis (como Percepção Musical) e algumas são difíceis (como Harmonia Diatônica), que a violoncelista em sua orquestra de câmara é muito talentosa, que a comida no alojamento é ruim, que sua colega de quarto é uma percussionista da Califórnia que tem enxaquecas regulares por conta dos ensaios com os pratos —, há algo de seco nessas informações, uma ausência de ternura e humanidade. De intimidade. Uma ausência de romance.

E então Bethany começa a lhe contar sobre os garotos. Garotos galanteadores. Garotos atrevidos que vêm falar com ela nas festinhas e a fazem rir tão alto que ela derruba bebida no chão. Garotos que em geral tocam trombone ou outros instrumentos de sopro e que a convidam para sair. Para piorar, ela aceita. Para piorar ainda mais, os encontros são *divertidos*. E você ferve de raiva ao pensar que está sofrendo por essa mulher há nove anos e agora esses caras, esses *estranhos*, têm mais sorte com ela em uma noite do que você teve em toda a sua vida. Isso não é justo. Depois de tudo o que sofreu, você merece algo melhor. É mais ou menos nessa época que o “Amo você” se transforma em “Adoro vc”, que, por sua vez, acaba se convertendo em “Vc é demais” e, finalmente, em “Bjs”; a essa altura você percebe que houve uma alteração fundamental na natureza de seu relacionamento. Em algum ponto, ao longo do caminho, você perdeu sua oportunidade.

E isso, coincidentemente, é um passo essencial no projeto de se tornar um escritor famoso. Esse fracasso. Por causa dele, você desenvolve uma rica vida interior, fantasiando o que poderia ter feito diferente, mil erros que poderia ter evitado, mil maneiras de reconquistar Bethany. No topo da lista: derrotar os garotos do trombone. Método: escrever ficção literária complexa, séria, pseudointelectual e pretensiosa. Porque você não é o tipo de cara que faria Bethany rir até derramar a bebida. Não pode competir com os garotos do trombone nesse quesito. Porque você fica sério e formal demais sempre que pensa nela ou lhe escreve. É como uma reação religiosa: você se torna solene e oficioso na presença daquilo que pode aniquilá-lo. No que diz respeito a Bethany, você é totalmente desprovido de humor.

Então escreve histórias sem um pinga de humor sobre Grandes Temas Sociais e se sente orgulhoso porque os trombonistas engraçadinhos não seriam capazes de falar em Grandes Temas Sociais nem aqui nem na China. (“Nem aqui nem na China”, aliás, é o tipo de clichê que os garotos do trombone usariam de forma impensada, ao contrário de você, um artista que só age com total originalidade.) O sentido de tornar-se um escritor é mostrar a Bethany quanto você é especial e único, em comparação às massas que só fazem e pensam a mesma coisa. Acredita que, em termos de vida adulta, ser um escritor é o equivalente a usar a fantasia mais criativa e interessante na festa de Dia das Bruxas. Quando decide se tornar um escritor — isso

aos vinte e poucos anos, quando faz algo que parece muito importante: entra no curso de “Escrita Criativa” —, você mergulha de cabeça no estilo de vida característico da profissão: começa a frequentar saraus artísticos; passa longas horas em cafés; veste-se de preto; coleciona roupas escuras que podem ser descritas como pós-apocalípticas ou pós-holocausto; bebe álcool, geralmente até altas horas da noite; compra diários encadernados em couro; canetas pesadas e metálicas, jamais esferográficas, jamais retráteis; cigarros, primeiro os normais, do tipo que todo mundo compra no posto de gasolina, passando em seguida a marcas europeias extravagantes, vendidas em caixas compridas que só podem ser adquiridas em tabacarias elegantes e lojas especializadas. Os cigarros lhe dão algo com que ocupar as mãos quando você está em público e sente que alguém o observa, avalia e julga. Cumprem a mesma função que o celular vai desempenhar dali a uns quinze anos: uma espécie de escudo social, algo para se tirar do bolso e remexer com os dedos sempre que se sente constrangido consigo mesmo. Sentimento que você experimenta quase o tempo todo e cuja responsabilidade você põe em sua mãe.

Você nunca escreve sobre esse assunto, é claro. Como regra, evita todo tipo de introspecção. Há coisas em sua alma que prefere ignorar. Há uma massa disforme de angústia e autopiedade nas profundezas de seu ser e você mantém essa sombra sufocada lá no fundo e jamais a olha nem admite sua existência. Ao escrever, você não fala sobre si mesmo. Em vez disso, escreve histórias pesadas, obscuras e violentas, e isso dá origem ao boato de que talvez você esconda segredos. Talvez alguma coisa realmente horrível tenha acontecido em seu passado. Você escreve uma história sobre um cirurgião plástico agressivo e alcoólatra que se embreda toda noite e estupra a filha adolescente de formas inimaginavelmente cruéis, um horror que se prolonga durante o segundo grau até que um dia a garota elabora um plano para assassinar o pai, surrupiando enormes quantidades de toxina botulínica no depósito de Botox e envenenando o pote de cerejas marrasquino, de modo que, após beber vários *old-fashioneds*, o pai fica completamente paralisado, momento em que a filha chama um psicopata homossexual, que ela conheceu em circunstâncias escusas, e o convida a estuprar inúmeras vezes seu pai, que permanece consciente durante toda a experiência, e após essa devida retribuição a filha lhe corta a genitália e o deixa sangrando lentamente até a morte por sete dias, no fundo do porão, onde ninguém pode ouvir seus gritos.

Em outras palavras, você escreve histórias que *não têm nada a ver com a sua vida ou com qualquer coisa que conheça*.

E, ao escrever essas narrativas, tudo o que lhe interessa é o que Bethany vai pensar ao lê-las. Os contos, na verdade, são apenas uma encenação permanente com um único objetivo: fazer com que Bethany sinta coisas por você. Fazê-la acreditar que você é talentoso, sofisticado, brilhante, profundo. Fazer com que ela o ame novamente.

O paradoxo é que você nunca lhe mostra nenhum deles.

Porque, embora você ande com a galera da literatura, frequente oficinas de escrita, se vista como um escritor e fume como um escritor, precisa admitir, no fim das contas, que *não escreve muito bem*. Seus escritos despertam reações mornas na sala de aula, recebem avaliações nada entusiasmadas dos professores

e são rejeitados por inúmeras editoras com abundantes e anônimas cartas de recusa. O pior é quando algum professor o chama ao seu escritório e lhe pergunta com estranha intensidade:

— Por que você quer ser escritor?

O que há nas entrelinhas da pergunta, naturalmente, é: talvez devesse ser outra coisa.

— Eu sempre quis ser escritor. — É sua resposta-padrão.

Uma resposta que não é de todo verdadeira. Você *nem sempre* quis ser escritor: é mais correto dizer que decidiu ser escritor depois que sua mãe o abandonou, quando você tinha onze anos, e que sua vida antes disso parece ter sido de outra pessoa, portanto, pode-se dizer que quis ser escritor *desde sempre*. Basicamente, naquele dia você renasceu.

Esse não é o tipo de coisa que você conta ao seu professor. É o tipo de coisa que você esconde lá dentro, em uma cavidade preenchida com tudo que é verdade a seu respeito, de modo que não reste nada verdadeiro do lado de fora. A manhã em que sua mãe sumiu, em especial, está enterrada lá nas profundezas, e a pergunta que ela lhe fez: o que você quer ser quando crescer?, e você respondeu romancista, e ela sorriu e beijou-o na testa, disse que lia o que você escrevesse. Logo, tornar-se escritor seria a única comunicação possível com sua mãe, uma comunicação de mão única, como uma oração. E você chegou à conclusão de que, se escrevesse algo realmente bom e Faye lesse, isso provaria, por algum raciocínio estranho, que ela jamais deveria tê-lo abandonado.

O problema é que você é incapaz de escrever algo tão bom assim. Não chega nem perto. Apesar de todo o estudo, um elemento evasivo está faltando.

— Verdade — sugere o professor após convocá-lo a seu escritório para uma reunião no final do ano letivo, pois você ainda tem uma história a escrever antes da formatura e o professor quer convencê-lo, em um derradeiro esforço, de que precisa desesperadamente escrever “algo verdadeiro”.

— Mas eu escrevo ficção — responde você.

— Não importa o nome que você dá — diz o professor. — Apenas escreva algo verdadeiro.

Então você escreve sobre uma das únicas coisas verdadeiras que lhe aconteceram. Uma história sobre um casal de gêmeos que morava em um subúrbio de Chicago. A menina é uma virtuose do violino. O menino é um encenqueiro. Os irmãos sentam, tensos, à mesa de jantar sob o olhar imperioso do pai, corretor de valores, depois escapam para a liberdade da noite e vivem suas aventuras, entre as quais o vagaroso envenenamento do ofurô de um vizinho, diretor de certa escola para crianças ricas, onde estudam. O método de envenenamento é simples: overdose de pesticida. Mas qual a explicação? Por que o menino queria envenenar o diretor? O que o homem fez para merecer isso?

Essa questão é fácil de responder, mas difícil de escrever.

As peças se encaixaram alguns anos atrás. Você finalmente ligou os pontos que não pudera ligar aos onze anos. Como Bishop sabia de tantas coisas estranhas para sua idade? Coisas sobre sexo. Por exemplo, naquele dia, à beira do lago, quando ele se esfregou em você, exatamente na posição certa para o sexo — como ele sabia daquilo? Como sabia fazer aquilo? Como conseguiu convencer o diretor e evitar a surra? De onde tirou

toda aquela pornografia, todas aquelas polaroides estranhas? Por que arranjava todas aquelas encrencas? Por que arrumava brigas? Por que provocou sua própria expulsão da escola? Por que matava animais? Por que envenenou o diretor?

Certa manhã, nos tempos do segundo grau, caminhando pela rua, você subitamente compreendeu todas essas coisas e encontrou a resposta, e o estranho é que não estava pensando em Bishop, nem no diretor, nem em qualquer coisa relacionada ao assunto, quando a revelação surgiu toda de uma vez, como uma visão, como se sua mente tivesse juntado as peças durante todo aquele tempo bem abaixo da superfície de sua consciência e agora viesse à tona: Bishop tinha sofrido abusos. Havia sido molestado. Era isso, claro. E o responsável era o diretor.

E a culpa o inundou com tanta força que você cambaleou. Sentou-se de repente no gramado de um vizinho, zozzo, aturdido, atônito, e perdeu as três primeiras aulas. Sentiu como se seu corpo se partisse ao meio, bem ali no gramado.

Por que não percebeu antes? Estivera tão envolvido em seus pequenos dramas — a paixão por Bethany, a escolha do presente no shopping, coisa que na época parecia o maior problema no mundo —, tão envolvido que não conseguira enxergar essa tragédia acontecendo bem à sua frente. Fora um imenso fracasso de percepção e empatia.

E talvez seja por isso que você finalmente decide escrever sobre o assunto. No conto sobre os gêmeos, você revela que o menino estava sendo abusado pelo diretor. Você não enrola; não faz rodeios. Escreve as coisas como acha que aconteceram. Escreve com verdade.

Como era de se esperar, seus colegas ficam entediados. A essa altura, estão cansados de você e de seus temas literários. Mais uma história sobre abuso infantil, dizem eles. Já vimos isso antes. Vire o disco. Mas o professor fica surpreendentemente entusiasmado. Diz que há algo diferente nessa história, um toque de humanidade, generosidade, afeto e *sentimento* que faltava em seus escritos anteriores. Então, em outra conversa a sós, o professor menciona que um figurão do mundo editorial de Nova York, chamado Periwinkle, andou fazendo perguntas, sondando, em busca de um novo talento jovem, e será que ele, o professor, poderia enviar aquele conto ao editor?

Esse é o passo final para se tornar um escritor famoso. Esse é o passo final para realizar a ambição que você vem nutrindo desde que sua mãe foi embora: impressioná-la a distância, conquistar sua aprovação e seus elogios. E essa é a última coisa que precisará fazer para que Bethany se lembre de você, para que ela veja suas qualidades únicas, com as quais os garotos do trombone não podem competir, para que ela o ame do jeito que você merece ser amado.

Tudo o que precisa fazer é dizer sim.

Para dizer sim, vá à página seguinte...

Você diz sim. Não chega a pensar sobre as consequências em longo prazo. Nem por um momento lhe ocorre o que Bethany e Bishop poderiam pensar sobre essa violação de sua privacidade. Está tão obcecado pelo desejo de impressionar e deslumbrar e embasbacar as pessoas que o abandonaram e, por isso, diz sim. Sim, com certeza.

Então o professor envia o conto a Periwinkle, e daí por diante as coisas acontecem muito rápido. Periwinkle lhe telefona no dia seguinte. Diz que você é uma voz importante na nova literatura americana e quer publicar seu conto em um novo selo dedicado apenas ao trabalho de jovens gênios.

— Ainda não temos um nome para divulgar o selo na imprensa, mas estamos pensando em chamá-lo de A Voz do Amanhã, ou talvez Amanhã, ou talvez até Luau, opção que, estranhamente, parece ter agradado muitos dos nossos consultores — diz Periwinkle.

Periwinkle contrata alguns ghost-writers para dar um acabamento na história — “Totalmente normal, todo mundo faz isso”, explica — e em seguida dá um jeito de publicá-la em uma das grandes revistas formadoras de opinião, em cujas páginas você é proclamado um dos cinco melhores autores com menos de 25 anos nos Estados Unidos. Periwinkle então usa essa publicidade como alavanca para emplacar um contrato absurdo por um livro que nem sequer estava escrito. Isso chega à imprensa com todas as outras boas notícias de 2001: a revolução digital, a Nova Economia, as engrenagens da nação funcionando a todo vapor.

Parabéns.

Agora você é um escritor famoso.

Mas duas coisas o impedem de desfrutar a vitória. Em primeiro lugar, sua mãe não lhe manda notícia alguma. Em vez disso, há apenas um silêncio miserável. Não há evidência de que ela sequer tenha lido o conto.

Em segundo lugar, Bethany, que *com certeza* leu o conto, para de lhe escrever. Nenhum e-mail, nenhuma carta, nenhuma explicação. Você escreve perguntando se há algo errado. Depois se convence de que certamente há algo errado e pede para conversar a respeito. Depois supõe que ela esteja zangada porque você roubou a história do irmão dela e lucrou imensamente com isso, então você tenta justificar sua ação como uma prerrogativa de escritor, ao mesmo tempo que se desculpa por não lhe pedir permissão antes. Bethany não responde a nenhuma dessas mensagens, e você finalmente compreende que, em vez de reconquistar seu amor, conforme planejado, aquela história destruiu perversamente qualquer chance que você talvez tivera.

Fica sem notícias de Bethany por anos e, ao longo desse tempo, tampouco escreve coisa alguma, embora Periwinkle telefone todos os meses para dizer palavras de encorajamento e repetir como está ansioso para ler seu manuscrito. Mas não há manuscrito para mostrar. Você acorda todas as manhãs decidido a escrever, mas, no fim das contas, não escreve nada. Não saberia dizer ao certo o que faz ao longo do dia, mas com certeza não está escrevendo. Os meses voam, preenchidos pelo ato de não escrever. Você compra uma imensa casa

nova com o dinheiro do adiantamento e, lá instalado, continua sem escrever. Usa seu tantinho de fama para arranjar um emprego como professor na faculdade local, onde passa a dar aulas de literatura, embora não esteja produzindo literatura alguma. Não é que você esteja “bloqueado”, não exatamente. É que sua razão para escrever, sua motivação principal, simplesmente se esvaneceu.

Após um tempo, Bethany acaba lhe mandando um e-mail. Na tarde de 11 de setembro de 2001. Um e-mail que ela envia para cerca de cem pessoas, dizendo simplesmente: “Estou em segurança.”

Então, na primavera de 2004, em um dia que, de resto, foi insignificante, você abre a caixa de entrada, vê uma mensagem de Bethany Fall e lê o primeiro parágrafo, no qual ela anuncia que tem algo muito importante a lhe dizer, e seu coração começa a retumbar, pois você conclui que a iminente confissão só pode dizer respeito ao profundo, duradouro e imortal amor de Bethany por você.

Mas não é nada disso. Você compreende o erro assim que chega ao parágrafo seguinte, cuja primeira frase o deixa novamente em pedaços: “Bishop está morto.”

Aconteceu em outubro do ano anterior. No Iraque. Bishop estava perto de uma bomba que foi detonada. Bethany pede desculpas por não ter avisado antes.

Você escreve de volta, implorando mais detalhes. Então descobre que Bishop, após se formar no colégio militar, foi fazer sua graduação no Instituto Militar de Virginia e, após a formatura, se alistou no exército como soldado raso. Ninguém entendeu por quê. Seu treinamento e sua formação o habilitavam a ganhar uma patente de oficial, mas ele recusou. Parece ter sentido prazer nessa recusa, como se lhe agradasse tomar o caminho mais difícil, menos glamouroso. Naquela época, ele e Bethany já não se falavam. Eles se distanciaram ao longo do tempo. Por anos, encontraram-se apenas em um feriado ou outro. Bishop se alistou em 1999 e passou dois anos na Alemanha, sem qualquer acontecimento digno de nota, até que veio o 11 de Setembro. Foi então enviado ao Afeganistão e, depois de um período, ao Iraque. Mandava notícias apenas duas ou três vezes por ano, em breves e-mails que pareciam relatórios de negócios. Bethany estava se tornando uma violinista realmente bem-sucedida e, em suas cartas a Bishop, contava-lhe tudo o que estava acontecendo — todos os lugares onde tocava, os regentes com quem trabalhava —, mas ele mal respondia. O silêncio já se estendia por uns seis meses quando Bethany recebeu um e-mail curto e impessoal com suas novas coordenadas e sua despedida habitual: *Respeitosamente, Soldado Bishop Fall, Exército dos Estados Unidos.*

Então, morreu.

Por muito tempo, você se sente culpado e infeliz, como se a amizade com Bishop fosse, de alguma forma, um teste no qual você falhou. Era uma pessoa precisando de sua ajuda, e você não o ajudou, e agora é tarde demais. E escreve uma carta a Bethany expressando sua culpa e infelicidade, pois ela é a única pessoa que poderia entender o que você está sentindo; e, de todas as cartas que você lhe mandou, essa é provavelmente a única totalmente desprovida de artifício, sem subterfúgios nem motivos ocultos, a primeira vez que você não luta para agradá-la de um jeito forçado e, em vez disso, tenta apenas expressar sinceramente uma emoção verdadeira — no caso, tristeza. E essa carta inicia um degelo em sua relação com Bethany. Ela escreve de

volta, dizendo que também está triste. E agora vocês têm isto em comum, esta tristeza, e a dor os une e os meses passam e as cartas agora tratam de outros assuntos e a dor parece recuar, e um dia Bethany assina sua carta — a primeira vez em anos — “Com amor”. E isso reacende os artifícios e a obsessão. Você pensa: *Talvez eu ainda tenha alguma chance!* Todo o seu amor e sua carência retornam, especialmente em certo dia de agosto de 2004, quando ela lhe manda uma mensagem *convidando-o para ir vê-la em Nova York*. Pergunta se quer visitá-la ao fim do mês. Vai haver uma manifestação, informa ela, pelas ruas de Manhattan. A ideia é fazer uma vigília silenciosa pelos soldados mortos no Iraque. Vai acontecer durante a Convenção Nacional do Partido Republicano, que deve ocorrer no complexo do Madison Square Garden. Bethany o convida para marchar com ela. Pode dormir em seu apartamento.

E subitamente suas noites se tornam insones e agitadas e cheias de fantasias sobre o reencontro com Bethany, na ânsia de não estragar o que será obviamente sua última chance de conquistar o coração dela. É como se você estivesse vivendo o enredo de um dos livros-jogo que adorava quando criança, e depende de você fazer as escolhas certas. Isso é tudo em que consegue pensar até o dia da partida: em Nova York, se fizer tudo certo, se tomar as decisões corretas, você pode conquistar essa garota.

Para ir a Nova York, vá à página seguinte...

Você vai de carro de Chicago até Nova York, no caminho para em Ohio a fim de reabastecer, depois na Pensilvânia para dormir, hospeda-se em um hotel vagabundo, mas está animado demais para, efetivamente, dormir. No dia seguinte, bem antes do amanhecer, percorre o restante do trajeto, deixa o carro em um estacionamento no Queens e pega o metrô para o centro. Sobe as escadas da estação de metrô e sente-se envolver pela luz da manhã e pela multidão de Manhattan. Bethany mora num dos últimos andares de um prédio no número 55 da Liberty Street, a alguns quarteirões do World Trade Center, e é aqui que você está, neste momento, em 2004. Onde as torres antes se erguiam há agora um pungente e desobstruído buraco no chão.

Você anda pelo lugar, passando por barracas que vendem falafel ou amêndoas açucaradas, camelôs que oferecem pulseiras e relógios expostos em lençóis no chão, teóricos da conspiração com panfletos descrevendo o 11 de Setembro como um complô do governo americano ou garantindo que o rosto de Satanás foi avistado na fumaça da Segunda Torre, turistas nas pontas dos pés, espiando por cima da cerca com o pescoço esticado, segurando as câmeras no alto, checando as fotos, depois repetindo a operação. Você passa por tudo isso e pelas lojas de departamento no outro lado da rua, onde turistas europeus aproveitam a baixa do dólar e a valorização do euro para encher as sacolas com jeans e jaquetas, passa por uma cafeteria com um cartaz dizendo BANHEIRO SÓ PARA CLIENTES, e chega à Liberty Street, onde uma mulher arrastando duas crianças lhe pergunta “Para que lado fica o 11 de Setembro?”, até que você chega lá, à esquina da Liberty com a Nassau, o apartamento de Bethany.

Você sabe tudo sobre o prédio. Pesquisou antes de vir. Construído em 1909, ficou célebre como “o mais alto de todos os prédios pequenos” (devido ao tamanho estreito do lote), com alicerces que desciam à profundidade de cinco andares, muito mais do que o necessário para um prédio daquele tamanho, mas os arquitetos de 1909 ainda não haviam dominado a construção de arranha-céus, por isso exageraram. Construído junto à Câmara de Comércio de Nova York, mais tarde convertida na sede nova-iorquina do Banco Central da China. Em frente à Nassau Street, dando para os fundos da Reserva Federal. Um dos primeiros inquilinos fora o escritório de advocacia de Teddy Roosevelt.

Você cruza a porta de entrada, atravessa um portão de ferro fundido e entra no saguão dourado, recoberto do piso ao teto com pedras creme, encaixadas de forma tão perfeita que não é possível ver os sulcos entre elas. O lugar inteiro parece hermético. Você se aproxima do porteiro sentado diante de uma mesa e diz que está ali para ver Bethany Fall.

— Nome? — pergunta o porteiro.

Você responde. Ele pega um telefone e disca. Enquanto espera, olha fixamente para você. Suas pálpebras pesam pela falta de sono ou pelo tédio. Antes que alguém atenda, passa-se um longo tempo, tão longo que o olhar do porteiro acaba se tornando constrangedor e você desvia os olhos, finge admirar o saguão e sua asseada austeridade. Repara na completa ausência de lâmpadas visíveis, pois toda fonte de luz foi

engenhosamente colocada em nichos e reentrâncias, dando a impressão de que a luminosidade não vem de pontos específicos, mas brota de todo o recinto ao mesmo tempo.

— Senhorita Fall? — diz o porteiro, finalmente. — Está esperando por Samuel Anderson?

O porteiro continua olhando fixamente. Não há expressão alguma em seu rosto.

— Ok.

Desliga o telefone e mexe em alguma coisa sob a mesa (gira uma chave, move um interruptor), algo que faz a porta do elevador se abrir.

— Obrigado — diz você, mas o porteiro já está olhando para a tela do computador e o ignora.

Para subir ao apartamento de Bethany, vá à página seguinte...

A caminho do apartamento, você calcula quanto tempo pode ficar parado no corredor antes que Bethany pense que você se perdeu. Sente que está precisando de alguns minutos para se recompor. Está experimentando uma sensação nervosa de esvaziamento, como se todas as suas vísceras tivessem caído no chão. Tenta se convencer de que é besteira se sentir assim, besteira ficar tão nervoso por causa de Bethany. Afinal de contas, só conviveu com ela por alguns meses. *Quando você tinha onze anos.* Isso é ridículo. Quase cômico. Como essa pessoa pode exercer tamanha influência sobre você? De todas as pessoas em sua vida, por que logo essa tem tanta importância? Isso é o que repete a si mesmo, mas pouco o ajuda a acalmar a turbulência em seu interior.

O elevador para. As portas se abrem. Você estava esperando sair em um corredor ou um pequeno saguão, como em um hotel, mas em vez disso o elevador se abre para um fulgurante apartamento inundado de sol.

É claro. Ela é dona do andar inteiro.

E agora alguém vem vindo em sua direção, alguém que definitivamente não é Bethany. Um homem, mais ou menos da sua idade — vinte e tantos anos, talvez trinta e poucos. Camisa branca meticulosamente passada. Gravata preta fina. Postura perfeitamente empertigada, um olhar arrogante. Está usando um relógio evidentemente caro. Vocês dois se avaliam por um instante e você está prestes a dizer que se enganou de apartamento, quando o homem diz:

— Você deve ser o escritor.

Há uma sugestão de alfinetada na forma como pronuncia a palavra “escritor”, como se não acreditasse que escritor fosse uma profissão de verdade e, portanto, pronuncia-a como quem diz: “Você deve ser o médium.”

— Sim, eu mesmo — responde você. — Desculpe, estou procurando por...

E, nesse instante, atrás do desconhecido, acima da altura de seu ombro, ela aparece.

— Bethany.

Por um momento, é como se você tivesse esquecido o rosto dela, como se todas as fotos enviadas com as cartas jamais houvessem existido, como se você jamais tivesse vasculhado a internet em busca de retratos de divulgação, imagens de concertos, fotos não posadas em que ela aparece ao lado de algum abastado apoiador, sorrindo e abraçando-o — é como se a única imagem em sua mente fosse a lembrança de Bethany tocando violino no quarto pensando estar sozinha enquanto você espiava da quina do corredor, era criança e estava apaixonado. E como ela ainda se parece com aquela imagem, aqui no apartamento, a mesma postura confiante, fluida e desimpedida — e ela continua formal, mesmo agora, no momento em que caminha até você e lhe dá um abraço platônico, o beija na bochecha da mesma maneira que beijou mil amigos, fãs, admiradores, aquele beijo que na verdade é apenas uma sugestão de beijo próximo de sua orelha, e diz “Samuel, gostaria de apresentá-lo a Peter Atchison, meu noivo”, como se não houvesse nada de estranho nisso. *Seu noivo?*

Peter aperta sua mão.

— Prazer — cumprimenta ele.

Então Bethany faz um tour pelo apartamento enquanto seu coração aperta, você se sente o homem mais idiota do mundo. Você se esforça para escutar, fingindo estar realmente interessado no que ela diz sobre o apartamento, que tem janelas em todas as paredes, de modo que se pode ver as máquinas de construção no local do antigo World Trade Center, a oeste, e Wall Street, ao sul.

— Este apartamento é do meu pai — diz ela —, mas ele não vem mais aqui desde que se aposentou.

Bethany dá meia-volta e sorri para você.

— Sabia que Teddy Roosevelt trabalhava aqui?

Você finge desconhecer esse fato.

— No início da carreira, ele trabalhou como banqueiro — afirma ela. — Como Peter.

— Rá-rá! — diz Peter, e dá um tapa em suas costas. — Pelo visto ela tem grandes expectativas!

— Peter trabalhava com meu pai — conta Bethany.

— Trabalhava *para* o seu pai — diz ele.

Bethany faz um gesto com a mão, ignorando-o.

— Peter é realmente um gênio das finanças.

— Sou nada.

— É, sim! — rebate ela. — Descobriu que certo número, uma fórmula, um algoritmo ou algo assim... seja o que for, é uma coisa que as pessoas usavam e ele percebeu que estava errada. Querido, explique para ele.

— Não quero entediar nosso convidado.

— Mas é *interessante*.

— Quer mesmo saber sobre isso?

Você definitivamente não quer ouvir nada sobre esse assunto, mas assente.

— Bem, não vou contar os detalhes — começa ele. — Mas é sobre a Razão C. Já ouviu falar?

Você não sabe direito se ele falou *razão* ou *ração*.

— Refresque minha memória — você pede.

— Basicamente é um número que os investidores usam para prever a volatilidade no mercado de metais preciosos.

— Peter percebeu que o número estava errado — diz Bethany.

— Em determinadas circunstâncias. Em circunstâncias muito específicas, a Razão C deixa de gerar prognósticos confiáveis. Fica em defasagem em relação ao mercado. É como se... como explicar? É como se as pessoas acreditassem que o termômetro está causando a febre.

— Não é genial? — elogia Bethany.

— Então, enquanto todo mundo apostava na Razão C, eu apostei contra. E o resto é só história.

— Não é *genial*? — repete Bethany.

Os dois estão olhando para você agora, esperando.

— Genial — responde você.

Bethany sorri para o noivo. A palavra que melhor descreve o diamante em seu dedo é *protuberante*. O anel de ouro parece erguer o diamante com o entusiasmo de um espectador de um jogo de beisebol que consegue apanhar uma bola que atingiu a arquibancada.

Durante toda a conversa, você percebe que mal consegue olhar para Bethany. Encara Peter, pois não quer que ele o flagre olhando para Bethany. Olhar para ele enquanto a ignora é sua maneira de dizer a Peter que não veio aqui para roubar sua mulher, e você só percebe que está fazendo isso depois de vários minutos. Além disso, sempre que olha para Bethany, sente um sobressalto ao perceber que nenhuma daquelas fotos o preparou para a presença dela. Algo semelhante ao que acontece com as fotos de pinturas famosas, que jamais fazem jus à obra de arte quando enfim nos encontramos diante delas.

E Bethany é mesmo extremamente bela. As feições felinas de sua infância amadureceram de forma nítida e aguçada. As sobrancelhas pontudas. O queixo austero e o pescoço fluido. Olhos verdes e calmos. Um vestido preto que é ao mesmo tempo recatado e revelador. Colar, brincos e sapatos que servem como exemplo cabal de *um visual bem montado*.

— Cedo demais para um drinque? — pergunta Peter.

— Eu adoraria! — responde você, talvez com excesso de entusiasmo. Quanto mais se sente atraído pela noiva, mais tenta agradar o noivo. — Obrigado!

Peter explica que vai lhe servir algo especial. "Não é todo dia que um amigo por correspondência vem nos visitar!", diz ele. Um uísque que compraram em uma visita recente à Escócia, uma garrafa que ganhou alguns prêmios, que levou certa revista a dar uma avaliação máxima pela primeira vez na história, que ninguém pode comprar em lugar algum exceto na própria destilaria, onde a técnica e a receita são guardadas a sete chaves e transmitidas de pai para filho há dez gerações. Durante todo esse tempo, Bethany sorri para Peter como uma mãe orgulhosa, e então ele lhe entrega um copo com dois dedos de um líquido cor de palha e explica algo sobre o jeito como o uísque gruda na lateral do copo, e então sobre os desenhos que a bebida forma ao girar lá dentro; diz que é possível determinar a qualidade do *scotch* observando esse tipo de coisa, também diz algo sobre a opacidade, e ele faz com que você erga o copo para observar como a luz o atravessa, e a imagem que chega aos seus olhos é, inesperadamente, a fileira de guindastes em movimento no buraco do World Trade Center, filtrada pela curvilínea distorção do líquido.

— Lindo, não é? — pergunta Peter.

— Com certeza.

— Beba. Me fale sobre o gosto.

— Como é?

— Queria ver um escritor descrevendo isso — responde ele. — Porque você sabe usar tão bem as palavras.

Você tenta descobrir se ele está sendo sarcástico, mas não consegue. Prova o uísque. E o que pode dizer? Tem gosto de uísque. Um gosto de profunda *uisquidade*. Você busca em sua mente termos usados para

descrever uísques escoceses. Logo lhe ocorre a palavra *turfoso*, mas na verdade você não sabe o que isso quer dizer. A única palavra precisa e justificável que lhe vem à mente é *forte*.

— Tem um gosto forte — diz você.

Peter ri.

— Forte? — indaga ele, então ri de novo, mais alto, e olha para Bethany. — Ele disse que o gosto é forte. Rá-rá! Deus do céu. Forte.

O restante da manhã transcorre mais ou menos do mesmo jeito. Bethany regalando-o com factoides, Peter encontrando razões para discorrer profusamente sobre alguma aquisição exótica: por exemplo, o pó de café que eles costumam comprar, o mais raro no mundo, um café que na verdade foi comido e excretado por um mamífero de Sumatra, semelhante a um gato selvagem, que tem o dom de selecionar apenas os melhores grãos de café para comer e, além disso, o processo digestivo confere um sabor mais acentuado após os grãos serem assados, frisa ele. Ou as meias que ele usa, costuradas à mão pela mesma costureira italiana que faz as meias do papa. Ou os lençóis no quarto de hóspedes, cuja contagem de fios chegava a quatro dígitos e fazia o algodão egípcio parecer uma lixa.

— A maioria das pessoas passa pela vida sem prestar atenção nos pequenos detalhes — diz Peter, um braço envolvendo Bethany, um pé apoiado na mesa de centro, os três sentados nos sofás modulados de couro que ocupam o centro desse apartamento espantosamente ensolarado. — Mas não me imagino vivendo desse jeito. Entende? Quer dizer, qual a diferença entre uma violinista mediana e a nossa querida Bethany? São os pequenos detalhes. Acho que é por isso que ela e eu nos entendemos tão bem.

Ele aperta o braço dela.

— Com certeza! — responde ela, sorrindo para o noivo.

— Muita gente vive tudo rápido demais e nunca desacelera nem aproveita a vida, nem ao menos agradece pelo que há de bom no mundo. Sabe o que eu acho? Que as pessoas devem viver cada estação em seu devido tempo. Respire o ar. Beba a bebida. Experimente a fruta. Sabe quem disse isso? Foi Thoreau. Li *Walden* na faculdade. Aí eu pensei, sim, viva a vida, entende? Exista no mundo. Bom, seja como for — ele dá uma olhada no relógio —, tenho que ir. Reunião em Washington em algumas horas, depois Londres. Divirtam-se no protesto, seus hippies. Não derrubem o governo enquanto eu estiver viajando.

O casal troca beijos rápidos, Peter Atchison coloca o paletó e vai embora às pressas, e então Bethany olha para você, é o primeiro momento que se encontram a sós. E antes que você possa perguntar "*Como assim, amigo de correspondência?*", ela diz "Acho melhor a gente ir logo! Vou chamar o motorista!" em uma entonação maníaca que sufoca qualquer possibilidade de uma conversa real. E você ainda espera ter alguma interação autêntica, sincera e íntima com ela, talvez no carro, a caminho do protesto, mas, assim que entram no banco traseiro do Cadillac Escalade e põem-se a caminho, Bethany começa a falar amenidades com o motorista, um sujeito mais velho, muito enrugado, que se chama Tony e é grego, como você logo descobre, e cujas três filhas e oito netas estão todas muito bem, ótimas, como você também fica sabendo, pois Bethany insiste que ele fale de todas elas, uma por uma, com as respectivas notícias: onde estão, o que estão fazendo,

como vão as coisas etc. Vocês seguem desse modo até quase a 34th Street, em cujas imediações a conversa com Tony acaba naturalmente se esgotando, pois ele já falou de toda sua prole, e então sobrevém um silêncio antes que Bethany ligue a TV do carro e sintonize em um canal de notícias já bem avançado em sua transmissão diária da Convenção Nacional e seus respectivos protestos, e então ela diz "Dá pra acreditar no que estão dizendo de nós?", e passa o restante do trajeto reclamando das notícias ou digitando mensagens no celular.

As notícias são, de fato, desagradáveis. Repórteres afirmam que vocês e pessoas da sua laia são manifestantes pouco representativos. Do tipo que se aproveita das circunstâncias para chamar a atenção. Rebeldes de barriga cheia. Agitadores. Nuvens de maconha. Imagens de arquivo de Chicago em 1968: um garoto jogando um tijolo na janela de um hotel. Especulações sobre o efeito das manifestações entre os eleitores do Meio-Oeste. Os apresentadores opinam: os eleitores do Meio-Oeste vão achar esses protestos repulsivos. "O eleitor médio de Ohio não vai se identificar com esses manifestantes", diz um cara que não é o âncora nem o repórter, apenas algo intermediário: o comentarista. "Especialmente se as coisas ficarem violentas", continua ele. "Se o que aconteceu em Chicago em 1968 se repetir agora, podem apostar que isso vai ajudar os republicanos outra vez."

Durante todo esse tempo, Bethany não para de digitar no telefone, os dedos de violinista produzindo um vago sussurro no minúsculo teclado, semelhante ao som de sapateado, só que abafado por protetores de orelha, e Bethany está tão compenetrada que mal percebe que você olha fixamente para ela — ou talvez *finja* não perceber —, mas de toda forma você olha para o rosto dela e depois para a saliência em seu pescoço, no ponto em que ela costuma apoiar o violino, um áspero calo em forma de couve-flor, a única parte de seu corpo que não é lisa, com manchas de um marrom desbotado em meio ao pálido tecido fibroso, uma coisa feia grudada em seu corpo feito uma craca, resultado de uma vida dedicada à música, e isso faz você se lembrar de algo que sua mãe disse pouco antes de partir. *As coisas que você mais ama são as que mais irão machucá-lo.* E agora que estão chegando ao seu destino — um gramado no Central Park que serve de ponto de encontro aos manifestantes —, que Bethany joga o BlackBerry dentro da bolsa e salta do veículo, você percebe que aquele momento íntimo não tem a menor chance de ocorrer e seu coração se encolhe; tudo o que você deseja é ir embora de Nova York e ficar escondido por uma década, e enfim entende que sua mãe estava certa: as coisas que mais amamos são as que mais nos desfiguram. Tamanha é nossa ambição por elas.

Para seguir Bethany até o parque, vá à página seguinte...

Os caixões estão prontos e esperando por você.

No grande círculo de Sheep Meadow, lá estão eles, cerca de mil caixões, talvez mais, dispostos no interior de uma cerca no gramado longo e fofo.

— O que é isso? — pergunta você, olhando aquela cena perturbadora, centenas de caixões com a bandeira americana dobrada sobre eles e pessoas caminhando entre as fileiras, muitas tirando fotos, ou falando ao celular, ou fazendo embaixadinhas com bolas de meia.

— Nosso protesto — responde Bethany, como se não houvesse nada de estranho naquilo.

— Não era bem isso que eu estava esperando — diz você.

Ela dá de ombros. Sai caminhando à sua frente e mergulha na multidão, parque adentro, em direção aos caixões.

É um tanto esquisito ver pessoas se comportando normalmente em um parque cheio de caixões. Aqui, um homem passeando com seus cachorros parece algo inapropriado, quase indecoroso — os cachorros avançam em direção a um caixão para cheirá-lo e todo mundo o observa com horror antecipado, porque *será que ele vai mijar ali?* No fim das contas, não mijam. Os cachorros logo se desinteressam e vão fazer xixi em outro lugar. Uma mulher com um alto-falante portátil, aparentemente uma das organizadoras, urge todos a lembrar que esses caixões não são apenas caixões, mas corpos. Pensem neles como corpos. Corpos de soldados que realmente morreram no Iraque, então, por favor, mostrem respeito. Murmúrios de que essa mensagem é uma alfinetada não muito sutil naqueles que vieram fantasiados de forma demasiado festiva: uma trupe em trajes coloniais representando os Pais Fundadores com cabeças de gesso calcinado três vezes maiores que cabeças de verdade; ou um grupo de mulheres extravagantemente vestidas em vermelho, azul e branco, com gigantescos pênis falsos em forma de mísseis intercontinentais; ou a legião de máscaras de George W. Bush com bigodinhos de Hitler. Todos os caixões estão cobertos por bandeiras americanas dobradas, similar àqueles que a gente vê na TV sendo descarregados de aviões naquela base aérea em Delaware, contendo os soldados mortos. A mulher com o alto-falante diz que todo mundo pode pegar um corpo, mas, se alguém quiser um corpo específico, que venha falar com ela, porque ela tem uma planilha. Os manifestantes foram instruídos a usar roupa preta e muitos obedeceram. Em algum lugar, alguém toca tambor. Ao longo da 8th Avenue, estão estacionados vários furgões da imprensa, com logotipos coloridos e brilhantes e transceptores instalados no topo, apontados para o céu como uma fileira de pinheiros. Entre os dizeres que pululam nos cartazes, incluem-se PAREM BUSH e PRENDAM BUSH e vários trocadilhos com o sobrenome do presidente. Duas garotas de biquíni, que estão tomando banho de sol, não se deixam persuadir pelo convite de se juntarem à causa. Uns caras andam pelo meio da multidão vendendo garrafas d'água, broches contra o Partido Republicano e adesivos e camisetas e canecas e macacões de bebê e bonés e viseiras e livros para crianças com ilustrações representando políticos republicanos como monstros escondidos embaixo da cama. Alguém certamente está fumando ou acaba de fumar maconha nas redondezas. ESMAGAI BUSH POIS ELE É UMA

ABOMINAÇÃO NA FACE DA TERRA, diz um dos cartazes estranhamente evangélicos, que causam certo desconforto à maioria dos integrantes deste grupo específico. Um homem vestido de Tio Sam anda em pernas de pau por algum motivo. Bolas de meia são chutadas em média três vezes antes de caírem no chão. LIBERTEM LEONARD PELTIER.

— Tem um corpo para cada um de nós! — diz a mulher do alto-falante.

As pessoas começam a encontrar os corpos, a levantar os caixões. Um corpo para o cara vestido de Fidel Castro e para o cara vestido de Che Guevara e para o cara com o cartaz dizendo LENNON ESTÁ VIVO! Um corpo para a delegação LGBTQ com camisetas dizendo “Chupa, Bush”. Para cada membro da caravana do Grupo dos Jovens Democratas da Grande Filadélfia, um corpo. Um corpo para cada representante dos Judeus pela Paz, todos brandindo cartazes. Um corpo para os encanadores da Associação Sindical Local N^o 1. Para os membros da Associação de Alunos Muçulmanos da Universidade da Cidade de Nova York. Para as diversas mulheres que vieram combinando em vestidos de formatura cor-de-rosa, uma pergunta (“Por quê?”) e um corpo. Um corpo para o skatista. Para o rastafári. Para o padre. Para a viúva do 11 de Setembro, um corpo especialmente para ela. Para o veterano de guerra com um braço só usando uniforme militar: um lugar na frente e um corpo. E para você e Bethany, um corpo na fileira trinta, de acordo com a planilha da organizadora, e lá, conforme o previsto, vocês encontram um caixão com um adesivo dizendo “Bishop Fall”. Bethany não esboça reação alguma diante do caixão, exceto pelo ato de tocá-lo levemente, com a ponta dos dedos, como que para atrair boa sorte. Ao fazer isso, ela olha para você e o brinda com um sorriso pequeno e triste, e talvez este seja o primeiro momento de verdadeira intimidade que partilham desde que você chegou.

E termina tão rapidamente quanto iniciou. Levantam os corpos agora, todos vocês. Em grupos de dois ou três ou quatro, vocês erguem os caixões. O sol fulgura, a relva verdeja, as margaridas estão florescendo, a colossal campina está pontuada de caixões pretos. Mil caixões pretos, retangulares, de madeira.

Os caixões repousam sobre ombros. A marcha começa. Agora todos vocês são carregadores de caixão.

São cerca de trinta quarteirões até a Convenção Nacional do Partido Republicano, e os caixões estão em movimento no Central Park. Começam as palavras de ordem. A mulher do alto-falante grita instruções. Os manifestantes irrompem como magma, através dos campos de beisebol, para dentro da avenida, diante do arranha-céu coroadado pelo globo prateado que domina o mundo. Estão vestidos de preto e assando ao sol, mas irradiam entusiasmo. Estão gritando, dando vivas. Afluem do Central Park à Rótula de Colombo, onde são imediatamente detidos. A polícia está lá, a postos — barricadas, equipamento antimotim, spray de pimenta, gás lacrimogêneo —, uma exibição de força para arrefecer o protesto antes mesmo que comece. A multidão estaca, olha para o corredor da 8th Avenue, a visão perfeitamente geométrica do centro da cidade, o cânion de prédios erguidos em ambos os lados da rua feito um mar que se abre. A polícia reduziu as quatro pistas a duas. A multidão espera. Olham para cima, para o obelisco no meio da rótula, com a estátua de Colombo no alto, vestido em trajes esvoaçantes como um colegial em dia de formatura. O trânsito na 8th Avenue, que

usualmente flui em direção ao norte, está bloqueado e todos os sinais voltados para os manifestantes dizem NÃO ULTRAPASSAR ou VIA FECHADA. Para muitos deles, é a epítome de algo importantíssimo.

Se a polícia atacar, não resistam é a mensagem dos organizadores da manifestação, proclamada pela mulher do alto-falante à frente da multidão. Se um policial quiser algemar você, permita. Se quiser colocar você em uma viatura, em uma ambulância, em um camburão, não resista de forma alguma. Se a polícia atacar com porretes e aparelhos de choque, não resista, não entre em pânico, não revide, não fuja. Isto não pode virar vandalismo. A mensagem é: fiquem calmos, não percam a cabeça, lembrem que estão sendo filmados. Isto é um protesto, não um circo. A polícia tem balas de borracha e elas machucam pra cacete. Pensem em Gandhi, paz, amor, tranquilidade zen. Por favor, não vão levar um jato de pimenta na cara. Por favor, não tirem a roupa. Lembrem, sejam circunspetos. Estamos carregando caixões, pelo amor de Deus. Esta é a nossa mensagem. Respeitem a mensagem.

Você está segurando o caixão na parte inferior, em que ficariam os pés do morto. Bethany está à sua frente, segurando a cabeça simbólica. Você tenta não pensar nesses termos: pés, cabeça. Está segurando um caixão de compensado: vazio, oco. Lá na frente, a enorme aglomeração está deslizando devagar para o sul. Você está na zona de calma, caixões boiando sobre um lago de braços firmes. Você está cheio de conflitos, cheio de impulsos contraditórios. Carrega o caixão de Bishop, e a sensação é horrível. Isso desencadeia sentimentos de culpa pavorosos por não ter ajudado Bishop quando eram meninos. E a culpa por querer cortejar Bethany aqui e agora, durante o que é essencialmente o funeral de seu irmão. *Meu Deus do céu, eu sou um babaca*. É como se sentisse o desejo rastejando fisicamente e morrendo nas profundezas de sua alma. Mas tudo muda novamente quando você ergue o rosto e olha para Bethany outra vez, suas costas nuas, o suor em seus ombros, as mechas de cabelo grudadas em seu pescoço, os ângulos de músculo e osso, a nudez de sua coluna. Ela está lendo o adesivo fixado no caixão: *O Soldado Bishop Fall foi morto no Iraque em 22 de outubro de 2003. Formou-se no Instituto Militar de Virginia. Cresceu em Streamwood, Illinois*.

— Não faz jus a ele — diz Bethany, mas não está falando com você.

Não está falando com ninguém, na verdade. É como se um pensamento passageiro tivesse se transformado em palavras por acidente.

Ainda assim, você responde:

— Não. Não faz jus a ele.

— Não.

— Deveriam ter mencionado que ele era um excelente jogador de *Missile Command*.

Foi uma risadinha, nesse momento, no rosto de Bethany? Não há como ter certeza, porque ela continua de costas. Você prossegue:

— Também deveriam ter mencionado que todos os meninos no colégio o adoravam e o admiravam e tinham medo dele. E os professores também. Que ele sempre conseguia o que queria. Que era o centro das atenções mesmo sem querer. A gente sentia vontade de fazer tudo o que ele pedisse. A gente queria agradá-lo, mesmo sem saber por quê. Era a personalidade dele. Uma personalidade enorme.

Bethany assente. Está olhando para o chão.

— Algumas pessoas passam pela vida como uma pedrinha caindo em um lago — continua você. — Mal fazem barulho. Bishop rasgou a vida como um meteoro. Estamos no rasto de sua passagem.

Bethany não olha para você, mas diz:

— É verdade.

Então se apruma. Vira o rosto para outro lado, e você suspeita, sem poder verificar, que ela agora está chorando e não quer que você veja.

A procissão recomeça. Os caixões estão em movimento, e os manifestantes passam a entoar palavras de ordem. Os líderes com alto-falantes e os milhares de pessoas atrás deles, todos cantam erguendo mãos e vozes em ardoroso uníssono: *Hey! Hey! Ha! Ha!*

É nesse ponto que o cântico se fragmenta, pois a turba não sabe exatamente o que dizer, mas logo em seguida as vozes convergem novamente no verso final: *Tem que acabar!*

O que tem que acabar? É uma cacofonia. Você escuta uma porção de coisas. Algumas pessoas gritam *os republicanos*. Outras, *a guerra*. Outras, *George Bush*. *Dick Cheney*. *Halliburton*. *Racismo*, *machismo*, *homofobia*. Algumas pessoas parecem ter vindo de protestos completamente diferentes, alguns berram contra Israel (por oprimir os palestinos), ou contra a China (por oprimir Falun Gong), ou contra a exploração dos trabalhadores do Terceiro Mundo, ou contra o Banco Mundial, a NAFTA, o Acordo Geral de Tarifas e Comércio.

Hey! Hey! Ha! Ha!

[falatório incompreensível]

Tem que acabar!

Ninguém sabe que palavras usar hoje. Cada um está envolvido com sua ira pessoal.

Isto é, até alcançarem certo ponto nas proximidades da 50th Street, onde deparam com um grupo de contramanifestantes, dispostos no meio do trajeto para protestar contra o protesto, e isso proporciona um propósito claro a todos os envolvidos. Os contramanifestantes berram e sacodem seus cartazes feitos à mão. Os cartazes perfazem um espectro retórico que vai da sinceridade mais transparente (VOTE EM BUSH) à ironia astuta (COMUNISTAS POR KERRY!), da verbosidade (GUERRAS JAMAIS CONSEGUIRAM NADA, EXCETO DAR FIM À ESCRAVIDÃO, AO NAZISMO, AO FASCISMO E AO HOLOCAUSTO) à concisão (uma imagem do horizonte de Nova York sobreposto a um cogumelo atômico), de apelos patrióticos (APOIEM NOSSOS SOLDADOS) a apelos religiosos (DEUS É REPUBLICANO). Não por acaso, este também é o lugar que os canais de televisão escolheram para montar suas câmeras, de modo que todo o evento — a marcha do Central Park ao Madison Square Garden — será representado, hoje à noite, por um breve clipe em que metade da tela é ocupada por manifestantes e a outra metade por contramanifestantes, todos se comportando mal. Gritam coisas desconexas uns para os outros: um lado grita “Traidores!”; o outro responde “Quem Jesus iria bombardear?”. A coisa toda vai parecer bem feia.

Este será o embate mais emocionante do dia. O ataque da polícia, que todos temiam, não acontecerá. Os manifestantes permanecerão dentro dos estreitos limites da Zona da Liberdade de Expressão. Os policiais não

farão outra coisa além de observá-los com expressão atordoada.

O estranho é que, quando isso se torna claro, o vigor dos manifestantes parece diminuir. Enquanto a marcha flui lentamente, você começa a avistar caixões abandonados nas ruas — soldados tombados no campo de batalha pela segunda vez. Talvez esteja quente demais. Talvez seja pedir demais, carregar essas caixas por tanto tempo. Bethany segue em frente, quarteirão silencioso após quarteirão silencioso. A esta altura, você já memorizou os contornos de seu dorso, a forma de suas omoplatas, o pequeno prado de sardas na base de seu pescoço. Há um vago cachear na ponta de seus longos cabelos castanhos, uma rápida voluta na extremidade das mechas. Está usando sapatilhas que revelam marcas em seus calcanhares, deixadas por sapatos. Bethany não fala nem canta — simplesmente avança, com aquele jeito extraordinariamente apurado e digno. Nem sequer muda a mão com que segura o caixão, ao contrário de você, que reveza entre a esquerda e a direita a cada dois quarteirões, pois o fardo deixa suas mãos doídas e assadas. A carga não parece afetá-la — nem as arestas do compensado nem o peso do caixão, o qual não parecia muito desafiador a princípio, mas que se tornou considerável após carregarem aquela coisa por algumas horas. Os tendões de sua mão se contraem, os músculos dos antebraços ardem, um nó contorce a carne atrás da caixa torácica — tudo por causa disto, esta caixa delgada e vazia. Não é exatamente pesada, mas, no devido tempo, qualquer fardo se torna difícil de carregar.

E, finalmente, o fim da marcha. Aqueles que carregaram seus caixões desde o Central Park agora os depositam ao pé do Madison Square Garden, onde os republicanos estão fazendo sua convenção. O simbolismo é fácil de analisar: os republicanos são responsáveis pela guerra; também devem ser responsabilizados pelos mortos. Há algo inquietante na forma como os caixões se empilham. Para cobrir a avenida, cem caixões são o suficiente. Em duzentos, começam a parecer uma muralha. Então a pilha fica alta demais, e os manifestantes começam a erguer os caixões a alturas que eles próprios não alcançam e os caixões se amontoam como blocos de brinquedo, perigosamente equilibrados, escorregando do topo da pilha e aterrissando em ângulos oblíquos. A coisa começa a parecer uma daquelas barricadas improvisadas que a gente associa a *Les Misérables*. Próximo a quinhentos, a cena adquire uma aparência de vala comunal, algo perturbador até para os mais linha-dura. Os manifestantes depositam seus caixões e proferem obscenidades aos republicanos, sacudindo os punhos e gritando na direção da gigantesca arena ovoide logo além da linha que demarca o limite do protesto, conforme a permissão recentemente emitida pela prefeitura, uma linha reconhecível pelos maciços preparativos de segurança — grades de aço e veículos blindados e policiais da tropa de choque lado a lado —, caso as pessoas esqueçam onde acaba a Zona da Liberdade de Expressão.

Quando você e Bethany colocam o caixão na pilha, fazem-no gentilmente. Não o atiram. Não gritam. Depositam-no sobre o chão, em silêncio, e depois escutam a comoção ao redor por um instante, os vários milhares de pessoas que compareceram, número considerável para um protesto, mas minúsculo se comparado à audiência que assiste pela televisão, em certo canal de notícias que está transmitindo o fim do protesto ao vivo em uma caixa no lado esquerdo da tela, próximo a algumas caixas menores no lado direito, onde cabeças de especialistas tentam decidir se o protesto que vocês acabaram de fazer vai acabar saindo

pela culatra ou se será apenas inútil, se vocês são traidores ou apenas estão consolando o inimigo, e sob a imagem dos manifestantes há uma manchete amarela brilhante que diz LIBERAIS USAM MORTE DE SOLDADOS PARA GANHOS POLÍTICOS. No fim das contas, o protesto acaba sendo um grande triunfo para este programa de notícias em particular, que hoje vai alcançar seu mais alto índice de audiência pós-11 de Setembro, marcando 1,6 milhão de espectadores, número que por sua vez é eclipsado pelos dezoito milhões de lares que devem sintonizar o canal esta noite para assistir a um reality show de música, mas mesmo assim é uma audiência muito boa para uma simples canal de notícias e permitirá que o programa aumente o preço dos anúncios em 0,1 ponto percentual no próximo semestre.

Nesse meio-tempo, Bethany olha para você pela primeira vez em horas. Ela diz:

— Vamos para casa.

Para ir para casa com Bethany, vá à página seguinte...

Talvez isto ainda não pareça um livro-jogo, pois você não fez nenhuma escolha.

Você passou o dia com Bethany: escutou a conversa do noivo insuportável; deixou que ela o levasse ao protesto; seguiu-a pelo parque e por Manhattan; ficou parado enquanto ela acenava para um táxi; entrou com ela no veículo; agora, rodam em silêncio para o sul da cidade em direção ao extravagante apartamento dela; e, até o momento, você não tomou uma única decisão importante. Não está escolhendo sua própria aventura; a aventura está se desenrolando sozinha. A própria decisão de vir a Nova York não foi exatamente uma decisão, mas apenas um *sim* impulsivo e automático. Como poderia ser uma decisão, se você nem sequer considerou dizer *não*? O *sim* já estava lá, esperando por você, inevitável, a soma de todos aqueles anos de anseio, esperança e obsessão. Você jamais decidiu que sua vida seria assim — a vida simplesmente ficou desse jeito. Você foi esculpido pelas coisas que lhe aconteceram. Você é como um cânion, que não pode escolher a forma em que o rio vai moldá-lo. Simplesmente permite que as águas o escavem.

Mas talvez esteja fazendo ao menos *uma* pequena escolha, que é a decisão tácita, minuto a minuto e a nível subliminar, de agir mais ou menos normalmente em vez de exclamar em um surto de emoção: “O que diabo está acontecendo com você?” ou “Não case com Peter Atchison!” ou “Eu ainda te amo!”. Algum homem mais ousado e romântico talvez fizesse isso, mas, para você, parece impossível. É contra sua natureza. Jamais conseguiu se impor desse jeito. Seu maior sonho sempre foi se esvanecer completamente, tornar-se invisível. Muito tempo atrás, você aprendeu a soterrar suas maiores emoções, pois essas são as coisas que desencadeiam o choro, e não há nada pior que isso, a choradeira pública.

Portanto, você não tenta arrancar Bethany de seu silencioso, longínquo e exasperante estupor, não proclama seu amor por ela nem sequer percebe que isso é uma possibilidade. Você é como o antigo pintor de cavernas fazendo desenhos em duas dimensões antes da invenção da perspectiva com três pontos de fuga: é incapaz de trabalhar fora das estreitas dimensões conhecidas.

Mais cedo ou mais tarde, contudo, você terá de fazer uma escolha. Está cada vez mais perto dela — a aproximação começou quando Bethany tocou no caixão com o nome de Bishop e o disfarce maníaco que ela usara até então se desfez, deixando-a silenciosa, introspectiva e muito, muito distante. Tão distante que, após retornarem ao seu apartamento monárquico, ela vai para o quarto e você chega a supor que Bethany tenha ido dormir. Contudo, ela reaparece alguns minutos depois: mudou de vestido, trocando o preto por um amarelo, uma peça moderna, leve e veranil. Tem um envelope à mão e o deposita na bancada da cozinha. Acende algumas luzes, puxa uma garrafa de vinho da adega climatizada e pergunta:

— Bebe comigo?

Você assente. Lá fora, o distrito financeiro refulge no coração da noite, altos prédios de escritórios totalmente iluminados e vazios.

— Peter trabalha naquele ali — comenta Bethany, apontando.

Você assente. Não tem nada a dizer sobre o assunto.

— Ele é realmente muito respeitado. Meu pai não para de falar nele — continua ela, e faz uma pausa. Você beberica, e ela olha para dentro da taça. — Desculpe por não avisar que tinha noivado.

— Na verdade, não é da minha conta.

— Foi o que eu disse a mim mesma. — Ela o encara com aqueles olhos verdes. — Mas isso não é totalmente verdadeiro. Você e eu, nós somos... um caso complicado.

— Eu não sei o que somos.

Ela sorri, apoia-se na bancada da cozinha e solta um grande e dramático suspiro.

— Dizem que, quando um dos gêmeos morre, o outro sente.

— Ouvi dizer.

— Não é verdade — diz ela, e toma um longo gole de vinho. — Não senti nada. Levamos alguns dias para descobrir que ele estava morto e, durante esse tempo, não senti nada. Mesmo depois, muito depois, mesmo no funeral, eu não senti o que as pessoas pensavam que eu deveria sentir. Não sei. Acho que nos afastamos um do outro.

— Eu sempre quis escrever para ele, mas nunca escrevi.

— Ele mudou. Foi para a escola militar e virou uma pessoa diferente. Parou de telefonar, parou de escrever, parou de nos visitar nos feriados. Desapareceu. Já estava no Iraque havia três meses quando descobrimos que tinha ido para lá.

— Imagino que ele tenha ficado feliz em escapar do seu pai. Mas me surpreende que quisesse escapar de você.

— Desaparecemos da vida um do outro. Não sei quem começou, mas, por um tempo, era mais fácil fingirmos que o outro não existia. Sempre me ressentia da forma como ele usava as pessoas e nunca era punido. Ele sempre se ressentiu do meu talento e da admiração que os adultos tinham por mim. Todo mundo sempre achou que eu era um gênio e que ele era o encrenqueiro. A última vez que nos vimos foi na formatura dele. Apertamos as mãos.

— Mas ele adorava você. Disso eu me lembro.

— Alguma coisa nos separou.

— O quê?

Bethany olha para o teto e comprime os lábios, em busca das palavras certas.

— Bem, ele sofreu, você sabe... sofreu abusos.

— Ah.

Ela caminha até a janela panorâmica e olha para fora, de costas para você. Além dela, o brilho de Manhattan, silencioso a esta hora da noite, como brasas que seguem ardendo após as chamas se apagarem.

— Era o diretor? — pergunta você.

Bethany assente.

— Bishop não entendia por que era ele a vítima, e não eu. Então começou a me tratar mal. Insinuando que eu estava *feliz* com a situação. Como se fosse uma competição entre nós e eu estivesse vencendo.

Sempre que eu tinha qualquer tipo de sucesso, ele me fazia lembrar que as coisas eram mais fáceis para mim porque eu não tive de suportar tudo o que ele suportou. Não deixava de ser verdade, claro, mas ele usava isso para me diminuir. — Ela se vira e olha para você. — Isso faz algum sentido? O que eu disse deve parecer terrivelmente egoísta.

— Não é egoísta.

— É egoísta, sim. E, em grande parte, eu consegui esquecer tudo. Ele foi para a escola militar e nos afastamos um do outro, e me senti aliviada. Por anos. Ignorei o assunto. Como se jamais tivesse acontecido. Até que um dia...

Ela abaixa o rosto, olha para você de um jeito estranho e, de repente, você entende.

— Ignorou o assunto até o dia em que meu conto foi publicado — diz você.

— Sim.

— Sinto muito.

— Ler seu conto foi como descobrir que um pesadelo terrível era real.

— Sinto muito mesmo. Devia ter pedido sua permissão.

— E eu pensei, meu Deus, ele só conviveu com a gente por alguns meses. E se *você* entendeu tão bem o que estava acontecendo, que tipo de pessoa eu sou? Por fingir que nada aconteceu?

— Eu só entendi muito, muito depois. Na época, não sabia o que estava acontecendo.

— Mas *eu* sabia. E não fiz nada. Não contei a ninguém. E fiquei zangada com você por ter desenterrado tudo outra vez.

— É compreensível.

— Era mais fácil ficar zangada com você do que admitir minha culpa. Por isso, fiquei furiosa com você durante anos.

— E então?

— E então Bishop morreu. E eu fiquei simplesmente entorpecida.

Ela olha para a taça, percorrendo a borda com a ponta do dedo.

— Era como ir ao dentista e tomar um anestésico muito forte. Você se sente bem, mas tem certeza de que, no fundo, a dor existe. Só que a dor não está sendo assimilada. Era como a vida me parecia.

— Por todo esse tempo?

— Sim. Isso fez com que a música se tornasse algo muito estranho. Depois dos concertos, as pessoas vêm me dizer como ficaram emocionadas com minha performance. Mas, para mim, são apenas notas. A emoção que as pessoas sentem está na música, não em mim. É apenas uma receita. É assim que me sinto.

— E quanto ao Peter?

Bethany ri e estende a mão, assim vocês dois podem dar uma boa olhada no diamante, brilhando sob as luzes embutidas da cozinha, com um milhão de pequenos arco-íris lá dentro.

— Bonito, não é?

— É grande — afirma você.

— Quando ele pediu minha mão, eu não fiquei feliz. Nem triste. Se tivesse que descrever o que eu senti, acho que diria: meu interesse foi despertado. Seu pedido me pareceu *realmente interessante*.

— Isso não é lá muito romântico.

— Acho que ele me pediu em casamento para me tirar da fossa. Mas o tiro saiu pela culatra. E a fossa ficou ainda mais aterrorizante, porque agora parece que eu jamais sairei dela. E Peter faz de conta que nada está acontecendo e passa muito tempo fora de casa. Por isso foi a Londres.

Bethany enche novamente a taça. Lá fora, a lua se ergueu sobre o horizonte irregular do Brooklyn. Luzes piscando em fileiras no céu são aeronaves descendo em direção ao aeroporto JFK, vindas do sul. Em uma moldura na parede da cozinha, há um desenho muito pequeno de um touro, que talvez seja de fato uma obra de Picasso.

— Ainda está com raiva de mim?

— Não. Não estou brava com você. Não sinto nada a seu respeito — diz ela.

— Ok.

— Sabia que Bishop nunca leu o seu conto? Nunca lhe falei a respeito. Fiquei furiosa com você em nome dele, mas ele nunca o leu. Não é engraçado?

Você se sente aliviado ao ouvir isso. Então Bishop nunca descobriu que você havia desvendado o segredo. Pensou até o fim que sua privacidade fora respeitada.

Bethany pega a garrafa de vinho pelo gargalo, vai para a sala de estar e se joga no sofá, nem sequer acende uma lâmpada, só se joga em meio à penumbra, de tal forma que você não a vê se jogando, mas só escuta o estalar do caríssimo estofamento (couro de crocodilo, você palpita) quando Bethany tomba sobre ele. Você se senta na frente dela, no mesmo sofá em que esteve sentado mais cedo, ouvindo uma versão hiperativa de Bethany e Peter simulando um relacionamento feliz. A única luz no apartamento vem dos dois pequenos nichos na cozinha e das janelas brilhantes dos arranha-céus vizinhos — certamente, não é o bastante para enxergar. Quando Bethany fala, sua voz parece sair do vazio. Ela lhe faz perguntas sobre Chicago. Sobre o seu trabalho. O que você faz. Se você gosta de trabalhar lá. Como é sua casa. O que você faz para se divertir. E você responde a todas essas amenidades, e, enquanto fala, ela se serve outra taça de vinho, e mais outra, vez por outra com goles audíveis e murmúrios de “u-hum” nos momentos-chave de seu relato. Você diz que o trabalho é bom, exceto pelos alunos, que são desmotivados; e os diretores, que são impiedosos; e a localização, que é suburbana e monótona; e, pensando melhor, a verdade é que você não gosta nem um pouco do seu trabalho. Conta que vive em uma casa com um quintal que nunca é usado, que paga para alguém cortar a grama. Às vezes algumas crianças correm pelo seu quintal em diversas brincadeiras, mas você não se importa com isso e encara o fato como sua contribuição ao sentimento cívico da comunidade. Fora isso, não conhece seus vizinhos. Está tentando escrever um livro pelo qual já foi pago, o que lhe causa certos problemas de motivação. Quando ela pergunta sobre o que é o livro, você responde:

— Sei lá. Família?

Quando Bethany abre a segunda garrafa de vinho, você sente que ela está tentando criar coragem para alguma coisa e que o vinho a está ajudando. Ela começa a falar de suas memórias, sobre os velhos tempos, quando eram crianças; fala sobre videogames e as brincadeiras que faziam no bosque.

— Lembra a última vez que foi à minha casa? — pergunta ela.

E claro que você lembra. Foi a noite em que a beijou. Seu último momento de verdadeira felicidade antes que sua mãe fosse embora. Mas isso você não diz a Bethany. Você responde apenas:

— Lembro.

— O meu primeiro beijo.

— O meu também.

— O quarto estava escuro, como esta sala — diz ela. — Eu não conseguia ver você direito. Só sentia que você estava muito perto de mim. Lembra?

— Eu lembro.

Bethany se levanta — o sofá anuncia o movimento, o espocar do couro, o barulhinho de sucção — e se aproxima de você, senta-se ao seu lado e pega a taça de sua mão, depositando-a sobre o assoalho. Agora ela está muito perto, um joelho dela encosta no seu, e você finalmente começa a entender as luzes apagadas e as garrafas de vinho.

— Foi assim? — pergunta ela, aproximando o rosto do seu e sorrindo.

— Estava mais escuro.

— Podemos fechar os olhos.

— Podemos — concorda você, mas não os fecha.

— Você estava mais ou menos a esta distância — diz ela, suas bochechas quase se encostando.

Você sente o calor do corpo dela, o cheiro de lavanda que emana de seu cabelo.

— Eu não sabia o que fazer. Só encostei meus lábios nos seus e torci para dar certo — diz ela.

— Deu certo.

— Que bom.

Ela fica parada um instante, e você tem medo de fazer ou dizer qualquer coisa, medo de se mexer e de respirar, como se este momento fosse feito de ar e pudesse se esvanecer à menor agitação. Seus lábios estão a apenas alguns centímetros dos dela, mas você não se inclina. O espaço entre vocês é algo que ela mesma terá de resolver. Então Bethany diz num sussurro:

— Eu não quero casar com Peter.

— Você não precisa casar.

— Pode me ajudar a não casar com Peter?

Para ajudá-la a não casar com Peter, vá à página seguinte...

E então você finalmente a beija, e ao beijá-la sente uma onda de alívio fluindo do fundo do peito, e todos os arrependimentos, anseios, obsessões, preocupações e os múltiplos tormentos que essa mulher lhe causou, toda a angústia e o remorso por não ter feito com que ela o amasse, tudo parece se despedaçar no chão. É como se você tivesse segurado uma muralha de vidro por todo esse tempo e só agora percebesse que pode largá-la. Você de fato a larga, e há algo musical no som desses fragmentos caindo, rolando e se esfacelando ao seu redor — você tenta não recuar enquanto Bethany o beija, enquanto o puxa com as mãos, desencadeando uma poderosa lembrança sensorial do beijo que trocaram quando eram crianças, e você se lembra de sua própria surpresa ao notar que ela tinha os lábios secos, lembra que não sabia o que fazer além de pressionar seu rosto no dela, nos tempos em que o ato de beijar não era só uma placa de sinalização na estrada, mas o objetivo final da viagem. No entanto, agora vocês dois estão mais velhos, já tiveram todas as experiências relevantes e sabem exatamente o que fazer com o corpo um do outro — ou seja, sabem que beijar é às vezes uma forma de comunicação, e o que estão dizendo um ao outro neste momento é que ambos querem *mais*. Então você aperta seu corpo contra o dela, desliza as mãos pela cintura e pressiona os dedos no tecido suave do vestido; ela o agarra pelo colarinho e o puxa para mais perto, vocês continuam se beijando — profundamente, vorazmente, devorando um ao outro —, e você sabe que está consciente de todas essas sensações e pode se concentrar em tudo, sentir tudo ao mesmo tempo: suas mãos e a pele dela, sua boca e a boca dela, os dedos e a respiração dela e o modo como o corpo dela reage ao seu corpo — essas coisas não parecem sensações isoladas, mas camadas de uma única sensação mais vasta, aquele fluxo de consciência que às vezes ocorre quando se está entrelaçado a outra pessoa e tudo funciona à perfeição, e é como se você quase pudesse adivinhar exatamente o que a outra pessoa deseja e sentir suas emoções enquanto elas emergem trêmulas do corpo dela, é como se o tremor as comunicasse ao seu corpo, como se os limites entre os dois corpos fossem temporariamente anulados e agora vocês fossem seres sem fronteiras.

Esta é a sensação, esse prolongamento mútuo e, por isso mesmo, é um grande choque quando Bethany se empertiga de súbito, recua e agarra suas mãos para deter seu progresso.

— Espere — diz ela.

— O que foi? — pergunta você. — Qual o problema?

— É que... desculpa.

Ela se desvencilha de você, se afasta e se encolhe no outro lado do sofá.

— O que foi? — insiste você.

Bethany balança a cabeça e o fita com aqueles olhos tristes e terríveis.

— Não posso — confessa ela, e algo acontece dentro de você, algo que poderia ser chamado de *despenca*.

— A gente pode ir mais devagar — diz você. — Podemos desacelerar. Não tem problema.

— Isto não é justo com você — responde ela.

— Eu não me importo — rebate você, esperando que a voz não delate seu desespero, pois sabe que, se falhar com essa garota após ter chegado tão perto, ficará arrasado. E, desta vez, não vai conseguir se recuperar. — A gente não precisa transar — afirma. — A gente pode, sei lá, ir com calma?

— Sexo não é o problema — diz ela, e dá uma risada. — Eu posso transar. Eu *quero*. Mas não sei se você quer. Ou vai querer.

— Eu quero.

— Mas tem algo que você não sabe.

Bethany fica de pé e alisa as roupas, um gesto que pretende sinalizar calma e dignidade, uma profunda ruptura com os arroubos teatrais no sofá.

— Há uma carta para você — diz ela. — Na bancada da cozinha. Uma carta de Bishop.

— Ele escreveu uma carta? Para mim?

— O Exército nos enviou alguns meses após a morte dele. Ele tinha escrito a carta antes, para o caso de não voltar vivo da guerra.

— Escreveu uma carta para você também?

— Não. Escreveu apenas para você.

Bethany lhe dá as costas e caminha lentamente em direção ao quarto. Move-se outra vez daquele jeito cuidadoso que lhe é característico, perfeitamente ereta, perfeitamente empertigada, todos os movimentos controlados e deliberados. Ao abrir a porta do quarto, ela para, vira-se e olha para você por cima do ombro.

— Olha — começa ela. — Eu li a carta. Sinto muito, mas li. Não sei o que ela quer dizer, e você não precisa me contar, mas quero que saiba que eu a li.

— Ok.

— Vou estar bem aqui — diz ela, indicando o quarto com um movimento de cabeça. — Depois de ler a carta, se quiser vir ficar comigo, tudo bem. Mas se preferir ir embora — ela faz uma breve pausa, vira-se, parece encarar o chão —, eu vou entender.

Ela se retira em direção à escuridão do quarto, e a porta se fecha com um estalo suave.

Para ler a carta, vá à página seguinte...

No interior do veículo blindado Bradley, o soldado Bishop Fall está sentado com o queixo apoiado no peito, dormindo. Este é o segundo veículo em um pequeno comboio — três Bradley, três Humvee, um caminhão de suprimentos — que segue em fila rumo a um vilarejo cujo nome desconhecem. Tudo o que sabem é que insurgentes sequestraram o prefeito e o decapitaram em frente a uma câmera de TV. Parece bizarro aos soldados no comboio que as execuções sejam televisionadas e que sigam este método em específico: decapitação. Um tipo de morte vindo de outra época, uma crueldade invocada da idade das trevas.

Cabem aproximadamente quarenta soldados em três Bradley e três Humvee. Cabem mais dois no caminhão de suprimentos, além de água, gasolina, munição e várias caixas de RPCs. Cada RPC — ou Refeição Pronta para Consumo — contém uma lista de ingredientes saturados de sílabas, o que leva muitos soldados a dizerem que, além de decapitações e bombas artesanais, as RPCs eram a maior ameaça a sua integridade física no Iraque. Uma brincadeira popular entre eles é adivinhar se certa substância química faz parte de uma refeição ou de uma bomba. Sorbato de potássio? (Refeição.) Pirofosfato de sódio? (Refeição.) Nitrato de amônio? (Bomba.) Nitrato de potássio? (Ambas.) É o tipo de brincadeira que fazem em certas refeições, quando estão se sentindo complexamente cínicos, mas não quando estão viajando em um Bradley rumo a um vilarejo a uma hora de distância. Nesses percursos, o que mais fazem é dormir. Nos últimos tempos, têm cumprido turnos de vinte horas seguidas; logo, uma hora de sono no interior de um Bradley é o mais próximo que conseguem chegar do paraíso. Porque aqui dentro é totalmente escuro, o lugar mais seguro fora da base militar, e eles estão usando protetores auriculares — pois o barulho de um Bradley em velocidade máxima é como uma montanha-russa de madeira toda frouxa em velocidade Mach 2 —, com uma sensação generalizada de estar em um casulo aconchegante. Todos adoram. Todos exceto um cara apelidado de “Raul”, cujo nome verdadeiro ninguém lembra, porque ele ganhou esse apelido muito tempo atrás devido a sua tendência a vomitar sempre que viajava em um Bradley. Ele sofre de cinetose. Então os outros começavam a gritar “Vai chamar o Raul!”, que inevitavelmente se transformou em “Raul”.

Raul tem dezenove anos, cabelos curtos, um corpo musculoso e esbelto que perdeu sete quilos desde que veio para o Iraque e geralmente se esquece de escovar os dentes. Vem de alguma zona rural sobre a qual ninguém tem opiniões fortes (talvez Nevada? Nebraska?). É um garoto com convicções profundas, imunes aos fatos e à história. Por exemplo: certa vez, entreouviu alguém se referindo à operação no Golfo como “a guerra de Bush” e ficou todo exaltado, argumentando que Bush estava fazendo o melhor possível com a bagunça deixada por Bill Clinton. E isso desencadeou uma discussão sobre quem de fato havia declarado a guerra e quem teve a ideia de invadir o Iraque, e todos tentavam convencer Raul de que Clinton não havia iniciado a guerra, e tudo o que Raul fazia era balançar a cabeça e dizer “Pessoal, tenho certeza de que vocês estão errados”, como se sentisse pena deles. Bishop pressionou-o, dizendo que não importava se ele era pró-Bush ou pró-Clinton, pois o assunto em questão era um fato objetivo e neutro. E Raul disse que Bishop deveria “apoiar nosso C e C”, ao que Bishop pestanejou e perguntou “O que é um C e C?”, e Raul respondeu

“Comandante e chefe”. E isso desencadeou outra discussão, durante a qual Bishop tentou convencê-lo de que a forma correta não é “comandante e chefe”, mas “comandante *em* chefe”, e Raul olhou para ele com uma expressão desconfiada, como se soubesse que estavam lhe pregando uma peça, mas estivesse determinado a não cair nela.

Seja como for, não falam muito de política. Nenhum deles. Não faz muito sentido ali.

Certa vez, Raul pediu que eles deixassem o veículo aberto durante a viagem, para que pudesse olhar o horizonte e assim manter o senso de direção, o que o ajudaria a evitar a tontura e os vômitos. Mas o argumento foi inútil, porque, se o Bradley permanecesse aberto, seu interior não ficaria escuro e os soldados não conseguiriam dormir, e também porque as portas eram blindadas e não era uma boa ideia sacrificar sequer um milímetro de blindagem, tendo em vista o número de bombas e francoatiradores que haviam encontrado até agora. Raul chamou atenção para o fato de que o Bradley é equipado com vários fuzis de assalto M231 expressamente projetados para o veículo (basicamente, são M16 sem o conjunto de massa de mira dianteira, alto demais para tão pouco espaço, e com a coronha mais curta pelo mesmo motivo) e perguntou se a mera existência dos M231 não significava que deveriam manter o Bradley aberto para poder disparar. Bishop disse que estava impressionado com a lógica de Raul, ainda que essa lógica funcionasse evidentemente em benefício próprio. De qualquer forma, o comandante do Bradley, cujo nome também era Bradley, mas que foi apelidado de Pai de Todos — porque se alistara especificamente para fugir de suas várias famílias, espalhadas pelos Estados Unidos —, decidiu que a blindagem ficaria onde estava, dizendo “É uma idiotice não se proteger sempre que possível”, o que, vindo dele, era uma grande ironia.

Alguém poderia imaginar que, devido ao vômito, ao conhecimento frágil do mundo e às constantes lamúrias sobre o confinamento no veículo, Raul seria um forte candidato ao status de pária. Tendo em vista a frequência com que os soldados viajam dentro do Bradley, Raul deveria de fato ser bem impopular. Mas não é assim que as coisas funcionam. Todos estimam e adoram Raul, e assim o é desde certa incursão à meia-noite em um possível reduto inimigo, na qual os óculos de visão noturna dele quebraram e, em vez de recuar, como qualquer um deles teria feito, ele continuou a abrir portas e vasculhar salas usando a luz de uma maldita lanterna. Fato que, numa operação daquelas, equivalia a carregar um enorme sinal de neon com os dizeres *Atire em mim!* Sério, a coragem desse garoto é uma coisa de outro mundo. Certa vez, disse a Bishop que a única coisa pior do que ser alvo de disparos é quando os atiradores fogem. E Bishop se convenceu de que, em vez de preferir que ninguém o atacasse, Raul realmente achava melhor ser alvo de atiradores parados, pois ao menos assim teria uma chance de matá-los. Portanto, todo mundo ama o Raul. E um dos nítidos sinais de seu amor por ele é o fato de continuarem a tratá-lo por Raul, um apelido que talvez pareça cruel aos ouvidos de um estranho por chamar atenção a um defeito pessoal, mas que indica, em vez disso, que eles aceitam essa pessoa e a amam *apesar* do defeito. É uma forma muito masculina de expressar amor incondicional. Nada disso é expresso em voz alta, naturalmente.

Além disso, há a história da garota. O principal assunto de Raul: Julie Winterberry. Todos gostam de ouvi-lo falar dela. Sem sombra de dúvida, a garota mais bonita no colégio de Raul, vencedora de todos os

concursos de beleza que uma garota de sua idade poderia ganhar, colecionadora de troféus por quatro anos consecutivos, um rosto que provocou mil ereções, uma garota cuja beleza não causava as habituais risadinhas nervosas em meninos adolescentes, mas, em vez disso, desencadeava uma dor quase física cuja cura efetiva, às vezes, era morder a própria boca. Ficavam desolados quando ela não lhes dava bola e desesperados quando ela dava. Raul tem uma foto, um retrato de formatura, que costuma mostrar aos outros soldados, e todos têm de concordar que ele não está exagerando. *Julie Winterberry*. Ele pronuncia o nome com reverência litúrgica. O problema é que Raul sempre se sentiu tão intimidado pela beleza de Julie Winterberry que jamais falou com ela. Ela nem sequer sabia o nome dele. Então veio a formatura e Raul foi fazer o curso militar básico, durante o qual deparou com o instrutor de recrutas mais durão da história do Exército americano, e depois disso concluiu que, se havia sobrevivido àquele desgraçado, certamente poderia falar com Julie Winterberry. Ela já não parecia um desafio impossível, não após o curso de treinamento. Então, no breve período que passou em casa antes de ser enviado ao Iraque, Raul a convidou para sair. E ela disse sim. E agora estão apaixonados, tanto que ela chega a mandar fotos sensuais, que todos imploram para ver, mas que Raul não mostra a ninguém. Os outros caras literalmente rastejam aos pés dele, implorando.

O que todos amam na história é a parte em que Raul finalmente convida a garota para sair. Porque, do jeito que Raul conta, ele não tem que *ganhar coragem* para fazer aquilo. É como se o convite já não exigisse coragem alguma. Ou talvez ele tenha descoberto que sempre teve uma fartura de coragem dentro de si mesmo, pronta a ser usada, e isso é algo que todo mundo gosta de imaginar. Esperam que a mesma coisa aconteça com eles, pois às vezes ficam enlouquecidos de pavor aqui e rezam para serem valentes quando a hora da bravura chegar. E é legal imaginar que todos têm um poço de coragem na alma, um poço infinito que vai ajudá-los a atravessar todos os desafios impossíveis que os esperam.

Se um garoto como Raul conseguiu conquistar uma garota como Julie Winterberry, então eles certamente podiam sobreviver a esta guerra nojenta.

Pedem que ele conte a história especialmente quando estão fazendo a limpeza, que é basicamente a coisa mais injusta desta guerra — que os soldados às vezes tenham que recolher os restos mortais dos homens-bomba. Imagine sair com um saco de aniagem em mãos à procura de pedaços de cadáver, que acabam escorrendo através do tecido em uma gosma semelhante ao interior de uma abóbora. E a estrada está fervendo sob o sol, assim os pedaços de carne aleatórios não ficam apenas parados no asfalto, mas efetivamente *cozinham*. Aquele cheiro: sangue e carne e explosivos. Quando estão fazendo isso, pedem que Raul conte a história de Julie Winterberry. Ajuda a passar o tempo.

Depois de um tempo, o Pai de Todos acabou fechando um acordo com Raul: permitiu que ele viajasse na parte de cima, perto da posição da artilharia. Isso é contra o regulamento, claro, pois interfere no movimento do M242. Mas, nesse caso em particular, o Pai de Todos estava disposto a quebrar as regras, pois isso era melhor do que sentir cheiro de vômito do Raul com tanta frequência. Então Raul tem a permissão para viajar na parte de cima, de onde pode ficar olhando o horizonte, o que o ajuda a evitar as náuseas, com o entendimento tácito de que, se alguma coisa grave acontecer, ele precisa se atirar na área de transporte

imediatamente. Coisa que ele faria de bom grado, pois ninguém quer ficar ao lado de um canhão automático disparando. Aquela coisa pode arrebentar um carro como se fosse feito de papel. Os projéteis são compridos como os antebraços de Raul.

Os soldados foram informados de que levariam cerca de uma hora até o vilarejo cujo prefeito foi assassinado. Bishop está sentado na parte de trás do Bradley, com o capacete cobrindo-lhe os olhos e os protetores auriculares praticamente enterrados no cérebro. Um delicioso silêncio. Sessenta minutos maravilhosos e vazios. Aqui, Bishop nem sequer sonha. Uma das surpresas da guerra é que ele se tornou um especialista em sono. Se alguém disser que ele tem vinte minutos para dormir, usará todos os vinte minutos. Consegue notar a diferença entre dormir duas horas e dormir duas horas e meia. Aqui ele sente os limites da consciência de uma maneira que jamais havia sentido em casa. Em casa, a vida era como um carro viajando a cem quilômetros por hora: todos os sobressaltos e texturas amalgamados em um zumbido homogêneo. A guerra é como parar o carro e sentir a estrada com as pontas dos dedos. A consciência pessoal se expande. A guerra faz com que o agora corra lentamente. Bishop sente sua mente e seu corpo de maneiras que nunca antes achara possíveis.

Por isso, quando o Bradley freia e Bishop acorda, ele tem certeza de que não chegaram ao destino: este foi um cochilo de trinta minutos. Sabe disso por causa de certa sensação em seus olhos ou, melhor dizendo, uma sensação no espaço logo atrás de seus olhos, uma espécie de pressão.

— Há quanto tempo estamos viajando? — pergunta Bishop a Raul.

— Quanto você acha? — retruca ele, pois gostam de testar um ao outro com essas perguntas.

— Trinta minutos?

— Trinta e dois.

Bishop sorri. Sobe ao topo do veículo, pestaneja sob o poderoso sol do deserto, olha ao redor.

— Algo suspeito na estrada, lá na frente — explica Raul. — Possivelmente uma bomba caseira. Dá uma olhada. Você não vai acreditar.

Passa o binóculo a Bishop, que vasculha o solo rachado e poeirento lá na frente, até encontrar: uma lata de sopa no meio da estrada. Em pé. Com o rótulo virado para o comboio. Aquele logotipo vermelho, familiar.

— Aquilo é...?

— Sim — confirma Raul.

— Uma lata de sopa Campbell?

— Fez todo o caminho até o meio do nada. Não é pouca merda.

— Isso não é uma bomba. É arte moderna — ironiza Bishop.

Raul o encara de um jeito estranho.

— É um Warhol. Parece um Warhol — explica Bishop.

— Um horror? Como assim, parece um horror? — pergunta Raul, confuso com a palavra desconhecida.

— Deixa pra lá.

Quando avistam uma possível bomba artesanal, os soldados chamam um especialista em desarmamento de explosivos e então esperam, aliviados por não serem os responsáveis por desarmar bombas. E, claro, os especialistas em explosivos se encontram a uns trinta minutos de distância, de modo que os soldados começam a fumar, nervosos com a espera; então Raul, observando o deserto, subitamente diz a Bishop:

— Aposto que consigo acertar aquele camelo com o seu fuzil.

Todos tentam enxergar o tal camelo para o qual ele aponta e então avistam aquela criatura solitária e extenuada, perdida no ermo sem nada ao seu redor, um bicho extraviado, sozinho no deserto, a cerca de meio quilômetro de distância, todo distorcido pelas ondas de calor emanadas da areia. Bishop fica interessado, pois Raul não é conhecido como um exímio atirador, então pergunta:

— O que estamos apostando?

Raul claramente já havia pensado nessa parte da aposta, pois tinha a resposta na ponta da língua:

— Quem perder tem de ficar dentro de um banheiro químico por uma hora.

Expressões de repulsa chegam dos ouvintes. Esta é uma aposta de verdade. Todos sabem que a única coisa mais quente que o sol do deserto é um banheiro químico no sol do deserto. O calor do deserto fica aprisionado entre as espessas paredes de plástico e leva os excrementos de toda a tropa ao ponto de fervura. Algumas pessoas garantem que dá para assar uma costeleta de porco lá dentro — não que alguém tenha tentado. A maioria prende a respiração e sai do banheiro o mais rápido possível. Há relatos de pessoas que ficaram desidratadas simplesmente por darem uma cagada longa demais.

Bishop avalia a proposta.

— Uma hora? Você tem muita coisa pra fazer, Raul. Não quero obrigar você a ficar uma hora inteira sem bater punheta. Que tal cinco minutos? — pergunta ele.

Mas isso Raul não aceita, pois todo mundo sabe que Bishop passou por um treinamento especial para francoatiradores, e uma das coisas que os francoatiradores aprendem é prender a respiração por um longo tempo, talvez até por cinco minutos. Ao menos são esses os rumores.

— Uma hora. Isso ou nada — sentencia Raul.

Então Bishop finge pensar no assunto, mas todos sabem que vai aceitar. Porque ele é incapaz de recusar uma aposta daquelas. Então, após algum tempo, ele diz:

— Tudo bem.

Todo mundo comemora. Bishop passa o fuzil às mãos de Raul.

— Não faz diferença. Você nunca vai acertar mesmo — diz a ele.

Raul então se ajoelha em uma posição idêntica à daqueles soldadinhos verdes de brinquedo que todos os meninos tiveram um dia — posição que certamente *não* é a forma indicada para se disparar um M24 e que faz Bishop sorrir e balançar a cabeça —, e o grupo de espectadores, que agora inclui todos os ocupantes do Bradley e até os caras do caminhão de suprimentos, começa a gritar e a oferecer conselhos, tanto genuínos quanto falsos.

— E aí, Raul? Talvez uns quatrocentos metros?

- Acho que uns 390.
- Parece mais 375.
- O vento está a uns cinco nós?
- Dez nós!
- Não tem vento nenhum, seu babaca.
- Não se esqueça do calor saindo do chão!
- É, isso vai empurrar a bala pra cima.
- Vai mesmo?
- Não é verdade.
- Parem de falar besteira pra ele.
- Atira, Raul! Você consegue!

E assim por diante; Raul simplesmente ignora a todos. Ajeita-se na posição escolhida e prende a respiração enquanto todos esperam pelo disparo — até o Pai de Todos, que, na condição de comandante do veículo, deveria demonstrar desinteresse e superioridade, secretamente saboreia a possibilidade de que a heroica imprudência de Raul acabe por metê-lo em um banheiro químico por uma hora (o Pai de Todos está nesta guerra por conta das besteiras que cometeu, por isso adora ver quando o tiro dos outros sai pela culatra). Enquanto os segundos passam, todos permanecem em silêncio esperando que Raul puxe o gatilho, sem conseguir se decidir entre olhar para Raul e olhar para o camelo, e ele se remexe e deixa o ar escapar e inspira de novo, e Bishop ri e diz:

- Quanto mais pensar no assunto, pior vai ser seu tiro.
- Cala a boca! — diz Raul.

Então puxa o gatilho (depois de menos tempo do que qualquer um deles esperava, é preciso admitir). Olham para o camelo, a tempo de ver uma nuvenzinha de sangue pulular em sua anca esquerda, no ponto em que a bala raspou.

- Isso! Acertei! — grita Raul, erguendo os braços.

Todos comemoram e olham para Bishop, que agora está condenado a sessenta minutos atroz e inexoráveis no forno fecal. Mas Bishop meneia a cabeça e diz:

- Nã-nã-não, o tiro não acertou.
- Como assim? É claro que eu acertei — protesta Raul.

— Olha lá — diz Bishop, apontando o camelo, que ficou compreensivelmente surpreso, agitado, confuso e aterrorizado, e que vem correndo, num passo estranho, em direção ao comboio. — Aquele camelo não parece morto, para mim.

- A aposta não era *matar* o camelo. A aposta era acertá-lo — retruca Raul.
- O que a palavra *acertar* significa para você? — provoca Bishop.
- Eu atirei nele, com uma bala. Isso é o que significa acertar. Fim de papo.

— Você sabe o que teria acontecido comigo, a esta altura, se todos os meus tiros tivessem acertado apenas de raspão na bunda do alvo? Eu teria sido rebaixado.

— Está tentando tirar o corpo fora porque perdeu.

— Eu não perdi. Se você diz a um francoatirador que vai “acertar” alguma coisa, é melhor que a coisa morra. Do contrário, não acertou.

O camelo, enquanto isso, está arremetendo a toda contra o comboio, e alguns dentre a assembleia de espectadores começam a rir dessa idiotice: o bicho está correndo *em direção* às pessoas que lhe deram um tiro. Meio que o oposto de um insurgente, alguém diz. Que animal imbecil. E Raul e Bishop continuam discutindo sobre quem ganhou a aposta e defendendo suas respectivas interpretações do real significado do verbo “acertar” — Raul assumindo uma abordagem estritamente literal, enquanto a de Bishop está mais ligada ao contexto — quando o camelo, que agora talvez esteja a uns noventa metros, subitamente se desvia para a direita e começa a se mover em linha mais ou menos reta em direção à lata de sopa Campbell.

Pai de Todos é o primeiro a notar.

— Ei! Ei, ei! Parem aquela coisa! Matem! Matem agora! — exclama ele, apontando.

— Matar o quê?

— A porra do camelo!

— Por quê?

— Olhem!

E eles veem o camelo correndo em direção à lata de sopa, e os técnicos em explosivos também se aproximam dela, com sua maciça, enorme e quase cômica blindagem corporal, e os soldados que percebem o que está acontecendo logo sacam as pistolas e começam a atirar no camelo. Veem suas balas raspando o camelo de forma inofensiva, arrancando pedaços da camada externa de pelo e couro. Os tiros apenas aterrorizam ainda mais o bicho, e ele aumenta a velocidade e corre com olhos esbugalhados e espuma gotejando do focinho, e os soldados começam a gritar “Se abaxem!” e “Corram!” aos técnicos em explosivos, que não têm a menor ideia do que está acontecendo, pois não participaram da competição de tiro ao camelo. O camelo continua correndo, e é evidente que seu trajeto cruzará diretamente a lata de sopa, e todos procuram um lugar para se proteger, esperando de olhos fechados e com os braços protegendo a cabeça.

Alguns momentos se passam até perceberem que nada vai acontecer.

Os primeiros soldados a erguer a cabeça avistam a traseira agitada do camelo se afastando e a lata vazia rolando inofensivamente logo atrás.

Observam o camelo meio galopando, meio cambaleando rumo ao imenso horizonte do deserto, até começar a se diluir na cálida tremulação que emana da areia. Os técnicos em explosivos tiraram o capacete e estão caminhando em direção ao comboio, xingando em voz alta. Bishop está de pé ao lado de Raul, observando o camelo se afastar.

— Que merda, cara — lamenta Raul.

— Tá tudo bem.

— Essa foi perto.

— Não foi culpa sua. Você não queria causar problemas.

— Parece que tudo desacelerou. É como se... *vvvvvush*. — Ele espalma as mãos ao lado dos olhos, indicando um estreitamento radical da visão. — Bem aquilo que você falou, mesmo.

— O que eu falei?

— Que parecia “um horror”. Agora eu entendo. É isso — explica Raul.

E eles acham que este é o fim da história — uma história bizarra para contar em casa, um desses momentos surreais que surgem no meio da guerra. Mas bem no momento em que todos começam a relaxar em suas respectivas posições, uns trinta segundos após o comboio sair sacolejando pela estrada, Bishop, dentro do Bradley, sente um súbito solavanco e uma onda de calor e ouve o estrondo de algo explodindo lá na frente. É aquele som — no deserto, podem escutá-lo a quilômetros de distância —, o som mais terrível da guerra, o som que os deixará sobressaltados mesmo após regressarem ao lar. Anos depois, sempre que ouvirem o estouro de um balão ou o espocar de fogos de artifício, lembrarão disto, o som de uma mina terrestre ou bomba artesanal, o som da morte violenta, aterradora e aleatória.

E agora vem o pânico e os gritos, e Bishop sobe ao lado de Raul na torre de tiro e vê que o Bradley em frente ao deles está em chamas, expelindo uma fumaça preta como piche, enquanto os soldados se arrastam para fora um por um, sangrando e atordoados. A parte dianteira do veículo parece ter sido rasgada ao meio, exatamente na posição do assento do motorista. Um dos soldados está sendo carregado por outros dois, a perna pendurada ao joelho apenas por tiras vermelhas de carne viva, sacudindo como um peixe no anzol. O Pai de Todos já está chamando os helicópteros.

— A lata de sopa devia ser só uma isca. Para baixarmos a guarda — diz Bishop.

Então ele se vira e percebe de imediato, pela expressão de terror e pânico no rosto de Raul, que algo está errado. Raul tem a mão sobre a barriga, cobrindo a ferida. Bishop afasta a mão dele e não vê nada.

— Não tem nada aqui, Raul.

— Eu senti alguma coisa. Senti alguma coisa entrar.

Já está ficando pálido. Bishop o coloca sentado no interior do Bradley e abre a jaqueta para avaliar o colete à prova de balas, e ainda assim não vê nenhum ferimento.

— Olha. O colete está intacto. Você está bem.

— acredite em mim. Eu fui atingido.

Então, enquanto Raul geme, Bishop lhe arranca o colete e levanta a camisa. Lá está o ferimento, exatamente onde Raul dissera que estaria, alguns centímetros acima do umbigo, uma mancha de sangue do tamanho de uma moeda. Bishop enxuga o sangue e vê o pequeno corte embaixo — talvez do tamanho de um estilhaço grande — e ri.

— Deus do céu, Raul, você está todo apavorado por causa *disto*?

— É grave?

— Seu babaca imbecil.

— Não é grave?

— É minúsculo. Você vai ficar bem. E você é um idiota.

— Não sei, cara. Tem alguma coisa errada.

— Não tem nada de errado. Cala essa boca.

— Eu sinto que tem alguma coisa muito, muito errada ali.

Então Bishop fica ao seu lado insistindo em dizer que tudo está bem, mandando ele parar de ser um bebê chorão, enquanto Raul continua dizendo que algo está errado, e seguem assim até ouvirem o baque surdo dos helicópteros. Nesse momento, Raul diz em voz muito calma:

— Ei, Bishop, eu tenho uma coisa para contar.

— Diga.

— Sabe a minha namorada? Julie Winterberry?

— Sei.

— Não é minha namorada. Eu inventei aquela história. Ela nem sabe quem eu sou. Só falei com ela uma vez. Pedi que me desse aquela foto. Foi no último dia de escola. Todo mundo estava trocando fotos.

— Cara, você vai se arrepender de ter me dito isso.

— Escute, eu inventei aquilo porque todos os dias me arrependo de não ter falado com ela.

— Informação interessante. Talvez até renda um novo apelido.

— Eu me arrependo muito por não ter falado com ela.

— É sério, cara, a gente vai encher o seu saco até o fim dos tempos por causa disso.

— Escuta. Se eu não sobreviver...

— A gente vai encher o seu saco por toda a eternidade, literalmente.

— Se eu não sobreviver, quero que você encontre a Julie e diga a ela o que eu sentia de verdade. Quero que ela saiba.

— Sério, a gente vai te encher pelo resto da vida. Vou telefonar quando você tiver oitenta anos e rir da sua cara por causa da Julie Winterberry.

— Por favor, prometa.

— Tudo bem. Eu prometo.

Raul balança a cabeça e fecha os olhos. Permanece assim até a chegada dos médicos, que o levam numa maca ao helicóptero, e todos desaparecem no céu de cobre esmaecido. Então o resto do comboio continua sua barulhenta e vagarosa viagem.

E o que acontece naquela noite é isto: Raul morre.

Um estilhaço com menos de dois centímetros de comprimento, fino como um canudinho de caixinha de suco, havia cortado a artéria que irrigava seu fígado e, quando os médicos descobriram isso, Raul já havia perdido muito sangue e estava sofrendo uma falência hepática aguda. Pai de Todos é o encarregado de dar a notícia aos soldados no dia seguinte, antes de começarem a patrulhar a área.

— Agora esqueçam isso — diz ele, ao perceber que a notícia vai interferir em sua concentração durante a patrulha. — Se o exército quisesse que nós tivéssemos emoções, teriam nos mandado algumas com os suprimentos.

É uma noite calma e suave, sem qualquer acontecimento digno de nota, e durante todo o tempo Bishop sente raiva. Raiva pela morte sem sentido de Raul, raiva contra os vagabundos que plantaram aquela bomba, mas também raiva do próprio Raul, de sua covardia por nunca ter dito o que queria dizer a Julie Winterberry, do fato de um homem capaz de entrar correndo em salas escuras onde inimigos com metralhadoras espreitavam para matá-lo não conseguir sequer dirigir a palavra a uma maldita garota. Esses dois tipos de coragem são tão diferentes que deveriam ser chamados por palavras distintas.

Naquela noite, ele não consegue dormir. Fica ruminando. Sua raiva deu tantas voltas que agora não está mais bravo com Raul, mas consigo mesmo. Porque ele e Raul não são diferentes. Porque Bishop guarda coisas horríveis na alma, coisas que não consegue contar a ninguém. O grande e maligno segredo de sua vida às vezes parece tão grande que ele precisaria de um novo órgão apenas para guardá-lo. O segredo espreita dentro dele e o devora. Devora o tempo e torna-se maior à medida que o tempo passa, de modo que, ao pensar no assunto agora, não consegue diferenciar entre o fato e a repugnância que mais tarde lhe causou.

O que aconteceu com o diretor.

O homem que todos amavam e reverenciavam. O diretor. Bishop também o adorava; por isso, na quarta série, quando ele o escolheu como seu pupilo especial para aulas complementares no fim de semana, que tinham de ser mantidas em absoluto segredo devido à inveja dos outros meninos, Bishop, então com dez anos, se sentiu imensamente especial e importante. Foi escolhido entre todos os outros. Admirado e amado. E como ele se arrepiava agora, anos mais tarde, ao pensar em quão facilmente foi ludibriado, ao pensar que jamais questionou o diretor, nem mesmo quando ele lhe disse que o tema das aulas seria *o que fazer com meninas*, pois todos os meninos morriam de medo das meninas e não sabiam o que fazer com elas, e Bishop se sentiu muito sortudo por ter alguém que lhe ensinasse. Começou com fotos de revistas, homens e mulheres, juntos, separados, nus. Depois vieram os polaroides, depois o diretor sugeriu que tirassem fotos um do outro. Bishop só lembra de fragmentos, imagens, instantes. O diretor gentilmente ajudou Bishop a tirar as roupas e, ainda assim, Bishop não achou que aquilo fosse errado. Fez tudo de bom grado. Deixou que o diretor tocasse nele, primeiro com a mão, depois com a boca, para em seguida elogiá-lo, dizendo como Bishop era maravilhoso, bonito e especial. E, alguns meses depois, o diretor disse *Agora você faz em mim*. E o diretor tirou a roupa. A primeira vez que Bishop o viu, vermelho e inchado e poderosamente persuasivo. Bishop tentou fazer no diretor o mesmo que o diretor havia feito nele, mas o fez de forma desajeitada, confusa. E, quando os dentes de Bishop acabaram entrando na história, o diretor ficou bravo e exasperado pela primeira vez, agarrando Bishop pela nuca e enfiando em sua boca e dizendo *Não, é assim*, e depois pediu desculpas ao ver as lágrimas nos olhos de Bishop geradas pelo engasgo. Bishop sentiu que isso era sua culpa. Resolveu praticar e fazer melhor da próxima vez. Mas não melhorou na vez seguinte, nem na outra. Um dia, o diretor interrompeu-o na metade, virou-o de costas e inclinou-se sobre ele, dizendo: "Bem, vamos ter que

fazer isso como adultos. Você é um adulto, não é?” E Bishop assentiu, porque não queria fazer tudo errado de novo, não queria que o diretor ficasse zangado outra vez, e, por isso, quando o diretor se posicionou atrás dele e penetrou, Bishop aguentou.

O horror de tudo aquilo, as imagens em fluxo se despejando sobre Bishop — tantos anos depois, a quinze mil quilômetros de distância, no meio do deserto, em uma guerra. E Bishop agora pensa que até mesmo aquele segredo tem outro segredo por dentro, uma camada mais profunda e devastadora, algo que o convenceu de que é uma criatura deformada e maligna: enquanto o diretor fazia o que fazia, Bishop estava gostando.

Estivera esperando ansiosamente por aquilo.

Desejava aquilo.

E não apenas porque aquilo fazia com que se sentisse desejado, especial, único, escolhido entre todos os outros, mas também porque as coisas que o diretor fazia com ele, especialmente no início, *lhe davam prazer*. Elettrizavam seu corpo de um jeito que nenhuma outra sensação conseguia. Uma sensação que ele amava e cuja falta logo começou a sentir, pois o diretor subitamente cancelou as aulas particulares, na primavera. E Bishop se sentiu rejeitado e abandonado, e percebeu de repente, em algum momento no início de abril, que o diretor havia escolhido um novo menino. Bishop notou isso pelos olhares que trocavam no saguão, e também porque o novo menino subitamente se tornara quieto e soturno. E isso deixou Bishop furioso. Começou a arranjar encrencas na escola, retrucando contra as freiras, metendo-se em brigas. No dia em que finalmente foi expulso, estava sentado com seus pais no escritório do diretor, e o diretor disse *Sinto muito que tenhamos chegado a este ponto*, e havia nisso tantas camadas de significado que Bishop teve de rir.

Começou a envenenar o ofurô do diretor na semana seguinte.

E essa é a parte que mais o deixa horrorizado agora. Que ele tenha tentado se vingar do diretor como uma namorada abandonada. Que ele teria parado de arranjar encrencas se o diretor o aceitasse de volta, se o convidasse para uma visita. É horrível, pois ele não pode mais se convencer de que era uma vítima inocente. Sente-se mais como um cúmplice em sua própria perversão. O que *lhe aconteceu* foi um mal — mas ele *queria* que acontecesse.

As implicações disso só se revelaram plenamente muito mais tarde, durante a adolescência, na escola militar, onde a pior coisa do mundo era ser uma bicha, um viado, e, se alguém chamasse um garoto de bicha ou viado ou boiola ou maricas, isso geralmente acabava em briga, e a forma como os garotos mostravam a todos que não eram viados ou bichas era chamar os outros de bichas e viados, e isso em voz bem alta. Essa passou a ser a marca registrada de Bishop. Era especialmente cruel com seu colega de quarto, um calouro levemente efeminado chamado Brandon. Sempre que Brandon entrava no banho comunal, Bishop dizia algo do tipo: “Cuidado, rapazes, não deixem o sabonete cair no chão.” E antes de dormir, perguntava algo como: “Preciso tapar minha bunda com fita adesiva ou você vai se comportar?” Coisas assim, típicas provocações de machões da década de 1980. Os apelidos incluíam “Desbravador de Bundas” e “Florzinha”. Isso porque Bishop costumava dizer “Olha para a frente, Florzinha” quando se encontravam lado a lado no mictório. Brandon

acabou abandonando a escola, o que foi um alívio para Bishop, que passara a sentir um poderoso desejo por Brandon, um desejo tão forte que era quase uma dor física. E com que atenção ele olhava Brandon trocar de roupa, com que enlevo o observava na aula, atentamente debruçado sobre o caderno, mordendo a ponta da caneta.

Mas isso aconteceu há muitos anos e, em todo esse tempo, Bishop não contou nada a ninguém. E isso lhe dá um súbito sobressalto na cama, no dia em que Raul morre, e ele decide escrever uma carta. E eram tantos os segredos que Raul carregou até a morte que seu último desejo foi revelá-los, e Bishop não quer sentir a mesma coisa quando sua hora chegar. Ele não quer morrer como um covarde.

Decide escrever cartas para todas as pessoas de sua vida. Vai escrever à irmã, desculpando-se por ter se tornado tão distante, explicando que sua frieza era resultado do trauma — porque o diretor deve ter mexido em algum circuito dentro dele, algo que o fez sentir uma raiva constante, raiva contra o diretor por ter feito o que fez, contra si mesmo por ser uma pessoa tão horrível e perversa e maligna e incorrigivelmente arruinada. Diria a Bethany que estava tentando protegê-la: não queria arruiná-la também.

E vai escrever aos seus pais e a Brandon. Vai rastrear Brandon e vai lhe pedir perdão. Pedirá desculpas até ao poderoso Andy Berg, a quem ele nunca mais viu após prender o pobre garoto no poço da escada e mijar em cima dele. Até Berg merece uma carta. Vai escrever uma carta por noite até que todos os seus segredos tenham vindo à tona. Apanha papel e caneta e senta entre as paredes de concreto da sala de descanso, sob a esverdeada luz fluorescente. Decide escrever primeiro para Samuel. Porque sabe exatamente o que deseja escrever e será uma carta curta e já está tarde e terá de acordar em algumas horas, então começa a escrever, num surto de inspiração e lucidez, e termina a carta em cinco minutos. E ele a dobra e a coloca em um envelope oficial do Exército americano e dá uma lambida na aba antes de fechá-lo e escreve na parte de fora o nome completo de Samuel, com aquele hífen irritante, e a guarda no armário pessoal com seus outros pertences. Sente-se bem fazendo isso, tirando aquele fardo de dentro do peito e lançando-o no mundo lá fora, e se sente bem com seu novo projeto de liberar todas as coisas que ficaram tantos anos trancafiadas dentro dele. Sente-se realmente ansioso por escrever as cartas a sua irmã e aos seus pais e aos vários amigos que abandonou pelo caminho, e adormece sentindo-se muito bem por causa das cartas, sem saber que elas jamais serão escritas, porque amanhã ele estará fazendo uma patrulha, pensando em Julie Winterberry (que obviamente também merece uma carta), e uma lata de lixo vai explodir a menos de um metro de distância, detonada via controle remoto por uma pessoa que o observa de uma janela de um segundo andar, alguns quarteirões adiante, uma pessoa que não enxerga realmente Bishop, mas apenas seu uniforme, uma pessoa que já não consegue enxergar qualquer coisa remotamente humana por trás daquele uniforme, uma pessoa que não teria detonado aquela bomba se pudesse ouvir o que se passava na cabeça de Bishop, pois naquele momento ele tentava compor mentalmente uma carta para uma linda garota a respeito de um amigo falecido que a amava. Mas, obviamente, a pessoa com o controle remoto não poderia jamais ouvir essas coisas. Portanto a bomba explodiu.

E a potência da bomba projetou Bishop pelo ar e, lá em cima, por um momento, tudo ficou silencioso e frio, e a sensação de estar no sopro da explosão era como estar dentro de um dos globos de neve que sua mãe tinha em casa, pois tudo ao seu redor parecia se mover no interior de um líquido espesso, tudo desacelerado, suspenso, bonito à sua maneira, até que a bomba o estraçalhou e todos os seus sentidos se apagaram, e o corpo de Bishop — que, num sentido profundo, já não continha o próprio Bishop — se espatifou na rua vários metros lá na frente, e pela segunda vez naquela semana alguém morreu pensando em Julie Winterberry, que neste momento estava a quinze mil quilômetros de distância, talvez desejando que algo de interessante finalmente acontecesse em sua vida.

O Exército recolheu seus pertences e enviou-os aos seus pais, que encontraram a carta endereçada a Samuel Andresen-Anderson e lembraram que esse era o estranho nome daquele menino que se correspondia com Bethany, então entregaram a carta a ela, e ela se corroeu durante vários meses até finalmente decidir entregar a carta a você.

E foi assim que a carta viajou de um vilarejo no Iraque, cujo nome é confidencial, até a bancada desta cozinha no centro de Manhattan, onde jaz no halo de uma lâmpada embutida, como que iluminada por um holofote. Você a pega. Quase não tem peso — uma única folha lá dentro, que você puxa. Bishop escreveu apenas alguns parágrafos. Você sente que sua grande decisão se aproxima. É uma decisão que moldará você e sua vida por muitos anos no futuro. Então, lê:

Caro Samuel,

O corpo humano é frágil. Pode ser arruinado por coisas mínimas. Você pode dar vinte tiros em um camelo e ele continuará avançando contra você, mas um estilhaço de um centímetro é o suficiente para nos matar, a nós, meras pessoas minúsculas. Nossos corpos são o delgado fio de um punhal que nos separa do esquecimento. Estou começando a aceitar isso.

Se você está lendo isto, é porque algo me aconteceu e, portanto, tenho um favor a pedir. Você e eu fizemos uma coisa terrível junto ao lago naquela manhã. O dia em que sua mãe foi embora, o dia em que a polícia apareceu. Tenho certeza de que se lembra. O que fizemos naquela manhã, um ao outro, é uma coisa terrível e imperdoável. Eu fora corrompido e corrompi você. E descobri que essa nódoa nunca desaparece. Fica dentro de você e o envenena. Dura pelo resto da vida. Sinto muito, mas é verdade.

Sei que você ama Bethany. Eu a amo também. Ela é boa, de um jeito que eu jamais fui. Não foi arruinada, como nós fomos. Peço que você mantenha as coisas desse jeito.

Este é meu último desejo. A única coisa que lhe peço. Pelo bem dela, pelo meu bem, por favor, fique longe da minha irmã.

E agora você chegou ao ponto. É o momento de fazer, finalmente, sua escolha. À direita fica a porta do quarto, onde Bethany o espera. À esquerda, a porta do elevador e o mundo vasto e vazio.

Chegou a hora. Tome sua decisão. Qual porta você escolhe?

| PARTE SEIS |

ESPÉCIES INVASORAS

Final do verão, 2011

1

PWNAGE ABRIU A porta da geladeira, depois fechou a porta da geladeira. Ficou parado na cozinha, esforçando-se para lembrar por que fora até ali, mas não conseguiu. Foi olhar os e-mails. Tentou entrar no *Mundo de Elfscape*, mas não conseguiu: era terça-feira. Pensou em ir lá fora abrir a caixa de correio, mas acabou não indo, porque o carteiro talvez ainda não tivesse passado e ele não queria fazer duas viagens. Olhou o gramado e a caixa de correio, tentando adivinhar, apenas ao olhá-la, se havia correspondência lá dentro. Fechou a porta. Sentiu que algo na cozinha exigia sua atenção, mas não sabia o quê. Abriu a geladeira e olhou tudo o que fora lá dentro, esperando que uma dessas coisas o fizesse lembrar o que fora fazer na cozinha. Olhou o pote de picles, os frascos de ketchup e maionese, o pacote de linhaça que ele comprara em um momento otimista de dieta, mas ainda não abrira. Havia cinco berinjelas na prateleira mais baixa, obviamente se desmanchando por dentro, lentamente desmoronando em si mesmas, cinco pequenas almofadas roxas com pequenas poças de um líquido amarronzado se formando ao redor. Na gaveta de legumes, várias folhas haviam se tornado marrons e murchas. Assim como as espigas de milho na prateleira superior, agora morbidamente bege: os grãos haviam perdido sua intumescência suculenta e amarelada, enrugando-se até assumirem a forma aproximada de um molar humano apodrecido. Ele fechou a porta da geladeira.

Isso era o que acontecia nas terças-feiras: os servidores do *Mundo de Elfscape* saíam do ar durante a maior parte da manhã e às vezes à tarde, para a manutenção periódica, correção de bugs e outras coisas técnicas, algo compreensível apenas para gênios e necessário em computadores que, no restante do tempo, funcionavam 24 horas por dia e serviam a dez milhões de jogadores simultaneamente com quase nenhum atraso de rede, usando algumas das mais implacáveis encriptações de segurança no planeta, servidores tão

rápidos, eficientes e poderosos que deixavam comendo poeira as máquinas usadas no programa espacial, em silos de mísseis nucleares ou em urnas eletrônicas, por exemplo. Como um país capaz de criar os servidores do *Mundo de Elfscap*e não conseguia inventar uma urna eletrônica que funcionasse direito? Essa era uma pergunta postada com frequência nos fóruns de *Elfscap*e em terças-feiras de eleição, quando a comunidade de jogadores esperava pacientemente pelo retorno dos servidores e, às vezes, também votava.

Alguns desses dias, contudo, eram diferentes e particularmente agonizantes: nos chamados Dias de Correção, os programadores acrescentavam alguma atualização ao jogo, para que, tão logo os jogadores voltassem a acessá-lo, houvesse *novas coisas para fazer* — novas missões, conquistas, monstros, tesouros. Essas correções eram necessárias para que o jogo continuasse original e interessante, mas, claro, os Dias de Correção representavam os mais longos períodos de tempo ocioso no jogo, por causa de todas as tarefas complexas que eram realizadas nos servidores e na programação. Era de conhecimento geral que os servidores podiam ficar fora do ar pela manhã inteira e às vezes também por toda a tarde e, para horror dos jogadores, até o início da noite. Isso estava acontecendo hoje. O jogo estava sendo corrigido. Era Dia de Correção.

Não saber exatamente quando os servidores voltariam era algo que deixava Pwnage muito estressado, o que constituía uma espécie de paradoxo, pois a razão para jogar *Elfscap*e era o profundo alívio do estresse. O jogo era seu refúgio quando os fatigantes detalhes da vida queriam soterrá-lo. Tudo tinha começado cerca de um ano antes, logo após Lisa deixá-lo, certo dia em que nenhum dos DVDs parecia satisfazê-lo, nada estava passando na TV, não havia nenhum filme interessante em sua lista on-line, já havia ganhado e descartado todos os videogames, e ele sentiu aquela estranha sensação de pânico, como a que sentimos quando estamos num restaurante caro e nada nos parece apetitoso, ou quando a gente começa a se sentir resfriado ou gripado e até a coisa mais gostosa parece insossa, aquela espécie de escuridão pessimista que a tudo

envolve e faz o mundo inteiro parecer chato, tedioso, e sentimos uma espécie de fadiga global, e ele estava sentado na sala de estar em meio à escuridão crescente, num entardecer logo após o fim do horário de verão, de modo que tudo ficou cinza numa hora depressivamente prematura, e ele estava ali sentado, percebendo que estava em vias de ter uma colisão direta e frontal com o estresse e que, se não encontrasse logo alguma coisa com que se distrair, a tensão chegaria a níveis comprometedores para sua pressão e o funcionamento geral do sistema circulatório, então o que ele geralmente fazia nessas ocasiões era ir a uma loja de equipamentos eletrônicos e comprar alguma coisa, e o que comprou dessa vez foi uma dezena de jogos, entre os quais *Mundo de Elfscape*. E, desde que começara a jogar com um guerreiro élfico chamado Pwnage, havia formado todo um grupo de personagens alternativos com nomes como Pwnopoly, Pwnalicious, Pwner e EdgarAllanPwn, e logo passou a ser conhecido como um terrível gladiador, um forte e habilidoso líder de *raid*, comandando grandes grupos de jogadores em lutas contra inimigos controlados pelo computador, o que para ele era como ser o maestro de um balé sinfônico-belicoso e, num tempo realmente curto, ele ficou muito, muito bom naquilo — porque ser bom naquilo exigia todo tipo de pesquisa, assistir a vídeos de batalhas relevantes, ler os fóruns, peneirar números e teorias encontrados em páginas especializadas, para descobrir quais estatísticas eram mais úteis em determinadas lutas, de modo que desenvolveu conjuntos ligeiramente diferentes de armas e equipamentos para cada luta no jogo, cada um projetado para maximizar matematicamente sua capacidade de matar naquele combate específico, pois ele acreditava que, se era para fazer alguma coisa, devia fazer do jeito *certo*, dedicando-se *110 por cento*, uma ética profissional que — assim esperava — logo o ajudaria na reforma de sua cozinha, na escrita de seu romance e nas novas dietas, mas que, por enquanto, parecia funcionar apenas na esfera dos videogames. Criou mais personagens e contas, para jogar simultaneamente em vários computadores, e cada conta nova exigia a compra de um novo computador, um novo DVD, um pacote de expansão e uma mensalidade extra, ou seja, sempre que sentia a

necessidade de criar outro personagem (em geral porque os demais personagens estavam todos no nível mais alto e eram tão bons que não era possível melhorar, ele começava a ficar entediado com o domínio completo que exercia sobre o jogo e o tédio desencadeava os alarmes de estresse e, portanto, algo tinha de ser feito imediatamente), isso gerava um desembolso de capital tão volumoso que ele se sentia obrigado a jogar com ainda mais afinco, mesmo estando vagamente consciente da ironia de tudo, pois o estresse que sua deplorável situação financeira causava havia criado a necessidade de todos esses alívios eletrônicos, cujo custo gerava mais daquele mesmo estresse que ele tentava combater, o que parecia indicar que seu atual nível de distração eletrônica não estava funcionando e, portanto, ele buscava novas e ainda mais caras distrações, exacerbando, dessa forma, o ciclo de estresse e culpa, uma espécie de armadilha psicológico-consumista que ele notara várias vezes entre as clientes de Lisa no balcão da Lancôme, cujas compras de maquiagem apenas reforçavam a mesma ilusão de beleza inatingível que as levava a comprar os produtos, mas, por algum motivo, não conseguia detectar isso em si mesmo.

Deu uma olhada nos servidores de *Elfescape*. Ainda fora do ar.

Era como a sensação de um voo atrasado, pensou ele, aquela urgência que vivenciamos no aeroporto, sabendo que as pessoas que nos amam nos esperam no outro aeroporto, e a única coisa que nos separa delas é alguma intratável falha tecnológica. Era essa a sensação, nos Dias de Correção: quando finalmente acessava o jogo, após horas de atraso, era como voltar para casa. Era difícil ignorar essa sensação. Era difícil não se sentir um pouco confuso. Era um tanto perturbador que, ao pensar nas paisagens de *Elfescape* — colinas ondulantes, florestas nebulosas e montanhas pontudas criadas e animadas digitalmente —, essas imagens o atingissem com a força de uma memória real. Que esses lugares lhe inspirassem mais nostalgia e carinho que os lugares reais de sua vida — isso era algo que o inquietava. Pois, de certa forma, ele sabia que o jogo era falso e ilusório, e que os lugares “lembrados” não existiam de fato, a não ser na forma de códigos armazenados no disco rígido do computador. Então ele pensava naquela vez que tinha escalado o

topo de uma montanha no extremo norte do continente ocidental de *Elfscap*e e assistira à lua nascer no horizonte, vira o luar cintilar sobre a neve e tivera uma sensação profunda de beleza, e então se lembrava de pessoas falando sobre o arrebatamento produzido por obras de arte, sobre estarem paradas diante de uma pintura sentindo-se irreversivelmente convictas de sua beleza, e então concluía que não havia diferença entre aquela experiência e a sua. Claro, a montanha não era real, o luar não era real, mas a beleza? E sua memória da beleza? *Isso* era real.

Portanto, os Dias de Correção lhe causavam um horror particular, pois ele se via separado de sua fonte de beleza, surpresa e deslumbramento, às vezes por um dia inteiro, e era forçado a confrontar sua própria existência analógica e cotidiana. E ao longo de toda a semana ele pensara em formas de se ocupar na terça-feira, de modo que o abominável lapso entre a hora de acordar e o início do jogo se tornasse mais tolerável. Coisas a fazer para que o tempo passasse mais rápido. Criou uma lista em seu celular, “Coisas para fazer no Dia de Correção”, para que pudesse registrar quaisquer ideias que lhe surgissem durante a semana para tornar o Dia de Correção mais agradável e suportável. A lista continha, por enquanto, três itens:

1. Comprar comida saudável.
2. Ajudar Dodger.
3. Descobrir grandes obras da literatura.

Esse último item estava em sua lista havia seis meses, desde que avistara um cartaz na vitrine de uma megalivraria com os dizeres **DESCUBRA AS GRANDES OBRAS DA LITERATURA!** e escrevera aquelas palavras na lista. Programou o celular para que a repetisse, colocando-a em todas as listas semanais dali em diante, porque sempre quis ser um leitor, e achava que esse negócio de passar a tarde aconchegado no sofá, na companhia de uma xícara de chá e um bom livro, era excelente para a imagem que queria projetar na

internet. Além do mais, se Lisa um dia por acaso bisbilhotasse secretamente seu celular, em um momento de curiosidade ou de culpa obsessiva pelo divórcio, com certeza aprovaria aquele item sobre grandes obras da literatura e talvez percebesse que ele estava se transformando em uma pessoa diferente e quem sabe decidisse voltar para ele.

No entanto, em seis meses, não havia descoberto nenhuma obra da literatura, grande, pequena ou média. E sempre que pensava em descobrir grandes obras da literatura, o esforço o deixava cansado, exaurido e irritado.

Restava, então, o item número um: comprar comida saudável.

Já havia tentado fazer isso. Na semana anterior, finalmente entrara na loja de comida orgânica, depois de tê-la espionado da rua por vários dias, observando as pessoas que entravam e saíam, julgando-as silenciosamente por seu estilo de vida elitista, privilegiado e yuppie, suas roupas esguias de hipster, seus carros elétricos. Era necessário construir um complexo baluarte mental antes mesmo de entrar na loja, pois, quanto mais tempo você passava do lado de fora, no carro, julgando os clientes, mais se convenciam de que também estava sendo julgado por eles. Deviam achar que ele não era suficientemente descolado, magro ou rico para comprar ali. Em sua mente, ele era o protagonista de todas as histórias, o centro de toda a apavorante atenção do mundo; estava sempre exposto e deslocado; a loja orgânica era um pan-óptico de desprezo e repreensão violenta. Ele entabulava longos diálogos imaginários com os atendentes idealistas que agiam como guardiões entre a comida e as portas, explicando-lhes que não estava comprando comida orgânica para seguir um modismo, mas porque isso era médica, racional e absolutamente necessário segundo o planejamento de sua nova dieta radical. E enquanto os outros clientes estavam ali apenas por fidelidade a algum movimento bacaninha — como o movimento da comida orgânica, o *slow food*, o movimento pela comida local ou algo parecido —, ele estava ali porque *precisava*, o que de fato o tornava um *comprador mais autêntico* que os outros, embora, no que dizia respeito à aparência, não se encaixasse no perfil do cliente típico, de acordo com a

elaborada campanha de marketing da loja. Então, após ensaiar dezenas de vezes o diálogo, sentiu-se suficientemente confiante para entrar no estabelecimento, por onde circulou furtivamente, em extremo silêncio, comprando réplicas orgânicas exatas do que geralmente comprava no 7-Eleven, algumas quadras adiante: sopas enlatadas, carnes enlatadas, pão branco, barras de proteína, pizza congelada e petiscos para o jantar.

E enquanto descarregava o carrinho no balcão do caixa, uma breve sensação de pertencimento inundou-o, pois ninguém havia questionado sua presença ali e, na verdade, mal haviam olhado para ele. Isto é, até o momento em que a moça do caixa — uma garota bonitinha com óculos modernos de armação preta quadrada que provavelmente era aluna do curso de ecologia, justiça social ou algo assim — olhou sua comida enlatada, em caixa e congelada e disse:

— Parece que você está estocando comida para sobreviver a um furacão!

E então riu de leve, como quem diz “brincadeira!”, para em seguida passar os itens sob o pipitante leitor a laser. Ele deu um sorriso amarelo, mas, pelo resto do dia, ficou com a impressão de ter sido severamente julgado pela moça do caixa, que dissera, de forma não muito sutil, que suas compras não eram inadequadas ao consumo, exceto sob circunstâncias extremas, como o apocalipse, por exemplo.

Ele aprendeu a lição. Na visita seguinte, comprou apenas comida fresca. Frutas, legumes, verduras, carnes embrulhadas em papel-manteiga. Só coisas perecíveis, que estragavam com facilidade, e, embora não tivesse a mais ínfima ideia de como preparar essas comidas, já se sentia mais saudável apenas por comprá-las, apenas em tê-las por perto, apenas em saber que outras pessoas o viam com aquela comida; isso tudo era como namorar uma pessoa incrivelmente atraente e querer frequentar lugares públicos ao seu lado — ele se sentia do mesmo jeito em relação a seu carrinho de compras cheio de reluzentes berinjelas, cereais e várias coisas verdes que brotam da terra: rúcula, brócolis, acelga. Era tudo tão lindo. E, ao apresentar a comida à moça bonitinha do caixa, na parte

da frente da loja, ele se sentiu como uma criança entregando à mãe um presente feito na escola.

— Trouxe sacola? — perguntou ela.

Ele a encarou, sem entender direito a pergunta. Sacola para quê?

— Não — respondeu ele.

— Ah — disse ela, decepcionada. — Nós incentivamos nossos clientes a trazer sacolas reutilizáveis. Para economizar papel ou plástico, sabe?

— Ok.

— Além disso, você ganha um reembolso — completou ela. — Para cada sacola que trouxer, ganha um reembolso.

Ele assentiu. Não estava mais olhando para a jovem. Em vez disso, fitava a tela da caixa-registradora. Fingia estar analisando com extremo cuidado o preço de cada item para se certificar de que não estavam cobrando a mais. A moça do caixa deve ter notado seu desconforto e sua sensação de ter sido repreendido (de novo) e, por isso, tentou amenizar a situação mudando de assunto:

— O que vai fazer com tanta berinjela?

Mas isso não amenizou coisa alguma, pois a única resposta que ele pôde dar foi a verdadeira:

— Não sei.

E, vendo que a moça do caixa parecia desapontada pela resposta, acrescentou:

— Talvez, sei lá, uma sopa? — soltou ele.

Isso era insuportável. Ele não conseguia nem fazer compras direito.

Foi para casa e encontrou um site que vendia sacolas de compra reutilizáveis, uma empresa que usava a renda de todas as sacolas vendidas para fazer algo bom em alguma floresta tropical em algum lugar por aí. E o mais importante: o logotipo dessa firma vinha impresso de forma proeminente em ambos os lados da sacola, de modo que a moça do caixa, ao pegar a sacola, o veria e ficaria impressionada, pois além de estar sendo um bom cliente ambientalista por levar suas sacolas, as próprias sacolas também faziam boas ações ambientais, tornando-o *duas vezes mais pró-natureza* do que qualquer outro cliente da loja.

Encomendou as sacolas, que chegaram no dia seguinte. Voltou à loja. Comprou novamente alimentos perecíveis e frescos, mas apenas um de cada tipo — evitando comprar um único item em excesso, de modo a não atrair o tipo errado de atenção, à la berinjela. Entrou na fila do caixa, em frente à jovem bonitinha de óculos pretos quadrados. Ela disse “Oi”, mas era apenas um cumprimento genérico. Não se lembrava da interação anterior com ele. Passou os alimentos sob o leitor e registrou-os.

— Trouxe sacola? — perguntou ela.

E ele respondeu, de forma casual, como se isso não fosse grande coisa, como se fizesse aquilo o tempo inteiro:

— Ah, claro, eu trouxe sacola.

— Quer ficar com o reembolso ou doar? — indagou ela.

— O quê?

— Você ganha um reembolso por trazer a sacola.

— Eu sei.

— Gostaria de doar o dinheiro para uma das quinze instituições de caridade em nossa lista?

Ao que ele respondeu, por puro reflexo:

— Não.

Mas não o fez por pão-durismo, nem se importaria em dar o reembolso para a caridade. O problema era o seguinte: ele não teria a menor ideia de como escolher uma entre as quinze instituições listadas, sendo que, provavelmente, jamais ouvira falar de nenhuma delas. Então se recusou, pois lhe parecia a forma mais rápida e menos embaraçosa de acabar com aquela interação social, que, para falar a verdade, já havia consumido grande parte de sua energia cerebral, pois ele passara a semana inteira se preparando para aquela conversa, imaginando-a em detalhes.

— Ah — disse a moça do caixa, surpresa. — Certo, então tá.

Havia uma espécie de esgar no lábio superior e um sarcástico erguer da sobrancelha, como se estivesse dizendo algo como *Parece que alguém está querendo ser bem babaca hoje, não é?*

Ela continuou passando as compras sob o leitor e pesando as frutas e legumes de uma maneira que ele interpretou como fria e mecânica. Os dedos dela voavam para as teclas da caixa-

registradora com rapidez e perícia. Parecia tão confortável ali, tão em casa. Ela não sentia um pingo de ansiedade sobre seu estilo de vida e suas opiniões. Era tão fácil, para ela, julgá-lo e descartá-lo. E ele sentiu algo se romper dentro de si, algo azedo e coalhado, uma fúria que lhe subia desde o fígado. E ele ergueu a sacola reutilizável vazia acima da cabeça. Segurou-a naquela posição por um momento, talvez esperando que alguém dissesse alguma coisa. Mas ninguém disse nada. Ninguém prestava atenção nele. E este pareceu o maior de todos os insultos, que ele estivesse ali, naquela pose teatral de violência e paixão, e ninguém se importasse.

Então ele a arremessou. A sacola. Atirou-a direto nos pés da moça do caixa.

Ao atirá-la, soltou um grito de guerra, cheio de raiva selvagem — ou, pelo menos, era o que pretendia fazer. O que de fato saiu de sua boca foi uma espécie de som animalesco, baixo, áspero e engrolado. Ele *grunhiu*.

A sacola bateu na moça do caixa na altura do quadril, e ela soltou um grito agudo de surpresa e pulou para trás enquanto a sacola caía no chão, amassada. Ela o encarou, boquiaberta, e ele deu um passo em sua direção e se inclinou sobre o balcão, estendeu os braços como um condor e gritou:

— Quer saber de uma coisa?

Ele não sabia por que estava com os braços abertos daquele jeito. Percebeu que, em seu repertório mental, não havia nenhuma frase para dizer após aquela pergunta. De repente, o estabelecimento ficara terrivelmente silencioso, e os costumeiros bipes da caixa-registradora haviam cessado logo após o grito da moça. Ele olhou para os lados. Viu rostos perplexos — em sua maioria de mulheres — que o fitavam com desprezo e ultraje. Recuou alguns passos lentamente. Sentiu que precisava dizer algo àquelas pessoas, algo que justificasse o insulto que provocara sua ira, justificasse seu acesso de fúria, comunicasse sua inocência, sua retidão e sua virtude.

O que saiu de sua boca foi isto:

— Vem com *tudo*!

Não sabia por que havia dito isso. Lembrava de ter ouvido aquela frase em uma canção pop algum tempo atrás. Aquela música de Molly Miller. Achara a frase sonora e impactante ao ouvir a música. Uma frase cheia de estilo e mordacidade. Mas, tão logo a pronunciou em voz alta, percebeu que não sabia o que significava. Rapidamente saiu. Enfiou as mãos nos bolsos e caminhou a passos largos porta afora. Jurou nunca mais voltar. Jamais seria bom o bastante para aquela loja, aquela moça do caixa. Impossível agradar esse tipo de gente.

Então, o item número um — Comprar comida saudável — estava fora de cogitação.

Sua lista ainda continha um item que poderia ser posto em prática neste Dia de Correção: Ajudar Dodger. E, para falar a verdade, essa era a opção mais atraente de qualquer forma, ajudar seu companheiro de guilda, seu novo amigo, seu parceiro IRL — esse era o termo usado entre os jogadores de *Elfscape*, sendo que IRL popularmente era usado para significar “na vida real”, um lugar sobre o qual falavam como se fosse outro país, muito distante. E ele tentou se convencer de que a razão principal para achar essa opção atraente era o impulso altruísta de *ajudar um amigo com problemas*. E o impulso talvez estivesse lá, em algum lugar, um ingrediente no caldo, mas, se pensasse direito no assunto, chegaria à conclusão de que o verdadeiro motivo era este: seu amigo era um escritor. Dodger tinha um contrato, um editor, acesso ao misterioso e longínquo mundo dos livros, e Pwnage precisava daquele acesso pois também era escritor. Durante a conversa com o novo amigo, naquela noite no Jezebels, Pwnage teve problemas em manter o foco, pois, tão logo descobriu que o novo amigo era escritor, já não conseguiu parar de pensar em seu romance sobre um detetive com habilidades mediúnicas e um serial killer, que certamente tinha o potencial de virar um best-seller milionário. Começara a escrever aquela história no segundo grau, na disciplina de escrita criativa. Escreveu as primeiras cinco páginas na véspera da entrega. O professor comentou que ele fizera “um bom trabalho” e que “havia capturado com sucesso a voz do detetive” e, na cena em que o detetive tem uma visão do assassino apunhalando uma garota no coração, o

professor anotou à margem: “Assustador!”, e essa foi a confirmação de que Pwnage podia fazer coisas muito especiais. Podia desencadear uma reação emocional genuína com algo que escrevera às pressas, na noite anterior. Era um dom. O tipo de coisa que você tem ou não tem.

Ajudar seu parceiro IRL, decidiu ele, era uma forma de se sentir motivado para fazer tudo o que precisava, porque Dodger ficaria lhe devendo um favor, que poderia então ser usado para encontrar um editor e arranjar um *grande contrato de publicação*, o que não apenas o ajudaria a sair do buraco hipotecário como lhe traria os fundos necessários para comprar comida orgânica saudável e reformar a cozinha, além de convencer Lisa a reatar o casamento, pois, entre outras coisas, ela reclamava de sua “falta de iniciativa e empenho”, como ela mesma havia explicado, nos mínimos detalhes e com dolorosa clareza, na seção sobre “Diferenças irreconciliáveis” do documento que oficializara o divórcio.

Dodger precisava de informações sobre a mãe, mas sua mãe não queria falar. Precisava de informações sobre o passado dela, mas as únicas pistas concretas eram um registro de prisão, lamentavelmente incompleto, e uma fotografia que mostrava a mãe de Dodger em um protesto, em 1968. Havia uma garota sentada ao lado dela, talvez fosse parte do grupo — aquela com os óculos de aviador — e Pwnage se perguntou se ainda estaria viva. Talvez estivesse, talvez ainda morasse em Chicago, ou talvez alguns amigos dela morassem em Chicago — ele precisava apenas de alguns nomes. Mandou a foto, por mensagem de texto, para Axman, um guerreiro élfico de nível noventa que na vida real era um estudante do último ano do ensino médio, ótimo em programação e computadores, mas péssimo em esportes (e esportes, infelizmente, eram a única coisa com que seu pai se importava). Em termos de programação, a especialidade de Axman era algo que ele chamava de “bomba social”, um recurso que lhe permitia postar a mesma mensagem de forma quase simultânea em todos os blogs, wikis, comunidades e fóruns na internet. Esse software devia valer muito dinheiro, e quase certamente haveria alguém disposto a pagar por ele, mas até o momento Axman o usara apenas para se vingar dos

brutamontes que o perseguiam na escola, colocando seus rostos no Photoshop e, em geral, inserindo-os em cenas explícitas de pornografia gay, para então enviar a imagem perfeitamente verossímil a um bilhão de pessoas como spam. Ainda estava na fase beta, era o que Axman costumava dizer sobre o aplicativo. Também dizia que estava tentando descobrir um jeito de monetizar a invenção, mas Pwnage suspeitava de que ele estivesse apenas esperando fazer dezoito anos para ir morar sozinho e não ter que dividir seus milhões com o babaca do pai.

De qualquer forma, Pwnage enviou a foto para Axman com uma breve mensagem: "Poste isso em todos os fóruns de Chicago. Quero saber quem é esta mulher."

Pwnage se recostou na cadeira e sentiu-se ótimo pelo que acabara de fazer. E, embora tudo tivesse lhe custado no máximo um ou dois minutos, ele agora se sentia mentalmente exausto pelo esforço: bolar o plano, executar o plano. Sentia-se exaurido, estressado, no limite. Tentou acessar *Elfscape*, mas os servidores ainda estavam fora do ar.

Olhou para fora, em direção à caixa de correio. Sentou em uma cadeira, na sala, para decidir o que fazer em seguida, depois se levantou e sentou em uma cadeira diferente, porque a outra parecia meio desconfortável. Levantou-se de novo, caminhou até o meio da sala e começou um pequeno jogo mental consigo mesmo, em que tentava ficar de pé exatamente no meio da sala, perfeitamente equidistante de cada uma das quatro paredes. Desistiu do jogo antes de se sentir obrigado a buscar uma fita métrica para conferir sua precisão. Pensou em assistir a um filme, mas já assistira a todos muitas vezes, esgotara sua coleção de filmes. Pensou em comprar ou baixar alguns novos, mas o esforço de procurá-los o deixaria ainda mais cansado. Caminhou até os fundos da casa, depois voltou à parte da frente, esperando que alguma coisa desencadeasse um pensamento. Tinha que fazer algo na cozinha, estava certo disso. A memória daquele pensamento dançava em sua mente, além de seu alcance. Abriu o forno, fechou-o. Abriu o lava-louça, fechou-o. Abriu a geladeira, certo de que encontraria ali algo para lembrá-lo daquela outra coisa que ele tinha que lembrar sobre a porcaria da cozinha.

2

SABE O QUE É? É que Laura Pottsdam tinha a sensação de estar sentindo uma emoção novinha em folha. Tipo algo que nunca havia sentido antes. E isso era meio que tão bizarro! Ela estava sentada sozinha no quarto bagunçado do alojamento, mexendo no aplicativo do iFeel enquanto esperava por Larry e, pela primeira vez, sentiu esta coisa nova: *dúvida*.

Dúvida sobre muitas coisas.

Dúvida, neste exato instante, sobre o próprio iFeel, que não lhe permitia expressar sua dúvida. "Dúvida" não estava entre as cinquenta emoções-padrão disponíveis. O aplicativo acabava de decepcioná-la. Pela primeira vez, o iFeel não sabia como ela se sentia.

EU ME SINTO: Horrível, escreveu ela. Mas não, decidiu: não se sentia horrível. Isso não era exato. "Horrível" era como ela se sentia quando percebia ter magoado a mãe novamente ou quando comia. Não se sentia "horrível" agora. Deletou o status.

EU ME SINTO: Perdida, escreveu ela. Mas isso soava idiota e brega e nada parecido com Laura. Pessoas "perdidas" eram as que *não tinham rumo na vida*, e Laura, bem, Laura certamente tinha um rumo: bem-sucedida vice-presidente de comunicações e marketing, alô? Especialista bem-sucedida em negócios? Estudante universitária de primeira categoria? Deletou "perdida".

EU ME SINTO: Chateada também estava errado, pois não parecia uma coisa muito importante. Deletar.

A mágica do iFeel é que, a qualquer instante, ela podia divulgar seus sentimentos para sua enorme rede de amigos e, então, os aplicativos deles podiam fornecer respostas automáticas às emoções dela, enviando as mensagens apropriadas ao sentimento que ela havia expressado. E Laura geralmente adorava o funcionamento da coisa: bastava postar *EU ME SINTO: Triste* para que, em questão de segundos, o celular fosse iluminado por palavras de encorajamento e

apoio e convites para sair, e tudo isso fazia com que ela se sentisse, de fato, menos triste. Podia escolher uma emoção entre as cinquenta opções-padrão e postar uma pequena nota explicativa, uma foto ou ambas as coisas, e então esperar a enxurrada de empatia.

Mas agora, pela primeira vez, as cinquenta emoções-padrão pareciam, aos olhos de Laura, limitadas. Pela primeira vez, ela tinha a impressão de que nenhuma das cinquenta emoções-padrão equivalia ao que estava vivenciando, e isso era realmente surpreendente, porque ela sempre pensara que ter cinquenta opções era meio que muito. A bem da verdade, a lista continha algumas emoções que ela nunca havia expressado. Jamais havia escrito *EU ME SINTO: Desamparada*, embora “Desamparada” estivesse bem ali, entre as cinquenta emoções disponíveis. Jamais havia escrito *EU ME SINTO: Culpada* ou *EU ME SINTO: Envergonhada*. Obviamente, jamais havia escrito *EU ME SINTO: Velha*. Não estava se sentindo exatamente “Triste”, nem “Infeliz”. Seria mais correto dizer o seguinte: ela sentia certa dúvida sobre si mesma, como se as coisas que estava sentindo e fazendo não fossem exatamente, nem completamente, corretas. E isso era realmente incômodo, pois contradizia o principal lema de sua vida — que tudo o que ela fazia era correto e elogiável, que ela merecia ter tudo o que desejava, mensagem enviada de forma mais ou menos constante por sua mãe, a quem Laura telefonou após a reunião com o professor de Introdução à Literatura.

— Ele acha que eu coleí! Acha que eu plagiei um trabalho!

— E você plagiou? — perguntou a mãe.

— Não! — disse Laura. Então, após uma longa pausa: — Bem, na verdade, sim. Eu plagiei mesmo.

— Bem, tenho certeza que você teve boas razões pra fazer isso.

— Eu tive ótimas razões pra fazer isso.

Sua mãe sempre fazia isto: fornecia-lhe boas desculpas. Certa vez, quando tinha quinze anos, chegara em casa às três da manhã, obviamente bêbada e talvez um pouco chapada, levada até lá por três rapazes muito barulhentos e muito mais velhos que ou haviam acabado de terminar o ensino médio ou haviam acabado de

abandonar a escola, e os cabelos na nuca de Laura estavam emaranhados e desgrenhados, evidentemente por causa de alguma fricção violenta contra o banco traseiro de um carro.

— Onde você estava? — perguntara a mãe.

Laura, em um estado tão próximo ao coma, não conseguira pensar em nenhuma resposta e ficou ali cambaleando como uma idiota, e *mesmo então* sua mãe a tirou do aperto.

— Está doente? — disse a mãe, e Laura, pegando a deixa, assentira. — Está doente, é claro que está. Pegou alguma coisa. Estava tirando uma soneca e perdeu a noção do tempo, né?

— Sim. Não estou me sentindo bem.

E isso, claro, obrigou-a a faltar à aula no dia seguinte para sustentar a mentira, de modo que ela alegou estar sentindo uma insuportável indisposição parecida com uma gripe ou um resfriado, o que não foi lá muito difícil, tendo em vista a ressaca de primeira grandeza que sentiu ao acordar.

A coisa mais estranha nessas interações era que sua mãe parecia realmente acreditar no que dizia.

Não parecia estar apenas acobertando os deslizos da filha; parecia estar tendo alucinações voluntárias sobre ela. “Você é uma mulher forte e me deixa muito orgulhosa”, diria a Laura mais tarde. Ou: “Você vai conseguir tudo o que quer.” Ou: “Não deixe ninguém se meter no seu caminho.” Ou: “Abandonei minha carreira por você e o seu sucesso é *literalmente tudo o que eu tenho no mundo.*” Coisas assim.

Mas agora Laura experimentava dúvida, que não era uma das cinquenta emoções permitidas pelo iFeel, o que, por sua vez, fazia com que ela duvidasse de que estava mesmo em dúvida, uma espécie de paradoxo atordoante, com o qual ela tentava não se desgastar mentalmente.

Ela não podia se ferrar em Introdução à Literatura. Isso, pelo menos, estava claro. Havia muitas coisas em jogo — estágios, empregos de verão, média escolar, um histórico maculado para sempre. Não, isso não podia acontecer, e ela se sentia injustiçada e insultada pelo professor, que estava disposto a *estragar seu futuro*

por causa de um trabalho idiota, o que lhe parecia uma reação totalmente desproporcional ao crime que havia cometido.

Mas, sim, até mesmo *isso* a deixava em dúvida, pois, se era aceitável trapacear em uma tarefa específica, então, por extensão lógica, seria aceitável trapacear em *todas* as tarefas. O que lhe parecia pelo menos um pouco estranho, porque a promessa que havia feito no ensino médio, quando as trapagens haviam começado, era que poderia trapacear em todas as tarefas agora, desde que, em algum momento do futuro, parasse de trapacear e começasse a dar duro de verdade, tão logo as tarefas se tornassem importantes. Coisa que ainda não havia acontecido. Em quatro anos de ensino médio e um ano de faculdade, não havia feito nada que parecesse ligeiramente *importante*. Logo, trapaceava. O tempo todo. E inventava mentiras. Sem parar. E não sentia um pingão de remorso.

Até hoje. O que estava esculhambando sua cabeça hoje era isto: e se ela cursasse a faculdade inteira sem ter feito um único trabalho? Quando conseguisse seu primeiro e grandioso emprego em publicidade e marketing, saberia o que fazer? De repente, percebeu que, na verdade, ela nem sequer compreendia exatamente os significados contidos na palavra “marketing”, apesar de uma discreta e inata habilidade em reconhecer um marketing bem-feito, especialmente quando o alvo era ela mesma.

Mas sempre que considerava prestar atenção nas aulas e fazer ela mesma os deveres de casa e estudar a sério para as provas e escrever seus próprios trabalhos, o medo que a assolava era o seguinte: e se ela não conseguisse? E se não fosse boa o bastante? Ou inteligente o bastante? E se fracassasse? Laura temia que, sem o auxílio da fraude e da falsidade, não fosse uma estudante de primeira categoria, como sua mãe e ela própria supunham que fosse.

Para sua mãe, essa descoberta seria devastadora. Sua mãe — que, desde o divórcio, assinava os e-mails a Laura com a frase *Você é minha única alegria* — jamais poderia lidar com o fracasso da filha. Seria a anulação completa de seu projeto de vida.

Portanto Laura tinha de seguir em frente, levando o plano adiante, por mais arriscado que fosse, pelo bem de sua mãe. E pelo seu

próprio bem. Não havia lugar para a dúvida.

Bem, sabe o que é? É que agora havia muito mais em jogo. Seu telefonema à reitora a havia livrado do sofrimento de *Hamlet*, mas causara um problema inesperado: a reitora agora estava decidida a tomar medidas extremas para demonstrar que a universidade se importava com os sentimentos de Laura. Estava organizando uma Conferência para Mediação e Resolução de Conflitos, o que, até onde Laura havia entendido, era uma espécie de reunião de cúpula que duraria dois dias, durante os quais ela e o professor Anderson ficariam sentados um em frente ao outro a uma mesa, enquanto uma série de mediadores neutros tentaria ajudá-los a *abordar, trabalhar, resolver e lidar de forma produtiva com suas diferenças em um ambiente seguro e respeitoso*.

O que parecia, tipo, a pior coisa do mundo.

Laura sabia que seria muito difícil sustentar suas fraudes durante dois dias de escrutínio minucioso. Sabia que precisava evitar esse encontro a todo custo, mas estava em dúvida e talvez até sentisse um pouco de culpa e remorso quanto à única solução que conseguira imaginar até o momento.

Alguém bateu à porta. Finalmente devia ser Larry.

— Um segundo! — gritou ela.

Tirou o short e a regata, arrancou o sutiã e a calcinha e foi buscar a toalha no armário. Era a menor e mais fina de todas. Talvez nem fosse uma toalha de banho, pois não envolvia completamente seu corpo, deixando exposta na lateral uma longa faixa de pele. E a largura também era menor que a padrão, pois a borda inferior só chegava àquela região macia, carnuda e coceguenta em que as pernas encontravam o torso. Em outras palavras, bastaria um leve movimento para que tudo fosse revelado. A toalha era branca, gasta após inúmeras lavagens, quase transparente em alguns pontos. Laura a colocara na máquina de lavar diversas vezes, até alcançar exatamente essa aparência. Usava-a do mesmo jeito que um mágico usa um relógio: para hipnotizar.

Abriu a porta.

— Oi — disse ela, e os olhos de Larry arremeteram na direção sul tão logo a viram, abarcando seu corpo e sua toalha fantasticamente

pequena. — Ai, desculpa, estou sem roupa. Já ia entrar no banho.

Ele entrou e fechou a porta atrás de si. Larry Broxton, usando seu conjunto habitual: bermuda prateada de jogador de basquete, camiseta preta, chinelos grandes. Não é que Larry não tivesse outras roupas — ele tinha, a própria Laura havia visto seu guarda-roupa, cheio de camisas sociais, certamente fornecidas por sua mãe. Acontece, simplesmente, que estas eram as peças que ele sempre escolhia, apanhando as roupas do chão todas as manhãs, dando uma cheirada e vestindo de novo. Laura ficava imaginando se algum dia ele se cansaria daquele visual, mas um mês já se passara e ela ainda não o vira usando outra roupa. Os meninos, reparara ela, às vezes ficavam obsessivamente concentrados em seus desejos. Quando gostavam de uma coisa, tendiam a repeti-la sem parar.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou Larry.

Os homens geralmente se mostravam ansiosos em fazer o que ela queria, especialmente quando estava usando a Toalha. Larry sentou na cama. Laura ficou de pé à sua frente, de modo que o corpo dela estivesse diretamente alinhado com os olhos dele. Se ela repuxasse a toalha um ou dois centímetros, ele provavelmente teria uma visão perfeitamente depilada da área púbica toda.

— Só um favorzinho — disse ela.

Havia conhecido Larry na aula de Introdução à Literatura. Notara sua presença no início do semestre e ficara se perguntando se aquele garoto queria deixar a barba crescer ou se apenas não lembrava de barbear o rosto. Ela o vira no campus. Sabia que ele sempre usava a mesma roupa e dirigia um jipe preto muito, muito grande. Nunca falava com ninguém, até que um dia, depois da aula, convidou Laura para uma festinha de fraternidade. Uma festa temática. Iam assar um porco no espeto. E iam fazer um tipo especial de hambúrguer, que eles chamavam de Brontobúrguer. E iam preparar uma bebida chamada Porre Jurássico. O nome da festa: Vadia das Cavernas.

E isso era, tipo, realmente ofensivo! Porque era uma festa em uma fraternidade só de homens. É óbvio que ela se vestiria como vadia. Não precisavam avisá-la para fazer isso. Achavam que ela era burra?

Mas, tudo bem, lá foi ela. Vestiu toga de pele de onça, sem calcinha nem sutiã, bebeu Porre Jurássico até achar o gosto bom e conversou com Larry, que usou a palavra *circumspecto* em uma frase, o que foi muito impressionante. Conversaram sobre o que seria a pior coisa na faculdade. As aulas, segundo Laura. As vagas pequenas de estacionamento, segundo Larry. E Laura sentiu aquela conhecida necessidade inebriante que a mobilizava por inteiro, em que a única coisa que ela queria era se esfregar no corpo dele. Mas ainda não estava bêbada o bastante para liberar geral na frente de todo mundo. Convidou Larry para ir ao seu quarto no alojamento, onde lhe pagou um boquete e ele gozou na boca dela *sem nem pedir*, o que ela considerava falta de educação, mas enfim.

Laura não sabia o que *circumspecto* quer dizer, mas às vezes a gente tem que confiar. É uma palavra legal.

— Você ainda está trabalhando? — perguntou Laura, e com isso se referia ao fabuloso estágio de Larry no centro de suporte técnico do campus, onde ele passava a maior parte de seu turno de três horas assistindo a vídeos na internet, ocasionalmente ajudando algum pobre professor que não conseguia conectar a impressora.

— Estou — confirmou ele.

— Ah, ótimo — disse ela, dando um passo à frente, fazendo sua perna roçar levemente na dele.

Naquele dia no alojamento, em que seduziu Larry pela primeira vez, a coisa mais estranha que aconteceu foi a seguinte: no momento em que ele gozou, ela sentiu uma bolota esquisita entrar de repente em sua boca, algo macio, mas definitivamente — e surpreendentemente — sólido. Cuspiu na palma da mão e descobriu o que parecia ser um pedaço mastigado de Brontobúrguer. Supôs que a coisa tivesse saído de dentro de Larry e, assim, concluiu que ele possuía a habilidade inusitada de ejacular pedaços da refeição, o que era nojento. A partir de então, solicitou que Larry depositasse seus fluidos em outro lugar.

— Então, me diga uma coisa. No seu trabalho, você consegue acessar à distância qualquer computador do campus, não é? — perguntou ela.

— É.

— *Perfeito*. Tem um computador que precisa ser investigado.

Larry franziu o cenho.

— Qual computador?

— O do professor Anderson.

— Ah, não. Sério?

Ela estendeu a mão e afagou seu cabelo cor de feno.

— Com certeza. Ele está escondendo alguma coisa. Alguma coisa *muito ruim*.

Laura não havia considerado esta outra possibilidade: que os homens, na verdade, não tenham a capacidade biológica de ejacular o conteúdo de seu estômago e que o pedacinho de Brontobúrguer já estivesse em sua boca antes mesmo que o boquete começasse, aprisionado na cavidade de um antigo siso, e as arremetidas orgásticas de Larry o tenham feito saltar para fora. Em outras palavras, uma coincidência, ainda que infeliz. Depois da primeira vez, ela disse que Larry estava proibido de gozar em sua boca, e ele sugeriu, com grande entusiasmo, outros lugares para soltar seus líquidos. O rosto, os seios e a bunda eram os alvos esperados. Esperados porque os dois haviam consumido tantas horas de pornografia na internet que agora simplesmente repetiam certas cenas que já haviam se tornado corriqueiras, até banais. Que Larry desejasse completar cada ato sexual com um jorro de esperma em alguma parte do corpo dela lhes parecia algo normal, o jeito costumeiro de se terminar o sexo, pois ambos haviam crescido em meio aos clichês ejaculatórios da pornografia. Mas depois Larry expandiu a área visada: queria gozar nos pés dela, nas costas, no cabelo, em cima do nariz, queria que ela usasse óculos para ele gozar nas lentes, nos cotovelos, na parte fina dos pulsos. Ele era incrivelmente específico! Ao que tudo indicava, tinha uma lista de partes corporais em que queria ejacular, fato sobre o qual Laura não tinha opinião alguma. Exceto esta: a coisa fazia com que ela às vezes se sentisse o equivalente sexual de uma cartela de bingo.

— O que o professor Anderson está escondendo? — perguntou Larry. — O que tem no computador dele?

— Algo comprometedor. Talvez até criminoso.

— Sério?

— Com certeza.

Laura confirmou com quase oitenta por cento de certeza de que isso era verdade. Afinal, quem é que não tem coisas comprometedoras no computador? Alguma imagem ambígua baixada de um site, algo questionável no histórico de navegação. Era muito provável que ela estivesse certa.

— Só posso acessar o computador de alguém se a pessoa me pedir ajuda. Não posso sair por aí espionando — disse Larry.

— Pode dizer que está fazendo manutenção periódica.

Deu outro passo à frente, a toalha esvoaçando para fazer a visão de seu corpo emergir. Não sabia com certeza o que estava acontecendo lá embaixo, pois sua atenção estava concentrada em Larry, porém, a julgar pela expressão no rosto dele, pelo jeito fixo com que olhava, era provável que estivesse exposta da cintura para baixo.

— Pense nisso. Se achar alguma coisa provando que ele não deveria ser nosso professor, você vai ser um herói. *O meu herói* — disse Laura, e Larry olhou para ela. — Vai fazer isso para mim?

— Vou arrumar um problema.

— Não vai, eu garanto.

Então agarrou a cabeça dele e, com a outra mão, soltou a toalha, que caiu suavemente no chão.

Ela sempre adorou este momento, a mudança que se operava sobre os homens quando percebiam o que estava prestes a acontecer, a velocidade com que se ajustavam, atingindo um nível diferente de intensidade e concentração. Larry já estava pegando nela.

— Ok — concordou ele. — Eu faço.

Laura sorriu. Naquele momento, ele teria aceitado qualquer coisa.

Laura jamais tinha problemas com esse momento, o momento da sedução. O problema vinha *depois*. Os homens costumavam se afastar dela em algumas semanas. Não podia contar com eles. Por exemplo, teve três situações diferentes em que os caras, todos do tipo amizade colorida, se declararam “biassexuados” pouco após transar com ela, ou seja, conforme as explicações deles, deixaram de sentir atração por ambos os gêneros, igualmente.

E ela pensou, na época: caramba, quais são as chances de isso acontecer três vezes?

Depois que Larry terminou e saiu do quarto, e depois de ela ter limpado os resquícios pegajosos deixados por ele em sua tibia — algo inédito até então —, Laura voltou ao iFeel, esperando que agora conseguisse pensar com mais clareza, que conseguisse descobrir o que dizer, o que sentia. Mas não teve sorte. Suas emoções pareciam tão alheias quantos antes.

Decidiu ativar o autocorretor do iFeel, um software realmente ótimo que pegava qualquer emoção que você acreditasse estar sentindo e a comparava com milhões de registros arquivados no banco de dados do iFeel e, coletando informações entre a multidão de usuários, inferia qual das cinquenta emoções-padrão você estava realmente sentindo. Laura clicou em um link, uma caixa de texto se abriu, e ela começou a digitar:

EU ME SINTO: estranha pq ñ acho certo o prof me reprovar só pq plagiei um trabalho idiota mas tb sei q ñ deveria trapacear tanto em todas as aulas pq um dia vou ter q me formar & arranjar um emprego & saber coisas sobre a minha área ou algo assim :(mas a esta altura na verdade eu TENHO Q colar pq trapaceei tanto no passado que em geral ñ tenho ideia do q tá acontecendo em nenhuma das aulas 0_0 então se eu parar de colar eu vou tirar notas muito ruins & talvez até tenha q sair do curso então parece q se eu vou me dar mal de qqr jeito é melhor seguir trapaceando & conseguir as notas q eu preciso p virar uma executiva poderosa de sucesso pq isso é o q a minha mãe quer q eu seja. então tenho q escapar desse encontro com o professor & pensei muito no assunto & percebi q a universidade não vai querer q o professor venha pro encontro se o professor NÃO FOR MAIS EMPREGADO DA UNIVERSIDADE \ (^.^)/ então talvez o jeito seja sujar completamente o nome dele & fazer ele ser despedido & arruinar a vida dele o q faz eu ficar um pouco culpada & tb brava pq a universidade me colocou nessa sinuca de bico & basicamente me forçou a fazer uma coisa q depois vai me dar remorso só pq eu plagiei um trabalho idiota

Apertou o Enter e o aplicativo do iFeel processou as informações por um momento, até que o autocorretor exibiu uma resposta:

Você quer dizer "Mal"?

Claro, devia ser isso mesmo o que ela queria dizer. Postou, na hora: *EU ME SINTO: Mal*. E segundos depois as mensagens de texto começaram a pipocar.

te anima garota :)

não fique mal vc é ótima

te adoro!

vc é a melhor!

E assim por diante, dezenas de mensagens, de amigos e admiradores, namorados e ficantes, colegas e conhecidos. E, embora não soubessem por que ela se sentia mal, era surpreendentemente fácil fingir que sabiam, que sabiam tudo sobre o plano e que, portanto, cada mensagem consolidava sua resolução. Era isso que ela tinha que fazer. Pensou no futuro, em sua mãe, em tudo o que estava em jogo. E soube que estava certa. Levaria o plano adiante. O professor merecia. Estava pedindo. Não fazia ideia do que estava por vir.

3

ENCONTRARAM-SE EM UM restaurante no subúrbio, próximo ao estacionamento da empresa em que Henry trabalhava. Era um daqueles lugares construídos junto ao acostamento de uma via expressa de mão única, apavorantemente movimentada. Essa rota costumava confundir os aparelhos de GPS e os mapas dos aplicativos, pois exigia uma série de retornos complicados e contraintuitivos para navegar os diversos viadutos, trevos e rampas de acesso, necessários por conta da proximidade com uma via expressa de quatorze pistas.

Lá dentro, a música de fundo tocava os hits grudentos do Top 40 das Mais Ouidas, o assoalho era coberto por carpetes e, circunscritos na órbita das cadeiras infantis, por respingos de comida, gotinhas de leite, gizes de cera e flocos úmidos de guardanapos picotados. Algumas famílias estavam paradas no vestíbulo, aguardando suas mesas, olhando para os discos de plástico que a garçonete lhes entregara, um dispositivo que iria tremer e piscar quando uma das mesas fosse liberada.

Henry e Samuel estavam sentados em uma mesa box, cardápios à mão — cardápios grandes e laminados, com dinâmica de cores e complexamente subdivididos, mais ou menos do tamanho dos Dez Mandamentos naquele filme sobre os Dez Mandamentos. A comida era típica de redes de restaurantes: hambúrgueres, bifés, sanduíches, saladas, uma lista de entradas criativas com nomes envolvendo adjetivos excêntricos, e.g. *esfuziante*. O que supostamente diferenciava esta rede de restaurantes era um jeito esquisito de preparar cebolas — a cebola era cortada e frita de forma que se abrisse ao meio e, uma vez arrumada no prato, ficava parecendo uma espécie de garra ressecada com dedos demais. Os clientes que entrassem no Clube de Vantagens ganhavam pontos por comer esse tipo de coisa.

A mesa estava atolada com os vários aperitivos que Henry já havia comprado com o cartão corporativo. O que estavam fazendo aqui era “pesquisa de campo”, como Henry costumava dizer. Provavam amostras do cardápio e discutiam quais itens tinham potencial para virar comida congelada: cubos dourados de cheddar frito, sim; atum-amarelo tostado, provavelmente não.

Henry anotava tudo isso em seu laptop. Estavam avaliando um prato de espetinhos de frango empanados em missô quando Henry finalmente tocou no assunto que estava ansioso para discutir, embora tentasse parecer indiferente.

— Ah, aliás, como estão indo as coisas com a sua mãe? — perguntou em tom premeditadamente desinteressado enquanto desmembrava um naco de frango com o garfo.

— Não muito bem — disse Samuel. — Hoje passei a tarde na Universidade de Illinois em Chicago, revirando os arquivos, olhando tudo o que eles têm de 1968 para cá. Anuários. Jornais. Esperava achar alguma coisa sobre a mamãe.

— E?

— Nada.

— Bem, ela não ficou na universidade por muito tempo. Talvez um mês? Não me espanta que não tenha achado nada — disse Henry.

— Não sei mais o que fazer.

— Quando você a viu, no apartamento dela, ela parecia, sei lá, feliz?

— Na verdade, não. Estava mais para quieta e reservada. Com um ar de desespero resignado.

— Isso soa familiar.

— Talvez seja melhor fazer mais uma visita. Dar uma passada lá quando o advogado não estiver por perto.

— Essa é uma ideia terrível — opinou Henry.

— Por quê?

— Para começar, ela não merece. Não lhe deu nada além de problemas durante toda a sua vida. Em segundo lugar: criminalidade. Aquela região é muito perigosa.

— Ah, para.

— É sério! Qual é mesmo o endereço?

Samuel respondeu e observou o pai digitar o endereço no laptop.

— Aqui diz que houve 61 crimes naquele bairro — informou Henry, olhando para a tela.

— Pai.

— Sessenta e um! Só no mês passado. Agressão. Lesão corporal. Arrombamento. Vandalismo. Roubo de veículo. Arrombamento com roubo. Outra agressão. Violação do direito de propriedade. Roubo. Mais uma agressão. Na calçada, pelo amor de Deus.

— Eu estive lá. Não tem nada de mais.

— Na calçada *no meio do dia!* Em plena luz! Um cara pode simplesmente acertar você com um pé de cabra, pegar sua carteira e te deixar largado lá.

— Tenho certeza de que isso não vai acontecer.

— Isso *aconteceu*. Aconteceu ontem.

— Quer dizer, não vai acontecer comigo.

— Tentativa de roubo. Posse ilícita de armas. Encontraram uma pessoa desaparecida, o que me parece um sequestro, caramba.

— Pai, escute...

— Agressão no ônibus. Lesão corporal grave.

— Tudo bem, tudo bem. Vou ter cuidado. Como você quiser.

— Como eu quiser? Ótimo. Então não vá. Nunca mais. Fique em casa.

— Pai.

— Deixe que ela se vire sozinha. Deixe que ela apodreça.

— Mas eu preciso dela.

— Não precisa, não.

— Não estou dizendo que vamos começar a passar o Natal juntos. Só preciso que ela me conte sua história. Vou ser processado pela minha editora se não descobrir.

— Essa é uma péssima ideia.

— Sabe qual é minha alternativa? Declarar falência e me mudar para Jacarta. É a opção.

— Por que Jacarta?

— É só um exemplo. O ponto é: preciso convencer a mamãe a falar.

Henry deu de ombros, mastigou o frango e tomou notas no laptop.

— Viu o jogo do Cubs ontem à noite? — perguntou, ainda olhando para a tela.

— Ando meio desligado — disse Samuel.

— Hum. Bom jogo.

Era assim que eles geralmente se relacionavam — por meio dos esportes. Era o tópico ao qual fugiam sempre que a conversa desacelerava ou se tornava perigosamente pessoal ou triste. Depois que Faye partiu, Samuel e Henry raramente falavam a respeito dela. Sofriam separadamente. O assunto sobre o qual mais falavam era o Cubs. Depois que ela partiu, ambos descobriram dentro de si mesmos um súbito, devoto, arrebatador e surpreendentemente poderoso amor pelo Chicago Cubs. E eis que tombaram as reproduções de incompreensíveis obras de arte moderna penduradas no quarto de Samuel; e eis que tombaram os cartazes com poemas sem sentido, colocados ali por Faye; tudo isso foi substituído por imagens de Ryne Sandberg e Andre Dawson e bandeirinhas do Cubs. Transmissões da WGN em tardes de sábado ou domingo, Samuel literalmente rezando a Deus — de joelhos no sofá, olhar fixo no teto —, rezando e cruzando os dedos e fazendo acordos com Deus em troca de um *home run*, uma vitória no último minuto, uma temporada vitoriosa.

Às vezes, faziam viagens a Chicago para ver jogos do Cubs — viagens sempre diurnas, sempre precedidas por um elaborado ritual em que Henry carregava o carro com suprimentos suficientes para qualquer catástrofe rodoviária. Carregava garrafas extras, caso precisassem de água potável ou houvesse um problema no radiador. Pneu reserva, às vezes dois. Sinalizadores, rádio PX à manivela para emergências. Mapas de Wrigleyville nos quais havia escrito notas em viagens anteriores: onde havia encontrado vagas para estacionar, onde havia encontrado mendigos ou traficantes. Bairros de aparência particularmente violenta eram completamente riscados. Levava uma carteira extra para o caso de assalto.

Quando adentravam os limites de Chicago, o tráfego se coagulava ao seu redor e as vizinhanças começavam a mudar. Então ele dizia:

— Portas trancadas?

E Samuel sacolejava a maçaneta e anunciava:

— Positivo!

— Olhos abertos?

— Positivo!

E, juntos, mantinham-se vigilantes e a postos contra o crime até voltarem para casa.

Antigamente, Henry não se preocupava tanto assim. Mas depois que Faye desapareceu, passou a se preocupar muito com desastres e assaltos. A perda da esposa o convenceu de que outras perdas eram iminentes e próximas.

— Fico me perguntando o que terá acontecido com ela em Chicago, na faculdade — comentou Samuel. — Por que ela voltou tão rápido?

— Não tenho ideia. Ela nunca falou sobre isso.

— Você não perguntou?

— Estava tão feliz por ela ter voltado que não quis estragar as coisas. Em cavalo dado não se olham os dentes, certo? Deixei o assunto morrer. Achei que estava sendo muito moderno e compassivo.

— Preciso descobrir o que aconteceu com ela.

— Olha só, preciso de uma opinião. Vamos lançar uma nova linha de produtos. Qual logotipo você prefere?

Henry empurrou dois papéis brilhantes por cima da mesa. Um dizia: *FRESQUINHOS: CONGELADOS DA FAZENDA*; o outro: *FRESKITCHOS: CONGELADOS DA FAZENDA*.

— Bom ver que você se preocupa com o bem-estar do seu filho — disse Samuel.

— Sério. Qual você prefere?

— Bom ver que você se importa tanto com meus problemas pessoais.

— Não seja tão dramático. Escolha um logotipo.

Samuel estudou as duas opções por um instante.

— Bom, acho que prefiro *FRESQUINHOS*. Na dúvida, o melhor é escrever as palavras direito.

— Foi o que eu disse! Mas os publicitários idiotas acharam que *FRESKITCHOS* traz mais piada ao produto. Essa é a palavra que eles usaram, mesmo. *Piada*.

— Claro, eu argumentaria que *FRESQUINHOS* também não é tão apropriada — argumentou Samuel. — Digamos que é uma palavra com semântica meio ambígua.

— Meu filho e seu vocabulário de professor.

— Se bem que há precedentes para *FRESKITCHOS*, eu acho.

— O pessoal da publicidade faz isso o tempo inteiro. Dizem que, trinta anos atrás, você podia fazer o serviço com uma simples declaração, do tipo: *É Delicioso! Seja Feliz!* Mas os consumidores hoje em dia são muito mais sofisticados, então você precisa brincar com a linguagem. *Prove a Sensação! Delicie-se com a Felicidade!*

— Tenho uma pergunta. Como uma coisa pode ser ao mesmo tempo congelada e fresca?

— O número de pessoas que para pra pensar sobre esse tipo de coisa é bem menor do que você imagina.

— Quando uma coisa é congelada, por definição, ela não deixa de ser fresca?

— Essas palavras são iscas. Quando querem anunciar alguma coisa para os hipsters, usam expressões como “comida fresca” e “comida de fazenda”. Ou talvez “comida artesanal”. Ou local. Para os *millenials*, usam “comida vintage”. Para mulheres, usam “comida fit”. E nem me fale sobre essa tal “fazenda” de onde a tal comida fresca vem. Eu sou de Iowa. Eu conheço fazendas. Aquele lugar não é uma fazenda.

O celular de Samuel apitou com uma nova mensagem de texto. Sua mão iniciou um movimento automático em direção ao bolso, mas ele se deteve e cruzou as mãos sobre a mesa. Pai e filho se encararam por um momento.

— Não vai ler a mensagem? — perguntou Henry.

— Não. Estamos conversando.

— Que magnânimo.

— Estamos conversando sobre o seu trabalho.

— Não estamos de fato *conversando*. Você está só me ouvindo reclamar do assunto.

— Quanto falta para você se aposentar?

— Ah, falta muito. Mas estou contando os dias. E quando eu realmente me aposentar, aquele pessoal da publicidade vai soltar fogos. Precisa ver a confusão que eu armei quando quiseram batizar os pimentões recheados de *Pimentex*, ou palitos de muçarela de *Queijelitos. Pimentex. Queijelitos*. Não, obrigado.

Samuel lembrou a alegria de seu pai no dia em que conseguira aquele emprego e decidira se mudar com a família para Streamwood — o derradeiro êxodo que os levaria dos atulhados edifícios residenciais para as residências espaçosas, amplas e verdejantes de Oakdale Lane. Pela primeira vez, tiveram um quintal e um gramado. Henry queria um cachorro. Tinham uma lavadora e uma secadora de roupas *dentro de casa*. Não precisavam mais caminhar até a lavanderia nas tardes de domingo. Não precisavam mais caminhar cinco quarteirões carregando compras. Não tinham mais de aturar vândalos que estragavam carros. Não tinham mais de escutar a briga do casal no apartamento de cima nem o choro do bebê no de baixo. Henry estava em êxtase. Mas Faye parecia meio perdida. Talvez tivesse havido algum conflito entre eles — ela queria viver no centro da cidade, ele queria se mudar para o subúrbio. Sabe-se lá como essas coisas são decididas; há vidas mais vastas e interessantes que os pais escondem dos filhos. Samuel só sabia que sua mãe havia perdido a disputa e sorria com desdém ante todos os símbolos de sua derrota — a grande porta marrom-clara da garagem, o deque no pátio, a grelha aburguesada para churrasco, o longo e isolado quarteirão cheio de pessoas felizes, seguras e brancas, com os respectivos filhos brancos.

Henry deve ter pensado que a vida estava resolvida — um bom trabalho, uma família, uma casa boa no subúrbio. Era tudo que ele sempre quis; por isso, foi um golpe terrível e talvez devastador quando tudo desmoronou: primeiro ao ser abandonado pela esposa, depois ao ser abandonado pelo emprego. Essa última parte acontecera em 2003 — depois de mais de vinte anos trabalhando lá, quando faltavam talvez uns dezoito meses para Henry se aposentar, já com planos sobre viagens e novos hobbies —, quando a empresa declarou falência. Isso apesar de a empresa ter emitido um

memorando dizendo que “Tudo está bem” dois meses antes da falência, memorando que dizia que os rumores sobre a bancarrota eram exagerados, portanto todos deviam agarrar suas ações ou até comprar mais, aproveitando que estavam desvalorizadas, e isso foi o que Henry fez, embora mais tarde tenha se revelado que o diretor da companhia estava, naquele mesmo momento, vendendo todas as suas cotas. A aposentadoria de Henry estava presa a ações agora imprestáveis e, quando a empresa emergiu da falência e emitiu novas ações, ofereceram-nas apenas aos diretores e aos grandes investidores de Wall Street. Assim, Henry ficou sem nada. O pé de meia que enchera durante tantos anos evaporou em um único dia.

Naquele dia, ao finalmente compreender que sua aposentadoria teria de ser adiada por dez ou talvez quinze anos, Henry ficara com a mesma expressão de perplexidade que se estampara em seu rosto quando Faye desaparecera. Mais uma vez, fora traído por quem deveria zelar por sua segurança.

Agora ele parecia apenas cínico e ressabiado. O tipo de pessoa que não acredita mais em promessas.

— O americano médio come seis refeições congeladas por mês. Meu trabalho é fazê-lo comer sete. É nisso que eu trabalho sem parar, às vezes até nos fins de semana — disse Henry.

— Não parece muito animado com isso.

— O problema é que lá no escritório ninguém pensa no longo prazo. Só se concentram no balanço trimestral, no próximo relatório de lucros. Não perceberam o que eu percebi.

— E o que você percebeu?

— Sempre que identificamos um novo nicho de mercado, a única coisa que fazemos, no longo prazo, é desmantelá-lo. É como se esse fosse o nosso princípio norteador, nossa filosofia original. Nos anos 1950, Swanson notou que os americanos gostavam de fazer as refeições em família e resolveu entrar nesse mercado. Então ele inventou o “comida para ver TV”. O que levou as famílias a perceberem que não precisavam fazer as refeições em grupo. Vender refeições familiares fez com que as refeições em família acabassem. E, desde então, não paramos de pulverizar o mercado.

O celular de Samuel zumbiu de novo, mais uma mensagem de texto.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Henry. — Vocês, jovens, e os seus celulares. Leia a mensagem de uma vez.

— Desculpe — disse Samuel, já checando a mensagem.

Era Pwnage. Dizia: MEU DEUS DO CÉU ENCONTREI A MULHER DA FOTO!!!!

— Desculpe, só um segundo — disse Samuel ao pai enquanto digitava uma resposta.

que mulher? que foto?

a foto da tua mãe nos anos 60!! encontrei a mulher da foto!

é sério?

vem pro jezebels agora mesmo e vou te contar tudo!!!

— Parece que estou no trabalho tentando conversar com um dos nossos estagiários — reclamou Henry. — Vocês estão sempre com a cabeça em dois lugares ao mesmo tempo. Não prestam atenção completa em coisa nenhuma. Não me importa se estou falando como um velho rabugento.

— Desculpe, papai, tenho que correr.

— Não consegue ficar sentado quieto por dez minutos. Sempre ocupado com um monte de coisas.

— Obrigado pelo jantar. Telefone em breve.

E Samuel disparou para o sul, rumo ao subúrbio onde Pwnage morava, e estacionou sob as luzes roxas do Jezebels e entrou correndo no bar, onde encontrou seu parceiro de *Elfscape* no balcão, vendo TV, um programa popular de competição de comida.

— Encontrou a mulher da foto? — perguntou Samuel ao se sentar.

— Sim. O nome dela é Alice. Mora em Indiana, no meio do nada.

Entregou a Samuel uma fotografia baixada da internet e impressa: uma mulher na praia, num dia ensolarado, sorrindo para a câmera,

usando botas de alpinista e calça cargo e um grande chapéu verde desengonçado e uma camiseta com os dizeres *Acampar é Viver*.

— É mesmo ela? — perguntou Samuel.

— Com certeza. Estava sentada atrás da sua mãe quando a foto foi tirada, no dia do protesto em 1968. Ela mesma me disse.

— Fantástico.

— O melhor de tudo? Ela era *vizinha* da sua mãe. Tipo, no alojamento estudantil, na faculdade.

— E ela aceitou falar comigo?

— Já combinei tudo. Estará esperando por você amanhã.

Pwnage lhe entregou uma cópia impressa de uma breve troca de e-mails, assim como o endereço de Alice e um mapa mostrando como chegar a sua casa.

— Como a encontrou?

— Eu estava com tempo livre no Dia de Correção. Nada de mais.

— Olhou de novo para a TV. — Caramba, olha só! Acha que esse cara vai conseguir comer tudo aquilo? Meu voto é sim.

Estava falando do apresentador do programa, um homem conhecido por sua habilidade em comer quantidades absurdas sem desmaiar nem vomitar. Seu nome estava inscrito no Hall da Fama em dezenas de restaurantes americanos de onde saíra vencedor em duelos alimentícios: um filé de dois quilos, um pizza-burger tamanho família, um burrito mais pesado que um bebê recém-nascido. Seu rosto apresentava a intumescência característica de quem tem dois dedos de cobertura extra em todo o corpo.

Neste momento, no que parecia ser um restaurante de comida rápida e barata, o apresentador fazia comentários divertidos enquanto o *chef* preparava batatas rosti em uma chapa arranhada — um montículo de batatas raladas e fritas que ele moldava em um quadrado do tamanho de um tabuleiro de xadrez. Em cima das batatas rosti, o *chef* empilhou dois punhados de linguiça despedaçada, quatro punhados de bacon picado, carne moída, várias cebolas cortadas em cubos e o que parecia ser uma camada de cheddar branco ou muçarela ou queijo Monterrey Jack ralado, camada essa tão espessa que fazia as carnes desaparecerem

completamente numa meleca branca derretida. No canto superior direito da tela, estava escrito: *Lembrando o 11 de Setembro*.

— Estou lhe devendo uma, cara. Muito obrigado mesmo. Tenho como ajudar você em alguma coisa? É só dizer — disse Samuel.

— De nada.

— Sério mesmo. Tem algo que eu possa fazer para ajudar você?

— Não precisa. Estamos de boas.

— Bem, se tiver alguma coisa, é só me dizer.

No topo da camada queijosa, o *chef* espatifou seis bolas de creme azedo do tamanho de espátulas e depois as espalhou sobre aquele tijolão de comida. Enrolou a coisa toda até dar-lhe a forma de um rocambole, com a parte da batata para o lado de fora. Cortou o rolo ao meio, pegou as metades e colocou-as em um prato, onde ambas ficaram de pé, na vertical. A crosta rachou em alguns pontos, deixando escapar volutas de vapor e um líquido espesso e gorduroso. A receita de chamava Super Rango das Torres Gêmeas. O apresentador sentou-se a uma das mesas do restaurante, cercado por clientes entusiasmados por aparecer na TV. À sua frente estavam os rolos dourados de batata e carne. Pediu um momento de silêncio. Todos abaixaram a cabeça. A câmera deu um close no Super Rango, escorrendo lama branca. Alguém fora do enquadramento deve ter dado a deixa, pois nesse momento a multidão começou a gritar “Come! Come! Come!”, enquanto o apresentador apanhava faca e garfo, rasgava a superfície crocante do Super Rango, escavava a pasta pegajosa em seu interior e levava uma porção à boca. Mastigou e olhou para a câmera com ar queixoso e disse:

— Isso é pesado pra caramba. — A multidão riu. — Cara, acho que não vou conseguir.

Corta para o comercial.

— Pra falar a verdade... Sim. Tem uma coisa que você podia fazer por mim — comentou Pwnage.

— É só dizer.

— Tem esse livro que estou escrevendo. Quer dizer, bem, uma ideia para um livro. Um romance de suspense policial, sabe?

— A história do detetive médium. Eu lembro.

— É. Eu sempre planejei escrever esse livro, mas fui adiando e adiando, pois havia muitas coisas que eu precisava fazer antes de começar a escrever. Tipo, meus leitores vão esperar que eu saiba como a polícia trabalha e como o judiciário realmente funciona, por isso eu teria que acompanhar um detetive de verdade por algum tempo, ou seja, teria que encontrar um detetive e explicar que sou um escritor trabalhando em um romance e que preciso passar algumas noites com a polícia para pegar o *sabor* dos jargões e da rotina policial. Esse tipo de coisa.

— Claro.

— Pesquisa, sabe.

— Sim.

— Mas aí, bom, minha preocupação é a seguinte. Se eu mandar uma carta para um detetive, ele provavelmente não vai acreditar na alegação de que sou um escritor, já que eu nunca publiquei nada, fato que o detetive quase certamente vai descobrir, porque, enfim, detetives *sabem como descobrir coisas*. Então, antes de entrar em contato com um detetive, eu preciso publicar alguns contos em algumas revistas literárias e talvez ganhar alguns prêmios para corroborar a alegação de que sou um escritor, e depois disso o detetive ficaria mais inclinado a aceitar minha companhia durante o serviço.

— É, faz sentido.

— Sem falar que eu teria de ler um monte de livros sobre percepção extrassensorial e outros fenômenos paranormais para poder criar um efeito de verossimilhança. Na verdade, tem tantas coisas para fazer antes de sequer *começar* a escrever que acabo perdendo a motivação.

— Tem algo específico que você queira me pedir?

— Se eu conseguisse arranjar uma editora para o livro, então o detetive iria acreditar automaticamente que sou um escritor e, além disso, eu teria o incentivo necessário para, de fato, *começar a escrever*. Além disso, também teria o dinheiro do adiantamento, que eu poderia usar para pagar a reforma da minha cozinha.

— Então você quer que eu mostre o seu livro ao meu editor?

— Sim, se não for incomodar.

— Incômodo nenhum. Combinado.

Pwnage sorriu, deu um tapinha no ombro de Samuel e se voltou de novo para o cara na TV, que já estava na metade do Super Rango, após ter devorado um dos rolos gêmeos, enquanto o outro havia perdido a integridade estrutural interna e agora jazia esborrachado no formato de um cone viscoso de batatas entulhadas. O apresentador olhava para a câmera, exausto, com a expressão de um boxeador zozzo tentando manter a consciência. O *chef* disse que havia criado o Super Rango das Torres Gêmeas alguns anos antes para “jamais esquecer” os atentados. O apresentador começou a comer o segundo rolo. O garfo se movia devagar. Dava para ver que tremia. Um espectador, preocupado, ofereceu-lhe um copo d’água, mas ele recusou. Engoliu mais um bocado. Tinha a aparência de alguém que odeia a si mesmo.

Samuel olhou a fotografia de Alice. Perguntou-se como a feroz manifestante de 1968 podia ter se tornado *esta* pessoa, alguém que, aparentemente, usava calças cargo e camisetas irônicas e passeava na beira da praia, perfeitamente feliz e à vontade. Como podiam essas duas pessoas, que pareciam tão diferentes, habitar o mesmo corpo?

— Você conversou com Alice? — perguntou Samuel.

— Sim.

— Que tipo de pessoa ela é? Que impressão você teve?

— Parecia muito interessada em erva-alheira.

— Erva-alheira?

— É.

— Isso é uma gíria?

— Não. Estou falando literalmente — disse Pwnage. — Ela é super interessada em erva-alheira.

— Não entendi.

— Nem eu.

Enquanto isso, na TV, o apresentador estava chegando ao último bocado. Parecia exaurido e infeliz. Estava com a testa apoiada na mesa e os braços abertos em cruz; não fosse pela respiração pesada e o suor visível, pareceria morto. A turba estava em êxtase, porque ele já tinha comido quase o prato inteiro. O *chef* disse que, até hoje,

ninguém havia chegado tão perto. As pessoas começaram a entoar “USA! USA!” enquanto o apresentador erguia o derradeiro naco de comida, suspenso na ponta do garfo trêmulo.

4

ALICE SE AJOELHOU no macio e esponjoso solo do bosque, atrás de sua casa. Agarrou um pequeno tufo de erva-alheira e puxou-o — não com muita força nem em linha reta, mas numa torção delicada, fazendo com que as raízes se soltassem inteiras do solo arenoso, sem quebrar. Isso era o que ela fazia quase todos os dias. Perambulava pelos bosques dos areais de Indiana, remindo-os de suas ervas-alheiras.

Samuel estava uns vinte passos atrás, observando-a. Encontrava-se na estreita trilha de cascalho que cortava o bosque e ligava o chalé de Alice à afastada garagem. A trilha tinha cerca de meio quilômetro, subindo e descendo a colina. Quando Samuel chegou ao topo, os cachorros começaram a latir.

— O problema são as sementes — disse Alice. — As sementes de erva-alheira podem sobreviver por vários anos.

Era uma cruzada pessoal que ela travava sozinha nos areais que se estendiam pela costa meridional do lago Michigan. Aquela erva exótica havia se esgueirado desde sua terra natal, na Europa, até as florestas de Indiana, pondo-se em seguida a aniquilar flores, arbustos e árvores locais. Se Alice não estivesse ali para afugentá-la, a invasora teria dominado toda a região em poucos verões.

No dia anterior, ela estava lendo um dos fóruns que moderava, uma página voltada à discussão sobre espécies invasoras nas redondezas de Chicago — a função de Alice era alertar pessoas que estivessem postando mensagens nos lugares errados, transferindo os tópicos para as diferentes áreas de discussão. Mantinha tudo sempre claro e organizado; praticava uma espécie de poda que imitava, digitalmente, o que ela fazia quase todos os dias naqueles bosques, arrancando coisas que não deveriam estar ali. E, uma vez que a maioria dos sites era bombardeada com uma quantidade impensável de spam — em geral propagandas de medicamentos para aumento peniano, pornografia ou coisas incompreensíveis em

cirílico —, até as páginas mais enxutas e segmentadas precisavam de um moderador que vigiasse as áreas de discussão, deletando posts inadequados, anúncios e spam; do contrário, tudo acabaria sufocado em informações sem sentido. Quando não estava arrancando erva-alheira, cuidando dos cachorros ou passando tempo com sua companheira, Alice geralmente moderava os fóruns, afugentando as investidas do caos, tentando alcançar uma ordem iluminista perante a loucura do século XXI.

Estava no laptop verificando o fórum de discussão sobre espécies invasoras quando viu que alguém chamado Axman havia iniciado um tópico intitulado “Vocês conhecem a mulher NESTA FOTO?”. Isso certamente devia ser spam, visto o uso desnecessário de caixa-alta e também porque o assunto certamente não tinha nada a ver com o tema ostensivo daquela área, ou seja, “Madressilva (madressilva de Amur, de Morrow, de Bell, de Standish e Tártara)”. Alice estava prestes a transferir o tópico para o fórum de “Assuntos Avulsos” e repreender Axman por ter postado aquilo no lugar errado quando, ao clicar na imagem em questão, viu-se, inacreditavelmente, encarando a *si mesma*.

Uma foto tirada em 1968, no grande protesto em Chicago. Lá estava ela, com seus óculos escuros, a farda militar, olhando para a câmera. *Caramba*, como ela era durona! Estava no parque, em um prado de folia estudantil. Milhares de manifestantes. Atrás dela, havia bandeiras, cartazes e silhuetas de antigos prédios de Chicago no horizonte. Faye estava sentada à sua frente. Alice mal podia acreditar em seus olhos.

Entrou em contato com Axman, que a encaminhou para um cara esquisito chamado Pwnage, que a encaminhou para Samuel, que veio visitá-la no dia seguinte.

Agora ele estava a alguns passos dela, longe daqueles arbustos frondosos que, aos olhos de um não iniciado, pareciam uma planta comum — mas eram, na verdade, erva-alheira. Cada ramificação de erva-alheira continha dezenas de sementes, que se prendiam nas solas do sapato, dentro das meias ou na bainha da calça jeans, e se espalhavam à medida que as pessoas caminhavam. Samuel estava proibido de se aproximar da erva. Alice usava grandes botas de

plástico que iam até os joelhos e pareciam apropriadas para andar em brejos e lamaçais. Também trazia sacos plásticos pretos que enrolava ao redor de cada erva antes de arrancá-la, para que as sementes não caíssem no solo. Cada planta tinha milhares de sementes, e nenhuma delas podia escapar. Alice carregava as sacolas cheias de erva-alheira com todo o cuidado, segurando-as a certa distância do corpo, como se estivesse carregando um saco com o cadáver de um gato.

— Como você se envolveu com isso? — perguntou Samuel. — Com essa erva, quero dizer.

— Quando me mudei para cá ela estava matando todas as plantas nativas.

A cabana de Alice dava para um pequeno areal na costa do lago Michigan, e era a coisa mais parecida com uma casa de praia em Indiana. Ela havia comprado o imóvel por um preço irrisório em 1986, quando o lago havia atingido um nível sem precedentes. A água chegava a poucos metros do alpendre. Se o lago continuasse subindo, a casa teria sido arrastada pelas águas.

— Comprar a casa foi um risco — contou Alice —, mas um risco calculado.

— Com base em quê?

— Mudanças climáticas — respondeu ela. — Verões mais quentes e mais secos. Mais estiagens, menos chuva. Menos gelo no inverno, mais evaporação. Se os climatologistas estivessem certos, o lago teria de recuar. Assim, quando dei por mim, estava torcendo pelo aquecimento global.

— Deve ter sido uma sensação, sei lá, complicada?

— Sempre que ficava presa no trânsito, eu imaginava o gás carbônico de todos aqueles carros enchendo a atmosfera e salvando a minha casa. Era doentio.

No devido tempo, o lago começou, de fato, a recuar. No espaço antes preenchido pela água, havia uma grande e agradável praia, na frente da casa. Alice comprara aquele lugar por dez mil dólares. Agora, valia milhões.

— Depois me mudei para cá com minha companheira — contou ela. — Isso foi nos anos 1980. Estávamos cansadas de mentir sobre

nosso relacionamento. Não aguentávamos mais dizer aos vizinhos que éramos *colegas de quarto*, que ela era minha *melhor amiga*. Queríamos privacidade.

— Onde está sua companheira?

— Está viajando a negócios esta semana. Estou aqui sozinha com os cachorros. São três, todos resgatados. Não deixo irem ao bosque, porque as sementes de erva-alheira ficariam presas nas patas deles.

— Claro.

O cabelo branco de Alice estava penteado para trás e preso em um rabo de cavalo. Usava calça jeans, a bainha enfiada em grandes botas de borracha. Uma camiseta simples, branca, sem estampa. Tinha a falta de atenção à aparência típica dos naturalistas, uma indiferença a coisas como cosméticos e adornos, um despreendimento que não parecia desleixo, mas uma espécie de transcendência.

— Como está sua mãe? — perguntou Alice.

— Está sendo processada.

— Tirando isso?

— Tirando isso, não tenho ideia. Ela se recusa a falar comigo.

Alice pensou na menina quieta que ela um dia conhecera e lamentou que Faye jamais tivesse superado o que a torturava. Mas a vida era assim: as pessoas amam as coisas que as tornam infelizes. Ela havia constatado isso muitas vezes entre seus companheiros de ativismo, nos tempos em que o movimento, já fragmentado, ia se tornando torpe e perigoso. Estavam sempre infelizes, o tempo inteiro, e a infelicidade parecia alimentá-los e nutri-los. Não a infelicidade em si, mas sua constância, sua familiaridade.

— Gostaria de poder ajudar — disse Alice. — Mas acho que não tenho muito para lhe contar.

— Estou tentando entender o que aconteceu — respondeu Samuel. — Minha mãe manteve em segredo tudo o que aconteceu em Chicago. Das pessoas que conviveram com ela naquele período, você é a primeira que encontro.

— Me admira que ela nunca tenha falado no assunto.

— Eu esperava que você pudesse me explicar. Algo aconteceu com ela em Chicago. Algo importante.

Claro que ele estava certo, mas Alice não diria isso.

— Não tenho muito o que lhe contar — repetiu ela, tentando parecer desinteressada. — Faye frequentou a universidade durante um mês, depois foi embora. Não se adaptou. Acontece com muita gente.

— Mas por que manteve tudo em segredo?

— Talvez estivesse com vergonha.

— Não, tem alguma coisa além disso.

— Quando a conheci, ela era uma alma atormentada. Uma menina de cidade pequena. Inteligente, mas meio perdida. Quieta. Lia muito. Ambiciosa e determinada, o que provavelmente significa que tinha problemas sérios com o pai.

— O que quer dizer com isso?

— Aposto que o pai de Faye estava sempre decepcionado com ela, sabe? E a angústia que sentia por desapontar o pai se transformou em um impulso de impressionar todo mundo. Um psicanalista chamaria isso de *transferência*. A criança aprende o que o mundo espera dela. Estou certa?

— Talvez.

— Seja como for, ela deixou Chicago logo após as manifestações. Não consegui sequer lhe dizer adeus. Sem mais nem menos, sumiu.

— É, ela é boa nisso.

— Onde você conseguiu a foto?

— Estava nos noticiários.

— Não acompanho as notícias.

— Lembra quem tirou a foto? — indagou ele.

— Toda aquela semana está borrada na minha cabeça. Um monte de imagens se misturando. Não consigo separar um dia do outro. De qualquer forma, não, não lembro quem tirou a foto.

— Na imagem, parece que ela está apoiada em outra pessoa.

— Deve ser Sebastian.

— Quem é Sebastian?

— Era editor de um jornal clandestino. *Voz Livre de Chicago*. Sua mãe se sentia atraída por ele e ele se sentia atraído por qualquer pessoa que lhe desse bola. Não era uma boa combinação.

— O que aconteceu com ele?

— Não tenho a menor ideia. Isso foi há muito tempo. Saí do movimento em 1968, logo após aquele protesto. Depois, não mantive contato com ninguém.

As ervas-alheiras arrancadas por Alice tinham cerca de trinta centímetros, com folhas em forma de coração e pequenas flores brancas. Aos olhos de um leigo, pareciam iguais a qualquer outro arbusto, sem nada de extraordinário. O problema é que cresciam rápido demais, roubando a luz solar de outras plantas, inclusive árvores jovens. Além disso, não tinha um predador natural — a população local de cervos comia qualquer coisa menos a erva, que ficava livre para colonizar a área. Também produzia uma substância química que, espalhando-se no solo, matava as bactérias necessárias ao crescimento de outras plantas. Em outras palavras, um perfeito monstro botânico.

— Minha mãe fazia parte do movimento? — indagou Samuel. — Ela era, tipo, uma hippie radical ou algo do gênero?

— Eu era uma hippie radical — afirmou Alice. — Sua mãe, definitivamente, não. Era uma garota normal. Foi arrastada para o movimento a contragosto.

Alice pensou em si mesma quando jovem, em seu antigo idealismo, nos tempos em que se recusava a ter posses, trancar a porta de casa ou carregar dinheiro — comportamentos malucos que hoje ela jamais cogitaria adotar. O que incomodava a jovem Alice eram os problemas que acompanhavam a posse — a territorialidade, a preocupação, a perda em potencial, porque, quando possuímos coisas preciosas, o mundo parece uma sequência ininterrupta de ameaças, todas prontas para roubar nossas coisas. E, sim, Alice havia comprado a casa nos areais de Indiana, enchera-a com suas próprias coisas, colocara trancas em todas as portas, construía uma muralha de sacos de areia para conter o avanço do lago, limpava, lixava, pintava, havia contratado exterminadores e empreiteiros, derrubara paredes velhas e erguera paredes novas, e seu lar lentamente passou a existir, brotando, borbulhando, como Afrodite nascendo das águas do mar. E, sim, era verdade que sua antiga força radical agora se voltava a atividades como escolher a luminária mais apropriada ao seu teto, elaborar um esquema de trabalho

perfeito para a cozinha, construir excelentes estantes embutidas ou encontrar a paleta de cores mais agradável para o quarto, sempre com aquela nuance de azul que ela avistava sobre o lago em certas manhãs de inverno, quando a superfície da água era uma extensão bruxuleante, como neve semiderretida, parecendo puxar para o “azul geleira”, “azul líquido”, “azul jacinto” ou um azul-acinzentado realmente adorável chamado “ápice” — embora a nomenclatura variasse de acordo com a amostra de cores que estivesse usando. E, sim, às vezes ela sentia pontadas dolorosas de culpa e remorso ao perceber que esses eram os problemas que a interessavam agora, em vez da luta por paz, justiça e igualdade, à qual pretendia dedicar a vida quando tinha vinte anos.

Concluía que cerca de oitenta por cento do que pensamos saber sobre nós mesmos aos vinte anos está errado. O problema é que você só consegue descobrir a pequena parte verdadeira muito mais tarde.

— Quem a arrastou para o movimento? — perguntou Samuel.

— Ninguém — respondeu Alice. — Todo mundo. Os acontecimentos da época. Ela foi arrebatada. Era tudo muito emocionante, sabe?

Alice acabara descobrindo a pequena parte verdadeira de si mesma: queria algo que merecesse sua fé e sua devoção. Quando jovem, vira famílias se refugiando em seus lares e ignorando os problemas do mundo lá fora e as odiara por isso: engrenagens burguesas na grande máquina, rebanho de criaturas mansas e acéfalas, filhos da mãe egoístas que não conseguiam ver nada além dos limites de sua propriedade. A alma dessa gente, pensava ela, devia ser pequena, murcha, mirrada.

Mas então ela cresceu, comprou uma casa, encontrou o amor e adotou uns cachorros; cuidou da terra e tentou encher seu lar com amor e vida, e percebeu seu antigo erro: que essas coisas não nos apequenam. Na verdade, tinha a impressão de que essas coisas a engrandeciam. De que, ao escolher uns poucos interesses pessoais e ao se dedicar intensamente a eles, sua alma se expandira como nunca. De que, ao limitar seus interesses, paradoxalmente se tornara *mais* apta ao amor, à generosidade, à empatia e, sim, até

mesmo à paz e à justiça. Essa era a diferença entre amar algo por dever — porque o movimento exigia esse amor — ou amar alguma coisa com amor verdadeiro. No fim das contas, descobriu que o amor — quando genuíno, real, espontâneo — abria sempre mais espaço para si mesmo. O amor, quando dado de livre e espontânea vontade, duplica-se e multiplica-se.

Ainda assim, ela não conseguia evitar a mágoa sempre que algum antigo companheiro de ativismo a acusava de ter “se vendido”. Essa era a pior de todas as acusações, porque, obviamente, era verdade. Mas como ela poderia explicar que existem diferentes formas de se vender? Que ela não havia se vendido por dinheiro? Que, às vezes, ao se vender era possível descobrir um novo tipo de compaixão, algo que ela jamais havia sentido em seus tempos de revolucionária? Não podia explicar isso aos antigos companheiros, tampouco eles lhe dariam ouvidos. Continuavam leais aos velhos princípios: drogas, sexo, resistência. Mesmo no momento em que as drogas começaram a matá-los, mesmo quando o sexo se tornou perigoso, essas eram as coisas em que continuavam a se apoiar quando precisavam de respostas. Nunca notaram como sua resistência havia se tornado cômica. Eram espancados pela polícia, e o público dava vivas. Pensavam estar mudando o mundo, mas só conseguiram ajudar Nixon a se eleger. Achavam a Guerra do Vietnã insuportável, mas, em resposta, eles próprios se tornaram insuportáveis.

A única coisa menos popular do que a guerra, naquela época, era o movimento antiguerra.

Essa era uma verdade evidente, mas nenhum deles conseguia vê-la, pois estavam totalmente convencidos da própria retidão.

Em geral, Alice dava um jeito de não pensar muito nessas coisas, nessas ligações com o passado. Na maior parte do tempo, pensava em seus cachorros e na erva-alheira. Exceto quando algo subitamente vinha à tona, algo que a lembrava de sua vida pregressa, como, por exemplo, o filho de Faye Andresen emergindo dos areais e fazendo perguntas.

— Vocês eram próximas? — perguntou ele. — Você e minha mãe eram amigas?

— Acho que sim — respondeu Alice. — Mas não nos conhecíamos muito bem.

Ele assentiu. Parecia decepcionado. Esperava algo mais. Mas o que Alice poderia dizer? Que, de fato, havia pensado em Faye por todos esses anos? Que a lembrança de Faye era uma pequena mas dolorosa companhia? Porque essa era a verdade. Ela havia jurado cuidar de Faye, mas as coisas haviam saído de controle, e ela falhara. Nunca descobriu o que tinha acontecido com ela. Jamais a vira outra vez.

Não existe dor maior que esta: culpa e arrependimento na mesma escala. Havia tempos ela tentara enterrar esse sentimento ali no areal, junto aos outros erros de sua juventude. E não estava disposta a desenterrar aqueles fragmentos do passado, nem mesmo por esse jovem que claramente precisava de respostas. A lembrança da mãe parecia uma farpa encravada no corpo dele, um estilhaço que ele não conseguia remover. Alice agarrou um pequeno tufo de erva-alheira e puxou — delicadamente, moderando a força, com uma leve torção para liberar as raízes. Tempos atrás, havia aperfeiçoado essa técnica. Por um longo momento, ficaram calados, e os únicos sons eram as ervas rasgando a terra, as ondas quebrando no lago e certo pássaro cujo canto soava mais ou menos assim: *uh-uh, uh-uh, uh-uh*.

— Mesmo que você descubra tudo, de que vai adiantar?

— Como assim? — questionou ele.

— Mesmo que você descubra a história de sua mãe, isso não vai mudar nada. O passado é passado.

— Minha esperança, acho, é conseguir explicar algumas coisas. Tudo o que minha mãe fez. Além disso, ela está com sérios problemas e talvez eu possa ajudá-la. Tem um juiz que parece decidido a colocá-la na cadeia. Parece que ele cancelou a aposentadoria só para atormentá-la. O *Meritíssimo* Charlie Brown. Que piada.

Alice se empertigou e ergueu os olhos. Colocou no chão a sacola de plástico meio cheia. Tirou as luvas, luvas especiais de borracha, a cuja superfície as sementes não aderiam. Caminhou até Samuel com passos largos e desajeitados por causa das botas impermeáveis.

— Esse é o nome dele? — perguntou ela. — Charlie Brown?

— Ridículo, não é?

— Ah, meu Deus — respondeu Alice, sentando de repente na grama. — Não pode ser.

— O quê? — indagou Samuel. — O que foi?

— Escute — disse Alice. — Você precisa tirar sua mãe da cidade.

— Como assim?

— Ela precisa fugir.

— Agora tenho certeza de que você está escondendo alguma coisa.

— Eu o conheci — confessou ela. — O juiz.

— Ok. E daí?

— Estávamos todos mais ou menos interligados... em Chicago, na faculdade... eu, sua mãe e o juiz.

— Talvez você devesse ter dito isso no início da conversa.

— Você precisa tirar sua mãe da cidade, tipo, agora mesmo.

— Me diga por quê.

— Talvez seja melhor até tirá-la do país.

— Ajudar minha mãe a fugir do país... É esse o seu conselho?

— Quando falei dos motivos para ter me mudado para cá, em Indiana, eu não contei toda a verdade. O motivo real foi ele. Quando ouvi falar que ele havia voltado para Chicago, mudei de cidade. Por medo dele.

Samuel sentou ao lado dela na grama, e olharam um para o outro por um instante, perplexos.

— O que ele fez com você? — perguntou Samuel.

— Sua mãe está correndo grande perigo — disparou Alice. — O juiz nunca vai desistir. Ele é cruel e perigoso. Você precisa levá-la embora. Está me ouvindo?

— Não estou entendendo. Por que o juiz odeia minha mãe?

Ela suspirou e fitou o chão.

— Ele é a mais perigosa de todas as espécies americanas: um homem branco heterossexual que não conseguiu o que queria.

— Você precisa me contar *exatamente* o que aconteceu — disse Samuel.

A cerca de um metro de seu joelho esquerdo, ela notou uma pequena mancha de erva-alheira que não vira antes — brotos jovens, uma pincelada de trevos esparsos sob a relva. Não daria sementes até o próximo verão, mas, quando isso acontecesse, a erva viria à tona com fúria, cercando e matando todas as plantas a seu redor.

— Eu nunca contei essa história — confessou ela. — Para ninguém.

— O que aconteceu em 1968? — perguntou Samuel. — Por favor, me conte.

Alice assentiu. Passou a mão na relva e as folhas fizeram cócegas em suas palmas. Fez uma anotação mental para voltar no dia seguinte e arrancar aquele broto. O problema com a erva-alheira é que não se podia simplesmente cortá-la. As sementes podem durar anos. Sempre voltam. É preciso cortá-la completamente. É preciso arrancá-la pelas raízes.

| PARTE SETE |

CIRCLE

Fim do verão, 1968

1

AGORA ELA TINHA O próprio quarto. A própria chave, a própria caixa de correio. Os próprios livros. Tudo era dela, menos o banheiro. Nisso, Faye não havia pensado. O banheiro coletivo do alojamento, apaticamente malcheiroso. Água parada, chão sujo, ralos cobertos de cabelos, lixeira soterrada de papel higiênico, absorventes e toalhas de papel amassadas. Um cheiro de lenta decadência que a fazia pensar em uma floresta. Faye imaginava minhocas e cogumelos sob o assoalho. O banheiro apresentava evidências de um assustador excesso de uso — lascas de sabonete fundiam-se às saboneteiras, como restos fossilizados. Aquele vaso sempre entupido. O limo nas paredes era como um cérebro onde viviam as lembranças das abluções de cada garota. Faye achava que, se alguém olhasse com afinco suficiente para o chão, poderia encontrar ali, embalsamada nos ladrilhos cor-de-rosa, toda a história do mundo: bactérias, fungos, nematódeos, trilobitas. Um alojamento estudantil era um conceito absurdo. Quem teve a péssima ideia de trancafiar duzentas garotas em uma caixa de concreto? Os quartos apertados, o banheiro compartilhado, a gigantesca lanchonete — era inevitável comparar o lugar a uma prisão. O alojamento era um sinistro e escuro bunker. Do lado de fora, seu esqueleto de concreto parecia o peito flagelado de um mártir — tudo o que se via eram costelas. Todos os prédios no campus do Circle tinham a mesma aparência: corpos expostos, eviscerados. Às vezes, caminhando para a aula, Faye passava os dedos pelas paredes, cujo concreto parecia acne, e sentia uma espécie de vergonha alheia em relação aos prédios: pois algum arquiteto excêntrico havia arrancado suas tripas e as colocara à vista de todos. Uma metáfora perfeita, pensou Faye, para a vida em um alojamento.

Considere como exemplo este banheiro, onde os fluidos pessoais de todas as garotas se misturavam. O grande chuveiro aberto, com poças de água azeda parecendo geleia cinza. Um cheiro vegetal.

Faye usava chinelos. E, se as vizinhas estivessem acordadas, saberiam que era Faye andando pelo corredor, por causa do *flop flop flop*. Mas não estavam acordadas. Eram seis da manhã. Faye tinha o banheiro todo só para ela. Podia tomar banho sozinha. Preferia assim.

Pois ela não queria usar o banheiro junto às outras garotas, suas vizinhas de dormitório, que se reuniam à noite nos pequenos quartos e davam risadinhas, ficavam chapadas e falavam sobre o protesto, a polícia, os cachimbos que usavam para fumar maconha, as drogas que expandiam a mente, as músicas que berravam “Looks like everybody in this whole round world / They’re down on me!” e gritavam junto ao toca-discos como se as palavras jorrassem sangue. Do outro lado da parede, Faye escutava seus lamentos, litanias a um deus terrível. Era inadmissível que essas garotas fossem suas vizinhas. Beatniks bizarras, revolucionárias psicodélicas que não sabiam sequer limpar o banheiro depois de usá-lo — essa era a opinião de Faye, que agora fitava uma bolota de papel higiênico perto da parede, já quase liquefeita. Tirou o roupão, virou-se para o jato do chuveiro e esperou que a água ficasse quente.

Todas as noites as garotas riam e Faye escutava. Tentava entender como podiam cantar assim, sem nenhum constrangimento. Faye não conversava com elas; baixava a cabeça quando cruzava com elas no corredor. Na aula, elas mordiam a ponta do lápis e reclamavam do professor, dizendo que ele só lhes ensinava *a mesma merda de sempre*. Platão, diziam elas, Ovídio, Dante — homens mortos e babacas que não tinham nada a dizer à juventude atual.

Era assim que falavam — *a juventude atual* —, como se os estudantes universitários de hoje fossem uma espécie recém-surgida, totalmente desconectada do passado e da civilização que os engendrara. E, pelo que Faye podia notar, o resto da civilização concordava. Adultos mais velhos reclamavam dos jovens sem parar na CBS News, em debates noturnos sobre o “Abismo entre as gerações”.

Faye avançou um passo, adentrou o jato de água quente, deixando que molhasse todo o seu corpo. Um dos orifícios no bocal

do chuveiro estava entupido, liberando um jatinho mais forte e fino que os outros — parecia uma navalha no peito dela.

Nesse período inicial da faculdade, Faye não se misturava muito. Todas as noites sentava-se sozinha e fazia o dever de casa, sublinhando trechos, escrevendo anotações nas margens — e escutava o riso das garotas no quarto ao lado. Os folhetos de divulgação da universidade não haviam informado nada sobre isso — a julgar por eles, o Circle era conhecido por sua excelência em educação, seu rigor acadêmico, seu campus moderno. No fim das contas, nada disso era totalmente verdade. O campus, em particular, era apenas um pesadelo desumano todo feito de concreto: prédios de concreto, passarelas de concreto e paredes de concreto que tornavam o local tão confortável e acolhedor quanto um estacionamento. Não havia grama em lugar algum. Edifícios de concreto sulcados de cicatrizes e vincos, talvez para evocar a aparência do veludo cotelê, ou quem sabe o estômago de uma baleia. Em alguns pontos, o concreto fora arrancado, deixando à mostra os vergalhões nus e enferrujados. Os mesmos padrões arquitetônicos básicos se repetindo num gradeado impessoal. Nenhuma janela com mais de alguns centímetros de largura. Prédios corpulentos que pareciam rondar os estudantes com voracidade carnívora.

Era o tipo de lugar destinado a ser o único sobrevivente de uma explosão atômica.

Era impossível não se perder dentro do campus, pois os prédios eram todos iguais, de modo que as orientações se tornavam confusas e sem sentido. A passarela à altura do segundo andar, que serpenteava por todas as partes do campus e parecia tão legal nos folhetos — *uma via expressa no céu destinada aos pedestres* —, talvez fosse na verdade a coisa mais horrível em todo o Circle. A construção fora anunciada como um lugar para os estudantes se reunirem, socializarem, encontrarem amigos, mas o que geralmente acontecia era o seguinte: você estava lá no alto, andando pela passarela, avistava um amigo lá embaixo, chamava-o com um grito e acenava, mas não havia como conversarem. Faye observava isso diariamente — amigos acenavam uns para os outros e depois iam

embora melancolicamente. Além disso, o trajeto pela passarela era sempre mais longo do que andar lá embaixo, e as entradas e saídas estavam distribuídas de tal forma que o caminho era duplicado, e o sol do meio-dia em agosto costumava deixar o chão de concreto quente como uma grelha. Então a maioria dos estudantes usava as calçadas inferiores, todo o corpo discente acotovelando-se na estreiteza dos corredores, sempre atulhados e claustrofóbicos por conta dos grandes pilares que sustentavam a passarela, tudo escuro e sombrio porque a passarela bloqueava o sol.

O boato de que o campus fora projetado pelo Pentágono para instilar terror e desespero no coração dos estudantes não podia ser totalmente descartado.

Faye esperava um campus digno da era espacial, como lhe fora prometido, mas havia encontrado um lugar onde a superfície de cada construção evocava as estradinhas de cascalho de sua cidade natal. Esperava um corpo discente esforçado e estudioso, mas, em vez disso, havia encontrado aquelas vizinhas de quarto, aquelas meninas que pouco queriam saber de estudo, mais interessadas em como conseguir drogas, como entrar em boates sem pagar, como arranjar bebidas de graça, como trepar — e sobre isso elas falavam incessantemente, era um de seus tópicos favoritos; o outro era o protesto. O grande protesto que aconteceria em breve, durante a Convenção Nacional do Partido Democrata, dali a algumas semanas. Estava ficando cada vez mais claro que uma grande batalha aconteceria em Chicago: a apoteose do ano. Animadas, as garotas falavam sobre seus planos: uma marcha só de mulheres até a Lake Shore Drive, um protesto em forma de música e amor, quatro dias de revolução, orgias no parque, a voz argêntea da humanidade ressoando em uma canção, vamos sacudir os jovens branquelos, derrubar o estádio, enfiar um prego no olho dos Estados Unidos, vamos retomar as ruas, e sabe todas aquelas pessoas assistindo TV? Vamos dar uma overdose de antiamericanismo nelas, cara. *Com toda essa energia, nós vamos parar a guerra.*

Faye sentia-se muito distante dessas preocupações. Ensaboou-se no peito, nos braços e nas pernas, com força. Coberta de espuma, sentia-se um fantasma ou uma múmia ou outra criatura

genericamente branca e sinistra. A água em Chicago era diferente da água em Iowa: por mais que ela enxaguasse, jamais conseguia remover completamente o sabonete. Uma fina camada sempre permanecia em sua pele. E com que facilidade suas mãos deslizavam pelos quadris, pernas e coxas. Ela fechou os olhos. Pensou em Henry.

As mãos dele no corpo dela, na beira do rio, em sua última noite em Iowa. Aquelas mãos eram frias e duras, e quando ele a apalpou por baixo da blusa, pressionando-lhe a barriga, eram como pedras tiradas do leito do rio. Ela ofegou. Ele parou. Ela não queria que ele parasse, mas não podia lhe dizer isso, pois esse não era um comportamento digno de uma dama. E ele detestava quando ela não se comportava como uma dama. Naquela noite, entregou-lhe um envelope, instruindo-a a não abri-lo até chegar à universidade. Dentro, havia uma carta. Faye temia outro poema, mas encontrou um pequeno dístico que a atingiu em cheio: *volte para casa / case comigo*. Enquanto isso, Henry se alistara no Exército, como havia prometido. Sua intenção era ir para o Vietnã, mas só conseguiu chegar a Nebraska. Lá, praticou exercícios com as tropas de choque, uma preparação para as desordens civis que inevitavelmente se aproximavam. Treinou o uso da baioneta, enfiando-a em fantoches cheios de areia e vestidos como hippies. Treinou o uso de gás lacrimogêneo. Treinou formações de batalha. Eles se veriam no Dia de Ação de Graças, e a perspectiva desse encontro deixava Faye aterrorizada. Porque ela teria que responder ao pedido de casamento. Lera uma única vez a carta dele e depois a escondera, como um contrabando. Mas estava ansiosa para encontrá-lo outra vez na beira do rio — lá ficariam sozinhos e ele poderia tentar tocá-la de novo. Flagrara-se pensando nisso durante as desoladas manhãs no chuveiro. Fingia que suas mãos eram de outra pessoa. Talvez as de Henry. Talvez, para ser mais preciso, as mãos de um homem abstrato — em sua imaginação, não podia vê-lo, mas sentia sua presença, um sólido calor masculino comprimindo-a, penetrando-a. Pensava nisso enquanto a espuma deslizava pelo corpo, a água lúbrica, o cheiro do xampu enquanto esfregava o cabelo. Virou-se para enxaguar o xampu, abriu os olhos e viu, do

outro lado do banheiro, de pé junto à pia, uma garota olhando para ela.

— *Com licença!* — ganiu Faye, pois era uma *daquelas meninas*.

Chamava-se Alice. Do quarto ao lado do de Faye. Cabelo comprido, cara de má, óculos escuros com armação prateada, agora apoiados no meio do nariz. Olhava Faye por cima das lentes — um olhar direto, curioso e terrível.

— Licença para quê? — rebateu Alice.

Faye desligou o chuveiro e se enrolou no roupão.

— Cara — disse Alice, sorrindo —, você não tem jeito.

Era a mais louca de todas, essa Alice. Jaqueta militar verde, coturnos pretos, a indomável Buda morena que às vezes sentava na posição do lótus em cima de uma mesa da lanchonete, entoando cânticos ininteligíveis. Faye havia escutado histórias sobre Alice, ouvira dizer que ela ia de carona até o Hyde Park nas noites do fim de semana, encontrava garotos, conseguia drogas, entrava em quartos desconhecidos e de lá saía ainda mais complicada do que antes.

— Você é sempre tão quieta — falou Alice. — Sempre sozinha no seu quarto. O que faz lá dentro?

— Não sei. Eu leio.

— Você lê. O que você lê?

— Um monte de coisas.

— Lê os deveres de casa?

— Acho que sim.

— Lê o que os professores mandam você ler. Tira boas notas.

Agora Faye olhou-a de perto: olhos injetados, cabelos emaranhados, roupas amarrotadas e rançosas, aquele fétido coquetel de tabaco, maconha e suor. Faye compreendeu que Alice ainda não havia dormido. Seis da manhã, e ela tinha acabado de voltar de uma dessas odisseias de amor livre que as garotas do alojamento tanto buscavam à noite.

— Eu leio poesia — disse Faye.

— É? Que tipo?

— Todos os tipos.

— Ok. Diga um poema.

— Ahn?

— Diga um poema. Recite para mim. Deve ser fácil, se você lê tanto. Vamos lá.

Havia uma mancha no rosto de Alice que Faye não notara antes — uma pincelada de roxo e vermelho, assomando logo abaixo da pele. Um hematoma.

— Você está bem? — perguntou Faye. — Seu rosto.

— Estou bem. Ótima. O que você tem a ver com isso?

— Alguém bateu em você?

— Que tal cuidar da sua vida?

— Tá bom — respondeu Faye. — Esquece. Tenho que ir.

— Você não é lá muito simpática — disse Alice. — Tem algo contra a gente?

A frase daquela música de novo. “Down on me”. Elas escutavam aquela droga de música todas as noites. “Todas as pessoas neste vasto mundo!” Cantavam o verso quatro ou cinco vezes seguidas, fora do tom. “Têm algo contra mim!” Era como se essas garotas, na verdade, precisassem que todas as pessoas — todas as outras pessoas no mundo — tivessem algo contra elas, dando-lhes assim um motivo para cantar aquela canção.

— Não, não tenho nada contra vocês — disse Faye. — Só não vou pedir desculpa.

— Desculpa pelo quê?

— Por fazer o dever de casa. Por ser estudiosa. Estou cansada de sentir vergonha por isso. Bom dia para você.

Faye saiu do banheiro, caminhou pelo corredor arrastando os chinelos, entrou no quarto, pôs as roupas e se sentiu tão tomada por um veneno e uma fúria abstrata que teve que se sentar na cama, abraçar os joelhos e balançar-se para a frente e para trás. Estava com dor de cabeça. Prendeu o cabelo e colocou os óculos grandes, que agora surpreendentemente pareciam uma espécie de fantasia para o Carnaval de Veneza. Franziu o cenho diante do espelho. Estava colocando os livros na mochila quando Alice bateu à porta.

— Sinto muito — disse Alice. — Não agi no espírito da sororidade. Por favor, aceite minhas desculpas.

- Tudo bem, deixa pra lá — respondeu Faye.
- Me deixe fazer algo para compensar. Vou levar você para dar uma volta. Tem uma reunião. Quero que venha comigo.
- Acho que isso não é necessário.
- É tipo um segredo. Não conte a ninguém.
- Não precisa, mesmo.
- Venho pegar você às oito — afirmou Alice. — Até lá.

Faye fechou a porta e se sentou na cama. Imaginou se Alice havia visto o que ela estava fazendo, debaixo do chuveiro, enquanto pensava em Henry: as mãos dele nela. Que coisa traiçoeira era o corpo, com que indiscrição delatava os segredos da mente!

A carta de Henry estava escondida no criado-mudo, na gaveta inferior, lá no fundo. Faye a havia enfiado dentro de um livro. *Paraíso perdido*.

2

A REUNIÃO ACONTECEU na sede da *Voz Livre de Chicago*, um pequeno panfleto impresso de forma irregular que se autodenominava “o jornal das ruas”. Um beco escuro, uma porta sem identificação, um estreito lance de escadas. Alice conduziu Faye até uma sala com um cartaz na entrada, dizendo: HOJE À NOITE! SEXUALIDADE FEMININA E AUTODEFESA.

Alice bateu de leve no cartaz com as pontas dos dedos e disse:
— Dois lados da mesma moeda, hein?

Ela não fizera nenhum esforço para esconder o hematoma no rosto.

Quando entraram, a reunião já havia começado. A sala, apinhada com mais de vinte mulheres, tinha cheiro de alcatrão e querosene, papel velho e poeira. Um nevoeiro morno de tinta, cola e álcool pairava no ar. Odores oscilavam no limiar da percepção — graxa para sapatos, óleo de linhaça, terebintina. O ranço de óleo e solvente lembrava Faye das garagens e depósitos de ferramentas de Iowa, onde seus tios passavam longas tardes mexendo em automóveis que não eram usados havia décadas — *Hot Rods* comprados por preços irrisórios em leilões e lentamente restaurados, peça a peça, ano a ano, sempre que os tios tivessem motivação e tempo livre. Contudo, enquanto os tios de Faye decoravam suas garagens com emblemas esportivos e fotos de *pin ups*, aquela sala tinha uma bandeira vietcongue cobrindo a parede maior, além de cartazes de velhas edições da *Voz Livre* atapetando os ângulos mais recônditos: CHICAGO É CAMPO DE CONCENTRAÇÃO, dizia uma das manchetes; ESTE É O ANO DOS ESTUDANTES, dizia outra; ENFRETE OS PORCOS NAS RUAS, e assim por diante. Uma fina camada de fuligem cobria as paredes e o assoalho, um revestimento de carbono que transformava a luminosidade da sala em um nevoeiro cinza-esverdeado. Faye sentia uma mistura de viscosidade e fuligem em sua pele. Seus tênis logo ficaram manchados.

As mulheres estavam sentadas em círculo — algumas em cadeiras dobráveis, outras encostadas à parede. Meninas brancas e negras, todas usando óculos escuros, casacos militares e coturnos de combate. Faye sentou atrás de Alice e escutou a mulher que tomava a palavra no momento.

— Dê um tapa na cara dele — disse ela, um dedo apontando no ar. — Morda, grite o mais alto que puder, e a palavra que você deve gritar é *fogo*. Quebre a rótula dos joelhos dele. Use as mãos para aplicar um telefone no ouvido dele e estourar os tímpanos. Com o dedo em riste, cutuque os olhos dele. *Seja criativa*. Empurre o nariz dele para dentro do cérebro. Suas chaves e agulhas de tricô podem virar armas se empunhadas do jeito certo. Encontre uma pedra e arrebente a cabeça dele. Se souber lutar kung fu, use o seu kung fu. Desnecessário dizer que você deve lhe dar joelhadas no meio das pernas, sem parar. — Várias mulheres do grupo assentiram, bateram palmas e encorajaram a palestrante com gritos de *é isso aí e pode crer*. — Dê uma joelhada nas bolas dele e grite *Você não é homem!* Humilhe o desgraçado. Os homens atacam as mulheres porque acham que podem. Dê uma joelhada nas bolas dele e grite *Você não pode fazer isso!* Não espere que outros homens venham ajudar você. No fundo, todo homem quer que você seja estuprada. *Porque isso confirma a sua necessidade de proteção*. Estupradores enrustidos, é o que são.

Nisso, Alice gritou:

— *Isso mesmo!*

As outras mulheres soltaram gritos de guerra e Faye ficou sem saber o que fazer. Estava tensa e nervosa; olhou para as mulheres ao seu redor e tentou imitar sua postura desleixada e casual, enquanto a oradora arrematava o discurso:

— Já que os homens têm sua potência e masculinidade indiretamente confirmadas pelo estupro, jamais farão alguma coisa para acabar com isso. *A menos que nós os obrigemos*. Acho então que somos obrigadas a dar um ultimato. Nada de maridos. Nada de casamentos. Nada de filhos. Até que o estupro seja extinto. Para sempre. *Um boicote reprodutivo absoluto!* Vamos paralisar a civilização.

E, ao dizer isso, a mulher recebeu grandes aplausos e as outras se levantaram e lhe deram tapinhas nas costas, e Faye estava prestes a se unir à ovação quando, do outro lado da sala, veio um agudo rangido metálico. Todas se viraram para olhar, e foi então que Faye o viu pela primeira vez.

O nome dele era Sebastian. Usava um avental branco todo sujo de piche, com borrões cinzentos nas partes em que havia esfregado as mãos, a redoma felpuda de seu cabelo preto balançando sobre os olhos no momento em que ele se virou com ar encabulado para o grupo de mulheres.

— Desculpem! — disse.

Estava atrás de uma máquina que lembrava um trem: preta, toda de metal fundido, reluzindo de óleo, com fusos prateados e engrenagens dentuças. A máquina zumbia e vibrava, soltando *plocs* ocasionais quando alguma peça de metal caía dentro de um tubo, nas entranhas, como moedas tombando em uma mesa. Era um homem jovem, pele cor de oliva, jeito acanhado. Puxou uma folha de papel da máquina, e Faye compreendeu que a engenhoca era uma prensa móvel, e a folha era um exemplar da *Voz de Chicago*. Alice chamou-o em voz alta:

— Ei, Sebastian! O que tá rolando?

— A edição de amanhã — disse ele, sorrindo, virando a página para a luz.

— O que vai ter nela?

— Cartas ao editor. Tenho pilhas delas.

— São boas?

— Vão deixar você de boca aberta — comentou ele, colocando mais folhas no porta-papel da prensa. — Desculpem. Ajam normalmente. Façam de conta que não estou aqui.

Então todas as outras mulheres lhe deram as costas e a reunião recomeçou, mas Faye continuou espiando Sebastian. Observou-o remexendo em maçanetas e manivelas, baixando a placa de pressão e apertando a tinta contra o papel; reparou que ele comprimia os lábios em sinal de concentração, que seu colarinho estava manchado de um verde escuro e profundo; achou-o parecido com um cientista louco, elegantemente desgrenhado. Começava a se sentir conectada

a ele, o tipo de afinidade que se desenvolve entre forasteiros, quando alguém na assembleia começou a falar sobre *orgasmos*. Faye se voltou para ver quem estava falando: uma mulher alta, cabelos loiros tombando nas costas feito uma cachoeira, um colar de contas no pescoço, camiseta em vermelho vivo decotada. Estava inclinada para a frente, perguntando algo sobre orgasmos. Só se pode tê-los em uma única posição? Faye não acreditava que a mulher havia dito isso com um homem na sala. Lá atrás, a máquina de Sebastian esmurrava o papel, pulsando como um coração. Alguém sugeriu que era possível ter orgasmos em duas e talvez até três posições. Outra pessoa disse que o orgasmo era uma ficção. Fora inventado pelos médicos para sentirmos vergonha. Vergonha por quê? Vergonha por não gozarmos como os meninos gozam. Várias pessoas assentiram. A conversa prosseguiu.

Alguém comentou que era possível ter um orgasmo depois de fumar maconha, às vezes depois de ter usado ácido, mas quase nunca com heroína. Outra pessoa disse que fazer sexo de cara limpa era sempre melhor. Uma mulher revelou que seu namorado só conseguia fazer sexo quando estava bêbado. Outra disse que o namorado recentemente pedira que fizesse uma lavagem vaginal. Havia outro namorado que, após o sexo, passava uma hora limpando o quarto com esfregão e germicida. Outro batizara o próprio pau de Sr. Trepadinha. Outro queria ganhar boquetes até o dia do casamento.

— Amor livre! — disse alguém, e todas riram.

Porque, apesar do que os jornais diziam, estes não eram os tempos do amor livre. Eram os tempos de se *escrever* sobre o amor livre, uma época em que o amor livre era amplamente condenado, raramente praticado e fantásticamente propagandeado. Fotos de mulheres dançando seminuas nas ruas de Berkeley foram vastamente criticadas e distribuídas. Notícias sobre um escândalo envolvendo sexo oral em Yale chegaram a todos os quartos no país. Todos ouviram falar da menina de Barnard que estava morando com um rapaz com o qual não era sequer casada. A imaginação coletiva era arrebatada pelas regiões pélvicas das garotas universitárias, pelos relatos sobre meninas de família, outrora castas, que haviam

se transformado em pervertidas após um semestre na faculdade. Revistas publicavam artigos condenando a masturbação, o FBI emitia alertas contra o orgasmo clitoriano e o Congresso investigava os perigos da felação. Nunca antes neste país as autoridades haviam sido tão *explícitas*. Mães eram informadas sobre os sintomas do vício sexual, jovens eram aconselhados a evitar prazeres criminosos que devastavam a alma. Helicópteros da polícia sobrevoavam praias para flagrar mulheres de seios à mostra. A revista *Life* afirmou que garotas assanhadas tinham inveja do pênis e estavam transformando os verdadeiros homens em maricas. O *New York Times* disse que o excesso de fornicação desencadeia surtos psicóticos nas moças. Jovens decentes de classe média estavam se transformando em bichas, drogados, marginais, vagabundos. Era verdade. Apareceu no Cronkite. Políticos prometiam medidas duras. Culpavam a pílula anticoncepcional, pais liberais e permissivos, o crescente índice de divórcios, os filmes pornô, as boates de striptease, o ateísmo. As pessoas balançavam a cabeça, perplexas com a juventude ensandecida, depois iam procurar mais histórias sensacionalistas, encontravam-nas e liam-nas do início ao fim.

Ao que tudo indicava, o parâmetro da saúde nacional era o que os homens de meia-idade pensavam sobre o comportamento de universitárias.

Mas, para as garotas, não eram os tempos do amor livre. Eram os tempos do amor desajeitado, do amor constrangido, nervoso e ignorante. Isto era o que ninguém noticiava: ao se reunir em salas escuras, as praticantes do amor livre estavam *aflitas*. Havia lido todos os relatos e acreditavam neles, portanto pensavam estar fazendo algo errado. “Eu quero ser descolada, mas não quero que meu namorado saia por aí transando com um monte de mulheres”, diziam muitas, muitas meninas, após descobrir que o amor livre continuava emaranhado em todos os velhos conceitos — ciúme, inveja, poder. Era uma propaganda sexual enganosa: a viagem do amor livre não fazia jus àquela promoção toda.

— Se eu não quiser fazer sexo com alguém, isso quer dizer que sou uma puritana? — perguntou uma das mulheres na assembleia.

— Se eu não quiser tirar a roupa em um protesto, quer dizer que eu sou puritana? — perguntou outra.

— Se você tira a camisa nas manifestações, os caras acham que você é uma menina descolada.

— Todas aquelas meninas peladas em Berkeley, segurando flores.

— Ajudam a vender muito jornal.

— Posando com pinturas psicodélicas nos seios.

— Que tipo de liberdade é essa?

— Só fazem isso para serem populares.

— Não são livres.

— Estão fazendo isso para os homens.

— Por que outro motivo fariam isso?

— Não têm nenhuma outra razão.

— Talvez elas gostem — disse uma nova voz, tímida.

Todas se viraram para ver de onde viera: a menina de óculos redondos engraçados, que se mantivera estranhamente silenciosa até aquele momento. O rosto de Faye ficou vermelho e ela olhou para o chão.

Alice voltou-se completamente e a encarou.

— Por que gostariam disso? — perguntou.

Faye deu de ombros. Estava chocada consigo mesma por ter aberto a boca — ainda mais para dizer *aquilo*. Sentiu uma vontade imediata de retirar o que dissera, de enfiar as palavras de volta em sua boca idiota. *Talvez elas gostem*, ó Deus, ó Deus do céu, as outras meninas olhavam para ela e aguardavam. Sentia-se um passarinho ferido em uma sala cheia de gatos.

Alice inclinou a cabeça para o lado e perguntou:

— *Você* gosta?

— Às vezes. Não sei. Não.

Havia se descontrolado. Deixara-se levar pelo calor do momento — toda essa conversa sobre sexo, todas essas meninas tão empolgadas, e ela viu a si mesma em casa, na frente da janela panorâmica, imaginando um homem desconhecido e sombrio a andar lá fora, olhando para ela, e de repente aquelas palavras brotaram, vieram à tona. *Talvez elas gostem*.

— Gosta de se exhibir para os homens? — perguntou Alice. —
Mostrar as tetas, para gostarem de você?

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Como você se chama? — perguntou alguém.

— Faye.

As outras continuaram esperando. Observavam-na. Tudo o que Faye desejava era sair correndo dali, mas isso só chamaria ainda mais atenção. Encolheu-se toda, tentando pensar em algo para dizer, e foi neste momento que Sebastian emergiu das sombras e a salvou.

— Me desculpem por interromper, mas preciso fazer um anúncio — disse.

E, enquanto ele falava, felizmente, o grupo esqueceu Faye. Ela ficou ali parada, fervendo por dentro, escutando Sebastian. Ele estava falando sobre o protesto iminente, disse que a prefeitura não lhes dera autorização para ocupar o parque, mas iriam ocupá-lo mesmo assim.

— Não esqueçam de contar às suas amigas — pediu ele. —
Tragam todo mundo. Vamos juntar cem mil pessoas ou mais. Vamos mudar o mundo. Vamos acabar com a guerra. Ninguém vai trabalhar. Ninguém vai para escola. Vamos fechar a cidade. Música e dança em todos os semáforos. Os porcos não podem nos deter.

E, ante a menção aos porcos, os próprios porcos riram.

Pois eles estavam ouvindo.

Estavam atulhados em um pequeno escritório alguns quilômetros ao sul, um lugar que chamavam de “sala de guerra”, no porão sob a arena do International Amphitheater, onde os detetives escutavam, em meio à estática, as exortações de Sebastian e o palavreiro insignificante das meninas. Os porcos tomavam nota em blocos de papel e comentavam a estupidez dos estudantes, tão ingênuos. Havia quanto tempo a sede da *Voz de Chicago* estava grampeada? Havia quantos meses? E aquelas crianças nem imaginavam.

Ao redor da arena, ficavam os matadouros — os famosos currais de Chicago, de onde vinham os berros escutados pela polícia, os últimos lamentos de bois e porcos. Alguns policiais, ouvindo aquilo, espiavam por cima das cercas, interessados, e viam as carcaças

erguidas por ganchos e roldanas, arrastadas até a morte, desmembradas, assoalhos cobertos de vísceras e esterco, homens golpeando incansavelmente juntas e gargantas; tudo isso parecia muito apropriado. Os arcos das facas de açougueiro ofereciam aos policiais uma espécie de nitidez, uma pureza de propósito, brindando seu trabalho com uma útil, embora tácita, metáfora orientadora.

Eles escutavam e anotavam tudo, qualquer ameaça que rendesse um processo, apologias à violência, agitação subversiva, propaganda comunista, e hoje haviam encontrado uma recompensa especial — um nome, nunca antes mencionado, um nome novo: *Faye*.

Lançaram um rápido olhar ao novato, que estava parado em pé no canto da sala, bloco à mão, um ex-patrolheiro recentemente promovido ao Red Squad: o oficial Charlie Brown. Ele assentiu e tomou nota.

O Red Squad era a unidade secreta de inteligência antiterrorista do Departamento de Polícia de Chicago. Criada na década de 1920 para espionar os líderes sindicais, expandira-se na década de 1940 para espionar os comunistas, e agora se concentrava em esquerdistas radicais que ameaçavam a paz e a ordem — em sua maioria, negros e estudantes universitários. Era um trabalho glamouroso, e Brown sabia que alguns oficiais veteranos desconfiavam dele e de sua promoção: era jovem, era uma pilha de nervos, tivera uma carreira curta e sem distinção — até agora, só havia prendido hippies jovens e abobados que cometeram pequenas infrações. Vadiagem. Cruzamento de rua em lugar proibido. Desrespeito ao toque de recolher. A vaga lei contra indecência pública. Seu objetivo como policial de patrulha era incomodar tanto a ponto de eles, os hippies, acabarem desistindo e indo embora — para outro distrito ou, de preferência, para outra cidade. Então Chicago não precisaria lidar com o que, na opinião geral, era a pior geração da história. De longe a pior, embora fosse também a geração dele. Não era muito mais velho que os jovens que ele mesmo prendia. Mas ele se *sentia* mais velho devido ao uniforme, o uniforme e o corte de cabelo, a esposa e a filha, a preferência por coisas pacatas como bares sem música alta, onde a única coisa a se ouvir era o murmúrio das conversas e o agudo do choque ocasional

entre bolas de bilhar. E a igreja. Ir à igreja e encontrar lá os outros policiais da patrulha: era uma irmandade. Eram caras católicos, conhecidos da vizinhança. Do tipo que dá tapinhas no ombro quando se encontra. Eram caras decentes, caras que bebiam, mas não até cair, que eram gentis com a esposa, que consertavam a casa, construía coisas, jogavam pôquer, pagavam a hipoteca. Suas mulheres se conheciam, seus filhos brincavam juntos. Viviam no mesmo quarteirão desde sempre. Seu pais haviam morado ali, os avós também. Eram irlandeses, poloneses, alemães, tchecos, suecos, mas agora eram *gente de Chicago* da cabeça aos pés. Recebiam salário do município, o que os tornava ótimos partidos para as damas da vizinhança que quisessem dar um jeito na vida. Amavam uns aos outros, amavam a cidade, amavam os Estados Unidos, não de forma abstrata, como colegiais obrigados a fazer juramento à bandeira; amavam-na até o fundo da alma, porque eram *felizes*, estavam vivendo como queriam, com sucesso, trabalhando duro, criando os filhos, mandando os filhos para a porcaria da escola. Lembravam-se da criação que receberam de seus pais e, como a maioria dos meninos, queriam estar à altura. Mas aqui estavam eles, vitoriosos, e por isso agradeciam a Deus, aos Estados Unidos e à cidade de Chicago. Não haviam pedido muito, mas o pouco que pediram lhes fora dado.

Era difícil não levar essas coisas para o lado pessoal. Quando um mau elemento se mudava para o bairro, era difícil não encarar isso como um insulto. *Era* um insulto. *Era* pessoal. O avô do oficial Brown se mudara para aquele bairro quando era muito jovem. Seu nome fora Czeslaw Bronikowski até o dia em que chegara a Ellis Island: lá havia recebido o nome de Charles Brown, que desde então fora conferido a todos os primogênitos da família. É bem verdade que o oficial Brown preferia ter vivido sem as provocações desencadeadas por seu nome a partir da primeira série, quando os outros meninos começaram a ler aquele quadrinho idiota, mas, ainda assim, aquele era um bom nome, um nome americano, algo que consolidava o passado da família e também fixava seu futuro.

Era um nome que se encaixava na sociedade.

Então, quando algum forasteiro drogado, algum vagabundo pacifista, algum hippie esquisito e cabeludo passava o dia sentado na calçada, apavorando as velhas senhoras da vizinhança, aí a coisa se tornava realmente pessoal. Por que essa gente não podia simplesmente se encaixar? Com os negros, a situação era ao menos compreensível. Charlie Brown até conseguia entender que os negros não tivessem lá grande apreço pelos Estados Unidos. Mas esses garotos, esses filhos da classe média branca, cheios de bordões antiamericanos — o que lhes dava esse direito?

Portanto seu trabalho era simples: detectar e atormentar os maus elementos na cidade, até o limite da lei. Até onde pudesse ir sem arriscar sua aposentadoria ou comprometer publicamente o município e o prefeito. E, sim, às vezes algum idiota aparecia na TV, geralmente um babaca da Costa Leste que não sabia do que estava falando e ousava afirmar que os policiais de Chicago eram truculentos, brutais e que desrespeitavam a Primeira Emenda. Mas ninguém prestava muita atenção nisso. Havia até um ditado: problemas de Chicago, soluções de Chicago.

Por exemplo, se ele visse um beatnik andando por seu distrito às duas da madrugada, era fácil prendê-lo: bastava acusá-lo de violação do toque de recolher. Todos sabem que essa gente costuma andar sem nenhum documento de identificação. Por isso, quando eles diziam “O toque de recolher não vale para mim, seu porco”, ele replicava “Prove”, e eles não tinham como provar. Simples assim. Então eram obrigados a passar algumas desconfortáveis horas no xilindró, assimilando a mensagem: *Você não é bem-vindo aqui.*

Para o oficial Brown, esse era um trabalho aceitável. Tinha consciência de seus próprios talentos e limitações, não era ambicioso. Vivera satisfeito como policial de patrulha, até conhecer certa líder hippie e ganhar sua confiança. Quando dissera a seus chefes que fizera “contato com uma liderança estudantil radical” e que agora tinha “acesso ao círculo interno do submundo”, pedira transferência para o Red Squad — especificamente, a divisão que investigava atividades antiamericanas no Chicago Circle —, e seus superiores relutantemente concordaram. (Nenhum policial jamais

conseguiu se infiltrar no Circle, pois aqueles estudantes conseguiam detectar um farsante até *de olhos fechados*).

O Red Squad grampeava quartos e telefones. Tirava fotos às escondidas. Tentava causar o máximo possível de transtornos aos radicais do movimento antiguerra. Para Brown, isso era apenas uma amplificação de seu trabalho nas ruas — atormentar e aprisionar hippies —, com a diferença de que, agora, as coisas eram feitas em segredo, com táticas que desafiavam o que, à primeira vista, parecia ser os limites da legalidade. Por exemplo: haviam dado uma batida no Escritório dos Estudantes pela Democracia, roubaram arquivos, quebraram máquinas de escrever e picharam slogans do movimento negro nas paredes, para despistar. Isso parecia um tanto questionável, é verdade, mas ele costumava pensar que a única diferença entre seu antigo trabalho e o novo era o método. Já o cálculo moral, pensava Charlie Brown, permanecia o mesmo.

Problemas de Chicago, soluções de Chicago.

E agora ele havia recebido esta dádiva, um novo nome para investigar, um novo elemento radical recém-chegado a Chicago. Escreveu o nome no bloco de notas. Desenhou uma estrelinha ao seu lado. Muito em breve iria conhecer melhor essa tal Faye.

3

FAYE, AO AR livre, na grama, recostada contra um edifício, sob a sombra de uma pequena árvore do campus, pousou o jornal com delicadeza no colo. Alisou os vincos. Esticou os cantos da página, que começavam a se enrodilhar. O papel era bem diferente daquele usado em impressão de jornais — mais duro, mais espesso, parecia quase encerado. A tinta se soltava da página e se grudava nas pontas dos dedos. Esfregou as mãos na grama. Olhou o cabeçalho — *Editor-chefe: Sebastian* — e sorriu. Havia algo ao mesmo tempo triunfante e descarado no fato de Sebastian usar apenas o primeiro nome. Alcançara tamanha reputação que havia se transformado em uma criatura uninominal, como Platão ou Voltaire ou Stendhal ou Twiggy.

Faye abriu o jornal. Era a edição que Sebastian estava imprimindo na noite anterior, cheia de cartas ao editor. Ela começou a ler.

Prezada Voz de Chicago,

Você gosta de se esconder dos porcos e daquelas outras pessoas que ficam olhando pra gente e nos humilhando? Por causa das nossas roupas e do nosso cabelo? Quer dizer eu também costumava fazer isso mas não faço mais agora eu falo com eles. Primeiro faço eles gostarem de mim e ficarem meus amigos e aí conto que fumo maconha. E se eles gostam mesmo de você talvez eles até queiram fumar junto e te escutar. Aí você vai conseguir trazer mais uma pessoa pro nosso grupo que não para de crescer e acho que 50 por cento dos EUA estão fumando hoje em dia e o Departamento de Narcóticos acha que nós somos doentes mentais hahaha.

Era um dia quente, luminoso e infestado de insetos: mosquitos voavam contra seu rosto, pontinhos pretos se mexendo entre seus olhos e a página, como se as marcas de pontuação estivessem fugindo do papel. Faye tentou espantá-los. Estava sozinha, ninguém por perto; havia encontrado um lugarzinho tranquilo na área

nordeste do campus, um canteiro separado da calçada por uma pequena cerca viva, atrás do recém-inaugurado Centro de Ciências do Comportamento, que era, de longe, o prédio mais odiado em todo o campus. Esse era o edifício de que os folhetos tanto falavam, projetado de acordo com os princípios geométricos da teoria dos campos conceituais, uma nova forma de arquitetura destinada a romper com a ultrapassada “tirania do quadrado”, diziam os folhetos. Uma arquitetura moderna, que abandonava o quadrado em favor de uma matriz sobreposta de octógonos inscritos em círculos.

Por que essa opção era melhor que o quadrado em termos filosóficos é coisa que os folhetos jamais haviam explicado. Mas Faye podia inferir: quadrados eram velhos, tradicionais, antiquados e, portanto, ruins. Faye tinha a impressão de que a pior coisa neste campus, no que dizia respeito tanto aos estudantes quanto aos prédios, era ser *quadrado*.

Logo, o Centro de Ciências Comportamentais era moderno, dotado de múltiplos ângulos, fato que, na prática, o tornava uma bagunça estarrecedora. Os favos interconectados não proporcionavam um entendimento intuitivo, com tantas quinas e curvas nos corredores que era impossível andar quatro metros sem se perder. Os alunos da aula de poesia frequentada por Faye se reuniam nesse prédio, e o simples ato de achar a sala correta era um suplício que sobrecarregava tanto sua paciência quanto sua orientação espacial. Algumas escadas conduziam, literalmente, a lugar nenhum, dando em uma parede ou porta trancada, enquanto outros lances de degraus levavam a minúsculas plataformas onde diversas escadarias se entrecortavam, todas idênticas. Pontos que pareciam becos sem saída às vezes se abriam para áreas novas e desconhecidas, que ela jamais imaginaria que estivessem ali. O terceiro piso era visível a partir do segundo, mas não havia nenhum meio evidente de subir até lá. Tudo fora construído em círculos ou em ângulos oblíquos, garantindo que qualquer pessoa se perdesse lá dentro, e, de fato, todos os que encontravam o prédio pela primeira vez acabavam com a mesma expressão perplexa, tentando se orientar em um lugar onde conceitos como “esquerda” e “direita” tinham pouco significado.

Era como se o lugar não fosse projetado para alunos estudarem as ciências comportamentais, mas sim para que cientistas estudassem o comportamento dos estudantes, avaliando quanto tempo eles aguentariam esse ambiente sem sentido antes de enlouquecer.

Portanto, a maior parte dos alunos evitava o prédio sempre que possível, o que o tornava um bom lugar para ler a sós.

Vocês por acaso se acham loucos? Quero dizer vocês fazem parte desses 50 por cento, certo? Quero dizer vocês todos fumam maconha, não fumam? Eu fumo. E trabalho duro lá no correio, tanto quanto os outros, ou até mais. E meus colegas de trabalho todos sabem que eu puxo fumo quer dizer eles sempre me perguntam por exemplo se uma caixinha de chá tem cheiro de erva. Hoje achei uma caixinha que tinha mesmo cheiro de maconha e todos os meus colegas queriam cheirar a caixa. Depois a gente a enrolou e despachou. O destinatário já deve ter recebido a essa altura. Deve estar desfrutando sua encomenda. Talvez esteja até lendo meu blá-blá-blá. Oi amigão.

À distância, um movimento tirou a concentração de Faye, que ergueu o rosto, preocupada. Porque, se algum professor a flagrasse lendo *A Voz de Chicago*, ou algum dos funcionários que administravam as bolsas a avistasse folheando o "Jornal das Ruas", com seu conteúdo pró-drogas, pró-vietcongue, antiamericano... Bem, eles pensariam coisas nada lisonjeiras sobre ela.

Portanto Faye ergueu o olhar da página tão logo detectou em sua visão periférica aquela figura que se aproximava pela calçada, no lado oposto da cerca viva. E, logo à primeira vista, constatou que não era um professor nem um funcionário da universidade. Era só olhar seu cabelo: grande demais. *Cabelo de esfregão*, era a gíria corrente; mas aquele cabelo já passara da fase do esfregão e agora estava mais para arbusto. Uma floração selvagem. Faye observou-o enquanto se aproximava, o rosto agora voltado para o jornal, tentando disfarçar suas espiadelas, e logo as feições dele ficaram mais nítidas e ela percebeu que o conhecia. Era o rapaz que havia visto na noite anterior. Na reunião. Sebastian.

Faye puxou o cabelo para trás e enxugou o suor da testa. Ergueu o jornal para esconder o rosto. Pressionou as costas contra a parede e sentiu-se grata pelas abundantes saliências e reentrâncias do prédio. Talvez Sebastian passasse reto, sem vê-la.

Prefiro fumar maconha com um porco do que continuar fugindo dele quero dizer vocês não preferem? Quero dizer não seria melhor se todo mundo puxasse fumo? Nada de lutas nada de guerras! Só um montão de gente feliz. Que ideia maluca, não é?

O rosto dela estava enterrado no jornal. Faye reconhecia que essa era uma manobra patética, própria de avestruzes. Escutou os passos de Sebastian no gramado. Sentiu a temperatura na face subir dez graus. Sentiu o suor escorrer nas têmporas, tentou enxugá-lo com os dedos. Apertou o jornal e aproximou-o ainda mais do rosto.

O que vocês acham, minha gente, de todas as pessoas, e eu quero dizer TODAS as pessoas do mundo, se darem bem? Quero dizer pelo menos 10 milhões de pessoas bom talvez 9 milhões. Eu com certeza gostaria de apertar a mão de todos vocês mundo afora. Só precisamos de um lugar para fazer um enorme Festival da Mente Aberta e mostrar ao mundo que somos uma legião!

Os passos cessaram. Depois recomeçaram, aproximando-se ainda mais. Ele estava vindo na direção dela agora. Faye respirou fundo, passou a mão pela testa suada e esperou. Ele estava chegando, a uns quatro metros agora, talvez três. O jornal bloqueava sua visão, mas ela sentia a presença dele. Seria absurdo fingir que não notava. Faye abaixou o jornal e o viu sorrindo.

— Oi, Faye! — disse ele.

Foi chegando sem cerimônia e sentou-se ao lado dela.

— Sebastian — disse ela, abrindo seu sorriso mais genuíno.

Ele estava muito alinhado. Quase profissional. Pareceu contente por ela ter lembrado seu nome. O avental de cientista maluco sumira. Agora estava usando um paletó respeitável — bege neutro, veludo cotelê — e uma camisa toda branca, gravata fina azul-marinho, calças marrons. Tinha uma aparência decente,

apresentável, exceto talvez pelos cabelos longos demais, volumosos demais, desgrenhados demais. Ainda assim, tinha qualidades o bastante para ser considerado um bom rapaz e, em seu estado presente, talvez pudesse até ser exibido em um jantar de família.

— Seu jornal é muito bom — elogiou Faye, já se esforçando para ser o mais agradável possível, buscando a forma mais eficaz de cair nas graças dele: dando-lhe apoio e elogios. — Sabe a carta do empregado dos correios? Acho que ele não deixa de ter razão. É muito interessante.

— Ai, meu Deus, você imagina aquele cara organizando um festival? Dez milhões de pessoas? Até parece.

— Não acho que ele queira mesmo organizar um festival. Acho que ele só quer ter certeza de que não está sozinho. Me parece um cara solitário.

Sebastian lançou-lhe um olhar dissimulado de surpresa. Inclinou a cabeça, ergueu uma sobrancelha, sorriu e disse:

— Achei que ele fosse maluco.

— Não. Está procurando pessoas com quem possa ser ele mesmo. Não é o que todos nós estamos procurando?

— Hum — grunhiu Sebastian, e olhou-a por um momento. — Você é diferente, hein.

— Acho que não entendi.

Ela passou a mão na testa.

— Você é sincera.

— Sou?

— Quieta, mas sincera. Não fala muito, mas, quando fala, diz o que pensa. A maioria das pessoas que conheço fala sem parar, mas nunca diz nada verdadeiro.

— Hum, obrigada?

— Além disso, tem tinta na sua cara.

— O quê?

— Tinta. Em toda a sua cara.

Ela olhou para as extremidades dos dedos, enegrecidas pelo jornal, e ligou os pontos.

— Ah, não! — exclamou ela.

Enfiou a mão mochila, em busca dos cosméticos. Abriu a tampa do estojo de ruge, olhou-se no pequeno espelho e viu o que acontecera: listras negras cruzavam sua testa, suas bochechas, suas têmporas, exatamente nos pontos em que usara os dedos para enxugar o suor. E esse era o tipo de coisa que poderia arruinar seu dia inteiro, o tipo de coisa que geralmente desencadeava a aflição e o pânico: fazer algo idiota na frente de um estranho.

Mas, em vez disso, algo diferente aconteceu, algo surpreendente. Faye não teve um surto. Pelo contrário: riu.

— Eu pareço um dálmata! — comentou ela e, de fato, *riu*, mesmo sem saber por quê.

— A culpa é minha. Eu deveria usar uma tinta melhor — desculpou-se Sebastian, oferecendo-lhe um lenço.

Ela limpou as manchas do rosto.

— Isso mesmo. A culpa é sua — brincou.

— Vamos dar uma volta — convidou ele, ajudando-a a se levantar, e ambos saíram da sombra da árvore, Faye agora com o rosto limpo e fresco. — Você é uma garota engraçada.

Faye sentiu-se leve, alegre, até um pouco sedutora. Era a primeira vez em sua vida que alguém a descrevia como *engraçada*. Disse:

— Tem boa memória, cavalheiro.

— Tenho?

— Lembrou meu nome.

— Ah, sim, você impressionou as pessoas. Aquilo que disse na reunião.

— Eu falei sem pensar.

— Mas você estava certa. Levantou uma questão importante.

— Levantei nada.

— Você sugeriu que, às vezes, o que as pessoas desejam sexualmente está em conflito com o que elas desejam politicamente, e isso deixou todo mundo perturbado. Além disso, aquele grupo tem uma tendência a perseguir pessoas tímidas. Por um momento, achei que você estivesse metida numa grande encrenca.

— Não sou tímida. Acontece que...

Ela se deteve, buscando a palavra certa, a forma exata e compreensível de dizer o que queria dizer; mas acabou pulando

completamente a explicação. Em vez disso, falou apenas:

— Obrigada por ter me socorrido. Foi muito legal da sua parte.

— Sem problema. Eu enxerguei o seu *maarr*.

— Meu o quê?

— Seu *maarr*.

— O que é um *maarr*?

— Descobri isso no Tibete, quando estava visitando alguns monges, um dos mais antigos grupos budistas no mundo. Foi na época em que viajei pelo mundo. Eu queria conhecê-los porque eles resolveram o problema da compaixão humana.

— Não sabia que esse era um problema precisando de solução.

— Claro que sim. O problema é o seguinte: a gente nunca consegue sentir, de verdade, a compaixão. A maior parte das pessoas acha que empatia é só entender os outros ou se identificar com eles. Mas é mais do que isso. A verdadeira compaixão é sentir, fisicamente, literalmente, as emoções de outra pessoa, ou seja, não é só uma experiência da mente, mas uma experiência do corpo, o corpo vibrando como um diapasão diante da tristeza ou do sofrimento alheio. Como, por exemplo, quando a gente chora no enterro de um desconhecido, quando a gente sente fome de verdade ao ver uma criança subnutrida ou quando a gente fica tonto ao ver o pulo de um acrobata. E assim por diante.

Sebastian olhou Faye de relance, para ver se ela estava interessada.

— Continue — incentivou ela.

— Certo. Bem, se seguirmos este raciocínio até a conclusão lógica, então a compaixão é uma espécie de assombração sobrenatural, algo impossível, porque todos temos egos separados, passamos pelo processo de individuação, jamais podemos realmente *ser* outra pessoa, e este é o grande problema da compaixão: podemos nos aproximar dela, mas não a efetivar.

— Como a velocidade da luz.

— Exatamente! A natureza tem certos limites que sempre estarão além do nosso alcance, e a empatia perfeita é um deles. Mas os monges resolveram o problema: descobriram o *maarr*.

Faye escutava, maravilhada. Era incrível que um garoto estivesse dizendo coisas assim. Para ela. Ninguém jamais falara com ela dessa forma. Queria envolver Sebastian nos braços e chorar.

— Imagine o *maarr* como o lar das emoções, situado nas profundezas do corpo, em algum ponto próximo do estômago. Todos os desejos, todos os anseios, todos os sentimentos de amor, compaixão e luxúria, todas as necessidades e sonhos secretos de uma pessoa estão contidos em seu *maarr* — explicou ele.

Faye espalmou a mão sobre a barriga.

— É — disse Sebastian, sorrindo. — Bem aí. “Ver” o *maarr* de uma pessoa é reconhecer seu desejo, sem lhe perguntar, sem que ninguém diga nada, e agir de acordo. Essa última parte é essencial: a “visão” só se completa quando *fazemos algo a respeito*. Assim, um homem só “vê” os desejos de uma mulher quando os satisfaz sem que ela peça. Uma mulher “vê” o *maarr* faminto de um homem quando, por livre e espontânea vontade, lhe dá comida.

— Certo. Entendi.

— Esse sentido *ativo* da compaixão é o que eu amo, a ideia de que devemos fazer mais do que apenas compreender os outros em silêncio. Devemos *fazer com que algo aconteça*.

— A compaixão só se concretiza na ação — disse Faye.

— Sim. Então, na assembleia, quando vi o grupo começando a criticar você, desviei a atenção delas e, assim, vi o seu *maarr*.

Faye estava prestes a lhe agradecer quando chegaram a uma área aberta em que, mais adiante, havia pessoas, havia cantos. Ouvira um ruído vago durante a caminhada, enquanto perambulavam em sentido anti-horário ao redor do Centro de Ciências Comportamentais, efetuando os zigue-zagues necessários em um campus desprovido de qualquer caminho reto entre dois pontos. O ruído crescia à medida que Sebastian contava sua história sobre empatia e monges e visões do *maarr*.

— Que barulho é este? — perguntou ela.

— Ah, é o protesto.

— Que protesto?

— Não está sabendo? Tem cartazes por todo lado.

— Acho que não notei.

— É uma manifestação contra a ChemStar — disse Sebastian, no momento em que ambos entravam no pátio da monolítica Reitoria, de longe o prédio mais alto e intimidante no campus.

Enquanto a maioria dos prédios no Circle eram criaturas achatadas, com três andares de altura, a Reitoria era um monstrengo de trinta pavimentos. Era visível de todas as partes do campus, assomando acima das árvores, mais largo no topo do que na base — anônimo, retangular, tirânico. Era como se alguém houvesse erguido um exoesqueleto de concreto bege ao redor de um prédio um pouco menor e um pouco mais marrom. Como todas as demais construções no campus, esta tinha janelas estreitas, pequenas demais para que um corpo as atravessasse. Isto é, com exceção do último andar. As únicas janelas grandes o bastante para que alguém pulasse delas estavam situadas, de forma suspeita e quase convidativa, no ponto mais alto do campus — o último andar da Reitoria —, e alguns estudantes de inclinações cínicas viam nesse fato uma malévola e sinistra coincidência.

Ali embaixo, dezenas de estudantes marchavam: barbudos, cabeludos e zangados, eles gritavam bordões contra o prédio, contra as pessoas dentro do prédio — administradores, burocratas, o reitor — e seguravam cartazes com o logotipo da ChemStar gotejando sangue, aquele logotipo que Faye conhecia tão bem. Estava costurado, numa estampa brilhante, no uniforme que seu pai usava no trabalho: bem no peito, um C entrelaçado num S.

— Qual o problema com a ChemStar? — perguntou ela.

— Eles fabricam napalm. Matam mulheres e crianças — esclareceu Sebastian.

— Não é verdade!

— É verdade, sim. E a universidade compra produtos de limpeza produzidos pela ChemStar. Daí o protesto.

— Eles produzem napalm?

Seu pai nunca mencionara isso. Na verdade, ele jamais falava a respeito do trabalho, jamais lhe contara suas atribuições na fábrica.

— É um composto de benzeno e poliestireno — explicou Sebastian. — Quando gelatinizado e misturado a gasolina, se

transforma em um xarope grudento e altamente inflamável, usado para queimar a pele dos vietcongues.

— Eu sei o que é napalm. Só não sabia que era fabricado pela ChemStar.

Que o salário pago pela ChemStar financiara sua infância e sua educação era algo que Faye não ousaria contar a Sebastian neste momento, e talvez nunca.

Enquanto isso, Sebastian assistia ao protesto. Parecia não notar o nervosismo dela. (Não estava mais vendo o seu *maarr*.) Em vez disso, observava os dois jornalistas à margem da pequena multidão — um repórter e um fotógrafo. O repórter não estava escrevendo nada e o fotógrafo não estava fotografando.

— Tem pouca gente protestando. Não vai aparecer no jornal — comentou Sebastian.

Havia cerca de quarenta pessoas, todas caminhando em círculos e gritando:

— Assassinos, assassinos!

— Alguns anos atrás, um piquete de dez pessoas era o bastante para encher uma coluna na página seis do jornal — disse Sebastian.

— Mas agora, depois de tantas manifestações, os critérios mudaram. Cada novo protesto faz com que o seguinte pareça mais banal. Esta é a grande falha do jornalismo: quanto mais uma coisa acontece, menos importa como notícia. Temos que seguir a mesma trajetória da bolsa de valores: crescimento sustentado e implacável.

Faye assentiu. Estava pensando no outdoor da ChemStar, em sua cidade natal: TRANSFORMANDO NOSSOS SONHOS EM REALIDADE.

— Acho que ainda tem um jeito de colocar este protesto nos jornais — disse Sebastian.

— Qual?

— Alguém tem que ser preso. Isso sempre funciona. — Virou-se para ela. — Foi muito agradável conversar com você, Faye.

— Obrigada — disse ela, distraidamente, pois ainda estava pensando em seu pai, no cheiro que emanava das roupas dele quando voltava para casa após o trabalho: gasolina e algo mais, algo pesado e sufocante, como escapamento de automóvel e asfalto quente.

— Espero que a gente se veja de novo — falou Sebastian, então saiu correndo em direção aos manifestantes.

Alarmada, Faye gritou:

— Espere!

Mas ele seguiu em frente, disparando rumo à viatura da polícia que estava estacionada junto à manifestação. Pulou no capô do carro, saltou para o teto e ergueu os punhos, em triunfo. Os estudantes o enalteceram aos gritos, enlouquecidos. O fotógrafo começou a tirar fotos. Sebastian começou a pular, amassando o topo da viatura, e então se virou e olhou para Faye. Sorriu para ela e olhou-a nos olhos por alguns segundos, até que os policiais o agarraram e o derrubaram e o algemaram e o levaram embora.

4

AO SER DERRUBADO sobre o capô da viatura policial, Sebastian caiu com força. A polícia foi brutal. Faye agora o imaginava na cadeia, com hematomas, inchado. Precisaria de alguém para colocar gelo em seu rosto, talvez trocar um curativo, massagear as costas doloridas. E agora Faye se perguntava se ele teria alguém para ajudá-lo, alguém especial. Flagrou-se desejando que ele não tivesse.

Seu dever de casa estava espalhado pela cama. Estava lendo Platão. *A República*. Os diálogos. Completara as leituras obrigatórias, assimilara tudo sobre a caverna alegórica de Platão, sobre os habitantes alegóricos da caverna alegórica, que enxergavam apenas as sombras do mundo real e acreditavam que as sombras *fossem* o mundo real. Com isso, Platão queria dizer que a realidade nem sempre equivale ao mapa que traçamos dela.

Faye terminara o dever de casa e estava lendo o único capítulo do livro cuja leitura o professor não havia exigido nem recomendado — o que era estranho. Mas agora, após ter lido metade do texto, Faye compreendia o motivo. Nesse capítulo, Sócrates ensinava um monte de velhos a seduzir garotinhos. Para transar.

Qual era o conselho dele? Nunca elogie os garotos, dizia Sócrates. Não seja romântico, não tente deslumbrá-los. Quando você elogia um garoto bonito, disse Sócrates, ele se sente envaidecido e torna-se mais difícil de conquistar. O sedutor, então, é como um caçador que espanta a presa com uma saraivada de flechas. Quando elogia em voz alta a beleza de uma pessoa, você se torna mais feio. Melhor não fazer elogio algum. Melhor, talvez, ser um pouco malvado.

Faye pôs-se a imaginar se isso era mesmo verdade. De uma coisa ela sabia: sempre que Henry elogiava sua beleza, ela tendia a achá-lo ainda mais patético. Detestava-se por isso, mas, pensando bem, talvez Sócrates estivesse certo. Talvez fosse melhor manter o desejo em silêncio. Ela não tinha certeza. Às vezes desejava ter vivido uma existência paralela, uma vida em tudo idêntica a esta, exceto por

suas escolhas. Nessa outra vida, ela não se preocuparia com tantas coisas o tempo todo. Diria o que queria dizer, faria o que queria fazer, beijaria garotos sem se preocupar com sua reputação, veria filmes por simples prazer, não seria tão obcecada com seus deveres, tomaria banho com as outras meninas, usaria roupas moderninhas e se sentaria na mesa dos hippies só para curtir. Nessa outra vida, mais interessante que a atual, Faye viveria sem pensar nas consequências, e tudo nela pareceria lindo, adorável e — tão logo Faye pensou objetivamente no assunto por dez segundos — ridículo. Totalmente fora de alcance.

E era por isso que a vitória de hoje — seu momento de agradável e honesto constrangimento com Sebastian — tinha sido um avanço tão grande. Sentiu-se envergonhada na frente de um garoto e riu de si mesma. Manchou o rosto de tinta e não ficou horrorizada na hora, nem se aterrorizou depois, tampouco estava remoendo o assunto agora; não se sentia nauseada, não revivia mentalmente a cena sem parar. Decidiu que precisava saber mais sobre Sebastian. Ainda não sabia o que dizer a ele, mas precisava levantar informações. E sabia aonde ir.

Alice morava no quarto ao lado, uma suíte junto à saída de incêndio, lugar que se tornara ponto de encontro de estudantes radicais, geralmente mulheres, do tipo que Faye havia conhecido na assembleia, garotas que ficavam acordadas até tarde ouvindo discos, cantando a plenos pulmões e fumando maconha. Quando Faye espreitou o interior do quarto (cuja porta ficava quase sempre aberta), vários rostos viraram-se para olhá-la, mas nenhum deles era de Alice. Disseram que talvez pudesse encontrá-la na Defensoria do Povo, onde fazia trabalho voluntário, organizando documentos.

— O que é a Defensoria do Povo? — perguntou Faye, e as garotas se entreolharam, trocando sorrisos maliciosos.

Faye percebeu que acabara de cair no ridículo: a pergunta revelara sua caretice. Isso acontecia com ela o tempo todo.

— A Defensoria do Povo ajuda as pessoas que foram presas em protestos — explicou uma das garotas.

— Ajudam a tirar essas pessoas da cadeia — acrescentou outra.

— Ah. Vão ajudar Sebastian? — disse Faye.

Elas sorriram de novo. Com a mesma expressão no rosto. Mais uma conspiração. Outro pedacinho do mundo que parecia óbvio para todos, exceto Faye.

— Não — disse uma das garotas. — Ele tem seus próprios métodos. Não precisa se preocupar com Sebastian. Ele é preso e aparece solto uma hora depois. Ninguém sabe como faz isso.

— Ele é mágico — acrescentou outra menina.

Deram-lhe o endereço da Defensoria do Povo, que, no fim das contas, era uma loja de ferragens enfiada no primeiro andar de um prédio residencial baixo, abafado e rangente, um prédio que talvez houvesse sido uma resplendente morada vitoriana em uma existência prévia, mas que depois fora retalhado e convertido neste quebra-cabeças de residências e comércio. Faye olhou ao redor, tentando encontrar alguma porta ou placa, mas viu apenas prateleiras atulhadas com típicos materiais de ferragem: pregos, martelos, tubos de borracha. Pensou se as garotas haviam lhe dado um endereço errado de propósito. O assoalho de madeira soltava chiados, e Faye notou que o chão estava ondulado e se afundava em direção às prateleiras mais pesadas. Estava prestes a sair quando o proprietário, um homem alto, magro, de cabelo branco, perguntou se podia ajudá-la.

— Estou procurando a Defensoria do Povo, sabe onde é? — indagou ela.

O homem olhou-a por um momento desagradavelmente longo, como se a inspecionasse.

— Você? — perguntou ele, enfim.

— Sim. Fica aqui?

Ele disse que a Defensoria ficava no porão do prédio e que a porta de acesso era do lado de fora, em um beco nos fundos. Assim, Faye viu-se batendo a uma porta de madeira, marcada apenas pelas letras DP, em tinta branca, em um beco vazio exceto por meia dúzia de caçambas cozinhando ao sol.

A mulher que veio abrir a porta — uma moça provavelmente da mesma idade de Faye — falou que não tinha visto Alice naquele dia, mas sugeriu que a procurasse em um lugar chamado Casa da Liberdade. Então Faye teve que enfrentar o mesmo ritual outra vez:

a confissão de que, na verdade, não sabia o que era a Casa da Liberdade; o olhar desconfiado no rosto da outra garota; seu próprio constrangimento por desconhecer algo que todo mundo sabia; e, enfim, a garota explicando que a Casa da Liberdade era um abrigo para mulheres em fuga e que Faye estava proibida de revelar sua localização a qualquer homem, *para sempre*.

Foi assim, portanto, que Faye encontrou Alice num prédio de tijolos à vista, de três andares, sem grandes peculiaridades — encontrou-a em um apartamento sem qualquer placa ou sinalização, no último andar, acessível apenas a quem sabia o jeito secreto de bater à porta (um SOS em código Morse), em uma espartana sala de estar cuja única decoração eram móveis que não combinavam, obviamente usados ou frutos de doação, mas embelezados por um toque de aconchego graças a diversos acessórios feitos em crochê ou tricô; e lá estava Alice, sentada no sofá, pernas esticadas, pés apoiados numa mesinha de centro, lendo a *Playboy*.

— Por que você está lendo a *Playboy*? — perguntou Faye.

Alice lhe lançou aquele olhar impaciente e intimidador, sinal inconfundível de sua indiferença em relação a perguntas idiotas.

— Por causa das matérias — respondeu ela.

O que tornava Alice tão assustadora é que ela parecia não se importar se as pessoas gostavam dela ou não. Aparentemente, não dedicava nenhuma energia mental à tarefa de se adaptar aos outros, considerar seus desejos, expectativas, anseios, sua necessidade básica de boas maneiras, decoro e etiqueta. E, na opinião de Faye, todas as pessoas deveriam desejar que as outras gostassem delas — não por vaidade, mas porque a necessidade de agradar oferecia um lubrificante social essencial. Num mundo desprovido de um deus vingativo, o desejo de agradar e se adequar era o único freio para o comportamento humano — assim pensava Faye, que não sabia ao certo se acreditava na existência de um deus vingativo, mas tinha certeza de que Alice e suas camaradas eram ateias até o último fio de cabelo. Podiam ser extremamente grosseiras, sem se preocupar com punições no Além. Isso causava temor. Era como dividir a sala com um cachorro enorme e imprevisível — um medo constante do que poderia acontecer.

Alice soltou um longo suspiro, como se conversar com a recém-chegada fosse um enorme fardo mental. Alice parecia *ter certeza* de que Faye estava ali apenas para desperdiçar seu tempo, e cabia a Faye provar que ela estava enganada.

— Olha só esta mulher — disse Alice.

Colocou os pés no chão com um estampido, pôs a revista na mesa de centro e abriu-a na página central. A foto, na vertical, ocupava o espaço de três páginas. E, assim que Faye superou o choque inicial — costumava sentir um frio na barriga sempre que se via olhando para algo que certamente não deveria —, o primeiro pensamento que lhe ocorreu, inclinando a cabeça para ver melhor, foi este: a garota na foto parecia estar com frio. O corpo dela parecia arrepiado. Estava de pé numa piscina, as costas viradas num ângulo suave para a câmera, a cintura um pouco torcida, para que o torso ficasse de perfil. Seus pés estavam mergulhados na água de um azul-celeste perfeito e ela abraçava um brinquedo inflável — um cisne gigante —, agarrava-o pelo longo pescoço, apertando-o contra o rosto, como se ali pudesse encontrar algum calor. Estava nua, claro. A pele na parte inferior das costas e na bunda parecia áspera, eriçada feito o couro de um crocodilo, por causa dos arrepios onipresentes. Gotas de água estavam grudadas em sua bunda e na parte de cima da coxa, sinal de que ela entrara na piscina até a cintura, não mais que isso.

— O que é isso? — perguntou Faye.

— Pornografia.

— Eu sei, mas para quê?

— Acho essa menina muito bonita.

A garota da capa. “Miss Agosto”, era o que estava escrito no canto da página. O corpo rosado estava sarapintado de um suave castanho nas partes enregeladas ou nos pontos em que o sangue transparecia por baixo da pele. Filetes d’água escorriam por suas costas, algumas gotas pendiam de seus braços, mas não tanto a ponto de parecer que tinha mergulhado o corpo inteiro — talvez o fotógrafo tivesse borrifado seu corpo, para dar um efeito.

— Ela é espontânea — opinou Alice. — Tem um charme, tranquilidade. Aposto que é uma mulher desenvolta, até poderosa. O

problema é que não tem a menor ideia do que é capaz de fazer.

— Mas você a acha bonita.

— Ela é linda.

— Li em algum lugar que a gente não deve elogiar a beleza dos outros — disse Faye. — Porque isso nos diminui.

Alice franziu o cenho.

— Quem disse isso?

— Sócrates. Através de Platão.

— Sabe — replicou Alice —, às vezes você é bem estranha.

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar.

Miss Agosto não estava exatamente sorrindo. Exibia aquela expressão mecânica e tensa, de alguém forçado a sorrir enquanto passa frio. O sol do verão pusera sardas em sua pele. Duas gotas d'água escorriam do seio esquerdo. Se caíssem, atingiriam sua barriga nua. Faye podia imaginar o frio que ela estava sentindo.

— A pornografia é um problema que compromete todo o projeto iluminista — prosseguiu Alice. — Se há homens que, em outros aspectos da vida, são racionais, educados, morais e éticos, mas ainda precisam olhar este tipo de coisa, então até que ponto de fato avançamos? Os conservadores querem se livrar da pornografia banindo-a. Os liberais também querem se livrar da pornografia, mas de outro jeito: tornando as pessoas tão esclarecidas que já não precisem disso. Repressão versus educação. O policial e o professor. Ambos têm o mesmo objetivo (o pudor), mas usam ferramentas diferentes.

— Todos os meus tios assinam — contou Faye, apontando a revista. — Não a guardam, não a escondem. Deixam aberta na mesa de centro.

— Dizem por aí que a revolução sexual não é sobre sexo, mas sobre vergonha.

— Essa garota não parece estar sentindo vergonha — respondeu Faye.

— Essa garota não parece estar sentindo nada. Não estamos falando sobre a vergonha dela, mas sobre a nossa.

— Você se sente envergonhada?

— Quando digo “nossa”, estou falando de forma abstrata. “Nós” no sentido geral.

— Ah.

— O Observador com O maiúsculo. O Espectador com E maiúsculo. Não eu ou você.

— *Eu* me sinto envergonhada — disse Faye. — Um pouco, eu acho. Não quero, mas me sinto.

— E por que isso acontece?

— Não quero que ninguém saiba que eu vi isso. Podem achar que sou esquisita.

— Defina “esquisita”.

— Podem achar esquisito eu olhar garotas peladas. Podem achar que eu gosto de garotas.

— E você se preocupa com o que os outros pensam?

— Claro que sim.

— Isso não é vergonha de verdade. Parece vergonha, mas não é.

— Então o que é?

— Medo.

— Ok.

— Ódio de si mesma. Alienação. Solidão.

— São apenas palavras.

Também havia a estranha materialidade da revista, sua presença enquanto objeto, ali entre Faye e Alice, sua concretude. O vinco na fotografia, as ondulações das páginas, o reflexo da luz na superfície brilhosa da revista, o ar úmido enrugando o papel. Um dos grampos havia rasgado o braço de Miss Agosto e parecia irromper de sua pele, como se um estilhaço a tivesse atingido. As janelas do apartamento estavam abertas, um pequeno ventilador zumbia ali perto e as páginas ruflavam suavemente no ar inquieto, dando vida à imagem — era como se Miss Agosto estivesse se mexendo, contraindo-se, tentando inutilmente ficar parada na água gelada.

— Os homens no movimento costumam dizer essas besteiras o tempo todo — continuou Alice. — Se você não quer transar com eles, dizem que deve ter algum problema, algum grande recalque. Se você não quer tirar a blusa, dizem que precisa perder a vergonha

do próprio corpo. Se não deixa eles pegarem nos seus peitos, não é uma integrante legítima do movimento.

— Sebastian também faz isso?

Alice se deteve e fitou-a, estreitando os olhos.

— Por que esse interesse em Sebastian?

— Por nada. Estou curiosa, só isso.

— Curiosa.

— Ele parece, sei lá, interessante.

— Interessante em que sentido?

— Passamos uma tarde agradável juntos. Hoje. No gramado.

— Ah, meu Deus.

— O quê?

— Está a fim dele.

— Não estou nada.

— Está pensando nele.

— Ele parece interessante. Só isso.

— Quer dar uns pegadas nele?

— Eu não usaria esses termos.

— Quer trepar com ele. Mas, antes, quer ter certeza de que ele merece. É por isso que veio aqui hoje. Para investigar sobre Sebastian.

— A gente só teve uma conversa agradável, depois ele foi preso no protesto contra a ChemStar, e agora estou preocupada com ele. Estou preocupada com meu amigo.

Alice se inclinou para a frente, apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Você tem namorado, lá na sua cidade?

— Não acho que isso seja relevante.

— Mas tem namorado, não tem? Garotas como você sempre têm namorado. Onde ele está agora? Está esperando por você?

— Está no Exército.

— Uau, caramba! — exclamou Alice, juntando as mãos com um estalo. — Uau, que maravilha! Seu namorado vai para o Vietnã e você quer dar para um ativista antiguerra!

— Deixa pra lá.

— E não um ativista qualquer. O *grande* ativista.

Alice bateu palmas, simulando aplausos.

— Cale a boca — disse Faye.

— Sebastian tem uma bandeira vietcongue *na parede do quarto*.
Doa dinheiro à Frente de Libertação Nacional. Sabe disso, não é?

— Não é da sua conta.

— Seu namorado vai levar um tiro. E Sebastian pagou pelas balas.
Esse é o cara que você escolheu.

Faye se levantou.

— Com licença, vou embora.

— Por que você mesma não puxa o gatilho? — disparou Alice. —
Que golpe baixo, hein?

Faye lhe deu as costas e seguiu até a porta a passos largos, os punhos cerrados, os braços esticados e rijos.

— Agora sim — continuou Alice em voz alta, lá trás. — Vergonha.
Vergonha *de verdade*. Essa é a sensação, garotinha.

A última coisa que Faye viu, no momento em que fechou a porta com força, foi Alice recolocando os pés sobre a mesa e virando as páginas da *Playboy*.

5

SEM DINHEIRO PARA táxi, sem bilhetes de ônibus. Alice acreditava na liberdade; liberdade de movimento, liberdade de ser — aqui, às cinco da madrugada, caminhando à luz roxa, fria e úmida de Chicago. O sol começava a despontar sobre o horizonte do lago Michigan e as fachadas dos prédios refletiam rosa esmaecido. Algumas mercearias estavam abrindo as portas, e os donos das lojas usavam mangueiras para lavar as calçadas, enquanto pilhas de jornais atados eram arremessadas de dentro dos caminhões, amontoando-se como sacos de grãos. Alice olhou um dos jornais, viu a manchete — NIXON NOMEADO CANDIDATO DO PARTIDO REPUBLICANO — e cuspiu. Inalou o perfume da cidade, o hálito matinal, misto de asfalto e óleo lubrificante. Os lojistas a ignoravam. Viam as roupas dela — a jaqueta militar verde, os coturnos, os jeans rasgados e justos —, viam o emaranhado de cabelo preto, o olhar indiferente por sobre os óculos cor de prata, e concluíam, com toda a razão, que ela não era uma compradora em potencial. Não carregava dinheiro. Não oferecia qualquer motivo para ser tratada com cortesia. Ela gostava da transparência dessas interações, da ausência de falsidade entre si mesma e o mundo.

Alice não carregava bolsa porque, se carregasse uma bolsa, poderia se sentir tentada a guardar chaves nela. Se tivesse chaves, poderia se sentir tentada a trancar a porta. Se começasse a trancar a porta se sentiria tentada a comprar coisas dignas de serem trancadas, como roupas compradas em lojas de verdade, em vez de peças costuradas à mão ou surrupiadas das lojas. Seria o começo de tudo. Depois viriam os sapatos, os vestidos, as joias, as coleções intermináveis de enfeites, depois ainda mais coisas, uma televisão pequena, depois uma TV grandona, depois mais outra, uma TV para cada cômodo, e revistas, livros de receitas, caçarolas e panelas, quadros nas paredes, um aspirador de pó, e prateleiras e prateleiras e mais prateleiras, um lugar maior para viver, um apartamento, uma

casa, uma garagem, um carro, trancas para o carro, trancas nas portas, múltiplas trancas e grades nas janelas até que a casa finalmente assumisse a aparência daquilo que já era havia muito tempo: uma prisão. Seria uma mudança fundamental em sua postura diante do mundo: em vez de convidá-lo a entrar, passaria a trancá-lo lá fora.

A noite de hoje, por exemplo, era uma dessas ocasiões que jamais teriam acontecido se ela andasse com bolsas e chaves e dinheiro, ou se algum recalque a impedisse de dar uns amassos tranquilos em desconhecidos variados. Estava procurando diversão gratuita e encontrou-a tão rápido, tão fácil: dois homens, no centro, convidaram-na para ir ao apartamento deles, um lugar sujo onde beberam uísque e escutaram discos de Sun Ra. Dançou com eles e balançou os quadris até que um deles capotou, então ela trocou beijos suaves com o outro, até a maconha acabar. A música não era boa de cantar, e na verdade nem era lá muito dançável, mas era ótima para os beijos. E tudo estava muito divertido até o momento em que o cara desabotoou as calças e disse:

— Que tal usar essa boquinha lá embaixo?

O cara não conseguia sequer pedir um boquete direito, não era capaz de nomear o que queria, e isso ela achou patético. Quando ela se recusou, ele pareceu surpreso.

— Achei que você fosse *liberada* — protestou ele, querendo dizer, com isso, que ela deveria se submeter a todos os variados desejos dele, e gostar.

Essas eram as expectativas da Nova Esquerda.

Alice ainda sentia a maconha no corpo, nas pernas, aquela sensação de que estava andando em pernas de pau, mais longas e finas e duras que as pernas normais de uma pessoa sóbria. Passo a passo, rumo a oeste, cruzando o centro, em direção ao Circle, Alice caminhava com um balanço circense que a fazia amar o próprio corpo, porque podia sentir o corpo trabalhando, podia sentir todas as suas partes maravilhosas em ação.

Estava testando as pernas quando o policial a viu. Saltitava por uma viela em que o carro dele estava escondido, e ele a chamou:

— Ei, boneca, está indo para onde?

Ela parou e se voltou em direção à voz. Era ele. Aquele porco de nome ridículo: oficial Charlie Brown.

— O que você anda aprontando, boneca? Sozinha na rua até esta hora?

Era grandalhão como uma avalanche, uma abóbora no lugar do rosto, e seu trabalho era aplicar leis mesquinhas — perseguia mendigos, pessoas que jogavam lixo em lugares proibidos, pedestres que atravessavam a rua fora da faixa, andarilhos que desrespeitavam o toque de recolher. Ultimamente, a polícia os abordava por infrações menores, revistando-os em busca de qualquer material ilícito, qualquer motivo para prendê-los. A maioria dos porcos era idiota, mas este era diferente. Este era interessante.

— Vem aqui — disse ele.

Apoiou-se no capô da viatura. Uma das mãos no cabo do cassetete. Estava escuro. O beco era uma caverna.

— Fiz uma pergunta. O que anda aprontando? — disse ele.

Alice caminhou na direção dele, parando pouco além do alcance de seus braços. Ergueu o rosto e olhou para ele, para aquela ameaçadora montanha humana. O uniforme era azul-claro, um azul quase infantil, e tinha mangas curtas, pequenas demais para ele. Seu peito tinha forma de barril e quase arrebatava os botões. Seu bigode era louro-claro, visível apenas para quem olhasse bem de perto. O distintivo era uma estrela prateada de cinco pontas grudada bem em cima do coração.

— Nada. Só estou indo para casa — respondeu ela.

— Para casa?

— É.

— Às cinco da manhã? E você está só indo para casa? Sem fazer nada ilegal?

Alice sorriu. Ele estava seguindo à risca o roteiro que ela lhe dera. Esta era uma das poucas coisas que admirava no oficial Brown: sua persistência.

Ela disse:

— Vai se foder, porco.

Então ele arremeteu, agarrou-a pela garganta, puxou-a para perto, aproximou o rosto, pressionou o nariz contra o escalpo dela e

deu uma fungada forte logo acima de sua orelha.

— Está fedendo a maconha — afirmou ele.

— E daí?

— Agora vou ter que revistar você.

— Precisa de um mandado para fazer isso.

Ele riu uma risada obviamente falsa, mas ainda assim ela apreciou o esforço. Virou-a de costas, dobrou-lhe o braço com força, empurrou-a até as profundezas do beco, depois a obrigou a se inclinar sobre o porta-malas da viatura. Já tinham feito tudo isso antes, duas noites atrás, igual até esse ponto do roteiro, em que ela deita de bruços no carro, mas então Brown saiu do personagem. Jogara-a com força demais contra o carro — para falar a verdade, ela se deixara ser atirada, amolecendo o corpo no momento crítico —, e, quando o rosto se chocou contra o metal, Alice ficou momentaneamente atordoada, e isso era exatamente o que ela buscava, fugir de sua mente por ao menos um momento.

Mas ele ficara assustado vendo o rosto dela bater no carro daquele jeito. Um hematoma surgiu de forma quase instantânea.

— Porquinho! — lamentara ele.

Ela o repreendeu por usar a palavra de segurança. Teve de explicar que a senha era reservada para *ela*, *apenas ela*, e que não fazia sentido que Brown a usasse. Então ele deu de ombros, olhou-a com ar penitente e prometeu ser mais cuidadoso da próxima vez.

Eis as instruções de Alice ao oficial Brown: queria que ele a encontrasse em alguma noite aleatória, pegando-a de surpresa, que agisse como se não a conhecesse, como se não tivessem vivido um caso ao longo do verão; ou seja, queria que ele se comportasse como se ela fosse apenas mais uma hippie bizarra, e ele, mais um policial truculento. Então ele a arrastaria ao fundo do beco e a jogaria de bruços na viatura e arrancaria suas roupas e abusaria dela. Era isso que ela queria.

O oficial Brown ficou profundamente perturbado com esse pedido. Perguntava-se por que diabo ela queria fazer isso. Por que não continuavam fazendo sexo normal, no banco de trás? E ela lhe deu a única resposta que importava: porque ela já fizera sexo normal no banco de trás, mas jamais fizera sexo violento num beco.

Agora o rosto dela estava comprimido contra o porta-malas, a mão dele agarrando sua nuca — tudo indicava que, desta vez, ele conseguiria chegar até o fim; e ela não estava exatamente gostando da experiência, mas esperava em breve começar a gostar, se ele fosse adiante.

O oficial Brown, enquanto isso, estava morrendo de medo.

Medo de a machucar, mas também medo de *não* a machucar, ou não a machucar do jeito certo, de não ser bom o bastante para ela, medo de não ser bom o bastante nas perversões bizarras que ela exigia e de ser abandonado por causa disso. Esse era o maior de todos os medos: que Alice perdesse o interesse e fosse embora.

Era assim que ele se sentia, toda vez que esbarrava com ela. Quanto mais vezes, mais inseguro o oficial Brown ficava, mais paranoico, mais temeroso de perdê-la. Via isso com nitidez. Percebia o que estava acontecendo, mas não conseguia mudar. A cada novo esbarrão, a ideia de que não se veriam novamente ficava ainda mais devastadora e insuportável.

E essa era, de fato, a palavra que Brown usava, em segredo: esbarrões.

Pois essa palavra tinha algo de passivo, quase acidental. A gente “esbarra” com um desconhecido em um beco. A gente “esbarra” com um urso na floresta. A palavra dava a impressão de algo que acontece por acaso, em vez do elaborado e minucioso planejamento que, de fato, antecedia cada esbarrão. “Esbarrar” dava a entender que Brown não estava traindo a esposa de forma calculada, proposital, agressiva, apesar de obviamente ser o que ele estava fazendo. Por livre e espontânea vontade. E com frequência.

Às vezes imaginava a esposa descobrindo o caso, e então sentia vergonha. Às vezes imaginava como seria revelar à esposa tudo o que andava fazendo, na surdina e com todo aquele minucioso planejamento, e era então invadido por vergonha e asco, mas também uma espécie de censura e uma raiva justificável e um senso de estar a salvo de julgamentos, de que fora jogado nos braços de Alice pela própria esposa, que, desde o nascimento da filha, havia mudado muito.

Mudança drástica e intrínseca. Tudo começou quando a esposa passara a chamá-lo de “Papai”, e ele por sua vez a chamava de “Mamãe”. No início ele pensava nisso como uma piada, uma brincadeira entre marido e mulher, ambos tentando se acostumar a seus novos papéis — como havia acontecido na lua de mel, durante a qual ela o chamara de “Marido”. Parecia algo tão repentino, formal, exótico, estranho. “Gostaria de jantar comigo, meu bem-amado marido?”, ela perguntara todas as noites na semana após o casamento, e os dois caíam na cama, rindo juntos, sentindo-se demasiado jovens e imaturos para palavras como “Marido” e “Mulher”. Por isso, logo após o nascimento da filha, no hospital, quando começaram a se chamar de “Mamãe” e “Papai”, ele supôs que aquilo fosse, também, algo cômico e temporário.

Mas isso tudo acontecera cinco anos atrás, e ela continuava a chamá-lo de “Papai”. E ele continuava a chamá-la de “Mamãe”. Ela não lhe pedira abertamente que usasse aquele apelido, mas gradualmente deixara de responder a qualquer outro nome. Era esquisito. Digamos que Brown a chamasse do cômodo ao lado: “Querida?” Nenhuma resposta. “Amor?” Nada. “Mamãe?” Só então ela aparecia, como se já não conseguisse ouvir nenhuma palavra além daquela. Brown achava bizarro ser chamado de “Papai”, mas jamais expressava sua perturbação, exceto por algumas sugestões em um momento e outro. “Não precisa me chamar disso se não quiser”, ele dizia às vezes, ao que ela respondia “Mas eu quero”.

Além disso, havia a questão do sexo, uma atividade hoje totalmente inexistente entre eles, fato que Brown atribuía a certos arranjos noturnos que haviam se tornado rotina familiar: a filha sempre dormia com eles, no meio deles, na cama deles. Pelo que Brown lembrava, ninguém pedira sua opinião sobre o assunto. A coisa simplesmente foi acontecendo. Ele suspeitava que o esquema não funcionasse em benefício da filha, mas da Mamãe. Decerto a Mamãe gostava de dormir com a filha porque assim, todas as manhãs, a menina podia subir na Mamãe e lhe dar muitos beijinhos e dizer que ela era linda. Brown tinha a impressão de que a Mamãe não aceitaria viver sem essa cerimônia diária.

Com efeito, a Mamãe *havia treinado a filha para fazer isso*.

No início, não fizera aquilo de propósito. Mas era inegável que a Mamãe havia ritualizado aquele comportamento, algo que tinha começado de forma inocente, certa manhã, quando a menina, ao acordar, ainda tonta, de olhos intumescidos, havia dito: “Você é linda, mamãe.” Foi fofo. Mamãe abraçou-a e agradeceu. Tudo muito inocente. Algumas manhãs depois, contudo, a Mamãe perguntou: “Ainda me acha linda?” A filha respondeu com entusiasmo: “Sim!” Não foi algo tão estranho que ele pudesse comentar em voz alta, apenas fez uma nota mental, em silêncio. Mas aí, alguns dias depois, a Mamãe perguntou: “O que se diz à Mamãe todas as manhãs?” A menina respondeu: “Bom dia?” E a Mamãe disse não, e o questionário se prolongou até que a pobre criança deu a resposta certa: “Você é tão linda!”

Isso, sim, foi meio esquisito.

E a coisa ficou mais esquisita ainda na semana seguinte, quando a Mamãe *efetivamente puniu* a filha por não dizer que ela era linda, recusando-lhe as panquecas e os desenhos animados que eram tradição nas manhãs de sábado; em vez disso, mandou a menina arrumar o quarto. E quando a criança perguntou, com lágrimas de frustração, por que estava sendo castigada, a Mamãe respondeu: “Hoje você não disse que estou linda.” Brown achou aquilo muito, muito esquisito mesmo.

(Desnecessário dizer que, se acaso ele próprio tentasse elogiar a beleza da esposa, ela revirava os olhos e apontava alguma parte do corpo que havia se tornado mais enrugada ou gorda.)

Brown começou a trabalhar no turno da noite. Evitava a cachoeira de beijinhos e elogios que agora servia de abertura oficial a todos os dias em sua casa. Dormia durante o dia, a cama só para ele. À noite, fazia ronda nas ruas — e foi assim que esbarrou com Alice.

No início, parecia igual às outras, memorável apenas por usar óculos escuros no meio da noite. Brown encontrou-a caminhando na rua e pediu seus documentos de identidade. Como era de se esperar, Alice não levava documento nenhum. Então ele a algemou, colocou-a contra a viatura e a revistou, procurando drogas, coisa que esse tipo de gente geralmente carregava nos bolsos, como idiotas.

Mas ela não tinha nada — nem drogas, nem dinheiro, nem maquiagem, nem chaves. Sem teto, imaginou ele. Meteu-a na cadeia por algumas horas, soltou-a e imediatamente a esqueceu.

Na noite seguinte, lá estava ela, exatamente no mesmo lugar.

E exatamente na mesma hora. Vestida exatamente com a mesma roupa: jaqueta militar verde, óculos quase na ponta do nariz. Dessa vez, não estava andando; estava ali parada na calçada, como se esperando por ele.

Brown parou o carro e perguntou:

— O que está fazendo?

— Desrespeitando o toque de recolher.

Encarava-o, rígida e empertigada, uma posição que transparecia uma raiva e resistência abstratas.

— Quer fazer tudo de novo? — perguntou ele.

— Faça o que tem de fazer, porco.

Então ele a algemou de novo, jogou-a no capô do carro. Revistou-a e, de novo, não encontrou nada. Alice olhou para ele durante todo o trajeto à cadeia. A maioria das pessoas se encolhia no chão, com ar derrotado, como se quisesse se esconder. Mas essa garota era diferente. Aquele olhar o irritava.

Noite seguinte e lá estava ela, no mesmo lugar, à mesma hora. Apoiava-se a uma parede de alvenaria aparente, um joelho dobrado, mãos nos bolsos.

— Oi — disse ele.

— Oi, porco.

— Desrespeitando o toque de recolher de novo?

— Entre outras coisas.

Ela o amedrontava um pouco. Não estava acostumado a esse tipo de comportamento. Os hippies e os drogados eram insuportáveis, claro, mas ao menos se comportavam de forma racional. Não queriam ir para a cadeia. Não queriam ser incomodados. Mas essa garota, ela tinha uma aura de perigo, um magnetismo e uma ferocidade que lhe pareciam exóticos e imprevisíveis. Talvez até excitantes.

— Vai me algemar? — perguntou ela.

— Está cometendo alguma infração?

— Posso cometer várias coisas. Desde que me algeme.

A noite seguinte era sua folga, mas ele trocou de turno com um colega. Lá estava ela, no mesmo lugar. Brown passou de carro à sua frente, uma, duas vezes. O olhar dela o acompanhava. Quando a viatura contornou o quarteirão pela terceira vez, ela já estava rindo alto.

A primeira transa foi no banco traseiro da viatura. Alice estava no mesmo lugar, no mesmo horário. Simplesmente apontou para o beco e ordenou que ele estacionasse ali. Ele obedeceu. Estava escuro, o carro estava quase totalmente oculto nas sombras. Ela ordenou que ele fosse para o banco de trás. Ele obedeceu. Não estava acostumado a seguir ordens de mulheres, muito menos de hippies de rua esquisitas. Sentiu um vago impulso de resistir àquela situação, mas esse sentimento se evaporou no instante em que ela se meteu no assento traseiro com ele, fechou a porta e lhe arrancou o cinto, que tombou ruidosamente no chão, pois vinha carregado com o rádio, o cassetete e a arma. Um golpe surdo e um retinir de metal contra o assoalho da viatura. E Alice nem sequer tentou beijá-lo. Parecia não querer beijos, mas mesmo assim Brown a beijou — parecia algo cavalheiresco, beijá-la, afagar o rosto dela, gesto através do qual ele esperava transmitir gentileza e afeição humana, assim como a mensagem de que não queria apenas o que estava dentro de sua calcinha, mas acontece que o que estava dentro de sua calcinha era exatamente o que ele queria, e queria muito naquele momento. Alice arrancou a calça dele e todos os pensamentos sobre sua esposa, os outros policiais na delegacia, o inspetor-chefe, o prefeito, a vaga possibilidade de ser flagrado por alguém passando pelo beco, tudo isso foi obliterado num instante.

Seria impreciso dizer que “eles fizeram sexo”; a verdade é que Alice fez sexo, energicamente, enquanto ele jazia ali deitado, participando.

Depois, ao sair do carro, ela virou o rosto, abriu aquele sorriso ardiloso e disse:

— Te vejo por aí, porco.

E, durante o resto da noite, ele pensou obsessivamente sobre o significado daquelas palavras. *Te vejo por aí*. Ela não disse *Te vejo*

na próxima. Nem Te vejo depois. Disse Te vejo por aí, a coisa menos promissora e mais descompromissada que poderia dizer.

A cada encontro ele experimentava, em geral, o mesmo padrão emocional básico: um imenso alívio ao ver que Alice havia voltado, seguido por um medo incessante de que ela não voltasse mais.

E Brown precisava que ela voltasse. Desesperadamente. Dolorosamente. Era como se o seu peito e suas vísceras estivessem unidos por um único e frágil prendedor de roupas, que Alice poderia remover com o simples ato de não aparecer. Brown se imaginava chegando ao lugar de sempre e não a encontrando e sentindo as entranhas explodirem como um balão d'água. A rejeição seria fatal. Sabia disso. E isso o levou a fazer, no trabalho, uma solicitação moralmente questionável, mas totalmente necessária: pediu para ser transferido ao Red Squad.

A partir de então, *espionar Alice* passou a ser seu trabalho em tempo integral, o que era ótimo, pois, além de saber onde ela passava os dias e as noites, ele também teria uma desculpa mais ou menos plausível para o caso de alguém descobrir seu envolvimento com ela. Não estava tendo um caso; estava *infiltrado*.

Grampeou seu quarto. Fotografou-a entrando e saindo de diversos locais conhecidos de reuniões subversivas. Assim se sentia mais livre e tranquilo na hora de transar com ela. Quer dizer, até o dia em que Alice lhe pediu para fazer certas coisas que ele achou um tanto esquisitas.

— Me come algemada — foi o que ela disse aquela noite, quando, pela primeira vez, seus encontros sexuais passaram de trepadas-padrão no banco de trás para algo mais pervertido.

Brown perguntou por que diabo ela queria fazer uma coisa dessas, e Alice olhou-o com aquela expressão devastadora, esmagadora e sarcástica que ele tanto odiava.

— Porque eu nunca fiz sexo algemada — explicou ela.

Mas isso, para ele, não era uma boa razão. Havia milhões de coisas que ele nunca havia feito, mas não estava interessado em fazer.

— Você gosta de transar comigo? — perguntou ela.

Brown ficou em silêncio por um instante. Odiava isso, odiava falar sobre si mesmo e seus sentimentos. Uma das vantagens na metamorfose pós-maternidade de sua esposa era que, agora, ela jamais lhe fazia qualquer pergunta pessoal. Percebeu que havia anos não era forçado a expressar verbalmente seus sentimentos.

Sim, disse ele. Gostava de fazer amor com ela. Alice riu daquilo, “fazer amor”, aquela expressão tão antiquada. Brown enrubesceu.

— E já tinha imaginado que um dia gostaria de trepar com uma beatnik esquisitona como eu?

— Não.

Ela deu de ombros, como quem diz *Claramente, eu tenho razão*. Depois ergueu as mãos e ofereceu os pulsos, que Brown, relutantemente, algemou.

No encontro seguinte, ela pediu para ser algemada outra vez.

— E tente ser um pouco mais bruto — pediu ela.

Brown pediu que ela fosse mais específica.

— Sei lá. Não seja tão bonzinho.

— Não sei exatamente o que isso quer dizer, na prática.

— Bata minha cara no capô do carro ou algo assim.

— *Ou algo assim?*

E isto foi o que passou a acontecer em todos os encontros: Alice pedia para fazer algo novo e bizarro, algo que Brown jamais fizera e talvez jamais tivesse sequer *considerado* fazer, algo que lhe dava calafrios e o fazia sentir diversas modalidades de temor, temor de não conseguir fazer aquelas esquisitices — ou não conseguir fazê-las *a contento* —, e, portanto, Brown recusava-se até que o medo de desagradar ou perder Alice acabava superando a vergonha e o pânico, e então ele se forçava a praticar qualquer perversão sexual que ela desejasse, sempre sem jeito, sem exatamente desfrutar o ato, mas sabendo que a alternativa seria muito, muito pior.

— Está escondendo alguma coisa? — disse ele agora, apertando a barriga de Alice contra a viatura e pressionando o próprio corpo nas costas dela.

— Não.

— Tem alguma coisa escondida nas calças? Melhor confessar.

— É sério, não tem nada.

— Isso nós vamos ver.

Alice sentiu as mãos dele em seus bolsos, na frente e atrás, revirando-os, sem achar nada além de fiapos e tabaco. Passou as mãos nas pernas dela, primeiro no lado de fora, depois por dentro das coxas.

— Viu. Não tem nada — disse ela.

— Cala a boca.

— Me solta.

— Cala essa boca, desgraçada.

— Você é um porco de merda.

Brown apertou o rosto dela ainda mais forte contra o metal do porta-malas.

— Diz isso de novo. Diz e vê o que acontece — ameaçou ele.

— Seu porco idiota de pau mole.

— Pau mole? Quer pau, vai ter pau.

Então ele se inclinou sobre ela e sussurrou em seu ouvido, umas cinco oitavas mais alto, cheio de ternura e afeição:

— Estou fazendo direito?

— Não sai do personagem! — ralhou ela.

— Tá bom, tudo bem.

Então ela sentiu seu jeans ser puxado e arriado. Sentiu a leve saliência do metal, no ponto em que o rosto se comprimia contra o porta-malas. Depois sentiu o frescor da manhã enquanto Brown baixava suas calças até o chão, separando com chutes as pernas dela, e agora ela estava ali toda aberta e facilmente penetrável. Então sentiu-o penetrar, abrindo caminho por dentro dela, e sentiu-o inflar, engrossar, agigantar, e só então ele começou a socar. Gemia e socava, pequenos ganidos de cachorro a cada arremetida. Sem nenhum ritmo. Uma pulsação caótica e espasmódica que terminou muito rápido, após um ou dois minutos, numa catastrófica estocada final.

Então o rápido declínio. O corpo dele amolecendo, as mãos tornando-se gentis. Soltou-a, e ela se levantou. Brown lhe alcançou a calça jeans que lhe arrancara. Olhava para o chão, encabulado. Alice sorriu e vestiu a calça. Sentaram-se atrás da viatura, apoiados

um no outro, contra o para-choque. Depois de um longo tempo, ele se animou a falar:

— Fui bruto demais?

— Não. Foi bom — disse ela.

— Fiquei com medo de ser bruto demais.

— Foi bom.

— É que da última vez você pediu pra eu ser mais bruto.

— Eu sei.

Ela virou o tronco para um lado, depois para o outro, apalpou a parte do rosto que havia batido contra o porta-malas e a parte do pescoço que Brown havia agarrado.

— Por que você tem que andar sempre sozinha? É perigoso — disse ele.

— Não tem perigo nenhum.

— Tem gente perigosa andando por aí — insistiu ele, envolvendo-a em seus braços enormes e apertando exatamente a parte machucada.

— Ai.

— Ah, meu Deus — disse ele, soltando-a. — Eu sou um babaca mesmo.

— Tá tudo bem. — Ela lhe afagou o braço. — É melhor eu ir embora.

Alice se levantou. A umidade em suas calças estava ficando gelada. Queria ir para casa. Queria tomar um banho.

— Deixe eu lhe dar uma carona — disse Brown.

— Não. Alguém pode nos ver.

— Deixo você alguns quarteirões antes do alojamento.

— Não precisa.

— Quando vou ver você de novo?

— Pois é, por falar nisso. Na próxima vez, eu queria tentar uma coisa diferente — avisou ela.

O coração de Brown pulou de alegria: *haveria uma próxima vez!*

— Na próxima vez, quero que me estrangule — pediu ela.

Brown sentiu os pulos diminuírem.

— Não entendi. Como assim?

— Não precisa me estrangular *de verdade*. Tipo, me pegue pelo pescoço e faça de conta que está me estrangulando — explicou ela.

— Fazer de conta?

— Se quiser apertar um pouco, ótimo.

— Jesus! — exclamou ele. — *Não vou* fazer isso.

Ela franziu o cenho.

— Qual o seu problema?

— *Meu* problema? Qual o *seu* problema? Será que eu escutei direito? Quer que eu estrangule você? Isso é demais. Por que diabo quer que eu faça isso?

— Já tivemos esta conversa antes. Porque essa é uma coisa que eu nunca fiz.

— Não. Não pode ser. Essa é uma razão para comer teriyaki. Não é uma razão para eu te *estrangular*.

— É a única resposta que posso dar.

— Se quiser que eu faça isso, vai ter que se explicar melhor.

Era a primeira vez que a desafiava, e já estava arrependido. Temia que ela simplesmente desse de ombros e fosse embora. Como acontece com a maioria dos casais disfuncionais, havia um desequilíbrio entre eles: um precisava da relação mais do que o outro. Era um fato conhecido, mas jamais enunciado: ela podia ir embora quando bem entendesse, com pouquíssimo sofrimento, enquanto ele ficaria devastado. Um lamaçal de rejeição. Pois ele sabia que *uma coisa dessas jamais voltaria a lhe acontecer pelo resto da vida*. Jamais voltaria a encontrar uma mulher como Alice e, quando ela o abandonasse, teria de voltar à vida de sempre, vida que, graças a ela, Brown agora sabia ser árida e tediosa.

Suas reações a Alice eram, na verdade, reações às exigências da monogamia e da mortalidade.

Alice ficou ali sentada por um momento, mais pensativa do que ele já vira. Parte de sua autoconfiança parecia se basear no fato de que sempre sabia o que dizer, por isso, aquela pausa parecia estranha e atípica. Empertigou-se, encarou-o por cima dos óculos escuros que sempre usava, então soltou um suspiro profundo, talvez irritado.

— É o seguinte. A verdade é que sexo normal com homens não me interessa. Sexo corriqueiro, eu quero dizer. A maioria dos homens faz sexo como se fosse um jogo de pinball. Como se ficar batendo e mexendo nas mesmas alavancas sem parar fosse o suficiente. É chato.

— Eu nunca joguei pinball.

— Você não está entendendo. Tá bom, vou fazer outra analogia: imagine que todo mundo esteja comendo um certo tipo de bolo. E as pessoas lhe dizem que o bolo é muito, muito gostoso. E quando você resolve provar o bolo, ele tem gosto de, sei lá, papelão e cartolina. É horrível. Mesmo assim, todos os seus amigos adoram. Como você se sentiria?

— Decepcionado, eu acho.

— E louco. Especialmente se lhe dissessem que a culpa *não é do bolo*. Que o verdadeiro problema é você. Que você não estava comendo direito. Sei que estou forçando a barra com essa metáfora.

— Então eu sou um pedaço de bolo para você?

— Só quero que alguém me faça sentir alguma coisa.

— Contou aos seus amigos sobre mim?

— Rá. *Nem pensar*.

— Eu deixaria você constrangida. Você tem vergonha de mim.

— Olha, na vida real, eu sou uma anarquista antiautoritária. E, sim, há essa voltagem em mim que deseja ser sexualmente dominada por um policial. Prefiro seguir o impulso, sem me julgar. Mas acho que meus amigos não entenderiam.

— Essas coisas todas que estamos fazendo, as algemas, a violência... Essas coisas estão, sei lá, estão funcionando?

Ela sorriu. Tocou suavemente no rosto dele, o toque mais delicado que ela já lhe dera.

— Você é um bom homem, Charlie Brown.

— Não me chame assim. Sabe que eu odeio esse nome.

Beijou-o no alto da cabeça.

— Vá combater o crime.

Ao caminhar pela rua, Alice sentiu que o olhar dele a acompanhava. Sentia ainda os machucados deixados por ele, no pescoço e no rosto. E, enquanto se afastava, sentiu uma porção

considerável de gosma fria, a gosma que ele deixara dentro dela, escorrer.

6

O BOATO CORRIA O campus, espalhando-se de boca em boca entre os estudantes agitados. Era como um sussurro secreto, jamais partilhado com os cadetes da reserva, que apoiavam a guerra, nem com os atletas machões das fraternidades estudantis, nem com as debutantes à caça de maridos. Apenas os mais leais, apenas os mais sinceros recebiam esta notícia: em certos dias, em certa sala de aula, nas profundezas labirínticas do prédio de Ciências Comportamentais, durante o intervalo de uma hora, a guerra estava oficialmente acabada.

Durante uma hora, naquela aula, o Vietnã deixava de existir. Allen Ginsberg, o grande poeta recém-chegado da Costa Leste, era quem os liderava, começando cada aula com as mesmas palavras:

— A guerra está oficialmente acabada.

Os estudantes repetiam as palavras e então voltavam a repeti-las, em uníssono, e a harmonização de suas vozes tornava as palavras mais reais. Ginsberg havia lhes dito que a linguagem tem poder, que o pensamento tem poder, que o ato de liberar essas palavras no universo podia desencadear um efeito em cadeia, transformando as palavras em fatos.

— A guerra está oficialmente acabada — disse Ginsberg. — Repitam isso até que o sentido desapareça e as palavras se tornem algo puramente físico emergindo do corpo, porque os nomes dos deuses usados em um mantra são idênticos aos próprios deuses. Isso é muito importante — continuou ele, o dedo em riste. — Se você diz “Shiva”, não está chamando Shiva, está *produzindo* Shiva, criador e preservador, destruidor e ocultador, a guerra está oficialmente acabada.

Faye o observava do fundo da sala, sentada no chão de linóleo poeirento. Como todos os outros alunos, fitava o pingente com o símbolo da paz balançando no cordão prateado dele, os olhos de Ginsberg venturosamente fechados atrás dos óculos com armação

de chifre, e todo aquele cabelo, aquela confusão de fios pretos emaranhados que migrara do crânio, agora liso, para as bochechas e o queixo, uma barba que se movia com o resto do corpo, oscilando e balançando durante os cânticos, do modo que faziam os membros da congregação em igrejas mais exuberantes, todo o corpo envolvendo-se na prece, olhos fechados, pernas cruzadas; ele trazia até um tapete especial para se sentar.

— Uma vibração corporal como se faz nas planícies da África — disse Ginsberg, que usava harmônio e crótalos para tocar o acompanhamento do cântico. — Ou nas montanhas da Índia, ou em qualquer lugar sem televisões que façam a vibração por nós. Esquecemos como se faz isso, todos nós, exceto talvez Phil Ochs, que certa vez cantou “The War Is Over” por duas horas sem parar, um mantra mais poderoso que todas as antenas da CBS, mais poderoso que todos os cartazes da Convenção Nacional do Partido Democrata e dez anos de falatório político.

Sentados de pernas cruzadas no chão, os estudantes balançavam ao sabor do próprio ritmo interior. Parecia uma sala cheia de piões rodopiando. As carteiras haviam sido empurradas para os cantos. Alguém pendurara a jaqueta no postigo da porta, bloqueando a visão, para evitar eventuais espiadelas de inspetores, seguranças do campus ou algum membro menos moderninho do corpo docente.

Faye sabia que, mais cedo ou mais tarde, o refrão sobre a guerra acabaria sendo substituído por “Hare Krishna, Hare Rama” e depois completariam a sessão recitando a vogal sagrada: “Om”. Até o momento, todas as aulas haviam sido assim, o que deixava Faye arrasada, pois a única coisa que aprendera com o grande Allen Ginsberg era como se balançar, entoar cânticos e soltar grunhidos. Aquele homem havia escrito poemas que tocaram sua alma; e no primeiro dia de aula, sentada em seu lugar antes que ele entrasse, Faye temia ser fulminada e paralisada por sua presença. Ao vê-lo, porém, ficou imaginando onde teria ido parar o homem asseado e bonito da foto do livro. O paletó de tweed e o cabelo penteado haviam desaparecido — Ginsberg abraçara plenamente os emblemas mais óbvios da contracultura e, a princípio, Faye se sentiu decepcionada, pois aquilo implicava certa falta de criatividade. Agora

os sentimentos dela estavam mais próximos do puro e simples tédio. Queria levantar a mão e perguntar: “Será que algum dia vamos estudar algo sobre, tipo, *poesia*?” Mas essa pergunta, é claro, não seria bem-vinda, pois os alunos de sua turma não davam a mínima para poesia — só se importavam com a guerra e só queriam falar sobre a guerra e sobre formas de acabar com a guerra. Acima de tudo, importavam-se com a grande manifestação antiguerra durante a próxima Convenção Nacional do Partido Democrata, dali a poucos dias. Seria um evento dos grandes, de acordo com a opinião geral. Todo mundo iria participar.

— Se a polícia atacar, devemos nos sentar no chão, entoar “Om” e mostrar a eles a face da paz — disse Ginsberg.

Os alunos continuaram se balançando e cantarolando de boca fechada. Alguns abriram os olhos e se entreolharam, numa espécie de faísca telepática que dizia: *Se a polícia atacar, eu não vou me sentar coisa nenhuma, vou é fugir, cacete.*

— Vão precisar usar toda a coragem que têm no peito — prosseguiu Ginsberg, como se pudesse ler seus pensamentos. — Mas a única resposta à violência é seu oposto.

Os alunos fecharam os olhos.

— É assim que se faz. Vamos praticar. Estão sentindo? Obviamente, é uma experiência subjetiva, o único tipo de experiência que realmente importa. Coisas objetivas não podem ser realmente sentidas.

Faye tirava nota máxima em todas as outras disciplinas. Em economia, biologia, letras clássicas — ainda não cometera um único erro nos testes semanais. Mas a disciplina de poesia? Ao que parecia, Ginsberg não pretendia lhes dar notas. E, enquanto a maior parte dos alunos achava isso libertador, Faye sentia uma perturbação em seu equilíbrio. Como deveria agir, se não sabia de que forma seria avaliada?

Então ela tentava se dedicar o máximo possível à meditação, mas não conseguia parar de pensar em como devia ficar ridícula meditando. Tentava cantar e se balançar de uma forma cem por cento concentrada, para sentir o que Ginsberg dizia que ela devia ser sentindo, um aprofundamento da alma, uma libertação da

mente. E, ainda assim, sempre que começava a meditar a sério, uma pequena ideia alfinetava sua mente, como um espinho: pensava estar fazendo tudo errado, e todos notariam seu fracasso. Tinha medo de abrir os olhos e descobrir a turma inteira olhando para ela e rindo. Tentava afugentar esse pensamento, mas, quanto mais meditava, mais forte ele se tornava, até um ponto em que já não conseguia ficar sentada direito, pois tinha a sensação de estar sendo dominada pela ansiedade e a paranoia.

Então ela abria os olhos, constatava que era ridícula, e todo o processo recomeçava.

Havia jurado que, desta vez, faria tudo direito. Iria se concentrar no presente, sem se sentir inibida nem insegura. Fingiria estar completamente sozinha.

Acontece que não estava completamente sozinha.

Entre os desconhecidos na sala, cerca de cinco passos a sua esquerda e umas duas fileiras à frente, estava Sebastian. Era a primeira vez que o via desde sua prisão, alguns dias atrás, e sua presença era uma sensação profunda e implacável. Faye esperava que ele a notasse. Cada vez que abria os olhos, era para lá que olhava, para ele. Parecia que Sebastian ainda não a tinha visto, ou, se tinha, parecia não se importar.

— Como aprofundar nossa alma? — perguntou Ginsberg. — É assim: sinta verdadeiramente seus sentimentos, depois repita. Entoe o cântico até a entoação se tornar automática e você sentir o que estava oculto sob a superfície o tempo inteiro. Quando digo “aprofundar a alma”, não quero dizer que devem acrescentar algo, como alguém que constrói um cômodo extra na casa. A casa sempre teve aquele cômodo. Mas é a primeira vez que você entra nele.

Faye tentou imaginar o que aconteceria se Ginsberg entrasse na garagem de um de seus tios, em Iowa, com aquela barba ridícula e o símbolo da paz no pescoço. Os tios de Faye iam se esbaldar, com certeza.

Ainda assim, mesmo contra sua vontade, estava sendo persuadida. Especialmente por suas exortações de paz e tranquilidade.

— Vocês trazem muita coisa na cabeça — disse ele. — Tem muito barulho aí dentro. — E Faye tinha que admitir que isso era verdade, que havia ruído em sua mente quase o tempo inteiro, o ruído constante da preocupação. — Ao entoar o cântico, pensem apenas no cântico, pensem apenas em sua respiração. *Vivam* sua respiração.

Faye tentava obedecer, mas não era a preocupação que a arrancava do transe, era o impulso de olhar para Sebastian, ver o que ele estava fazendo, se estava conseguindo meditar, se entoava a prece, se levava aquele negócio a sério. Queria olhar fixamente para ele. Neste grupo que transbordava de feiura contracultural — barbas espetadas, bigodes salpicados de perdigotos, bandanas suadas, jeans rasgados, jaquetas puídas, óculos escuros que pareciam estúpidos em lugares fechados, até boinas, pelo amor de Deus, e aquele cheiro de almíscar barato e tabaco —, Sebastian era de longe o cara mais bonito da sala; e isso era algo que Faye constatava de forma objetiva. Cabelo bonito, cautelosamente desgrenhado. Rosto bem barbeado. Aquele toque de beleza infantil. Cabelo em formato de cogumelo. O modo como apertava os lábios ao se concentrar. Faye contemplou tudo isso e fechou os olhos, tentando novamente alcançar um estado perfeito de paz mental.

— Parem de ter interesse apenas em si mesmos — disse Ginsberg. — Se estiverem interessados apenas em vocês, ficarão presos em si mesmos, presos em sua própria morte. É tudo o que vocês têm.

E Ginsberg retiniu os crótalos e entoou “Ommmmmm”, então os alunos repetiram “Ommmmmm”, em vozes irregulares e dissonantes, fora de tom e sintonia.

— Não existe “eu” — prosseguiu Ginsberg. — Existem apenas o universo e a beleza. Transforme-se na beleza do universo, e a beleza vai entrar em sua alma. Lá ela vai crescer e crescer, vai se espalhar e dominar, e, quando você morrer, será a *beleza*.

Faye estava começando a visualizar (conforme instruções) a imaculada luz da consciência total, o sereno nirvana que sobrevém quando o corpo (conforme instruções) já não produz som ou significado, mas apenas uma sensação perfeita de felicidade — até que, de repente, sentiu a presença de alguém, uma presença

incomodamente próxima que invadia e perturbava seu espaço pessoal, quebrando o encantamento, puxando-a outra vez à esfera mundana e às preocupações da carne. Então soltou um suspiro pesado, passivo-agressivo, mexendo o corpo, na esperança de comunicar que seu fluxo mental fora, de fato, interrompido. Tentou se concentrar de novo: luz branca, paz, amor, êxtase. E a sala continuava entoando “Ommmm” quando ela sentiu o novo vizinho aproximar-se ainda mais, uma presença junto ao ouvido, e então escutou a voz dele, num sussurro:

— Já alcançou a beleza perfeita?

Era Sebastian. O choque dessa compreensão fez com que se sentisse momentaneamente cheia de gás hélio.

Engoliu em seco.

— Me diga você — respondeu ela, e Sebastian bufou, num riso contido e abafado. Sim: ela o fizera rir.

— Eu diria que sim — sussurrou ele. — Beleza perfeita. Você conseguiu.

Faye sentiu uma onda de calor no rosto. Sorriu.

— E quanto a você? — perguntou ela.

— Não existe “eu” — respondeu ele. — Só existe o universo.

Estava zombando de Allen Ginsberg. E isso a deixou muito aliviada. Sim, pensou ela, tudo isso é uma grande idiotice.

Sebastian se aproximou ainda mais, quase grudando em sua orelha. Faye sentia a proximidade dele, uma força elétrica em seu rosto.

— Lembre, você está perfeitamente calma, em paz — sussurrou ele.

— Ok — respondeu ela.

— Nada pode perturbar essa serenidade absoluta.

— Sim — replicou ela.

Então sentiu-o, a língua dele suavemente lambendo o lóbulo da orelha dela. Isso quase a fez soltar um ganido, bem ali, no meio da meditação.

— Tentem pensar em um momento de imobilidade perfeita e instantânea — disse Ginsberg.

Faye tentou se recompor, concentrando-se naquela voz.

— Talvez em um prado nas montanhas Catskill — continuou Ginsberg —, quando as árvores parecem vivas, como em um quadro de Van Gogh. Ou imaginem que estão ouvindo Wagner na vitrola e a música de repente se transforma em algo vivo e sensual, como um pesadelo. Pensem nesse momento.

Ela já havia sentido algo assim? Um momento de transcendência, um momento de perfeição?

Sim, pensou Faye. Agora mesmo. Este era o momento.

Estava sentindo isso.

7

NAS NOITES DE segunda-feira, era isto que geralmente acontecia: Alice ficava no quarto, lendo. As garotas que nos outros dias atulhavam seu quarto e acompanhavam com cantoria entusiasmada a música da vitrola e fumavam maconha em tipos assustadores de narguilés, todas elas desapareciam nas segundas, provavelmente se recuperando. E apesar da retórica usada em público, aquela história de *dever-de-casa-é-uma-ferramenta-para-a-opressão*, Alice aproveitava as noites de segunda para ler. Um de seus muitos segredos era que ela fazia os trabalhos, ela estudava, lia livros quando ficava sozinha, consumia-os com rapidez e vigor. E não eram os livros típicos de uma ativista radical. Eram livros didáticos. Livros sobre contabilidade, análise quantitativa, estatística, gerenciamento de risco. Nessas noites, até a música na vitrola mudava. Não se ouvia mais o estridente *folk-rock* que dominava o resto da semana. Era música clássica, suave e reconfortante, pequenas sonatas ao piano e suítes de violoncelo, calmantes e acolhedoras. Havia todo esse outro lado em Alice, o gosto por sentar na cama em inacreditável imobilidade durante horas, sendo o virar de páginas o único movimento, a cada 45 segundos aproximadamente. Nesses momentos, havia nela uma serenidade que encantava o oficial Brown, sentado em um quarto escuro de hotel a dois quilômetros de distância, observando Alice por meio do telescópio superpotente requisitado pelo Red Squad, a música e o farfalhar de páginas virando sendo ouvidos por meio do rádio sintonizado ao grampo de altíssima frequência que havia plantado no quarto dela algumas semanas antes, em cima da pequena lâmpada do teto, que por sua vez substituíra o primeiro grampo, plantado embaixo da cama, cuja qualidade sonora era inaceitável, toda abafada e cheia de ecos.

Ele ainda era novo nesse negócio de espionagem.

Fazia cerca de uma hora que Brown a observava, quando houve uma batida forte e aguda à porta — som que mergulhou Brown em

um momento de confusão, sem saber se alguém batia à porta de seu próprio quarto ou no dormitório de Alice. Ficou congelado. Ouviu com atenção. Sentiu uma onda de alívio quando Alice saltou da cama e abriu a porta.

— Ah, oi — disse ela.

— Posso entrar? — disse uma nova voz.

Uma garota. Uma voz de garota.

— Claro. Obrigada por vir — respondeu Alice.

— Encontrei seu recado — disse a garota.

Brown reconheceu-a, a caloura do quarto vizinho, a que usava óculos grandes e redondos: Faye Andresen.

— Queria lhe pedir desculpas pelo meu comportamento na Casa da Liberdade — disse Alice.

— Tudo bem.

— Não, não está tudo bem. Estou sempre implicando com você. É errado. Não é esse o espírito da sororidade. Não deveria ter envergonhado você daquele jeito. Sinto muito.

— Obrigada.

Era a primeira vez que o oficial Brown via Alice se desculpar por alguma coisa ou aparentar qualquer tipo de remorso.

— Se você quer trepar com o Sebastian, o problema é seu — disse Alice.

— Eu não disse que quero trepar com ele.

— Se você quer dar pro Sebastian, isso é assunto seu.

— Eu não usaria essas palavras, na verdade.

— Se você quer que o Sebastian te coma todinha bem gostoso...

— Será que dá pra parar?

Agora ambas estavam rindo. Brown escreveu isso no bloco de anotações: *Risos*. Embora não soubesse dizer que utilidade teria esse detalhe, caso voltasse a examinar as anotações mais tarde. O treinamento de vigilância do Red Squad era enlouquecedoramente breve e vago.

— Ok, vamos falar do Sebastian — disse Alice. — Ele já tentou alguma coisa?

— O que significa “tentar alguma coisa”?

— Tomou alguma atitude? Foi super hiper carinhoso nos últimos dias?

Faye olhou-a por um momento, fazendo algum cálculo mental.

— Você fez alguma coisa, não fez?

— Isso quer dizer “sim”.

— Disse alguma coisa pra ele? O que disse? — perguntou Faye.

— Apenas comuniquei a ele o interesse especial que você sente.

— Ai, meu Deus.

— Sua peculiar fascinação por esse belo rapaz.

— Ah, não.

— Seus sentimentos profundos e secretos.

— Isso mesmo, *secretos*. Era *meu* segredo.

— Só acelerei o processo. Achei que lhe devia essa. Depois de ter sido tão puritana na Casa da Liberdade. Agora estamos quites. De nada.

— Como assim, estamos quites? Que tipo de favor é esse?

Faye dava voltas no quarto. Alice estava sentada na cama, de pernas cruzadas, divertindo-se com a situação.

— Você pretendia sofrer e definhar em silêncio — disse Alice. — Admita. Não ia dizer nada pra ele.

— Como pode ter certeza? Eu não ia *definhar*.

— Ele tomou uma atitude. O que ele fez?

Faye parou de andar e olhou para Alice. Parecia estar mordiscando o interior da bochecha.

— Lambeu minha orelha durante a sessão de meditação.

— Que sensual.

Brown anotou no bloco: *Lambida na orelha*.

— Agora ele me convidou. Para a casa dele. Quinta de noite — disse Faye.

— A véspera do protesto.

— Sim.

— Muito romântico.

— Acho que sim.

— Não. *Loucamente* romântico. Esse vai ser o dia mais importante na vida do Sebastian. Ele vai para um protesto perigoso, um possível

tumulto. Pode ficar ferido, pode ser morto. Quem sabe? E quer passar sua última noite de liberdade com você.

— Isso mesmo.

— Parece, tipo, *Victor Hugo*.

Faye sentou-se à mesa de Alice e ficou olhando para o chão.

— Eu tenho mesmo um namorado, você sabe. Na minha cidade. O nome dele é Henry. Quer casar comigo.

— Ok. E você quer casar com ele?

— Talvez. Não sei.

— Esse tipo de indiferença geralmente quer dizer “não”.

— Não é indiferença. É que ainda não me decidi.

— Ou você quer casar com ele mais que qualquer coisa no mundo ou você diz não. É simples.

— Não é simples. Nem um pouco simples. Você não entende.

— Então me explique.

— Tá bom, é mais ou menos assim. Imagine que esteja sentindo uma sede terrível. Está louca de sede. Tudo em que consegue pensar é um grande copo d’água. Certo?

— Certo.

— E você fica fantasiando sobre o grande copo d’água e a fantasia é muito real na sua cabeça, mas não mata a sede.

— Porque você não pode beber um copo d’água imaginário.

— Isso. Então você olha ao seu redor e avista uma poça de água barrenta, escura. Não é exatamente um grande copo d’água, mas tem a vantagem de ser líquida. É uma coisa real; o grande copo d’água, não. Então você escolhe a poça de água barrenta, embora não seja o que você prefere. Minha situação com Henry é mais ou menos essa.

— Já Sebastian, por outro lado...

— Ele, creio eu, é o grande copo d’água.

— Alguém devia escrever uma canção country sobre isso.

— Então, eu *realmente* não quero estragar as coisas com Sebastian. E estou com medo que ele talvez queira, sabe — Faye fez uma pausa, buscando a palavra certa —, fazer algo íntimo?

— Quer dizer, transar.

— Sim.

— Ok. E?

— Então, eu estava pensando se...

Um breve e pesado momento de silêncio. Faye olhava fixamente para as próprias mãos; Alice olhava fixamente para Faye. Agora, ambas estavam sentadas na cama, perfeitamente circundadas e enquadradas pelo visor telescópico do oficial Brown.

— Você quer uns conselhos — disse Alice, finalmente.

— Sim.

— Quer que *eu* lhe dê uns conselhos.

— Sim.

— Sobre sexo.

— Isso mesmo.

— E acha que sou uma especialista no assunto. Por quê?

Brown sorriu ao ouvir isso. Como gostava de provocar, aquela garotinha hippie.

— Oh! — exclamou Faye, com expressão constrangida. — Eu não estava sugerindo que...

— Deus do céu, *desencana!*

— Desculpa.

— Esse é o seu problema. Quer um conselho? Tem que relaxar.

— Acho que não sei fazer isso. Relaxar.

— É só, tipo, relaxar. É só respirar.

— Não é assim tão fácil. Uma vez, uns médicos tentaram me ensinar certas técnicas de respiração, mas às vezes fico muito nervosa e não consigo.

— Não consegue respirar?

— Não consigo respirar direito.

— O que acontece? Tem alguma coisa na sua cabeça? Você tenta relaxar e respirar, mas não consegue. Por quê?

— É complicado.

— Me conte.

— Tá bem. Bom, quando tento aplicar minhas técnicas de respiração, a primeira coisa que sinto é vergonha. Sinto vergonha já de saída, porque preciso de uma técnica para *respirar*. É como se eu fosse incapaz de fazer até a coisa mais elementar na vida. Como se fosse mais um fracasso meu.

— Ok — disse Alice. — Prossiga.

— E quando eu realmente começo a praticar a respiração, fico com receio de não estar fazendo direito, como se minha respiração estivesse errada, ou algo assim. Fico com medo de não ter uma respiração perfeita. De não estar praticando *a técnica de respiração ideal*, embora eu nem saiba que técnica é essa, mas certamente ela existe, e, se não a estiver praticando, sinto que estou fracassando. Não apenas na respiração; fracassando de forma geral. Como se, por não fazer isso direito, eu fosse um *fracasso na vida*. E quanto mais eu penso sobre respirar direito, mais difícil é respirar, e eu acabo sentindo que vou ter um treco, hiperventilar, ou um desmaio, algo assim.

Brown anotou isto no bloco: *Hiperventilação*.

— E aí começo a pensar que, se eu desmaiar mesmo, alguém vai me encontrar desmaiada e vai fazer um alvoroço, e vou ter que explicar por que desmaiei de repente, sem razão nenhuma, e essa é uma coisa muito idiota de se explicar, porque a pessoa que me encontrar desmaiada vai pensar que acaba de fazer algo heroico, que me salvou de uma contusão ou de um ataque cardíaco ou algo assim, mas logo vai descobrir que meu único problema é que tive um surto tentando *respirar*, e aí a pessoa vai ficar, sei lá, decepcionada. Dá pra ver na cara das pessoas quando isso acontece. Elas fazem uma cara tipo: *Ah, é só isso?* Então eu começo a surtar porque não fiz jus às expectativas das pessoas, porque meu ataque ou minha doença não é lá grande coisa, porque, perversamente, meus problemas *não são graves o bastante* para justificar sua preocupação e, portanto, as pessoas agora me olham cheias de ressentimento. E, mesmo que nada disso aconteça, eu vejo a situação toda se desenrolar na minha cabeça e fico tão aflita ante a possibilidade de algo assim acontecer que, no fim das contas, é como se tivesse acontecido mesmo. Sinto como se eu tivesse realmente vivido a situação, entende? É como se uma coisa não tivesse que acontecer para me afetar de verdade. Você deve estar achando isso uma maluquice.

— Vá em frente.

— Ok, então, digamos que eu consiga milagrosamente pôr em prática as técnicas de respiração e alcance certa sensação de paz e relaxamento; nesse caso, eu só vou desfrutar o sentimento feliz e tranquilo por uns dez segundos, porque a partir daí vou ficar aflita pensando em quanto tempo a coisa vai durar, o relaxamento, o bem-estar. Fico aflita pensando que não vou conseguir manter a sensação por tempo o bastante.

— Tempo o bastante para quê?

— Para, você sabe, ser bem-sucedida na tarefa. Para fazer a coisa direito. E a cada segundo que me sinto feliz de fato, estou mais próxima de fracassar e de voltar a ser, essencialmente, eu mesma. Costumo ilustrar essa sensação com uma metáfora: é como se estivesse andando numa corda bamba sem início nem fim. Quanto mais tempo passo lá em cima, mais energia é necessária para não cair. E aí sou invadida por uma sensação de melancolia e fatalidade, porque, por melhor que eu seja em andar na corda bamba, vou acabar caindo, inevitavelmente. É só uma questão de tempo. A queda é certa. Então, em vez de aproveitar o relaxamento e a felicidade que estou sentindo, fico apavorada, esperando o momento em que deixarei de me sentir feliz ou relaxada. E é exatamente isso, claro, o que anula e aniquila a sensação de felicidade.

— Meu Deus do céu.

— Todas essas coisas passam pela minha cabeça meio que o tempo inteiro. Então, quando você diz “É só respirar”, acho que a frase tem um significado para você bem diferente do que tem para mim.

— Sei do que você precisa — disse Alice.

Então rolou pela cama, abriu a última gaveta da mesa de cabeceira e remexeu o conteúdo, formado por uma porção de sacolas de papel pardo, até encontrar o saquinho certo; virou-o de ponta cabeça e balançou-o, deixando cair na palma da mão algo similar a duas pílulas vermelhas.

— Do meu inventário pessoal — disse ela, e o oficial Brown considerou anotar essas palavras, mas logo desistiu; jamais registrava qualquer coisa que pudesse comprometê-la. — A farmácia de Alice.

— O que é isso?

— Uma coisa para fazer você relaxar.

— Não, acho melhor não.

— Não tem perigo. Só dá uma acalmada na cabeça, diminui a inibição.

— Não preciso disso.

— Precisa, sim. Você é tipo a Grande Muralha das Inibições.

— Não, obrigada.

Brown perguntava-se o que seriam essas pílulas. Talvez psilocibina, mescalina, glória-da-manhã? Talvez metanfetaminas, DMT, STP, algum tipo de barbitúrico?

— Olha, quer ter uma noite agradável com Sebastian? — perguntou Alice.

— Sim, mas...

— E acha que consegue ter uma noite agradável nesse estado mental?

Faye pensou nisso em silêncio, por um tempo.

— Acho que consigo simular uma aparência externa. Posso convencer Sebastian de que estou gostando.

— Mas o que você vai estar sentindo, de verdade?

— Medo e pânico à flor da pele.

— É, você precisa dessas pílulas. Se estiver interessada em aproveitar o encontro, de verdade, em vez de ficar só fingindo para ele.

— Qual o efeito das pílulas?

— É como um dia ensolarado. Como se estivesse passeando em um dia ensolarado sem nenhuma preocupação.

— Eu, literalmente, jamais me senti assim.

— Efeitos colaterais: a boca fica meio pegajosa. E você tem uns sonhos esquisitos. Às vezes, alucinações suaves, mas isso é raro. É melhor tomar as pílulas junto com a comida. Vamos lá.

Alice pegou Faye pela mão e levou-a para fora do quarto, possivelmente para a lanchonete, que estaria quase vazia àquela hora da noite. O único tipo de comida disponível provavelmente seria cereais matinais ou restos refrigerados do jantar. Almôndegas. A investigação de Brown fora limitada, mas exaustiva. Conhecia a

rotina desse alojamento tão bem quanto o dia a dia em sua própria casa, na qual sua esposa acordaria em cerca de seis horas para se banhar no dilúvio de beijos e elogios da filha. Brown se perguntava até que ponto ela conseguiria apreciar esses elogios, sabendo que eram fruto da intimidação e da chantagem. Um chute: noventa por cento. Quase totalmente. Mas, pensou ele, o resto da alma dela, aqueles dez por cento restantes, estaria em frangalhos.

Brown esperava que as garotas, lá na lanchonete, estivessem falando sobre ele. Esperava que Alice estivesse falando de sua florescente relação com certo policial noturno, por quem, apesar de sua própria negação, estava se apaixonando. Uma das coisas mais deprimentes nessa vigilância noturna era constatar que Alice falava e pensava muito pouco sobre ele quando não estavam juntos. Na verdade, nunca — essa seria a estimativa mais precisa. *Jamais* havia falado a respeito dele. Nem uma única vez. Mesmo após os encontros, o que ela fazia era entrar no quarto e tomar um banho; e, se por acaso conversava com alguém, era sempre sobre coisas mundanas: a universidade, o protesto, coisas de menina. Nos últimos tempos, o tópico principal era a marcha exclusivamente feminina que Alice estava organizando para sexta-feira — planejavam desfilar pela Lake Shore Drive sem qualquer tipo de permissão, bloquear o trânsito e andar pela rua como bem entendessem. Alice falava sobre isso sem parar. Não o mencionou uma única vez. Quando ele não estava por perto, era como se não existisse para ela, o que era duplamente doloroso, pois ele pensava nela *quase o tempo inteiro*. Quando ia comprar roupas, pensava em como impressionar Alice. Quando escutava as instruções diárias do Red Squad, ficava atento a qualquer informação que pudesse envolvê-la. Quando assistia às notícias na TV com sua esposa, imaginava que era Alice quem estava ao seu lado. Ele era a agulha de uma bússola, sempre apontando para ela.

Brown olhou para além do alojamento, para as luzes na margem das águas, a vasta extensão cinzenta do lago Michigan, um vazio cálido e tremeluzente. Os pontos no céu eram aviões descendo ao aeroporto de Midway, muitos contendo as equipes de assessoria de senadores e embaixadores, vários presidentes de conselhos, lobistas

industriais, integrantes do Partido Democrata, especialistas em opinião pública, juízes, o vice-presidente, cujo itinerário era um segredo que a Casa Branca não havia partilhado sequer com a polícia.

Sentado na cama, Brown aguardou. Arriscou-se a acender uma luz para ler o jornal, cuja capa falava apenas da convenção ou do protesto contra a convenção. Serviu-se mais uma dose de uísque do pequeno bar, sabendo que o hotel lhe daria a bebida de graça, assim como todos os restaurantes brindavam os policiais com cafezinhos gratuitos. Esse trabalho tinha lá suas regalias.

Devia ter caído no sono, pois acordou ao som de risadas. Meninas rindo. O rosto dele jazia contra o jornal amassado, a boca estava pegajosa. Desligou a pequena lâmpada de cabeceira e cambaleou até seu lugar atrás do telescópio, os braços balançando, os pés se arrastando no carpete. Sentou-se, balançou a cabeça e piscou para tentar afugentar o sono. Só conseguiu enxergar alguma coisa pelo telescópio depois de esfregar as pálpebras com força. A barriga estava vazia e azeda. O turno da noite estava acabando com ele.

As garotas tinham voltado. Agora estavam na cama, sentadas, olhando uma para a outra. Estavam rindo de alguma coisa. Havia remelas nos olhos dele, que ele teve de catar uma por uma. A imagem no visor do telescópio estava estranhamente fora de foco, como se os dois prédios tivessem se afastado enquanto Brown dormia. Remexeu nas hastes do aparelho. Enquanto ele fazia isso, a imagem das garotas oscilava e saltitava, causando-lhe um vago enjoo, semelhante à vertigem que às vezes sentia ao tentar ler um livro no banco de trás de um carro.

— Tem tanta coisa dentro de você — disse Alice, já recuperada do surto de riso. Afagou suavemente o cabelo de Faye. — Tanta alegria.

Faye ainda estava dando risadinhas baixas.

— Não tem nada — disse, batendo de brincadeira na mão de Alice. — Isto não é real.

— Está enganada. Isso é *mais* real. Deveria lembrar disso. Esta é a verdadeira Faye.

— Não parece que seja eu.

— Está se encontrando de verdade pela primeira vez. A sensação só podia ser estranha, mesmo.

— Estou cansada — disse Faye.

— Lembre desta sensação e tente achar o caminho de volta, quando estiver sóbria. É como se agora você tivesse um mapa. Você está tão feliz agora. Por que não é feliz assim o tempo inteiro?

Faye olhou fixamente para o teto.

— Porque um fantasma me persegue — disse ela.

Alice riu.

— Estou falando sério — disse Faye. Sentou-se e abraçou os joelhos. — Um fantasma morava em nosso porão. Um espírito da casa. Eu o ofendi. E agora ele me persegue.

Virou-se para avaliar a reação de Alice.

— Nunca contei isso a ninguém — disse Faye. — E você provavelmente não acredita em mim.

— Só estou escutando.

— O fantasma veio com meu pai da Noruega. Costumava ser o fantasma dele, mas agora é meu. Meu fantasma.

— Deveria levá-lo de volta.

— De volta para onde?

— Para o lugar de onde veio. É assim que a gente se livra de um fantasma. Levando-o de volta pra casa.

— Estou muito, muito cansada — disse Faye.

— Tá bem. Vem aqui, eu ajudo você.

Faye se esparramou na cama, feito bêbada. Alice tirou os óculos dela e colocou-os cuidadosamente sobre a mesa de cabeceira. Caminhou até os pés da cama e desamarrou os tênis de Faye, puxando-os gentilmente até saírem. Tirou as meias dela, embolou-as e guardou-as dentro dos calçados, os quais alinhou cuidadosamente ao lado da porta. Tirou um lençol fino de debaixo da cama e usou-o para cobrir Faye, prendendo as bordas dele sob o colchão. Tirou os próprios sapatos, meias e calças e aconchegou-se ao lado de Faye, lhe afagando o cabelo. Brown jamais a vira demonstrar tanto afeto. Com certeza, jamais havia sido tão afetuosa com ele. Era um lado totalmente novo de Alice.

— Cê tem namorado? — perguntou Faye.

Suas palavras agora começavam a se misturar em um murmúrio indistinto; estava chapada ou prestes a cair no sono ou ambas as coisas.

— Não quero falar sobre garotos — disse Alice. — Quero falar sobre você.

— Cé bacana demais pra namoro. Namorar é coisa de gente careta.

Alice riu.

— Eu tenho um namorado — disse ela, e, a dois quilômetros de distância, o oficial Brown soltou um guincho de emoção. — Ou tipo isso. Há um certo cavalheiro com quem tenho relações íntimas regularmente; é assim que eu descreveria a coisa.

— Por que não o chama de *namorado*, então?

— Prefiro não dar nomes às coisas — disse Alice. — No momento em que a gente rotula, explica e racionaliza nosso desejo, estamos começando a perdê-lo, entende? Assim que você domina seu desejo, você é limitada por ele. Acho melhor ser livre e aberta. Agir de acordo com o sentimento e o desejo, sem pensar e sem julgar.

— Estou achando tudo isso muito legal, mas deve ser por causa dos comprimidos.

— Aproveite o momento — disse Alice. — É o que eu faço. Tipo, por exemplo, o cara de quem acabei de falar. O cavalheiro com quem me encontro. Não sinto nada de especial por ele. Não tenho nenhum compromisso com ele. Vou usá-lo até perder o interesse. Simples assim.

E, a alguns quarteirões de distância, o oficial Brown sentiu as entranhas entrarem em colapso.

— Estou sempre procurando alguém mais interessante — continuou Alice. — Talvez seja você. Quem sabe?

Faye respondeu numa espécie de grunhido sonolento:

— Hum-hum.

Alice esticou o braço por cima de Faye e desligou a luz.

— Todas as suas preocupações e segredos — disse ela. — Eu podia lhe ensinar umas coisas. Você ia adorar.

A cama rangeu, sinal de que uma das garotas, ou ambas, estava se esticando no colchão.

— Sabia que você é linda? — prosseguiu Alice, no escuro. — Tão linda. E nem desconfia.

O oficial Brown aumentou o som dos alto-falantes. Deitou-se na cama e abraçou um travesseiro. Concentrou-se na voz dela. Ultimamente, tivera devaneios novos e aterrorizantes: imaginava-se abandonando a esposa e convencendo Alice a fugir com ele. Poderiam começar uma vida nova em Milwaukee, por exemplo, ou Cleveland, ou Tucson, ou em qualquer lugar que ela escolhesse. Novos e loucos devaneios que o faziam sentir um misto de culpa e euforia. Em casa, àquela hora, sua esposa e sua filha estariam dormindo na mesma cama. E continuariam fazendo isso por anos e anos no futuro.

— Por favor, fique aqui. Tudo vai ficar bem — soava a voz de Alice.

Antes de encontrar Alice, Brown nem sequer percebia que faltava algo essencial em sua vida, até que, de uma hora para outra, havia descoberto e experimentado esse algo. Agora ele tinha o que antes lhe faltava, e não ia renunciar a isso de jeito nenhum.

— Pode ficar aqui quanto tempo quiser — continuava a voz de Alice, e Brown tentou fazer de conta, com todas as forças, que ela não estava falando com Faye. — Não vou embora. Vou ficar bem aqui, ao seu lado.

Tentou fazer de conta que Alice estava falando com ele.

8

UM DIA ANTES de os tumultos começarem, o tempo virou.

As garras do verão se afrouxaram e o ar de Chicago ficou delicioso e primaveril. Talvez pela primeira vez em várias semanas, as pessoas tiveram uma boa noite de sono. Nos primeiros instantes do alvorecer, um orvalho fino e lustroso cintilou sobre o chão. O mundo estava vivo e lubrificado. Havia algo de esperançoso naquela manhã, otimista e, portanto, ilusório, tendo em vista que a cidade se preparava para uma batalha: milhares de soldados da Guarda Nacional chegavam em caminhões-plataforma verdes, policiais poliam as armas e máscaras de gás, manifestantes ensaiavam técnicas de fuga e autodefesa e reuniam projéteis de vários tipos para lançar contra os policiais. A sensação geral era de que o iminente conflito merecia um dia menos agradável. O ar deveria arder com a força de nosso ódio, era o que pensavam. Como despertar o ímpeto revolucionário quando o sol afaga nosso rosto com tanta delicadeza? Em vez de ódio, a cidade estava tomada pela luxúria. Na véspera do maior, mais espetacular e mais violento protesto de 1968, a cidade estava saturada de *desejo*.

Os representantes do Partido Democrata haviam chegado. Seguiram com escolta policial até o Hotel Conrad Hilton e se reuniram, nervosos, em um bar no andar térreo, onde beberam talvez mais do que deveriam e fizeram coisas que não teriam feito sob circunstâncias menos extraordinárias. Descobriram que o arrependimento é algo flexível e relativo. Pessoas que em geral não se envolveriam em sexo casual ou exuberantes bebedeiras públicas sentiram que esse ambiente em específico encorajava ambas as coisas. Chicago estava prestes a explodir. O governo que eles defendiam estava por um fio. Os gloriosos Estados Unidos, que eles amavam, estava desmoronando. Diante da iminência da catástrofe, o que eram uns poucos casos extraconjugais? Nada além de um murmúrio de estática, baixo demais para chamar a atenção. O bar

continuou aberto muito além do horário habitual. Estava cheio. Os clientes bebiam sem parar e as gorjetas eram ótimas.

Lá fora, na Michigan Avenue, policiais a cavalo patrulhavam o parque. Oficialmente, estavam ali em busca de arruaceiros e sabotadores. Em vez disso, encontraram casais escondidos nos arbustos, sob as árvores, na praia, jovens em diversos estados de seminudez, serpenteando uns sobre os outros, tão refestelados que nem ouviram os cascos dos cavalos se aproximarem. Estavam se agarrando (ou coisa pior), fazendo coisas indescritíveis bem ali, na grama do parque Grant, na areia do lago Michigan. Os guardas mandaram que fossem embora e eles obedeceram — os garotos se afastando num andar bamboleante, constrangido. Os guardas poderiam até ter achado graça nisso, não fosse pela suspeita de que esses mesmos garotos estariam de volta no dia seguinte, berrando, brigando, atirando coisas e levando porrada das mãos desses próprios guardas. Hoje, amassos. Amanhã, massacre.

Até Allen Ginsberg encontrou alguns momentos de alívio da melancolia. Estava sentado, nu, na cama de um rapazinho grego magrelo, de vinte e poucos anos, um ajudante de garçom que Ginsberg avistara naquela mesma tarde, no restaurante onde encontrara os líderes ativistas para confabular e fazer planos. Quantas pessoas vão aparecer no protesto?, perguntavam-se. Cinco mil? Dez mil? Cinquenta mil? Ele lhes contou uma história.

— Dois homens entraram num pomar — começou ele. — O primeiro começou a calcular o número de mangueiras, quantas mangas havia em cada árvore e qual o valor aproximado do pomar. O segundo homem colheu algumas frutas e comeu. Na opinião de vocês, qual dos dois era o mais sábio?

Os jovens olharam para ele, todos pasmos, feito cordeirinhos.

— Vão comer mangas! — ordenou ele.

Eles não entenderam. A conversa passou à grande crise do dia: finalmente a prefeitura havia negado o pedido de autorização para que os ativistas protestassem no centro da cidade; não poderiam marchar pelas ruas nem dormir no parque. Hordas de manifestantes viriam para o protesto e não tinham lugar para dormir a não ser o parque. É claro que iam dormir lá de qualquer jeito e é claro que

iam marchar pelas ruas; por isso, começaram a debater a probabilidade de uma intervenção policial, já que não contariam com as devidas licenças e credenciais. A probabilidade, concluíram, era de cem por cento. E Ginsberg tentava prestar atenção, mas só conseguia pensar no ajudante de garçom, que o lembrava de certo marinheiro que avistara em Atenas, uma noite, enquanto caminhava pelas ruas antigas junto à branca ossamenta da Acrópole e de repente vira aquele marinheiro grudar os lábios, com intensa afeição, nos lábios de um jovem prostituto, ali, a céu aberto, na terra de Sócrates e Hércules, com suas estátuas onipresentes, lisas feito músculos, polidas e tenras como nata. O ajudante de garçom parecia aquele marinheiro: havia em seu rosto a mesma sugestão de libertinagem. Conseguiu chamar a atenção do jovem garçom, descobrir seu nome, levá-lo ao seu quarto no andar de cima, tirar sua roupa: um garoto magrinho com pau gigante. E não é sempre assim? Depois, aconchegado sob os lençóis, ele leu Keats para o garoto. No dia seguinte haveria guerra, mas esta noite havia Keats, havia a janela aberta para a doce brisa, havia este jovem, havia a forma como este jovem agarrava sua mão, apertando-a suavemente como se estivesse examinando uma fruta. Era tudo belo demais.

Enquanto isso, Faye estava esfregando o corpo. Havia comprado várias revistas adolescentes e todas recomendavam a mesma coisa às moças: antes de *ir até o fim*, esfregue o corpo de forma vigorosa e implacável com vários utensílios para esfregação, como panos macios, esponjas porosas, lixas, pedras-pomes. Ela gastou a maior parte do orçamento semanal em coisas para deixar o corpo liso, macio e convidativamente cheiroso. Pela primeira vez em meses, lembrava-se daqueles cartazes na aula de economia doméstica. A distância não os tornava menos horríveis — especialmente agora que Faye estava prestes a *ir até o fim*. Sebastian logo estaria ali, e ela continuava esfregando o corpo, e ainda faltava passar certos unguentos perfumados, embora temesse que fossem arder, e certas pastas cujo cheiro de rosas e lilases era tão forte que a fazia lembrar de uma funerária — ou a forma como as funerárias colocam os buquês de flores para abafar o cheiro químico de morte que, lá no fundo, sempre persiste. Faye comprou perfumes, desodorantes,

duchas ginecológicas, sais para usar no banho, sabonetes para esfregar o corpo, antissépticos ardidos e mentolados para fazer gargarejos. Faye estava começando a perceber que calculara mal o tempo que levaria para lixar, esfregar, lavar e ensaboar o corpo, e ainda mais para esguichar e aplicar seus novos bálsamos e solventes. O chão do quarto estava coberto de caixinhas de papelão cor-de-rosa. Não teria tempo de fazer tudo antes que Sebastian chegasse. Ainda tinha que pintar as unhas, usar spray modelador no cabelo, escolher a combinação correta de sutiãs e suéter. Eram etapas inegociáveis, que não podiam ser puladas. Completou o processo nos calos do pé esquerdo. Decidiu deixar para lá a parte de lixar o pé direito. Caso Sebastian notasse calos num pé e não no outro, era de se esperar que não fizesse comentários. Jurou a si mesma que manteria os pés nos calçados até o último momento possível. Esperava que, a essa altura, ele já não estivesse prestando atenção nos pés dela. Sentia o estômago revirar sempre que pensava nisso, no que estava prestes a *fazer*. Voltava então a se concentrar em seus novíssimos produtos de beleza, que ajudavam a manter o sexo algo seguramente vago e abstrato, uma espécie de conceito de marketing, em vez de algo que seu corpo iria, de fato, realizar. No encontro. Naquela noite.

Faye tinha esmaltes de três cores diferentes, cada uma delas representando certa variação do roxo: havia "roxo-ameixa", "roxo-berinjela" e uma alternativa mais conceitual, o "roxo-cosmos", que foi o que ela acabou escolhendo. Pintou as unhas do pé e fez aquela coisa com os algodões entre os dedos, então saiu andando pelo quarto apoiando-se nos calcanhares. A chapinha de cabelo estava esquentando. Havia pequenos potes de vidro com pós cor de creme que ela aplicou no rosto com uma esponja. Limpou as orelhas com um cotonete. Arrancou alguns pelos das sobrancelhas. Trocou a calcinha branca por uma preta. Depois colocou de novo a branca, depois colocou de novo a preta. Abriu as janelas e respirou o ar fresco da cidade e, como todos os outros, sentiu-se cheia de esperança e otimismo, com uma sensualidade física.

Por toda a cidade, pessoas estavam fazendo a mesma coisa. E talvez tenha havido um pequeno momento, uma pequena

oportunidade que, se aproveitada, teria evitado tudo o que aconteceu depois. Se todos os envolvidos tivessem respirado fundo, inspirado aquele ar fértil e primaveril, compreendido que aquilo era um *signal*... Então, talvez a prefeitura tivesse dado aos manifestantes as autorizações que eles pediam havia tantos meses, e talvez os manifestantes tivessem se reunido pacificamente sem atirar coisas nos outros nem provocar brigas, e talvez a polícia tivesse se limitado a observá-los desajeitadamente à distância, e todos poderiam dizer o que queriam dizer e depois ir para casa sem hematomas nem concussões nem arranhões nem pesadelos nem cicatrizes.

Talvez tenha havido um momento, uma oportunidade, mas então isto aconteceu.

Ele chegara recentemente a Chicago em um ônibus vindo de Sioux Falls — 21 anos, andarilho sem rumo, provavelmente na cidade para o protesto, mas isso jamais saberemos. Vestia-se como um mendigo: casaco velho de couro com gola rachada, mochila de pano grosso, gasta, remendada com fita adesiva, sapatos marrons maltratados por muitos e muitos quilômetros, calça de sarja enegrecida que bufava nos fundilhos, conforme a moda entre os jovens. Mas, para a polícia, o que realmente o identificava como inimigo eram os cabelos. Compridos e emaranhados, o comprimento abaixo do colarinho da jaqueta. Costumava afastar as mechas dos olhos em um gesto que, para os conservadores mais militantes, sempre parecia coisa de menina. Algo realmente feminino e aviadado. Por algum motivo, esse gesto em particular os deixava *loucos de raiva*. O rapaz tirava os cabelos da frente dos olhos, depois os puxava, ao senti-los grudar como velcro em seu bigode e na barba eriçada. Para a polícia, era igual a todos os hippies da cidade. Para eles, os cabelos longos eram uma espécie de ponto final em qualquer possível conversa.

Mas ele não era da cidade. Não era uma criatura previsível, como os representantes da contracultura local. Digam o que quiserem sobre os esquerdistas de Chicago, mas eles ao menos se deixavam ser presos sem muito alvoroço. É verdade que eventualmente diziam alguns palavrões aos policiais, mas sua reação perante as algemas

resumia-se, de modo geral, a uma debilidade irritante, às vezes elevada a uma completa flacidez corporal.

Esse homem de Sioux Fall, contudo, era de uma espécie diferente. Algo lhe acontecera no caminho até ali, algo intenso e sombrio. Ninguém sabia por que ele estava em Chicago. Viera sozinho. Talvez tivesse ouvido falar sobre o protesto, talvez quisesse participar de um movimento que, em Sioux Falls, deve ter parecido algo muito distante. Dá para imaginar a solidão que deve ter sentido, com aquela aparência, em um lugar como Dakota do Sul. Talvez tenha passado por perseguições, zombarias, assédios, surras. Talvez tenha sido obrigado a se defender várias vezes da polícia ou dos Hell's Angels — os autoproclamados defensores do ultranacionalismo beligerante. Talvez estivesse cansado disso tudo.

A verdade é que ninguém sabe o que aconteceu com ele para que carregasse, no bolso da jaqueta de couro gasta, um revólver de seis tiros. Ninguém sabe por que, quando a polícia o abordou, ele tirou a arma do bolso e puxou o gatilho.

Talvez não soubesse o que estava acontecendo naquele momento em Chicago. Talvez não soubesse que os policiais estavam levando a sério as mais infundadas ameaças, que estavam nervosos, trabalhando em turnos duplos ou triplos. Ou que os hippies haviam ameaçado provocar uma viagem psicodélica em toda a população de Chicago jogando LSD nos reservatórios de água e, embora fossem necessárias cinco toneladas de LSD para concretizar o plano, ainda assim havia policiais de guarda em todas as estações de abastecimento da cidade. E talvez não soubesse que a polícia já estava patrulhando o Conrad Hilton com cães farejadores, em busca de bombas, porque os hippies haviam ameaçado explodir o hotel, onde estavam hospedados o vice-presidente e todos os delegados do partido. Havia ainda um boato de que os hippies planejavam se disfarçar de motoristas no aeroporto para sequestrar as esposas dos delegados e lhes dar drogas e manter relações indecentes com elas, de modo que a polícia escoltava os recém-chegados desde a pista de pouso. Havia tantas ameaças que era impossível responder a todas, tantas hipóteses, tantas possibilidades. Por exemplo: como impedir que os hippies se barbeassem, cortassem o cabelo, vestissem roupas

normais e usassem credenciais falsas para entrar no Anfiteatro Internacional e detonar uma bomba? Como impedir que eles se reunissem em multidões e começassem a virar carros na rua, como haviam feito em Oakland? Como impedir que construíssem barricadas e ocupassem bairros inteiros, como fizeram em Paris? Como impedir que invadissem um prédio, como fizeram em Nova York, e como tirá-los do prédio na frente dos jornalistas, quando todos sabem que alegações exageradas de brutalidade policial aumentam as vendas dos jornais? O que os deixava mais tensos era a desventurada lógica do antiterrorismo: a polícia tinha que fazer planos para todas as situações, mas os hippies só precisavam ter êxito *uma vez*.

Então a polícia construiu uma cerca de arame farpado ao redor do estádio e pôs lá dentro um batalhão de oficiais à paisana, procurando por encenqueiros e exigindo ver as credenciais de qualquer pessoa que não parecesse um apoiador da atual administração. Os policiais selaram bueiros. Encheram o céu de helicópteros. Colocaram francoatiradores no alto dos prédios. Prepararam o gás lacrimogêneo. Trouxeram a Guarda Nacional. Requisitaram equipamento pesados. Ouviam boatos sobre tanques soviéticos rolando pelas ruas de Praga naquela semana, e uma pequena e complicada parte de sua mente sentia inveja e admiração pelos russos. *Sim, é assim que se faz, porra*, pensavam eles. Força esmagadora.

Mas nosso amigo de Sioux Falls não tinha como saber de tudo isso.

Se soubesse, teria pensado duas vezes antes de puxar a arma do bolso. Naquele instante claro e límpido, quando ele caminhava pela noite e avistava todas as estrelas que pairavam sobre a Michigan Avenue e uma viatura passou ao seu lado lentamente, depois estacionou e dois porcos saltaram lá de dentro em seus uniformes azul-bebê com mangas curtas e caminharam na direção dele com uma infinidade de geringonças balançando no cinto e disseram algo vago sobre violação do toque de recolher e perguntaram se tinha documentos; naquele exato momento, se ele soubesse o que estava acontecendo em Chicago, talvez achasse preferível passar algumas

noites na cadeia pela posse de uma arma escondida e sem registro. Mas ele viajara trinta horas horríveis dentro de um ônibus até Chicago e talvez houvesse esperado por este protesto durante toda a vida, talvez este fosse um divisor de águas para ele, talvez a ideia de perder a manifestação fosse dolorosa demais, talvez ele realmente odiasse aquela guerra e não quisesse perder a arma, quem sabe seu único meio de defesa, após uma adolescência difícil em Dakota, onde era visto como um solitário esquisito. Em sua mente, as coisas se desenrolaram assim: ele puxaria o revólver e daria um tiro de aviso e, enquanto os policiais se abaixassem ou procurassem abrigo, ele mergulharia nas sombras do beco mais próximo e fugiria. Tudo muito fácil. Talvez até já tivesse feito isso antes. Era jovem, corria rápido, passara a vida inteira correndo.

Mas, no fim das contas, os policiais não se abaixaram nem procuraram abrigo. Não lhe deram chance de escapar. Ao primeiro disparo da arma dele, os policiais sacaram seus próprios revólveres e o balearam. Quatro vezes, no peito.

O boato logo se espalhou, passando da polícia ao Serviço Secreto, à Guarda Nacional e ao FBI: os hippies estavam armados. Estavam dando tiros. *Isso mudou completamente o jogo.* Todos concordaram: um dia antes do protesto, o incidente era péssimo agouro.

Os estudantes perguntaram em suas próprias trincheiras se alguém estava esperando um homem de Sioux Falls. Quem era ele? O que estava fazendo aqui? Velas foram acesas em vigílias espontâneas por esse jovem que poderia ter sido irmão de cada um deles. Cantaram “We Shall Overcome” e se perguntaram, em segredo, se teriam coragem de morrer pela causa. A morte daquele homem, pensaram, era mais grandiosa que todos os protestos naquele longo ano — mais grandiosa porque acontecera em segredo, sem alarde, e fora às últimas consequências. Aquele homem partiu o coração de todos em Chicago ao morrer desse jeito, sem que ninguém soubesse seu nome.

Quando a notícia chegou a Sebastian, ele estava no escritório da *Voz Livre de Chicago* dando uma entrevista à CBS — então o telefone tocou e lhe disseram que alguém fora baleado, um andarilho da Dakota do Sul. E o primeiro impulso de Sebastian, a

primeiríssima coisa que lhe veio à mente de forma involuntária, foi isto: aquela morte havia acontecido exatamente na hora *certa*. A CBS News estava bem ali. Era *sorte grande*. Então ele invocou o espírito da indignação e anunciou aos jornalistas que “os porcos assassinaram um manifestante a sangue-frio”.

Rapaz, isso os deixou realmente vidrados.

A cada vez que contava a história, sua retórica subia algumas oitavas. “Um dos nossos irmãos foi morto pelo crime de discordar do presidente”, disse ele ao *Tribune*. “A polícia está matando pessoas de forma indiscriminada, como as bombas no Vietnã”, disse ao *Washington Post*. “Chicago está se transformando no posto avançado ocidental de Stalingrado”, afirmou ao *New York Times*. Organizou outras vigílias à luz de velas e informou às equipes de TV e aos fotógrafos de jornal onde as vigílias ocorreriam, mandando cada veículo para um encontro diferente, de modo que todos achassem estar dando o furo. A única coisa que os jornalistas amavam mais do que achar a história certa era achá-la primeiro.

Este era o trabalho dele: botar lenha na fogueira.

Nos meses antes do protesto, fora Sebastian quem imprimira, na *Voz Livre*, aquelas histórias escandalosas sobre contaminar os reservatórios de água com LSD, sobre sequestrar as esposas dos delegados, sobre bombas no Anfiteatro Internacional. Que tal plano jamais tenha sido considerado era irrelevante. Sebastian aprendera algo de grande importância: quando uma coisa é publicada, essa coisa *se torna verdade*. Havia exagerado em muito o número previsto de manifestantes em Chicago — e sentiu uma explosão de orgulho ao saber que o prefeito havia mobilizado a Guarda Nacional. A mensagem estava sendo transmitida. Era com isto que ele se importava: com a mensagem, com a narrativa. Quando pensava no assunto, imaginava um ovo que precisava acalentar, proteger, aquecer, afagar e nutrir, e, se ele fizesse tudo do jeito certo, o ovo cresceria até atingir gigantescas e feéricas proporções, cintilando e pairando sobre todos, um farol.

Somente agora, na véspera do protesto, Sebastian começava a compreender as implicações de todo seu trabalho. Jovens estavam vindo para Chicago. Seriam bombardeados e espancados pela

polícia. Seriam *mortos*. Isso era mais ou menos inevitável. O que até agora fora apenas ilusão, fantasia e alarde, um exercício de manipulação da opinião pública, haveria de se tornar concreto no dia seguinte. Era uma espécie de parto, e ele tremia diante dessa ideia. Então aqui estava Sebastian, sozinho, fazendo algo que ninguém esperaria desse herói impetuoso, confiante e destemido: estava sentado na cama chorando. Porque só agora compreendia o que estava para acontecer no dia seguinte, entendia o papel que ele próprio desempenhara, sabia que agora tudo estava feito, consumado e firmemente gravado na enlouquecedora face do passado.

Esta noite, ele era um farol de remorso. E por isso estava chorando. Precisava parar de pensar nisso tudo. Lembrou vagamente que tinha um encontro. Jogou água no rosto. Enfiou uma jaqueta. Olhou-se no espelho e disse: *Recomponha-se*.

Era exatamente isso que certo policial estava dizendo a si mesmo do outro lado da cidade, apoiado no para-choque da viatura, estacionado no beco de sempre, sentado ao lado de Alice, que, aparentemente, estava terminando com ele. *Recomponha-se*, pensou ele.

Como todas as outras pessoas da cidade, o oficial Brown esperava transar hoje à noite. Mas, quando se encontraram, Alice não entrou no carro nem fez exigências esquisitas, apenas se sentou pesadamente no porta-malas e disse:

— Acho que a gente precisa dar um tempo.

— Dar um tempo em quê? — perguntou ele.

— Em tudo. Tudo isso. Você e eu. Nosso caso.

— Posso perguntar por quê?

— Quero experimentar algo novo — respondeu Alice.

Brown pensou por um instante.

— Quer dizer que quer experimentar uma *pessoa* nova — concluiu ele.

— Bem, sim — disse Alice. — Encontrei alguém, eu acho. Alguém interessante.

— Então está terminando comigo por causa dessa pessoa nova.

— Tecnicamente, a gente só poderia “terminar” se houvesse algo para ser terminado, um compromisso mútuo, coisa que, obviamente, não temos.

— Mas...

— Mas sim.

O oficial Brown assentiu. Olhou fixamente para um cachorro que tentava se enfiar na lixeira de um restaurante, no outro lado do beco. Um dos muitos vira-latas da cidade, com vagos ares de pastor-alemão, mas apequenado pela mistura com outras raças. Começou a arrastar um saco de lixo preto da lata transbordando e puxou-o com os dentes.

— Então, se não fosse por essa pessoa nova, você não estaria terminando comigo? — questionou ele.

— Isso é irrelevante, já que *existe* uma pessoa nova.

— Só me faça esta última vontade. Siga o raciocínio. Se essa pessoa nova não existisse, não teria motivo para terminar nosso caso.

— Tudo bem. Sim. É uma avaliação correta.

— Quero que saiba de uma coisa: acho que está cometendo um erro — afirmou ele.

Alice lhe lançou aquele olhar condescendente que ele não suportava, um olhar que transmitia sempre a mesma mensagem: ali, a pessoa interessante e descolada era ela, e ele estava preso em um buraco pequeno-burguês do qual não havia escapatória.

— O que essa pessoa pode dar para você que eu não posso? — questionou ele.

— Você não entende.

— Eu posso mudar. Quer que eu seja uma pessoa diferente? Posso fazer isso. Não precisamos nos encontrar com tanta frequência. Pode ser semana sim, semana não. Ou uma vez por mês. Ou você quer que eu seja mais bruto? Posso ser mais bruto.

— Não é mais isso que eu quero.

— Podemos continuar, sei lá, sem compromisso. Sem nada formal. Você pode ficar com essa pessoa nova e comigo ao mesmo tempo, não?

— Isso não daria certo.

— Por quê? Você não me deu um bom motivo.

— Não quero mais ficar com você. Não é um bom motivo?

— Não. Não é nem de longe, de jeito nenhum, um bom motivo. Não me deu explicação nenhuma. Por que não quer continuar me vendo? O que eu fiz de errado?

— Nada. Você não fez nada de errado.

— Exatamente. Então você não pode me punir desse jeito.

— Não quero puni-lo. Quero apenas ser honesta.

— E o efeito de sua honestidade é me punir. E isso não é justo. Eu fiz tudo o que você pediu. Até as coisas mais esquisitas. Eu fiz tudo, então não pode simplesmente sair andando e me abandonar sem razão.

— Dá para parar de se lamentar? — falou ela, saltando do capô do carro e dando alguns passos.

O súbito movimento atraiu a atenção do cachorro; ele ficou tenso, avaliou as intenções dela, protegeu seus restos de comida.

— Será que pode agir como homem? Acabou — prosseguiu ela.

— Todas aquelas coisas que a gente fez juntos, todas aquelas coisas estranhas. Havia uma promessa nelas. Mesmo que você nunca tenha dito em voz alta. E agora você está quebrando a promessa.

— Vá para casa. Volte para sua esposa.

— Eu amo você.

— Ah, caralho.

— É verdade. Eu amo você. Estou dizendo que amo.

— Você não me ama. Só tem medo de ficar sozinho e entediado.

— Nunca conheci ninguém como você. Por favor não me deixe. Não sei o que vou fazer. Eu disse que amo você. Isso não vale nada?

— Será que você poderia *parar*?

Alice sentiu que ele estava à beira de algo importante: o pranto ou a violência. Com homens, era impossível saber ao certo. Do outro lado do beco, o cachorro parecia satisfeito por ela não demonstrar interesse em sua comida. Continuou comendo os restos de hambúrguer e as batatas fritas moles e frias, as saladas de repolho e os molhos de atum numa velocidade enfurecida que provavelmente acabaria em vômito.

— Escute. Quer um bom motivo? Aqui está o motivo. Quero tentar algo novo. É o mesmo motivo por que comecei a ficar com você. Quero experimentar algo que nunca experimentei antes.

— O quê, exatamente?

— Garotas.

— Ah, não vem com essa.

— Quero experimentar ficar com garotas. Estou com muita vontade de fazer isso.

— Ah, meu Deus — disse ele. — Por favor não venha me dizer que de uma hora para outra virou sapatão. Por favor não me diga que andei comendo uma sapatão.

— Muito obrigado pelos bons momentos. Eu desejo tudo de bom para você.

— Não é aquela garota do quarto ao lado do seu, é? Como é o nome dela? Faye, certo?

Ela o encarou, confusa, e Brown riu.

— Não me diga que é ela.

— Como você sabe sobre Faye?

— Foi com ela que você passou a noite. Segunda-feira. Não venha me dizer que se apaixonou por *ela*.

Neste momento, toda a fisionomia de Alice pareceu se enrijecer como aço. Qualquer suavidade, qualquer gentileza, qualquer intimidade que ela tenha sentido por Brown se esvaneceu num instante. Cerrou as mandíbulas, fechou os punhos.

— Como você sabe *disso*, cacete? — indagou ela.

— Por favor não me diga que vai me deixar por causa da Faye Andresen — disse ele. — Que ótimo!

— Andou me espionando, não é, seu desgraçado? Você é um psicopata.

— Você não é sapatão. Isso posso afirmar com toda a certeza. Eu teria notado.

— A conversa acabou. Eu *nunca mais* vou falar com você.

— Isso é o que você pensa — rebateu ele.

— Espere e verá.

— Se me deixar, vou prender você. Mando prender Faye também. Vou transformar a vida de vocês num inferno. Prometo. Você é

minha. Nosso caso vai acabar quando *eu disser que acabou*.

— Vou contar aos seus amiguinhos da polícia como você gostava de me comer. Vou contar à sua esposa.

— Eu podia matar você. Bem fácil. — Ele estalou os dedos. — Assim, ó.

— Adeus.

Ela saiu andando para longe da viatura. As costas formigavam à espera de alguma coisa — passos a perseguindo, um golpe de cassetete, uma bala. Alice ignorou o impulso de se virar e ver o que ele estava fazendo. Escutou o pulsar do próprio coração. As mãos estavam fortemente cerradas. Não conseguiria abri-las, mesmo se quisesse. A avenida ainda estava a uns vinte passos de distância quando ela escutou o disparo retumbante da pistola.

Ele havia atirado. Uma arma fora disparada. Algo havia sido baleado.

Alice se virou, esperando ver o corpo dele no chão, os miolos na parede. Mas lá estava ele, de pé, olhando a lata de lixo nos fundos do restaurante. Então ela entendeu o que havia acontecido. Brown não dera um tiro na cabeça. Dera um tiro no cachorro.

Alice saiu correndo. O mais rápido que pôde. Estava a dois quarteirões do beco quando ouviu as sirenes da viatura berrando pela rua. Brown a ultrapassou e seguiu em alta velocidade para o oeste, na direção do campus do Circle, na direção do alojamento estudantil onde Faye, de banho tomado, perfumada, cheirando a flores, maquiagem feita, usando as roupas mais bonitas, esperava pela chegada de Sebastian. Alice lhe dera mais dois comprimidos vermelhos e Faye os engolira antes de começar a sessão de embelezamento. Agora o calor e o otimismo das drogas se espalhavam por seu corpo. Sua animação era quase insuportável. Passara a vida inteira na solidão, comprometida com um homem que não amava, e agora esperava por esse jovem que parecia saído de um conto de fadas. Sebastian parecia a resposta à grande pergunta de sua vida. O nervosismo havia passado e agora ela estava empolgada. Talvez fossem os comprimidos, mas e daí? Imaginava sua vida com Sebastian, uma vida de arte e poesia, os dois debatendo os méritos de movimentos literários e escritores — ela

defenderia os primeiros poemas de Allen Ginsberg; ele, claro, preferiria a fase posterior —, e escutariam música, viajariam, leriam na cama e fariam todas as coisas que as jovens da classe trabalhadora de Iowa jamais fazem. Em suas fantasias, ela e Sebastian se mudavam para Paris e depois voltavam para casa, e então ela mostrava à sra. Schwingle quem era de fato a mulher sofisticada, e seu pai veria que, sim, ela realmente era alguém muito, muito especial.

Parecia o início da vida que ela realmente desejava viver.

Por isso, ela ficou exultante quando o interfone tocou e o porteiro lhe disse que um visitante a esperava lá embaixo. Ela saiu do quarto e precipitou-se pelo corredor, desceu correndo as escadas até o saguão no térreo, onde descobriu que o visitante não era Sebastian. Era a polícia.

Imagine a expressão no rosto dela, naquele instante. Quando o policial grandalhão, com corte de cabelo militar, pôs algemas em seus pulsos. Levou-a para fora do alojamento, em silêncio, enquanto todos a olhavam e ela gritava:

— O que foi que eu fiz?

Como ele pôde suportar aquilo, aquele coração despedaçado? Como pôde empurrá-la para o banco traseiro da viatura? Como esse homem pôde chamá-la de prostituta durante a viagem inteira até o centro?

— Quem é você? — perguntava ela sem parar. Ele tinha removido o distintivo e o crachá. — Isso é um engano. Eu não fiz nada.

— Você é uma prostituta — rebateu ele. — Você é uma puta.

Como ele pôde prendê-la? Como pôde fichá-la por prostituição? Como pôde levar tudo aquilo até o fim? Faye tentou manter uma expressão calma e desafiadora quando a fotografaram, mas naquela noite, na cela, sentiu a iminência de um ataque tão poderoso que se encolheu num canto tentando respirar e rezando para não morrer ali. Rezou para escapar. *Por favor*, ela pediu a Deus, ou ao universo, ou a qualquer pessoa ou criatura, balançando e chorando, deixando a saliva escorrer no chão úmido e gelado. *Por favor, me ajude.*

| PARTE OITO |

BUSCA E APREENSÃO

Fim do verão, 2011

1

O JUIZ CHARLES Brown acordou antes de o dia clarear. Sempre acordava antes do amanhecer. A esposa dormia na cama ao lado dele. Continuaría dormindo por umas três horas, ou mais. Fora assim desde o início do casamento, quando ele ainda era policial de patrulha em Chicago e trabalhava no turno da noite. Naquela época, seus horários de trabalho raramente coincidiam, e isso continuou durante todos esses anos — um hábito, uma rotina. Recentemente, ele se flagrou pensando no assunto pela primeira vez em muito tempo.

Arrastou-se para fora da cama, escalou a cadeira de rodas, sentou-se e foi até a janela. Olhou para o céu — escuro, azul-marinho, mas ganhando novas nuances. Deviam ser 4h, 4h15, um pouco menos, um pouco mais. Era dia da coleta de lixo, ele se deu conta. As latas estavam na rua. E atrás das latas, estacionado junto ao meio-fio, bem em frente à casa, havia um carro.

E isso era bem estranho.

Ninguém jamais estacionava ali. Não podia ser um vizinho. Os vizinhos moravam longe. Um dos motivos para comprar uma casa ali, naquele loteamento específico, era o fac-símile de privacidade silvestre. Do outro lado da rua, em frente à casa dele, havia um bosque de bordos-açucareiros. Os longínquos vizinhos estavam ocultos atrás de duas fileiras de carvalhos — uma fileira no terreno dele, outra no deles.

Olhou a tela ao lado da cama, onde havia instalado os controles do elaborado sistema de segurança da casa: não havia portas abertas, nem janelas quebradas, nenhum movimento. As imagens enviadas pelas várias câmeras de vídeo não mostravam nada fora do normal.

Deve ser coisa de adolescente, concluiu Brown. Adolescentes eram sempre ótimos bodes expiatórios. Provavelmente, um garoto visitando em segredo uma menina na vizinhança. Um rápido e

apaixonado defloramento estava acontecendo em algum lugar do bairro naquele exato instante. Muito bem.

Pegou o elevador para a cozinha, no primeiro andar. Apertou o botão da máquina de fazer café. O aparelho começou a borbulhar e esguichar, obedientemente — sua esposa deixara tudo preparado na noite anterior. O velho ritual. Um dos únicos sinais de que ele realmente mora com outra pessoa. Eles se veem muito raramente. Ele vai trabalhar antes que ela acorde e ela vai trabalhar antes que ele retorne.

Não é que evitem um ao outro de propósito — esse era simplesmente o jeito que haviam encontrado de viver juntos.

Quando ele decidira largar a polícia e estudar direito — isso havia acontecido quarenta anos atrás —, a esposa passara a trabalhar no turno da noite no hospital. A filha deles era pequena na época; chegaram àquele acordo para que houvesse sempre alguém em casa com ela. Mas, mesmo após a filha ter crescido e se mudado, seus horários não se alteraram. Aquela organização se tornara cômoda. Ela sempre deixava alguma comida pronta para ele. Arrumava a cafeteira de noite, pois sabia que Brown odiava ajeitar, encaixar e atarraxar as peças da geringonça — ele sempre achara que isso era complicação demais para qualquer ser humano às quatro da manhã. Brown sentia-se grato por ela continuar fazendo essas pequenas gentilezas. Nos fins de semana, viam-se um pouco mais, a menos que ele passasse o dia inteiro no escritório debruçado sobre vários tipos de documentos, precedentes, opiniões, publicações, leis. Quando se viam, trocavam novidades sobre a vida independente e totalmente separada que levavam em paralelo. Faziam vagas promessas sobre todas as coisas que fariam juntos, um dia, quando se aposentassem.

Com o café na mão, o juiz conduziu sua cadeira de rodas até o escritório e ligou a televisão. Outro ritual matutino: assistir às notícias. Antes de ir trabalhar, queria ficar por dentro de tudo o que estivesse acontecendo em todos os lugares. Em sua idade, as pessoas estavam sempre procurando sinais de declínio, esperando por sua inevitável decadência. Brown lembrava que, em seus tempos de jovem promotor, havia juizes de certa idade que se deixavam

decair à medida que a aposentadoria se aproximava. Paravam de acompanhar as notícias, a política local, e não botavam mais em dia a imensa quantidade de leitura necessária àquele trabalho. Começavam a se comportar como cientistas malucos — megalomaníacos imprevisíveis, supremamente confiantes em suas decrescentes habilidades, tratando o tribunal como seu laboratório pessoal. Brown havia jurado jamais se transformar *nisso*. Assistia às notícias de manhã e lia todos os jornais entregues em casa (embora, hoje em dia, a sensação de ler o jornal impresso fosse um tanto esquisita).

Mas os noticiários falavam daquilo que todos os noticiários falavam atualmente: as eleições. A data da eleição ainda estava bem distante, mas as notícias davam a impressão de que faltava pouquíssimo tempo: os jornalistas salivavam ao falar sobre a campanha das primárias, sobre os candidatos presidenciais que haviam praticamente fixado residência tanto nos canais a cabo quanto em Iowa, onde a nomeação das candidaturas aconteceria em cerca de três meses. Entre eles, Sheldon Packer, também conhecido como “O Governador”, estava na dianteira, segundo várias pesquisas, levantamentos e especialistas, os quais debatiam se a popularidade do governador era ou não apenas uma bolha de simpatia pós-atentado, prestes a estourar. Por enquanto, parecia que o ataque de Faye Andresen era a melhor coisa que poderia ter lhe acontecido.

Era isso que a nação teria de aguentar até o ano seguinte. Doze longos meses de comícios, gafes, propaganda eleitoral, acusações e idiotices sem fim — idiotices agoniantes, idiotices que beiravam a imoralidade. Era como se, a cada quatro anos, todos os noticiários do país perdessem a noção da realidade. E então bilhões de dólares seriam gastos para realizar o que já era inevitável: a eleição inteira, no fim das contas, seria decidida por um punhado de eleitores indecisos no condado de Cuyahoga, em Ohio. A matemática eleitoral basicamente decretava isso.

Democracia! Salve, salve!

Aparentemente, as duas palavras mais populares entre os noticiários de TV para descrever a campanha de Packer eram

“burburinho” e “impulso”. Nos comícios, Packer dizia que o recente atentado contra sua vida o tornara mais resoluto do que nunca. Garantia que jamais se deixaria intimidar por brutamontes liberais. Nos eventos da campanha, entoava o refrão de “Break My Stride”. O novo governador do Wyoming lhe dera uma condecoração honorária, o Coração Púrpuro. Algumas personalidades da TV a cabo diziam que ele estava “continuando bravamente sua campanha apesar dos enormes riscos pessoais”, outras diziam que estava “colhendo friamente todas as vantagens possíveis de um incidente sem importância”. Parecia não haver nenhuma posição possível entre esses dois extremos. O vídeo de Faye Andresen jogando pedras no governador continuava sendo transmitido sem parar. Em um dos canais, certo comentarista disse que o vídeo era evidência de uma conspiração liberal, apontando pessoas na multidão que poderiam estar ajudando ou incitando-a. Em outro canal, disseram que o governador “não parecia nada presidenciável” no momento em que se abaixou e fugiu sob a saraivada de pedras.

Os noticiários não conseguiam mencionar o governador Packer sem também mencionar o julgamento de Faye Andresen, e isso deixava o juiz Brown feliz. Fazia com que se sentisse notável e importante. O governador “ainda estava em alta nas pesquisas após o brutal atentado em Chicago”, era o que os noticiários diziam. Claro, as razões para isso eram bem simples: o atentado tornara o governador mais famoso, e fama tende a atrair mais fama. Assim como a riqueza tende a aumentar por si mesma, a fama também se engrandece por si própria, como uma espécie de riqueza social, uma abundância conceitual. Um dos muitos benefícios em assumir o caso de Faye Andresen era que, ao fazer isso, o juiz Brown também se tornara um pouco famoso. Outro era o adiamento da aposentadoria, que só iria acontecer após o veredito. Pelo menos um ano, calculava.

Esses não foram os motivos principais para assumir o caso, mas foram parte da decisão, parte da conjuntura. O principal motivo, claro, era que Faye Andresen merecia qualquer crueldade possível. Que dádiva, esse caso. Era como um presente de aposentadoria: uma oportunidade de vingança, uma punição justa por tantos anos de sofrimento.

Deus do céu, *aposentadoria*. O que diabo fariam juntos, ele e a esposa, depois de aposentados?

Havia os clichês de sempre: deviam viajar, era o que a filha lhes dizia. E, claro, talvez viajassem mesmo, para Paris ou Honolulu, ou Bali, ou Brasil. Tanto faz. Qualquer lugar parecia igualmente horrível, pois há algo que jamais é mencionado sobre viagens após a aposentadoria: para que a viagem funcione, é preciso, no mínimo, que você ature a companhia da pessoa viajando com você. E ele ficava imaginando todo o tempo que teriam de passar juntos — em aviões, em restaurantes, em quartos de hotel. Não poderiam escapar um do outro. O lado bom da situação atual era que podiam sempre culpar o trabalho pelo isolamento mútuo. Podiam alegar que o motivo para se verem tão pouco eram os horários rigorosos que ambos tinham de cumprir — e não o rancor que sentiam um pelo outro.

Com que facilidade uma simples fachada pode se transformar em nossa própria vida; na verdade de nossa vida.

Imaginou-se com a esposa em Paris, tentando conversar. Ela daria pequenas palestras sobre o inovador sistema de saúde do país; ele faria dissertações similares sobre a jurisprudência francesa. Isso talvez funcionasse durante um dia ou dois. Então começariam a falar amenidades sobre qualquer coisa que estivesse à frente naquele momento: as charmosas ruas parisienses, o clima, os garçons, a luz do dia que só se dissipava após as dez da noite. Museus seriam uma boa opção, pois seriam obrigados a ficar em silêncio. Mas então acabariam num restaurante olhando para os cardápios e ela diria que tal comida parece boa e ele diria que essa outra comida também parece boa e eles olhariam para os pratos em mesas alheias e apontariam aqueles que também pareciam bons e confessariam que talvez estivessem mudando de ideia sobre o pedido. Todo aquele debate íntimo que geralmente ocorre quando alguém escolhe um prato em um restaurante teria de ser expresso em voz alta e representado como numa peça, com o simples propósito de preencher espaço e estufar o silêncio com tagarelice sem sentido para que nenhum deles tocasse no assunto sobre o qual jamais falavam, mas que estava sempre em suas cabeças: já teriam

deixado um ao outro *há muito tempo* se pertencessem a uma geração em que o divórcio é aceitável. Por décadas, haviam evitado esse assunto. Era como se tivessem chegado a um acordo: somos quem somos, nascemos onde nascemos, aprendemos que é errado se divorciar, desaprovamos abertamente outros casais, casais mais jovens, que se divorciam, mas secretamente sentimos pontadas de inveja da habilidade de se separar e casar de novo, reencontrar a felicidade.

Aonde essa decência iria levá-los? Quem estava ganhando com isso?

Ela jamais o tinha perdoado pela luxúria de sua juventude, por sua antiga indiscrição. Jamais o perdoara, mas também jamais falava no assunto, não depois do acidente que o colocara na cadeira de rodas, e essa solução era bastante eficaz. Sim, ele fora punido por Deus por causa de sua luxúria e fora punido por sua esposa durante décadas; agora seu trabalho era punir os outros. Um trabalho bastante apropriado. Ele aprendera com os melhores professores.

Não, eles não iriam viajar juntos. O mais provável é que se ocupassem com hobbies separadamente, tentando ao máximo reproduzir na aposentadoria o mesmo esquema de suas vidas atuais. Iriam ficar em andares diferentes em sua gigantesca casa. Era uma vida incômoda, sim, uma vida dolorosa. Mas era familiar. E isso era menos assustador do que imaginar o que poderia acontecer quando ambos admitissem todo o rancor e toda a raiva que sentiam um pelo outro e se sentassem para conversar de verdade.

Às vezes o que mais evitamos não é a dor, mas o mistério.

Havia terminado de beber quase metade do café da cafeteira quando ouviu o caminhão do entregador de jornal passando lá fora e logo escutou o exemplar cair suavemente na entrada de carros da casa. Abriu a porta da frente e deslizou a cadeira pela curta rampa do gramado, desembocando na calçada e deixando que o impulso o conduzisse à pista, onde estava o jornal, enrolado em um saco plástico laranja. O carro estranho, ele notou, ainda estava lá. Um sedã de aparência banal, que poderia ter sido fabricado em qualquer lugar, dentro ou fora do país. Cor marrom-clara, capô um pouco

amassado, mas, de resto, completamente anônimo e inofensivo, um desses carros que a gente mal nota em uma estrada, do tipo que vendedores de veículos chamariam de “acessível”. Um adolescente pegou o carro do pai emprestado, pensou Brown. Melhor ir embora de uma vez, pois o resto da vizinhança logo vai estar de pé. Em menos de uma hora, vai haver gente correndo, passeando com cachorros, todos atentos à presença de estranhos, e sobretudo garotos vagando pela rua em estupor pós-coito.

Mas, no instante em que o juiz Brown estendeu o braço para apanhar o jornal, algo chamou sua atenção, algo nas árvores: um breve movimento. O céu começava a clarear, mas o quarteirão ainda estava escuro e as árvores atrás do carro continuavam negras. O juiz estreitou os olhos, buscando confirmar sua impressão: alguma coisa havia, de fato, se mexido lá atrás? Havia alguém ali, naquele instante, observando-o? Procurou algum vulto humano.

— Estou vendo você — disse ele, embora não estivesse vendo nada.

Seguiu na cadeira até o meio da rua e, enquanto isso, uma figura emergiu do arvoredo.

Brown se deteve. Ele tinha inimigos. Assim como todo juiz. Seria um traficante de segunda, um cafetão, um usuário de crack de tocaia, em busca de vingança? Brown já perdera a conta de quantas pessoas condenara. Pensou em sua arma, o velho revólver que agora jazia, inútil, sobre a mesa de cabeceira no segundo andar. Pensou em gritar o nome da esposa, pedir socorro. Empertigou-se na cadeira o máximo que pôde. Exibiu a expressão mais calma, intensa e assustadora que poderia naquele momento.

— Como posso ajudá-lo? — indagou Brown.

O vulto se aproximou, entrando no halo de luminosidade — um homem jovem, talvez na casa dos trinta, com um rosto que parecia aflito e intimidado, expressão que Brown viera a conhecer muito bem após tantos anos no judiciário: a cara constrangida de alguém pego em flagrante fazendo algo errado. Esse homem não era nenhum usuário de crack em busca de vingança.

— O senhor é Charles Brown, certo? — perguntou o homem.

A voz dele: jovem, aguda, um pequeno guincho.

— Sou — respondeu Brown. — Esse carro é seu?

— Aham.

— Estava se escondendo atrás da árvore?

— Parece que sim.

— Posso perguntar por quê?

— Não tenho uma resposta muito boa.

— Dê a melhor que puder.

— Foi uma decisão tomada no calor do momento. Acho que eu queria vê-lo, saber mais a seu respeito. Para falar a verdade, tudo fazia mais sentido na minha cabeça do que agora enquanto tento explicar.

— Vamos recomeçar do zero. Por que está espionando minha casa?

— Estou aqui por causa de Faye Andresen.

— Ah — disse Brown. — É jornalista?

— Não.

— Advogado?

— Digamos apenas que sou uma parte interessada.

— Deixe disso, rapaz. Já memorizei a placa do seu carro. Vou fazer uma pesquisa completa assim que entrar em casa. Não adianta mais se fazer de tímido.

— Eu queria falar com o senhor sobre o caso de Faye Andresen.

— Isso geralmente ocorre no tribunal.

— Eu estava pensando se o senhor talvez pudesse, sabe, retirar todas as acusações contra ela...

Brown riu.

— Retirar todas as acusações. Claro.

— E, quem sabe, deixá-la em paz?

— Isso é engraçado. Você é um cara engraçado.

— Porque a verdade é que Faye nunca fez nada de errado — disse o homem.

— Ela apedrejou um candidato à presidência.

— Não, não é disso que estou falando. Estou falando de 1968. Ela não fez nada de errado. Para você.

E isso fez com que Brown hesitasse por um momento. Franziu o cenho e estudou o rosto do rapaz.

— O que você pensa que sabe?

— Sei de tudo o que aconteceu entre você e ela. Sei sobre Alice.

Ao pensar nela, Brown sentiu um nó na garganta.

— Você conhece Alice? — perguntou ele.

— Falei com ela.

— Onde ela está?

— Isso eu não vou contar.

Brown sentiu os músculos do rosto se enrijecendo, sentiu aquele velho tique, a face se contraindo e se ossificando sempre que pensava em Alice e no que acontecera tempos atrás, hábito que hoje, na velhice, lhe causava graves sofrimentos ligados à ATM. Suas lembranças de Alice jamais se esvaneceram — pelo contrário, tornaram-se um reservatório para todo remorso, desejo, culpa e ira, década após década. Quando aquela velha fotografia de Alice apareceu na televisão recentemente, Brown foi invadido pela lembrança do corpo dela, uma onda de memória sensorial tão profunda e tátil que, por um instante, sentiu o mesmo fluxo de excitação que o acometia ao encontrá-la andando pelas ruas, tarde da noite.

— Suponho, então, que esteja aqui para me chantagear, certo? — disse Brown. — Eu deixo Faye Andresen escapar e, em troca, você não entrega essas informações à imprensa. Acertei?

— Para falar a verdade, isso nem passou pela minha cabeça.

— Além disso, quer dinheiro?

— Eu sou constrangedoramente ruim com essas coisas — respondeu o homem. — Você acaba de bolar um plano muito melhor que o meu. O fato é que eu só vim aqui espioná-lo.

— Mas agora está considerando me chantagear. Essa é uma afirmação correta, não é? Está ameaçando me chantagear. Está ameaçando um juiz.

— Espere aí. Um momento. Note que eu não disse nada disso. Você está colocando palavras comprometedoras na minha boca.

— O que você diria à imprensa? Como explicaria o que aconteceu? Eu adoraria ouvir sua história.

— Bem, acho que eu diria a verdade, não? Que você estava tendo um caso com Alice, e Faye estragou tudo. E você esperou todos

esses anos para se vingar. E foi por isso que assumiu o caso.

— Aham. Quero ver você provar isso. Boa sorte.

— Se eu contasse para todo mundo, e não estou dizendo que *vou* contar para todo mundo, estou dizendo *se*, é uma hipótese, ok? Então você passaria um vexame público. Seria julgado e condenado pela imprensa. Seria afastado do caso.

Brown sorriu e revirou os olhos.

— Olha só, eu sou juiz itinerante do condado de Cook. Tomo café da manhã regularmente com o prefeito. Fui eleito Homem do Ano pela Ordem dos Advogados de Chicago. Não sei quem diabo é você. Mas, a julgar por essa porcaria de carro, eu diria que não é o Homem do Ano nem aqui nem na China.

— O que quer dizer com isso?

— Se for a minha palavra contra a sua, acho que a vantagem está do meu lado.

— Mas Faye não fez nada contra você. Ela não pode ir para a cadeia por algo que não fez.

— Ela arruinou a minha vida. Ela me colocou nesta cadeira de rodas.

— Ela nem sabia quem você era.

— Eu avisei a Faye uma vez: nunca deixe eu encontrar você em Chicago. Foi isso que eu lhe disse. Sempre cumpro minha palavra. E você tem o desprazer de vir aqui *me dizer* o que devo ou não devo fazer com ela? Deixe explicar o que vai acontecer. Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para condená-la por um crime em primeiro grau. E vou vê-la apodrecer.

— Isso é loucura!

— É melhor não tentar me impedir.

— E se eu tentar?

— Você sabe quais as penalidades por ameaçar um juiz?

— Mas eu nunca ameacei você!

— Não é o que vai parecer. Do ponto de vista daquela câmera de segurança, no meu alpendre, vai parecer que você ficou escondido nas árvores, o que é *muito* suspeito, que eu saí de casa e nesse momento você se aproximou de maneira ameaçadora.

— Você tem uma câmera de segurança?

— Eu tenho *nove* câmeras de segurança.

Com isso, o homem caminhou de volta para o carro, entrou e girou a chave na ignição. O motor rumorejou baixinho. Então, com um zumbido elétrico, o vidro da janela baixou.

— Alice estava certa — disse o homem. — Você é um psicopata.

— Não se meta no meu caminho.

O carro arrancou e Brown o olhou seguir até o fim da rua, dobrar a esquina e acelerar com as luzes apagadas.

2

FAYE ESTAVA JOGADA no sofá e assistia televisão, os olhos vítreos, o rosto sem expressão. Lá atrás, Samuel andava pelo apartamento, da cozinha ao sofá e de volta à cozinha, observando-a. Ela trocava de canal sem parar, olhando cada programa por no máximo cinco segundos. Os comerciais ela pulava automaticamente. Aos programas, dava o tempo de um respiro para que prendessem sua respiração. Então *zap*. A pequena televisão ficava sobre a cornija da lareira sem uso. Samuel poderia jurar que, em sua primeira visita, a TV não estava ali.

No meio da manhã, o sol cintilava nas águas do lago Michigan. Pelas janelas abertas, Samuel escutava buzinas de carro à distância. O típico rugido da cidade em dias úteis. A oeste, avistava a Dan Ryan Expressway, com o trânsito rastejante de sempre. Samuel viera para cá logo após seu desafortunado encontro com o juiz Brown. Concluía que precisava alertar a mãe, contar-lhe o que agora sabia sobre o juiz. Havia apertado o interfone uma vez, e de novo, e de novo. Estava prestes a jogar pedrinhas nas janelas do terceiro andar quando a porta do edifício finalmente se abriu com um estalo. Samuel subiu e encontrou a mãe desse jeito: silenciosa, distraída, meio confusa.

Faye trocou de canal outra vez, e a tela mostrou um reality show sobre um casal tentando reformar a cozinha, o que pareceu prender sua atenção.

— Na superfície, esse programa é sobre melhorias domésticas, mas o que estamos vendo, na verdade, são duas pessoas varrendo as cinzas de um casamento morto — disse ela.

No programa, vídeos do casal tentando desastrosamente fazer coisas sozinhos alternavam-se com entrevistas individuais em que um cônjuge reclamava do outro. O marido — apressado demais com o martelo — abriu um buraco em uma parede que pensava estar marcada para demolição, mas, no fim das contas, não estava. Corta

para um vídeo da esposa reclamando do marido, dizendo que ele jamais a escuta e que é essencialmente incapaz de seguir instruções. Corta para o marido examinado o estrago na parede e proclamando com falsa autoridade: *Vai ficar tudo bem, é só manter a calma.*

— Esses dois se odeiam completamente — disse Faye. — Estão usando a cozinha como os Estados Unidos usaram o Vietnã.

— Esse aparelho de TV. Não estava aqui na minha primeira visita. Tenho certeza — comentou Samuel.

Faye não respondeu. Continuou olhando para a frente, apática. Por um minuto inteiro. Nesse meio-tempo, assistiu ao marido chutando uma placa de gesso, que se despedaçou e se espalhou pela sala, e embora tenha parado a uns três metros da esposa, ela gritou como se estivesse em perigo mortal: *Ei! Estou aqui!* Então Faye pestanejou, balançou a cabeça como alguém acordando de um transe, olhou para Samuel e disse:

— Hein?

— Você parece chapada. Usou alguma droga por acaso?

Ela assentiu.

— Tomei uns comprimidos hoje de manhã.

— Que comprimidos?

— Propanolol, para pressão sanguínea. Benzodiazepina para os nervos. Aspirina. Algum remédio inventado para ejaculação precoce, mas que hoje usam contra ansiedade e insônia.

— Costuma tomar tanto remédio junto?

— Nem sempre. Ficaria surpreso com quantas drogas foram inventadas originalmente para os problemas sexuais dos homens. São praticamente o motor da indústria farmacêutica. Agradeça a Deus pelas disfunções sexuais masculinas.

— Algum motivo para tomar esses remédios hoje?

— Simon telefonou. Você lembra de Simon. Meu advogado?

— Lembro.

— Ele tinha más notícias. Ao que parece, a promotoria ampliou as acusações contra mim. Acrescentaram dois itens hoje. Atos de terrorismo doméstico. Ameaça de terrorismo. Esse tipo de coisa.

— Tá brincando.

Ela apanhou um bloco de notas enfiado entre as almofadas do sofá e leu em voz alta:

— Ações que colocam a vida humana em risco causando terror, medo ou intimidação, ou tentativas de influenciar as políticas de um governo por meio de intimidação e coerção.

— Estão forçando a barra.

— O juiz Brown convenceu o promotor a acrescentar as novas acusações. Pelo que entendi, hoje de manhã ele chegou ao trabalho superempolgado, querendo me colocar na cadeia pelo resto da vida.

Samuel gelou por dentro. Sabia exatamente o que instigara essa nova onda de fanatismo do juiz, mas se sentia incapaz de contar tudo a sua mãe neste momento.

— Isso tudo me deixou meio aturdida — explicou Faye. — E nervosa. Daí os comprimidos.

— Entendo.

— Aliás, sabe de outra coisa? Simon disse que eu não deveria falar com você.

— Francamente, eu tenho minhas dúvidas sobre a aptidão legal daquele cara.

— Ele suspeita que você tenha segundas intenções.

— Ah. Obrigado por me deixar entrar — disse Samuel, olhando para os sapatos.

— Fiquei surpresa por você querer me ver. Especialmente depois da última visita. Seu encontro com Simon, sabe? Não tinha como aquilo dar certo. Me desculpe.

Lá fora, Samuel escutou o guincho de um trem freando, as portas se abrindo de supetão, o *dim-dom* do alerta e o anúncio da voz automática: *Portas se fechando*. Samuel percebeu que foi a primeira vez que ela pediu desculpas.

— Por que veio me ver? — perguntou Faye. — Assim sem avisar, de improviso.

Samuel deu de ombros.

— Não sei.

Na televisão, em uma entrevista, o marido estava contando que havia mandado a esposa a uma gigantesca loja de apetrechos

domésticos para comprar uma ferramenta que não existe: um paquímetro para medir balcões de cozinha.

— Essa gente não consegue reformar a própria relação, por isso reformam a grande metáfora de sua relação — analisou Faye.

— Preciso respirar um pouco. Que tal dar uma caminhada?

— Por mim tudo bem.

Samuel foi até o sofá e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar; ao agarrá-la, ao sentir seus dedos finos e frios, percebeu que era a primeira vez que se tocavam em muitos anos. Seu primeiro contato físico desde que ela o beijara a testa e apertara o rosto contra o seu cabelo na manhã da partida, quando ele prometeu escrever livros e ela prometeu lê-los. Samuel não esperava sentir nada neste momento, ao segurar sua mão, ao ajudá-la a se erguer. Mas seu coração deu um salto. Até agora, não havia percebido quanto precisava tocá-la.

— É, minha mão está fria. É um efeito colateral dos remédios — disse Faye, erguendo-se.

Saiu arrastando os pés, em busca dos sapatos.

Ao deixarem o apartamento, Faye pareceu despertar da letargia, e seu humor melhorou. Era um dia ameno e agradável, no fim do verão. As ruas, em sua maior parte, estavam desertas e tranquilas. Caminharam para o leste, rumo ao lago Michigan. Faye contou que, antes da recessão, o mercado imobiliário do bairro estava a pleno vapor. Era parte de um distrito industrial construído no início do século XX, cheio de antigos matadouros. Ficou abandonado por décadas, até que, alguns anos atrás, os velhos armazéns começaram a se transformar em requintados *lofts*. Mas veio o colapso do mercado imobiliário, e as reformas pararam. A maioria dos empreiteiros desistiu do negócio. As obras foram abandonadas pela metade e as construções empacaram no meio da metamorfose. Alguns prédios mais altos ainda apresentavam guindastes ociosos, avultando sobre eles. Faye contou que costumava ficar olhando de sua janela enquanto os guindastes içavam placas de gesso e blocos de concreto. Houve uma época em que todos os prédios no quarteirão tinham um desses guindastes.

— Como pescadores debruçados em um pequeno lago. Era o que parecia — comparou ela.

Desde então, contudo, a maioria dos guindastes fora desmontada. Os restantes haviam permanecido imóveis por dois anos. E, assim, prestes a ser reabitado, o bairro continuou vazio.

Faye disse que se mudara para ali por causa do aluguel barato e porque não precisava interagir com outras pessoas. Foi um choque quando os empreiteiros chegaram, e o rancor crescia nela à medida que eles colocavam nomes nos prédios: O Embaixador, O Armarinho, O Engenho, O Marco, O Vilarejo. Ela sabia, com prédios de nomes chiques, pessoas insuportáveis chegariam. Jovens com ótimos empregos. Gente que passeia com cachorros. Gente com carrinhos de bebê. Advogados com suas esposas infelizes e desgraçadas. Imitações de trattorias italianas, bistrôs franceses e bares de tapas espanhóis, mas de uma forma diluída, inofensiva, padronizada. Lojas de comida orgânica e *fromageries* e lojas de bicicletas de roda fixa. Assistiu enquanto seu bairro se transformava nisto: o mais novo enclave de yuppies na cidade. Começou a se preocupar com o aluguel. Talvez tivesse de começar a conversar com os vizinhos — o que também a preocupava. Quando o mercado implodiu e os empreiteiros desapareceram e os letreiros com nomes chiques começaram a desabar sobre a neve, Faye comemorou. Voltou a caminhar sozinha pelas ruas desertas, exultante, com aquele apetite por isolamento e exclusividade que é próprio dos eremitas. Esse quarteirão abandonado era *dela*. E isso lhe dava um enorme prazer.

Faye precisava que o aluguel continuasse barato, do contrário não poderia seguir fazendo o que fazia — ler poesia para crianças, homens de negócios, pacientes recém-operados e detentos. Era um serviço individual, caridade sem fins lucrativos. Fazia isso há anos.

— Eu pensava que queria ser poeta. Quando era mais jovem — disse ela.

Haviam chegado a um bairro com ruas mais agitadas: uma avenida, pessoas caminhando nas calçadas, algumas pequenas mercearias. Não era, ainda, um lugar gentrificado, mas Samuel pôde detectar o primeiro sinal de gentrificação: uma cafeteria com um cartaz anunciando Wi-Fi gratuito.

— E por que não fez isso? Por que não se tornou poeta, quero dizer — perguntou Samuel.

— Eu tentei. Mas descobri que não tenho muito talento.

Explicou que havia desistido de escrever poesia, mas não desistira da poesia em si. Iniciou um projeto sem fins lucrativos para levar poesia às escolas e prisões. Decidiu que, se não conseguia escrever poemas, faria algo parecido.

— Quem não pode produzir, distribui — explicou ela.

Sobrevivia por meio de bolsas pagas por associações artísticas e pelo governo federal, bolsas eternamente precárias, sempre atacadas por políticos, sempre sob o risco de evaporar. Nos tempos de crescimento econômico acelerado, antes da recessão, vários bancos e firmas de advocacia a contrataram para fornecer “inspiração poética diária” aos funcionários. Passou a dar seminários de poesia em conferências de negócios. Aprendeu a falar a linguagem do executivo mediano, que consiste, basicamente, na transformação de substantivos idiotas em verbos estúpidos: maximizar, monetizar, randomizar, externalizar. Preparou apresentações de Power Point sobre *como a inspiração poética pode maximizar a comunicação com o cliente*. E outras apresentações sobre *como externalizar o estresse e reduzir riscos de violência no ambiente de trabalho por meio da poesia*. Os executivos juniores na plateia não faziam a menor ideia do que ela estava falando — mas os chefões engoliam tudo. Isso tudo aconteceu na época em que os grandes bancos jogavam dinheiro para todos os lados, antes da recessão.

— Eu cobrava cinquenta vezes mais do que cobrava nas escolas, e eles nem pestanejavam — disse ela. — Depois dobrei o preço, e mesmo assim eles não notaram. Coisa que me deixou muito espantada, pois minhas apresentações eram pura besteira. Eu inventava durante o processo. Esperava que eles acabassem descobrindo, mas isso nunca aconteceu. Continuaram me chamando para dar palestras. Quer dizer, até a recessão começar. Quando as pessoas compreenderam o que estava acontecendo, ou seja, que a economia global estava meio que completamente fodida, os pedidos de palestras logo desapareceram, assim como os executivos

juniores, quase todos despedidos sem aviso numa sexta-feira, pelos mesmos chefes que, um ano antes, desejavam a eles uma vida cheia de beleza e poesia. Aliás, na primeira vez em que você veio, eu escondi a televisão. Ou seja, você estava certo.

— Escondeu a televisão. Por quê?

— Uma casa sem televisão transmite certa mensagem. Eu queria incrementar o quociente de ascetismo zen. Queria que você pensasse que sou uma pessoa sofisticada. Pode me julgar.

Continuaram caminhando. Agora estavam voltando ao bairro de Faye, cujo limite oriental era uma ponte sobre um emaranhado de trilhos que cortavam a cidade como um zíper. Uma quantidade de trilhos suficiente para abastecer todos os matadouros com ração e animais, para levar a escória de todas as fornalhas, e, agora, para transportar todos os moradores suburbanos para o trabalho e vice-versa. Um elevador largo cuja estrutura de suporte estava totalmente pichada com as diversas assinaturas dos jovens aventureiros de Chicago, que decerto costumavam chegar ali pulando do alto do elevador, pois o único caminho alternativo para lá parecia ser, hoje, uma cerca de tela metálica com arame farpado.

— Eu fui ver o juiz hoje de manhã — revelou Samuel.

— Que juiz?

— O *seu* juiz. O juiz Brown. Fui à casa dele. Queria dar uma olhada no sujeito.

— Estava espionando um juiz?

— Acho que sim.

— E?

— Ele é paralítico. Está em uma cadeira de rodas. Tem alguma ideia do que aconteceu com ele?

— Não. Por quê? Deveria ter?

— Não sei. É que... eu não contava com isso. Um fato inesperado. O juiz é inválido.

Havia certo aspecto das pichações que Samuel achava romântico. Especialmente em lugares perigosos. Havia algo romântico em um escritor que arriscava ferimentos físicos para escrever suas palavras.

— Qual foi sua impressão? Sobre o juiz — perguntou Faye.

— Parecia raivoso e pequeno. Mas o tipo de pequenez de quem um dia foi grande e encolheu. Branco. Branco como cera. A pele dele parecia papel; fina, quase translúcida.

Claro, não é que as pichações dissessem algo importante. Eram apenas os nomes dos pichadores, repetidos inúmeras vezes, cada vez maiores e mais espalhafatosos e mais coloridos. E, pensando bem, essa era a mesma estratégia usada por cadeias de fast-food em outdoors espalhados por todo o país. Era só autopromoção. Apenas mais ruído. Não era uma escrita movida à necessidade desesperada por ter algo a dizer. Estavam divulgando sua marca. Toda aquela clandestinidade e ousadia só serviam para regurgitar a estética dominante. Era deprimente. Até a subversão fora subvertida.

— Você falou com ele?

— Não era meu plano — respondeu Samuel. — Eu realmente só queria dar uma olhada. Estava coletando informações. Era só uma investigação. Mas aí ele me viu.

— E é possível que essa conversa tenha algo a ver com as novas acusações hoje de manhã?

— É possível, sim.

— É possível que talvez eu tenha sido acusada de *terrorismo* por sua causa. É isso que está dizendo?

— Talvez.

Haviam chegado ao quarteirão dela. Samuel notou que estavam quase em casa pelo aspecto dos edifícios, que pareciam aprisionados em uma espécie de deformação temporal, como em um filme de ficção científica — os andares mais baixos vinham do futuro, os andares de cima vinham do passado. Prédios sem janelas, caindo aos pedaços, se assentavam sobre novíssimas lojas térreas, cintilantes e vazias, com vitrines supermodernas em vidro verde-azulado e adornadas por plásticos brancos e lustrosos, típicos de aparelhos eletrônicos da era da informação. A vibração habitual da cidade fora substituída pelo vasto silêncio das redondezas. Uma sacolinha plástica saltitava pela rua, empurrada pelo vento que soprava do lago.

— Tem algo que você precisa saber. Sobre o juiz — disse Samuel.

— Ok.

— É o mesmo que prendeu você em 1968.

— Do que está falando?

— O policial que prendeu você na véspera do protesto. Era Charles Brown, o juiz. O mesmo cara. Ele prendeu você, e você não tinha feito nada de errado.

— Ai, meu Deus! — exclamou Faye, olhando para ele e agarrando seu braço.

— Ele disse que você o colocou na cadeira de rodas. Disse que ficou inválido por sua causa.

— Isso é ridículo. Como você sabe disso tudo?

— Rastreei Alice. Lembra dela? Sua vizinha de quarto? Na universidade?

— Conversou com *ela*?

— Ela me contou tudo sobre vocês duas, a época em que estudaram no Circle.

— Por que andou falando com essas pessoas?

— Alice falou que você precisa fugir do país. Agora.

Dobraram uma esquina, avistaram o prédio de Faye e logo perceberam uma estranha e agitada aglomeração na rua, mais à frente: um grande furgão da polícia com letras garrafais na lateral — SWAT — estava estacionado junto ao carro de Samuel, dominando-o como um urso que protege seu jantar. Policiais estavam saindo do prédio e saltando para a porta traseira do furgão — vestidos de preto, colete militar à prova de balas, elmos, óculos de proteção, metralhadoras presas firmemente ao peito.

Samuel e Faye saltaram de volta à curva da esquina, escondendo-se ali.

— O que está acontecendo?

Samuel deu de ombros.

— Tem alguma outra entrada?

Faye assentiu e guiou-o até o outro lado do quarteirão; entraram em um beco deserto e alcançaram uma porta vermelha enferrujada junto a uma fileira de grandes latas de lixo. Em silêncio, subiram as escadas; em silêncio, escutaram da escadaria os últimos policiais saindo do prédio. Esperaram mais dez minutos, para ter certeza,

depois saíram da escadaria e atravessaram o corredor até a porta do apartamento, que estava esvaquiada e jazia de viés no chão, conectada à parede apenas pela última dobradiça, retorcida.

Dentro do apartamento, a mobília tinha sido revirada e despedaçada. As almofadas do sofá estavam em frangalhos. O colchão estava no assoalho, com um longo rasgo no meio, por onde o estofamento fora arrancado — uma incisão de alto a baixo, como se o colchão tivesse passado não por uma revista, mas por uma autópsia. O estofamento, por todos os lados. Livros foram arrancados das estantes e agora jaziam pelo chão, espalhados. Os armários da cozinha estavam abertos, com todo o conteúdo revirado ou espatifado. A cesta de lixo estava caída, transbordando no assoalho. Ao caminharem, os sapatos deles moíam cacos de vidro.

Estavam se encarando, estarelecidos, quando um barulho veio do banheiro — o rumor da descarga, um jato de água na torneira. Então a porta do banheiro se abriu e de lá emergiu, enxugando as mãos nas calças marrom-claro, Simon Rogers. Que sorriu.

— Opa, olá, pessoal!

— Simon, o que aconteceu? — perguntou Faye.

Abanando a mão, ele disse:

— Ah, a polícia esteve aqui.

3

HOJE ERA O dia em que ele sairia de *Elfscape*.

Hoje ele abandonaria o jogo para sempre, essa era a decisão de Pwnage, decisão que ele, aliás, havia tomado ontem, quando, sentado, prometera a si mesmo nunca mais jogar *Elfscape*, mas então descobrira várias questões que precisavam ser resolvidas para *quitar os negócios*, por assim dizer, antes de lançar seus avançadíssimos avatares nas profundezas do esquecimento digital, e a primeira dessas coisas era dizer adeus às dezenas de companheiros de guilda de quem se aproximara ao longo do tempo e pelos quais nutria uma calorosa sensação de dever e afeto paternal, o tipo de carinho que um líder de escoteiros sentiria pelas crianças sob seus cuidados, e Pwnage sabia que, se desaparecesse sem dizer adeus, eles iriam se sentir profundamente traídos e ficariam abalados por uma inconsolável sensação de perda e sofreriam uma chocante desilusão a respeito da natureza do mundo e deixariam de considerar o universo como um lugar previsível, compreensível e geralmente bom, justo e correto (alguns de seus companheiros, a propósito, tinham idade para ser escoteiros, e Pwnage se sentia impelido a não lhes causar qualquer tipo de mágoa ou trauma), e então ele decidiu, bem no início da sessão de jogo, na manhã do dia anterior, que não poderia abandonar tudo e fechar sua conta até que tivesse se despedido individualmente de cada um dos jogadores que o haviam acompanhado ao longo dos últimos dois anos numa média de doze horas diárias, e para isso foi necessário escrever uma afetuosa mensagem de gratidão a cada um explicando que não teria mais tempo para jogar *Mundo de Elfscape*, pois agora tinha que se dedicar à sua nova carreira, à carreira de *escritor famoso de romances policiais*, e explicou aos companheiros que um editor nova-iorquino figurão iria lhe enviar um contrato assim que terminasse o primeiro esboço do romance, então precisava concentrar cem por cento de suas energias na produção

do livro, sem distrações, e isso implicava abandonar *Elfscape*, já que seus horários de jogo interferiam nos horários de escrita — especialmente as missões diárias, as centenas de missões diárias que tinha de completar todas as manhãs com seus diversos avatares em torturantes sessões de cinco horas, e por isso ele havia jurado pular as missões diárias e usar aquele tempo para avançar na escrita do romance, calculando que poderia escrever umas duas páginas por hora (quantidade bastante razoável, segundo vários manuais online para escritores iniciantes) e, portanto, dez páginas por dia, e nesse ritmo ele conseguiria acabar o romance em um mês usando apenas o tempo geralmente dedicado às missões de *Elfscape*, e esse sentimento de determinação continuaria impávido até a manhã seguinte, quando então ele tentava escrever o romance mas descobria-se pensando nas novas missões recém-desbloqueadas e novamente disponíveis, e então fazia um acordo consigo mesmo, segundo o qual, para tirar as missões da cabeça e realmente *se concentrar* na produção do romance, ele daria um tempo e faria *apenas* as missões do seu personagem principal, e se no final das contas os vários personagens secundários não pudessem ganhar acesso a todos os maravilhosos prêmios, então azar, este era o preço para se tornar um escritor famoso de romances policiais —, mas, então, após completar as vinte missões do personagem principal, ele sentia aquela velha e perturbadora fadiga mental, como se alguém tivesse amassado seu cérebro feito massa de pão, deixando-o esborrachado e mole, certamente sem as condições necessárias para produzir alta literatura, e portanto ele prosseguia e completava todas as missões dos personagens alternativos e, após cinco horas, voltava a sentir uma amarga repugnância por si mesmo, como sentira no dia anterior, jurando que no dia seguinte pularia todas as missões e trabalharia no romance *o dia inteiro*, resolução que acabava sempre enfraquecendo na manhã seguinte, quando então o ciclo recomeçava, até ver-se obrigado a admitir que, para de fato escrever aquele romance, teria de abandonar completamente o jogo e apagar todos os personagens em um lance apocalíptico e sem volta, mas, claro, só poderia fazer isso após se despedir de todas aquelas pessoas, seus amigos, pessoas que, ao serem informadas de

deu a ideia de percorrer o gigantesco mapa de *Elfscap*e visitando todos os locais que lhe despertassem afeto e memórias importantes ou que tenham tido relevância em seu desenvolvimento enquanto jogador, uma espécie de "roteiro do adeus" pelos lugares que viera a conhecer e amar, viagem que levaria, sem brincadeira, horas e horas (os criadores do jogo costumavam fazer muito alarde sobre o tamanho e a escala gigantesca de seu mundo virtual, dizendo que, se o mundo de *Elfscap*e fosse real, teria mais ou menos o tamanho da lua), e então ele visitou a Floresta da Clareira Prateada (onde seu avatar fora morto pela primeira vez, no nível oito, por causa de panteras de tocaia) e as Grutas de Jedenar (onde escapara por um triz após uma luta contra um bando de demônios) e o Altar de Aellena (por causa da trilha sonora incrível que tocava lá) e a Praia da Wyrn Nebulosa (onde havia encontrado seu primeiro dragão) e as Ruínas de Gurubashy (onde matara seu primeiro orc) e assim por diante, e tudo isso era uma delícia, pois ele adorava aqueles nomes esquisitos e voava de um local a outro em seu grifo voador ultraveloz, então lembrou como as coisas eram interessantes quando ele era um novato sem animais para cavalgar ou voar e tinha que caminhar pela terra, apreciar cada paisagem, observar como cada ecossistema ia gradualmente se transformando em outro, e sentiu saudades da ingênua simplicidade daqueles dias e estacionou o grifo na ponta setentrional de um dos maiores continentes daquele mundo e começou a caminhar para o sul, atravessando primeiro a tundra branca e nevada da Geleira do Sabre Invernal, cruzando as Montanhas das Árvores de Gelo, descendo o Desfiladeiro do Cardo Branco, topando aqui e ali com algum urso-polar ou alguma fera sanguinária, adentrando cavernas controladas por uma raça de pés-grandes semirracionais com quem mantinha relações amigáveis, e seguindo para o sul, caminhando e às vezes fazendo capturas de tela da mesma forma que um turista tira fotos, avistava jogadores em forma de orc fugindo apavorados antes de sua aproximação, pois conheciam seu nome e sua fama como guerreiro invencível e a essa altura os fóruns de mensagens estavam a toda com a notícia de que o mais poderoso e avançado de todos os jogadores ia se aposentar, e Pwnage continuava a receber inúmeras mensagens privadas

perguntando se era verdade e implorando que mudasse de ideia, mensagens cujo gradual efeito era efetivamente fazê-lo *mudar de ideia*, pois de repente percebia que talvez fosse bem mais popular, querido e amado como um personagem de *Elfescape* do que um dia poderia ser como um humano na vida real e isso fez com que se sentisse triste e meio apavorado, e ele se lembrou do nervosismo que sentira no último Dia de Correção, quando passou o dia inteiro sem conseguir se conectar e ficou andando em círculos por todos os cômodos da casa e olhou fixamente para a caixa de correio por horas, e agora, enquanto avançava rumo ao sul através dos vastos territórios de *Elfescape*, foi invadido por uma angústia esmagadora e um pavor excessivo ao pensar que, após completar o plano de abandonar videogames, *todos os dias* seriam como o último Dia de Correção, e a compreensão desse fato o atingiu feito um banho de água fria, então ele sentiu que sua resolução e força de vontade estavam erodindo, e concluiu que só conseguiria realmente abandonar *Elfescape* se os seus personagens deixassem de ser as criaturas superpoderosas e superlegais que todos amavam e admiravam, e o único modo de realizar isso seria livrando-se de todas as preciosidades que havia conquistado a tanto custo, pois, de acordo com seu raciocínio, ele se tornaria *menos* amado, popular e poderoso, e, portanto, *mais* propenso a abandonar o jogo se já não contasse com seu épico butim; além disso, seria tão frustrante voltar à estaca zero após tanto tempo no topo e tão irritante e absurdo ter que conseguir de volta todo o butim perdido que ele de fato iria preferir abandonar o jogo para sempre, então anunciou aos companheiros de guilda que ia doar todas as suas posses e, se viessem encontrá-lo em sua longa caminhada para o sul, daria a cada um deles algum presente realmente legal e valioso, e logo estava sendo seguido por uma matilha de jogadores menores em uma espécie de procissão — a essa altura, é importante ressaltar, o coágulo venoso começava a se mexer, pois, no instante da epifania, ao transmitir as notícias à guilda, Pwnage havia trocado de pernas, deixando de se sentar numa para se sentar na outra, e o coágulo agora avançava lentamente por seu sistema circulatório, uma pequena bolota dura mais ou menos do tamanho de uma bola de

gude abrindo caminho por seu corpo, avanço que se manifestava vez ou outra como um retesamento e uma pontada de dor, algo que, para falar a verdade, não se distinguia do ruído biológico que Pwnage sentia quase o tempo todo, dor advinda da exaustão praticamente constante, da imobilidade, da dieta precária composta basicamente por cafeína e comida congelada, condição que causava pontadas regulares por todo o corpo, de modo que a nova pontada, fruto da recém-iniciada odisseia do coágulo, não lhe parecia nada fora do normal, já que ele sentia dores lancinantes *quase o tempo todo* e, de qualquer forma, a dor era abafada pelo fato de que *raramente lembrava de tê-la sentido*, pois o hipocampo e o lóbulo frontal do cérebro estavam severamente atrofiados pela falta de sono, pela subnutrição e pela exposição à tela do computador em uma escala cujos riscos os cientistas ainda mal conseguem compreender, então, a cada vez que sentia a dor lancinante, seu cérebro exausto e morbidamente sobrecarregado ejetava a informação de forma imediata, de modo que, ao sentir novamente aquela dor lancinante, pontiaguda e horrível, era como se a estivesse sentindo pela primeira vez, então ele registrava mentalmente o fato e pensava que, se acontecesse de novo, sem dúvida iria procurar algum tipo de ajuda médica em uma semana mais ou menos —, e enquanto os amigos se aglomeravam ao seu redor ele começou a distribuir primeiro o dinheiro, as muitas moedas de ouro, prata e cobre que saqueara de cadáveres de orcs derrotados, ou roubara de baús guardados por dragões, ou comprara nos leilões do servidor, em cujos meandros aprendera a manipular as trocas de matérias-primas e a transformar sua riqueza em mais riqueza por meio de um controle quase monopolístico sobre a cadeia logística de *Elfscap*e, e ele sabia que todo esse ouro tinha valor no mundo real, sabia que algumas pessoas vendiam o ouro de *Elfscap*e em páginas de leilão para outros jogadores por dólares de verdade, e sabia que um economista de Stanford havia inventado um conversor de ouro-elfscape para dólar, e se esse método estivesse correto ele poderia ter vendido todo seu ouro e ganhado, pelo menos, a mesma quantia que ganhava trabalhando na xerox, coisa que ele jamais faria pois *Elfscap*e era uma coisa divertida, ao

contrário de empregos remunerados no mundo real, como ele sabia por experiência própria (apesar de que, se fosse pensar seriamente no assunto, teria de admitir que a experiência de jogar *Elfscap*e não era cem por cento divertida, já que a jogatina diária começava com uma sessão rotineira de missões obrigatórias, realizadas repetidas vezes até assumirem a monotonia típica do trabalho manual, coisa que em si mesma não era lá muito divertida, mas desbloqueava recompensas que lhe permitiriam divertir-se no futuro, quando as usasse, mas ocorria que, quando finalmente recebia as recompensas, os criadores do jogo já tinham feito uma nova atualização que permitia o acesso a novas recompensas, todas elas representando uma leve melhoria ou incremento em relação às antigas, portanto, no mesmo momento em que ganhava as recompensas, já sabia que em breve estariam desvalorizadas, pois recompensas melhores estavam prestes a surgir no horizonte, e se ele pensasse realmente a fundo teria de dizer que a maior parte de sua experiência em *Elfscap*e envolvia preparações para a diversão, mas nenhuma diversão propriamente dita, exceto por certos ataques em colaboração com os companheiros de guilda, quando derrotavam algum importante e malévolo adversário e ganhavam algum butim legal, mas, mesmo assim, só era divertido nas primeiras vezes, pois em seguida tudo se transformava em um exercício repetível que já não era divertido e que, na verdade, causava considerável estresse e raiva quando a guilda falhava após ter triunfado na semana anterior, de modo que a essência dessas aventuras estava menos em buscar o prazer do que em evitar a raiva, então ele concluiu que a diversão deveria estar acontecendo em outro plano, talvez nem mesmo nos momentos discretos do jogo, mas na condição geral e abstrata de estar-no-jogo, pois sempre que se conectava a *Elfscap*e experimentava um profundo sentimento de satisfação, autoridade e pertencimento, coisas que não sentia em nenhum lugar do mundo real, e esse sentimento talvez fosse o que ele interpretava como "diversão"), tudo isso para dizer que Pwnage tinha de fato uma vasta fortuna, e mesmo distribuindo sua riqueza em parcelas de mil moedas de ouro foi necessário que dezenas de jogadores pegassem sua parte antes que a bolsa ficasse vazia, e isso fez com que

Pwnage se sentisse uma espécie de Robin Hood andando pela floresta e distribuindo fortunas aos necessitados, e quando o dinheiro acabou, ele começou a distribuir seus equipamentos, clicando aleatoriamente em membros da enorme multidão que o seguia para lhes dar suas armas, suas enormes espadas, seus cutelos, espadões, rapieiras, adagas, punhais, sabres, foices, cimitarras, estoques, machados, bordões, machadinhos, machadinhas, martelos, maças, alviões, bastões, armas de haste, piques, lanças, alabardas e uma arma misteriosa que ele não lembrava onde havia encontrado, chamada flamígera, e quando não havia mais armas para dar, passou a distribuir pedaços da armadura, as várias peças de cota de malha e placas de metal que havia conquistado e saqueado, as espaldeiras espetaculares cheias de espigões pontudos, as grevas laminadas, o incrível elmo com chifres de touro que, sem exagero, o deixava parecido com um minotauro (sua generosidade já estava se tornando lendária, pois vários jogadores estavam gravando vídeos de Pwnage em sua longa marcha para o sul e postando-os na internet com legendas como JOGADOR ÉPICO DISTRIBUI TODOS OS SEUS TESOUROS!), e no início Pwnage sentiu fortes pontadas de arrependimento ao dar suas coisas, pois *amava suas coisas*, e também porque sabia quanto esforço e quanto tempo foram necessários para adquirir cada item (o elmo com chifres, por si só, lhe custara dois meses de jogo), mas o pesar logo foi substituído por uma inesperada sensação de calma circunspeta e benevolência espiritual, até tranquilidade e paz (isso talvez fosse o efeito da exaustão, pois nesse ponto ele já estava jogando *Elfscap*e havia trinta horas sem parar); enquanto espalhava todas as suas posses, era seguido por seus inúmeros admiradores e sentia que talvez estivesse *inspirando* essas pessoas, então talvez devesse dizer algo importante e sábio, e ficou se perguntando se não havia uma história como essa a respeito de Buda, Gandhi ou Jesus, uma história sobre alguém que sai andando e dá tudo o que tem — a história toda lhe soava muito familiar —, e Pwnage começou a pensar em sua experiência não como um último e desesperado esforço para largar o jogo que dominava sua vida, mas como uma jornada espiritual de renúncia altruísta, como se estivesse

fazendo algo importante e benévolo, tipo caridade, como se agora fosse um modelo de conduta para todas essas pessoas, e essa sensação permaneceu muito forte e prazerosa até que a multidão começou a se dissipar, fenômeno que passou a acontecer a partir do momento que o tesouro se esgotou e as doações terminaram, então as pessoas começaram a lhe mandar mensagens privadas perguntando “Acabou? Não tem mais nada?”, e ele percebeu que não estavam ali para acompanhá-lo em sua longa jornada metafísica, na verdade queriam apenas novos brinquedos legais para usar no jogo, e Pwnage ficou zangado com o materialismo grosseiro deles até lembrar que esse era o objetivo exato de seu surto radical de doações, que o plano era exatamente ser abandonado pelos companheiros e, portanto, devido à diminuição drástica de sua popularidade, não mais se sentir tentado a continuar jogando *Elfescape*; só que agora que o plano estava funcionando, que ele fora realmente abandonado, que se via caminhando pelo descampado sem armas nem ouro nem amigos, apenas um elfo de tanga, fraco, de aparência patética, ainda assim não sentia muita vontade de sair do jogo, de modo que continuou andando em direção ao sul até alcançar os confins do continente, um planalto rochoso que dava para o mar, e soube que chegara ao fim da jornada e que era hora de desconectar, deletar sua conta e começar a viver sua vida na vida real; escrever seu romance e reconquistar Lisa, começar a dieta e fazer todas as mudanças radicais que precisavam ser feitas para que vivesse do jeito como queria viver, e embora não conseguisse pensar em nenhum pretexto para permanecer no jogo, que não houvesse literalmente nada que seu avatar pudesse fazer agora, em seu estado de nudez e pobreza absolutas, ainda assim Pwnage não conseguia se desconectar e continuava olhando fixamente para o mar digital, e a ideia de abandonar o jogo e retornar ao mundo real continuava enchendo-o de pavor, um pavor mais poderoso que qualquer coisa experimentada pela maioria dos humanos adultos funcionais, devido aos severos problemas em termos de fisiologia cerebral e reorganização da microestrutura neural que se desenvolveram no interior do seu crânio ao longo de suas prolongadas overdoses de *Elfescape*, as quais, além dos inevitáveis

custos físicos como ganho de peso, atrofiamento dos músculos, desgaste na coluna e uma nodosidade semipermanente atrás da caixa torácica que parecia relacionada ao movimento repetitivo da mão direita com o mouse, também haviam prejudicado severamente o tecido rostral de seu córtex cingulado anterior, uma área na região frontal do cérebro que funciona como uma espécie de recrutador, convocando o auxílio das áreas mais racionais do cérebro em momentos de conflito (imagine um sujeito muito impulsivo e meio louco chamando seus amigos mais sensatos para lhe dar conselhos e ajudá-lo a ter uma perspectiva mais objetiva), e é necessária ao controle cognitivo e à autorregulação apropriada, mas, no caso de Pwnage, essa área estava parando de funcionar, como uma casa em que os pisca-piscas de Natal são retirados pouco a pouco, tudo se apagando, se desligando, que é o que acontece no cérebro dos dependentes quando veem uma dose de heroína: o córtex cingulado anterior para de funcionar e eles deixam de receber os insumos necessários à tomada de decisões por parte das, abre aspas, partes *inteligentes* de seu cérebro, fecha aspas, de modo que o cérebro já não lhes dá *literalmente nenhuma ajuda* para dominar os impulsos mais básicos, primitivos e autodestrutivos, e é exatamente para dominar esse tipo de impulso que os viciados *mais* precisam de ajuda, e era exatamente isso que estava acontecendo com Pwnage enquanto olhava para o mar: lembrava-se de modo automático do seu desejo de largar *Elfscape*, mas não havia parte alguma de seu cérebro ativamente lhe dizendo para fazer isso, e além do mais havia o problema da massa cinzenta, cujo volume havia decaído em diversas regiões do córtex pré-frontal — responsável pelas funções de motivação e concentração em objetivos —, e essa atrofia resultava em um cérebro que percebia a existência de um objetivo mas não oferecia auxílio algum em alcançá-lo, limitando-se a contemplá-lo ociosamente no horizonte e a observar sua presença da mesma maneira que fazendeiros do Meio-Oeste observam o clima (“É, vai chover hoje”), mais uma armadilha neurobiológica de *Elfscape*: quanto mais Pwnage jogava, menos seu cérebro conseguia processar objetivos que não fossem de curtíssimo prazo e imediatos, ou seja, os objetivos do próprio *Elfscape*, pois o jogo fora

programado para recompensar os jogadores de duas em duas horas, no máximo, com algum equipamento novo e legal ou uma transição de nível ou uma missão finalizada, coisas que vinham acompanhadas pelo som de trombetas triunfais e animações simulando fogos de artifício, e essa rotina de pequenos objetivos insidiosos, ligados ao futuro próximo, fazia com que quaisquer objetivos de longo prazo, que exigissem planejamento substancial, disciplina e perseverança mental (como escrever um romance ou começar uma nova dieta) parecessem, ao cérebro, *literalmente incompreensíveis*, sem mencionar os problemas desenrolando-se nas profundezas da cápsula interna cerebral, ramo posterior, a única parte no cérebro de Pwnage que se fortaleceu durante seu período de vício implacável e maciço, enquanto o córtex motor primário enviava axônios para controlar sua habilidade motora fina, e aliás Pwnage tinha uma *excelente* habilidade motora fina, pela intensidade com que usava a mão direita para clicar no mouse de múltiplos botões e a mão esquerda para usar o teclado completo de 104 teclas, mantendo um mapa mental de tudo isso para que pudesse apertar qualquer botão ou tecla em uma fração de segundo sem nem olhar, hábito que alterou efetivamente a estrutura física do cérebro e adensou os axônios da cápsula interna, mas o problema é que, do ponto de vista evolutivo, um domínio tão gigantesco sobre as fibras dos dedos é desnecessário (em nossa ancestralidade humana, não existe equivalente a um mouse de videogame com cinquenta botões), de modo que o espaço disponível dentro da cápsula era limitado e pouco adaptável a crescimentos inesperados, o que significa que a gigantesca matéria branca relacionada aos dedos estava acotovelando outros tecidos essenciais no cérebro de Pwnage, principalmente os trechos que ligavam as regiões frontal e subcortical, que comandavam a função executiva e que, entre outras coisas, ajudavam a inibir comportamentos inadequados, o que talvez explique o comportamento de Pwnage na loja de comida orgânica, especificamente, e seu comportamento ao longo do último ano, de forma geral, seu longo definhamento em frente ao computador, sua insônia, seus hábitos alimentares, seus delírios de grandeza sobre tornar-se um escritor famoso e reconquistar Lisa, as minissíncopes

parciais que ele sofria sem notar, síncope causadas pela falta de sono ou pelas luzes do computador piscando, ou por desequilíbrios químicos relacionados à subnutrição (ou todas essas coisas juntas, provavelmente) que se manifestavam fisicamente como uma perda de sensibilidade em várias partes do corpo, uma necessidade súbita de beliscar a própria pele e o surgimento de coisas fosforescentes em sua visão periférica, sintomas sobre os quais Pwnage teria buscado uma opinião médica se o seu córtex pré-frontal dorsolateral não tivesse parado de funcionar completamente, sendo essa a área cerebral responsável pelo controle das emoções e pela tomada de decisões, que se tornava inativa no cérebro de pessoas envolvidas em múltiplas atividades simultâneas em momentos que poderíamos chamar de “sobrecarga informacional” e, em casos de dormência, os centros emocionais do cérebro assumiam o controle executivo, o equivalente neurológico a entregar as chaves de uma empilhadeira a uma criança de seis anos, e a mente de Pwnage estava realmente sobrecarregada, pois a tela do computador estava travada com várias caixas de texto criadas por programas adicionais que lhe davam informação constante, em tempo real, sobre a vitalidade de seus oponentes, as manobras disponíveis aos próprios personagens, vários temporizadores em contagem regressiva que lhe dariam um aviso quando outras manobras voltassem a ficar disponíveis, os ataques que em determinado momento causariam o máximo de dano matematicamente possível, as condições de cada um de seus companheiros de *raid*, o rendimento do grupo inteiro em termos de dano por segundo, uma vista aérea do campo de batalha com os principais participantes diferenciados por cores, de acordo com seus papéis na luta, tudo isso acontecendo em paralelo ao jogo propriamente dito, que continuava a se desenrolar atrás das caixas piscando, e Pwnage monitorava não apenas o que acontecia nessa tela — o que, por si só, já seria o bastante para levar um típico e tranquilo camponês do século XVIII ao limiar de um surto psicótico —, mas, uma vez que controlava simultaneamente vários personagens, também monitorava os eventos em seis outras telas ao mesmo tempo, ou seja, ingeria mais informação por segundo do que todos os controladores de tráfego aéreo no aeroporto de O’Hare

juntos, fazendo com que aquela parte muito sensível e lógica do cérebro passasse, basicamente, a erguer uma bandeira branca e buscar esconderijo, permitindo que seus centros emocionais desligassem facilmente todos os vestígios lógicos, racionais e disciplinados de sua mente, ou seja, em termos simples: quanto mais jogava *Elfscape*, mais impossível parecia parar de jogar, situação que ia muito além da ruptura com um mau hábito, envolvendo problemas de morfologia cerebral e uma espécie de deformação neurológica fundamental tão extrema que a mente de Pwnage *literalmente não permitiria* que ele largasse *Elfscape*, algo que ele agora começava a perceber, de pé na extremidade meridional do continente, tentando imaginar o que faria em seguida, mas sem conseguir pensar em possibilidade alguma e, portanto, limitando-se a ficar ali parado até que, finalmente, um dos alarmes disparou, indicando a proximidade de um inimigo, e a câmera do jogo se autoajustou para mostrar um jogador orc atrás dele, espiando-o a grande distância, e o que ele usualmente faria nesta circunstância seria investir contra o orc e dar-lhe um encontrão com o escudo para em seguida usar seu machado excepcionalmente grande para retalhá-lo até a morte, e embora atualmente não tivesse escudo nem machado nem coisa alguma com que atacar o orc, seu impulso automático foi atacá-lo — mas não pôde fazer isso, algo o impedia, ele se sentia enjoado, confuso e tonto, então percebeu que não conseguia mexer os braços e, agora que havia parado para pensar, tampouco conseguia respirar (importante mencionar que o coágulo surgido em sua perna era agora uma embolia plenamente amadurecida que bloqueava o fluxo sanguíneo para os pulmões, causando consideráveis dores no peito sempre que Pwnage respirava, além de uma desesperada necessidade de *respirar mais*, e percebia tudo isso como uma rápida diminuição da luz, quase como se o sol tivesse se posto de uma só vez, pulando o lusco-fusco e mergulhando diretamente na escuridão noturna), e ao notar que Pwnage não iria atacá-lo, o orc começou a se aproximar, ganhando confiança, um ou dois passos por vez, testando-o, pronto para sair correndo, até chegar a uma distância curta o bastante para a luta corpo a corpo, e Pwnage queria desesperadamente atacá-lo

mas não conseguia se mover, sentia que estava sendo esmagado no peito pelo peso de uma bigorna e, vendo que ele não se mexia, o orc tirou uma pequena adaga do cinturão e — após um breve momento, em que deve ter se perguntando se esta era uma boa ideia e não um trote do mais famoso jogador élfico naquele servidor — apunhalou-o uma, duas, três vezes, e o elfo de Pwnage ficou ali indefeso em sua tanga, cambaleando, tomando golpe seguido de golpe, enquanto alarmes disparavam por todos os lados e sua barra de vida despencava, e ele observava tudo isso com horror, paralisado na cadeira, sem conseguir esboçar um único movimento, enquanto a escuridão aumentava e seu campo de visão ficava cada vez mais estreito, então ele perdeu o controle de todas as suas funções motoras e os lábios e as pontas dos dedos começaram a ficar azuis, assim, após tantos ferimentos, o guerreiro élfico finalmente tombou morto, e Pwnage viu o orc dançar sobre o cadáver, e a última coisa que viu antes de as luzes se apagarem completamente foi uma mensagem do jogador-orc dizendo TOMA PWNAGE EU TE MATEI KKKKKKK!!! e Pwnage decidiu recuperar todo o seu butim e se tornar duas vezes mais poderoso do que antes, apenas para caçar esse orc filho da mãe pelo resto da vida, e começaria a fazer isso assim que conseguisse mexer as pernas, os braços e respirar e, a propósito, enxergar, e, mesmo agora que todo o seu organismo estava entrando em colapso num domínio catastrófico, o cérebro continuava lhe dizendo que sua prioridade neste momento era *matar esse orc*, coisa que ele jamais poderia fazer, pois hoje era o dia em que sairia de *Elfescape*, e uma vez que sua mente não permitia que fizesse isso, seu corpo teria de fazê-lo.

4

SIMON ROGERS CAMINHAVA pelas ruínas do apartamento de Faye, evitando cuidadosamente pisar nos escombros e explicando que certas leis permitiam *tudo isto* (e ao dizer *tudo isto*, ele fazia um gesto amplo com as mãos, abrangendo a profanação geral do apartamento), certos estatutos criados após o 11 de Setembro para regulamentar buscas em residências de suspeitos de terrorismo, os limites do uso de força militar.

— Basicamente, a polícia pode mandar a SWAT sempre que quiser, e não temos maneira alguma de impedir, bloquear, revogar ou contrariar isso — disse ele.

Faye estava na cozinha, em silêncio, mexendo o chá em sua única caneca inteira.

— O que estavam procurando? — perguntou Samuel.

Chutou os restos da televisão, que fora arreventada por algum objeto rombudo e jazia com as vísceras eletrônicas espalhadas pelo chão.

Simon deu de ombros.

— É o procedimento-padrão, senhor. Tendo em vista que sua mãe está sendo acusada de terrorismo doméstico, a polícia pode invadir a casa dela. E foi o que fizeram.

— Ela não é terrorista.

— Claro que não, mas tendo em vista que está sendo *acusada* sob um estatuto criado para combater células adormecidas da Al-Qaeda, a polícia precisa tratá-la como se fosse, de fato, uma terrorista.

— Isso é uma completa maluquice.

— Quando essa lei foi aprovada, as pessoas não estavam lá muito preocupadas com a Quarta Emenda. Nem com a Quinta Emenda, para falar a verdade. Aliás, nem com a Sexta. — Deu um risinho. — Nem com a *Oitava*.

— Não precisam ter, tipo, uma *razão específica* para revistar uma casa? — perguntou Samuel.

- Eles têm uma razão, senhor, mas a mantêm em segredo.
- Não precisam de um mandado?
- Sim, mas é confidencial.
- Quem lhes dá a autorização?
- Confidencial também, senhor.
- E ninguém fiscaliza isso tudo? Não temos a quem recorrer?

— Uma espécie de habeas corpus foi pedido, mas o processo tramita em confidencialidade. Motivos de segurança nacional. De forma geral, senhor, temos de acreditar que o governo está pensando em nossos interesses. Devo observar que este tipo de busca não é algo obrigatório. Fica ao critério do tribunal. Não *precisavam* fazer isso. Sei com certeza que não foi um pedido do promotor.

— Então foi o juiz.

— Tecnicamente, essa informação não pode ser divulgada. Mas, sim. O juiz Brown. É razoável concluir que a ordem veio dele.

Samuel olhou para a mãe, que estava olhando fixamente o chá. Não parecia estar bebendo chá, mas apenas mexendo-o intensamente. A colher de madeira batia de leve no interior da caneca.

— O que vamos fazer então? — perguntou Samuel.

— Estou disposto a preparar uma defesa vigorosa contra as novas acusações, senhor. Acho que consigo convencer o júri de que sua mãe não é uma terrorista.

— Com base em quê?

— Vou alegar, principalmente, que o receptor da ameaça terrorista, o governador Packer, não se sentiu *realmente aterrorizado*.

— Você vai intimar o governador Packer?

— Sim. Aposto que não vai admitir em público que ficou aterrorizado. Com medo da sua mãe. Não no meio de uma campanha presidencial.

— É isso? É essa sua ideia para a defesa?

— Também vou argumentar que sua mãe fez apenas um *gesto* ameaçador, sem comunicar sua ameaça terrorista verbalmente, eletronicamente, por televisão ou por escrito, fato que, por certas

razões bastante prolixas, representam um fator atenuante. Espero com isso reduzir a sentença de prisão perpétua para apenas dez anos em uma prisão de segurança máxima.

— Isso não me parece uma grande vitória.

— Devo admitir que me sinto mais à vontade em questões de liberdade de expressão. Agir contra acusações de terrorismo não é exatamente, digamos assim, minha especialidade.

Olharam para Faye, que continuava olhando para a caneca sem esboçar qualquer reação.

— Com licença — disse o advogado, e saiu andando entre os montículos de almofadas e travesseiros eviscerados e roupas ainda presas nos cabides, dirigindo-se ao banheiro.

Samuel foi até a cozinha, cada passo gerando um guincho de vidro quebrado. Havia comida espalhada pela bancada, onde a polícia havia despejado os conteúdos da despensa — pó de café e cereais, farelo de milho e arroz. Arrastada para longe de seu lugar original, a geladeira estava fora da tomada, com água gotejando lentamente pelas frestas e formando poças no chão. Faye segurava contra o peito a caneca artesanal de barro.

— Mãe? — chamou Samuel.

Perguntou-se o que ela estaria sentindo agora, tendo em vista os remédios potentes para ansiedade que havia tomado de manhã.

— Ei, mãe?

Naquele momento, ela parecia entorpecida, alheia a tudo. Até o jeito como mexia o chá era automático e mecânico. Samuel suspeitou que se encontrasse em estado de choque ou algo parecido, por causa da invasão do apartamento.

— Mãe, está se sentindo bem? Consegue, tipo, me escutar?

— Não era para as coisas acontecerem desse jeito. Não era para nada disso ter acontecido — disse ela, finalmente.

— Me diga se está bem.

Ela mexeu o chá e olhou para dentro da caneca.

— Como eu fui idiota.

— *Você* foi idiota? Isso tudo é *minha* culpa. Fui ver o juiz e piorei tudo. Eu sinto muito, mesmo.

— Eu tomei decisões muito, muito idiotas, uma atrás da outra.

— Ouça. A gente precisa bolar um plano. Alice disse que precisamos sair da cidade. Talvez até do país.

— É. Estou começando a acreditar nela.

— É só por um tempo. Brown estava para se aposentar; por que não esperamos que ele faça isso? Vamos fazê-lo pensar que teria de esperar *anos* por um julgamento. Vamos nos livrar dele, conseguir outro juiz.

— Para onde iríamos? — perguntou Faye.

— Não sei. Canadá. Europa. Jacarta.

— Pensando bem, não podemos fazer isso — interpôs ela, pondo a caneca sobre a bancada. — Não podemos sair do país. Fui acusada de *terrorismo*. Não vão me deixar entrar num avião, de jeito nenhum.

— É. É mesmo.

— Vamos ter que confiar no Simon, eu acho.

— Confiar no Simon. Eu *realmente* espero que essa não seja nossa única opção.

— O que mais nos resta?

— Alice garantiu que o juiz nunca vai desistir. Ele quer mesmo colocar você na prisão para sempre. Não é brincadeira.

— Não parece uma brincadeira.

— Ele disse que está na cadeira de rodas por culpa sua. O que você fez?

— Nada. Não sei do que ele está falando. Juro.

Nisso, houve um súbito rumor nos encanamentos, e pouco depois Simon emergiu do banheiro, partículas de água salpicando os braços do blazer.

— Sr. professor Anderson, para falar a verdade, estou muito feliz que tenha vindo. Queria mesmo falar com o senhor. Lembra daquela carta? A carta para o juiz, em cuja composição o senhor vem trabalhando incansavelmente, eu suponho?

— É. Sei. O que tem ela?

— Bem, eu queria agradecer ao senhor, pessoalmente, por todo o seu esforço e por todo o tempo que certamente já dedicou a essa tarefa. Mas devo lhe dizer que não precisaremos mais dos seus serviços.

— Meus serviços. Parece que está me demitindo.

— Sim. A carta que está escrevendo, sabe? Não será mais necessária.

— Mas minha mãe está encrencada até o pescoço.

— Ah, sim, senhor, isso ela está mesmo.

— Ela precisa da minha ajuda.

— Absolutamente. Ela precisa da ajuda de *alguém*. Mas não do senhor, provavelmente. Não mais.

— Por que não?

— Como posso dizer isso de forma delicada? Bem, estou convencido de que o senhor não se encontra em posição de ajudá-la. Provavelmente só pioraria as coisas. Estou falando do escândalo, é claro.

— Que escândalo?

— O escândalo na universidade, senhor. Terrível.

— Simon, de que diabo você está falando?

— Ah, ainda não sabe? Minha nossa. Sinto muito, senhor. Parece que sempre lhe trago as más notícias, hein? Haha. Talvez o senhor devesse abrir seus e-mails com mais frequência ou assistir ao noticiário local.

— *Simon*.

— Claro, senhor. Bem, ao que parece, uma organização estudantil recém-fundada tem chamado muita atenção em sua universidade. O propósito dessa organização, sua específica *raison d'être*, se me permite, parece ser esta: colocá-lo na rua.

— Está falando sério?

— A organização tem uma página própria na internet, cujas publicações vem sendo entusiasticamente compartilhadas e divulgadas por seus alunos, tanto os atuais quando os antigos. Neste momento, o senhor é o exemplo cabal do que os especialistas em relações públicas chamam de *elemento tóxico*. Portanto, já não precisamos que testemunhe em favor de sua mãe.

— Por que meus alunos querem me pôr na rua?

— Talvez seja melhor ver com seus próprios olhos.

Simon tirou o notebook da pasta e abriu o site: uma nova organização estudantil chamada ACODE — ou Alunos Contra o

Desperdício — alegava que os professores universitários estavam desperdiçando o dinheiro dos contribuintes. Que evidência apresentavam? Um certo Samuel Anderson, professor de literatura inglesa, que, segundo a página, *cometeu diversos abusos na utilização do computador no local de trabalho:*

Durante uma manutenção de rotina, o Centro de Suporte Técnico descobriu que o Professor Anderson utiliza seu computador para jogar Mundo de Elfscape por um número chocante de horas semanais. Este é um uso totalmente inaceitável das verbas da universidade.

Paralelamente, havia uma campanha incentivando as pessoas a enviarem cartas às autoridades, iniciativa que já chamara a atenção da reitora, da imprensa e do governo estadual. Neste momento, o comitê disciplinar da universidade estava abrindo uma sindicância para investigar o assunto.

— Merda — murmurou Samuel ante a perspectiva de explicar *Elfscape* para um comitê de grisalhos e emburrados professores de filosofia, teologia e retórica.

Começou a suar imediatamente: de que forma justificaria, perante os colegas acadêmicos, sua vigorosa vida paralela como *ladrão élfico*? Ai, meu Deus.

De acordo com a página, a presidente do ACODE afirmava que todo estudante deve ser um rigoroso cão de guarda, fiscalizando a forma como as universidades gastam os valores recebidos. O nome da estudante era, obviamente, Laura Pottsdam.

— Puta merda — disse Samuel, fechando o laptop.

Caminhou até a fileira de janelas na parede norte do apartamento e contemplou o horizonte irregular da cidade. Lembrou-se do ridículo conselho de Periwinkle: declare falência e vá para Jacarta. Neste momento, a ideia lhe parecia bem razoável.

— Acho que está na hora de ir embora — anunciou ele.

— Perdão, senhor?

— Está na hora de subir num avião e ir embora. Abandonar meu emprego, minha vida, o país. Começar de novo, em outro lugar — explicou Samuel.

— O senhor é livre para fazer isso, claro. Mas sua mãe precisa ficar aqui e enfrentar o julgamento dentro dos estritos limites da lei.

— Eu sei.

— Meu juramento profissional me impede de aconselhar um acusado a fugir da jurisdição.

— Não importa. Ela não pode ir embora. O nome dela está na lista de pessoas proibidas de voar — disse Samuel.

— Na verdade, não, senhor. O nome dela ainda não está na lista.

Samuel se virou. O advogado estava ajeitando cuidadosamente o notebook no compartimento especial da pasta.

— Como assim, Simon?

— Bem, a lista de passageiros proibidos é controlada pelo Centro de Detecção de Terrorismo, ou CDT, o qual, aliás, é parte da Seção de Segurança Nacional do FBI, sob os auspícios do Departamento de Defesa. Ao contrário do que muita gente acredita, a lista não é controlada pela Administração de Segurança do Transporte, ou AST, que faz parte do Departamento de Segurança Interna. São departamentos completamente diferentes!

— Ok. E daí?

— Então, para entrar na lista, um nome tem de ser apontado por um funcionário especial do Departamento de Justiça ou da Segurança Interna ou da Defesa ou do Departamento de Estado ou dos Serviços Postais ou certas firmas particulares, e como todas essas agências têm seus próprios critérios, diretrizes, regras e processos, sem mencionar diferentes documentos e formulários que às vezes são incompatíveis com os formulários e documentos equivalentes de outros ramos da administração pública, a CDT precisa filtrar, avaliar e padronizar tudo. E há outro fator que deixa as coisas infinitamente mais complicadas: cada agência e departamento usa seu próprio software. Por exemplo: o Tribunal Itinerante do Condado de Cook usa um sistema operacional do Windows que está atrasado em no mínimo três atualizações, enquanto o FBI e a CIA puxam mais para o Linux, eu acho. E na hora de fazer os dois sistemas conversarem um com o outro? *Rapaz!*

— Simon, volte ao ponto.

— Claro, senhor. O que estou dizendo é que a informação de que sua mãe é suspeita de terrorismo tem de ser processada pelo Primeiro Distrito Municipal do Tribunal Itinerante do Condado de Cook, depois chegar ao escritório regional do FBI, depois chegar ao CDT, onde será avaliada e aprovada pela multiagência da Seção de Operações e do Grupo de Análise Tática, depois tem de ser filtrada até alcançar o Departamento de Segurança Interna, que então vai enviá-la à AST de alguma maneira que provavelmente envolve uma máquina de fax, e durante todo esse tempo os funcionários e os seguranças dos aeroportos não terão acesso às informações sobre a nova proibição de voo.

— Então, na verdade, minha mãe não está na lista de passageiros proibidos.

— Ela não está na lista *ainda*. O processo todo leva em torno de 48 horas, do início ao fim. Um pouco mais, se for sexta-feira.

— Então, hipoteticamente, ainda podemos sair do país, desde que seja hoje.

— Isso mesmo, senhor. Precisa entender que estamos lidando com gigantescas burocracias controladas por funcionários que, em sua maior parte, são criminosamente mal pagos.

Samuel lançou o olhar em direção à mãe, que o encarou de volta e, após um momento em que pareceu considerar a gravidade da situação, assentiu com a cabeça.

— Simon? Muito obrigado — agradeceu ele. — Você nos ajudou muito. Muito mesmo.

5

NO TERMINAL CINCO do Aeroporto Internacional de O'Hare, os passageiros aguardavam enfileirados, em silêncio: filas para fazer o check-in, filas para despachar a bagagem, filas para passar pela segurança, filas avançando em ritmo vagaroso, relutante e tão não americano que forçavam todas as pessoas a absorver a combinação profundamente desorientadora de melancolia e caos que dominava o terminal. Havia o cheiro da fumaça saindo do escapamento dos muitos táxis lá fora, e ali dentro flutuava o cheiro de carne tostado hora após hora na grelha da loja de cachorro-quente. Uma trilha inócua, saturada de saxofones, preenchia as lacunas auditivas entre os anúncios de segurança. Televisores transmitiam o noticiário do aeroporto, cuja diferença em relação aos noticiários habituais era algo enigmático. Para Samuel, era frustrante pensar que viajantes estrangeiros tivessem ali sua primeira impressão dos Estados Unidos e que tudo o que o país lhes oferecia, no momento da chegada, era um McDonald's (cuja grande mensagem às multidões de recém-chegados parecia ser o retorno do McRib) e uma loja especializada em aparelhos de utilidade duvidosa: canetas com câmeras embutidas, cadeiras automáticas de shiatsu, luminárias de cabeceira com conexão sem fio e bluetooth, massageadores para pés com aquecimento interno, meias elásticas de compressão, saca-rolhas automáticos, escovas motorizadas para grelhas e churrasqueiras, camas ortopédicas para cachorros, camisas calmantes para gatos, braçadeiras para perda de peso, comprimidos para prevenir cabelos brancos, misturas isométricas para substituição de refeições, doses de proteína líquida, suportes giratórios para TV, suportes para secador de cabelo, uma toalha com a palavra "Rosto" em uma ponta e "Bumbum" na outra.

Isso é o que somos.

Banheiros masculinos onde você não precisa tocar em nada além de si mesmo. Saboneteiras automáticas que defecam gotas

genéricas cor-de-rosa na palma da mão. Torneiras cujo jato d'água é insuficiente para se lavar direito. O alerta de ameaça terrorista sempre no mesmo nível, *ad nauseam*. Ordens da segurança — esvazie os bolsos, tire os sapatos, retire o laptop da pasta, ponha líquidos e géis em sacolas separadas — repetidas tantas vezes que, no fim das contas, todo mundo acabava parando de escutar. Tudo isso tão mecânico, automático, habitual e vagaroso que os viajantes acabavam ficando meio desligados, mexendo nos celulares e simplesmente *suportando* esse moderníssimo martírio de primeiro mundo, que não era exatamente “difícil”, mas certamente exaustivo. Espiritualmente debilitante. Todos sentiam uma pontada de remorso, suspeitando que nós, enquanto nação, poderíamos fazer melhor que tudo isso. Mas não fazemos. A fila para pegar o McRib era silenciosa, solene e tinha cerca de vinte pessoas.

— Estou sentindo uma onda de pessimismo sobre o nosso plano — disse Faye a Samuel, enquanto esperavam na fila do detector de metais. — Quer dizer, será que vão mesmo nos deixar passar? Tipo, alguém vai dizer: *Ah, sim, srta. Fugitiva da Justiça, pode seguir por ali.*

— Dá para falar mais baixo? — repreendeu Samuel.

— O efeito dos remédios está passando. Estou sentindo a ansiedade vir atrás de mim como um cachorro perdido.

— Somos passageiros normais saindo de férias. Tudo normal.

— Férias em um país com leis de extradição muito estritas, realmente espero.

— Não se preocupe. Lembre-se do que Simon disse.

— Estou sentindo minha confiança em nosso plano literalmente se desintegrar. É como se alguém tivesse pegado nosso plano e passado num ralador de queijo. Essa é a sensação exata.

— Por favor, fique quieta. E, por favor, fique calma.

Haviam pegado um táxi para o aeroporto e compraram uma passagem só de ida para o próximo voo internacional, com destino a Londres, sem escalas. Os bilhetes de embarque foram emitidos sem problemas. Despacharam a bagagem — também sem problemas. Esperaram na fila da segurança. E quando finalmente entregaram os bilhetes e passaportes ao funcionário da AST, um sujeito de

uniforme azul cujo trabalho era inspecionar as fotos, passar os bilhetes sob um leitor a laser e esperar que o computador fizesse um barulhinho agradável e que uma luzinha verde se acendesse, o computador, na verdade, não fez um barulhinho agradável. Em vez disso, emitiu um barulho áspero, um *préééé*, semelhante à sirene que toca ao fim de um jogo de basquete — um som carregado de irreversível autoridade. E, caso alguém estivesse em dúvida quanto ao significado do som, a luz ainda por cima ficou vermelha.

Ao ver isso, o agente de segurança se empertigou no assento, surpreso ante o julgamento negativo do computador. Um raro momento dramático no terminal cinco.

— Poderiam aguardar ali, por favor? — pediu ele, apontando para uma espécie de curral, cujos limites eram demarcados no chão apenas por pedaços sujos de fita crepe roxa.

Enquanto esperavam, os outros passageiros olharam para eles uma ou duas vezes e depois voltaram a atenção aos celulares. Próximo ao teto, um televisor transmitia o programa de notícias do aeroporto, em que agora passava uma matéria sobre o governador Packer.

— Sabem quem eu sou — sussurrou Faye no ouvido de Samuel. — Sabem que sou fugitiva. Uma fora da lei.

— Você não é uma coisa nem outra.

— É claro que sabem. Estamos na era da informação. Todos têm acesso aos mesmos dados. Provavelmente há uma sala em algum lugar, cheia de telas, nos monitorando agora mesmo. Deve ser em Langley ou em Los Alamos.

— Duvido que considerem você uma ameaça tão grande assim.

Observaram o vagaroso rastejar da fila pelo controle de segurança: pessoas tirando os sapatos, o cinto, entrando em tubos de plástico transparente e erguendo as mãos acima da cabeça enquanto braços metálicos cinzentos rodeavam seus corpos, apalpando-os.

— Este é o mundo após o 11 de Setembro — afirmou Faye. — O mundo pós-privacidade. As autoridades sabem onde estou o tempo todo. É claro que não me deixariam entrar no avião.

— Calma. Ainda não sabemos o que está acontecendo.

- E você também. Vão prendê-lo como cúmplice.
- Cúmplice em quê? Em suas férias?
- Nunca vão acreditar que estamos saindo de férias.
- Incitamento e cumplicidade em atividades turísticas no exterior.

Não parece um crime muito grave.

— Estamos sendo vigiados neste momento em um conjunto de telas e monitores. Provavelmente no porão do Pentágono. Eles estão recebendo informações de todos os portos e aeroportos no mundo. Infinitos cabos de fibra ótica. Programas de reconhecimento facial. Tecnologias que a gente nem sabe que existem. Estão provavelmente lendo meus lábios agora mesmo. O FBI e a CIA trabalhando em conjunto com as autoridades locais. É assim que sempre dizem nos noticiários.

— Não estamos num noticiário.

— Não estamos *ainda*.

Nesse meio-tempo, um homem com uma prancheta havia começado a falar em voz baixa com o agente de segurança, lançando olhares ocasionais na direção deles. Parecia ter sido arrancado de outra época — o cabelo cortado à escovinha, uma aparência séria e geométrica, uma camisa branca de mangas curtas, uma gravata preta fina, queixo quadrado, olhos azuis brilhantes —, como um antigo astronauta da espaçonave *Apollo* com um novo emprego. Parecia haver um distintivo preso ao bolso de sua camisa — mas, visto de perto, revelava-se um cartão laminado, com a imagem de um distintivo.

— Está falando de nós — disse Faye. — Alguma coisa vai acontecer.

— Fique calma.

— Lembra aquela história que lhe contei sobre o Nix?

— Qual delas?

— A do cavalo.

— Sim, claro. O cavalo branco que roubava crianças e depois as afogava.

— Essa mesma.

— Ótima historinha para se contar a uma criança de nove anos, a propósito.

— Lembra a moral da história?

— As coisas que mais amamos são as que mais nos machucam.

— Sim. Uma pessoa pode ser o Nix de outra. Às vezes sem saber.

— Aonde está querendo chegar?

O homem com a prancheta começou a vir na direção deles.

— É isso que eu fui para você — prosseguiu ela. — Eu fui o seu Nix. Você me amava mais que tudo, e eu o magoei. Você me perguntou uma vez por que eu abandonei você e o seu pai. Esse é o motivo.

— E resolveu me contar isso *agora*?

— Eu queria deixar a revelação para o último momento.

O homem com a prancheta passou pela fita crepe roxa e pigarreou.

— Então. Parece que temos um probleminha — disse ele em tom estranhamente otimista, como certos atendentes com quem deparamos em uma ligação e que parecem realmente entusiasmados com seu trabalho.

O homem não fez contato visual com eles; em vez disso, olhava fixamente para o que quer que estivesse na prancheta.

— Parece que, no fim das contas, você está na lista de passageiros não permitidos.

Ele parecia constrangido por ter de dizer isso, como se fosse tudo culpa dele.

— Sim, sinto muito — disse Faye. — Eu devia esperar por isso.

— Ah, não, não é a senhora. — O funcionário parecia surpreso. — A senhora não está na lista. É ele.

— Eu? — indagou Samuel.

— Sim, senhor. É o que diz bem aqui. — O homem tamborilou na prancheta. — Samuel Andresen-Anderson. Absolutamente proibido de embarcar.

— Como *eu* fui parar nessa lista?

— Bem — começou o funcionário, folheando as páginas como se as lesse pela primeira vez. — Esteve em Iowa recentemente?

— Sim.

— Enquanto esteve lá, visitou a fábrica da ChemStar?

— Dei uma passada lá.

— E o senhor, hum — ele baixou a voz, como se estivesse dizendo algo obscuro —, por acaso *tirou fotos* da fábrica?

— Algumas. Sim.

— Bem... — prosseguiu o funcionário, encolhendo os ombros, como se a resposta fosse óbvia. — Aí está o motivo.

— Por que você estava tirando fotos da fábrica da ChemStar? — perguntou Faye.

— Exato — concordou o homem da prancheta. — *Por quê?*

— Não sei. É uma paisagem nostálgica.

— Estava tirando fotos nostálgicas de *uma fábrica* — disse o funcionário.

Ele franziu o cenho. Estava desconfiado. Não tinha engolido a história.

— Que tipo de pessoa faz isso? — prosseguiu.

— Meu avô trabalha lá. Trabalhava — respondeu Samuel.

— Essa parte é verdade — disse Faye.

— Essa *parte*? É tudo verdade. Estava visitando meu avô e tirei fotos de antigos lugares que eu conhecia da infância. A velha casa, o velho parque e, sim, a velha fábrica. Acho que a pergunta realmente sensata é esta: de que jeito eu fui parar na lista de passageiros não permitidos por ter fotografado uma fábrica de processamento de cereais?

— Ah, bem, esse tipo de estabelecimento contém substâncias químicas muito perigosas. E fica bem ali, à beira do Mississippi. Digamos apenas que sua presença levantou — ele ergueu dois dedos, indicando aspas — “preocupações com a segurança nacional”.

— Entendi.

Virou outra página na prancheta.

— Diz aqui que avistaram o senhor pelas câmeras e que fugiu quando os seguranças se aproximaram.

— Fugir? Eu não fugi. Eu *fui embora*. Tinha acabado de tirar minhas fotos. Não vi segurança nenhum.

— É exatamente isso que eu diria se estivesse fugindo — falou o funcionário dirigindo-se a Faye, que concordou.

— Eu sei — respondeu ela. — Você está coberto de razão.

— Dá para parar? — interveio Samuel. — Então quer dizer que eu nunca mais vou poder voar? É isso?

— Quer dizer que o senhor não poderá voar *hoje*. Mas pode tomar certas medidas para remover seu nome da lista. Tem um site dedicado a isso.

— Um site.

— Ou um 0800, se o senhor preferir — disse o funcionário. — E um tempo de espera médio de seis a oito semanas. Agora receio ter de escoltá-lo para fora do aeroporto.

— E minha mãe?

— Ah, ela pode fazer o que quiser. Não está na lista.

— Entendi. Pode nos dar um segundo?

— Mas é claro! — respondeu o homem.

Em seguida deu um passo para além da fita crepe roxa, virou-se num ângulo de 270 graus, juntou as mãos em frente ao corpo e começou a balançar suavemente para a frente e para trás, como alguém assoviando e se embalando ao som da própria música.

— Vamos esquecer isso tudo — sussurrou Faye. — Vamos para casa. Que o juiz faça o que bem entender. Eu bem que mereço.

Samuel imaginou a mãe indo para a cadeira, imaginou sua própria vida voltando ao normal: ele perderia o emprego, ficaria endividado e sozinho, passaria os dias mergulhado num nevoeiro digital.

— Você precisa ir embora — disse ele. — Vou encontrá-la depois, se puder.

— Não seja idiota — respondeu Faye. — Tem ideia do que o juiz fará com você?

— Nada, se comparado ao que vai fazer com você. Precisa fugir.

Faye o encarou por um momento, calculando se valia a pena confrontá-lo.

— Não discuta — insistiu ele. — Apenas vá.

— Tudo bem. Mas não vamos ter um daqueles momentos melosos entre mãe e filho, certo? Você não vai começar a chorar, vai?

— Eu não vou chorar.

— Porque eu nunca lidei muito bem com isso, você sabe.

— Tenha um bom voo.

— Espere. — Ela agarrou o braço de Samuel. — Nosso afastamento terá que ser total. Se eu embarcar agora, não poderemos entrar em contato por um bom tempo. Silêncio completo.

— Eu sei.

— Então pergunto: está pronto para fazer isso? Tem certeza?

— Está pedindo minha permissão?

— Permissão para deixá-lo. De novo. Pela segunda vez. Sim, é isso o que estou pedindo.

— Para onde vai?

— Não sei — disse Faye. — Vou pensar nisso quando chegar a Londres.

No alto, na TV, os comerciais haviam acabado e o noticiário estava de volta, com um segmento dedicado à campanha de Packer para presidente. Ao que parecia, o governador Packer ia sair na dianteira em Iowa, diziam os comentaristas. Pelo visto, o atentado em Chicago o ajudou a atrair atenção.

Faye e Samuel se entreolharam.

— Como a gente se meteu nisso? — indagou ele.

— É minha culpa. Me desculpe.

— Vá logo — disse ele. — Tem minha permissão. Vá embora.

— Obrigada.

Ela pegou a mala, olhou-o por um instante, depois largou a bagagem no chão, inclinou-se para Samuel, abraçou-o, enterrou o rosto em seu peito, apertou-o. Samuel não soube o que fazer: era um gesto extremamente atípico. Faye respirou fundo, como alguém se preparando para mergulhar, e então o soltou.

— Seja bonzinho — disse ela, e lhe deu um tapinha no peito.

Pegou a mala e caminhou até o agente da AST, que a conduziu sem maiores incidentes ao controle de segurança. O homem com a prancheta perguntou se Samuel estava pronto para ir embora. Então Samuel observou a mãe se afastar, ainda sentindo um vago tremor por aquele súbito abraço. A mão dele tocava suavemente o ponto onde Faye havia apoiado a cabeça com força.

— Senhor? — chamou o homem com a prancheta. — Está pronto?

Samuel estava prestes a dizer que sim quando escutou um nome conhecido — um nome que brotou abruptamente do barulho onipresente e em geral fácil de ignorar. O nome veio da TV: *Guy Periwinkle*.

Samuel olhou para cima, tentando definir se havia escutado corretamente, e foi então que o viu, Periwinkle, na TV, sentado no estúdio, conversando com os âncoras. Sob seu nome, havia uma legenda: *Consultor da campanha de Packer*. Estavam perguntando o que o atraía naquele trabalho.

— Às vezes o país acha que merece umas palmadas, às vezes quer ganhar um abraço — afirmou Periwinkle. — Quando quer um abraço, vota nos democratas. Minha aposta é que, no momento, o país quer umas palmadas.

— Temos que ir agora, senhor — disse o homem com a prancheta.

— Só um segundo.

— Os conservadores têm uma tendência maior em acreditar que precisamos de palmadas. Interpretem isso como quiserem.

Periwinkle riu. Os âncoras riram. Ele tinha um talento natural para a televisão.

— Neste momento, o país vê a si mesmo como uma criança malcriada — continuou ele. — Quando as pessoas votam, o que estão realmente fazendo, lá no fundo, é externalizar algum trauma de infância. Há um monte de pesquisas provando isso.

— Temos realmente que ir embora, senhor.

O homem com a prancheta estava perdendo a paciência.

— Ok, tudo bem — respondeu Samuel, permitindo-se ser escoltado para longe da TV, rumo à saída.

Mas, um instante antes de cruzar a porta, virou-se. Virou-se a tempo de ver sua mãe pegando as bagagens depois do controle de segurança. E ela não ergueu o rosto, não o procurou com o olhar, não acenou. Simplesmente juntou seus pertences e foi embora. E assim, pela segunda vez na vida, Samuel padeceu a visão de sua mãe se afastando, desaparecendo, talvez para nunca mais voltar.

| PARTE NOVE |

REVOLUÇÃO

Fim do verão, 1968

1

O BAR TÉRREO do Hotel Conrad Hilton é separado da rua por espessas vidraças retangulares de vidro plumbífero que abafam quaisquer sirenes ou gritos, a menos que estejam muito próximos. O saguão do Hilton está sendo patrulhado por uma falange de oficiais de polícia, eles próprios vigiados por grande quantidade de agentes secretos, todos se certificando de que somente pessoas registradas e inofensivas entrem no hotel: delegados partidários, suas esposas, assistentes dos pré-candidatos, os próprios pré-candidatos, Eugene McCarthy e o vice-presidente, todos estão aqui, assim como algumas subcelebridades artísticas, sendo que duas delas são reconhecíveis para, ao menos, dois ou três policiais — Arthur Miller e Norman Mailer. Hoje, o próprio bar está cheio de representantes, à meia-luz, favorecendo a privacidade necessária à lubrificação do processo político. Homens imponentes em pequenos grupos se reúnem em mesas reservadas para conversar em sussurros, fazer promessas, negociar favores. Todos fumam cigarros e a maioria bebe martíni. A trilha sonora é jazz e *big bands* — pense em Benny Goodman, Count Basie, Tommy Dorsey — em um volume alto o bastante para eclipsar as conversas ao redor, mas não tão alto que obrigue as pessoas a gritar. Sobre o balcão do bar, a TV está sintonizada na CBS News. Delegados andam pelo lugar e avistam conhecidos e trocam apertos de mão e tapinhas nas costas, pois os participantes desses eventos são quase sempre os mesmos. Ventiladores de teto giram na velocidade exata para aspirar e dissolver a neblina dos cigarros.

Pessoas excluídas do processo político às vezes reclamam que as verdadeiras decisões são tomadas em salas escuras e esfumaçadas; esta é uma dessas salas.

Junto ao balcão, há dois caras de quem ninguém se aproxima e com os quais ninguém se mete: óculos espelhados, terno preto, são obviamente do Serviço Secreto, em dia de folga, olhando as notícias e bebericando doses de alguma bebida transparente. O burburinho

no recinto diminui temporariamente no momento em que um hippie rompe o cordão de isolamento policial e sai correndo pela Michigan Avenue e é agarrado bem na frente das vidraças do bar, e todos os fregueses lá dentro — todos, menos os dois caras do Serviço Secreto — se detêm e observam a cena distorcida pelos painéis de vidro, enquanto os policiais em seus uniformes azul-bebê caem em cima do pobre sujeito e lhe dão cacetadas nas costas e nas pernas. Dentro do bar, nada escutam, exceto talvez o velho Conkrite falando na CBS e Glenn Miller tocando “Rhapsody in Blue”.

2

VÁRIOS ANDARES ACIMA, na suíte presidencial do Conrad Hilton, o vice-presidente Hubert H. Humphrey quer tomar outro banho.

Este será seu terceiro banho no dia e o segundo desde que voltou da arena. Ele ordena à camareira que encha a banheira e todos os seus assessores o fitam com olhar intrigado.

Esta manhã, estiveram no estádio para que Triplo H ensaiasse o discurso. Os assessores gostam de chamá-lo de “Triplo H”, mas os agentes do Serviço Secreto se recusam a usar o apelido, chamando-o geralmente de “Sr. Vice-presidente”, opção que ele próprio prefere. Foram à arena para que ele subisse ao palanque e imaginasse a multidão, visualizasse seu discurso e focasse em pensamentos positivos, como os consultores estratégicos o instruíram: ele devia imaginar a multidão naquele vasto espaço, aquele espaço imenso, tão gigantesco que poderia abrigar todos os moradores de sua cidade natal e mais alguns milhares. E lá estava ele no palanque ensaiando mentalmente o discurso e tentando saborear as passagens apoteóticas e tentando ter pensamentos positivos e repetindo “Eles *querem* que eu triunfe, eles *querem* que eu triunfe”, mas, na verdade, conseguia pensar apenas naquele fedor. O fedor inconfundível de fezes animais com o odor subjacente de sangue e

produtos de limpeza, um miasma que pairava sobre os currais. Que lugar absurdo para se fazer uma convenção.

O cheiro continua grudado em suas roupas, embora ele já tenha mudado de calças e camisa. Continua sentindo o cheiro em seu cabelo e debaixo das unhas. Acha que vai ficar louco se não se livrar desse cheiro. Precisa de outro banho, e dane-se o que os assessores pensam.

3

ENQUANTO ISSO, UM andar abaixo, Faye Andresen olha fixamente para as sombras na parede. No fim das contas, esta não é uma cadeia de verdade, mas uma espécie de cela improvisada que parece ter sido construída às pressas em uma despensa do Conrad Hilton. Não é feita de barras de ferro, mas de tela metálica. Está sentada no chão desde o último ataque de pânico, que a acometeu pela maior parte da noite. Ela havia sido fotografada, fichada e arrastada para esta cela, a porta foi trancada, e ela suplicou às trevas, dizendo que tudo não passava de um terrível engano, e chorou ao imaginar sua família descobrindo que fora presa (por *prostituição*, meu Deus do céu). O terror fez seu corpo tremer, e tudo o que ela conseguia fazer era ficar encolhida num canto, sentir o doloroso bater do próprio coração e tentar se convencer de que não estava morrendo, embora tivesse certeza de que esta era a sensação exata, a sensação de morrer.

E após o terceiro ou quarto ataque, sentiu-se inundar por uma estranha calma, uma estranha resignação, talvez fadiga. Estava tão cansada. Seu corpo retumbava após uma noite de espasmos e horrores contínuos. Deitou-se de barriga para cima, pensando que agora talvez conseguisse dormir, mas ficou absorta na escuridão até que a vaga luminosidade do alvorecer começou a se esgueirar pela solitária saída de emergência do porão. É uma luz cinza-azulada, mórbida, como a luz do inverno profundo, estorvada e esmaecida

por vários painéis de vidro jateado. Faye não consegue enxergar a janela, mas vê sua luz projetada na parede oposta. E sombras das coisas que passam. Primeiro, algumas pessoas; depois, muitas pessoas; depois, muitas pessoas marchando.

Então a porta se abre e o policial que a prendeu no dia anterior — um grandalhão com cabelo escovinha que continua sem distintivo ou crachá ou qualquer coisa que o identifique — entra. Faye se levanta. O policial diz:

— Resumindo, você tem duas escolhas.

— Isto é um engano. Um grande mal-entendido.

— Escolha número um: você vai embora de Chicago imediatamente. Ou escolha número dois: você fica em Chicago e vai a julgamento por prostituição.

— Mas eu não fiz *nada*.

— Ainda por cima, você está chapada. Neste exato momento, está sob efeito de narcóticos ilegais. Aqueles comprimidos vermelhos que você tomou. Como acha que seu pai vai se sentir quando descobrir que a filha é prostituta e drogada?

— *Quem* é você? O que foi que eu te fiz?

— Se for embora de Chicago, tudo vai ficar bem. Estou tentando lhe explicar as coisas do jeito mais simples. Se for embora, nada de ruim vai acontecer. Mas, se eu pegar você em Chicago outra vez, juro que vai se arrepender pelo resto da vida.

Ele dá uma sacudida na cela, para testar sua resistência.

— Vou deixar você pensar nisso durante o fim de semana — anunciou ele. — Volto quando o protesto acabar.

O policial sai da sala e tranca a porta, Faye se senta e volta a encarar a escuridão. Lá em cima, a grande passeata segue em frente — é o que ela pensa, olhando os vultos projetados na parede. Tem quase certeza de que são pernas, essas sombras esguias, semelhantes a tesouras de ponta-cabeça que se abrem e se fecham. Pessoas marchando. A prefeitura deve ter recuado, deve ter dado a autorização. Então chega um grande grupo de sombras ruidosas bloqueando as janelas, e ela supõe que sejam caminhonetes, as caçambas cheias de manifestantes, e ela os imagina sacudindo bandeiras brancas feitas à mão. Alegra-se por eles, por Sebastian e

os outros estudantes conseguirem o que queriam, que a maior manifestação do ano — da *década* — esteja finalmente acontecendo.

4

MAS AQUELAS SOMBRAS, na verdade, não são de estudantes em marcha. São as sombras dos veículos da Guarda Nacional, cheios de soldados portando rifles com baionetas na ponta. Não há passeata. A prefeitura não recuou. As sombras vistas por Faye são projetadas por policiais indo de um lado a outro para conter a turba de manifestantes que se concentram aos gritos do outro lado da rua. Caso algum resolva marchar, os veículos têm jaulas de arame laminado acopladas às grades dianteiras, só para mostrar que os manifestantes não são bem-vindos.

Estão reunidos no Grant Park, milhares e milhares de jovens, e lá está Allen Ginsberg, de pernas cruzadas na relva, as palmas das mãos erguidas para o universo, ouvidos atentos. Ao seu redor, jovens berram e revolucionam. Cospem impropérios contra o estado policial da América, contra o FBI, o presidente, os assassinos burgueses mesquinhos materialistas assexuados desalmados cujas bombas caem como dançarinas mortais sobre camponeses e crianças, às toneladas. É hora de levar a guerra às ruas, diz um jovem com um alto-falante portátil. *A gente vai parar Chicago! Foda-se a polícia! E quem não está conosco é um porco burguês branco desgraçado!*

Ginsberg estremece ao ouvir isso. Não quer conduzir essas crianças à guerra, à miséria, ao desespero, aos sangrentos cassetetes da polícia e à morte. A ideia rasga suas entranhas como arame farpado. Não se pode reagir à violência com mais violência — somente uma máquina pensaria assim. Ou um presidente. Ou um monoteísta vingativo. Em vez disso, imagine dez mil jovens nus carregando cartazes com os dizeres:

POLÍCIA NÃO NOS MACHUQUE
NÓS AMAMOS VOCÊS TAMBÉM

Ou com coroas de flores, sentados de pernas cruzadas, balançando bandeiras imaculadamente brancas e entoando poemas nirvânicos de glória ao sublime Criador. Essa é a outra maneira de se reagir à violência — com beleza —, e Ginsberg quer lhes dizer isso. Quer dizer ao jovem com o alto-falante: *O poema que você está buscando é você mesmo!* Quer apaziguá-los. *O caminho que nos leva adiante é como a água.* Mas ele sabe que isso não é bom o bastante, não é suficientemente radical para aplacar os apetites selvagens dos jovens. Então Ginsberg alisa a barba, fecha os olhos, acomoda-se no próprio corpo e responde da única maneira que pode, com um clamor nascido nas profundezas de seu ventre, a grande Sílabas, o sagrado som do universo, o pináculo da sabedoria, o único barulho que vale a pena ser feito em uma hora destas: *Ommmmm.*

Ele sente o alento sagrado em sua boca, o alento musical nascido no fundo de seus pulmões e de sua garganta, de suas entranhas e de seu coração, de seu estômago e de suas células vermelhas, de seus rins, de sua vesícula e de suas glândulas e das longas pernas finas em que está sentado, a sílaba brota de todas essas coisas. Se escutar em silêncio, cuidadosamente, com a mente calma e o coração pacato, você ouvirá a Sílabas em tudo o que existe — as paredes, a rua, os carros, a alma, o sol — e logo não será mais preciso que sua boca entoe a Sílabas. Logo o som vai se instalar em sua pele e você escutará seu próprio corpo entoando o cântico, como sempre fez: *Ommmmm.*

Jovens com excesso de educação têm problemas em compreender a Sílabas. Pois pensam com a mente e não com o corpo. Pensam com a cabeça e não com a alma. A Sílabas é o que permanece quando você se livra de sua mente, quando você subtrai o Grande Eu. Às vezes Ginsberg gosta de emparelhá-los e colocar as mãos em suas cabeças e dizer “Vocês estão casados”, para fazê-los pensar no que acontecerá em seguida, na lua de mel; apesar de toda aquela

conversa sobre amor livre, eles precisavam desesperadamente da devassidão de outros corpos. Precisavam desesperadamente sair do próprio cérebro. Ginsberg quer lhes dizer aos gritos: *Vocês estão carregando almas de chumbo!* Quer que arremessem suas cabeças atormentadas no venturoso oceano da devoção. Aqui estão eles, tentando murmurar a Sílabas e fazendo tudo errado. Pois a tratam como um rato de laboratório ou um poema — desmembram-na, dissecam-na, explicam-na, expõem suas vísceras. Aham que a Sílabas é um ritual, algo figurativo, um símbolo de Deus, mas estão errados. Quando você flutua no oceano, a água não *simboliza a umidade*. A água simplesmente existe, erguendo nosso corpo. Assim é a Sílabas, as profundezas do universo, como a água, onipresente, infinita, perfeita, é o toque de Deus no ponto mais alto, no ponto mais sublime, na suprema eminência, o pináculo, a suma elevação, o oitavo.

Ommmmm, diz ele.

5

SOBRE TODOS, UM helicóptero ruge em direção ao norte após notícias de uma súbita marcha ilegal na Lake Shore Drive: uma confluência de meninas marchando rápido e gritando e erguendo os punhos pelo meio da pista, batendo com as mãos nos para-brisas dos carros e exortando os motoristas a segui-las no cortejo rumo ao sul, pedidos que os motoristas recusam unanimemente.

O helicóptero alcança a marcha e aponta a câmera para as manifestantes, e milhares de espectadores agora veem a cena na TV — pessoas como o pai de Faye e os vários tios corpulentos dela, todos reunidos em uma sala de estar na pequena cidade ribeirinha em Iowa, a mais de trezentos quilômetros de Chicago, mas conectada ao protesto por meio da televisão — e dizem: *Só tem meninas aí?*

Bem, sim, de fato, este aglomerado de estudantes radicais, em particular, é todo composto por meninas. Ou assim parece. Algumas têm o rosto coberto por lenços, portanto é difícil ter certeza. Outras têm cortes de cabelo que levam os tios a dizer: *Essa aí parece um homem*. Neste momento, estão olhando para o melhor televisor da família — um televisor Zenith em cores, de 23 polegadas, grande como um pedregulho, que faz *tsuuump* ao ser ligado — e desejam que seus amigos e suas esposas também estivessem aqui, vendo o que eles veem. Afinal, veja que diabo essas meninas estão gritando! Estão gritando as coisas mais doidas do mundo! Estão gritando “Ho! Ho! Ho Chi Minh!” e balançando os punhos a cada sílaba, ignorando completamente os carros que não param de buzinar, sem dar espaço aos veículos que se aproximam, desafiando todos esses automóveis a atropelá-las como pinos de boliche, e os tios desejam que os carros façam exatamente isso. Que atropelem as meninas. Feito pinos de boliche.

Nesse momento, lançam um olhar embaraçado a Frank e dizem *Tenho certeza de que Faye não está lá*. Frank concorda, e tudo fica muito silencioso e esquisito até que um dos tios rompe a tensão dizendo *Olha só a roupa daquela maluca*, e todos balançam a cabeça e emitem variados sons de repulsa; não é que eles pensem que todas as mulheres devam se vestir como debutantes, mas por favor. Perto dessas meninas, aquelas outras que protestaram contra a Miss América ficam parecendo a própria Miss América. Só para dar um exemplo, olhem aquela ali: a líder, que as câmeras mostram repetidas vezes, andando à frente da horda e, aparentemente, comandando o avanço das legiões, e vejam o que ela está usando. Para começar? Uma jaqueta militar, coisa que os tios, de forma unânime, consideram um grande desrespeito, uma falta de patriotismo, e essa é a questão número um. A questão número dois é que jaquetas militares não se amoldam às formas femininas e não as valorizam, pois são feitas para homens. Essa menina decerto sabia que iria aparecer na TV, e é assim que se apresenta? Em uma jaqueta imprópria ao seu sexo? E isso os leva à questão número três: ela provavelmente *quer* ser um homem, em segredo, lá no fundo. E eles pensam que tudo bem, se você quer saber, manda

essa vagabunda para o Vietnã, como fazem com os homens, e deixem ela se arrastar pela selva como testa da tropa, se esgueirando de armadilhas e minas terrestres e bombas escondidas e francoatiradores, e aí vamos ver se ela continua gostando do Ho Chi Minh.

Um dos tios diz: *Parece que ela não toma banho há muito tempo.* Quanto tempo? A média de todas as opiniões na sala é de seis dias.

O noticiário identifica a líder como uma certa Alice, ativista feminista muito conhecida na universidade, e os tios bufam e grunhem e um deles diz *Tá explicado*, e todos assentem, pois entendem perfeitamente o que ele quis dizer.

6

O BAR TÉRREO do Conrad Hilton se chama Haymarket, fato que parece historicamente significativo para um dos agentes do Serviço Secreto que estão junto ao balcão, acalentando seus drinques não alcoólicos.

— Lembra do Motim de Haymarket? — pergunta o Agente A [REDACTED]. — Ou era o Massacre de Haymarket? Algo assim. Lembra?

Ao que o Agente B [REDACTED], cujo queixo agora paira sob o copo de água com gás que ele gostaria que fosse uísque, responde:

— Não. Não lembro mesmo.

— Foi em Chicago? Mil oitocentos e oitenta e tantos? Uns operários foram protestar na praça Haymarket. É um fato histórico.

— Achei que a praça Haymarket ficasse em Boston.

— Aqui também tem uma praça com esse nome. Fica para o nordeste, a uns dois quilômetros.

— E por que estavam protestando? — pergunta B [REDACTED].

— Jornada de oito horas.

— Rapaz, estou louco pra beber uma dose dessas.

A [REDACTED] sacode o copo, e o barman vem enchê-lo. Sua bebida favorita em dias de folga é uma mistura de xarope simples, suco de limão e água de rosas. Na maioria dos bares, era bem difícil

encontrar água de rosas, mas o Haymarket é um lugar bem abastecido.

— O que aconteceu foi o seguinte — conta A [REDACTED] — Eles estavam fazendo uma manifestação, os operários, marchando e fazendo piquetes, e aí a polícia apareceu e atacou, e de repente uma bomba explodiu.

— Houve baixas?

— Muitas.

— Quem detonou?

— Não se sabe.

— E você está falando nisso agora porque...

— Porque é uma coincidência, não acha? Que a gente esteja no Haymarket Bar? Logo hoje?

— O coração do tumulto — diz B [REDACTED], apontando o polegar para trás, para os milhares de manifestantes reunidos atrás das vidraças.

— É disso que estou falando.

— Uma verdadeira mixórdia lá fora.

O Agente A [REDACTED] lança um olhar de soslaio ao companheiro.

— Uma autêntica barafunda, poderíamos dizer?

— É. Uma imensa baralhada.

— Uma rematada algazarra.

— Sim, senhor, uma patuscada impressionante.

— Um entrevero.

— Um pandemônio.

Sorriem um para o outro e abafam uma risada. Encostam os copos em um brinde. Poderiam continuar fazendo isso o dia inteiro. Lá fora, a multidão se agita e borbulha.

E AQUILO QUE parece ser uma clareira oval no meio da multidão é, na verdade, um círculo de manifestantes sentados. Estão olhando para Allen Ginsberg ou acompanhando seu prolongado *Ommmm*, o balançar de sua cabeça, batendo palmas, seu rosto erguido como se estivesse recebendo uma mensagem dos deuses. Para a multidão nervosa e aterrorizada, seu cântico tem efeitos barbitúricos. Com sua resoluta e implacável monotonia, era o equivalente verbal ao colo gentil e aconchegante de uma babá extremamente carinhosa. Aqueles que se juntam ao *Ommmm* se sentem mais à vontade no mundo. Essa é sua armadura, a sagrada e audível Sílabas. Ninguém ousaria espancar pessoas sentadas no chão entoando *Ommmm*. Ninguém ousaria jogar bombas de gás *neles*.

No Grant Park, essa calma, essa paz reverbera até as orlas mais distantes. Há manifestantes lá na ponta, perdidos na multidão, gritando contra os policiais e talvez arrancando pedaços da calçada para atirar no Conrad Hilton em um incontrolável espasmo de raiva e impetuosidade porque *estão todos tão furiosos*, quando, de repente, alguém toca em seu ombro por trás e eles se viram e deparam com olhos tranquilizadores, calmos e serenos, pois também eles foram tocados por alguém que estava atrás, e este por sua vez recebeu outro toque no ombro, em uma longa cadeia que remontava a Ginsberg, que está energizando toda essa gente com seu cântico.

Ele tem paz bastante para todo mundo.

Os manifestantes sentem parte daquele cântico entrar em seus corpos, sentem sua beleza, sentem que são aquela beleza. Eles e o cântico, o mesmo ser. Eles e Ginsberg, o mesmo ser. Eles e os policiais e os políticos, o mesmo ser. E os francoatiradores nos telhados e os agentes do Serviço Secreto e o prefeito e os repórteres e os alegres fregueses do Haymarket Bar que agora balançam a cabeça ante um cântico que não podem ouvir: todos eles, o mesmo ser. O mesmo fio de luz percorre-os a todos.

E assim a calma se espalha pela multidão em vagarosos círculos concêntricos ao redor do poeta, círculos que se propagam como pequenas ondas na superfície da água, como naquele poema de Bashô que Ginsberg tanto ama: o antigo lago, a noite imóvel, um sapo pula.

Ploft.

8

AS GAROTAS CONTINUAM marchando para o sul. Brancas, negras, pardas. Closes de câmara em seus rostos agora. Entoando palavras de ordem, gritando. Na opinião dos tios, há três tipos de garotas: garotas com rosto comprido de cavalo, garotas com rosto rechonchudo como bolo e garotas salientes com rosto de passarinho. Aquela menina à frente da passeata, aquela tal de Alice, tem muito de cavalo, eles acham. (Haha, *um cavalo dentro dela*, haha.) Puxa mais para cavalo, embora tenha um pouco de passarinho também. Ao menos é o que parece, a julgar pelo que conseguem enxergar de seu rosto, daquela parte que não está encoberta pelos óculos e pelo cabelo embolado. Dois terços cara de cavalo, um terço cara de passarinho: tal era a posição dela no gráfico 3-D dos rostos de garotas.

Acontece, contudo, que ela está armada, e isso a coloca em uma categoria totalmente diversa. Garotas ficam com o rosto diferente quando estão violentas desse jeito.

Na verdade, quase todas as meninas na multidão carregam algum tipo de arma: vigas de construção, algumas com aqueles ameaçadores pregos enferrujados na extremidade; pedras e pedaços de pavimento; barras de ferro e tijolos; e sacos com conteúdo desconhecido, mas se arriscam um palpite? Mijo e merda, diz um dos tios, e também sangue menstrual. *Que nojo*. Segundo boatos noticiados pela TV, os radicais andaram comprando enormes quantidades de detergente e amoníaco, e isso cheira a material para bomba caseira, embora os tios não tenham certeza se a receita faz sentido do ponto de vista químico. Mas, se alguém anda carregando bombas de detergente, devem ser essas garotas, pois — refletem os tios — elas deve ter acesso diário a esse tipo de coisa.

A CBS interrompeu por um momento o programa do velho Cronkite e está transmitindo apenas a passeata, ao vivo e sem edição. A maioria das pessoas sintoniza na CBS para escutar a opinião do velho Cronkite sobre os assuntos do dia, mas sabe o que os tios acham? Sobre não estar assistindo ao Cronkite? Eles acham ótimo. Aquele cara ficou meio frouxo ultimamente, um pouco esquerdoso, além de arrogante, lançando aquelas opiniões pomposas lá do Alto Pedestal do Jornalismo ou algo assim. Eles preferem que as notícias venham direto da fonte, em estado puro.

E aqui têm um exemplo: lá vão as garotas, marchando para o sul pelo meio da rua. Isto é ação. Isto é a notícia intacta. Especialmente agora, quando uma viatura da polícia se aproxima e, em vez de debandar como deveriam, as meninas atacam o carro! Golpeiam a sirene com tacos de beisebol! Arreventam as janelas com pedras! E o pobre policial salta pela porta do passageiro e, caramba, olhem só como o garoto corre! E embora suas perseguidoras sejam apenas garotas, há umas cem correndo atrás dele, e elas não estão para brincadeira. Então as meninas se juntam ao redor do carro e parecem uma legião de formigas cercando um besouro, prontas a devorá-lo. E a menina-líder com rosto de cavalo grita *Levantar!*, e elas de fato viram o carro de cabeça pra baixo! É a coisa mais incrível que os tios já viram! E as garotas comemoram ante o trabalho bem feito e depois continuam marchando e entoando palavras de ordem, e a sirene da viatura continua ligada, mas, em vez de soar em volume máximo, ela solta um barulhinho melancólico, uma sirene desmoralizada. Geme e choraminga de forma patética. Parece um brinquedo eletrônico cujas pilhas estão quase acabando.

E agora as meninas saem gritando atrás do policial, gritando: "Xô, porquinho, porquinho! Óinc, óinc! Xô!" E essa talvez seja a melhor coisa que os tios viram na televisão em um mês.

O HOTEL CONRAD Hilton não fica perto da convenção. A Convenção Nacional do Partido Democrata vai ocorrer no International Amphitheater, um estádio no área dos abatedouros de Chicago, a cerca de oito quilômetros daqui. Mas a arena está completamente inacessível: há uma cerca de arame farpado; a Guarda Nacional patrulha toda a área; todos os bueiros foram lacrados com piche; todos os cruzamentos estão interditados; até os aviões foram proibidos de sobrevoar o local. Após os delegados partidários entrarem na arena, será impossível alcançá-los. Por isso os protestos em frente ao Hilton, onde todos os delegados estão hospedados.

Além disso, tem a questão do cheiro.

Hubert Humphrey não consegue pensar em outra coisa. Seus assessores estão tentando lhe explicar como o debate sobre a ala pacifista vai se desenrolar, mas, toda vez que Humphrey mexe a cabeça, tem a impressão de sentir aquele cheiro de novo.

Quem teve a ideia absurda de fazer uma convenção ao lado de um abatedouro?

Ele podia senti-los, cheirá-los, ouvi-los, os pobres animais amontoados nos currais, centenas deles abatidos de hora em hora para alimentar uma nação próspera. Em caminhões, chegavam ainda crianças; em caminhões, partiam aos pedaços. Humphrey sentia o cheiro dos porcos enlouquecidos de medo, os porcos pendurados em ganchos, as tripas abertas em cachoeiras de sangue e vômito. O cheiro de amônia pura e brilhante, usada para limpar a imundície do assoalho. Criaturas mergulhadas no pânico da morte soltando berros e ativando o fedor das glândulas, um terror tanto auditivo quanto olfativo. O bafo químico de um milhão de gritos de animais abortados, aromatizado, vicejando pelo ar, um vapor carnal e acre.

O perfume da carnificina é, ao mesmo tempo, nauseante e fascinante. A maneira com que um corpo entra em sintonia com a morte de outro corpo.

Um montão de esterco avultava acima da cerca de arame farpado, *quatro metros e meio de altura*, um monturo em forma de tenda indígena em um surto de copromania, estrume puro cozinhando ao sol. Parecia alguma antiga monstruosidade emergindo das

profundezas do Pleistoceno. Um lodo orgânico cujo miasma dominava o ar e se entranhava nas roupas e no cabelo.

— Que abominação é essa? — perguntou o Triplo H, apontando a pirâmide de merda.

Os seguranças riram. Eram todos filhos de fazendeiros; ele era filho de farmacêutico. Seu único contato com essa área da biologia dava-se após o devido processo de industrialização e pulverização. Tinha vontade de enfiar o nariz no sovaco. Aquele cheiro parecia mais um peso do que um gás. Era como se toda a podridão moral do mundo tivesse ganhado forma bem ali, em Chicago.

— Alguém aí risque um fósforo! — disse um dos agentes.

O cheiro continua grudado nele. A camareira diz que o banho está pronto. *Graças a Deus*. A essa altura, o banho é mais um analgésico do que qualquer outra coisa.

10

FAYE JÁ ESTÁ na cadeia há mais ou menos nove horas quando o fantasma aparece.

Está ajoelhada, as mãos juntas, olhando a parede distante, em cuja superfície as sombras bruxuleiam; e ela implora que Deus a ajude. Jura que fará qualquer coisa, qualquer coisa em troca de ajuda. Por favor, suplica ela, balançando o corpo, eu faço o que você mandar. E continua fazendo isso até se sentir tonta, então implora ao corpo que adormeça, mas quando fecha os olhos sente-se como uma longa corda de guitarra recém-dedilhada, trêmula e tensa. É neste momento, quando ela se encontra em uma espécie de limbo, exausta demais para ficar acordada e nervosa demais para dormir, que o fantasma aparece. Ela abre os olhos e sente uma presença, olha ao redor e vê, lá na parede, do outro lado, iluminada pelo débil clarão azulado da janela, uma *criatura*.

Parece, talvez, um gnomo. Ou um pequeno troll. Na verdade, é idêntico à estatueta do espírito doméstico que o pai dela lhe dera

anos atrás. O *nisse*. É pequeno e arredondado, talvez com um metro de altura, peludo, de barba branca, gordo, rosto de troglodita. Está encostado na parede, pernas cruzadas, braços cruzados, sobrelhas erguidas, fitando Faye com olhar cético, como se ele é que duvidasse da existência dela, e não o contrário.

Em outras circunstâncias, talvez ela tivesse entrado em pânico, mas seu corpo está cansado demais.

Estou sonhando, diz ela.

Então acorde, responde o espírito da casa.

Ela tenta acordar. Sabe que, para sair do sonho, basta ter consciência de que está sonhando — fato que, aliás, sempre a deixou frustrada, pois acha que os sonhos são melhores quando a gente sabe que está sonhando. Porque, então, a gente pode agir sem pensar nas consequências. É a única ocasião na vida em que se sente livre de preocupações.

E então?, diz o fantasma.

Você não é real, responde ela, embora tenha de admitir que esta cena não parece ser um sonho.

O espírito dá de ombros.

Você passa a noite pedindo ajuda e, quando alguém vem socorrê-la, você o insulta. Típico de você, Faye.

Estou tendo uma alucinação, diz ela. Por causa dos comprimidos.

Olhe, se você não me quer aqui, se está com a situação sob controle, então boa sorte. Tem muita gente lá fora que adoraria contar com minha ajuda. Ele aponta o dedo gorducho para a janela, para o mundo externo. *Ouçá-os*, diz ele, e de repente o vasto porão retumba com múltiplos sons, as vozes dissonantes e justapostas de pessoas implorando por ajuda, pedindo proteção, vozes jovens e velhas, de homens e mulheres, como se o porão fosse uma torre de rádio captando todas as frequências ao mesmo tempo, e Faye ouve estudantes pedindo proteção contra policiais, e policiais pedindo proteção contra estudantes, e padres rezando pela paz, e pré-candidatos à presidência rezando para serem fortes, e francoatiradores rezando para não terem de puxar o gatilho, e soldados da Guarda Nacional olhando de soslaio para as baionetas rezando para ter coragem, e pessoas por todos os lados prometendo

tudo o que podem em troca de segurança: prometem ir mais à igreja, prometem ser pessoas melhores, prometem telefonar em breve para os pais ou para os filhos, prometem escrever cartas com mais frequência, fazer doações de caridade, tratar os estranhos com gentileza, parar de fazer as coisas ruins que andaram fazendo, parar de fumar, parar de beber, ser um marido melhor, ser uma esposa melhor, uma vasta sinfonia de benevolências que serão postas em prática se eles forem poupados das agruras deste dia horrível.

Então, de forma igualmente repentina, as vozes cessam e o porão fica silencioso novamente, e o último barulho a se dissipar é uma cantilena baixa e grave, que se alonga: *Ommmm*.

Faye fica de pé e olha para o espírito da casa, que por sua vez está olhando de forma inocente para as próprias unhas.

Sabe quem eu sou?, pergunta ele.

Você é o espírito doméstico da minha família. O nosso *nisse*.

Este é um nome possível.

Quais são os outros?

Ele a encara, com olhos pretos e sinistros. *Lembra todas aquelas histórias que seu pai lhe contou sobre fantasmas que parecem pedras, cavalos ou folhas? Pois é, eu sou tudo isso. Eu sou o nisse, eu sou o nix, sem falar em vários outros espíritos, criaturas, demônios, anjos, trolls etc.*

Não estou entendendo.

Nem poderia entender, responde ele, então boceja. *Vocês ainda não entenderam nada. Estão usando um mapa totalmente errado.*

11

EM VEZ DE “Ho! Ho! Ho Chi Minh!”, as meninas agora estão gritando “Mate o porco! Mate o porco!” e os tios estão *grudados* na TV porque essas garotas estão cheias de autoconfiança após o triunfo contra a viatura da polícia, e estão se sentindo evidentemente indestrutíveis, pois não param de provocar os diversos policiais que

encontram pelo caminho com gritos de “Já para o chiqueiro!” e “Olha a lavagem” e coisas assim. O noticiário agora se tornou indelével e os tios continuam gritando *Querida, vem aqui você precisa ver isso* e pensam até em telefonar para os amigos e se certificar de que todos estejam vendo o mesmo programa, e tudo isso pela seguinte razão: olhem só a polícia, estão vendo? E a Guarda Nacional? *Estão dois quarteirões à frente esperando pelas vagabundas*. É como uma armadilha. A polícia está a oeste da passeata, esperando para atacar as garotas pela lateral e rasgá-las ao meio (rá-rá) e as meninas não fazem ideia do que está prestes a acontecer.

Os tios sabem disso por causa das câmeras no helicóptero.

E neste momento eles dão graças ao helicóptero com o mesmo fervor com que agradecem às próprias mães no dia do aniversário. E desejam que houvesse um jeito de gravar para todo o sempre o que está prestes a acontecer, e gostariam de poder assistir à gravação do helicóptero infinitamente e talvez guardá-la num álbum ou numa cápsula do tempo, ou enviá-la para o espaço dentro de um satélite para ensinar aos marcianos ou a quem quer que esteja lá o que é entretenimento de qualidade. E sabe o que os marcianos fariam? Sabe qual a primeira coisa que vão dizer ao aterrissar seus discos voadores no gramado da Casa Branca? Vão dizer: *Aquelas meninas estavam pedindo*.

Cerca de cem policiais com equipamento antimotim esperavam as garotas, e atrás deles havia um batalhão de soldados da Guarda Nacional com máscaras de gás, segurando rifles com facões acoplados ao cano — facões, cacete! —, e atrás deles havia uma coisa monstruosa feita de metal com mangueiras no focinho parecendo uma espécie de terrível trator futurista, e o locutor da TV lhes explica para que serve aquele negócio: lançar gás. Gás lacrimogêneo. Mil galões.

E a polícia está atrás de um prédio esperando que as meninas se aproximem, e os tios estão tensos e envolvidos na ação e parece até que estão lá em Chicago ao lado dos policiais ou algo assim, e podem jurar que este momento — embora os tios estejam a centenas de quilômetros da passeata e tudo o que fazem é ficar

sentados num sofá olhando um caixote eletrônico enquanto a comida esfria — talvez seja a melhor coisa que já lhes aconteceu em toda a vida.

Pois o que estão vendo neste instante é o futuro da televisão: *comoção combativa em estado puro*. O problema com o velho Cronkite é que está tratando a televisão como se fosse um jornal, com todas as obrigações defasadas da mídia impressa.

Helicópteros com câmeras abrem um mundo de novas possibilidades.

Um mundo mais rápido, imediato, esplendidamente ambíguo — sem intermediários entre o acontecimento e a percepção do acontecimento. A notícia e a opinião dos tios sobre a notícia estão niveladas em um único e contínuo acontecimento.

Mas os policiais agora estão em movimento. Sacam os cassetetes, baixam a viseira dos capacetes e saem correndo, *a toda a velocidade*, e, quando as garotas compreendem o que está para acontecer, o protesto se estilhaça como uma pedra atingida por um tiro, estilhaços voando em todas as direções. Algumas garotas dão meia-volta e saem correndo pelo caminho de onde vieram, mas são interceptadas por um furgão e um esquadrão inteiro, pois a polícia estava prevendo que as manifestantes fariam exatamente isso. Outras pulam a barreira que separa as pistas de tráfego e saem correndo em direção ao lago. A maior parte delas está presa no meio da multidão e não tem para onde fugir. Então elas trombam umas nas outras, caem no chão e balançam os braços como cachorrinhos cegos recém-nascidos, e essas são as primeiras vítimas que a polícia alcança, descendo o cassetete em pernas, coxas e costas. Os policiais derrubam aquelas vagabundas como se estivessem cortando grama — uma rápida arremetida e as meninas se curvam e caem. De cima, a cena parece uma daquelas imagens de apostilas escolares de biologia em que o sistema imunológico elimina um corpo estranho, cercando-o e neutralizando-o no sangue. Os policiais deságuam na multidão e todo mundo se mistura. Os tios veem as garotas mexer a boca e gostariam de ouvir os gritos, abafados pelo barulho do helicóptero. Os policiais arrastam as garotas para o furgão, em geral puxando-as pelo braço, às vezes

pelos cabelos, às vezes pelas roupas, detalhe que deixa os tios temporariamente animados porque talvez aqueles vestidos de hippie se rasguem e eles consigam ver alguma parte do corpo delas. Algumas das garotas estão jorrando rios de sangue pela cabeça. Outras estão atordoadas, sentadas na rua, chorando, ou desmaiadas no meio-fio.

A câmera do helicóptero está procurando a líder do grupo, Alice, mas ela disparou em direção ao sul, rumo ao parque Grant, talvez para se juntar aos outros hippies em frente ao Conrad Hilton. É uma pena. Seria divertido vê-la apanhando. A Guarda Nacional ainda nem sequer entrou em ação. Os soldados estão apenas observando, agarrados aos rifles com uma aparência mortífera. A gigantesca máquina de gás, a propósito, está sacolejando lentamente para o sul, rumo à multidão concentrada no parque. A maior parte das garotas debandou completamente. Poucas fogem pela margem do lago, correndo feito loucas pela areia da praia diante do olhar perplexo de famílias e salva-vidas. A câmera do helicóptero voa rumo ao sul para cobrir os acontecimentos no parque, e bem nesse instante a desgraçada da CBS corta para o velho Conkrite; pálido, estarrecido, ele obviamente esteve assistindo às mesmas imagens que os tios acabaram de ver, mas chegou a uma conclusão totalmente diferente.

— A polícia de Chicago não passa de uma corja de bandidos — diz ele.

Opa, opa, companheiro! Estamos tendenciosos hoje, hein? Um dos tios salta da cadeira e faz uma chamada de longa distância para a sede da CBS e nem se importa com o custo da ligação, pois nenhum preço é alto demais para dizer umas boas verdades na cara do velho Cronkite.

O OFICIAL CHARLIE Brown — sem distintivo, anônimo — está vasculhando a multidão em busca de Alice, sabe que ela está ali, naquele protesto específico, exclusivamente feminino, e brande o cassetete e acerta o alvo e, ao atingir mais uma testa de hippie, ele se sente como Ernie Banks.

Sente-se como Ernie Banks naquele instante logo após o taco acertar a bola, naquele minúsculo intervalo antes que a plateia exploda em vivas, antes que ele dispare na direção das bases, antes mesmo que saia do quadrado do rebatedor, antes que qualquer espectador possa localizar a bola no ar, calcular sua trajetória e compreender que ela vai ultrapassar a cerca externa do campo — sim, deve haver um momento em que a única pessoa no estádio ciente da iminência de um *home run* é o próprio Ernie Banks. Antes mesmo de olhar a bola voando para longe, deve haver um momento em que sua cabeça continua abaixada olhando o ponto onde a bola estava uma fração de segundo antes, e a única informação de que dispõe é a que vem subindo pelo taco e adentrando suas mãos, a sensação de uma percussão *perfeita*. Como se a bola não tivesse lhe oferecido resistência alguma, tamanha a facilidade com que acertou o centro exato da bola com o centro exato do bastão. E antes que qualquer outra coisa aconteça, por um momento parece haver um grande segredo, um segredo que ele quer loucamente contar a todo mundo. Ele acaba de acertar um *home run*! Mas, por enquanto, só ele sabe.

Brown pensa nisso enquanto golpeia hippies na cabeça com o cassetete. Está fingindo ser Ernie Banks.

Pois não é fácil acertar um golpe perfeito e límpido o tempo inteiro. É um verdadeiro desafio de atletismo e coordenação. Pelos cálculos de Brown, três em cada quatro arremetidas acabam num golpe capenga, que deixa o cassetete vibrando de forma lamurienta. As hippies se contorcem. Não dá para confiar nelas: não ficam paradas na hora de apanhar. São imprevisíveis. Tentam se proteger com as mãos e os braços. Rodopiam no último segundo.

Cerca de três em cada quatro arremetidas são assim. Golpes furados. Mesmo assim, ele acerta 25 por cento das vezes. Ainda não se compara a Ernie, mas já é um índice respeitável.

Às vezes, contudo, tudo se conjuga da forma certa. Às vezes, ele prevê com perfeição os movimentos da hippie: a sensação do taco em sua mão, o barulho úmido na cabeça dela, aquele ruído de melão oco, e aquele momento em que a hippie subitamente esquece onde está e já não sabe o que acontece à sua volta, aquele momento em que ela literalmente *não sabe o que a acertou*, enquanto o cérebro se agita na cabeça, e logo a hippie vai desabar feito uma árvore sem raízes, vai se espatifar no chão, vomitar e desmaiar, e Brown sabe que isso vai acontecer em breve, mas ainda não aconteceu, e ele queria poder viver neste momento para sempre. Queria preservar este momento em um cartão-postal ou num globo de neve: a hippie prestes a cair, o policial triunfante, o cassetete perfazendo um arco contínuo e tecnicamente perfeito após acertar a cabeça dela, e a expressão no rosto de Brown decerto se parece com a de Ernie Banks após acertar uma bola exatamente no meio, a vertiginosa e gratificante sensação do trabalho bem-feito.

13

FAYE ESTÁ EXAUSTA. Faz mais de um dia que não dorme. Está apoiada à parede, de costas para o porão, tentando se recompor, mas o esforço é tão grande que quase a leva às lágrimas.

Me ajude, diz ela.

O espírito da casa está sentado no chão fora da jaula. Limpa o dente com a unha.

Eu até posso ajudá-la, diz ele. *Posso fazer tudo isso sumir. Se me der vontade.*

Por favor, pede Faye.

Tudo bem. Vamos fazer um acordo. Me ofereça algo que valha a pena. Desperte meu interesse.

Então Faye promete ser uma pessoa melhor, promete ajudar os necessitados e ir à igreja, mas o espírito se limita a sorrir.

Quem disse que eu me importo com os necessitados?, pergunta ele. Quem disse que eu me importo com igrejas?

Vou doar dinheiro para a caridade, diz Faye. Vou fazer trabalho voluntário e dar dinheiro aos pobres.

Pfffff, faz o espírito, perdigotos voando de seus lábios. Vai ter que se esforçar mais. Vai ter que fazer algum sacrifício.

Vou voltar para casa, diz Faye. Vou para escola pós-secundária por uns dois anos e depois volto pra Chicago, quando tudo isso passar.

Uns dois anos na escola? Está falando sério? Faye, esse castigo não compensa nem metade das coisas ruins que andou fazendo.

O que eu fiz?

Irrelevante. Mas, se faz questão de saber... Desobedeceu aos seus pais. Entregou-se ao orgulho. À cobiça. Teve pensamentos impuros. Além do mais, não estava planejando ter relações extraconjugais ontem à noite?

Faye deixa a cabeça cair e responde "sim", porque é inútil mentir.

Sim, a resposta é sim. Além disso, está chapada. Agorinha mesmo, está completamente chapada. Além disso, dormiu com outra mulher. Quer mesmo que eu continue? Quer ouvir mais? Preciso mencionar o que fez com Henry na beira do rio?

Eu desisto, diz ela.

O espírito da casa acaricia o queixo com a mãozinha gorda.

É melhor esquecer tudo isso, diz ela. Voltar para casa e casar com o Henry.

O espírito ergue uma sobrancelha. *Prossiga.*

Vou me casar com Henry e fazê-lo feliz, vou esquecer tudo sobre a universidade e ser normal, como todo mundo quer.

O fantasma sorri, seus dentes quebrados e pontudos, uma boca cheia de pedras.

Prossiga, diz ele.

O VELHO CRONKITE está entrevistando o prefeito, o papudo e patibular ditador de Chicago. Cronkite está lhe fazendo perguntas ao vivo, mas, na verdade, a mente do jornalista encontra-se bem longe dali. Mal presta atenção às respostas. Não tem importância. O prefeito é o típico político profissional. Não precisa se ater às perguntas de um jornalista quando pretende discorrer sobre um assunto em particular — e, no momento, o prefeito deseja falar sobre os terríveis perigos que ameaçam a polícia, o cidadão médio americano e *a própria democracia*, ameaça essa representada por agitadores externos, forasteiros radicais que vieram provocar arruaças e confusões em nossa tão ordeira cidade. Parece decidido a destacar o fato de que os radicais são *forasteiros*. Talvez para assegurar aos eleitores locais que os problemas enfrentados atualmente pela cidade não são culpa deles.

E, de qualquer forma, ainda que o velho Cronkite estivesse perfeitamente concentrado na entrevista, fazendo perguntas intrincadas e difíceis, o prefeito se limitaria a realizar aquela manobra retórica tão cara aos políticos do mundo inteiro: em vez de responder à pergunta que você de fato fez, responderia à pergunta que ele desejaria que fosse feita. E se você insistir, voltando à pergunta não respondida, então você, jornalista, é quem ficará parecendo um sacana. Pelo menos, é assim que funciona na TV. Vai parecer que você está atormentando esse pobre e inocente cidadão cujas abundantes palavras ao menos parecem *ter algo a ver com o assunto*. Essa seria a impressão preponderante entre os espectadores, que dividem sua atenção entre o programa de Cronkite, as crianças correndo pela sala e o filé que precisa ser fatiado na mesinha da sala em frente à TV. Se ficar chateando o entrevistado, o jornalista vai parecer simplesmente um chato, e os americanos não ligam a televisão para ver gente chata. É assustador pensar que os políticos aprenderam a manipular o meio televisivo melhor que os próprios profissionais de TV. Ao se dar conta disso pela primeira vez, o velho Cronkite flagrou-se imaginando que tipo de gente seguiria a carreira política nos anos futuros. E isso lhe deu calafrios.

Então, teoricamente, Cronkite está entrevistando o prefeito, mas sabe que sua única função neste momento é colocar um microfone diante da boca dele para que a CBS News pareça imparcial, fornecendo uma contranarrativa às imagens de brutalidade policial que vêm sendo transmitidas por horas e horas. Portanto, o velho Cronkite não está escutando de verdade. Está assistindo, talvez. Observa a forma como o prefeito parece erguer a cabeça o máximo possível, como alguém tentando evitar um cheiro desagradável, e isso faz com que aquela parte específica de seu queixo — parte que, em uma galinha, seria chamada de barbela — se espiche e se mova enquanto ele fala. É impossível não olhar fixamente para aquilo.

Então parte da mente do velho Cronkite está olhando isto: o prefeito sacudindo sua cara de geleia. Mas a parte mais significativa de seus pensamentos está focada em algo diferente: está pensando, vejam só, em voar. Está imaginando que é um pássaro. Um pássaro que sobrevoa a cidade. A uma altura tão grande que tudo lá embaixo parece escuro e silencioso. Essa imaginação ocupa, agora, cerca de três quartos da mente de Walter Cronkite. Ele é um pássaro. Um pássaro ligeiro solto pelo céu.

15

FAYE ESTÁ DENTRO da jaula no porão escuro encolhida ante a iminência de um novo ataque de pânico, pois já sente o hálito morno do espírito da casa soprando bem perto e ele está agarrando a tela metálica e pressionando o rosto contra ela, arregalando os globos oculares negros e dizendo-lhe exatamente o que deseja dela: vingança e castigo.

Mas castigo pelo quê?

Faye deseja, mais do que tudo, que sua mãe estivesse ali para refrescar sua testa com um lenço úmido e dizer-lhe que ela não está morrendo, acalentá-la até que o sono venha, e Faye acordaria de manhã sob os lençóis, aquecida, protegida, e sua mãe continuaria

ao seu lado depois de ter adormecido em algum momento da noite enquanto cuidava da filha.

Era exatamente desse tipo de afeto que Faye precisava agora.

Sim, mas onde estava seu pai quando precisou dele?, perguntou o fantasma. *Onde está ele agora?*

Faye não entende a pergunta.

Seu pai é um homem mau, um homem terrível. Você provavelmente já sabe disso.

É, acho que sim. Ele me expulsou de casa.

Ah, então tudo gira em torno de você, não é? Caramba, Faye. Meio egoísta, não acha?

Ok, então por que ele é mau? Porque trabalha na ChemStar?

Vamos lá. Você sabe muito bem do que estou falando.

A impressão dominante que Faye tem sobre seu pai é de um pesaroso silêncio. Às vezes um olhar fixo que se crava na distância. Um homem trancafiado em si mesmo. Sempre uma vaga melancolia, a menos que esteja contando histórias sobre a terra ancestral, histórias sobre a fazenda da família, o único assunto que parece animá-lo.

Faye diz: Ele fez alguma coisa lá na Noruega, não fez? Antes de vir para os Estados Unidos.

Bingo, diz o fantasma. E agora ele está sendo punido pelo que fez, e você também. Sua família continuará sendo punida pelo mesmo pecado, até a terceira ou quarta geração. Essas são as regras.

Isso não é justo.

Rá-rá! Justo? E o que é justo neste mundo? O funcionamento do universo e o seu senso de justiça são duas coisas muito diferentes.

Ele é um homem atormentado, diz Faye. Seja lá o que tenha feito, com certeza está arrependido.

Por acaso é minha culpa se, neste momento, quase todo mundo na Terra está pagando pelos males cometidos por gerações anteriores? Não. A resposta é não. Não é minha culpa.

Faye imaginou o que passaria pelos olhos do pai naqueles momentos em que mirava a distância, parado no quintal, fitando o céu por uma hora. Era sempre vago, de uma vagueza enlouquecedora, quando falava de sua vida antes dos Estados

Unidos. Falava apenas daquela casa, a casa salmão em Hammerfest. Todos os outros detalhes eram proibidos.

Alice me falou uma coisa, diz Faye. Me falou que há um jeito de se livrar de um fantasma: levá-lo de volta para casa.

O espírito da casa cruzou os braços. *Isso seria interessante*, diz ele. *Duvido que consiga.*

Talvez eu deva ir à Noruega. Talvez eu deva levar você para o lugar de onde veio.

Ah, quero só ver. Eu a desafio! Isso seria realmente divertido. Prossiga. Vá até Hammerfest e pergunte sobre Frank Andresen. E vamos ver se a descoberta a ajuda.

Por quê? O que eu descobriria?

Talvez seja melhor você não saber.

Me conte.

Só estou dizendo, há certos mistérios no universo que deveriam permanecer não decifrados.

Por favor.

Tudo bem. Mas estou avisando. Você não vai gostar.

Estou ouvindo.

Você vai descobrir que seu pai é uma pessoa realmente horrível.

Isso não é verdade.

Vai descobrir que vocês dois são iguais.

Não somos.

Vá em frente. Tente. Volte à Noruega. Esse é o nosso trato. Deixo você sair da cadeia agora mesmo. Em troca, você vai descobrir o que aconteceu com seu pai. Divirta-se.

E neste exato momento a porta se abre de supetão e o local é invadido pela luz e pelo zumbido das lâmpadas fluorescentes, e ali, na soleira da porta, inacreditavelmente, está Sebastian. Com o cabelão volumoso e a jaqueta larga. Ele a avista e vem em sua direção. Tem as chaves da cela. Abre a portinhola, se agacha, a abraça e sussurra em seu ouvido:

— Vim soltar você. Vamos embora.

16

A ESSA ALTURA, o prefeito está praticamente dando um sermão no pobre e velho Cronkite, que parece desanimado, murcho e melancólico. Ameaças foram feitas, é o que o prefeito está dizendo. Possíveis atentados contra todos os pré-candidatos, ameaças de bomba, até mesmo ameaças contra ele mesmo, o prefeito. O velho Cronkite parece não estar olhando para o entrevistado, mas para algum ponto no espaço, logo atrás dele.

— Isso é verdade? Esse papo de ameaças?— pergunta o Agente B [REDACTED].

— Não é verdade. Nenhuma evidência sólida — responde o Agente A [REDACTED].

Estão assistindo ao programa no Haymarket, pelo televisor acima do balcão. O prefeito está segurando o microfone do velho Conkrite, como se estivesse entrevistando a si mesmo. Ele diz:

— Certas pessoas planejavam assassinar vários líderes políticos, dentre os quais eu estava incluído, e, no meio de tantos rumores sobre assassinatos circulando em nossa cidade, decidi não permitir que os fatos acontecidos em Dallas e na Califórnia se repetissem em Chicago.

Os agentes do Serviço Secreto se encrespam à menção dos Kennedys, feita daquele jeito. Sorvem pequenos goles rápidos de seus coquetéis falsos.

— Ele está mentindo. Ninguém estava tentando assassiná-lo — afirma o Agente A [REDACTED].

— Pois é, mas o que o velho Cronkite pode fazer? Dizer que ele é mentiroso assim na frente das câmeras, ao vivo?

— Parece que o velho Cronkite está com a cabeça em outro lugar.

— Perdeu o gosto pela coisa.

Breve intervalo na entrevista com o prefeito, e o noticiário agora mostra imagens da Michigan Avenue, por onde se desloca um veículo enorme, aparentemente um tanque militar descendo a rua. Na tela da TV, aquilo parece uma cena da Segunda Guerra Mundial, como a libertação de Paris, por exemplo. O tanque está passando

bem em frente ao Hilton, e as pessoas dentro do hotel começam a sentir um frio subindo a espinha, e os políticos reunidos no Haymarket caminham até as vidraças para ver a enorme máquina reverberando lá fora — exceto os dois agentes do Serviço Secreto, que não estão surpresos com a presença do tanque (ele fora mencionado em vários memorandos confidenciais anteriores ao evento) e, seja como for, o Serviço Secreto sempre mantém uma aparência pública de impassibilidade, disciplina perfeita e autocontrole, portanto eles se limitam a observar pela tela da TV o deslocamento do tanque, sem se impressionar.

17

FAYE PASSOU A noite rezando para ser socorrida, mas, agora que o socorro chegou, ela escuta sua própria voz dizendo não.

— Como assim, não? — questiona Sebastian.

Está agachado, segurando os ombros dela, como se a qualquer instante fosse a sacudir para trazê-la de volta à razão.

— Deixa pra lá — diz ela.

Seu cérebro parece inchado e nebuloso. Tenta lembrar o que o espírito da casa lhe dissera, mas a conversa toda está se desvanecendo na memória. Recorda a sensação de conversar com o fantasma, porém não consegue mais lembrar da voz dele.

Ela olha para Sebastian e vê a preocupação em seu rosto. Lembra que tinham um encontro marcado para a noite anterior.

— Desculpa por te dar o bolo — diz ela, e Sebastian ri.

— Fica para a próxima.

O aperto em seu peito está arrefecendo, a tensão nos ombros está se dissipando, a acidez em seu estômago começa a diminuir. É como se o corpo dela fosse um elástico que, após ser esticado ao máximo, começa a retornar ao seu formato. Está relaxando — sim, ela finalmente descobre a sensação de relaxar.

— O que eu estava fazendo quando você entrou? — pergunta ela.

- Não sei. Nada.
- Eu estava falando com alguém? Com quem eu estava falando?
- Faye — interrompe ele, amparando gentilmente o rosto dela com a palma da mão. — Você estava dormindo.

18

ERNIE BANKS DEVE sentir algo mais também, quando acerta a bola em cheio. Além da sensação de maestria profissional, deve haver também outro sentimento, mais perverso — como podemos chamá-lo? Desforra? Retaliação? Por acaso não é verdade que, em parte, um dos motivos da busca por grandeza é a necessidade de reagir de forma grandiosa contra quem mais os machucou? Ernie Banks talvez estivesse reagindo aos meninos mais velhos e mais fortes que, anos antes, o chamavam de magrelo. Ou aos meninos brancos que se recusaram a brincar com ele. Ou às meninas que o trocaram por garotos mais espertos, mais fortes, mais ricos. Ou a seus próprios pais, que um dia lhe disseram para fazer algo mais produtivo na vida. Ou aos professores que sempre o chamavam de fracassado. Ou aos policiais que o tratavam com suspeita. E, porque não podia se defender naquela época, Ernie se defendia agora: cada *home run* é uma réplica, cada corrida é um capítulo de sua prolongada revanche. Ao golpe do taco, ao ouvir o delicioso estampido, experimenta uma poderosa satisfação profissional, é claro; mas decerto também pensa: *Mostrei mais uma vez que vocês estavam errados, seus filhos da mãe.*

Isso também é intrínseco. É o que se passa na cabeça do oficial Brown. Suas ações são uma forma de represália. Ele está agindo com honra.

A única coisa em sua cabeça são as noites com Alice, os encontros no banco traseiro da viatura, após se esbarrarem no beco, os pedidos para ser violento e arrastá-la e enforcá-la e agarrá-la com força e machucá-la. E ele se sentia tão acanhado, tão recatado, tão

tímido com isso. Não queria fazer nenhuma daquelas coisas. Sentia-se incapaz de fazê-las, na verdade. Para ele, aquilo solicitava um homem completamente diferente: sem consciência e brutal.

E, no entanto, aqui está ele agora, golpeando hippies na cabeça. No fim das contas, ele trazia dentro de si profundas reservas de brutalidade até então imensuradas.

De certa forma, isso o deixa feliz. É um homem mais completo e complexo do que havia pensado. Imagina-se dialogando com Alice. *Achou que eu não conseguiria fazer isso, não é?* diz ele, enquanto espanca outra hippie. *Você queria que eu fosse bruto, não queria? Pois olhe para mim agora.*

E ele imagina que, para Ernie Banks, o *home run* ocorra quando alguma garota que lhe partiu o coração está na plateia. Brown imagina Alice o observando agora, em algum lugar, no meio da desordem, a contemplar sua nova vitalidade, sua nova força, sua brutal dominância masculina. Ela está impressionada. Ou ficará impressionada muito em breve, tão logo veja como ele está mudado, tão logo perceba que, agora, ele é exatamente o que ela sempre quis. E então, é claro, ela vai voltar para ele.

Ele acerta uma hippie no queixo, escuta aquele som estimulante de esmigalhamento e a gritaria ao seu redor e vê as hippies correndo apavoradas. Um dos policiais segura Brown pelo ombro e diz:

— Ei, companheiro, melhor se acalmar um pouco.

E o oficial Brown percebe que as próprias mãos estão tremendo. Ou melhor, estão vibrando sem parar. E ele as sacode no ar, como se estivessem molhadas. Sente-se envergonhado e espera que Alice não o esteja vendo agora.

Ele pensa: *Eu sou Ernie Banks e estou percorrendo as bases — a imagem da calma e do sereno regozijo.*

É INCRÍVEL A rapidez com que as coisas extraordinárias se tornam ordinárias. Agora, os fregueses no Haymarket já nem pestanejam quando algum projétil atinge a vidraça. Pedras, pedaços de concreto, até bolas de bilhar — todos eles rasgam o ar, sobrevoam o cordão de isolamento policial e batem contra as janelas do bar. As pessoas lá dentro já mal percebem. Ou, caso percebam, limitam-se a comentar, condescendentes:

— Esse cara daria um bom jogador de beisebol.

Em geral, os policiais conseguem conter a multidão, mas, às vezes, manifestantes despontam na linha e dois ou três garotos acabam sendo espancados bem na frente das janelas e depois arrastados ao furgão. Isso já aconteceu tantas vezes que os fregueses pararam de olhar. Ignoram a pancadaria da mesma forma tensa e indiferente com que passam por mendigos na rua.

Na televisão, o prefeito volta a falar com o velho Cronkite, e o pobre jornalista tem um ar ainda mais penitente.

— Uma coisa eu posso lhe dizer com certeza — afirma o jornalista.

— O senhor tem muitos apoiadores em todo o país.

E o prefeito aquiesce, como um imperador romano ordenando uma execução.

— Aí temos um exemplo básico de puxação de saco chauvinista — diz o Agente A [REDACTED]. — Um exemplo básico de *dezinformatsiya*.

Lá fora, um policial ataca um sujeito barbudo, que veste uma bandeira vietcongue como se fosse uma capa; golpeia com a coronha do rifle bem no meio da capa, e o cara é lançado à frente como um jogador de beisebol que se precipita à última base. O rosto dele se esborracha contra o vidro espesso da janela, produzindo um estrondo abafado cuja reverberação desaparece dentro do bar entre os sublimes acordes do saxofone de Jimmy Dorsey.

O velho Cronkite está dizendo:

— Tenho de parabenizá-lo, sr. prefeito, pela genuína *afabilidade* do Departamento de Polícia de Chicago.

Dois policiais caem em cima do homem barbudo junto à janela e enchem sua cabeça de porrada.

— Eis a aparência de alguém que desistiu de lutar — diz o Agente A [REDACTED], apontando para Cronkite.

— Alguém, por favor, lhe dê um tiro de misericórdia — comenta o Agente B [REDACTED], assentindo.

— Quer saber como é a cara de um lutador que acaba de aceitar a derrota? É assim.

Lá fora, o barbudo está sendo arrastado para longe, deixando uma mancha de sangue e gordura na vidraça.

20

UMA GAIVOTA, POR exemplo, pensa o velho Cronkite. Há pouco tempo, foi a um jogo em Wrigley e percebeu que, por volta do nono tempo, um bando de gaivotas voou do lago até o estádio. Os pássaros vieram comer os restos de pipoca e amendoim embaixo dos assentos. Cronkite ficou fascinado: as gaivotas tinham chegado bem na hora certa. Como podiam saber que o jogo estava acabando?

Que aparência teria a cidade se pudéssemos vê-la lá do alto, como as gaivotas? Tudo pareceria silencioso e pacífico. Haveria famílias em seus lares, o tremeluzir cinza-azulado dos televisores, uma solitária luz dourada na cozinha, calçadas vazias exceto por algum gato andarilho, quarteirões inteiros sem um único traço de movimentação, e ele imagina a si mesmo sobrevoando a cidade e percebendo que a vasta extensão de Chicago, exceto por aquela porção ao redor do Hotel Conrad Hilton, era provavelmente neste instante o lugar mais tranquilo do mundo. E talvez *esta* seja a notícia. Não os milhares que estão protestando, mas os milhões que não estão. Talvez, para alcançar a imparcialidade que a CBS tanto deseja, devessem mandar uma equipe de filmagem ao bairro polonês no norte da cidade ou ao bairro grego no oeste ou ao bairro negro no sul e talvez devessem filmar *nada acontecendo*. Para mostrar que este protesto é uma centelha de luz em meio à vasta e crescente escuridão.

Será que isso faria sentido para a audiência da TV? Os espectadores compreenderiam que acontecimentos como um protesto parecem muito maiores do que são e atraem para si tudo o que os cerca? Gostaria de dizer à sua audiência que aquilo que estão vendo na TV não é a Realidade. Imaginem uma solitária gota d'água: é o protesto. Agora ponham a gota d'água num balde: o balde é o movimento antiguerra. Agora despejem o balde no lago Michigan: o lago é a Realidade. Mas o velho Cronkite sabe que o perigo da televisão é que as pessoas começam a ver o mundo inteiro através de uma única gota d'água. E a refração da luz nessa única gota se transforma na imagem total das coisas. Para muitas pessoas, as imagens vistas hoje vão fixar toda a compreensão sobre protestos e pacifismo e a década de 1960. E ele sente, com extrema urgência, que é seu dever impedir esse desfecho.

Mas como expressar isso?

21

TOMANDO-A PELA MÃO, Sebastian leva Faye para fora da pequena prisão improvisada e a conduz a um corredor de blocos de concreto totalmente cinza. Um oficial de polícia sai apressado de uma sala, e Faye tem um sobressalto ao vê-lo.

— Não se assuste. Pode vir — diz Sebastian.

O policial passa ao lado deles e os cumprimenta com um aceno. Cruzam uma porta dupla ao fim do corredor e desembocam em uma área com decoração extravagante: carpete vermelho aveludado, arandelas emitindo um brilho dourado, paredes brancas com ornamentos que remetem à aristocracia francesa. Faye avista um letreiro em uma das portas e compreende que estão na parte subterrânea do Hotel Conrad Hilton.

— Como soube que eu fui presa?

Sebastian volta-se com um sorriso matreiro para ela.

— Um passarinho me contou.

Ele a conduz pelas entranhas do hotel, cruzando com policiais e repórteres e funcionários, todos andando apressados, todos com expressão soturna e circunspecta. Em seguida, alcançam um conjunto de espessas portas de metal, dando para a rua, vigiadas por mais dois policiais — que cumprimentam Sebastian com um gesto de cabeça e deixam-nos passar. Assim, eles desembocam em uma plataforma de desembarque e enveredam por um beco ao ar livre. O barulho do protesto os alcança como um uivo indistinto que parece vir de todas as direções ao mesmo tempo.

— Escute — diz Sebastian, erguendo o ouvido para o céu. — O mundo inteiro está aqui hoje.

— Como você fez isso? — pergunta Faye. — A gente acaba de passar pelos guardas. Por que não nos disseram nada? Por que não nos abordaram?

— Você precisa me prometer uma coisa — diz ele, agarrando-a pelos ombros. — Precisa me prometer que nunca vai contar isso a ninguém. Nunca.

— Me conte o que você fez.

— Prometa, Faye. Não pode dar um pio sobre o que aconteceu. Diga aos outros que eu paguei sua fiança. E mais nada.

— Mas você não pagou minha fiança. Você tinha a chave. Como conseguiu a chave?

— Não pode falar nada sobre isso. É um segredo entre nós dois. Eu lhe fiz um favor e, em troca, você tem que me fazer um favor também: não contar esse segredo a ninguém.

Faye pensa no assunto por um momento e por fim compreende que, ao contrário do que ela presumiu, Sebastian não é um estudante univocamente radical — ele tem mistérios; ele tem nuances. Agora ela sabe algo sobre ele, algo que ninguém mais conhece, e isso lhe dá uma espécie de poder que mais ninguém pode exercer sobre ele. O coração dela se enche de calor e afeto: ele é um espírito afim, pensa ela, alguém cuja vida também é secreta e vasta.

Ela assente com um gesto.

Sebastian sorri, pega-a pela mão e a conduz ao fim do beco, para a rua ensolarada, e, assim que dobram a esquina, ela avista a polícia

e os soldados e os bloqueios e, mais além, a grande e fervilhante multidão reunida no parque. Já não são sombras na parede: agora ela os vê em cores e em detalhes — os uniformes policiais, de um suave azul-bebê; as baionetas dos soldados da Guarda Nacional; os jipes com rolos de arame farpado no para-choque; a multidão que arremete como uma fera veloz, agora cercando e ocupando a estátua de Ulysses S. Grant em frente ao Conrad Hilton, o general com três metros de altura em cima de um cavalo com três metros de altura, e pessoas na multidão escalam as patas de bronze e se penduram no pescoço do cavalo e sobem pelas ancas até a cabeça, e um jovem corajoso continua a escalada, vai escalando o próprio Grant até ficar de pé sobre os amplos, imensos ombros da estátua, e lá está o rapaz, oscilante mas em pé, erguendo os braços com um duplo sinal da paz acima da cabeça, um desafio aos policiais, que, aliás, acabam de perceber o que está acontecendo e trotam em direção ao monumento para puxar o manifestante de volta ao chão. Isso não vai acabar bem para o rapaz, mas a audiência comemora e aplaude mesmo assim, pois ele é o mais valente de todos, o ponto mais alto em todo o parque.

Faye e Sebastian deslizam em meio ao caos e mergulham no anonimato da multidão.

22

O OFICIAL BROWN continua arrebatando cabeças, enquanto os policiais ao seu redor começam a remover os distintivos e crachás. Além disso, abaixaram a viseira dos elmos, escondendo o rosto. Agora são anônimos. O noticiário não vê com bons olhos essa reviravolta.

A polícia está espancando pessoas impunemente, dizem os jornalistas na CBS News. Exigem transparência. Que todos respondam por seus atos. Dizem que os policiais removeram os distintivos e crachás por saberem que estão fazendo algo ilegal. Alguém faz comparações com os tanques soviéticos que avançaram

sobre Praga alguns meses atrás, atropelando e subjugando os pobres tchecos. É assim que o Departamento de Polícia de Chicago está agindo neste momento, dizem os jornalistas. É a Tchecoslováquia do Ocidente. Não é preciso muito tempo para algum repórter espertinho inventar o apelido *Tchecago*.

— Nos Estados Unidos, o governo tem de responder perante o povo, e não o contrário — diz um especialista em direito constitucional, simpático ao movimento antiguerra, a respeito dos policiais anônimos.

O oficial Brown continua distribuindo porradas, o mais entusiástico de todos os policiais na tarefa de golpear hippies em partes vitais e mortíferas: o crânio, o peito, até o rosto. Foi o primeiro a aparecer sem distintivo nem crachá, e todos os oficiais ao seu redor já baixaram as viseiras e removeram qualquer sinal de identificação — mas, se o fizeram, não foi por quererem se juntar a ele em seu frenesi. Na verdade, é o contrário. Perceberam que Brown está meio louco e não podem fazer nada para detê-lo, e as câmeras estão registrando tudo, sempre atraídas por qualquer momento de truculência policial, então os policiais ao redor escondem os distintivos e abaixam as viseiras, porque esse imbecil está pedindo para perder o emprego, mas eles não vão perder o deles de jeito nenhum.

23

CRONKITE SABE QUE está sendo punido por ter dado uma opinião. Seu castigo é fazer esta entrevista, servindo ao prefeito uma bandeja de perguntinhas açucaradas. Isso tudo porque Cronkite disse que a polícia de Chicago era “uma corja de bandidos” — e isso ao vivo, diante das câmeras.

Bem, bandidos eles são mesmo! E foi isso que disse aos produtores do programa, os quais, por sua vez, acusaram-no de ter feito um *juízo de valor*, um grande erro, pois cabia aos

telespectadores decidir se os policiais eram ou não uma corja. Cronkite respondeu que fizera uma *observação*, e este aliás era seu trabalho: observar e reportar. Os produtores insistiram: ele havia expressado uma opinião. Ele respondeu que, às vezes, a observação é inseparável da opinião.

Esse argumento não persuadiu os produtores.

Mas lá estava a polícia, na rua, arrebatando crânios com cassetetes. Neste momento, os policiais estavam retirando os distintivos e crachás, abaixando a viseira dos capacetes, tornando-se anônimos, inimputáveis. Espancavam jovens até fazê-las desmaiar. Estavam espancando representantes da imprensa, fotógrafos e repórteres, quebrando câmeras, confiscando rolos de filme. Até o pobre do Dan Rather levou um soco bem no plexo solar. Como devemos chamar pessoas assim? Devemos chamá-las de bandidos.

Esse argumento também não persuadiu os produtores. Cronkite achava que a polícia estava batendo em pessoas inocentes. Os assessores da prefeitura informaram que a polícia estava *protegendo* inocentes. Quem estava certo? Isso lembrou Cronkite daquela velha história: certa vez, um rei pediu que um grupo de cegos descrevesse um elefante. Fez com que um dos cegos tocasse a cabeça do elefante; fez com que outro tocasse a orelha, ou a presa, ou a tromba, ou o rabo, e assim por diante, dizendo: *Isto é um elefante*.

Feito isso, os cegos não conseguiam chegar a um consenso sobre a aparência real do elefante. Discutiram uns com os outros, dizendo: *Um elefante se parece com isso, um elefante se parece com aquilo!* Puseram-se a lutar uns contra os outros, aos socos, e o rei contemplou o espetáculo imensamente satisfeito.

Provavelmente tão satisfeito quanto o prefeito de Chicago neste exato instante, especula Cronkite, enquanto lhe arremessa lentamente, e com todo cuidado, mais uma perguntinha de mão beijada sobre o excelente e preparadíssimo departamento de polícia de Chicago, cujas ações, claro, contam com maciço apoio popular. E o brilho que surge nos olhos do prefeito talvez seja a coisa mais insuportável que o velho Cronkite já viu na vida: um rutilar de orgulho por ter derrotado um adversário ilustre. E Cronkite é, de fato, um adversário ilustre. É de se imaginar que tenha havido

longas chamadas telefônicas entre a prefeitura e os produtores da CBS, extensas discussões, muitas ameaças, até que algum tipo de acordo tenha sido firmado — e, por isso, ele está aqui, louvando as virtudes de homens que, três horas atrás, havia chamado de bandidos.

A gente às vezes tem que aguentar uma quantidade incrível de merda nessa profissão.

24

AO FIM DO dia, pouco antes do pôr do sol, uma calmaria toma conta da cidade estarrecida. Os policiais recuam, parecendo meio desnorteados, envergonhados. Em vez dos cassetetes, agora brandem megafones. Pedem aos manifestantes que, por favor, saiam do parque. Os manifestantes olham para a polícia e aguardam. A cidade agora parece uma criança machucada. Porque as crianças, quando batem a cabeça, ficam um tempo paradas, enquanto os impulsos sensoriais se organizam em forma de dor — e só então, após um intervalo, começam a chorar. No momento, a cidade se encontra mergulhada nesse intervalo do trauma, entre o ferimento e o lamento, entre a causa e o efeito.

Algumas pessoas esperam que a calmaria persista. Isso, ao menos, é o que espera Allen Ginsberg: que a cidade sinta o gosto da paz e desista de lutar. O parque Grant agora está calmo, Ginsberg parou de entoar seu mantra, seus *Ommms* e começou a perambular em meio à linda multidão. Na mochila, sempre carrega duas coisas: *O Livro Tibetano dos Mortos* e uma câmera prateada Kodak Retina Reflex. É a Kodak que ele pega, a ferramenta que usou para registrar todos os momentos luminosos de sua vida, e o momento agora certamente é luminoso. Os manifestantes estão sentados lado a lado, rindo e cantando músicas alegres, balançando bandeiras improvisadas com frases de efeito escritas à mão. Ginsberg quer colocar tudo isso em um poema. Sua Kodak é uma

máquina velha, usada, mas continua robusta, eficiente. Ele adora sentir a correia metálica na mão, as alças pretas onduladas como couro de crocodilo, o barulhinho das engrenagens quando o filme é rebobinado, até o adesivo orgulhosamente grudado na parte da frente com os dizeres *Made in Germany*. Ginsberg tira uma foto da multidão reunida. Caminha entre os estudantes: eles abrem caminho, erguendo o rosto. Ao avistar uma face conhecida, Ginsberg para e se ajoelha: um dos líderes do movimento, recorda-se. O rapaz bonito com pele bronzeada. Está sentado junto a uma garota adorável com grandes óculos redondos, exausta, a cabeça repousada no ombro dele.

Faye e Sebastian. Eles se apoiam um no outro, como namorados. Alice está sentada atrás dos dois. Ginsberg ergue a câmera até encostar o olho no visor.

O jovem lhe dirige um sorriso irônico, de soslaio, que quase lhe parte o coração. O obturador se fecha e se abre. Ginsberg se empertiga e sorri tristemente. Segue adiante e mergulha na vasta multidão, no dia incandescente.

25

O POETA SE afasta e Alice dá um tapinha no ombro de Faye e pisca.

— E aí, vocês se divertiram ontem à noite? — pergunta ela.

Porque, obviamente, Alice não sabe do que aconteceu.

Então Faye lhe conta sobre o misterioso policial que a prendeu e a noite que passou na cadeia, explica que não sabe o nome do policial nem o que ela fez para merecer tudo aquilo e conta que o homem ordenou que saísse de Chicago imediatamente, e Alice fica horrorizada pois compreende na hora que Faye está falando de Brown. Só pode ser ele.

Mas não pode contar isso a Faye. Não agora. Como poderia admitir, em meio a esta multidão de manifestantes lançando insultos

contra a polícia, que teve um tórrido caso amoroso com um daqueles policiais? De jeito nenhum.

Alice abraça Faye com força.

— Sinto muito — diz ela. — Mas não se preocupe. Tudo vai ficar bem. Você não vai para a cadeia. Vou ficar com você, não importa o que aconteça.

A polícia se reagrupa nas margens do parque e anuncia pelos megafones: *Vocês têm dez minutos para evacuar esta área.*

Uma exigência ridícula, pois há cerca de dez mil pessoas ali.

— Eles acham realmente que vamos conseguir sair daqui em dez minutos? — pergunta Alice.

— Provavelmente não — responde Sebastian.

— O que eles vão fazer? — pergunta Faye, olhando ao redor, para a vasta e teimosa maré humana que ocupa o parque. — Vão nos tirar daqui à força?

É exatamente o que a polícia pretende fazer.

Tudo começa com um leve estouro de ar comprimido, um barulho suave e quase musical: é a bomba de gás voando sobre o parque. E para aqueles que a avistam em pleno voo, há um estranho intervalo entre enxergar o projétil e compreender o que ele significa. A bomba descreve uma parábola naquele céu tão bonito, bonito demais para lançar uma bomba, e parece pairar por uma fração de segundo lá em cima, transformando-se em uma Estrela Polar para muitos rostos que agora se viram, como bússolas, apontando para aquilo, aquele estranho objeto voador que então começa a descer, e é mais ou menos *neste instante* que os gritos passam a retumbar, pois as pessoas na área visada pelo projétil compreendem que, de fato, a bomba está vindo direto na direção delas e a ocupação do parque está efetivamente acabada. A bomba já está liberando seu conteúdo, deixando um rastro de gás alaranjado, um cometa em rota de colisão. Ao aterrissar na relva, o projétil produz um barulho abafado e faz voarem tufos de terra, do mesmo modo que uma bola de golfe antes de começar sua trajetória. A bomba rodopia e cospe jatos de fumaça tóxica enquanto outros estouros pululam na direção do Conrad Hilton e mais duas bombas voam para o meio da multidão, e este é um exemplo da rapidez com que um estado relativo de paz e

tranquilidade pode se degenerar em loucura. As pessoas na multidão começam a correr e os policiais também, então quase todo mundo no parque põe-se a chorar ao mesmo tempo. É o gás, atacando olhos e gargantas. É como um jorro de óleo ardente nas pupilas, e os olhos incham e, por mais que a gente os esfregue, é impossível mantê-los abertos sem sentir dor. E então vem uma tosse súbita e desesperada, como uma espécie de afogamento, uma ânsia incontrollável que supera toda a força de vontade. As pessoas agora choram, cospem e correm para qualquer lugar onde não haja gás, o que resulta em um problema volumétrico básico: as bombas de gás foram disparadas — de propósito ou por acidente, ninguém sabe — de modo a aterrissarem *atrás* da multidão, e isso significa que a única maneira de evitar a tortura do gás é correr na direção oposta, rumo à Michigan Avenue e ao Conrad Hilton, ou seja, ao vasto bloqueio policial, e eis aí nosso problema volumétrico, pois a Michigan Avenue não é grande o bastante para conter todas as pessoas que se dirigem para lá.

É o caso de uma força avassaladora chocando-se contra um objeto inamovível: a massa composta de dez mil manifestantes apavorados precipitando-se para as garras do Departamento de Polícia de Chicago.

E Sebastian está lá no meio, arrastando Faye pela mão. E Alice os observa e compreende que *deveriam estar indo para o lado oposto*, que o único caminho livre de policiais é através do gás lacrimogêneo, aquela nuvem que cobre o chão feito uma neblina alaranjada. Alice os chama, aos gritos, pede que parem, mas a voz dela — rouca de tanto entoar palavras de ordem e agora estraçalhada pela ardência do gás — perde-se em meio aos uivos da multidão, todas aquelas pessoas correndo, batendo umas nas outras, debandando. Alice fixa os olhos em Sebastian e Faye, mas a multidão se assoma ao seu redor e eles desaparecem na tormenta. Alice quer ir atrás deles, mas algo a impede. Medo, provavelmente. Medo da polícia, medo de um policial em particular.

Decide ir para o alojamento estudantil e esperar por Faye lá. E se Faye não aparecer, Alice fará o que for preciso para encontrá-la — uma mentira bastante conveniente, que ela conta a si mesma para

escapar daquela situação. Na verdade, ela nunca mais verá Faye. Ainda não sabe disso, mas pressente no fundo da alma e para de correr. Vira-se para olhar a multidão no protesto, o parque. E neste momento Faye puxa o braço de Sebastian, pois acaba de notar que Alice não está com eles. Faye se detém e olha ao redor. Olha para trás, para o lugar de onde vieram. Espera avistar o rosto de Alice no meio do caos, mas entre elas se ergue uma nuvem de gás alaranjado. Poderia muito bem ser um muro de concreto ou um continente.

— A gente precisa sair daqui — diz Sebastian.

— Espere um pouco — rebate Faye.

Rostos passam em disparada, nenhum deles é de Alice. Pessoas chocam-se contra Faye, desviam, continuam correndo.

Alice está do outro lado da muralha de gás. Observa o lago. Corre até a margem e joga água no rosto para arrefecer a ardência do gás, depois anda junto ao lago rumo ao norte e, para evitar atenções indesejadas, joga seus óculos favoritos e sua jaqueta militar na areia, amarra os cabelos na nuca, tentando parecer, para todos os efeitos, uma garota burguesa normal, respeitadora das leis, e isso de fato põe um fim a sua carreira de ativista para sempre.

— A gente precisa sair daqui *agora* — insiste Sebastian.

Faye concorda, pois Alice sumiu.

26

NA SUÍTE PRESIDENCIAL do último andar, Hubert H. Humphrey está cutucando a pele embaixo das próprias unhas com um pedaço de sabonete Dove — cortesia do hotel — que gradualmente se derreteu ao longo do interminável banho, perdendo a forma original semelhante a um pequeno rim.

Os agentes continuam, de tempos em tempos, enfiando a cabeça pela fresta da porta.

— Tudo bem aí, sr. vice-presidente?

Ele sabe que há muitas coisas a serem feitas e pouco tempo para fazê-las, um banho de noventa minutos não estava nos planos de seu estrategista de campanha. Contudo, Humphrey ficaria imprestável se não se livrasse daquele fedor.

Seus dedos estão completamente murchos, naquele estado de supersaturação em que a pele parece um xale frouxo envolvendo a carne. O vidro do espelho está opaco e cinza por causa do ar úmido e denso.

— Sim, perfeitamente bem — diz ele ao agente.

Mal diz essas palavras e percebe que, na verdade, não está nada bem. Porque agora há uma súbita comichão em sua garganta, uma suave mistura de dor e ardência atrás do pomo de adão. Ficou em silêncio por uma hora e meia; e agora, ao erguer a voz, sente aquela incipiente pontada mórbida. Testa a garganta — sua preciosa e abençoada garganta, suas cordas vocais e seus pulmões, as partes de si mesmo que terá de oferecer ao país em alguns dias, ao aceitar sua nomeação como candidato à presidência —, vocaliza algumas notas, só um pequeno solfejo, um pouquinho de *dó, ré, mi*. E, adivinhem só: lá está a dorzinha latejante, a queimação, o inchaço no céu da boca.

Ah, não.

Ele fecha a torneira, se enxuga com a toalha, veste o roupão e segue com estrondo até a sala central da suíte, anunciando que precisa de vitamina C *neste instante*.

Percebendo que os assessores o olham de um jeito esquisito, ele anuncia:

— Acho que estou com dor de garganta — afirma com a solenidade de um médico pronunciando as fatídicas palavras: *O tumor é maligno*.

Os agentes se entreolham, constrangidos. Alguns pigarreiam. Um deles dá um passo à frente e diz:

— Provavelmente não é dor de garganta, senhor.

— Como sabe? — diz Triplo H. — Quero vitamina C, e quero agora.

— Provavelmente isso é efeito do gás lacrimogêneo, sr. vice-presidente.

— Do que você está falando?

— Gás lacrimogêneo, senhor. A mais típica das armas não letais, usada para dispersar manifestantes. Causa irritação nos olhos, no nariz, na boca e, sim, com certeza, na garganta e nos pulmões.

— Gás lacrimogêneo.

— Sim, senhor.

— Aqui?

— Sim, senhor.

— *Na minha suíte.*

— O gás veio do parque, senhor. A polícia o está usando contra os manifestantes. E hoje, por acaso, há um vento vindo do leste...

— A uma velocidade de doze nós, mais ou menos — acrescenta outro agente.

— Positivo, sim, obrigado, um robusto vento que soprou a nuvem de gás por cima da Michigan Avenue, para dentro do hotel e até o último andar, sim. Nosso andar, senhor.

Agora Triplo H sente os olhos lacrimejarem e arderem, aquela sensação que a gente experimenta ao cortar cebolas. Caminha até as grandes janelas da suíte e olha para a confusão no parque lá fora: jovens fugindo aterrorizados, policiais correndo em seu encalço, nuvens alaranjadas por todos os lados.

— Foi a polícia que fez isso?

— Sim, senhor.

— Mas eles não sabem que eu estou aqui?

E, neste momento, o pobre Hubert H. quase perde o controle. Esta deveria ser a *sua* convenção, o *seu* grande momento. Por que isso tinha que acontecer? Por que nada nunca dá certo? E de repente ele volta a ser um menino de oito anos lá em Dakota do Sul, e Tommy Skrumpf está arruinando sua festa de aniversário, tendo um ataque epilético bem no chão da cozinha, e os médicos levam Tommy para o hospital e os pais levam as crianças embora carregando os presentes ainda não abertos, os presentes que deveriam ter dado a Hubert, e uma pequena porção mesquinha de sua alma desabrochou naquela noite enquanto ele chorava — não por medo de que Tommy morresse, mas desejando mesmo sua morte. E agora ele tem dezenove anos e acaba de completar o

primeiro ano na universidade, suas notas são ótimas e ele está gostando do curso, descobriu que tem talento para isso e começou a fazer amigos, conheceu uma garota e sua vida finalmente está tomando jeito — e aí seus pais lhe dizem que terá de voltar para casa porque o dinheiro acabou. E ele volta para casa. Agora é 1948 e ele acaba de ser eleito para o Senado americano pela primeira vez e seu pai escolhe logo esse momento para morrer. E agora ele está ali, em Chicago, prestes a ser nomeado candidato à presidência, e ao seu redor só há brigas, gás lacrimogêneo, matadouros, merda e morte.

Por que nada nunca dá certo? Por que tem de pagar por cada triunfo com tristeza e sangue? Todas as suas vitórias acabam em tristeza. De certa forma, ele ainda é aquele garoto de oito anos remoendo pensamentos horríveis sobre Tommy Skrupf. Ainda sente a dor daquele dia aguilhoando sua alma e seu corpo, até os ossos.

Por que as melhores coisas na vida têm de deixar cicatrizes tão profundas?

E esse é exatamente o tipo de pensamento negativo e autodestrutivo que seus consultores estratégicos foram contratados para consertar. Humphrey repete o mantra que lhe ensinaram para invocar autoconfiança. *Sou um vencedor*. Cancela o pedido de vitamina C. Veste-se. Volta ao trabalho. *Sic transit gloria mundi*.

27

E ALI ESTÁ o velho Cronkite, inclinado para a direita com o cotovelo apoiado à mesa, postura que, na tela, dá uma impressão de seriedade contemplativa, a sólida força de um homem cujo trabalho é transmitir más notícias a todo o país; o cotovelo apoiado, a cabeça inclinada, os olhos encarando a câmera e uma expressão pesarosa no rosto, como um pai prestes a dizer ao filho *isso vai doer mais em mim do que em você* — e então ele diz:

— A Convenção do Partido Democrata está prestes a começar — faz uma pausa dramática, para que as palavras seguintes tenham o maior efeito possível: — *em um estado policialesco*.

Então acrescenta:

— Parece simplesmente não haver outro modo de descrever a situação.

E isso ele diz em respeito a seus produtores, que neste momento devem estar balançando a cabeça na ilha de edição diante de mais esse surto opiniático do âncora.

Mas algo precisa ser dito em respeito aos telespectadores que se encontram em casa e que obviamente ainda não entenderam o que está acontecendo. O painel telefônico da CBS não para de apitar. Não recebiam tantas ligações desde o assassinato de Martin Luther King. Bem, claro, disse Cronkite, as pessoas estão furiosas, a polícia está fora de controle.

Sim, as pessoas estão furiosas — os produtores lhe disseram —, mas não estão furiosas com a polícia. Estão furiosas com os manifestantes. Estão pondo a culpa nos jovens. Estão dizendo que os jovens *mereciam mesmo apanhar*.

E é verdade que alguns manifestantes são, digamos, um tanto desagradáveis. Esforçam-se para causar escândalo. Testam nossa paciência. São desgrenhados, sujos. Mas formam apenas uma parte minúscula da multidão lá fora, em frente ao Hilton. A maioria daqueles jovens parecem pessoas normais, típicos jovens americanos. Talvez tenham se envolvido em algo que não entendem completamente, talvez tenham se deixado levar pelos acontecimentos. Mas não são criminosos. Não são pervertidos. Não são radicais nem hippies. Talvez só queiram escapar do alistamento obrigatório. Talvez sejam verdadeiramente contrários à Guerra do Vietnã. E, aliás, quem não é contra a guerra, hoje em dia?

Mas acontece que, para cada garoto arrebatado a cacetadas, a CBS recebia dez telefonemas em apoio ao policial que brandiu o cassetete. Repórteres atingidos por bombas de gás lacrimogêneo retornavam à sede da emissora para deparar com telegramas escritos a mil quilômetros de distância dizendo que os repórteres estavam errados e que não haviam entendido o que estava

realmente acontecendo em Chicago. Tão logo soube disso, o velho Cronkite entendeu que falhara. A emissora passou tanto tempo dando notícias sobre hippies e radicais que os telespectadores já não conseguiam pensar em outra coisa. Enxergavam apenas em preto e branco. E isso levou o velho Cronkite a duas conclusões. Em primeiro lugar: quem acredita que a televisão possa unir a nação e levá-la a um verdadeiro diálogo em que cada lado compreenda o outro, num processo cheio de empatia e compaixão, só pode estar delirando. Em segundo lugar: Nixon vai ganhar esta eleição.

28

FOI MAU PLANEJAMENTO da polícia exigir que os manifestantes saíssem do parque sem lhes oferecer um modo viável de cumprir a exigência. O ato de reunir-se no parque foi declarado ilegal, mas também é ilegal atravessar barricadas policiais, e o parque está cercado de barricadas em todas as direções. Um típico dilema sem solução. De fato, o único ponto sem barricadas é uma área na margem leste do parque, junto ao lago, e foi bem ali que as bombas de gás — estupidamente — aterrissaram. Então lá vêm eles, os manifestantes em direção à polícia, pois não há outra saída, não há outra opção. A primeira leva da multidão espalha-se na Michigan Avenue e se atira contra as paredes do Conrad Hilton, como as ondas de um mar tempestuoso. Lançam-se contra os tijolos e o concreto e ficam ali espremidos, então os policiais compreendem que uma alteração acaba de ocorrer na retórica do dia. A maré virou. Os manifestantes — com o poder conferido pela superioridade numérica e pelo desespero — agora estão em vantagem. A polícia começa a empurrar a multidão, pressiona-a contra as paredes do hotel, e volta a golpear.

Sebastian e Faye estão ali, em algum lugar. Ele aperta a mão dela com tanta força que chega a machucar, mas Faye não tem coragem de largá-lo. Sente-se envolvida nessa correnteza humana que a

comprime por todos os lados e às vezes chega a levantá-la do chão por alguns instantes, uma sensação semelhante a nadar ou flutuar, mas em seguida os pés voltam a tocar o solo e sua maior preocupação neste momento é manter o equilíbrio, não perder o pé, não afundar, pois essa gente toda está em pânico e a melhor maneira de descrever dez mil pessoas aterrorizadas é esta: são como animais selvagens, pesados e irracionais. Se ela cair, será pisoteada. Ao contemplar essa possibilidade, Faye sente um terror que transcende o próprio terror e se converte em uma espécie de clareza serena. Trata-se de vida ou morte. Ela aperta a mão de Sebastian com mais força.

As pessoas correm apertando lenços contra o rosto ou com camisas cobrindo a boca. Não aguentam mais o gás. Não podem mais ficar no parque. E, no entanto, todos agora compreendem claramente que cometeram um erro, que não deveriam ter vindo nesta direção, porque, à medida que se aproximam da segurança da cidade sombria, além da Michigan Avenue, o espaço entre uma pessoa e outra vai ficando menor. Estão entrando em um funil formado por veículos pesados, cercas metálicas, arame farpado, paredões de policiais e soldados da Guarda Nacional em formações maciças com trinta fileiras de profundidade. E Sebastian tenta levá-la às portas do Hilton, mas a multidão é muito densa, a correnteza é muito forte, então acabam perdendo o rumo e são arrastados para a parte lateral do prédio, comprimindo-se contra as vidraças reforçadas do Haymarket Bar.

Então o oficial Brown os avista.

Esteve perscrutando a multidão, em busca de Alice. Encontra-se de pé sobre o para-choque traseiro de um veículo do Exército, bem acima da turba, olhando para baixo, vendo os capacetes azul-bebê do Departamento de Polícia atulhados, como uma nervosa colônia de cogumelos venenosos — ao menos é o que parece, aqui do alto. Então, de repente, um rosto se destaca na multidão, lá perto do bar, um rosto de mulher, e Brown sente uma pontada de otimismo, achando que talvez seja Alice — pois é a primeira vez naquele dia que sua mente experimenta um lampejo de familiaridade, e sua imaginação começa a projetar de novo o filme mental que se repetiu

ao longo do dia — no qual Alice o vê esbordoando hippies e enfim compreende que ele é o homem brutal que ela sempre desejou —, até que aquele rosto feminino entra em foco e ele percebe, com terrível frustração, que não está olhando para Alice, mas para Faye.

Aquela puta desgraçada.

Brown salta para o meio da multidão e saca o cassetete. Abre caminho e avança em direção à vidraça, contra a qual Faye se encontra encurralada. Entre Brown e Faye, há várias fileiras de policiais e uma turba de hippies fedorentos, sacudindo-se como peixes numa rede. Ele se enfia entre as fileiras de policiais, gritando:

— Abram caminho! Estou passando!

E os policiais deixam-no passar de bom grado, pois é sempre bom ter mais um homem entre eles e a linha de frente. E ele está se aproximando do limiar entre os policiais e os manifestantes, um limiar claramente visível graças aos cassetetes subindo e descendo com a velocidade de uma máquina de escrever descontrolada. Quanto mais se aproxima, mais difícil é se mexer. Ao seu redor tudo parece *ofegar*, como se cada pessoa ali fosse parte de um grande animal doente.

E neste momento um esquadrão da Guarda Nacional — entre eles, um soldado carregando um *lança-chamas*, embora felizmente não o esteja usando — trincha uma fatia da multidão na Michigan Avenue, atacando os manifestantes pelo flanco e separando-os do resto da manada, de modo que o pequeno grupo em frente ao Conrad Hilton se encontra encurralado: de um lado, a polícia; do outro, a Guarda Nacional; atrás, as paredes do hotel.

Eles não têm para onde ir.

Faye está esmagada contra a janela do bar, o ombro apertado contra o vidro. Se ficar mais apertado, seu ombro vai quebrar, pensa ela. Olha para dentro do Haymarket Bar, através da vidraça que parece oscilar e ranger, e avista dois homens em ternos pretos, que lhe devolvem o olhar. Bebericam seus drinques. Parece não haver expressão alguma em seus rostos. Ao redor dela, manifestantes se contorcem e se esquivam. Levam porradas na cabeça, estocadas nas costelas com a ponta dos cassetetes e, ao caírem na calçada, são arrastados para os furgões da polícia, alternativa que Faye considera

a menos desagradável. Entre ter a cabeça esborrachada e ir para o camburão, ela prefere o camburão. Mas ela não consegue se virar nem se mexer, muito menos se abaixar, tamanhos são a pressão e o aperto dos corpos uns contra os outros. A mão de Sebastian está escapulindo entre os dedos dela. Há outra pessoa entre eles agora, outro manifestante entre Faye e Sebastian, fazendo exatamente o que eles também estão fazendo, ou seja, tentando escapar, tentando postergar a surra o máximo possível. É o instinto de sobrevivência, simples e irracional. Não há para onde fugir, mas eles fogem mesmo assim. E agora Faye precisa tomar uma decisão: se continuar segurando a mão de Sebastian com tanta força, pode acabar quebrando o cotovelo, pois o outro manifestante está pressionando o braço dela. Além do mais, ela está de costas para os policiais, o que a torna uma presa muito fácil. Se virar o corpo, talvez consiga se abaixar, esquivando-se aos golpes cegos dos porretes. Então, ela toma uma decisão. Ela solta a mão de Sebastian. Os dedos dele escorregam, suados, entre os dedos dela; e Faye percebe que Sebastian está tentando agarrá-la de novo, mas é inútil. Ela está solta. O braço dela volta para junto do corpo, e o homem entre ela e Sebastian se esborracha contra a janela — o vidro estremece sob o impacto, soltando um estalo agudo como o som de botas sobre o gelo — e Faye se vira.

A primeira coisa que enxerga é o policial vindo em sua direção.

Seus olhos se encontram. É o mesmo policial da noite anterior, o que foi ao alojamento prendê-la. É o primeiro rosto que ela enxerga no meio da multidão: às vezes, quando uma pessoa está olhando fixamente para nós, sua face parece iluminada por um halo; é o que acontece agora. Aquele rosto, aquele homem horrível que se recusou a olhar para ela na noite anterior, enquanto Faye chorava no banco traseiro da viatura e suplicava piedade e implorava que a deixasse ir embora, olhando fixamente para o rosto dele no espelho retrovisor, e durante todo esse tempo ele não disse outra coisa além de:

— Você é uma puta.

E agora ele a havia encontrado de novo, ali, agora.

O rosto dele tem a calma dos psicopatas. Brande o porrete com rapidez e sem emoção. Parece alguém cortando a grama no quintal, sem qualquer sentimento além da determinação pragmática em fazer o que tem de ser feito. E Faye observa aquele corpanzil brutal e a força com que brande o cassetete, a velocidade implacável com que acerta cabeças, braços e costelas, e compreende que seu plano de escapar à surra por meio de esquivas atléticas é ao mesmo tempo ingênuo e impossível. Esse homem pode fazer o que bem entender. Não há como detê-lo. Ela está totalmente impotente. E ele está vindo em sua direção.

O que ela faz então é isto: tenta se encolher. É a única coisa que lhe vem à mente. Tornar-se um alvo mínimo, minúsculo. Tenta diminuir de tamanho, junta os braços, abaixa a cabeça e dobra os joelhos e a cintura, tentando ficar mais baixa que as pessoas à sua frente.

Uma postura de súplica, ao que parece. Todos os alarmes de sua mente estão disparando, e ela sente o ataque de pânico começando do modo que sempre começa, aquele peso tremendo no peito como se estivesse sendo esmagada de dentro para fora. Ela pensa *Por favor, agora não*, enquanto o policial continua fustigando qualquer pessoa que obstrua seu caminho em direção a Faye. E os manifestantes gritam "Paz!" ou "Não estou resistindo à prisão!" e erguem as mãos com as palmas para cima, rendendo-se, mas mesmo assim o policial continua a lhes dar porrada, na cabeça, no pescoço, na barriga. Ele está muito perto, agora. Há apenas um homem entre ele e Faye, um jovem de cabelo crespo, barba comprida e jaqueta camuflada, que acaba de perceber o que está prestes a acontecer e, neste momento, faz o possível para sair do caminho, enquanto os pulmões de Faye ficam bloqueados e uma torrente vertiginosa invade sua cabeça, deixando-a trêmula e trôpega, sua pele está fria e úmida, a testa fica encharcada tão rápido que o suor começa a escorrer pelo rosto como uma erupção, mas sua boca está seca e pastosa de modo que ela nem sequer consegue suplicar ao policial que não faça o que veio fazer — e tudo isso acontece enquanto ela vê o policial empurrando o cara com a jaqueta camuflada, para em seguida se meter na turba em direção a

Faye, aproximando-se dela, e ele agora tenta deixar o corpo no ângulo certo para golpeá-la, tenta erguer a arma em meio àquele caos humano, quando todos escutam dois estouros lá atrás, dois leves estouros, como se alguém desse pancadas com a palma da mão no gargalo de uma garrafa vazia. Até ontem, aquele som não teria significado nada, mas agora todos os manifestantes são veteranos e sabem: é o som das bombas de gás. Alguém, lá atrás, disparou mais gás lacrimogêneo. E a reação da turba — ao ouvir o estampido e ao sentir a inevitável nuvem de fumaça que irrompe uns dois segundos depois — é previsível: as pessoas entram em pânico e se precipitam para longe, uma onda de gente atinge Faye no mesmo instante em que o policial dá o bote, e todos eles colidem ao mesmo tempo, juntos, contra a vidraça da janela.

E, finalmente, a pobre janela chega ao seu limite. Isso é mais do que ela pode suportar.

Seria impreciso dizer que a janela racha: na verdade, ela explode instantaneamente em todos os pontos ao mesmo tempo. E Faye, o policial e a grande torrente de manifestantes imprensados contra o vidro desabam e tombam para trás em meio aos fregueses, à fumaça e à música do Haymarket Bar.

29

ESTE ESTÁ SENDO um dia tão estranho que os fregueses do Haymarket Bar demoram alguns instantes para compreender que algo ainda mais estranho acaba de acontecer. A vidraça é feita em pedaços e para dentro do bar são despejados manifestantes, policiais e estilhaços de vidro, mas por um instante os fregueses apenas observam o que está acontecendo, como se estivessem olhando uma televisão em cima do balcão. Parecem vagamente fascinados. Sentem-se atraídos por aquela cena, mas, ao mesmo tempo, separados dela. São espectadores, não participantes.

Então, por alguns segundos, em meio à balbúrdia humana de manifestantes e policiais se contorcendo em busca de equilíbrio sobre o preto e branco do assoalho, os fregueses do Haymarket Bar a tudo assistem com um interesse passivo, como quem diz: *Uau.*

Que coisa louca.

O que será que vai acontecer agora?

E a seguir sobrevém a invasão do gás lacrimogêneo para dentro do ambiente, e os policiais ficam furiosos e se aglomeram no novo espaço vago no flanco do bar ou vêm correndo pelo saguão. Pois o que acaba de acontecer é exatamente o que o Departamento de Polícia de Chicago estava tentando a todo custo evitar: os delegados partidários e os manifestantes estão no mesmo recinto, juntos.

As ordens foram bem claras nesse sentido: os delegados deveriam ser recebidos no aeroporto, assim que desembarcassem do avião; deviam ser levados em viaturas até o Conrad Hilton; depois, em grandes ônibus com escolta militar até a arena e, após a convenção, de volta ao hotel — protegidos, isolados, sem qualquer contato com os hippies, *porque os hippies estão tentando desestabilizar e ameaçar nossa democracia*, coisa que o prefeito repetia diariamente nos noticiários e na televisão. (Os líderes das manifestações interpunham que uma democracia chega ao fim quando seus representantes passam a se proteger do povo que representam, mas tal alegação mal apareceu na imprensa e certamente não mereceu qualquer resposta por parte do prefeito ou de sua assessoria.)

Seja como for, lá vêm os policiais com o rosto vermelho, correndo o mais rápido que o sacolejo do cinto tático repleto de armamento permitia. Entre os fregueses do Haymarket Bar, é mais ou menos neste momento que a ficha cai. Subitamente tossindo e chorando por causa do gás, atingidos por encontrões da polícia e por cassetetes erráticos, eles compreendem que, na verdade, não são espectadores desse acontecimento; agora são parte dele. É com essa rapidez que a realidade fora do bar penetra e aniquila a realidade dentro do bar: com o estouro de uma vidraça arreventada. O bar agora é uma extensão da rua.

Surgiu uma nova frente de batalha.

Quanto tempo, calculam eles, até que o *front* se aprofunde ainda mais? Quanto tempo até que os quartos do hotel estejam em risco? Ou suas próprias casas? Suas famílias? Para muitos deles, o protesto havia sido uma vaga perturbação urbana até este momento — quando eles próprios começaram a respirar o gás lacrimogêneo. Agora eles imaginam tijolos voando pelas janelas de suas casas ou imaginam suas próprias filhas seduzidas por homens barbudos de cabelos compridos e cheirando a tabaco e, neste momento, até os maiores defensores da paz recuam um passo e deixam que a polícia faça seu trabalho brutal.

Em outras palavras, o caos é completo. Caos e pânico. Faye bate com força no chão, caindo de lado, sob o peso de vários corpos cujas cabeças e queixos se entrecrocaram, e ela está vendo estrelas e lutando pelo fôlego perdido ao se chocar contra o assoalho. Ela tenta se concentrar em detalhes, tenta enxergar o xadrez do piso através do véu de estrelas verde-púrpura que encobrem sua visão, tenta fitar os fragmentos e estilhaços de vidro ao seu redor, alguns deslizando como discos de hóquei, chutados e bombardeados pela batalha que domina o interior do bar. Tudo aquilo parece muito, muito distante. Ela pestaneja. Balança a cabeça. Vê os pés dos policiais correndo em sua direção, os pés dos fregueses correndo para longe. Passa os dedos na própria testa e sente um inchaço do tamanho de uma noz. Lembra-se do policial que, um momento atrás, corria para atacá-la, e então o avista, jazendo de rosto para cima, metade dentro do bar, metade na rua.

30

ELE NÃO CONSEGUE se mexer. Está olhando para cima. O que está vendo é a borda irregular da vidraça — o que sobrou dela — pendurada cerca de três metros acima dele, uma linha do equador cortando seu campo de visão. Ao norte da linha, há o teto de estanho do Haymarket Bar. Ao sul, há o céu, o nebuloso e enevoadado crepúsculo.

Ao despencar, ele se contorceu e se revirou e aterrissou de costas, sentindo uma pontada de dor dilacerante. Agora está completamente imóvel e pensa no que está sentindo. Ou seja, em nada. Não está sentindo nada.

Ao seu redor, a polícia salta pela janela quebrada, entra no bar. Brown sente que precisa dizer algo aos colegas, mas não sabe o quê. Mas sabe que algo está errado. Não entende o que está acontecendo, mas tem a sensação de que é algo importante — mais importante que os delegados ou os hippies ou o bar. Tenta falar com os outros policiais enquanto eles saltam ao seu redor ou por cima dele. Sua voz sai pequena e fina. “Esperem”, diz ele, mas nenhum deles espera. Invadem o bar, arrancam hippies do chão e os jogam na rua e espancam hippies e talvez até mesmo alguns delegados, pois está escuro aqui dentro e é difícil ver a diferença entre um vagabundo e um político quando a gente está dando porradas às cegas.

31

SEBASTIAN CONSEGUIU SE levantar e encontra Faye no assoalho; ergue-a pelo braço. Ela está tonta, enjoada, e adoraria se sentar em uma daquelas mesas box de assentos estofados, bebericar uma xícara de chá com mel e talvez dormir um pouco — ah, meu Deus, como ela quer dormir, mesmo agora, mesmo aqui, no violento coração do mundo. Ainda está vendo estrelas. Deve ter batido a cabeça com muita força.

Sebastian a puxa pela mão, e ela está complacente. Deixa-se arrastar. Não para a porta da frente, em direção à qual vários manifestantes estão correndo, tampouco de volta para a rua, mas para as profundezas do bar, para o canto mais recôndito, onde há um telefone público e dois banheiros e uma daquelas portas prateadas de vaivém com uma janela redonda, que dão acesso à cozinha. É para lá que se dirigem, para a cozinha industrial do

Hilton, no momento mergulhada em uma agitação frenética por causa do dilúvio de pedidos que vêm dos quartos — os hóspedes estão apavorados demais para sair e, por isso, estão fazendo todas as refeições no quarto — e dezenas de homens com aventais e chapéus brancos, de pé diante de chapas crepitantes cheias de alcatras e filés, ou junto aos balcões preparando sanduíches submarinos de altura insólita, ou em frente a carrinhos de serviço no qual depositam taças de vinho polidas à translucidez. Olham para Sebastian e Faye e não dizem uma única palavra. Continuam trabalhando. Não é problema deles.

Sebastian a conduz através da alvoroçada e ruidosa cozinha, passando por grelhas com labaredas e fogões fervendo molhos e massas, pela estação de lavagem de louça e pela lavadora elétrica, o rosto dele mergulhado numa nuvem de vapor, e enfim eles alcançam a porta dos fundos e a atravessam e saem no depósito de lixo, junto à caçamba que cheira a leite azedo e frango mofado, e seguem andando até chegar ao beco, longe da Michigan Avenue, longe da gritaria e das bombas, longe, finalmente, do Hotel Conrad Hilton.

32

O OFICIAL BROWN ainda está de costas no batente da vidraça quebrada do Haymarket Bar e agora começa a compreender que não está sentindo as pernas. Caiu em cima de algo pontudo e sentiu uma dor lancinante perto do rim; agora, não sente mais nada. Um frio que se espalha, um amortecimento. Tenta se levantar, mas não consegue. Fecha os olhos e poderia jurar que está preso embaixo de um carro. Sim, essa é a sensação exata. Mas, ao abrir os olhos, não há nenhum objeto visível prendendo seu corpo.

— Socorro — diz ele a ninguém em específico, ao próprio ar, primeiro em voz baixa, depois com mais urgência: — Socorro!

A esta altura, os hippies já foram evacuados e a maioria dos fregueses voltou aos quartos. As únicas pessoas no bar são os dois

agentes do Serviço Secreto, que caminham até ele com ar tranquilo.

— Que mal o aflige, oficial? — perguntam com uma espécie de camaradagem brincalhona.

Tal leveza de espírito se esvanece assim que tentam erguê-lo. O corpo do policial não se move e as mãos dos agentes ficam cobertas de sangue.

Inicialmente, Brown acredita que os agentes cortaram as mãos nos cacos de vidro. Então percebe que o sangue não é deles. É dele. Está sangrando. Está sangrando muito.

Mas não, não pode estar sangrando.

Porque não sente dor nenhuma.

— Estou bem — diz ele a um dos agentes, que está sentado ao seu lado, uma das mãos pressionando firmemente o peito de Brown.

— Claro, companheiro. Vai ficar ótimo.

— Estou falando sério. Não sinto dor nenhuma.

— Sim, sim. Fique onde está e não se mexa. Vamos chamar ajuda.

E Brown percebe que o outro agente está falando em um walkie-talkie, há um homem ferido, mandem uma ambulância *imediatamente*, e a forma como ele diz *imediatamente* é o que faz Brown contrair os olhos e dizer “Me perdoe, me perdoe”, não para o agente do Serviço Secreto, mas para Deus. Ou para o universo. Ou seja quais forem as entidades kármicas que, neste momento, decidem seu destino. Pede perdão a todos esses seres cósmicos — perdão por seus encontros com Alice, por trair a esposa, por trair a esposa daquele jeito horroroso, no escuro, em becos, no banco do carro, por não ter conseguido parar, por não ter disciplina nem autocontrole, pede perdão por tudo isso, e pede perdão por só ter se arrependido agora, agora que já é tarde demais, e ele tem consciência do frio que se espalha abaixo de sua cintura e presente (embora não sinta) o estilhaço aguçado de vidraça que neste momento secciona sua espinha dorsal, e não sabe ao certo o que aconteceu com ele, mas, seja o que for, pede perdão — perdão pelo ocorrido, por merecer o castigo.

POR TODA CHICAGO, igrejas abriram as portas, oferecendo refúgio. Agredidos e sob efeito do gás, jovens acorrem. Recebem água, uma refeição, um colchonete. Após a violência do dia, alguns deles choram ao deparar com essas pequenas gentilezas. Lá fora, o tumulto se fragmentou em altercações e correrias esparsas, uns poucos policiais perseguindo estudantes dentro de bares e restaurantes, para dentro e para fora do parque. Não é seguro andar na rua, por isso, os jovens acorrem em frangalhos, em duplas, a lugares como este: a velha igreja de São Pedro, na Madison Street, no centro. Nem sequer trocam boatos com os outros manifestantes: todos passaram mais ou menos pelas mesmas coisas. Limitam-se a ficar sentados, com aparência penitente. Sacerdotes vêm lhes trazer tigelas quentes de sopa enlatada, e eles respondem "Obrigado, Padre", e essas palavras são absolutamente sinceras. Os padres lhes dão compressas mornas para os olhos injetados.

Faye e Sebastian estão sentados no banco dianteiro, silenciosos e constrangidos, pois há muita coisa a dizer e eles não sabem como dizê-lo. Em vez de conversar, olham para o altar, o elaborado retábulo de pedra e madeira da igreja de São Pedro: anjos de pedra e santos de pedra e um Jesus de pedra pendurado numa cruz de concreto, sua cabeça olhando diretamente para baixo, e havia dois discípulos de pedra sob suas axilas, um olhando para cima, com rosto angustiado, o outro olhando para seus próprios pés, com vergonha.

Faye apalpa o inchaço em sua cabeça. Já quase não dói; na verdade, ela sente uma estranha fascinação por esse calombo alienígena, essa rija bola de gude embaixo de sua pele. Se continuar mexendo naquela coisa, talvez resista ao desejo de fazer perguntas, perguntas que começaram a tomar forma nos últimos vinte minutos, enquanto os dois descansavam no banco, já fora de perigo, enquanto ela recompunha os pensamentos e começava a considerar os acontecimentos daquela tarde de forma racional e lógica. Pouco a pouco, as perguntas foram se depositando em sua mente.

— Faye, escute... — diz Sebastian.

— Quem é você *de verdade*? — pergunta ela, porque não consegue mais resistir, por mais fascinante que seja o calombo em sua testa.

Sebastian abre um sorriso triste. Olha para os próprios sapatos.

— Ah, sim. Eu ia falar sobre isso.

— Você conhecia aqueles prédios por dentro. Mas como? E a chave. Tinha a chave para a minha cela. E como conhecia os policiais no porão? O que está acontecendo?

Sebastian fica ali sentado, como uma criança levando um sermão. Parece incapaz de a encarar.

Lá atrás, Allen Ginsberg acaba de atravessar a porta da igreja. Avança silenciosamente, observando os corpos exaustos, abençoando pessoas adormecidas, espalmando a mão na cabeça dos que estão acordados e dizendo *Hare Rama, Hare Krishna* e meneando a cabeça daquela maneira típica, de modo que sua barba parece um pequeno mamífero trêmulo.

Um mês atrás, uma aparição de Ginsberg teria chamado a atenção de todos. Agora ele já se tornou parte do cenário, uma das muitas cores conhecidas do protesto. Caminha para lá e para cá, e os jovens olham-no com sorrisos cansados. Ginsberg os abençoa e segue em frente.

— Está trabalhando para a polícia? — pergunta Faye.

— Não. Não estou — diz Sebastian. Inclina-se para a frente e engancha as mãos, como se estivesse rezando. — Seria mais certo dizer que estou trabalhando *com* a polícia. Não é nada oficial. Na verdade, também não dá pra dizer que estou trabalhando com eles. É como se estivéssemos trabalhando paralelamente um ao outro. Temos uma espécie de acordo. Um certo entendimento recíproco. Tanto eu quanto a polícia compreendemos certos fatos básicos.

— Quais fatos?

— Primeiro, que precisamos um do outro.

— Você e a polícia.

— Sim. A polícia precisa de mim. A polícia me *ama*.

— O que aconteceu hoje, lá fora, não parece ter nada a ver com amor — retruca Faye.

— Eu jogo lenha na fogueira. Intensifico o drama. A polícia quer motivos para reprimir a esquerda radical. Eu ofereço esses motivos. Anuncio que vamos sequestrar delegados partidários ou envenenar os reservatórios de água ou detonar uma bomba na arena e, assim, ficamos parecendo terroristas. E é exatamente isso que a polícia quer.

— Para que possam fazer o que fizeram hoje. Jogar bombas de gás e nos dar uma surra.

— Em frente às câmeras de TV, com os telespectadores comemorando em casa. Sim, isso mesmo.

Faye meneia a cabeça.

— Mas por quê? Por que encorajar toda essa... — ela faz um gesto amplo com a mão, abrangendo os jovens ensanguentados que ocupam a nave — toda essa loucura, toda essa violência?

— Porque quanto mais a polícia nos reprime, mais forte o nosso lado se torna.

— O nosso lado.

— Os manifestantes — explica ele. — Quanto mais a polícia nos espanca, mais razão nós temos. — Volta a se recostar no espaldar do banco, olhando fixamente para a frente. — Na verdade, é genial. Os manifestantes e a polícia, os progressistas e os conservadores, eles precisam uns dos outros, eles criam uns aos outros, porque precisam de um oponente para demonizar. A melhor forma de se sentir parte de um grupo é criando outro grupo para odiar. Por isso o dia de hoje foi fantástico, do ponto de vista da propaganda.

Atrás deles, Ginsberg está percorrendo as fileiras, silenciosamente abençoando as pessoas adormecidas nos bancos. Faye escuta sua voz monótona entoando louvores hindus. Ela e Sebastian olham fixamente para o retábulo, os santos e os anjos de pedra. Faye não sabe o que pensar a respeito dele. Sente-se traída, ou talvez seja mais correto dizer que *deveria* se sentir traída — jamais pensou em si mesma como correligionária de Sebastian, mas muitas pessoas pensavam assim, então ela se esforça por sentir-se traída, em nome dos outros.

— Escute, Faye — interpõe Sebastian. Com os cotovelos apoiados nos joelhos, ele respira fundo e olha para o chão. — Isso não é

totalmente verdade. A verdade é que eu não queria ir para o Vietnã.

As luzes na nave agora estão se apagando, já não há mais manifestantes escoando porta adentro. Por todos os lados, há pessoas adormecendo, em grupos de dois, três ou quatro. Logo, a igreja é iluminada apenas pelas velas do altar, um vago lusco-fusco alaranjado.

— Eu disse a todo mundo que passei o último verão na Índia — diz Sebastian. — Mas não é verdade. Eu estava na Geórgia. Num campo de treinamento. Iam me mandar pro Vietnã, mas aí apareceu um cara me oferecendo um acordo. Um funcionário da prefeitura, que podia mexer uns pauzinhos para me ajudar. Disse que, se eu publicasse certas notícias falsas, eles me liberariam do exército. Eu não suportava a ideia de ir pra guerra. Então aceitei o acordo.

Com a expressão contraída, olhou para Faye.

— Aposto que agora você me odeia — disse ele.

E, sim, talvez ela *devesse* odiá-lo. Mas, em vez disso, sente o coração amolecer. Começa a perceber que não são assim tão diferentes.

— Meu pai trabalha na ChemStar — revela ela. — Metade do dinheiro usado em minha educação veio da fabricação de napalm. Então, acho que não me cabe julgar.

Ele assente.

— A gente faz o que precisa ser feito, não é?

— Eu provavelmente teria aceitado o acordo também.

Ficam olhando para o retábulo até que um pensamento cruza a mente de Faye.

— Lembra quando falou sobre o meu *maarr*?

— Sim.

— Disse que tinha aprendido aquela palavra entre os monges tibetanos.

— Sim.

— Durante sua viagem à Índia. Mas você não viajou à Índia.

— Li sobre aquilo na *National Geographic*. A palavra não veio dos monges tibetanos. Pensando bem, acho que o artigo era sobre uma tribo aborígene australiana.

— Quais outras mentiras você me disse? — pergunta Faye. — E o nosso encontro? Queria mesmo me encontrar?

— Claro que sim — diz ele, sorrindo. — Aquele era meu verdadeiro eu. Queria realmente te encontrar. Juro.

Ela assente. Então dá de ombros.

— Como vou saber se é verdade?

— Mas tem mais uma coisinha. Mais uma pequena mentira.

— Ok.

— Tecnicamente, não é uma mentira que eu contei *a você*. Melhor dizendo, é uma espécie de mentira generalizada que contei a todo mundo.

— Vá em frente.

— Sebastian não é meu nome verdadeiro. Eu o inventei.

Faye solta uma risada. Não consegue resistir. Este dia foi tão ridículo que parece apropriado coroá-lo com mais uma loucura.

— Isso é o que você chamada de uma *pequena* mentira? — critica ela.

— Digamos que é meu nome de guerra. Me inspirei em São Sebastião. O mártir, sabe? A polícia precisava de um alvo para disparar suas flechas. Eu lhes forneci esse alvo. Achei que o nome era apropriado. Você não vai querer saber meu nome verdadeiro.

— Não. Ainda não. Por enquanto.

— Digamos que não é o tipo de nome capaz de convocar batalhões.

Ginsberg acaba de alcançá-los. Percorreu em zigue-zague toda a nave, andando entre os bancos, e finalmente chegou até os dois jovens. Para à frente deles e cumprimenta com um aceno de cabeça. Eles respondem de forma idêntica. A igreja está tão silenciosa que todos os ruídos no local vêm do próprio Ginsberg: o entrecocar de seus sacolejantes colares de metal, seus murmúrios e preces. Ginsberg espalma as mãos sobre a cabeça dos dois jovens — mãos suaves, calorosas, gentis. Fecha os olhos e sussurra algo incompreensível, como se estivesse lhes lançando um sortilégio. Então abre os olhos e afasta as mãos.

— Acabo de casá-los. Vocês estão casados.

Então se afasta, arrastando os pés, cantarolando baixinho algo para si mesmo.

34

— POR FAVOR, não conte a ninguém o que eu lhe disse — pede o homem que ela conhecia como Sebastian.

— Não vou contar — diz ela, sabendo que poderá cumprir facilmente a promessa, pois jamais encontrará essas pessoas novamente.

A partir de amanhã, não viverá mais em Chicago, não estudará mais no Circle. A consciência desse fato se cristalizou ao seu redor ao longo do dia. Não se lembra de ter tomado aquela decisão; é como se a decisão estivesse ali pronta, o tempo inteiro, esperando por ela. O lugar dela não é aqui, e os acontecimentos das últimas horas são prova disso.

Seu plano é simples: vai partir ao amanhecer. Enquanto todo mundo estiver dormindo, ela vai se esgueirar e partir. Vai dar uma passada no alojamento. Vai caminhar até o quarto, descobrirá a porta completamente aberta, as luzes acesas. Encontrará Alice dormindo em sua cama. Faye não vai despertá-la. Andará nas pontas dos pés até o criado-mudo, abrirá bem devagar a gaveta inferior, tirará dali alguns livros e a carta de Henry. Então partirá em silêncio, lançando um último olhar a Alice, que, sem os óculos de sol e os coturnos militares, parecerá humana novamente, e bondosa e vulnerável, até bonita. Vai lhe desejar coisas boas, para sua vida futura. Depois, Faye irá embora — Alice jamais saberá que ela esteve ali. Faye vai pegar o primeiro ônibus de volta a Iowa. Ficará olhando para a carta de Henry por cerca de uma hora até que a fadiga a domine, e então dormirá até chegar em casa.

Este é o plano. Ela vai fugir ao raiar do sol.

Mas ainda faltam horas para isso acontecer, e aqui está ela, em Chicago, com este garoto, experimentando um momento que parece

suspenso no tempo. A nave silenciosa e escura. O brilho das velas. Ela não quer saber o verdadeiro nome de Sebastian; por que deveria estragar aquele instante? Por que deveria arruinar o mistério? Há algo de delicioso nesse anonimato. Ele poderia ser *qualquer homem*. Ela poderia ser *qualquer mulher*. Faye sabe que irá embora ao amanhecer, mas, por enquanto, ainda está aqui. Consequências virão, mas só amanhã, este momento está a salvo delas. Não haverá qualquer repercussão para o que acontecer aqui, agora. É uma sensação deliciosa, achar-se assim à beira do abandono. Ela pode agir sem preocupações. Pode fazer o que quiser.

E ela quer pegá-lo pela mão e conduzi-lo às sombras atrás do altar. O que ela quer é sentir o corpo dele, quente e forte, contra o seu. Ela quer agir por impulso — como fez com Henry na pracinha, naquela noite que agora parece ter acontecido em outra vida. Então ela aperta seus lábios contra os dele e ele hesita um pouco e sussurra:

— Tem certeza?

Ela sorri e responde:

— Está tudo bem, agora somos casados.

Mesmo agora, quando os dois tombam juntos no chão, ela sabe que está fazendo isso apenas parcialmente por uma genuína vontade de fazê-lo. Está fazendo isso também para provar algo a si mesma: para provar que mudou. Porque, após atravessarmos um batismo de sangue, não deveríamos nos tornar pessoas novas? Pessoas diferentes, melhores? O dia de hoje foi, de fato, um suplício; e ela espera que, após tê-lo atravessado, não continue sendo a mesma pessoa de antes, com suas dúvidas e preocupações mesquinhas. Quer provar a si mesma que, após enfrentar o terror daquele dia, tornou-se uma pessoa mais forte, melhor, embora não saiba ao certo se essa transformação de fato aconteceu. Como podemos ter certeza de que nos tornamos pessoas melhores e mais fortes? Por meio da ação, Faye decide. Então, ela age. Arranca o casaco dele, depois o seu. Sentados, descalçam os sapatos e dão risadinhas, pois é impossível tirar os calçados de um jeito sexy. Essa é sua grande demonstração — ao mundo e a si mesma — de que está mudada, de que é uma mulher, pois está fazendo coisas de

mulher, e as faz de forma destemida. Desafivela o cinto dele e baixa suas calças até ver a linda protuberância saltando para fora. E nem mesmo os pôsteres das aulas de economia doméstica podem controlá-la agora, pois ela sente a determinação na pele, e o cheiro deste homem é uma mistura de suor e tabaco e almíscar e gás lacrimogêneo, e o que ela sente neste momento é uma vontade de devorá-lo, e ele quer devorá-la também, e, para ser honesta, é uma sensação deliciosa e libertadora rolares juntos e sujos neste piso limpo e brilhante, o piso de Deus, e ao erguer os olhos ela enxerga o grande Jesus de pedra lá em cima, fitando-a, o terrível Deus reprovando o que ela está fazendo em Sua santa casa, e ela adora essa sensação, adora que isto esteja acontecendo aqui mesmo, e sabe que amanhã voltará a Iowa, voltará a ser Faye, a velha Faye, voltará a sua antiga identidade como um espírito que viajou fora do corpo, e vai dizer não à universidade e sim a Henry, e vai se tornar uma dona de casa, uma estranha e nova criatura que manterá guardada e escondida dentro de si mesma a lembrança desta noite. Jamais voltará a falar no assunto, mas pensará nisso todos os dias. Vai se perguntar como é possível que seja, simultaneamente, pessoas tão diferentes: a verdadeira Faye e a outra, a Faye impetuosa e agressiva e impulsiva. Sentirá saudades imensas desta outra Faye. Com o passar dos anos, à medida que tarefas domésticas e maternais se acumularem em sua vida, ela pensará sobre esta noite com tanta frequência que a lembrança se tornará mais real do que a realidade. Começará a acreditar que sua existência enquanto esposa e mãe é uma ilusão, um disfarce que veste perante o mundo, e a outra Faye, que veio à tona no piso da igreja de São Pedro, é a verdadeira, a autêntica, e essa crença vai se entranhar de tal forma, vai transpassá-la com tanta intensidade que, com o tempo, acabará dominando totalmente o seu ser. A sensação ficará poderosa demais para ser ignorada. Até que, um dia, a ideia de partir não vai lhe parecer um abandono do marido e do filho: parecerá que está apenas recuperando a verdadeira vida que abandonou em Chicago anos atrás. Na verdade, vai até se sentir orgulhosa por ser leal a si mesma, ao seu verdadeiro eu. Terá a sensação de haver encontrado a única e verdadeira Faye, ao menos

por um tempo, até começar a sentir saudades da família; então toda a confusão vai retornar.

Há um fato que a maioria das pessoas não percebe ao escutar aquela história sobre os cegos e o elefante: a descrição feita por cada um dos homens está *correta*. O que Faye não entende — e talvez jamais venha a entender — é que não existe um eu verdadeiro escondido sob várias versões falsas. Em vez disso, há um eu verdadeiro escondido sob vários eus igualmente verdadeiros. Sim, ela é a estudante tímida e meiga e esforçada. Sim, ela é a criança assustada e insegura. Sim, ela é a sedutora ousada e impulsiva. Sim, ela é mãe e esposa. E muitas outras coisas também. A crença de que haja apenas um único e verdadeiro eu obscurece a verdade mais ampla — e essa era a questão central com os cegos e o elefante. O problema não é que fossem cegos — o problema é que pararam de investigar demasiado cedo e, portanto, jamais perceberam que havia uma verdade mais ampla a ser descoberta.

Para Faye, a verdade mais vasta, a coisa que sustenta cada episódio importante de sua vida como uma viga sustentando uma casa, é esta: *Faye é uma pessoa que foge*. Uma pessoa que entra em pânico e escapa, uma pessoa que fugiu de Iowa para evitar a vergonha, que fugirá de Chicago e se refugiará num casamento, que fugirá de sua família e que, um dia, fugirá do país. E quanto mais ela acredita que exista apenas um único eu verdadeiro, mais ela foge para encontrá-lo. É como uma pessoa presa na areia movediça: quanto mais se esforça para sair, mais rápido afunda.

Será que Faye algum dia compreenderá isso? Quem sabe? Enxergar claramente a nós mesmos é projeto para uma vida inteira.

Agora, no entanto, ela está muito distante desses pensamentos. Agora, tudo parece simples: ela é um corpo unido a outro corpo. E o corpo dele é quente e a comprime e a penetra, e a pele dele tem gosto de sal e amoníaco. Ao amanhecer ela voltará a usar a cabeça, mas agora as coisas são muito simples — simples como o paladar. Ela é um corpo que sente o mundo, e sentidos estão carregados.

EM TODA A igreja, apenas uma pessoa sabe o que eles estão fazendo: Allen Ginsberg, que está sentado com as pernas cruzadas, as costas contra uma parede, sorrindo. Observou quando eles tombaram atrás do altar, viu suas sombras no clarão das velas, ouviu o ruído familiar de um cinto sendo desafivelado. Sente-se feliz por aquelas duas crianças, comprazendo suas carnes exaustas e maculadas. Que sejam felizes. Isso o faz pensar naquele poema sobre o girassol, que ele escreveu muito tempo atrás — faria o quê, uns dez anos? Não importa. *Não somos nossa pele e nossa fuligem, ele havia escrito, somos, por dentro, girassóis dourados, abençoados por nossa própria semente & consumação corpórea nua e peluda — corpos desabrochando em girassóis loucos e negros e formais na hora do entardecer...*

Sim, ele pensa. E, ao fechar os olhos na iminência do sono, sente-se feliz e satisfeito.

Pois sabe que estava certo.

| PARTE 10 |

DESALAVANCAGEM

Fim do verão, 2011

1

MAIS UMA VEZ, Faye havia mentido para o seu filho.

Mais uma vez, sentira vergonha de lhe contar toda a verdade. No aeroporto de Chicago, Samuel havia perguntado aonde ela planejava ir, e Faye mentiu. Disse que não sabia, que pensaria no assunto quando chegasse a Londres. Mas, na verdade, ela sabia exatamente aonde estava indo: tão logo descobriu que viajaria sozinha, decidiu ir para Hammerfest, na Noruega. A cidade natal de seu pai.

A julgar pela forma como Frank a havia descrito, a casa da família em Hammerfest era um sobrado de madeira nos arredores da cidade, esplendoroso. Tinha três andares, vista para o oceano e um longo píer onde a família ia pescar ao fim do dia, voltando para casa com baldes cheios de trutas árticas; um prado que, no verão, ficava todo dourado com as ondulantes plantações de cevada; um pequeno aprisco junto à casa, para algumas cabras, ovelhas e um cavalo; uma fileira de lindos abetos vermelhos e azuis demarcando os limites da propriedade e que, no inverno, acumulavam tanta neve que, às vezes, enormes nacos brancos tombavam no chão com um ruído abafado. Toda primavera, a casa voltava a ser pintada de salmão, pois as intempéries do inverno embotavam a demão do ano anterior. Faye lembra-se das vezes em que ficava sentada aos pés do pai escutando suas descrições, internalizando essas imagens da história familiar e, mais tarde, incorporando-lhe detalhes mentais, erguendo ao fundo uma cordilheira de montanhas pontudas, cobrindo as praias com a areia vulcânica preta que vira uma vez na *National Geographic*; e quaisquer adornos que encontrasse em filmes ou revistas, qualquer lugar que lhe parecesse rural, idílico e exótico, todos acabavam convergindo a esse cenário, o velho casarão em Hammerfest. Todas as suas fantasias se acumulavam ali, com o lento e orgânico crescimento da imaginação infantil. Aquela imagem se tornou o depósito de todas as coisas belas do mundo e, após um tempo, tinha medidas iguais de paisagem nórdica, de província

francesa, de campina toscana e daquela grande cena de *A Noviça Rebelde*, cheia de rodopios e cantoria nas verdejantes colinas da Bavária.

A verdadeira Hammerfest, descobriu Faye, não parece nem um pouco o lugar imaginado. Após um rápido voo da Inglaterra para Oslo e outro pela companhia de Havilland — em um avião que parecia grande demais para as próprias hélices —, Faye aterrissa em Hammerfest para descobrir um lugar rochoso e estéril, desprovido de plantas, exceto pelos arbustos e matagais mais espinhosos e lanhadores. Um lugar varrido pelos ventos do círculo ártico, ventos que carregam um adocicado vapor petroquímico. Pois esta é uma cidade industrial. Os barcos de pesca são acanhados pelos gigantescos navios porta-contêineres cor de laranja, que transportam gás natural e petróleo para as refinarias que pontuam o litoral, para os tanques brancos e robustos de armazenamento e destilação que, vistos do alto, parecem cogumelos brotando de um cadáver. Da cidade, avistam-se as plataformas marítimas que perfuram as reservas de gás. Não há plantações de cevada farfalhando gentilmente ao vento; em vez disso, há terrenos baldios cheios de equipamentos abandonados, cobertos de ferrugem e óleo. Colinas pedregosas, íngremes, salpicadas de líquen. Não há praias, mas um penhasco inacessível, cheio de pedregulhos, que parece o resultado de algum acidente envolvendo dinamite. As casas estão pintadas em tons vivos de amarelo e laranja, o que parece mais um baluarte contra a sombra do inverno do que uma evidência sincera de alegria. É possível que este lugar seja o mesmo que ela imaginou por tantos anos? Tudo parece tão forasteiro.

Faye pensou que poderia encontrar alguma ajuda na central de informações turísticas, mas, quando informou que estava procurando pela fazenda dos Andresen, os funcionários a olharam como se estivesse louca. Não há nenhuma fazenda dos Andresen por aqui, eles disseram. Aliás, não há fazenda alguma. Então ela descreveu a casa, e eles responderam que essa casa certamente já não existia. Os alemães com certeza a destruíram na Segunda Guerra. Os alemães destruíram essa casa especificamente? Eles destruíram *todas* as casas. Deram então a Faye um folheto sobre o

Museu da Reconstrução. Ela disse que procurava por uma propriedade relativamente grande, um sobrado com vista para o mar, talvez com alguns abetos. Saberiam dizer onde encontrar um lugar assim? Responderam que muitos lugares podiam ser descritos dessa maneira e lhe sugeriram dar uma volta. Dar uma volta? Sim, a cidade não é grande. Então foi isso que ela começou a fazer. Faye caminha pelas redondezas procurando por algo que se encaixe na descrição feita por seu pai: uma fazenda nos arredores da cidade, com vista para o mar. Passa por esqualidos prédios residenciais aninhados uns aos outros para se aquecer. Não há prados, não há fazendas. Afasta-se da cidade, envereda por um terreno rochoso, com ervas daninhas; aqui, as únicas plantas capazes de sobreviver são as que enfiam as raízes na rocha bruta, as relvas rijas e secas que entram em latência durante os dois meses de escuridão que caracterizam o inverno no círculo ártico. Faye se sente uma idiota. Está caminhando há horas. Acreditara saber o que encontraria ao chegar aqui. Sim, ela acreditara que sua própria fantasia fosse real. Tantos anos se passaram, e ela continua cometendo os mesmos erros. Encontra uma trilha de relva pisoteada que conduz a uma serrania próxima e segue por ali, perdida em pensamentos lúgubres, repetindo em voz alta, a cada dois passos:

— Idiota. Idiota.

Pois isso é o que ela é, uma idiota, e todas as decisões idiotas de sua vida a trouxeram até aqui, a este lugar idiota, onde ela se encontra sozinha em uma trilha de poeira branca, em um lugar esquecido por Deus, no fim do mundo.

— Idiota.

Ela diz olhando para os pés, subindo a trilha íngreme que leva ao topo da elevação, pensando em como fora idiota ao vir até aqui. Até as roupas que está usando são idiotas: sapatos pequenos, de sola chata, totalmente impróprios para caminhadas na tundra, e uma camisa fina, de modo que ela tem de andar abraçando o próprio corpo, pois aqui, mesmo no verão, faz frio. Apenas mais algumas escolhas idiotas em uma vida cheia de idiotice, pensa ela. Foi idiotice vir aqui. Foi idiotice entrar em contato com Samuel, por quem se sentia responsável desde que o abandonara — e, aliás, abandoná-lo

também foi uma idiotice. Não, pensando bem, aquilo não foi uma idiotice; mas casar com Henry foi bem idiota, assim como ir embora de Chicago. E assim prosseguem os lamentos, enquanto Faye sobe a colina, repisando sua longa sequência de más decisões. Quando isso havia começado? O que a havia lançado nesta vida de idiotices? Ela não sabe dizer. Ao olhar para o passado, tudo o que enxerga é aquela velha e conhecida vontade de estar sozinha. Livrar-se das pessoas, de seus julgamentos e de suas tramas desastrosas. Pois, sempre que se envolvia com alguém, as coisas ficavam confusas e acabavam em catástrofe. Envolveu-se com Margaret na escola secundária e, por isso, virou pária na cidade. Envolveu-se com Alice na universidade e, por isso, acabou sendo presa, mergulhando na violência e no caos. Envolveu-se com Henry e arruinou a vida do filho que tiveram juntos.

Faye se sentiu aliviada no aeroporto ao descobrir que o nome de Samuel estava na lista de passageiros proibidos. Sente remorso agora, mas não há como negar a verdade. Experimentou emoções contraditórias: alegria ao ver que Samuel não a odiava mais e alívio por não ter de viajar com ele. Como poderia suportar o longo voo até Londres ao lado de Samuel — um oceano inteiro de perguntas? Seria inimaginável viver com ele, fosse qual fosse o lugar para onde fugiriam (ele parecia preferir Jacarta por alguma razão). Ele era carente demais — *sempre* fora carente demais — para a capacidade de Faye.

Como poderia explicar a Samuel que iria a Hammerfest por causa de uma história ridícula de fantasmas? A história que seu pai lhe contara, a história sobre o *nisse*, quando ela era criança, na noite de seu primeiro ataque de pânico. Aquela história jamais a abandonara e, quando Samuel mencionou o nome de Alice, Faye recordou algo que sua amiga lhe dissera anos atrás: para nos livrarmos de um fantasma, devemos levá-lo de volta para casa.

E isso é uma idiotice, essa superstição.

— Idiota, idiota — repetia ela.

Por outro lado, ela se sente realmente amaldiçoada. Ao longo de todos esses anos, acreditou que seu pai trouxera alguma maldição da terra natal, algum fantasma. Mas agora ela considera uma

hipótese um pouco diferente: talvez não haja uma maldição pairando sobre ela; *talvez ela seja a própria maldição*. Talvez seja ela o fantasma. Pois, toda vez que se aproximou de alguém, pagou um preço alto. E talvez seja apropriado que esteja agora aqui, nos confins do mundo, sozinha. Aqui não há ninguém com quem se envolver. Nenhuma vida para destruir.

Alcança o cume, ainda perdida em pensamentos, remoendo amarguras, quando sente uma presença. Ergue o rosto e avista um cavalo imóvel no meio da trilha, talvez uns seis metros à frente, na crista do morro, o ponto exato em que a estradinha começa a descer pela encosta de um pequeno vale. Ao vê-lo, Faye pestaneja de espanto e solta um "Oh!", mas o cavalo permanece impassível. Ele não está se movendo. Ele não está comendo. A chegada de Faye parece não causar nenhum sobressalto. É sinistro. Parece que o cavalo estava ali à sua espera. O cavalo é branco, com músculos firmes. De tempos em tempos, seus flancos estremecem. Grandes olhos pretos e redondos que parecem fitá-la com sabedoria. Há um freio em sua boca, rédeas em volta do pescoço, mas não arreios. O cavalo a olha como se acabasse de fazer uma pergunta importante e aguardasse a resposta.

— Olá.

O cavalo não tem medo dela, mas tampouco é amigável. Ocorre, apenas, que Faye ocupa toda sua atenção neste momento. Para falar a verdade, é um tanto macabro: o cavalo parece esperar que ela faça ou diga alguma coisa, mas ela não sabe o quê. Faye dá um passo em sua direção, mas ele não esboça reação alguma. Faye dá mais um passo. O animal continua imóvel.

— Quem é você? — pergunta ela.

Tão logo as palavras saem de sua boca, a resposta se desenha em sua mente: é um nix. Após todos esses anos, ele finalmente apareceu à sua frente, aqui, na serra junto ao porto gélido, na Noruega, na cidade mais setentrional do mundo. De repente, descobre-se dentro de um conto de fadas.

O cavalo olha para ela sem piscar, como se dissesse: *Sei quem você é*. E ela se sente atraída por ele, quer tocá-lo, passar a mão em

seu flanco, saltar em seu lombo, deixar que ele faça o que deseje fazer. Seria um fim apropriado, ela pensa.

Faye se aproxima mais e mais. Mesmo pronta para afagar a cara do animal, ele não recua nem pestaneja. Continua esperando. Faye toca-o em um ponto entre os olhos, ponto que sempre parece mais macio do que realmente é: ali o crânio quase aflora à superfície, a rigidez do osso assomando sob o couro fino.

— Estava esperando por mim? — diz ela junto à orelha do cavalo, uma orelha cinza e preta e salpicada de prata, que parece uma xícara de porcelana.

Imagina se conseguirá saltar em seu dorso, se conseguirá dar o pulo. Essa seria a parte mais difícil. O resto seria fácil. O cavalo começaria a galopar, alcançaria o penhasco mais próximo em uns dez passos. A queda até a superfície da água levaria no máximo dez segundos. É fascinante que, após uma vida tão longa, o fim possa vir tão rápido.

Então Faye escuta um som, uma voz carregada pelo vento, subindo do vale próximo. Uma mulher está lá embaixo, andando em sua direção, gritando alguma coisa em norueguês. E lá atrás, não muito longe, há uma casa: uma pequena construção quadrada com uma varanda traseira que dá para o mar, uma trilha levando a uma frágil doca de madeira, um grande jardim no gramado dianteiro, alguns abetos, uma pequena pastagem para duas ou três cabras e algumas ovelhas. A casa é cinza e maltratada, mas nas partes protegidas contra o vento — sob os beirais e atrás das venezianas —, Faye consegue enxergar vestígios da antiga cor: salmão.

Ao ver isso, ela quase cai para trás. As coisas não são como ela imaginara, mas mesmo assim ela reconhece o lugar. É como se já houvesse estado aqui muitas vezes.

Quando a mulher a alcança, Faye percebe que ela é jovem e bonita, talvez da idade de Samuel, com aquele impressionante conjunto de feições que se veem com tanta frequência neste país: pele branca, olhos azuis, cabelos lisos e longos, com aquela cor delicada que está a meio caminho entre o louro e o algodão. A moça está sorrindo e dizendo algo que Faye não compreende.

— Aquela deve ser a sua casa — diz Faye, constrangida por sair falando inglês de forma tão presunçosa, mas não tem alternativa.

A moça, contudo, não parece ofendida. Inclina a cabeça para o lado, registrando a nova informação, e, após um momento, pergunta:

— Inglesa?

— Americana.

— Ah — assente ela, como se aquilo resolvesse um importante mistério. — O cavalo dá umas escapadas de vez em quando. Obrigada por apanhá-lo.

— Eu não o apanhei, na verdade. Estava ali parado quando cheguei. Parece mais que ele me apanhou.

A moça se apresenta. Chama-se Lillian. Está usando calça cinza com estampa em zigue-zague, feita de algum material robusto, um suéter azul-claro, um cachecol de lã com aparência artesanal. É a encarnação perfeita da despreensão nórdica: contida e elegante. Algumas mulheres sabem usar um cachecol com naturalidade. Lillian pega o cavalo pelas rédeas e, juntas, começam a andar na direção da casa. Faye se pergunta se a moça seria sua parente distante, uma prima, quem sabe, pois este é com certeza o lugar. Muitos detalhes coincidem, embora a versão contada por seu pai estivesse cheia de exageros: não há um prado em frente à casa, mas um jardim; não há uma longa fileira de abetos, mas apenas duas árvores; não há um grande píer na beira da água, mas sim uma pequena doca de aparência instável, talvez grande o bastante para abrigar uma canoa. Será que seu pai havia mentido de forma consciente, aumentando a realidade, ou será que, nos anos após sua partida, a casa de fato cresceu em sua imaginação, redobrando em proporções e majestade?

Enquanto isso, Lillian conversa sobre amenidades, em tom agradável e cortês. Pergunta de onde Faye está vindo, se está gostando da viagem, quais lugares visitou. Sugere um restaurante ali perto, lugares bonitos para conhecer.

— Essa casa é sua? — pergunta Faye.

— É de minha mãe.

— Ela mora aqui também?

— Claro.

— Há quanto tempo mora aqui?

— A maior parte da vida.

O jardim da frente é cheio de vida, uma grande floração de arbustos e relvas e flores, uma vegetação densa, mal e mal domesticada. É um jardim excêntrico e turbulento, um lugar onde a natureza fora encorajada a se esbaldar à vontade. Lillian leva o cavalo à cocheira e fecha uma porteira mirrada, amarrando-a com um barbante. Agradece a Faye por ter devolvido o animal.

— Espero que aproveite suas férias — diz ela.

E, embora Faye tenha vindo aqui para descobrir exatamente isso, agora sente a língua presa, dominada pelo nervosismo, sem saber o que dizer ou como agir, sem saber como explicar a situação.

— Sabe, na verdade não estou de férias.

— Ah, é mesmo?

— Estou procurando alguém. Alguém da minha família, pra falar a verdade. Parentes meus.

— Qual o sobrenome? Talvez eu possa ajudar.

Faye engole em seco. Não sabe por que se sente tão nervosa ao dizer:

— Andresen.

— Andresen — repete Lillian. — É um nome bem comum.

— Sim. Mas, sabe, acho que este é o lugar certo. Quero dizer, acho que minha família morou aqui, nesta casa.

— Em nossa família não há ninguém chamado Andresen. Nenhum de nós foi para os Estados Unidos. Tem certeza de que esta é a cidade certa?

— Meu pai se chama Frank Andresen. Quando vivia aqui, seu nome era Fridtjof.

— Fridtjof — repete Lillian, e então se detém por alguns instantes, olhando para cima, concentrada, tentando acessar alguma memória profunda; o nome lhe soou familiar. De repente encontra o que estava procurando, volta o rosto para Faye e a transpassa com um olhar penetrante: — Você conhece Fridtjof?

— Sou filha dele.

— Ah, meu Deus. Venha comigo — ordena ela, pegando Faye pelo pulso.

Leva-a para dentro de casa, cruzando primeiro uma despensa cheia de elaboradas conservas, separadas por tipo, tamanho e rótulo, depois por uma cálida cozinha onde algum tipo de massa está assando, o ar cheirando a fermento e cardamomo, até chegarem a uma sala de estar com piso de madeira rangente e móveis que parecem feitos à mão.

— Espere aqui — diz Lillian, que então solta o pulso de Faye e se dirige a outra porta.

A sala onde Faye se encontra é aconchegante, caprichosamente decorada com mantas e almofadas, as paredes cheias de fotografias. Parecem fotos de família, e ela as examina com atenção. Nenhum daqueles rostos lhe parece familiar, exceto por alguns homens, cujo olhar tem algo que lembra seu pai — ou será apenas sua imaginação? É o jeito de semicerrar os olhos, um arquear da sobrancelha, uma pequena ruga no cenho. Por todos os lados, há lâmpadas, lustres, velas e candeeiros, provavelmente para iluminar a casa durante a interminável escuridão invernal. Uma grande lareira de pedra ocupa uma parede. Outra é tomada por livros com lombadas brancas despretensiosas e títulos que Faye não compreende. Um notebook que parece anacrônico neste recinto tão antiquado. Através da porta, Faye ouve a voz de Lillian, falando de forma gentil, mas rápida. Não conhece uma única palavra em norueguês: o idioma é para ela apenas um acontecimento fônico, as vogais comprimidas, parecendo alemão em um tom mais baixo. Parece-lhe rápida demais, como ocorre com quase todas as línguas que não são o inglês americano.

Em breve, a porta se abre e Lillian retorna, seguida pela mãe. Quando Faye pousa o olhar nela, parece-lhe que está olhando um espelho — há uma semelhança nos olhos, no jeito como ambas curvam os ombros, na forma como a idade havia trabalhado seus rostos. A mulher também percebe isso, detendo-se de súbito assim que enxerga Faye. Ambas ficam imóveis por um instante, encarando uma à outra. Para qualquer um que assistisse à cena, ficaria imediatamente claro que eram irmãs. É como se Faye visse as

feições do pai tomando forma no rosto da outra mulher: as maçãs do rosto, os olhos, o nariz. A dona da casa inclina a cabeça para o lado, desconfiada. Tem uma massa de cabelos rebeldes e grisalhos, amarrados no topo da cabeça por uma fita. Está usando camisa preta sem adornos e uma velha calça jeans, ambas salpicadas por resquícios de múltiplas tarefas domésticas: tinta, massa corrida e — nos joelhos — lama. Está descalça. Limpa as mãos em um pedaço de pano azul-escuro.

— Eu me chamo Freya — anuncia ela.

O coração de Faye dá um salto. Muitas histórias de fantasma contadas por seu pai envolviam uma linda menina, e o nome que Frank lhe dava era sempre este: Freya.

— Desculpe por incomodá-la — diz Faye.

— Você é a filha de Fridtjof?

— Sim. Fridtjof Andresen.

— Vem dos Estados Unidos?

— Chicago.

— Ah. Então ele foi para os Estados Unidos — diz ela a ninguém em específico. Faz um gesto para Lillian. — Mostre a ela.

Lillian vai buscar um livro em uma estante, depois retorna e se senta no sofá. É um livro antigo, com páginas amarelas e quebradiças, duas abas de couro protegendo a capa, unidas por um fecho de metal. Faye já viu um livro como este antes: a Bíblia de seu pai, com a árvore genealógica da família, coberta de nomes exóticos que Frank costumava lhe mostrar com um estalar de lábios em desaprovação, porque todos aqueles parentes haviam sido covardes demais para procurar uma vida melhor nos Estados Unidos. E a Bíblia nas mãos de Lillian é do mesmo tipo: há uma árvore genealógica nas duas primeiras páginas. Mas, enquanto a árvore de Frank se interrompia em Faye, esta revela todo o florescimento da família aqui em Hammerfest. Lillian, constata Faye, é um dos seis filhos de Freya. Nomes de netos preenchem o ramo inferior, com alguns bisnetos logo abaixo. Uma folha inteira é ocupada por essas ramificações. Logo acima de Freya está o nome de sua mãe, Marthe, e ainda outro, completamente rasurado por uma mancha de tinta.

Freya caminha até elas, arrastando os pés; detém-se em frente a Faye e aponta a mancha na página.

— Este era Fridtjof — diz ela, formando um crescente no papel com a pressão da unha.

— É seu pai, também.

— Sim.

— O nome dele foi apagado.

— Minha mãe apagou.

— Por quê?

— Porque ele era um... como é que se diz mesmo?

Ela olha para Lillian, pedindo ajuda com a palavra. Diz algo em norueguês, e Lillian assente, compreendendo, antes de dizer:

— Ah. Você quer dizer *covarde*.

— Sim. Ele era um covarde — confirma Freya.

Então encara Faye, aguardando sua reação, imaginando talvez que ela se ofenda. Freya parece tensa, talvez esperando uma discussão e plenamente disposta a levá-la a cabo.

— Não entendi. Um covarde. Por quê? — pergunta Faye.

— Porque ele partiu. Ele nos abandonou.

— Não. Ele emigrou. Foi em busca de uma vida melhor.

— Uma vida melhor *para ele*.

— Jamais mencionou que tinha uma família aqui.

— Então você não sabe muito sobre ele.

— Me conte, por favor.

Freya respira com pesar e olha para Faye com algo que parece impaciência ou desdém.

— Ele ainda está vivo?

— Sim, mas perdendo a razão. Está muito velho.

— O que ele fez nos Estados Unidos?

— Trabalhou numa fábrica. Uma fábrica de produtos químicos.

— Teve uma vida feliz?

Faye pensa nisso por um momento, pensa em todas as vezes que viu o pai sozinho, longe de todos, desolado, nas profundezas da prisão que erguera para si mesmo, horas e horas de pé no quintal olhando para o céu.

— Não. Parecia sempre triste. E solitário. Nunca descobrimos por quê — responde ela.

Quando Freya ouve isso, suas feições parecem se amenizar. Assente e diz:

— Fique conosco para o jantar e vou lhe contar a história.

E ela conta, enquanto comem pão e ensopado de peixe. É a história que a mãe de Freya lhe contou, assim que Freya ficou crescida o bastante para compreender. A história começa em 1940, a última vez que alguém ouviu falar de Fridtjof Andresen. Como a maioria dos homens jovens em Hammerfest, ele era pescador. Tinha dezessete anos e havia acabado de completar o estágio de serviços portuários em que as crianças da cidade aprendiam a abrir peixes, limpá-los, fatiá-los. Agora trabalhava no barco de pesca, um serviço muito melhor, mais lucrativo e mais divertido; era emocionante puxar aquelas redes cheias de bacalhau e halibute e o fétido e malévolo lobo-marinho, criatura que, como todos universalmente concordavam, era melhor de pescar do que de estripar. Passavam dias inteiros no mar; na verdade, perdiam a conta dos dias, pois o sol jamais se põe no verão do Ártico. E Fridtjof sentia orgulho da maestria alcançada com os vários instrumentos de seu ofício, as boias e as redes e os barriletes e as linhas e os ganchos guardados no casco. Sua tarefa favorita era ficar de vigia na gávea, no topo do mastro mais elevado, pois Fridtjof tinha os olhos mais aguçados da tripulação. Ele tinha um dom; era o que todos diziam. Avistava cardumes que se dirigiam à baía durante todo o verão e, ao ver o fervilhar de bolhas junto à superfície da água, gritava “Peixe à vista!”, e todos os homens saltavam da cama e colocavam os gorros e se punham a trabalhar. Desciam os botes, dois homens em cada embarcação — um para remar, outro para segurar a rede —, e esticavam as redes entre os botes. Fridtjof conduzia toda a operação lá do topo da gávea até que o cardume os alcançava e os pescadores cercavam os peixes e içavam a massa sacolejante para dentro do barco, em triunfo. Havia uma sensação de poder nisso tudo: dominavam o mar selvagem e sentiam-se invulneráveis mesmo ao navegar junto às costas escarpadas que poderiam aniquilar seus navios, não fossem eles marujos tão hábeis.

Até onde a memória podia alcançar, jamais houvera alguém melhor que Fridtjof para avistar peixes. Ele tinha a visão mais aguçada da cidade e gostava de se gabar disso sempre que estava em terra firme. Costumava dizer que o oceano era uma folha de papel que apenas ele sabia ler. Era jovem. Juntou algum dinheiro. Gostava de frequentar bares à noite. Conheceu uma garçõete chamada Marthe. Talvez não seja exato afirmar que se apaixonou por ela. Digamos que ambos sentiam certos anseios comuns aos adolescentes e se dispuseram a satisfazê-los mutuamente. A primeira vez que fizeram amor foi nas colinas perto da fazenda da família; naquela noite, ele havia esperado o bar fechar e se oferecera para acompanhá-la até em casa, e eles se deitaram juntos na grama áspera sob o sol branco-acinzentado. Depois ela lhe mostrou a fazenda, o casarão pintado em vermelho-salmão, o longo píer cortando a água, a comprida fileira de abetos, a plantação de cevada. Ela adorava a fazenda. Era uma garota encantadora.

Foi nesse verão que a guerra começou. Todos pensavam que Hammerfest era longínqua demais para interessar aos invasores, mas os alemães queriam a cidade para interromper o envio de navios aliados à Rússia; além disso, o local serviria como ponto de reabastecimento para os submarinos nazistas. A Wehrmacht estava se aproximando — era o rumor que se espalhava de doca em doca, de barco em barco. No barco de Fridtjof, alguns tripulantes falavam em fugir. Podiam alcançar a Islândia. Começar uma vida nova lá. Ou seguir em frente. Havia modos de ir de Reykjavík aos Estados Unidos, alguns diziam. Mas e quanto aos submarinos? Ora, os nazistas não perseguiriam um pequeno barco de pesca. Mas e quanto às minas marítimas? Fridtjof conseguiria avistá-las, disseram os marinheiros. Podiam conseguir, se tentassem.

Fridtjof queria acreditar no que alguns dos anciãos estavam dizendo: que os alemães estavam mais interessados nas docas do que na cidade, que deixariam os moradores em paz desde que não houvesse resistência, que a guerra deles era contra a Rússia e a Inglaterra, não contra a Noruega. Mas havia rumores sobre acontecimentos no sul: ataques-surpresa, aldeias queimadas. Fridtjof não sabia o que pensar. Da próxima vez que aportassem em

Hammerfest, os tripulantes tomariam uma decisão: ficar ou partir. Quem quisesse ficar estava livre para fazê-lo. Os que decidissem correr o risco da jornada à Islândia deveriam levar ao barco todos os mantimentos que pudessem.

O único que não teve escolha foi Fridtjof. Ao menos foi o que lhe pareceu na época, quando os marujos mais velhos o puxaram de lado e disseram que precisavam de seus olhos. Só ele poderia detectar as minas que tornavam tão traiçoeiras as águas do arquipélago. Só ele poderia decifrar os redemoinhos e as ondulações que denunciavam a presença de um submarino. Só ele poderia divisar os vultos dos navios inimigos na linha do horizonte, a uma distância suficiente para evitá-los. Fridtjof tinha um dom, nisso todos concordavam. Sem ele, estariam todos mortos.

Naquela noite, ele esperou que o bar fechasse e foi encontrar Marthe. E ela ficou muito alegre ao vê-lo. Fizeram amor na relva de novo e depois ela contou que estava grávida.

— Vamos ter de casar, é claro — disse ela.

— É claro.

— Meus pais disseram que você pode morar conosco. Vamos herdar a casa e a fazenda um dia.

— Sim. Que bom.

— Minha avó acha que é uma menina. Ela geralmente acerta sobre esses assuntos. Quero que nossa filha se chame Freya.

Fizeram planos durante a maior parte da noite. Ao amanhecer, Fridtjof lhe disse que iria embarcar em uma viagem para pescar bacalhau a nordeste dali. Disse que voltaria dali a uma semana. Ela sorriu. Deu-lhe um beijo de adeus. E nunca mais voltou a vê-lo.

Freya nasceu em uma cidade ocupada. Os alemães vieram e expulsaram a maior parte das famílias de seus lares. As casas agora eram ocupadas por soldados alemães, enquanto os habitantes originais ficavam apinhados em edifícios residenciais, em escolas ou na igreja. Marthe dividia um único apartamento com outras dezesseis famílias. Algumas das primeiras lembranças de Freya eram dessa época de fome e desespero. Viveram assim por quatro anos, até que os alemães se retiraram. Naquele dia, no inverno de 1944, todos os moradores receberam ordens de evacuar a cidade. A

maioria fugiu para a floresta. Os que se recusaram foram mortos. Os alemães queimaram tudo. Todas as construções, exceto a igreja. Quando os moradores fizeram o caminho de volta, só encontraram rochas, entulhos e cinzas. Naquele inverno, abrigaram-se em cavernas nas colinas. Freya se lembra do frio e da fumaça das fogueiras, fumaça que mantinha todos acordados, tossindo. Lembra-se de vomitar grandes porções de ácido e cinza nas próprias mãos.

Na primavera, saíram do refúgio e começaram a reconstruir Hammerfest. Mas não tinham recursos suficientes para deixá-la como era antigamente. É por isso que a cidade hoje tem essa aparência às vezes vulgar e anônima. Não é um monumento à beleza, mas um testemunho da resiliência humana. A família de Marthe reconstruiu sua casa da melhor maneira possível, chegando até a pintá-la da mesma cor salmão. Um dia, quando Freya já era grandinha, Marthe lhe contou a história de Fridtjof Andresen, seu pai. Após a guerra, ninguém voltou a ter qualquer notícia dele. Muitos supunham que tivesse fugido para a Suécia, como tantos fizeram. Às vezes, Freya caminhava até o mar, ficava olhando os barcos de pesca e imaginava seu pai no topo da gávea, procurando por ela no oceano. Sonhava acordada com o retorno dele, mas os anos foram passando, ela cresceu, formou sua própria família, parou de desejar seu retorno e começou a odiá-lo; depois parou de odiá-lo e começou simplesmente a esquecer-lo. Até Faye aparecer, passara anos e anos sem pensar no pai.

— Acho que minha mãe jamais o perdoou. Foi infeliz durante a maior parte da vida, sempre furiosa com ele ou consigo mesma. Morreu há alguns anos — disse Freya.

Agora são pouco mais de sete horas e a luz do sol penetra na cozinha, oblíqua e dourada. Freya bate com a palma das mãos na mesa e se levanta.

— Vamos dar uma caminhada até o mar. Para ver o pôr do sol.

Apanha um casaco e, no caminho até a doca, explica a Faye que o crepúsculo é algo precioso em Hammerfest, pois raramente pode ser visto. Hoje, o sol se põe às oito e quinze. Um mês atrás, estava se pondo à meia-noite. Daqui a um mês, ficará escuro às cinco e meia. E, um dia, na metade de novembro, o sol nascerá por volta das onze

da manhã e vai se pôr cerca de meia hora depois, e será a última vez que verão o sol pelos dois meses seguintes.

— Dois meses de escuridão. Como vocês aguentam? — pergunta Faye.

— A gente acaba se acostumando. Não há opção.

Sentam-se na doca em silêncio, bebendo café, sentindo a brisa fria que vem do oceano e contemplando o sol cor de cobre baixar atrás do Mar da Noruega.

Faye tenta imaginar seu pai encarapitado lá no alto, vários metros acima da superfície da água, na gávea do barco pesqueiro, o vento avermelhando seu rosto. Que contraste deve ter sido para ele, com a vida que levou nos Estados Unidos, trabalhando na fábrica da ChemStar — discando números, anotando cifras, preenchendo documentos, sempre preso à terra firme e imutável. E o que terá pensado enquanto o barco partia rumo à Islândia, enquanto olhava Hammerfest desaparecer a distância, deixando para trás seu lar e sua filha? Por quanto tempo se arrependera? Qual era o tamanho de seu arrependimento? Faye desconfia que o arrependimento dele seja eterno. E que tenha se tornado uma segunda natureza, o segredo que ele guardava nas profundezas mais íntimas de seu coração. Faye lembra da expressão em seu rosto quando ele pensava que ninguém o via, o olhar perdido no horizonte. Sempre se perguntou o que ele estaria enxergando naqueles momentos; e agora ela pensa finalmente ter descoberto. Ele enxergava este lugar, estas pessoas. E imaginava o que teria acontecido se tivesse feito uma escolha diferente. Era impossível ignorar a semelhança entre os nomes delas: Freya e Faye. Quando lhe deu o nome de Faye, estaria pensando na outra filha? Quando falava o nome de Faye, será que ouvia sempre o eco daquele outro nome? Faye seria apenas um lembrete da outra família, a que ele abandonou? Será que Frank estava tentando punir a si mesmo? Ao descrever o casarão em Hammerfest, ele sempre falava como se tivesse morado lá, como se a casa fosse dele. E talvez, em sua mente, ela tivesse sido. Na periferia do mundo real, talvez houvesse esta fantasia: uma outra vida, em que ele herdara a fazenda com a casa salmão. Essas

fantasias podem ser às vezes mais persuasivas do que a vida concreta, Faye sabe disso.

Uma coisa não precisa ter acontecido para causar uma sensação real.

Ao falar sobre esta fazenda e esta casa, Frank ficava mais animado e mais feliz do que em qualquer outra situação, algo que Faye percebera ainda na infância. Compreendeu que parte de seu pai estava sempre em outro lugar. Que, ao olhar para ela, Frank nunca a *via* de verdade. E agora ela se pergunta se todos os seus ataques de pânico e todos os seus problemas não foram tentativas elaboradas de atrair a atenção, de ser vista. Convenceu-se de que era perseguida por fantasmas da terra ancestral porque — embora não tenha entendido as coisas dessa forma — talvez estivesse tentando ser Freya para seu pai.

— Você tem filhos? — pergunta Freya, quebrando o longo silêncio.

— Um filho.

— Vocês são próximos?

— Sim — mente Faye, mais uma vez com vergonha de contar a verdade. Como poderia revelar que abandonara seu filho, como Fridtjof abandonara Freya? — Somos muito próximos — completa ela.

— Que bom.

Faye pensa em Samuel e na última vez em que se viram: no aeroporto, dizendo adeus. Naquele momento, ela se descobrira dominada por uma necessidade peculiar: o desejo de apertá-lo nos braços, de sentir sua presença *física*. Percebeu que esta era a coisa de que mais sentia falta: o calor dele. Naqueles longos anos, após abandonar a família, era isso que desejava com mais força, o calor humano que ela sentia naquelas manhãs do passado, quando Samuel subia na cama, assustado por mais um de seus pesadelos, ou quando estava tremendo de febre e se refugiava nos braços da mãe. Sempre que precisava de socorro, lá vinha ele correndo, um pequeno caldeirão, uma bola morna e úmida. E ela apertava o rosto contra a pele de Samuel e sentia seu cheiro de menininho, aquela mistura de suor, xarope e grama verde. O corpo de Samuel era tão quente que a pele de Faye ficava úmida ao tocá-lo, e ela imaginava

uma fornalha ardendo no âmago do filho, a crepitante energia de que seu corpo precisaria para crescer e se tornar adulto. No aeroporto, de repente sentira necessidade daquele calor. Havia muito tempo não sentia algo assim. Na maior parte do tempo, o corpo dela é frio — talvez por causa dos comprimidos, os remédios para ansiedade, os anticoagulantes, os betabloqueadores. Ultimamente, ela está sempre com frio.

O sol está decaindo e elas contemplam um céu púrpura. Lillian está em casa acendendo a lareira. Freya está imóvel, ouvindo o rumor das ondas. À direita, perto da costa, há uma ilha onde Faye avista uma língua de fogo, em meio à crescente escuridão.

— O que é aquilo? — pergunta ela, erguendo a mão para apontar.

— Melkøya. É uma fábrica. É ali que extraem gás.

— E aquela luz?

— Fogo. Está sempre aceso. Não sei por quê.

Faye contempla a chaminé industrial cuspidando a labareda cor de laranja contra a noite e é transportada a Iowa de repente. Está sentada com Henry na margem do Mississippi, olhando o fogaréu que brota da fábrica de nitrogênio. Era possível ver aquele fogo de qualquer ponto da cidade. Faye costumava chamá-lo de “o farol”. Isso tudo foi há muito tempo, parece uma outra vida. E, ante o súbito despertar dessa memória há muito adormecida, Faye começa a chorar. Não um choro convulsivo, apenas um suave e delicado correr de lágrimas. Pensa que Samuel teria chamado esse choro de Categoria 1 — e sorri. Freya não percebe seu pranto ou finge não perceber.

— Sinto muito. Eu convivi com ele, você não — desculpa-se Faye.

— Nosso pai, quero dizer. Sinto muito por ele ter abandonado você. Não é justo.

Freya balança a mão, descartando o assunto.

— Nós demos um jeito.

— Sei que ele sentiu muito a falta de vocês.

— Obrigada.

— Acho que ele sempre quis voltar. Acho que se arrependeu por ter partido.

Freya se levanta e olha para o mar.

— Foi melhor não ter voltado.

— Por quê?

— Olhe ao seu redor — pede ela, abrindo os braços, abrangendo a casa, a fazenda, os animais, Lillian, o fogo na lareira e a Bíblia com sua exaustiva árvore genealógica. — Não precisamos dele.

Estende o braço para Faye e apertam-se as mãos, um gesto formal declarando o fim desta conversa e o fim da visita.

— Foi muito bom conhecer você — diz Freya.

— Igualmente.

— Espero que aproveite sua estada na cidade.

— Vou aproveitar. Obrigada pela hospitalidade.

— Lillian pode levá-la de carro até o hotel.

— Não é longe. Posso caminhar.

Freya assente e começa a andar em direção à casa. Após alguns passos, no entanto, detém-se na pequena trilha, vira-se para Faye e a encara com aqueles olhos perspicazes que parecem trespassá-la e alcançar todos os segredos em seu interior.

— Essas velhas histórias não têm mais importância, Faye. Volte para seu filho.

E tudo o que Faye pode fazer é concordar com um aceno de cabeça e olhar Freya se afastando pelo caminho até sumir pela porta da casa. Faye permanece na doca por um momento, antes de ir embora também. Segue uma trilha ao topo da serra e, chegando lá, no ponto exato onde encontrou o cavalo, olha para trás, para a casa no fundo do vale, agora aquecida, brilhante e dourada, um sinuoso fio de fumaça saindo pela chaminé. Talvez este seja o lugar em que seu pai costumava ficar parado, olhando a paisagem. Talvez esta seja a imagem que ele tanto recordava. Talvez esta seja a visão que cruzava seus olhos à noite, lá em Iowa, quando fitava o nada. Essa memória o sustentou por toda a vida, mas também o perseguiu e o atormentou. E agora ela recorda aquela velha história sobre o fantasma que parece uma pedra: quanto mais você a carrega para longe da costa, mais pesada a pedra se torna, até que um dia você já não consegue suportá-la.

Faye imagina seu pai levando consigo um pequeno pedaço de terra, uma lembrança para a viagem: esta fazenda, esta família, esta

memória. E esta era a *pedra dos afogados* de que falavam as histórias antigas. Frank levou a pedra para o mar, depois para a Islândia, depois para os distantes Estados Unidos. E, enquanto se agarrava a ela, continuava sempre afundando.

2

SAMUEL SE PERGUNTA por que os quartos de hospital parecem tanto os de hotel enquanto observa os detalhes deste em particular, com suas paredes bege, teto bege e as cortinas bege, o carpete industrialmente robusto cuja cor pode ser descrita como marrom-clara ou de trigo, ou bege. Os quadros nas paredes foram colocados ali para serem inofensivos, esquecíveis e nada perturbadores, portanto, são tão abstratos que não lembram coisa alguma. A TV tem um bilhão de canais incluindo HBO de graça, conforme afirma um cartaz de cartolina grudado à cômoda. Uma cômoda de madeira falsa de carvalho, com uma Bíblia dentro. A mesa no canto do cômodo, com várias tomadas e portas de rede, é a “estação de trabalho com internet sem fio”: a senha do Wi-Fi está impressa num pedaço de papel laminado, enrugado e rasgado nas bordas. Há um cardápio para o serviço de quarto, oferecendo itens como frango à milanesa, batata frita e milk-shake, que podem ser pedidos e servidos em qualquer parte do hospital, até mesmo na ala de pacientes cardíacos. O controle remoto estava preso à TV com um adesivo de velcro. O aparelho estava aparafusado à parede e virado para a cama; era como se a tela observasse o paciente, e não o contrário. Há um folheto sobre atrações turísticas de Chicago. O sofá junto à parede é, na verdade, um sofá-cama, coisa que qualquer um perceberá na hora, caso se sente rápido demais, pois a cabeça do incauto vai bater com força contra a rígida arquitetura metálica do móvel. Há um rádio-relógio digital com números verdes que piscam, atualmente marcando meia-noite.

Há um médico no quarto, completamente calvo, explicando o caso a um grupo de estudantes de medicina.

— Nome do paciente: desconhecido — diz ele. — Usa um pseudônimo. Vamos ver aqui... hum... Pi-u-na-ve?

O médico olha para Samuel, em busca de ajuda.

— Pwnage — responde Samuel. — Três sílabas. Rima com *ultraje*.

— Que *ultraje*? — pergunta um dos estudantes.

— É, tipo, um traje? — pergunta outro.

— Eu entendi “vernissage”.

O médico diz aos estudantes que eles têm sorte por estar ali, porque talvez jamais voltem a ver um caso parecido. Na verdade, o médico está até considerando escrever um artigo sobre este paciente para o *Jornal de Excentricidades Médicas*, artigo que os estudantes seriam convidados a assinar como coautores, claro. Os alunos olham para Pwnage com confusa gratidão, como se ele fosse um barman preparando-lhes um sofisticado drinque, de graça.

Pwnage está dormindo há três dias ininterruptos. Não está em coma, observa o médico. Está dormindo mesmo. Está sendo alimentado por via intravenosa. E Samuel precisa admitir que a fisionomia de Pwnage melhorou: a pele está menos pálida, o rosto menos bulboso e as erupções purulentas no pescoço e nos braços se amenizaram, assumindo uma textura mais ou menos humana. Até seu cabelo parece melhor, mais (e esta é a única palavra que Samuel encontra para descrevê-lo) *bem-grudado*. O médico está listando os vários problemas que o paciente apresentava quando chegou ao pronto-socorro.

— Desnutrição, exaustão, emergência hipertensiva, mau funcionamento dos rins e do fígado, uma desidratação tão prolongada que, sinceramente, o paciente deveria ter alucinações constantes sobre água.

Os estudantes anotam tudo em seus caderninhos.

A cabeça, o rosto e os braços do médico são tão desprovidos de cabelo que parecem couro de tubarão. Os estudantes carregam pranchetas e exalam um cheiro de sabão antisséptico e cigarro. Um monitor cardíaco está conectado a Pwnage por uma série de fios e ventosas, mas não faz nenhum som. Samuel está de pé ao lado de Axman, lançando olhares de soslaio, esperando que ele não perceba. Já tinha escutado a voz de Axman inúmeras vezes no computador, durante as centenas de *raids* que jogaram juntos, mas jamais o encontrara antes, e agora experimenta aquela sensação de estranhamento que nos atinge quando o visual não combina com a voz — por exemplo, quando você encontra um famoso locutor de

rádio frente a frente e fica pensando: *Caramba, não pode ser*. A voz de Axman é anasalada e lamurienta, algo que, no mundo virtual, faz com que pareça um daqueles rapazes efeminados, míopes, raquíticos e cheios de espinhas que são a quintessência estereotípica do jogador nerd. Sua voz de taquara rachada é o equivalente sonoro a um soco que não machuca. Essa voz passa a impressão de que sua boca foi enfiada nas fossas nasais por algum valentão da escola anos atrás.

— ... e disritmia cardíaca — continua o médico —, cetoacidose diabética e diabetes, condição que ele provavelmente ignora, que certamente não estava tratando e que deixou seu sangue com a densidade de um pudim.

Acontece que, na vida real, Axman é um cara estiloso e bonito; usa regata e shorts justos, tem os braços musculosos, mas sem exagero, mocassins sem meias e o cabelo moderadamente encaracolado, do tipo que dá vontade de despentear com um afago. Tudo isso dava a impressão de que ele havia se vestido de acordo com algum manual exclusivo para gays jovens e hipsters. Muito em breve, vai descobrir o sexo, e então há de se perguntar por que perdeu tanto tempo jogando videogame.

— Então, a gente estava lá nos penhascos no Cabo das Águas Nebulosas. Conhece o lugar? — pergunta Axman.

Samuel assente. É uma localização geográfica de *Elfscape*, a ponta mais meridional do continente ocidental e, aparentemente, o lugar onde Pwnage tivera seu ataque quase letal. Foi lá que Axman o encontrou — ou melhor, seu avatar, nu e morto; logo percebeu que o personagem estava havia várias horas com o status “ausente”. Ele sabia que Pwnage nunca ficava longe do teclado por muito tempo. Então ligou para as autoridades no mundo real, que foram à casa de Pwnage, espiaram pela janela e viram-no estirado diante do computador, desacordado.

— Então chamei todo mundo para um encontro nas Águas Nebulosas — diz Axman num semissussurro, para não interromper o médico. — Postei a mensagem no fórum. “Vigília à luz de velas pelo Pwnage.” Bastante gente compareceu. Talvez umas trinta pessoas. Todos elfos, é claro.

— É claro — responde Samuel.

Tem a impressão de que uma das estudantes de medicina mais atraentes está entreouvindo a conversa e sente aquele velho constrangimento que sempre o assola quando alguém no mundo real está prestes a descobrir o que ele faz em seu tempo livre: jogar *Elfescape*.

— Havia um monte de elfos lá com velas nas mãos. E foi uma cena muito solene, sóbria e edificante, exceto por um cara que estava fazendo break dancing nos fundos sem participar da ocasião.

— ... e uma erupção em seu braço, assustadoramente parecida com uma fasciíte necrosante, mas que felizmente era outra coisa — diz o médico.

O topo de sua cabeça calva brilha. Faz o quarto parecer maior, como se fosse um espelho grande.

— Mas aí, olhe só o que aconteceu — diz Axman, agora segurando Samuel pela camisa e puxando-o de leve, para atrair sua atenção ou expressar o próprio nervosismo. — Postei o convite para a vigília no fórum exclusivo dos Elfos. Mas acontece que alguns trolls também viram a mensagem.

— Trolls?

— É, orcs.

— Peraí, trolls ou orcs?

— Orcs trolladores. Sabe do que estou falando. Alguns jogadores que jogam como orcs viram a mensagem sobre a vigília e repostaram no fórum exclusivo dos orcs, algo que eu obviamente não notei, porque não leio os fóruns dos outros, pois, sim, sou um cara honrado.

O monitor cardíaco não emite bipes porque, na vida real, monitores cardíacos não emitem bipes — essa é a conclusão a que Samuel chega. O tal som deve ser uma afetação hollywoodiana, um modo de mostrar à plateia o que está acontecendo dentro do corpo do personagem. O monitor cardíaco conectado a Pwnage imprime apenas uma linha denteada em uma estreita tira de papel que brota da máquina como uma nota cuspidada por um caixa eletrônico.

— Então, sem que soubéssemos — continua Axman —, enquanto nos reuníamos no penhasco acima do Cabo das Águas Nebulosas, os

orcs ficaram escondidos em uma caverna ao norte. E, bem no meio de nossa cerimônia, a qual, deixe-me enfatizar, estava decorrendo de forma muito solene, sublime e serena (exceto pelo cara fazendo break dancing, que depois tirou toda a roupa e começou a pular ao nosso redor), bem no meio da cerimônia, como eu ia dizendo, na hora em que eu fazia meu discurso sobre Pwnage, no qual falei que ele era um grande cara, que todos esperávamos que se recuperasse logo, e estimulei todos os jogadores a lhe mandarem cartas com votos de recuperação e informei o endereço do hospital para que pudessem lhe mandar cartas de verdade, em papel, bem no meio disso tudo, como eu ia dizendo, aquele bando de orcs saltou do meio das árvores e começou a nos massacrar.

A estudante bonitinha parece mordiscar a ponta da caneta, talvez para disfarçar o sorriso ou a risadinha despertada pelos fragmentos de conversa entreouvidos. Ou talvez ela seja fumante, e pôr a caneta na boca seja um daqueles tiques característicos de pessoas com fixação oral. A cabeça do médico tem a aparência polida de uma bola de boliche novinha em folha, ainda envolta no plástico de proteção.

— Então todos os alarmes contra orcs começaram a disparar e nós nos viramos para enfrentá-los — diz Axman. — Mas acontece que não podíamos lutar com eles. E você sabe por que não podíamos lutar?

— Porque todos estavam segurando velas?

— Porque todos estávamos segurando velas.

O médico não ter sobrancelhas nem cílios é algo perturbador, e Samuel leva alguns minutos para identificar o fato. Até aquele momento, sentia que havia algo de estranho no sujeito, mas não conseguia dizer exatamente o quê.

— Então um orc começou a lutar comigo — prossegue Axman. — E eu tentei golpeá-lo, instintivamente, mas, claro, acertei-o com uma vela, cujo dano é tipo zero, e o único resultado foi fazê-lo cair no chão de tanto rir. Então abri meu painel de controle e cliquei na ficha de personagem, selecionei a vela e depois encontrei a espada no meu inventário e dei um clique duplo para trocar uma coisa pela outra e o jogo me perguntou *Tem certeza de que quer trocar essas*

itens?, e durante todo o tempo o orc estava me retalhando tranquilamente com o machado, dando golpes casuais e despreocupados, e eu ali parado feito uma árvore, totalmente indefeso, enquanto gritava *Claro que eu quero trocar esses itens! Claro que eu tenho certeza, porra!*

E, perante a súbita explosão de Axman, o médico e os estudantes olham para ele com expressões de despeito, deixando claro, de forma silenciosa mas veemente, que ele seria expulso do hospital naquele instante se não tivesse salvado a vida desse paciente fascinante que vai lhes render um peculiar artigo acadêmico.

— Bom, seja como for — diz Axman, agora em voz mais baixa, — no fim das contas nem tive tempo de trocar de armas porque, antes de completar o processo, eu já estava morto. Então meu espírito se levantou no cemitério mais próximo e fiz o fantasma correr de volta ao corpo e reencarnar, e aí você sabe o que aconteceu?

— Os orcs continuavam lá.

— Os orcs continuavam lá, e eu ainda estava segurando uma porcaria de uma vela.

— ... e acidose láctica — diz o médico, em tom mais alto, tentando abafar a voz de Axman — e hipertireoidismo, retenção urinária, laringotraqueobronquite.

A completa ausência de cabelos no corpo do médico começa a parecer uma questão clínica, e não estética, como se ele sofresse de algum distúrbio genético; talvez até tivesse sofrido zombarias na infância por causa disso — e essa última reflexão faz com que Samuel sintasse culpado por estar olhando fixamente para o homem.

— E isso aconteceu umas vinte ou trinta vezes — continua Axman. — Voltava ao meu corpo, ressuscitava e, segundos depois, eles me matavam de novo. A mesma coisa se repetindo sem parar. Acabei ficando tão bravo que saí do jogo, entrei no fórum dos orcs e postei um textão furioso, dizendo que o comportamento daqueles orcs que invadiram nossa vigília era repreensível e imoral. Disse que a conta deles deveria ser banida e que deviam pedir desculpas, pessoalmente, a todos os membros da nossa guilda. Isso desencadeou um debate muito, muito longo.

— Qual foi o consenso?

— Os orcs disseram que a manobra foi típica de orcs. Disseram que atacar nossa cerimônia foi algo condizente com o comportamento característico deles no universo do jogo. Eu respondi que às vezes o universo do jogo e o mundo real se sobrepõem e, em alguns desses casos, o mundo real deveria ter primazia, por exemplo: em uma pacata cerimônia realizada por um grupo de amigos em homenagem a seu líder de *raid* que está muito doente. Eles responderam que os personagens orcs não sabem que “mundo real” é esse de que eu estava falando e que, para eles, o mundo de *Elfscap*e é o único que existe. Eu respondi que, se isso fosse verdade, eles jamais teriam ficado sabendo da nossa cerimônia, porque os orcs não têm computadores para acessar o fórum dos elfos e, mesmo se tivessem, não teriam entendido o que estava escrito, porque não entendem nosso idioma.

— Isso tudo parece muito complicado.

— A discussão acabou se transformando em um debate metafísico: até que ponto colocamos o mundo real de lado quando estamos jogando *Elfscap*e? A maior parte da nossa guilda resolveu fazer uma pausa no jogo por uma semana para refletir sobre essa questão.

— Você voltou a entrar no jogo?

— Ainda não. Meu elfo continua naquele penhasco. Desmembrado.

O médico segue com seu discurso:

— Eu me espanto em dizer isso, mas a embolia pulmonar é o problema *menos grave* desse paciente. Juro por Deus que nunca tinha visto algo parecido. Comparado com o restante dos distúrbios que estamos vendo aqui, o anticoagulante que demos para a embolia foi uma solução fácil, fácil.

Samuel sente uma pequena vibração no bolso: é o celular anunciando a chegada de um novo e-mail. Logo vê que a remetente é sua mãe. Apesar do acordo que fizeram no aeroporto, ela lhe mandou uma mensagem. Samuel pede licença e vai até o corredor para ler o e-mail.

Samuel,

Sei que combinamos não nos comunicar, mas mudei de ideia. Se a polícia perguntar, por favor conte a verdade. Não fiquei em Londres. Não fui para Jacarta. Fui para Hammerfest. É na Noruega, a cidade mais setentrional do mundo. É extremamente isolada e pouquíssimo povoada. Você diria que o lugar combina comigo. Estou lhe contando isso porque decidi não ficar no exterior. Conheci algumas pessoas que me convenceram a voltar para casa. Depois explico melhor.

Para falar a verdade, Hammerfest não é a cidade mais setentrional do mundo, acabo de descobrir. Tecnicamente, é a segunda mais setentrional. Um lugar chamado Honningsvåg, que também fica na Noruega, levemente mais ao norte, emancipou-se alguns anos atrás. Mas, com uma população de cerca de três mil pessoas, mal dá para chamá-la de cidade. Então, o debate continua. Os habitantes de Hammerfest, em sua maioria, são amigáveis com qualquer visitante, exceto com os moradores de Honningsvåg, que consideram usurpadores e canalhas.

A gente aprende cada coisa nesta vida, né?

Seja como for, Hammerfest é distante e isolada. Vou levar alguns dias para chegar em casa.

Nesse meio-tempo, quero que vá encontrar seu amigo, Periwinkle. Exija que ele lhe conte a verdade. Você merece respostas. Diga que eu mesma ordenei: ele precisa contar tudo. Periwinkle e eu nos conhecemos há muitos anos, e já está na hora de você saber disso. Nós nos conhecemos na universidade. Por muitos anos fui apaixonada por ele. Se quiser provas, vá ao meu apartamento. Na estante, há um livro grosso, a poesia completa de Ginsberg. Quero que folheie o livro. Vai encontrar uma fotografia. Eu a escondi ali dentro anos atrás. Por favor, não fique bravo comigo ao encontrá-la. Em breve você terá todas as respostas de que precisa e, quando tiver, lembre-se: eu só estava querendo ajudar. Acabei criando uma grande confusão, sim, mas tudo o que fiz, fiz por você.

Com amor,

Faye

Samuel agradece Axman e pede que ele lhe avise assim que Pwnage melhorar. Em seguida, sai do hospital e dirige em alta velocidade até Chicago. Entra no apartamento de Faye pela porta que continua arrebitada. Encontra o livro e começa a folheá-lo rapidamente, segurando-o e de ponta cabeça e balançando-o. Tem aquele cheiro seco e mofento, típico de livros velhos. As páginas estão amareladas e parecem quebradiças quando as toca com as pontas de seus dedos. Uma fotografia cai de entre as páginas e aterrissa no assoalho, virada para baixo. No verso da foto, há uma

dedicatória e uma assinatura: *Para Faye, em sua lua de mel. Com amor, Al.* Samuel pega a fotografia. É a mesma que apareceu tantas vezes nos noticiários, tirada durante o protesto em 1968. Ali está sua mãe, com seus grandes óculos redondos. Ali está Alice, sentada logo atrás, extremamente séria. Mas esta imagem é maior que aquela que apareceu na TV: tem um campo de visão mais amplo. Samuel percebe que a outra foto, que ele pensava conhecer tão bem, era na verdade apenas um fragmento desta, um recorte: a imagem original fora retalhada para esconder o homem no qual sua mãe estava apoiada. Mas agora Samuel consegue vê-lo com clareza: os bastos cabelos escuros, o olhar sagaz e de soslaio, fitando a câmera cheio de malícia. É muito jovem, e seu rosto está meio escondido pelas sombras, mas não há como se enganar. Samuel já viu este rosto antes. É o inconfundível semblante de Guy Periwinkle.

3

O ESCRITÓRIO DE Guy Periwinkle, no centro de Manhattan, fica na ala sudeste do vigésimo andar, com vista para o distrito comercial. Duas paredes são totalmente de vidro. As outras estão pintadas em tinta cinza-ardósia, de aparência neutra. Há uma pequena mesa no meio da sala, com uma única cadeira giratória. Não há obras de arte nas paredes nem retratos de família, nenhuma estátua, nenhuma planta. Sobre a mesa, não há nada além de uma folha de papel. O estilo, aqui, vai muito além da estética minimalista — é algo semelhante à frugalidade monástica. O único adorno em todo o vasto recinto é um cartaz enquadrado e envidraçado, um anúncio de algum tipo novo de batata frita. A batata tem o formato de um pequeno torpedão, não é como as tradicionais, triangulares ou redondas. O anúncio é praticamente apenas a imagem de um homem e uma mulher, cujos olhos de entusiasmo em comer aquelas batatinhas só podem ser descritos como alguma forma de loucura. Acima deles há uma legenda com letras de aparência tridimensional, em negrito, dizendo:

PRECISANDO ANIMAR SEUS LANCHES? O anúncio tem, mais ou menos, o tamanho de um pôster de cinema. Parece não pertencer àquele lugar, em sua luxuosa moldura dourada.

Faz cerca de vinte minutos que Samuel está esperando. Ele caminha de um lado para outro como um feijão saltitando para fora da vagem: vai da janela ao anúncio e do anúncio à janela, observando cada objeto pelo máximo de tempo possível, até que o nervosismo volta a instigá-lo e ele sente a necessidade de se mexer. Veio a Nova York diretamente do apartamento de sua mãe. É a segunda vez na vida que dirigiu de Chicago a Nova York, e a sensação de *déjà-vu* é tão poderosa que, neste momento, ele começa a sentir os sinais de um pânico latente: da última vez que veio dirigindo a Nova York, as coisas não se saíram muito bem. E é impossível não pensar nisso agora, pois, olhando pela janela do escritório, Samuel vê, a alguns quarteirões de distância, aquele

velho prédio de aparência familiar, com a fachada branca e as gárgulas no alto: o edifício número 55 na Liberty Street. O edifício onde Bethany mora.

Samuel olha para o prédio e imagina se ela está lá neste momento, talvez olhando nesta direção, na direção de Samuel, para a grande balbúrdia lá embaixo. Pois, entre o edifício de Bethany e o de Periwinkle, está o parque Zuccotti — embora “parque” seja um termo generoso para essa pequena mancha de concreto, do tamanho de algumas quadras de tênis, onde os manifestantes estão reunidos há semanas. A caminho do edifício, Samuel teve de abrir espaço entre a multidão. NÓS SOMOS OS 99%, diziam os cartazes. ESTE É UM ESPAÇO OCUPADO. De cima, ele observa a grande massa de pessoas, as barracas de nylon parecendo grandes bolhas azuis, o círculo de tambores ao redor do acampamento, e este é o único som do protesto que Samuel consegue escutar lá no vigésimo andar: o infinito, interminável rufo dos tambores.

Ele caminha de novo até o anúncio. Ao que parece, aquele novo tipo de batata frita, com formato de torpedo, vinha dentro de copos de plástico especiais com tampinhas de papel alumínio como as dos iogurtes. O casal olha para as batatinhas com uma expressão tão maluca que quase parece um pôster de filme de terror.

A porta se abre e Periwinkle finalmente aparece. Como sempre, está usando um terno cinza justo e uma gravata colorida — hoje é azul-turquesa. Seu cabelo está recém-pintado e tem cor de laquê preto. Vê que Samuel está fitando o anúncio de batatinhas e diz:

— Esse anúncio diz tudo o que você precisa saber sobre os Estados Unidos do século XXI.

Senta-se na cadeira em frente à mesa e gira o assento até ficar face a face com Samuel.

— Tudo que preciso saber para realizar meu trabalho está bem aqui — diz ele, apontando para o cartaz. — Se você captar o significado implícito neste anúncio, então está pronto para conquistar o mundo.

— É uma droga de batata frita — rebate Samuel.

— Claro que é uma droga de batata frita. Mas o que eu adoro é esta frase: *animar seus lanches*.

Lá fora, o rufo se encorpa e depois se dissipa, seguindo alguma lógica de improviso musical.

— Acho que não estou captando — insiste Samuel. — O insight da coisa.

— Pense bem. Por que comemos lanches? Por que lanches são necessários? A resposta (e já fizemos um milhão de pesquisas sobre o assunto) é a seguinte: nossas vidas são cheias de tédio e trabalho penoso, preocupações intermináveis, e precisamos de um lampejo de prazer para repelir a escuridão que nos envolve. E então nos damos alguns presentinhos. Mas aqui está o xis da questão — continua Periwinkle, com olhos brilhantes. — As coisas que fazemos para quebrar a rotina *também acabam virando rotina*. Até as coisas que fazemos para escapar da tristeza acabam, elas próprias, tornando-se tristes. Este anúncio reconhece o fato de que você comeu um monte de lanches e, mesmo assim, não se sente feliz, e você assistiu a um monte de programas e, mesmo assim, se sente solitário, e assistiu a um monte de noticiários e, mesmo assim, o mundo não faz sentido, e jogou um montão de jogos e, mesmo assim, a melancolia domina cada vez mais as profundezas de sua alma. Como escapar?

— Comprando um novo tipo de batata.

— Comprando uma batata em forma de míssil! Essa é a resposta. O que esse anúncio faz é admitir algo de que você, no fundo, já suspeita, algo que lhe desperta um temor existencial: o consumismo é um fracasso e você jamais vai encontrar significado nele, por mais dinheiro que gaste. Então o grande desafio para pessoas como eu é convencer pessoas como você de que o problema não é sistêmico. Não é que os lanchinhos sejam inúteis. *A verdade é que você ainda não encontrou o lanchinho certo!* Não é que a TV seja um substituto insuficiente para as verdadeiras conexões humanas. Acontece que você apenas ainda não encontrou o programa certo. Não é que a política seja incorrigível e corrupta. Você apenas ainda não achou o político certo. E este anúncio expressa tudo isso. Juro por Deus, é como jogar pôquer contra alguém que, mesmo mostrando as cartas, continua a blefar pelo ímpeto de sua personalidade.

— Não é exatamente sobre isso que vim conversar.

— Se parar para pensar, vai perceber que é um trabalho heroico. Quero dizer, o meu trabalho. É a única coisa que a civilização americana ainda sabe fazer direito. Não fabricamos mais os lanchinhos. Nossa especialidade agora é produzir novas maneiras de pensar sobre lanchinhos.

— Então é algo patriótico. Você é um patriota.

— Já ouviu falar das pinturas rupestres de Chauvet?

— Não.

— Ficam em uma caverna no sul da França. As pinturas mais antigas já encontradas em solo francês. Estou falando de trinta mil anos, mais ou menos. Cenas típicas do Paleolítico: cavalos, gado, mamutes, esse tipo de coisa. Não há desenhos de seres humanos, mas, a título de curiosidade, devo acrescentar que há a representação de uma vagina. Realmente interessante é o que aconteceu quando fizeram a datação de carbono nas pinturas. Na mesma caverna, encontraram desenhos com seis mil anos de diferença. E todos pareciam *idênticos*.

— Ok. E daí?

— Pense nisso. Durante seis mil anos, não houve progresso, nem qualquer evidência de algum impulso para mudar as coisas. As pessoas estavam felizes com o que tinham. Em outras palavras, elas não conheciam a desolação espiritual. Já você e eu precisamos de uma nova distração todas as noites. Aquelas pessoas não alteraram nada durante seis mil anos. Não estavam cansadas de seus lanchinhos.

Lá fora o rufo se intensifica por um momento e então se dilui em uma espécie de badalar funesto.

— A melancolia teve de ser inventada — prossegue Periwinkle. — A civilização teve esse inesperado efeito colateral, que é a melancolia. O tédio. A rotina. As trevas. E quando tudo isso veio ao mundo, também vieram pessoas como eu, cuja função é servi-las. Então, respondendo à sua pergunta: não, não é patriotismo. É evolução.

— Guy Periwinkle, pináculo da evolução.

— Entendo que esteja tentando ser sarcástico, mas uma palavra como *pináculo* não faz sentido em um contexto evolutivo. Lembre-se

de que não há juízo de valor na evolução. Ela não seleciona o que há de melhor, apenas o mais apto a sobreviver. Suponho que veio aqui falar de sua mãe, certo?

— Sim.

— E por onde ela anda?

— Na Noruega.

Periwinkle olha fixamente para Samuel por um momento, assimilando a informação.

— Uau — diz ele, por fim.

— Norte da Noruega — completa Samuel. — Bem lá no topo do mapa.

— Estou sem palavras, e acho que é a primeira vez que isso acontece em toda a minha vida.

— Ela quer que você me conte a verdade.

— Sobre o quê?

— Tudo.

— Eu duvido muito disso.

— Sobre você e ela.

— Digamos que há certas coisas que os filhos têm o direito de *não saber* sobre suas mães.

— Vocês se conheceram na universidade.

— O que estou querendo dizer é o seguinte: duvido muito que ela realmente queira que eu lhe conte *tudo*.

— Foi o que ela disse. Tudo. Usou exatamente essa palavra.

— Sim, mas estava falando literalmente? Porque há certas coisas que...

— Vocês se conheceram na universidade. E se tornaram amantes.

— É disso que estou falando! Há certos detalhes, certas coisas sexuais, envolvendo sexo...

— Me conte a verdade, por favor.

— Temos de concordar que você e eu deveríamos ser poupados do constrangimento de, digamos assim, certas minúcias picantes, se entende o que quero dizer...

— Você conheceu minha mãe na universidade, em Chicago. Sim ou não?

— Sim.

— Como a conheceu?

— No sentido bíblico?

— O que estou perguntando é: como vocês se encontraram?

— Ela era caloura. Eu era um herói da contracultura. Isso nos tempos em que eu tinha outro nome. Sebastian. Sexy, não acha? É muito melhor que Guy. Caras chamados Guy *não* podem ser heróis da contracultura. É um nome comum demais. Bom, seja como for, sua mãe meio que se apaixonou por mim. Aconteceu. E, bem, sim, eu me apaixonei por ela também. Era uma menina legal. Bondosa, inteligente, compreensiva e nem um pouco interessada em chamar a atenção, coisa bem pouco comum em meu círculo social naquela época, quando meus amigos pareciam estar gritando *Olhem para mim!* até na hora de tirar uma roupa do armário. Faye nunca caiu nessa histeria. E isso era uma novidade. Seja como for, eu editava um jornal chamado *Voz Livre de Chicago*. Era lido por todos os jovens moderninhos. Para colocar as coisas em termos que você possa entender: meu jornal nos anos 1960 equivalia aos memes de hoje.

— Não parece o tipo de coisa que despertaria o interesse da minha mãe.

— Era uma publicação muito influente. Falando sério. Você pode ler todas as edições no Museu da História de Chicago. Vai ter que usar umas luvinhas brancas para tocar nos jornais. Ou pode acessá-los em microfilme. Todos os exemplares foram arquivados e fotografados.

— Minha mãe não é exatamente uma pessoa sociável. Como se envolveu com o movimento?

— Não era a intenção dela. Para falar a verdade, ela meio que caiu de paraquedas nos protestos. Aliás, por acaso você sabe o que é um microfilme? Ou é jovem demais para saber disso? É um pequeno rolo que você enfia em uma máquina que solta um bafinho quente e faz um barulho tipo *catchum* sempre que a gente vira uma página. Um negócio muito analógico.

— Foi por sua causa que ela caiu de paraquedas nos protestos?

— Por minha causa, por causa de Alice e de um certo policial, um cara com sérios problemas de ciúme e autocontrole.

— O juiz Brown.

— Sim. Foi bem inesperado encontrá-lo de novo. Em 1968, ele era só um policial. E, acho, estava realmente a fim de matar sua mãe.

— Porque ele achava que ela estava tendo um caso com Alice, a quem ele amava.

— Exatamente! E está certo não apenas no seu raciocínio, mas também no uso correto de “a quem”. Meus parabéns. Agora continue. Me diga o que você sabe. Me fale sobre 1988. Vinte anos se passaram, e sua mãe finalmente sai de casa, abandona seu pai, abandona você. Para onde ela foi? Me diga.

— Não tenho ideia. Foi morar em Chicago? Em seu minúsculo apartamento?

— Pense melhor — responde Periwinkle.

Ele se inclina para a frente, as mãos entrelaçadas, apoiadas sobre a mesa.

— Num momento, sua mãe está na universidade, no coração pulsante do ativismo juvenil — prossegue ele. — Alguns anos depois, está casada com seu pai, o vendedor de comida congelada, vivendo uma vida suburbana. Imagine como ela deve ter se sentido, após a tempestade de drogas, sexo e fortes emoções, sobre as quais não vou lhe oferecer nenhum detalhe. Por quanto tempo conseguiria ser a esposa de Henry, a dona de casa? Quanto tempo passaria até ser totalmente consumida pela escolha que não fez, pela vida que não viveu?

— Ela foi procurar *você*?

— Ela veio me procurar, eu, Guy Periwinkle, herói da contracultura.

Então ele abre os braços, como se quisesse um abraço.

— Ela deixou meu pai para viver com *você*?

— Sua mãe é o tipo de pessoa que jamais se sente em casa, não importa onde esteja. Não fugiu de casa para vir me encontrar, especificamente. Fugiu de casa porque fugir é o que ela sabe fazer.

— Então ela acabou abandonando você também.

— Não de forma tão dramática, mas, sim, foi o que ela fez. Houve alguns gritos e indignação por parte dela. Disse que eu estava abandonando meus princípios. Eram os anos 1980. Eu estava

ficando rico. Todo mundo estava ficando rico. Ela queria uma vida cheia de livros e poesia, mas minha carreira não estava indo nessa direção, digamos assim. Faye queria uma segunda oportunidade para viver como uma militante radical, já que havia desperdiçado a primeira. Eu disse que ela precisava virar adulta. Será que era isso que ela tinha em mente quando mandou que eu contasse tudo para você?

— Acho que preciso me sentar.

— Sente aqui — diz Periwinkle, levantando da cadeira.

Ele caminha até a janela e olha para fora.

Samuel se senta e massageia as têmporas, repentinamente experimentando algo semelhante a uma enxaqueca, uma ressaca ou uma concussão.

— O rufar dos tambores lá embaixo parece improvisado e caótico — diz Periwinkle —, mas, na verdade, está soando em *looping*. Você só precisa escutar por tempo suficiente para notar a repetição.

A reação de Samuel diante dessas novas informações é simplesmente mergulhar em uma espécie de torpor anestesiado. Suspeita que, em breve, vai sentir alguma coisa muito intensa. Mas, neste momento, a única coisa que consegue fazer é imaginar sua mãe tomando coragem para ir a Nova York, apenas para se decepcionar completamente ao chegar lá. Imagina-a nessa situação e sente pena. No fim das contas, eles são iguais.

— Acredito que o contrato do meu livro não tenha sido apenas uma enorme coincidência.

— Sua mãe andava fuçando na internet — diz Periwinkle. — Descobriu que você era escritor. Ou estava tentando se tornar um. Ela me telefonou e pediu um favor. Cheguei à conclusão de que lhe devia ao menos isso.

— Deus do céu.

— Seu mundo caiu, não é?

— Achei mesmo que tivesse ficado famoso por meu próprio esforço.

— As únicas pessoas que ficam famosas por seu próprio esforço são os serial killers. Todo o resto da humanidade precisa da ajuda de pessoas como eu.

— O governador Packer, por exemplo. Ele precisa de alguém como você.

— O que nos traz ao presente.

— Vi você na TV, defendendo Packer.

— Trabalho na campanha dele. Sou consultor estratégico.

— Não é um conflito de interesses? Trabalhar na campanha do cara enquanto edita um livro sobre ele?

— Acho que está confundindo seu papel aqui, acreditando que tem algo a ver com jornalismo. O que você chama de conflito de interesses, eu chamo de sinergia.

— Então, no dia em que minha mãe atacou Packer, você estava em Chicago, certo? Estava com ele. No evento para arrecadação de fundos. No "rango".

— Sim, essa é a simpática palavra provinciana que o governador gosta de usar.

— E enquanto estava lá você também marcou um encontro comigo — diz Samuel. — No aeroporto. Para avisar que ia me processar.

— Por não ter escrito o livro. Por ter estragado completamente o maravilhoso contrato editorial que assinou conosco. Um contrato que você, aliás, nem merecia, como posso agora lhe revelar, já que estamos pondo todas as cartas na mesa.

— E você contou tudo isso para a minha mãe: o encontro marcado comigo e o processo.

— Como você pode imaginar, ela ficou bastante desesperada ao descobrir que havia esculhambado sua vida pela segunda vez. Pediu para falar comigo antes que eu me encontrasse com você. Pretendia me convencer a não processá-lo, eu acho. Eu disse, tudo bem, vamos nos encontrar no parque. Faye pediu para nos encontrarmos no lugar exato onde, anos atrás, a polícia havia nos jogado gás lacrimogêneo. Sua mãe às vezes é uma bobinha nostálgica.

— E então você apareceu com o governador Packer.

— Isso mesmo.

— Ela deve ter se sentido enojada ao ver você trabalhando para alguém como Packer.

— Bem, vejamos. Ela estragou seu próprio casamento em nome de algum vago idealismo libertário. E Packer é, tipo, o candidato mais pró-conservador e autoritário na história da nação. Então, sim, é justo dizer que ela não ficou muito contente. Ela sentia por Packer o mesmo ódio instintivo que a maioria dos esquerdistas. Comparava-o com Hitler, chamava-o de fascista e assim por diante. Ela simplesmente não entende o que eu entendo.

— E o que você entende?

— Por dentro, Packer é igual a qualquer político que concorra à presidência. À esquerda ou à direita, todos são feitos da mesma substância. Acontece que ele tem a forma de um míssil, e não a de uma batata frita.

Lá fora o rufo dos tambores desacelera por um momento e depois cessa. Tudo fica silencioso por alguns segundos e, então, o ritmo recomeça à maneira familiar: *tump-tump-tump-tump*. Periwinkle ergue o dedo.

— Eis aí a repetição — indica ele.

— Você *queria* que tudo isso acontecesse — diz Samuel. — Queria que minha mãe reagisse daquele jeito.

— Alguns chamariam isso de crime passional, mas eu diria que ofereci à sua mãe uma grande oportunidade.

— Você preparou uma armadilha.

— Num único momento, ela teve a chance de lhe dar uma história para completar seu contrato, redimir-se por ter esculhambado sua vida outra vez e oferecer ao meu candidato um bem-vindo impulso de visibilidade. Todos saem ganhando. Só vai se zangar comigo se sua visão for muito limitada.

— Não consigo acreditar.

— Além disso, lembre-se: eu apenas planejei tudo isso. Foi sua mãe quem pegou as pedras no chão e as atirou.

— Não estava mirando no governador Packer. Estava mirando em *você*.

— Sim, eu estava no séquito do governador.

— E a fotografia que apareceu nos noticiários? Aquela de 1968, em que vocês aparecem lado a lado. Você tinha uma cópia?

— Um belo presente de um grande poeta.

— Você recortou sua própria imagem da foto e mandou-a aos noticiários. Vazou a foto e a ficha criminal da minha mãe, pois sabia que ela tinha sido presa.

— Eu estava aumentando a dramaticidade da situação. É o que sempre fiz, minha grande e eterna especialidade. Devo dizer que, ao me atacar com pedrinhas, sua mãe estava agindo de forma sincera. Ela realmente me odeia, eu acho. Mais tarde, contudo, ela e eu concordamos em aproveitar a situação ao máximo; para isso, era preciso que ela se recusasse completamente a cooperar com você. Não devia lhe dizer absolutamente nada. Assim, você não teria alternativa além de aceitar minha própria versão dos acontecimentos. Ah, e por falar nisso...

Periwinkle apanhou um livro na estante atrás da mesa e entregou-o a Samuel. Era um livro sem adornos, branco, com letras pretas na capa: *O terror do governador*.

— É um exemplar antecipado — disse Periwinkle. — Foi preparado por minha equipe de ghost-writers. Vou precisar que você ponha seu nome neste livro. Do contrário, vamos ter que dar prosseguimento àquela ação judicial, o que vai ser uma lástima para você. Ao menos, isso é o que sugere certo documento em minha mesa, escrito em pomposa linguagem jurídica. Por favor, assine-o.

— Imagino que este livro não seja muito gentil com ela.

— O livro a destroça, tanto na esfera pública quanto na vida privada. Acho que essas palavras são *suas*, aliás. *O terror do governador*. Ótimo título. Cativante sem ser pretensioso. Mas eu gosto mesmo é do subtítulo.

— Como é?

— *A história secreta da radical de esquerda mais famosa dos Estados Unidos, revelada pelo filho que ela abandonou*.

— Não sei se consigo colocar meu nome nisso.

— A maioria das pessoas compra livros de não ficção pelo subtítulo. Talvez já saiba disso.

— Não posso, minha consciência não permite. Não está certo, não posso assinar esse livro.

— E qual a alternativa? Arruinar a reputação que inventei para você?

— Minha mãe é realmente a radical de esquerda mais famosa dos Estados Unidos?

— Estamos vendendo a obra como um livro de memórias. O gênero permite certa margem de manobra.

— É que, agora, esse livro me parece, sei lá, uma mentira.

— A escolha é sua, naturalmente. Mas, se não assinar o livro, vamos dar continuidade ao processo judicial, e sua mãe seguirá sendo uma fora da lei. Por favor repare que não estou lhe dizendo o que fazer; apenas sinalizo dois caminhos, sendo um deles a escolha óbvia e racional, algo que você notará por si mesmo, a menos que esteja louco.

— Mas o que esse livro diz *não é verdade*.

— E por que deveríamos nos importar com isso?

— Se eu fizer isso, nunca mais vou ter uma noite de sono. Acho que não devemos publicar coisas cem por cento falsas.

— O que é verdadeiro? O que é falso? Caso ainda não tenha notado, devo lhe dizer que o mundo meio que abandonou o velho projeto iluminista de investigar a verdade por meio da observação direta dos fatos. A realidade é complicada demais, assustadora demais para isso. Em vez disso, é muito mais fácil ignorar os fatos que não se encaixem em nossas ideias preconcebidas e acreditar naqueles que se encaixam. Eu acredito no que eu acredito, e você acredita no que você acredita, e ficamos assim. É o encontro da tolerância liberal com o negacionismo obscurantista. Algo muito na moda hoje em dia.

— Isso parece horrível.

— Nunca fomos tão radicais em política, tão fundamentalistas em religião, tão rígidos em nosso pensamento, tão incapazes de empatia. A forma como vemos o mundo é totalizante e irreduzível. Estamos evitando completamente os problemas levantados pela diversidade e a comunicação global. Portanto, ninguém mais se importa com ideias antiquadas como a distinção entre verdadeiro e falso.

— Preciso pensar melhor nisso tudo.

— Acho que a última coisa que você deveria fazer agora é pensar. Literalmente.

— Eu entro em contato com você — diz Samuel, levantando-se.

— A pior coisa que poderia fazer agora é examinar a situação e tentar decidir entre o *certo* e o *errado*.

— Eu ligo para você.

— Samuel, por favor, que tal ouvir a voz da experiência? Ser idealista é um fardo terrível. É algo que contamina tudo o que fizer depois. É algo que vai persegui-lo por todo o sempre e sem descanso, à medida que você se transforma em uma pessoa completamente cínica, como o mundo exige que faça. Melhor desistir agora, melhor abandonar o idealismo de uma vez. Não tente fazer a coisa certa. Assim, não terá do que se arrepender depois.

— Obrigado. Eu entro em contato com você.

4

EM FRENTE AO prédio de Periwinkle, as ruas uivam. Há uma nova preocupação entre as pessoas atualmente ocupando o parque Zuccotti: a polícia ameaçou fazer cumprir certos regulamentos municipais que proíbem a ocupação de parques. Há policiais nos limites do parque, observando a assembleia geral em que os manifestantes discutem abertamente os prós e os contras de obedecer à polícia. O dia, portanto, é tenso. Além disso, há o rufar dos tambores. As pessoas estão reclamando do barulho, que se estende sem parar noite adentro, especialmente moradores da vizinhança, famílias que vivem nas redondezas, com filhos que precisam dormir cedo, e comerciantes locais que, até o momento, permitiram amigavelmente que os manifestantes usassem os banheiros de seus estabelecimentos, mas estão prestes a se tornarem bem menos amigáveis caso os tambores não sejam imediatamente silenciados. Em uma ponta do parque está o círculo de tambores; na outra, há uma tenda multimídia, um palanque, uma pequena biblioteca móvel e a assembleia geral — representando talvez o superego da manifestação, enquanto os tocadores de tambor são o id. Neste momento, alguém está debatendo a questão dos tambores — um jovem usando um blazer retrô, que diz uma porção de palavras e então se detém, enquanto elas são repetidas aos gritos pelas pessoas mais próximas a ele, gritos que por sua vez são também replicados pelos ocupantes da zona imediatamente posterior, e assim por diante, em uma grande onda, um som que começa baixinho, mas então é amplificado e depois reamplificado, como um eco invertido viajando no tempo. Isso é necessário, porque os manifestantes não têm microfones. A prefeitura baniu aparelhos de amplificação sonora, citando leis contra a perturbação da tranquilidade pública. Ninguém sabe ao certo por que a polícia ainda não prendeu os tocadores de tambor.

Neste momento, o orador está dizendo que apoia completamente os tocadores de tambor e acha que o protesto deve ser um evento inclusivo, abrangente e aberto a todos os tipos de manifestação, e ele entende que cada pessoa tem sua própria maneira de se expressar politicamente e nem todos se sentem confortáveis em subir ao palanque e falar de forma racional e democrática junto ao "microfone humano", e algumas pessoas preferem que sua mensagem assuma, digamos assim, uma qualidade *mais abstrata* que as propostas políticas, os tópicos de discussão e os manifestos multifacetados que este grupo vem produzindo de forma heroica, por meio de uma laboriosa e complicada busca de consenso e sob terríveis dificuldades, incluindo a constante vigilância policial e o escrutínio da imprensa e, também poderíamos acrescentar, a necessidade de erguer a voz acima do barulho dos tambores, mas tudo bem, nós devemos abraçar a diversidade em todas as suas formas e devemos ficar felizes ao ver pessoas de tantos tipos diferentes unindo-se à manifestação, mas, mesmo assim, ele está submetendo a proposta de que o grupo de ocupantes, coletivamente, peça aos tocadores de tambor para ficarem quietos quem sabe ali por volta das nove da noite, por favor, porque as pessoas precisam dormir e todos estão transformados em uma pilha de nervos e já é difícil dormir nas barracas sobre o chão de concreto sem essa droga de barulho que não para a noite inteira. Ele submete a proposta à votação da assembleia. Muitas mãos se erguem no ar, com dedos tortos. Na ausência de oposição direta, a moção parece ter sido aprovada, até alguém observar que a opinião dos tocadores de tambor ainda não foi ouvida, e precisamos ouvir os tocadores de tambor porque, embora talvez discordemos deles, é importante dar visibilidade a todas as perspectivas e todos os pontos de vista, porque, afinal de contas, não podemos agir como fascistas e, abre aspas, *enfiar essa decisão goela abaixo dos outros*, fecha aspas. Resmungos se erguem em vários pontos da assembleia. Ainda assim, um emissário é enviado ao círculo de tambores em busca de um representante.

Samuel assiste a tudo isso em uma espécie de perplexidade desapaixonada. Sente-se separado de todos os acontecimentos ao

seu redor, sozinho e indefeso. Essas pessoas parecem ter uma espécie de determinação que ele perdeu completamente. O que você pode fazer ao descobrir que toda sua vida adulta foi uma farsa? Todas as coisas que pensava ter conquistado — a publicação do conto, o contrato editorial, o emprego como professor — só haviam acontecido porque alguém devia um favor a sua mãe. Nada daquilo era resultado de seu mérito pessoal. Ele é uma fraude. E esta é a sensação exata de ser uma fraude: um vazio total. Samuel sente-se vazio. Estripado. Por que nenhuma dessas pessoas nota sua presença? Ele deseja ardentemente que alguém na multidão perceba sua expressão atormentada — pois ele tem certeza de que, neste momento, seu rosto está distorcido de angústia — e venha lhe dizer: *Você parece estar experimentando uma dor lancinante; posso ajudá-lo?* Samuel deseja ser visto, deseja ter sua dor reconhecida. Então percebe que esse é um desejo infantil — o equivalente a mostrar um machucado à mamãe e pedir um beijinho. Está na hora de crescer, diz a si mesmo.

— No que diz respeito à polícia — diz o orador, mudando de tópico, enquanto aguardam que um dos tocadores de tambor pare de tocar e venha falar com eles.

— No que diz respeito à polícia — repete a multidão.

Samuel sai perambulando, sobe a Liberty Street e caminha dois quarteirões até o velho prédio residencial onde mora Bethany. Fica ali parado, olhando o edifício. Não sabe o que está procurando. Nada parece haver mudado desde que esteve aqui, sete anos atrás. Parece-lhe intolerável que os lugares mais importantes em nossa vida continuem com a aparência inalterada, intactos, simples fatos que resistem ao impacto das histórias que se desenrolam em seu entorno. Na última vez em que esteve aqui, Samuel deixou Bethany esperando em seu quarto, esperando que ele impedisse o casamento dela.

Mesmo agora, ele não consegue pensar no assunto sem ser varrido por aquela bem conhecida torrente de amargura, remorso e raiva. Raiva contra si mesmo por ter feito o que Bishop queria que ele fizesse; raiva contra Bishop, por pedir que fizesse aquilo. Samuel reviveu aquele momento muitas vezes, alterando-o de forma

fantasiosa. Após ler a carta de Bishop, ele jogou-a sobre a bancada da cozinha. Abriu a porta do quarto e lá encontrou Bethany, sentada na cama, esperando por ele, o rosto dela dançando nas sombras lançadas pelas velas, cujo vago halo cor de âmbar era a única luminosidade no recinto. E, em seus devaneios, ele caminha até ela e a toma nos braços, eles finalmente ficam juntos e ela rompe com o horrível Peter Atchison e se apaixona por Samuel e, para ele, todos os acontecimentos dos últimos sete anos seriam diferentes. É como aqueles filmes sobre viagem no tempo em que o herói volta ao presente e descobre o final feliz que, em sua vida anterior, fora sempre impossível.

Ao ler os livros-jogos na infância, Samuel costumava deixar um marcador de página nos trechos que envolviam alguma decisão difícil, assim poderia voltar e tentar de novo caso a história acabasse mal.

Mais do que qualquer outra coisa, ele deseja que a vida funcionasse assim.

Este é o momento que ele assinalaria com um marcador de página: a imagem de Bethany no quarto, linda à luz das velas. Teria tomado uma decisão diferente. Não teria feito o que realmente fez; isto é, não teria dito "Sinto muito, não posso", por uma sensação de dever em relação a Bishop, que estava morto e, portanto, precisava ter os desejos respeitados. Apenas anos mais tarde Samuel compreendeu que não havia demonstrado respeito a Bishop, mas à ferida que mais o desfigurava. As coisas que haviam acontecido entre Bishop e o diretor, as coisas que o atormentavam quando menino, essas coisas terríveis continuaram a atormentá-lo do outro lado do mundo e o fizeram escrever aquela carta. Não se tratava de dever: era apenas o velho ódio, a raiva contra si mesmo, o horror. E, ao respeitar os desejos desse monstro, Samuel havia mais uma vez falhado em relação a Bishop.

Samuel só compreendeu tudo isso anos depois, mas, mesmo naquele momento, ao dar as costas a Bethany, tivera a sensação de que havia algo de errado, de que não tomara a decisão certa. Enquanto caminhava até o elevador, enquanto se afastava pela rua, deixando para trás o edifício 55 da Liberty Street, continuava

repetindo para si mesmo: *Volte, volte, volte*. E ao entrar no carro e dirigir para fora da cidade e cruzar a escuridão noturna do Meio-Oeste, ele continuou repetindo o tempo inteiro: *Volte. Volte.*

Cerca de um mês depois, ele havia deparado com aquela notícia no *Times*, na sessão de notícias matrimoniais: o casamento entre Peter Atchison e Bethany Fall. Um guru das finanças e uma virtuose do violino. Uma aliança entre a arte e o dinheiro. O *Times* adorou a história. O casal havia se conhecido em Manhattan, onde o noivo trabalhava para o pai da noiva. Casariam em Long Island, na propriedade particular de um amigo da família da noiva. O noivo trabalhava com gerenciamento de risco e com o mercado de metais preciosos. Os planos para a lua de mel envolviam viagens em veleiros e pequenas paradas em várias ilhas no oceano Pacífico. A noiva manteria o nome de solteira.

Sim, Samuel gostaria de voltar àquela noite e tomar uma decisão diferente. Gostaria de apagar os últimos anos de sua vida — anos que agora lhe parecem longos, indistintos, monótonos e amargos. Ou talvez devesse recuar ainda mais no passado, talvez devesse ir recuando até reencontrar Bishop, para ajudá-lo. Ou talvez devesse recuar o bastante para convencer sua mãe a não o abandonar. Mas nem mesmo isso seria o bastante, nem mesmo isso poderia recuperar o que ele havia perdido, o que havia sacrificado à influência brutal de sua mãe, aquela parte verdadeira de si mesmo que fora soterrada quando se entregou à tarefa inútil de tentar agradá-la. Em que tipo de pessoa teria se transformado, não fosse pelo alerta constante e estrondoso de seus instintos infantis, avisando-o de que sua mãe estava prestes a partir? Teria conseguido viver um único dia sem aquele peso? Teria conseguido, algum dia, por um instante apenas, ser autenticamente *ele mesmo*?

Essas são perguntas que você faz a si mesmo ao entrar em colapso. Quando você percebe que não está levando a vida que desejava viver e, mais que isso, está sendo punido pela vida que leva. Então você começa a procurar pelas escolhas erradas em seu passado. Em que exato momento você pôs os pés no labirinto? Você começa a achar que a entrada do labirinto talvez seja também sua única saída; e, se você conseguir identificar o momento que arruinou

sua vida, talvez possa realizar uma gigantesca correção de trajeto e encontrar a salvação. Por isso, Samuel acredita que, reencontrando Bethany, ressuscitando algum tipo de relação com ela, ainda que seja uma amizade platônica, talvez consiga recuperar algo importante que se perdeu, talvez consiga consertar a si mesmo. É nesse estado que se encontra agora, é esse o tipo de lógica que o comanda: acha que o único caminho que lhe resta é de volta ao passado e deseja, essencialmente, apertar o botão de “reiniciar” em sua vida — uma manobra de terra arrasada que agora lhe parece ainda mais urgente, pois, enquanto contempla o edifício de Bethany, seu celular vibra, anunciando um novo e-mail da chefe, e o conteúdo da mensagem deixa sua alma ainda mais sem chão: *Gostaria de informá-lo de que o computador de seu escritório foi confiscado, pois será usado como evidência na Sindicância Universitária aberta contra o senhor* —, então ele escuta a voz de Bishop em seu ouvido, repetindo as palavras que lhe dissera anos atrás, no dia em que a mãe de Samuel havia partido. Bishop lhe dissera que essa era uma oportunidade para se tornar uma nova pessoa, uma pessoa melhor, e isso é algo em que Samuel deseja muito se transformar. Uma pessoa melhor. Ele caminha até o prédio número 55 na Liberty Street. Pede que o guarda na portaria transmita por favor uma mensagem a Bethany Fall. Deixa seu nome e o número do celular. Diz que está na cidade e pergunta se ela gostaria de encontrá-lo. E, cerca de vinte minutos mais tarde, quando Samuel anda sem rumo pela Broadway, passando em frente às butikues do SoHo e ouvindo a música *dance* que escorre pelas portas das lojas e invade as calçadas junto às lufadas de ar-condicionado, ele recebe uma mensagem de Bethany: *Você está na cidade. Que boa surpresa!*

Bethany está em um ensaio que vai acabar em breve, e que tal se encontrarem para almoçar? Sugere que se encontrem na Biblioteca Morgan. Fica perto de onde ela está, nas vizinhanças do centro. Há um restaurante lá dentro. E ela gostaria de lhe mostrar uma coisa.

Assim, algum tempo depois, Samuel se encontra na Madison Avenue, em frente a uma mansão palaciana toda feita de pedra, antiga residência de J. P. Morgan, grande magnata, banqueiro e industrial americano. O interior da mansão parece projetado para

que os visitantes se sintam diminuídos — em termos de estatura, intelecto e conta bancária. Salões com nove metros de pé-direito, com o teto decorado elaboradamente com murais inspirados nas pinturas de Rafael no Vaticano; aqui, os santos foram substituídos por heróis seculares, como Galileu e Cristóvão Colombo. Todas as superfícies são feitas de mármore ou de ouro. Três fileiras de estantes contêm milhares e milhares de livros antigos e raros — primeiras edições de Dickens, Austen, Blake, Whitman —, visíveis por trás da treliça de cobre que os protege do toque humano. Um primeiro fólio de Shakespeare. Uma Bíblia de Gutenberg. Os diários de Thoreau. O manuscrito da Sinfonia *Haffner* de Mozart. O único manuscrito conhecido de *Paraíso Perdido*. Cartas escritas por Einstein, Keats, Napoleão, Newton. Uma lareira com dimensões semelhantes às de muitas cozinhas em Nova York, encimada por uma tapeçaria com um título bem apropriado: *O triunfo da avareza*.

O local parece projetado para intimidar e apequenar os visitantes. Faz Samuel pensar que aquele pessoal ocupando o parque Zuccotti chegou uns cem anos atrasado.

Samuel está olhando para uma máscara de gesso feita a partir do rosto verdadeiro de George Washington, quando Bethany o encontra.

— Samuel? — chama ela, e ele se vira com um rodopio.

Até que ponto uma pessoa muda em alguns anos? A primeira impressão de Samuel — e esta é a melhor maneira que ele encontra de explicá-la — é que Bethany está *mais real*. Já não é uma criatura reluzente das fantasias de Samuel. Parece consigo mesma; em outras palavras, parece uma pessoa normal. Talvez ela não tenha mudado nada; talvez a mudança esteja no contexto. Ainda tem os mesmos olhos verdes, a mesma pele pálida, a mesma postura perfeitamente ereta que sempre fez Samuel sentir-se meio corcunda. Mas há algo diferente nela, sim: agora há vincos junto a seus olhos e sua boca. Não são sinais de envelhecimento ou da passagem do tempo: são marcas de experiência, emoção, sofrimento e sabedoria. É uma dessas coisas que a gente detecta num piscar de olhos, mas não consegue apontar especificamente.

— Bethany — diz Samuel, e eles se abraçam, de forma quase cerimoniosa, o tipo de abraço que damos em um velho conhecido do trabalho.

— É bom ver você — diz ela.

— É bom ver você também.

E, provavelmente por não saber o que dizer em seguida, Bethany olha ao redor e comenta:

— Lugar incrível, hein.

— Lugar incrível. Coleção incrível.

— Muito bonita.

— Maravilhosa.

Passam um momento inútil olhando a sala, fitando cada objeto detidamente e evitando olhar um para o outro. Samuel começa a entrar em pânico — será que já ficaram sem assunto? Mas então Bethany rompe o silêncio:

— Sempre me perguntei quanta felicidade esse monte de coisas de fato trouxe ao seu dono.

— Como assim?

— Ele tem obras de gente famosíssima: Mozart, Milton, Keats. Mas não há sinal de uma paixão autêntica. Sempre me pareceu uma coleção feita por um investidor. Talvez quisesse apenas ter um portfólio diversificado. Aqui não parece haver amor.

— Talvez ele amasse apenas umas poucas obras. Talvez as deixasse escondidas. Apenas para seus olhos.

— Talvez. Ou talvez a coisa seja ainda mais triste: talvez ele fosse incapaz de partilhar as coisas que realmente amava.

— Você queria me mostrar alguma coisa?

— Venha por aqui.

Ela o conduz a um canto do salão; ali, exibidas sob uma proteção de vidro, há várias partituras musicais manuscritas. Bethany aponta uma delas: o Concerto para Violino Número 1, de Max Bruch, composto em 1866.

— Quando você me viu tocar pela primeira vez, naquele concerto, foi esta a música. Lembra?

— Claro.

Aos olhos de Samuel, o manuscrito de páginas amareladas parece totalmente caótico, e não apenas por ele não saber ler partituras. Há palavras escritas umas sobre as outras, notas musicais foram apagadas ou rasuradas, parece haver uma camada de escritura a lápis por baixo da tinta, e há manchas na página, talvez de tinta, talvez de café. O compositor havia escrito *allegro molto* no alto da página, mas depois riscou o *molto* e substituiu-o por *moderato*. Após o título do primeiro movimento, Vorspiel, há um longo subtítulo que ocupa mais da metade da página e está completamente soterrado por rabiscos, linhas e garranchos.

— Esta é a minha parte — explica Bethany, apontando para um amontoado de notas que parecem mal e mal contidas pela pauta de cinco linhas, logo abaixo.

Parece um milagre que essa confusão tenha se convertido na música que Samuel ouviu aquela noite, anos atrás.

— Sabia que ele nunca foi pago por esta composição? — perguntou Samuel. — Vendeu a partitura para um casal de americanos, mas eles nunca pagaram. Morreu pobre, eu acho.

— Como sabe disso?

— Algo que minha mãe me contou. Naquele mesmo concerto, aliás.

— Você ainda lembra?

— Perfeitamente.

Bethany assente. Não insiste no assunto.

— Então, quais as novidades? — pergunta ela.

— Estou prestes a ser despedido. E quais as suas novas?

— Divorciada — revela, e ambos sorriem.

E o sorriso se expande até virar uma risada. E o riso parece desfazer certa barreira entre eles, uma espécie de formalidade, uma espécie de reserva. Estão unidos na catástrofe, é o que acabam de descobrir; e, logo em seguida, durante o almoço no restaurante do museu, Bethany lhe conta sobre os quatro anos em que esteve casada com Peter Atchison. Por volta do segundo ano de casamento, ela começou a aceitar todos os convites para apresentações internacionais, apenas para passar o máximo de tempo longe de casa e, assim, postergar a admissão daquele fato que sempre

estivera claro desde o início: que ela sentia muito afeto por ele, mas não o amava; ou talvez o amasse, mas não daquela forma específica que sustenta o convívio por anos e anos. Eram gentis um com o outro, mas não havia paixão. No último ano do casamento, ela estava terminando uma turnê de um mês na China, quando a ideia de voltar para casa a encheu de pavor.

— Aí não tive escolha além de acabar com tudo. Deveria ter terminado muito antes. — Ela aponta o garfo na direção dele. — Nada disso teria acontecido se você tivesse ficado comigo naquela noite.

— Sinto muito. Eu deveria ter ficado.

— Não, foi bom que tenha ido embora. Naquela noite, eu estava procurando uma saída fácil. Mas, no fim das contas, acho que a saída mais difícil foi melhor para mim.

Então Samuel lhe conta sobre as recentes reviravoltas em sua vida, começando com a estranha reaparição de sua mãe.

— “O Terror do Governador” é sua *mãe*? — diz Bethany, atraindo olhares de outras mesas.

E ele continua contando as confusões com a polícia e com o juiz, toda a história, enfim, até o encontro de hoje com Periwinkle e o atual dilema em relação à assinatura do contrato do livro.

— Bem, acho que quero recomeçar — anuncia ele.

— Recomeçar o quê?

— Minha vida. Minha carreira. Acho que quero queimar todos os vestígios do passado. Apertar o botão de reiniciar. A ideia de voltar a Chicago é insuportável. Os últimos anos de minha vida têm sido um enorme atoleiro, e preciso achar uma saída.

— Ótimo. Acho isso ótimo.

— E sei que isso é uma grande ousadia, uma presunção e algo totalmente inesperado, mas gostaria de pedir sua ajuda. Gostaria de lhe pedir um favor.

— Claro. De que você precisa?

— De um lugar para ficar.

Ela sorri.

— É por pouco tempo. Até eu decidir o que fazer — acrescenta ele.

- Sorte a sua que meu apartamento tem oito quartos.
- Não vou incomodá-la. Nem vai notar minha presença. Prometo.
- Peter e eu morávamos no mesmo apartamento e nunca nos víamos. É algo perfeitamente possível de se fazer.
- Tem certeza?
- Fique por quanto tempo precisar.
- Obrigado.

Terminam de almoçar, e Bethany logo parte para o segundo ensaio do dia. Abraçam-se outra vez, agora com mais força, um abraço íntimo, um abraço de amigos. Samuel fica mais um tempo no museu, olhando o manuscrito de Bruch, contemplando a confusão de suas páginas. Sente-se feliz ao constatar que mesmo os grandes mestres têm começos frustrados, que mesmo os maiores artistas às vezes precisam dar meia-volta e recomeçar. Imagina o compositor após a venda do manuscrito, imagina como deve ter se sentido ao perceber que não tinha mais sua melodia, apenas a memória da melodia. A memória de tê-la composto, de tê-la imaginado transformando-se em música. Seu dinheiro decerto estava acabando, a guerra estava começando, e tudo o que tinha, no fim, era sua imaginação, talvez uma fantasia sobre como a vida teria sido se os acontecimentos tivessem sido diferentes, como sua música teria preenchido os espaços das catedrais em dias mais luminosos.

5

A MANCHETE APARECE certa manhã na página da Secretaria de Estatísticas Trabalhistas: ÍNDICES DE DESEMPREGO INALTERADOS.

Momentos depois, os noticiários de TV reproduzem a informação, interrompendo a programação habitual para anunciar o perturbador relatório: durante o mês anterior, a economia não criou novos empregos.

É a maior notícia do dia. Esse forte fato parece cristalizar certa sensação ambígua e desconfortável que muitas pessoas têm experimentado no outono de 2011: a sensação de que o mundo está a galope em direção à ruína. Países insulares estão quebrando. A União Europeia está praticamente falida. Bancos conhecidíssimos foram subitamente liquidados. A bolsa de valores despencou durante o verão, e a maioria dos especialistas acredita que continuará despencando inverno adentro. Uma palavra corre de boca em boca: “desalavancagem”. Quer dizer que as pessoas em geral estão devendo demais. O mundo — todos acabam de descobrir — não tem dinheiro o bastante para manter todas as suas posses. A austeridade está na moda. Assim como o ouro. Uma quantidade enorme de pessoas começa a comprar ouro, pois a economia está tão mal que muita gente já se questiona sobre *a própria legitimidade filosófica* do papel-moeda. A opinião de que o papel-moeda é uma farsa sustentada pela fantasia coletiva migra das esferas alternativas para conversas rotineiras e convencionais. A economia está se tornando medieval, e as únicas coisas preciosas *realmente preciosas* são ouro, prata, cobre, bronze.

É uma contração global, gigantesca, sem precedentes, grande demais para ser compreendida, complexa demais para ser decifrada. É difícil se distanciar para ver as coisas como um todo; por isso, a imprensa se concentra nos múltiplos detalhes fragmentados — o índice de desemprego, as tendências do mercado, balancetes —,

pequenos episódios na grande saga, pontos em que o fenômeno vem à tona e pode ser mensurado.

E é por isso que a notícia sobre o desemprego chama tanta atenção. Números concretos apresentam certa integridade que inexistem em ideias abstratas como “desalavancagem”.

Portanto, uma manchete é inventada: ZERO ABSOLUTO! Complexos gráficos e tabelas são preparados, em cores chamativas, para mapear as terríveis e recentes tendências do mercado de trabalho. Os âncoras fazem perguntas capciosas a especialistas, comentaristas e políticos, que ficam gritando uns com os outros em seus respectivos quadradinhos na tela. Os canais convidam “americanos comuns” para participarem de “mesas-redondas” sobre a crise do desemprego. A cobertura é tão esmagadora e ininterrupta que parece uma avalanche.

Samuel está sentado diante da TV, o controle na mão, zapeando de noticiário em noticiário. Queria saber qual é a grande notícia do dia, e se sente aliviado ao descobrir que é o desemprego. Porque, quanto mais obcecado todo mundo estiver com os índices do mercado de trabalho, menos tempo haverá para discutir outra notícia potencialmente grande: o lançamento de seu livro, *O terror do governador*, uma escandalosa biografia de Faye Andresen-Anderson, escrita por seu próprio filho.

Na noite anterior, Samuel deu uma breve passada na festa. Era parte de seu acordo com Periwinkle.

— Não se sinta culpado — disse Periwinkle, após a sessão de fotos obrigatória. — Essa é a decisão mais inteligente que você já tomou.

— Acredito que isso vá resolver as coisas com o juiz, certo?

— Já me encarreguei desse assunto.

Isto era o que tinha acontecido: no mesmo dia em que descobriu que Faye Andresen havia fugido para a Noruega — e o processo de extradição poderia demorar anos —, o juiz Brown recebeu um telefonema. Era a direção da campanha presidencial de Packer, com uma oferta de emprego: comandante supremo da luta contra o crime. Mas havia uma condição: as acusações contra Faye precisavam desaparecer para sempre. O processo contra ela não se resolveria tão cedo, e um emprego como paladino anticrime no

governo de um candidato que anda armado parecia simplesmente irrecusável, por isso o juiz aceitou os termos. Sem alarde, fez o caso desaparecer em algum buraco negro da burocracia jurídica e se aposentou oficialmente de seu cargo como juiz. Sua primeira proposta para o novo emprego envolveu sérias restrições aos direitos da Primeira Emenda para manifestantes de esquerda; e a proposta foi apoiada com entusiasmo pelo governador Packer, louco para agradar os eleitores conservadores, que tinham horror a esse negócio de Occupy Wall Street.

Samuel escuta os manifestantes de Wall Street todos os dias. Acorda cedo, toma café e escreve até o meio da tarde, sentado em uma grande poltrona de couro junto a uma janela que dá para o parque Zuccotti, onde as forças do protesto parecem exercer um domínio mais ou menos permanente. É evidente que os manifestantes vão ficar ali, noite e dia, até o inverno. Bethany deixou que ele escolhesse um quarto, e sua escolha foi na ala oeste do apartamento, com vista para o protesto e, ao entardecer, para o pôr do sol no horizonte. Aprendeu a gostar do rufo dos tambores, especialmente agora que os tocadores de tambor concordaram em rufar apenas durante o dia, em horários razoáveis. Samuel se afeiçoou ao ritmo da percussão, seu incessante embalo, o impulso com que as batidas continuavam por horas e horas sem qualquer pausa. Samuel tenta imitar a disciplina dos tambores, pois agora tem um novo projeto, um novo livro. Falou sobre isso com Periwinkle após cumprir todas as obrigações contratuais envolvendo o livro anterior.

— Vou escrever a história de minha mãe — disse Samuel. — Mas vou escrever a história verdadeira. Os fatos reais.

— Fico aqui imaginando... Quais fatos você vai escolher especificamente? — indagou Periwinkle.

— Todos eles. Vou incluir tudo. A história completa. Da infância até hoje.

— Ah, entendi. Vai ser um livro de seiscentas páginas que apenas dez pessoas vão ler. Parabéns.

— Não estou escrevendo para fazer sucesso.

— Ah, está escrevendo em nome da *arte*. Virou um desses caras agora.

— É, algo assim.

— Vai ter de mudar os nomes, você sabe. Vai ter de alterar alguns fatos essenciais e reveladores. Eu detestaria ter de processá-lo outra vez.

— Seria um processo por calúnia ou difamação? Nunca entendi a diferença.

— Seria por calúnia e difamação, além de ataque à honra, invasão de privacidade, afirmações indecentes, danos morais, danos financeiros, danos psicológicos e violação da cláusula contra a produção de obras competitivas, constante no contrato que assinou conosco. Mais os honorários do advogado, mais as custas legais.

— Vou classificar meu livro como ficção — rebateu Samuel. — Vou mudar os nomes. E pode ter certeza de que vou achar um nome bem idiota para você.

— Como está sua mãe? — perguntou Periwinkle.

— Não sei dizer. Com frio, suponho.

— Continua na Noruega?

— Aham.

— Entre renas e auroras boreais?

— Aham.

— Vi a aurora boreal uma vez. No norte de Alberta, no Canadá. Comprei um pacote de uma agência chamada “Descubra a Aurora Boreal!”. Esperava que a aurora boreal me deixasse maravilhado. E foi o que aconteceu. Fiquei mesmo maravilhado. E isso, no fim das contas, foi uma grande decepção, porque minhas expectativas foram alcançadas. A aurora boreal foi exatamente o que eu pagara para ver. Que isso lhe sirva de lição.

— Lição sobre o quê?

— Sobre esse grande épico que você está escrevendo. E as coisas que pretende realizar com ele. Que as auroras boreais sirvam de lição. É uma metáfora, claro.

Samuel não tem certeza do que pretende realizar. Inicialmente, acreditava que, se reunisse uma quantidade suficiente de informações, conseguiria identificar o motivo pelo qual sua mãe

abandonou a família. Mas como poderia saber com certeza? Todas as explicações pareciam demasiado fáceis, demasiado triviais. Então, em vez de procurar pela resposta, começou simplesmente a escrever a história dela, tentando enxergar o mundo da forma como ela o enxergou, para, quem sabe, alcançar algo mais grandioso que meras respostas: talvez alcançasse a compreensão, a empatia, o perdão. Então escreveu sobre a infância de Faye, sobre os anos que passou em Iowa, sobre a ida à universidade em Chicago, sobre o protesto de 1968, sobre o último mês passado com a família antes de desaparecer; quanto mais escrevia, mais a história se dilatava. Samuel escreveu sobre sua mãe, seu pai, seu avô; escreveu sobre Bishop e Bethany e o diretor; escreveu sobre Alice e o juiz e Pwnage — estava tentando entendê-los, tentando enxergar coisas que antes não conseguira ver por estar muito centrado em si mesmo. Até mesmo Laura Pottsdam, a maligna Laura Pottsdam, até mesmo por ela Samuel tentou encontrar um pouco de simpatia.

Laura Pottsdam, aliás, está ótima, amando sua vida e o mundo, pois aquele babaca do professor de literatura foi demitido e agora em seu lugar há um desventurado estagiário, e o ensaio plagiado por ela desapareceu em meio às brumas acadêmicas, e tudo isso é superlegal e os acontecimentos comprovam o que sua mãe vem lhe dizendo desde que ela era uma menininha, ou seja, que Laura é uma mulher poderosa e deve sempre conseguir tudo o que deseja e se ela quer alguma coisa ela deve GANHAR A QUALQUER CUSTO, e o que ela deseja neste momento é uma rodada de drinques para celebrar a justiça: o professor está frito, a carreira dela está salva. E nisso enxerga um vislumbre do futuro, o inevitável e triunfante futuro que se estende à sua frente como uma pista de Fórmula 1, no qual todas as pessoas que ousarem se meter em seu caminho serão feitas em pedacinhos. Esse problema com o professor foi seu primeiro grande teste, e ela passou. De forma espetacular. E sua vitória ficou ainda mais evidente nas semanas seguintes: o grupo ACODE foi projetado à fama e Laura recebeu aplausos nos noticiários noturnos e em encontros do Conselho Universitário, e seu amigos começam a dizer que ela deveria concorrer ao conselho administrativo dos estudantes no próximo semestre, e a resposta

dela é *nem pensar, cruz credo*, até que a campanha *Packer para Presidente* desembarca no campus e o governador Packer em pessoa quer fazer uma sessão de fotos com Laura, pois ele está superimpressionado com os esforços dela em defender os contribuintes de Illinois, que trabalham duro para encher os cofres públicos. “Algo precisa ser feito para proteger nossos jovens e nossos bolsos contra esses professores esquerdistas improdutivos, com suas especialidades obsoletas”, disse o governador. E, durante a entrevista coletiva, um repórter pergunta o que o governador Packer pensa sobre a garra e a coragem de Laura Pottsdam, e esse político super hiper famoso responde:

— Acho que ela deveria se candidatar à presidência um dia.

Então ela troca de curso. Abandona a administração e o marketing e se matricula em dois cursos que, em sua opinião, certamente vão ajudá-la em uma possível candidatura à presidência: ciência política e artes cênicas.

Samuel não sente falta da época em que dava aula a alunos como Laura Pottsdam, mas sente remorso pela forma como o fazia. Envergonha-se agora, ao lembrar como menosprezava os alunos. Com o tempo, passara a enxergar apenas os defeitos e as limitações deles, considerando-os incapazes de atingir seus altos critérios. Critérios que mudavam constantemente, de forma que os alunos jamais os alcançassem, pois Samuel acostumara-se a viver com raiva. A raiva é uma emoção muito fácil, o refúgio de quem não deseja trabalhar com afinco. Pois, no verão de 2011, sua vida era uma coisa frustrante e sem rumo, e esse era um dos motivos de sua raiva. E sentia raiva de Faye por tê-lo abandonado, e raiva de Bethany por não amá-lo, e raiva dos alunos por serem ineducáveis. Acomodara-se na raiva, porque era mais fácil aceitá-la do que fazer o esforço necessário para escapar dela. Recriminar Bethany por não o amar era mais fácil do que investigar sua própria alma e descobrir quais atitudes o tornavam uma pessoa impossível de se amar. Recriminar seus alunos por se mostrarem desinteressados era muito mais fácil que fazer o trabalho necessário para despertar seu interesse. Era muito mais fácil sentar-se em frente ao computador do que encarar a estagnação de sua vida e examinar com franqueza

o buraco que fora aberto em sua alma quando a mãe o abandonou; e, se você opta todos os dias pelo caminho mais fácil, então a facilidade se torna um padrão, e esse padrão acaba por se transformar em sua própria vida. Ele afundou em *Elfscap*e como os restos de um navio naufragado desaparecendo nas águas do mar.

Anos e anos podem transcorrer dessa maneira, como de fato transcorreram para Pwnage, que, neste momento, está finalmente abrindo os olhos.

Dormiu por um mês inteiro — a mais longa “soneca” ininterrupta já registrada naquele hospital — e agora abre os olhos. Seu corpo está bem nutrido, sua mente está descansada, seus sistemas circulatório, digestivo e linfático estão mais ou menos limpos e funcionam normalmente, e ele já não experimenta o latejar na cabeça e a fome desesperada e os tremores musculares e as pontadas de dor nas juntas que costumava sentir. Na verdade, não sente nenhuma das dores latentes que o haviam acompanhado de forma constante por tanto tempo, e isso lhe dá a impressão de que *um milagre* aconteceu. Suas sensações corpóreas, comparadas às antigas, levam-no à conclusão de que está morto ou sob efeito de drogas. Porque a única explicação para tamanho bem-estar é estar dopado ou no céu.

Pwnage olha ao redor e se depara com Lisa sentada em uma poltrona no canto do quarto. Lisa, sua linda ex-mulher, que no momento está carregando, sob o braço, o estropiado caderno de couro preto em que ele escreveu as primeiras páginas de seu romance policial. E ela conta que vários pacotes chegaram pelo correio, enviados por uma editora famosa de Nova York, cheios de documentos a serem assinados; e quando Pwnage pergunta que contratos são esses, ela responde:

— O seu contrato de publicação!

Pois esta foi outra condição imposta por Samuel a Periwinkle: Periwinkle teria de publicar o livro de seu amigo.

— E sobre o que é o livro? — perguntara Periwinkle.

— Hum, um detetive mediúnico perseguindo um assassino em série, algo assim — explicou Samuel. — E, no fim das contas, o

assassino é o namorado da ex-mulher do detetive, eu acho, ou enteado dela, sei lá.

— Para falar a verdade, parece ótimo — comentou Periwinkle.

Certa vez, Pwnage disse a Samuel que as pessoas em nossa vida devem ser consideradas inimigos, obstáculos, quebra-cabeças ou armadilhas. E, por volta do verão de 2011, tanto Samuel quanto Faye consideravam as pessoas inimigos. O que mais desejavam na vida era serem deixados em paz. Mas é impossível encontrarmos a paz neste mundo sozinhos; e, quanto mais escrevia seu livro, mais Samuel percebia quanto estivera enganado. Pois, se você encara as pessoas como inimigos, obstáculos ou armadilhas, ficará em uma guerra eterna contra todo mundo e contra si mesmo. Por outro lado, se encarar as pessoas e a si mesmo como quebra-cabeças, você vai ficar constantemente satisfeito e encantado — pois, se investigar com afinco a alma dos outros, se olhar com atenção as profundezas da vida de alguém, acabará sempre encontrando, mais cedo ou mais tarde, algo familiar.

Isso dá mais trabalho, é claro, do que pensar nas pessoas como inimigos. A compreensão é sempre mais difícil que o simples ódio. Mas alarga a vida. E faz com que nos sintamos menos solitários.

Samuel está tentando ser diligente, diligente e esforçado, em sua nova e estranha vida ao lado de Bethany. Não são amantes. Talvez um dia se tornem amantes, mas ainda não são. Samuel adotou esta postura: o que tiver de ser, será. Sabe que não pode voltar atrás e reviver sua vida, não pode alterar os erros do passado. Seu relacionamento com Bethany não é um livro-jogo. Então, eis o que Samuel fará: ele vai esclarecer, jogar luz, tentar compreender melhor. Ainda pode evitar que o passado devore o presente. Então, ele tenta viver o momento atual, tenta evitar que o momento seja arruinado pelas fantasias sobre como o presente deveria ser. Tenta enxergar Bethany como ela realmente é. E não é isso que todas as pessoas desejam? Serem vistas com clareza? Samuel sempre foi obcecado por algumas qualidades específicas de Bethany: seu olhar, por exemplo, e sua postura corporal. Mas um dia Bethany explicou que, de todas as semelhanças físicas entre ela e Bishop, os olhos eram o traço mais marcante; por isso, sempre que fitava seus

próprios olhos no espelho, sentia-se um pouco triste. Em outra ocasião, contou que aquela postura impecável lhe fora imposta por meio de intermináveis lições da Técnica de Alexander, que ela teve de suportar por anos e anos, enquanto as crianças de sua idade brincavam no parquinho ou corriam pelo jardim. Após ouvir essas histórias, Samuel já não conseguia pensar da mesma forma sobre os olhos e a postura de Bethany. Esses traços foram amenizados, sim, mas ele percebeu que o conjunto foi vastamente engrandecido.

E, assim, ele agora começa a ver Bethany como ela é, talvez pela primeira vez.

O mesmo vale para sua mãe. Está tentando compreendê-la, enxergá-la claramente, em vez de encará-la pela lente deformadora de sua própria raiva. A única mentira que Samuel contou a Periwinkle foi que Faye permanecera na Noruega. Parecia uma boa mentira para se contar — se todos acreditassem que ela estava no ártico, então ninguém a incomodaria. Mas a verdade é que ela voltou para casa, para aquela cidadezinha ribeirinha em Iowa, para cuidar do pai.

Àquela altura, a demência de Frank Andresen estava bem avançada. Quando Faye foi visitá-lo pela primeira vez, a enfermeira anunciou “Sua filha veio vê-lo” e Frank olhou para ela cheio de espanto e surpresa. Estava magro, esquelético. Em sua testa, havia manchas vermelhas de tanto esfregar e coçar. Olhou para Faye como se ela fosse um fantasma.

— Filha? Qual filha? — disse ele.

Em outras circunstâncias, Faye talvez tivesse atribuído essas palavras à esclerose, mas ela havia descoberto coisas importantes e sabia que, naquela pergunta, talvez houvesse algo além da simples confusão mental.

— Sou eu, papai — disse ela. Em seguida, decidiu arriscar: — Sou eu, Freya.

O nome repercutiu em algum ponto profundo, e a expressão dele se contraiu. Ele a encarou com angústia e desespero. Faye aproximou-se e tomou seu corpo frágil entre os braços.

— Está tudo bem. Não fique triste — confortou-o.

— Eu sinto muito — disse ele, olhando-a com uma intensidade incomum em alguém que passou a vida evitando encarar outras pessoas. — Eu sinto muito, muito, muito.

— Tudo acabou bem. Todos nós amamos você.

— Amam mesmo?

— Todos o amam muito.

Frank olhou-a de perto e estudou seu rosto por um longo tempo.

Quinze minutos depois, ele havia esquecido o episódio. Interrompeu-se no meio de uma história, olhou-a com simpatia e perguntou:

— E quem é você, minha querida?

Mas esse encontro havia desacorrentado e libertado alguma coisa dentro de Frank, alguma coisa importante, pois, a partir de então, entre os relatos que contava, passou a haver sempre histórias sobre Marthe — histórias sobre caminhadas noturnas à luz fraca das estrelas, histórias que Faye jamais escutara antes e que deixavam as enfermeiras constrangidas, pois era óbvio que se tratava de caminhadas pós-coito. Havia em Frank uma nova leveza, como se um grande fardo houvesse desaparecido. Nisso até as enfermeiras concordavam.

Faye alugou um pequeno apartamento nas vizinhanças do asilo; vai andando até lá todas as manhãs e fica ao lado de seu pai até o fim da tarde. Às vezes ele a reconhece, mas geralmente não. Conta velhas histórias de fantasmas, histórias sobre a ChemStar ou histórias sobre pescarias no mar da Noruega. E, de tempos em tempos, ele olha para ela, e Faye percebe pela expressão no rosto dele que Frank está vendo Freya. E, quando isso acontece, ela o tranquiliza e o abraça e lhe diz que tudo ficou bem; e, quando Frank pergunta pela fazenda, ela a descreve — e o faz de forma grandiosa. Em suas descrições, não há apenas plantações de cevada em frente à casa: há campos e mais campos cobertos de trigo e girassóis. Frank sorri. Está imaginando a paisagem. Fica feliz ao ouvir essas palavras. Fica feliz quando ela repete:

— Eu o perdoo. Todos nós o perdoamos.

— Mas por quê?

— Porque você é um bom homem. Fez o melhor que pôde.

E isso é verdade. Ele fez o melhor que pôde. Ele era um bom homem. Fez todo o possível para ser um bom pai. Acontece que Faye nunca havia notado isso antes. Às vezes estamos envolvidos demais em nossa própria história e não percebemos que somos personagens coadjuvantes na história dos outros.

E é isso que ela pode fazer por ele agora, confortá-lo e fazer-lhe companhia e perdoar e perdoar e perdoar. Não tem capacidade de salvar seu corpo nem sua mente, mas pode alegrar seu espírito.

Conversam por algum tempo até que a necessidade de dormir sobrevém, e às vezes ele adormece em meio a uma frase. Enquanto ele dorme, Faye lê, percorrendo novamente a poesia completa de Allen Ginsberg. E às vezes Samuel lhe telefona, então ela larga o livro e responde a suas perguntas, todas as suas grandes e assustadoras perguntas: por que ela deixou Iowa? Por que deixou a universidade? E o marido? E o filho? Faye tenta responder tudo com honestidade, embora seja uma experiência assustadora. É literalmente a primeira vez na vida que não esconde alguma parte importante de si mesma, e isso a faz sentir tão exposta que quase mergulha no pânico. Jamais havia se entregado plenamente a alguém — sempre se dividira em pequenos fragmentos. Um pedacinho para Samuel, um pedaço ainda menor para seu pai, quase nada para Henry. Jamais colocara todo o seu ser em um único lugar. Isso lhe parecia muito arriscado. Porque, por todos esses anos, seu grande e permanente temor era que, se alguém um dia a conhecesse por inteiro — a verdadeira Faye, a Faye profunda e essencial —, não encontraria substância bastante para amar. Achava que seu espírito não fosse grande o suficiente para alimentar outra pessoa.

Agora, no entanto, está confiando todos os seus segredos a Samuel. Está respondendo a todas as suas perguntas. Não esconde mais nada. Mesmo quando as respostas fazem borbulhar o medo — medo de que Samuel a considere uma pessoa horrível e pare de telefonar —, mesmo então ela lhe conta a verdade. E quando ela pensa que o interesse dele finalmente se exauriu, quando suas respostas parecem demonstrar que ela é uma pessoa indigna de amor, o que acontece é o contrário. Ele parece *mais* interessado,

telefona com *mais* frequência. E às vezes telefona apenas para conversar — não sobre o terrível passado de Faye, mas para perguntar como passou o dia ou para falar sobre o clima, sobre as notícias do mundo. Isso lhe dá esperanças de que, um dia, ambos possam ser apenas duas pessoas se relacionando com honestidade, sem as deformações de sua história, sem todos os erros imutáveis que ela cometeu.

Ela terá paciência. Sabe que esse tipo de coisa não pode acontecer à força. Ela vai esperar e vai cuidar de seu pai e vai responder às múltiplas perguntas do filho. E quando Samuel quiser conhecer seus segredos, ela lhe contará os segredos. E quando ele quiser falar sobre o clima, ela falará sobre o clima. E quando ele quiser conversar sobre as notícias, ela conversará sobre as notícias. Controle à mão, ela pula de canal em canal para descobrir o que anda acontecendo no mundo. Hoje, só se fala sobre desemprego, desalavancagem global, recessão. As pessoas estão entrando em pânico. Atingiu-se um pico histórico de insegurança. Uma grande crise se aproxima.

Mas, na opinião de Faye, uma crise às vezes não é de fato uma crise, mas um novo começo. Porque uma das coisas que aprendeu ao longo desses anos é que, se um recomeço é *realmente* novo, ele sempre parece uma crise. Inicialmente, qualquer mudança verdadeira faz com que sintamos medo.

Se você não sente medo, então a mudança não é real.

Assim, bancos e governos estão ajustando sua contabilidade após anos e anos de abuso. Todos devem demais, esse é o consenso, e há muitos anos de sofrimento à nossa frente. Mas Faye pensa: tudo bem. Este, provavelmente, é o jeito como as coisas têm de acontecer. É a natureza do mundo. É a forma como achamos nosso caminho de volta. Isso é o que vai dizer ao seu filho, se ele perguntar. Mais cedo ou mais tarde, todas as dívidas precisam ser pagas.

Agradecimentos

OS ACONTECIMENTOS DE maio de 1968 descritos neste livro são uma combinação entre fatos históricos, entrevistas com testemunhas oculares e a imaginação, a ignorância e a fantasia do próprio autor. Por exemplo: Allen Ginsberg realmente participou das manifestações em Chicago, mas não lecionava como professor visitante no Circle. Além disso, não havia alojamentos estudantis por lá em 1968. E o prédio de Ciências Comportamentais só foi inaugurado em 1969. Minha representação do protesto no parque Grant não segue a exata ordem cronológica dos acontecimentos. E assim por diante. Para relatos historicamente mais precisos das manifestações de 1968, recomendo as seguintes obras, que tiveram importância inestimável no processo de criação deste romance: *Chicago '68*, de David Farber; *The Whole World is Watching*, de Todd Gitlin; *Battleground Chicago*, de Frank Kusch; *Miami e o cerco de Chicago*, de Norman Mailer; *Chicago 10*, dirigido por Brett Morgen; *Telling It Like It Was: The Chicago Riots*, editado por Walter Schneir; e *No One Was Killed*, de John Schultz.

Além disso, devo agradecer às seguintes obras, que me ajudaram a retratar os anos 1960 de maneira convincente (assim espero): *Make Love, Not War*, de David Allyn; *Young, White, and Miserable*, de Wini Breines; *Culture Against Man*, de Jules Henry; *1968: O ano que abalou o mundo*, de Mark Kurlansky; *Dream Time*, de Geoffrey O'Brien; e *Shards of God*, de Ed Sanders.

Algumas das palavras atribuídas a Allen Ginsberg neste livro foram de fato escritas por ele, em ensaios e cartas reunidos em *Deliberate Prose: Selected Essays 1952-1995*, editado por Bill Morgan, e em *Journals: Early Fifties Early Sixties*, editado por Gordon Ball.

No que diz respeito às grandes histórias de fantasmas do folclore norueguês, devo mencionar *Folktales of Norway*, editado por Reidar Christiansen e traduzido para o inglês por Pat Shaw Iversen. "Nix" é

o nome germânico dado a uma criatura que, na Noruega, seria na verdade chamada de *nøkk*.

As informações sobre ataques de pânico vêm dos livros *Morrendo de vergonha*, de Barbara G. Markway et al., e *Fearing Others*, de Ariel Stravynski. Encontrei profundas revelações sobre desejo e frustração em *O que você é e o que você quer ser*, de Adam Phillips.

Gostaria de agradecer a Nick Yee e ao Projeto Daedalus por sua pesquisa sobre psicologia e comportamento dos jogadores de MMORPG, jogos de interpretação on-line em massa para multijogadores. Minha ideia sobre os quatro tipos de desafio em videogames foi influenciada por *Level Design for Games*, de Phil Co. Os vários distúrbios cerebrais de Pwnage baseiam-se em informações encontradas no blog *Rough Type*, de Nicholas Carr, e no artigo "Microstructure Abnormalities in Adolescents with Internet Addiction Disorder", de Kai Yuan e et al., publicado em *PLoS ONE*, em junho de 2011.

Os anúncios sobre higiene feminina que aparecem no capítulo sobre as aulas de economia doméstica foram encontrados no site *Found in Mom's Basement* (pzrservices.typepad.com/vintageadvertising). Alguns detalhes sobre Laura Pottsdam foram extraídos de duas fantásticas ligações telefônicas para o programa *Savage Lovecast*, de Dan Savage. Minha descrição do clipe de Molly Miller foi influenciada por *Visual Digital Culture*, de Andrew Darley. Algumas informações sobre a arquitetura brutalista do Circle vêm da tese "The Unloved Campus: Evolution of Perceptions at the University of Illinois at Chicago", escrita por Andrew Bean para a Universidade Wesleyan. O argumento em favor do boicote reprodutivo foi extraído de um artigo publicado em *Ain't I a Woman* 3, número 1 (1972). A carta ao editor, encontrada por Faye nas páginas de *Voz Livre de Chicago*, foi extraída de uma carta inédita ao *Chicago Seed*, doada ao Museu da História de Chicago. As informações dadas por Sebastian a respeito do *maarr* vêm do artigo "The Meaning of the Steps Is in Between: Dancing and the Curse of Compliments", de Franca Tamisari, publicado em *The Australian Journal of Anthropology*, em agosto de 2000. A história sobre o

pomar de mangas, contada por Allen Ginsberg, vem de *Teachings of Sri Ramakrishna*.

Gostaria de agradecer à equipe do Museu da História de Chicago por auxiliar minhas pesquisas. Por seu apoio e revisões deste livro, meu muito obrigado ao Conselho de Artes do Estado de Minnesota e à Universidade de St. Thomas.

Agradeço ao meu editor, Tim O'Connell, por sua inestimável orientação ao longo do processo que deu forma à narrativa, sem mencionar seu entusiasmo e seu fervor, dignos de um Periwinkle. Obrigado a todas as excelentes pessoas na editora Knopf: Tom Pold, Andrew Ridker, Paul Bogaards, Robin Desser, Gabrielle Brooks, Jennifer Kurdyla, LuAnn Walther, Oliver Munday, Kathy Hourigan, Ellen Feldman, Cameron Ackroyd, Karla Eoff e Sonny Mehta.

Obrigado à minha agente, Emily Forland, por sua sabedoria, paciência e ânimo inesgotável. Obrigado a Marianne Merola e todas as maravilhosas pessoas da agência Brandt & Hochman.

Agradeço a minha família, meus amigos e meus professores por seu carinho, gentileza, generosidade e apoio. Obrigado a Molly Dorozenski pelos conselhos após ler os longos esboços iniciais.

E, finalmente, obrigado a Jenni Groyon, minha primeira leitora, por me ajudar a encontrar o caminho ao longo de dez anos de escrita.

Sobre o autor



© Michael Lionstar

O romance de estreia de Nathan Hill entrou nas listas de melhores livros do ano nos principais veículos dos Estados Unidos, incluindo *The New York Times*, *The Washington Post*, *NPR* e *Slate*. O livro ganhou o L.A. Times Book Prize na categoria autor estreante e teve seus direitos vendidos para 30 países. Nathan nasceu em Iowa e hoje mora com a esposa em Naples, Flórida.

Leia também



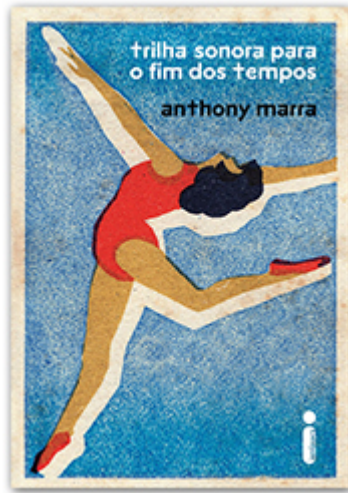
[As garotas](#)

[Emma Cline](#)



[Dias bárbaros](#)

[William Finnegan](#)



Trilha sonora para o fim dos tempos

Anthony Marra

Table of Contents

[Elogios](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Parte um: O Terror do Governador](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[Parte dois: Fantasmas da terra ancestral](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[Parte três: Inimigo, obstáculo, quebra-cabeça, armadilha](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

6

Parte quatro: O espírito da casa

1

2

3

4

5

6

7

8

Parte cinco: Um corpo para cada um de nós

1

Você pode conquistar essa garota!

Parte seis: Espécies invasoras

1

2

3

4

Parte sete: Circle

1

2

3

4

5

6

7

8

Parte oito: Busca e apreensão

1

2

3

4

5

Parte nove: Revolução

1

Parte 10: Desalavancagem

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)

Table of Contents

[Elogios](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Parte um: O Terror do Governador](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[Parte dois: Fantasmas da terra ancestral](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[Parte três: Inimigo, obstáculo, quebra-cabeça, armadilha](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

6

Parte quatro: O espírito da casa

1

2

3

4

5

6

7

8

Parte cinco: Um corpo para cada um de nós

1

Você pode conquistar essa garota!

Parte seis: Espécies invasoras

1

2

3

4

Parte sete: Circle

1

2

3

4

5

6

7

8

Parte oito: Busca e apreensão

1

2

3

4

5

Parte nove: Revolução

1

Parte 10: Desalavancagem

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)

Table of Contents

[Elogios](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Parte um: O Terror do Governador](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[Parte dois: Fantasmas da terra ancestral](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[Parte três: Inimigo, obstáculo, quebra-cabeça, armadilha](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

Parte quatro: O espírito da casa

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8

Parte cinco: Um corpo para cada um de nós

- 1

Você pode conquistar essa garota!

Parte seis: Espécies invasoras

- 1
- 2
- 3
- 4

Parte sete: Circle

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8

Parte oito: Busca e apreensão

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Parte nove: Revolução

- 1

Parte 10: Desalavancagem

- 1

2

3

4

5

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)